

 Obras completas de Bocage  
*Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas,  
Idílios, Apólogos, Cantatas  
e Elegias*

 Obras completas de Bocage



 Obras completas de Bocage  
*Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas,  
Idílios, Apólogos, Cantatas  
e Elegias*

Tomo II

Organização, fixação do texto e notas  
Daniel Pires

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S.A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/INCM.Livros](https://www.facebook.com/INCM.Livros)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor  
© Daniel Pires

© 2018, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S.A.



Conceção, composição e revisão  
Imprensa Nacional-Casa da Moeda  
Fontes tipográficas

Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre  
Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts



1.ª edição: dezembro de 2018  
ISBN: 978-972-27-2489-0  
Depósito legal: 411 224/16  
Edição n.º 1021208

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO





# EPÍSTOLAS



## I — ELMANO A GERTRÚRIA<sup>1</sup>

*Pasce l'agna l'erbette, il lupo l'agne,  
Ma il crudo Amor di lagrime si pasce.*

Torcato Tasso, *Aminta*

Cá do pé das gangéticas ribeiras,  
Inimigas da paz e da alegria,  
Cá dentre serpes, tigres e palmeiras,

A ti, bela Gertrúria, Elmano envia  
Seus gemidos terníssimos e ardentes  
Sobre as cinzentas asas da Agonia.

Se o teu fiel carácter não desmentes,  
Se inda em teu coração não teve entrada  
A variedade, o vício dos ausentes;

Se do voto recíproco lembrada,  
Suspiras por me ver, como suspiro  
Por dar-te beijos mil na mão nevada,

---

<sup>1</sup> Epístola composta em Goa e publicada no primeiro volume das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 174. Gertrúria foi a primeira amada de Bocage. Os seus biógrafos identificam-na com Gertrudes Margarida Homem da Cunha de Essa Castelo Branco, filha do capitão do regimento do Prado, João Homem da Cunha d'Essa, mais tarde governador da fortaleza do Outão, e de Teresa Inácia de Faria e Lara da Madre de Deus. De acordo com Augusto de Castro, Bocage conheceu-a graças ao convívio que teve com os seus irmãos, Lourenço Homem da Cunha d'Essa e Francisco Homem da Cunha d'Essa, na Academia de Guardas-Marinhas. Gertrudes veio a casar com o irmão do poeta, Gil Francisco Barbosa du Bocage, a 30 de abril de 1794; outros biógrafos defendem que Gertrúria é Ana Gertrudes Marecos, oriunda de Santarém, que ditou, de memória, o soneto «De cerúleo gabão não bem coberto» a um editor do escritor. Parece pouco consistente esta tese.

Uma lição diferente desta epístola foi publicada na *Biblioteca Familiar e Recreativa*, vol. VI, p. 21.

Chorando escutarás o que profiro,  
Estes queixumes vãoos que entrego aos ares,  
Estes inúteis ais que d'alma tiro.

Do santo abrigo de meus deuses Lares  
Pela Sorte cruel desarraigado,  
E exposto em frágil quilha a bravos mares;

Sobre as espaldas do Oceano inchado,  
Dirigindo tristíssimo lamento  
Contra o Céu, contra Amor e contra o Fado;

Debalde conjurando o rouco vento,  
Em vão pedindo a Tétis sepultura  
Nas entranhas do mádido elemento,

Pus, finalmente, os pés onde murmura  
O plácido Janeiro<sup>2</sup>, em cuja areia  
Jazia entre delícias a ternura.

Ali, como nas margens de Ulisseia<sup>3</sup>,  
Prendendo corações, brincavam, riam  
Os filhinhos gentis de Citereia<sup>4</sup>;

Mil Graças, que a vanglória trocariam  
Em vergonhosa inveja à tua vista,  
Usurpar-te meus cultos presumiam;

---

<sup>2</sup> O Rio de Janeiro, cidade onde o poeta fez escala e permaneceu cerca de duas semanas, em junho de 1786, na sua rota para Goa.

<sup>3</sup> Lisboa.

<sup>4</sup> Reza a mitologia que, depois de ter nascido das ondas, Vénus foi levada para a ilha de Citera. Referência aos Amores.

Eis olham como fácil a conquista;  
Mas a fé me acompanha, a fé me alenta,  
E constância me dá com que resista.

Este combate a glória me acrescenta:  
Conhece-se o valor do navegante  
Em tenebrosa, horríssonas tormenta.

Contemplando na ideia o teu semblante,  
Pude evitar o escolho, onde naufraga  
O coração mais livre e mais constante;

Um virtuoso amor nunca se apaga:  
O tiro de outra mão não faz emprego  
Aonde a tua abriu tão doce chaga.

Sempre no mais cruel desassossego,  
Sempre comigo mesmo em viva guerra,  
Às vastas ondas outra vez me entrego.

Os negros furacões Éolo<sup>5</sup> encerra,  
Até que aos frouxos olhos se me of'rece  
O bruto Adamastor, filho da Terra.

Vê-me o monstro, que ainda não se esquece  
Da nossa antiga audácia, e logo exclama  
Com voz horrível, que trovão parece:

Ó tu, que de uma vã, caduca fama,  
De uma ilustre quimera ambicioso,  
A estrada vens saber do afoito Gama;

---

<sup>5</sup> Deus do vento. É representado como um ser de grande envergadura física.

Tu, dos servos de Amor o mais ditoso,  
Se as desordens fatais da louca idade  
Te houvesse reprimido o Céu piedoso;

Tu, que, de uma terrestre divindade  
Memorando os encantos e os agrados,  
Deliras entre as garras da saudade;

O modelo serás dos desgraçados,  
Porque mais, ó mortal, a ver não tornas  
Meigos olhos, por Vénus invejados.

As correntes de lágrimas que entornas,  
Os suspiros que exalas de contino,  
A singular paixão de que te adornas,

Nada revoga as ordens do Destino:  
Que eu de opaca procela estenda o manto  
Quer, e ao fatal decreto a fronte inclino.

Mas a tua aflição move-me tanto,  
Que os olhos meus, a permiti-lo a Sorte,  
Saberiam, por ti, que coisa é pranto.

Das entranhas do Inferno arranco a morte,  
Que a lei do Fado, a meu pesar, me obriga  
A que a vida misérrima te corte.

Mares, lambei dos céus a base antiga,  
Morra Elmano; adejai, dragões do Averno<sup>6</sup>,  
Sobre o veloz baixel, onde se abriga.»

---

<sup>6</sup> O Inferno.

Disse dos nautas o inimigo eterno,  
E aos ares arrojou no mesmo instante  
Medonhas trevas, pavoroso inverno.

O Céu tropeja, Éolo sibilante  
Ora aos abismos, ora aos astros leva,  
Entre as asas da morte, o lenho errante.

Sobre ele o mar violento a fúria ceva,  
Rebentam cabos, não governa o leme,  
Consternada celeuma ao ar se eleva.

Em tanto horror meu coração não treme,  
Antes se alenta, agradecendo ao Fado  
Um bem que implora, a morte que não teme.

«Parcas! (eu grito) ó deusas, que a meu lado  
Andais brandindo as foices carniceiras,  
Inclinai para cá seu gume ervado:

O golpe em mim descarregai, ligeiras,  
Enquanto of'reço à cândida Gertrúria  
O final pranto, as vozes derradeiras.»

Céus! Que prodígio! O vento aplaca a fúria,  
E a teu nome adorado a própria Morte  
Não ousa, em dano meu, fazer injúria;

Teu nome vence a cólera da Sorte:  
Torna a luz, foge a sombra, e já mil vivas  
Os muros vão ferir da etérea Corte.

Só eu choro o prazer que tu motivas,  
Só eu sinto escapar deste perigo,  
Só eu culpo as estrelas compassivas.

A próspera derrota assim prossigo,  
Até que vejo e piso a sepultura  
Dos tristes que não têm na Pátria abrigo.

Aqui vai sempre a mais minha amargura,  
Aqui, pela Saudade envenenado,  
Como espectro acompanho a Noite escura;

Aqui ninguém me atende (oh negro Fado!),  
Nem deuses, nem mortais, ninguém me atende,  
Tão molesto se faz um desgraçado!

Só teu suave nome, a quem se rende  
O próprio deus de amor, algum momento  
Meu pranto enfreia, minhas ânsias prende.

Sou qual febricitante, que, sedento  
Em libar fresca taça, alívio goza,  
Afagando com ela o sofrimento.

Ai gesto encantador, face amorosa,  
Que me inspiraste da paixão mais pura  
A doce chama, a chama deleitosa!

Que torrente de gosto e de ternura  
Fizeste borbulhar no meu semblante,  
Enquanto o permitiu minha ventura!

Qual na cálida sesta o caminhante,  
Que em despenhada fonte, amena e fria  
Matar o vivo ardor vai anelante,

Tal nas asas do júbilo eu corria  
A saciar em ti, vista adorável,  
O sequioso amor que em mim fervia.

Ó lúbrico prazer! Fortuna instável!  
Apenas fui feliz, fui desgraçado:  
Ó catástrofe acerba e deplorável!

Mas tu, Gertrúria bela, ídolo amado,  
Tu, meu único bem, cuja mudança  
Me faria acabar desesperado,

Por piedade não percas da lembrança  
O terno adeus, e as lágrimas, e os votos,  
Com que ele vigorou minha esperança.

Vê que, entregue ao furor de horríveis Notos<sup>7</sup>,  
Vim, só por me fazer de ti mais digno,  
A climas, do meu clima tão remotos.

Semblante, para mim sempre benigno,  
Reserva-me um sorriso: ele somente  
Pode o meu astro serenar maligno;

Ele só me fará viver contente,  
Só nele está suspensa a minha glória,  
Só dele o meu sossego está pendente.

Voemos para o templo da Memória,  
Nossa fidelidade ao orbe espante,  
E sirva de modelo a nossa história.

A todo o baixo espírito inconstante  
Para castigo apontem-lhe a firmeza  
Do triste Elmano e de Gertrúria amante.

---

<sup>7</sup> Ventos do sul na antiga Roma.

Obra a mais singular da Natureza,  
Erário dos seus dons, conheça o mundo  
Que és tão rara em amor, como em beleza.

Abunda nas saudades em que abundo,  
Manda-me lá desses ditosos lares  
Nas asas da ternura um ai profundo.

Não tope densa nuvem pelos ares,  
Que a fortaleza, que o calor lhe tire.  
Venha, ah! venha, apesar de imensos mares,  
E em meus ouvidos, fatigado, expire.

## II — ELMANO A JOSINO<sup>8</sup>

DANS CES CLIMATS TOUT EST SOURD À MES CRIS

M.<sup>me</sup> du Bocage, *Tragédie des Amazones*.  
ato IV, cena VI<sup>9</sup>

Josino, meu Josino, a cujo lado  
Gozei de alegres, venturosos dias,  
Enquanto o quis Amor e o quis o Fado;

Sócio meu, que ora atento e mudo ouvias  
A minha branda lira maviosa,  
Ora a seus ternos sons teu canto unias;

---

<sup>8</sup> Epístola publicada no primeiro volume das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 182.

<sup>9</sup> Excerto de uma obra da sua tia-avó, Madame du Bocage (Rouen, 1710-*ibidem*, 1802), autora muito conceituada na época. O escritor homenageou-a ainda, traduzindo o primeiro canto de *La Colombiade*, epopeia em 10 cantos composta em louvor de Cristóvão Colombo (V. *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1804).

Tu, que da linda Márcia carinhosa  
Inflamas com mil ósculos ardentes  
As faces cor de neve e cor-de-rosa;

Tu, que no ingénuo peito não consentes  
O vício, que por lei da Natureza  
Mancha e corrompe os corações ausentes;

Tu, que adorando as aras da beleza,  
Tributas aos altares da Amizade  
Puros incensos, exemplar firmeza;

Tu, que desta alma ocupas ametade,  
Ouve o trémulo som, com que suspira  
Dentro dela a tristíssima Saudade.

Desde que a existência expus à ira  
Do fero<sup>10</sup> mar, meu peito não sossega,  
Meu pensamento esfalfa-se, delira.

Indomável paixão, que a todos cega,  
De teus conselhos falta, honrado amigo,  
À desesperação minha alma entrega.

Louco fui, não pensei (mil vezes digo)  
Que em horas se trocassem de tormento  
Horas tão doces<sup>11</sup>, que passei contigo;

Fiei-me de um fugaz contentamento,  
Devendo conhecer que os bens do mundo  
São qual o sutil pó, que espalha o vento;

---

<sup>10</sup> Variante da edição de 1791, p. 173: «vasto».

<sup>11</sup> Assinala Herculano de Carvalho que existem reminiscências nestes versos da obra *Flores do Lima*, de Diogo Bernardes.

Por isso agora, aflito e vagabundo,  
Estranho tanto o mal, por isso agora  
De lágrimas sem fim meu rosto inundo;

Por isso, na paixão que me devora,  
Invoco a muda paz da sepultura,  
Da suspirada morte a feliz hora.

Miseros gostos! Mísera ternura!  
Que sempre, injusto Amor, teus servos tenham  
Queixumes que formar contra a ventura!

Uns, adorando ingratas que os desdenham,  
Tarde no escuro abismo, em que descansa  
O desengano horrível, se despenham;

Outros, chorando a pérfida mudança  
De uma alma desleal, enfurecidos  
Co'a morte arrostando, que no Inferno os lança;

Outros, enfim, como eu, correspondidos,  
Depois, em longa ausência amarga e crua,  
Arrancam das entranhas mil gemidos.

Tal, fraudulento Amor, é a lei tua,  
Lei que o Fado aprovou para que a Terra  
A si mesma se estrague e se destrua.

Ah Josino fiel! Que horror faz guerra  
Aos tristes olhos meus nestes lugares,  
Onde me pôs a Sorte, onde me encerra!

Sem medo à fúria dos terríveis mares,  
Vim do culto, benéfico Ocidente  
Viver com tigres, habitar palmares:

Aqui tórrida zona abafa a gente,  
Ferve o clima, arde o ar, e eu o não sinto,  
Que tu, fogo de Amor, és mais ardente;

Aqui vago em perpétuo labirinto  
Sempre em risco de ver maligno braço  
No próprio sangue meu banhado e tinto.

Mas caso dos perigos eu não faço,  
E que posso temer, quando procuro  
Rasgar da frágil vida o ténue laço?

Enche-me, sim, de horror o culto impuro<sup>12</sup>,  
Ídolos vãos, sacrílegos altares,  
Vis cerimónias deste povo escuro.

Eterno Deus! Não longe dos teus lares  
Tépida nuvem de maldito incenso,  
Dado ao negro Satã, perturba os ares.

Que tolerância tens, Monarca imenso!  
Por mais crimes, Senhor, que o mundo faça,  
Tudo releva teu Amor intenso.

Desce, ah desce dos Céus, potente graça,  
Difunde a santa luz, a santa crença  
Pelos cegos mortais que o erro enlaça.

---

<sup>12</sup> Nota de Bocage: «São bem notórias aos Sábios as abomináveis cerimónias do Genticismo da Ásia.»

Volto, Josino, a ti. Letal doença  
Do Báratro<sup>13</sup> surgiu, veio intimar-me  
A antiga, universal, cruel sentença;

Negras fauces abriu para tragar-me;  
Porém cedeu, rugindo, à voz divina,  
Que a vida, a meu pesar, quis conservar-me.

Eis que pérfida mão cabal ruína  
(Sepultando o dever no esquecimento)  
A todos nos prepara e nos destina.

Rasgado o peito co'um punhal cruento,  
Ia baixar o teu choroso amigo,  
Qual vítima inocente, ao monumento:

Uma alma infame, um bárbaro inimigo  
Da fé, das leis, do trono, um desumano,  
Credor de eterno, de infernal castigo,

Tendo embebido seu furor insano  
Na falsa gente brãmene inquieta,  
Que amaldiçoa o jugo lusitano,

Contra nós apontava a mortal seta.<sup>14</sup>  
Mas estorvou o inevitável tiro  
A mão divina, poderosa e reta.

---

<sup>13</sup> Precipício do qual se lançavam os criminosos em Atenas; o Inferno.

<sup>14</sup> Referência à «Conspiração dos Pintos», ocorrida em agosto de 1787, uma sublevação de goeses contra a soberania portuguesa. Os seus fautores foram barbaramente executados, em dezembro do ano seguinte. O célebre abade de Faria, eternizado por Alexandre Dumas em *O Conde de Monte Cristo* e por Chateaubriand em *Mémoires d'outre-tombe*, foi um dos revoltosos. Cunha Rivara redigiu um ensaio sobre este facto histórico: *A Conjuração de 1787 em Goa e várias outras coisas desse tempo*. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1875.

Desenvolveu-se o crime, inda respiro,  
E já destes, ó réus de atroz maldade,  
Em vis teatros o final suspiro.

Eis, amigo, a recente novidade,  
Que da remota Goa ao Tejo envio  
Nas murchas, débeis asas da Saudade.

A quem tem da tua alma o senhorio,  
Of'reço numa férvida lembrança  
Provas do afeto, em que jamais esfrio.

Dize à minha dulcíssima Esperança,  
À suave prisão desta alma aflita,  
Que no meu coração não há mudança;

Que estou gemendo aqui, bem como grita  
Pelo perdido, alígero consorte  
Viúva rola, que a floresta habita;

Que é a minha paixão tão forte,  
Que há de na escuridão da sepultura<sup>15</sup>  
Volver-me as cinzas, superior à morte;

E que espero, apesar da ausência dura,  
Por milagre de Amor, que os meus gemidos,  
Voando aos lares seus, aos seus ouvidos,  
Lhe vão justificar minha ternura.

---

<sup>15</sup> Variante da edição de 1791: «na solitária sepultura».

### III — ELMANO A URSELINA<sup>16</sup>

Dos homens o mais triste e o mais amante,  
O cego adorador da formosura  
Em que o Amor se esmerou no teu semblante,

Elmano é quem te escreve, é quem procura  
Nos mansos olhos teus piedoso abrigo  
Aos prantos da saudade e da ternura;

Elmano, que a seus ais sempre inimigo  
Encontra o Fado, Elmano, que te adora,  
Que tem por morte não viver contigo;

Que das ardentes lágrimas que chora,  
Não cessa, quando a Noite estende o manto,  
Não cessa, quando estende o véu a Aurora.<sup>17</sup>

Ah meu doce prazer, meu doce encanto,  
O condenado a males sempiternos  
Não desespera assim, não sofre tanto!

Ternos amores, cada vez mais ternos,  
Geram, pelo ciúme envenenados,  
Dentro em meu coração fúrias e infernos.

Cuido que outro granjeia os teus agrados,  
E, nutrindo a voraz desconfiança,  
Exclamo contra os Céus e contra os Fados.

---

<sup>16</sup> Publicada no primeiro volume das *Rimas*, nas edições de 1794 e 1800, p. 189.

<sup>17</sup> Filha de Tia e da Terra, preside ao nascimento do dia; é representada num carro de ouro.

A vida, que prezei, me aflige e cansa,  
A vida, que prezei porque iludia  
Meus vãos desejos crédula esperança.

Frio horror os cabelos me arrepia,  
Quando a imaginação me representa  
Meigo esposo que ao tálamo<sup>18</sup> te guia.

Como que o vejo co' a paixão sedenta  
Manchar-te a leda boca purpurina,  
De seu néctar dulcíssimo avarenta;

Como que o vejo... Oh, raiva! E não fulmina  
A mão de Jove um bárbaro, um tirano,  
Que me rouba o meu bem, que me assassina!

Raios! Puni-lhe o crime... Ah, cego! Insano!  
Desejar ser feliz, quando foi crime?  
Cede ao Destino, abraça o Desengano;

Teu ciúme frenético reprime,  
E entre os martírios, que a paixão te ordena,  
Pasmoso, heroico estímulo te anime.

Adoçarás em parte a amarga pena  
Do sumo bem que perdes, se atentares  
Na desgraça a que o Fado te condena.

Tu, vago habitador de estranhos lares,  
Que em vão buscaste o riso da Ventura  
Por longas terras, por imensos mares;

---

<sup>18</sup> Leito conjugal.

Tu, sem tesouro algum mais que a ternura,  
Tu formarias o fatal projeto  
De fazer desgraçada a formosura!

Quem sente n'alma generoso afeto  
Mais do que o próprio bem e o próprio gosto  
Anela as ditas do adorado objeto.

O Céu é justo: o Céu não tem disposto  
Que vivas co'a beleza que te encanta,  
Unido peito a peito e rosto a rosto.

À dor tenaz, que as forças te quebranta,  
Opõe da alta virtude o firme escudo,  
E com tão novo assombro o mundo espanta.

Perde Urselina amável, perde tudo,  
Morre enfim, se não tens valor bastante  
Que impugne a teu pesar cruel e agudo.

Despreza a morte; a morte é um instante:  
Com ela os ais têm fim, têm fim com ela  
Quantos males semeia a Sorte errante.

Desarreiga o terror que a todos gela,  
Rasga as veias e expira, articulando  
O doce nome de Urselina bela.

Brandos suspiros de seu peito brando  
Consagrará piedosa a tua amada  
A teu triste cadáver miserando.

«Morreu, morreu por mim (dirá, banhada  
Em lágrimas de amor e de saudade),  
Oh paixão lastimosa e malfadada!

Morreu, morreu o exemplo da lealdade;  
Ah, ternos corações! Chorai comigo  
Caso tão digno de geral piedade.

Soem contínuos ais...» Porém que digo!?  
Ah! Não, não soem, cândida Urselina,  
Nem regues com teu pranto o meu jazigo;

Dos olhos a luz pura, a luz divina  
Não deixes perturbar, antes contente  
No peito de outro amante a face inclina.

Esquece Elmano, para sempre ausente  
Da tua alegre vista encantadora,  
E de mil bens te c'roe o Céu clemente.

Nunca a cega Fortuna<sup>19</sup> enganadora  
Contigo de seus mimos se arrependa,  
Nunca te negue os dons de que é senhora.

Nunca o benigno coração te ofenda  
Zelosa fúria; com seguros laços  
Ao melhor dos mortais Amor te prenda.

Vive sempre ditosa entre seus braços,  
Vive em serena paz, e adeus, querida,  
Que para a morte já dirijo os passos.

Ela chama por mim, vou dar-lhe a vida:  
Feliz eu, no fim mísero a que aspiro,  
Se co'a boca amorosa à tua unida  
Desentranhasse meu final suspiro!

---

<sup>19</sup> Deusa representada com o corno da abundância, por vezes sentada, outras de pé, quase sempre cega.

IV — AO SENHOR ANTÓNIO JOSÉ ÁLVARES,  
EPÍSTOLA DEDICATÓRIA<sup>20</sup>

*Usus amicitiae tecum mihi parvus, ut illam  
Non aegre posses dissimulare, fuit.*

Ovídio, *Tristes*, liv. III, elegia v<sup>21</sup>

A minha gratidão te dá meus versos:  
Meus versos, da lisonja não tocados,  
Satélites de Amor, Amor seguindo  
Co'as asas que lhes pôs benigna Fama<sup>22</sup>,  
Qual níveo bando de inocentes pombas,  
Os lares vão saudar, propícios lares  
Que em doce receção me contiveram  
Incertos passos da Indigência errante;  
Dos olhos vão ser lidos, que apiedara  
A catástrofe acerba de meus dias,  
Dos infortúnios meus o quadro triste;  
Vão pousar-te nas mãos, nas mãos que foram  
Tão dadivosas para o vate opresso,  
Que o peso dos grilhões me aligeiraram,  
Que sobre espinhos me esparziram flores,

---

<sup>20</sup> Esta epístola constitui o prólogo do segundo tomo das *Rimas*, publicado em 1799, o qual teve como destinatário o jurista António José Álvares, personalidade que desempenhou um papel de relevo no processo de libertação de Bocage. O poeta dedicou-lhe igualmente um soneto, composto na prisão: «Neste horrendo lugar, onde comigo», e uma segunda epístola — «Foi lida, foi relida e grata e doce» — e apelidou-o de «extremoso» no soneto «Terno Paz, bom Maneschi, Aurélio caro». No poema «Se em verso cantava dantes», composto durante a sua dramática detenção no Limoeiro, Bocage evoca-o da seguinte forma: «Quando Aónio, o caro Aónio / Da natureza tesouro, / À triste penúria manda / Eficaz auxílio de ouro.»

<sup>21</sup> A escolha de Ovídio para abrir esta epístola não foi casual: as afinidades entre o escritor romano e Bocage são por demais evidentes: poetas de primeira água, condenados ao ostracismo, tendo ambos conhecido o fel da calúnia.

<sup>22</sup> Divindade mensageira de Júpiter caracterizada pela sua imoderada loquacidade. Era representada pelos poetas na figura de um monstro com asas, de enorme estatura, apresentando múltiplos olhos, orelhas e bocas, tantas quantas as penas do seu corpo.

Enquanto não recentes, vãos amigos,  
Inúteis corações, volúvel turba  
(A versos mais atenta que a suspiros),  
No Letes<sup>23</sup> mergulhou memórias minhas.  
Amigos da Ventura, e não de Elmano,  
Aónio serviçal de vós me vinga;  
Ao nome da Virtude o Vício core.  
Não sei se vens de heróis, se vens de grandes,  
Não sei, meu benfeitor, se teus maiores  
Foram cobertos, decorados foram  
De purpúreos dosséis, de márcios louros;  
Sei que frequentas da Amizade o templo,  
Que és grande, que és herói aos olhos dela,  
E eu menos infeliz que tu piedoso  
(A ideia na expressão me cabe apenas).  
Alma iludida, espírito indigente  
Se paga, não do que é, do que outros eram;  
Os Manes<sup>24</sup> dos avós em vão revoca,  
Lustre quer extrair do horror da Morte,  
Remexe as cinzas e recorre ao nada.  
Tu, dádiva do Eterno a meus desastres,  
Tu não careces de esplendor postiço,  
Tens os títulos teus nas ações tuas,  
Por índole a Virtude, o Bem por norma,  
A glória de o fazer e de ocultá-lo;  
Eu a glória também de expô-lo ao mundo,  
De ornar com teu louvor a Humanidade.  
Embora a falsa Opinião maligna  
Dardeje contra mim, fulmine a honra,  
O caráter de Elmano, eu tenho Aónio,  
Eu tenho a consciência; ambos me escudam,

---

<sup>23</sup> Rio fabuloso do esquecimento, situado no Inferno. As almas penadas eram forçadas a beber as suas águas, obliterando, deste modo, o passado.

<sup>24</sup> Deuses do Inferno, os denominados deuses «debaixo», por oposição aos «superiores», divindades celestiais.

Munido de ambos, à mordaz caterva<sup>25</sup>  
Posso afoito bradar: mentis, perversos.  
Quem preza a gratidão não preza o vício:  
O mortal vicioso é sempre ingrato.

V — AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR MARQUÊS  
DE POMBAL, ETC., ETC., ETC.<sup>26</sup>

*Seigneur, si jusqu'ici par un trait de prudence  
J'ai demeuré pour toi dans un humble silence,  
Ce n'est pas que mon cœur, vainement suspendu,  
Balance pour t'offrir un encens qui t'est dû.*

Boileau, *Discours au Roi*<sup>27</sup>

Só conheço de ti grandeza e nome,  
Magnânimo Pombal; jamais teus olhos  
Com doce, amável, usual brandura  
De meus destinos a humildade honraram;  
Sempre Fortuna, do meu mal sedenta,

---

<sup>25</sup> Multidão.

<sup>26</sup> Epístola publicada no segundo tomo das *Rimas*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1799, p. 191. Foi dirigida a Henrique José Maria Adão de Carvalho e Melo (Lisboa, 1748-Rio de Janeiro, 26 de março de 1812), filho primogénito do famoso estadista e primeiro-ministro de D. José, que se encontrava no poder quando Bocage nasceu, o Marquês de Pombal. Presidiu ao «Desembargo do Paço», à «Mesa da Consciência e das Ordens» e ao «Senado da Câmara Municipal de Lisboa»; foi gentil-homem de câmara de D. Maria I, conselheiro de Estado (*Gazeta de Lisboa*, 23 de julho de 1796), tendo sido nomeado embaixador extraordinário em Londres (*Gazeta de Lisboa*, 13 de agosto de 1796). Em 1791, foi acusado, pelo cônego António de Queirós, de pertencer à Maçonaria (Arquivo Nacional da Torre do Tombo, processo da Inquirição de Lisboa n.º 17800). Era grã-cruz das Ordens de Cristo e da Torre e Espada. Bocage enviou-lhe a presente epístola quando estava encarcerado no Limoeiro, implorando o seu auxílio. O seu nome consta da lista de subscritores do segundo tomo das *Rimas*.

<sup>27</sup> Boileau (Paris ou, menos provavelmente, Crosne, 1 de novembro de 1636-Paris, 13 de março de 1711) trilhou a senda do direito e da teologia, antes de se dedicar, exclusivamente, à arte poética. Foi uma das personalidades literárias que marcaram a sociedade do século XVIII, nomeadamente devido ao seu tratado em verso intitulado *L'Art Poétique*. Era considerado, a par dos escritores de quinhentos e dos clássicos greco-latinos, um paradigma literário.

Vedou que, em teu louvor pulsando a lira,  
Arremessasse o canto além dos tempos,  
E em prémio fosse de te dar meus hinos  
Contigo reluzir na eternidade.  
Declive espaço, que entre nós se estende,  
Frouxo alento abatia ao vate ansioso,  
Quando apenas tentava o cume excelso  
Onde, reta uma vez, não caprichosa,  
Te ergueu, te amima, te laureia a Sorte.  
Hoje, porém, Senhor, que má Ventura  
Golpes e golpes sobre mim desfecha,  
Hoje que férrea lei de negros Fados  
Me esmaga o coração, me enluta os dias,  
Ao desmedido espaço a dor se arroja,  
Lenitivo benéfico implorando,  
Vence o longo intervalo, a ti se eleva.  
Dá-me tão alto jus tua alta fama,  
Minha tribulação tem jus tão alto.  
Perante as almas que a virtude acende,  
É grave intercessor a adversidade:  
O mortal infeliz, o desvalido  
Invoca o generoso, o pio, o grande;  
O grande, o pio, o generoso abriga  
Das fúrias do Destino o malfadado.  
Cárcere umbroso, do sepulcro imagem,  
Caladas sombras de perpétua noite  
Me anseiam, me sufocam, me horrorizam.  
Não rebelde infração de leis sagradas,  
Não crime que aos direitos atentasse  
Do Sólido<sup>28</sup>, da Moral, da Natureza,  
Neste profundo horror me tem submerso.  
A Calúnia falaz, de astúcias fértil,  
Urdui meus males, afeou meu nome,

---

<sup>28</sup> Trono; poder real.

Mil e mil vícios extraiu do Averno<sup>29</sup>.  
Minha fama, Senhor, que, honrada, ilesa,  
Vagava o seio de Ulisseia<sup>30</sup> altiva,  
Foi pelo estígio<sup>31</sup> bando assalteada:  
Bramindo, lhe enegrece a tez lustrosa,  
Torna-lhe a névea cor da cor do abismo.  
Doura zelo impostor paixões danadas,  
Delatores cruéis com arte envolvem  
Vis interesses no exterior brilhante  
Da Razão, da Justiça e da Verdade;  
Cai a Inocência, vítima da Inveja,  
Dos zoilos o rancor de mim triunfa.  
Eis-me vedado ao Sol, vedado ao Mundo,  
Eis a reminiscência apenas traça  
O quadro do Universo à minha ideia,  
Que, se aos olhos ilusos dera assenso<sup>32</sup>,  
Julgara que inda os céus, que inda as estrelas  
Não tinham rebentado à voz do Eterno;  
Que a antiga escuridão, que o caos informe  
No que hoje é Natureza inda reinava;  
Que na mente imortal do rei dos Fados  
Inda em mudo embrião jazia a Terra.  
Memória e dor minha existência provam,  
Porém dor e memória o ser me azedam,  
E a desesperação, desfeita em pranto,  
Inútil vida aborrecendo, anela  
A paz e o sono do insensível nada.  
Sobre meu coração tormentos fervem,  
E, pela fantasia exacerbados,  
Se embebem no pavor da morte horrenda.  
Dum lado em traje infame a vil Afronta,

---

<sup>29</sup> Inferno.

<sup>30</sup> Lisboa.

<sup>31</sup> Infernal.

<sup>32</sup> Assentimento.

Sórdido espectro, me afogueia o rosto;  
A doce Pátria de outro lado aflita  
Um doloroso adeus me diz carpindo;  
Aqui e ali mil pálidos fantasmas,  
Prole do Medo, com visagens feias,  
Série me agouram de amargosos danos.  
Nestes horrores a existência pasma,  
O exercício vital em ócio fica,  
Sentidos, forças o terror me absorve.  
Tal é, génio preclaro, a ordem triste  
De meus funestos, nebulosos dias,  
Dias marcados no volume eterno  
Pela tórrida mão da Desventura.  
Ah! No maligno século corrupto  
Em que o duro egoísmo abrange a Terra,  
Inda restam, Senhor, ao desditoso  
Benignos corações, que se repartam,  
Que para os seus prazeres só não vivam,  
Que sintam, que venerem, que pratiquem  
Lei no altar da Razão por Jove<sup>33</sup> escrita,  
Lei na infância do mundo ao mundo imposta:  
«O Homem favor e asilo ao Homem preste,  
Mútua beneficência os entes ligue.»  
Teu grande coração colheu tais dotes  
No tesouro onde os zela a Natureza,  
Mesquinha de seus dons co'a Terra ingrata.  
Além da condição, o heroico exemplo  
Em teu peito arreigou feliz semente,  
Da qual se ergueram generosos frutos.  
O varão providente, o pai da Pátria,  
O assombroso Carvalho<sup>34</sup>, o luso Atlante<sup>35</sup>,

---

<sup>33</sup> Júpiter.

<sup>34</sup> Sebastião José de Carvalho e Melo, primeiro marquês de Pombal.

<sup>35</sup> Atlas, um gigante, filho de Jápeto e da Oceânide Clímene, irmão de Menécio, Prometeu e Epimeteu. Foi punido por Zeus, sendo condenado a suportar com os ombros a abóbada celeste.

Cuja vista mental descortinava  
Os sumidos arcanos tenebrosos  
Onde sagaz Política se entranha;  
O decantado herói, que dentre as cinzas,  
Dentre os dispersos, lúgubres estragos<sup>36</sup>,  
Efeitos de fenómeno terrível,  
Mais ampla fez surgir, surgir mais bela  
A vasta fundação dos gregos duros,  
Que de soberbas torres majestosas,  
De ingentes, sumptuosos edifícios  
Os ombros carregou d'alta Lisboa;  
O político excelso, a cujo aceno  
Vinham, prenhes de fúlgidos tesouros,  
Alterosos baixéis arfar no Tejo,  
E a risonha Abundância dadivosa  
Da fausta Lusitânia enchia os lares;  
O zelador fiel do altar, do trono,  
O escudo, o criador das leis, das artes;  
Aquele, enfim, Senhor, que, o véu soltando  
Em que etérea porção luzia envolta,  
Vive nos corações, nos céus, na fama;  
Teu memorável Pai te abriu a estrada  
Por onde foste ao Polo em que és luzeiro.  
Nos Elísios<sup>37</sup> curvada a sombra ilustre,  
Olhos fitos em ti, de lá te acena,  
De lá te influi espíritos sublimes,  
Prestante emulação com que o renovas.  
Herói, fruto de herói, protege, ampara  
Ente opresso, infeliz, que a ti recorre,  
Lava-lhe as manchas da calúnia torpe;  
Ao trono augusto da imortal Maria  
Com lamentosa voz dirige, alteia

---

<sup>36</sup> A destruição provocada pelo terramoto de 1 de novembro de 1755.

<sup>37</sup> Lugar do além onde se encontram as pessoas virtuosas.

Do mísero Bocage os ais e as preces;  
Desfaz a treva que lhe espanca o dia,  
Rompe as correntes, cujo som medonho  
De Febo<sup>38</sup> os gratos sons lhe descompassa,  
Tremendo ao feio estrondo a voz e a dextra.  
Já tocaste, Senhor, da glória o cume,  
Sócios (inda que raros) tens contudo:  
Deles pode isolar-te um grau mais alto,  
Grau onde o Fado oculta o bem que imploro.  
Das avarentas mãos sobe a arrancar-lhe  
O defeso penhor, minha ventura.  
Nisto é virtude transcender o extremo:  
Remindo um triste de opressão tão crua,  
As balizas transpõe da heroicidade.

---

<sup>38</sup> Apolo, deus das artes e, por extensão, da poesia. Era filho de Júpiter e de Latona, irmão de Diana.

VI — AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR MARQUÊS  
DE ABRANTES, MORDOMO FIDALGO  
DA MISERICÓRDIA, ETC., ETC., ETC.<sup>39</sup>

Tu, de antigos heróis progénie excelsa,  
Ramo de régia planta derivado,  
D'acudir ao pequeno, ao desvalido  
Tens, benigno Marquês, dever sagrado.

Depois de conferir-te um grau sublime,  
Ainda não contente a Divindade,  
Une-te à posse de ínclita grandeza  
O santo ministério da piedade.

Ocasião te dá para exerceres  
Afável, paternal beneficência  
Na estância da opressão, cá onde o Crime  
Caminha par a par com a Inocência.

Aferrolhada, miserável turba  
A quem cinge o grilhão e a fome abate  
Já cuida que te vê na mão prestante  
Dádiva pia e pródigo resgate.

---

<sup>39</sup> Epístola publicada no segundo tomo das *Rimas*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1799, p. 201.

Pedro de Lencastre e Silveira Castelo Branco Almeida Sá e Meneses (Lisboa, 1771-25 de março de 1828) foi 7.º visconde de Vila Nova de Portimão e, por casamento, 3.º marquês de Abrantes. Era casado com Maria Joana Xavier de Lima, ou seja, genro do marquês de Ponte de Lima. Foi mordomo fidalgo da Misericórdia e, de 1802 a 1812, provedor do Hospital de São José; o *Almanaque de Lisboa para o Ano de 1798* (p. 308) refere que desempenhava o cargo de mordomo-mor dos presos, facto que lhe terá facilitado a sua ação decisiva — em concertação com o marquês de Ponte de Lima e o segundo marquês de Pombal — conducente à libertação de Bocage. Subscreveu o segundo tomo das *Rimas*. Em 1808, chefiou uma delegação de ricos burgueses nacionais que foi entregar a Junot um presente, aquando da ocupação de Lisboa pelas tropas francesas invasoras: 21 diamantes da melhor textura. Na sua biblioteca, encontrava-se o manuscrito *Princípio do Esmeraldo «De Situ Orbis»*, obra de Duarte Pacheco Pereira.

Qual por ermos incógnitos perdido  
O lasso caminhante o dia anela,  
Deseja dentre sombras triste chusma  
Ver luzir teu favor nos males dela.

Do número infeliz que te suspira  
Lastimosa porção me fez a Sorte,  
Lançou-me em feio abismo onde parece  
Que entre seus cortesãos preside a Morte.

Que é morte? Solidão? Silêncio? Trevas?  
Tudo isto ocupa o lúgubre aposento:  
Silêncio, trevas, solidão me abrangem,  
E horrores multiplica o pensamento.

De atroz perfídia as nódoas não me infamam,  
Remorsos me não fervem na tristeza,  
Em bárbaras ações, em negros crimes  
Não tenho profanado a Natureza.

Com ferro abominável entre as Fúrias<sup>40</sup>  
Impio golpe não dei no pátrio seio:  
Sempre a cauta razão me tem sustido  
Relutantes paixões com útil freio.

Desventurado sou, não sou perverso,  
Ao jugo de altas leis o colo inclino,  
E no humano poder contemplo, adoro  
Augusta imagem do poder divino.

---

<sup>40</sup> Divindades infernais romanas que simbolizam o remorso e a vingança dos deuses.

Torpe, invejosa, pérfida Calúnia,  
Monstro devorador da honra alheia,  
Não me prostra o valor de todo ainda,  
Com vê-la tão cruel, com ser tão feia.

Os danos que me urdiu baldar-lhe espero,  
Nos sentimentos meus e em ti fiado;  
Tu, grande, tu, benéfico, tu, forte,  
Emprende a glória de vencer meu fado.

Protege a causa do infeliz, que invoca  
Teu nome, o teu fervor, tua piedade,  
Guia os suspiros meus e as preces minhas  
Ao trono onde reluz a Humanidade.

À grandeza e virtude asilo imploro;  
Tu gozas da virtude e da grandeza;  
Estes brilhantes dons comigo apura,  
Terá mais um triunfo a Natureza.

VII — AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR MARQUÊS  
DE PONTE DE LIMA, ETC., ETC., ETC. <sup>41</sup>

Se aos míseros, Senhor, não é vedado  
No abismo em que os confunde a desventura  
Seus males exprimir, chorar seu fado,

Minha consternação, minha amargura  
Vai demandar em ti sagrado asilo,  
Acolheita eficaz em ti procura.

Tem <sup>42</sup> as angústias enfadoso estilo,  
Mas tu, atento às leis da Humanidade,  
Tu não te hás de enojar, Senhor, de ouvi-lo.

Outros querem louvor, eu só piedade,  
Piedade, que a perder o gosto à fama  
Até já me ensinou a adversidade.

De etéreo dom, que espíritos inflama,  
A chama nos suspiros se evapora,  
Ou se apaga nas lágrimas a chama.

---

<sup>41</sup> Epístola publicada no segundo tomo das *Rimas*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1799, p. 196.

Foi dirigida por Bocage a D. Tomás Xavier de Lima Brito Nogueira Vasconcelos Teles da Silva (Lisboa, 12 de outubro de 1727-*ibidem*, 23 de dezembro de 1800), 14.º visconde de Vila Nova da Cerveira, 1.º marquês de Ponte de Lima, que desempenhou um papel relevante na sua libertação. Com o marquês de Angeja, substituiu o marquês de Pombal, na sequência do falecimento de D. José, desempenhando então o cargo de secretário de Estado do Reino (1777-1778). Foi ministro e secretário da Repartição da Fazenda (1799-1800), ministro assistente ao Despacho da Rainha (1788-1800), impulsionador, em 1796, da Real Biblioteca Pública, seu inspetor, grã-cruz da Ordem de Cristo, diretor e inspetor do Real Colégio dos Nobres, presidente do Real Erário, sócio honorário da Academia Real das Ciências, mordomo-mor da Casa Real (1798), diretor e inspetor do Real Colégio dos Nobres, membro do Conselho de Estado e um dos presidentes honorários da Sociedade Real Marítima Militar e Geográfica. Segundo A. H. de Oliveira Marques, era membro ou simpatizante da Maçonaria. Subscreveu o segundo tomo das *Rimas*.

<sup>42</sup> Em vez de «têm», por razões métricas.

Dos louros que cingi não cuido agora:  
É meu único objeto o lenitivo  
Da tenaz aflição que me devora.

Em cárcere a que o Sol medroso, esquivo,  
Seu lume benfeitor jamais envia,  
E onde somente a dor me diz que vivo,

Na ideia com que apenas sei que há dia,  
Encarando, Senhor, tua grandeza,  
Tua alma generosa, afável, pia,

Dentre as sombras da noite e da tristeza  
Vendo luzir mil dons com que a Ventura  
Se uniu por glória tua à Natureza,

A Sorte se me antolha menos dura;  
Pondero o teu favor, saudável porto  
Contra os horrores de procela escura.

Por vil calúnia moralmente morto,  
À física extinção darei o alento,  
Se imaginário for este conforto.

O rumor que me ultraja é fraudulento;  
Senhor, meu coração não jaz corrupto,  
Corrupto não está meu pensamento.

Detesto o falso, o ingrato, o dissoluto,  
Do triste, do infeliz não olho ao dano  
Com férreo desamor, com rosto enxuto;

Vejo a cópia de um deus no soberano,  
Curvo-me às aras, em silêncio adoro  
D'alta religião o eterno arcano.

Sim, erros cometi, mas erros choro,  
Não com pranto sagaz que a vista ilude:  
Da abjeta hipocrisia ardis ignoro.

O brilhante caráter da Virtude,  
Arma contra os aspérrimos destinos,  
Tem cultos meus: o imparcial me estude.

Na quadra das paixões, dos desatinos,  
Se deixei de cumprir fiel e exato  
Preceitos veneráveis, sãos, divinos,

Não sou para com Deus só eu o ingrato;  
Muitos, que me enegrecem, que me afeiam,  
São talvez meu modelo ou meu retrato.

Remorsos devorantes não me anseiam;  
Mais fraqueza do que índole, meus vícios  
As forças da razão me não sopeiam.

Eis, Senhor, porque espero achar propícios  
Teus influxos comigo, e que derrames  
Por minhas aflições teus benefícios.

De mordazes insetos vis enxames  
Me ferem, me envenenam, vão lançando  
Sobre o caráter meu labéus infames.

Embebe o coração flexível, brando,  
Na maviosa dor que em mim suspira,  
Que em mim por teu socorro está chamando.

O Deus a que um só ai remove a ira,  
O eterno, o benfeitor, o onnipotente,  
Doce clemência na tua alma inspira.

Se apraz aos Céus um ânimo inocente,  
Também é grato aos Céus o arrependido:  
Uma lágrima extingue o raio ardente.

Deixa pousar, Senhor, no atento ouvido  
A queixosa, tristíssima language,  
As súplicas e os ais de um perseguido.

Do susto, da opressão, do horror, do ultraje  
Solta, restaura com piedade intensa  
Os agros dias do infeliz Bocage.

Teu braço, teu poder meus fados vença,  
Como atras nuvens de vapor maligno  
Rebate o Sol co'a fúlgida presença;

Ganha-me a compaixão do herói benigno,  
Do Príncipe imortal que em nós impera,  
Não só de um trono, de mil tronos digno<sup>43</sup>;

Tolhe-me às fúrias da Calúnia fera,  
Que o prémio singular, prémio sublime,  
O que o mundo não dá nos Céus te espera.

Teu peito de meus males se lastime;  
Erros tenho, não crimes cometido;  
O erro exige perdão, castigo o crime.

Inda que da Ventura és tão querido,  
Inda que o Céu te ergueu a excelso estado,  
Mais é valer, Senhor, ao desvalido,  
Mais é tornar feliz um desgraçado.

---

<sup>43</sup> O príncipe regente, futuro D. João VI.

VIII — AOS FELICÍSSIMOS ANOS DO ILUSTRÍSSIMO  
E EXCELENTÍSSIMO SENHOR JOSÉ DE SEABRA  
DA SILVA, MINISTRO E SECRETÁRIO DE ESTADO  
DOS NEGÓCIOS DO REINO, ETC., ETC., ETC.

VERSOS SOLTOS<sup>44</sup>

*In te spes omnis... nobis sita est:*

*Te solum habemus: tu es patronus, tu parens.*

Terêncio, comédia *Os Adelfos*,  
ato III, cena v

Costume de chorar, tenaz costume,  
Horas dadas ao pranto, eia, dourai-vos;  
Um dia de prazer por tantos dias  
De amargura e de horror me cabe ao menos.  
Memória e coração, despindo o luto  
De antigos males, de recentes danos,

---

<sup>44</sup> Epístola publicada no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 208. José Hubert de Seabra da Silva (Vilela, 31 de outubro de 1732-12 de março de 1813) formou-se em Leis, no ano de 1751, na Universidade de Coimbra. O Marquês de Pombal assistiu às suas provas finais; impressionado pelo seu brilhantismo, convidou-o, de imediato, a exercer cargos de relevo. Foi o seu braço direito, tendo desempenhado um papel notório na campanha antijesuítica, particularmente virulenta na sua obra *Dedução Cronológica e Analítica* (1768).

Conheceu as agruras do degredo por ordem do Marquês de Pombal (1774-1778). Regressado ao reino na sequência da queda daquele estadista, voltou a fazer parte do governo: a partir de 15 de dezembro de 1788, foi intermediário entre o Desembargo do Paço e a monarca, tendo sido naquela data nomeado Secretário de Estado dos Negócios do Reino, substituindo o visconde de Vila Nova de Cerveira, a pedido deste. Dois anos mais tarde, começou a desempenhar o cargo de ministro, sendo ainda conselheiro de Estado e provedor das Obras dos Paços Reais. Foi novamente demitido e exilado a 5 de agosto de 1799, por, aparentemente, propor que o príncipe D. João consultasse as Cortes antes de ser entronizado. Foi colega de curso do pai de Bocage, tendo protegido várias vezes o poeta. Na presente epístola, composta no Limoeiro, seis semanas antes de ser entregue ao Santo Ofício, para que este se pronunciasse sobre a acusação de leitura de obras ímpias, o escritor solicita a intervenção deste estadista.

Bocage permaneceu, no Palácio dos Estaus, entre 10 de dezembro de 1797 e 16 de fevereiro do ano seguinte, dia em que deu entrada no Mosteiro de São Bento da Saúde.

Em honra da virtude exultem, deixem  
Asas libertas ao furor sagrado.  
O que é das Musas digno as Musas cantem,  
O que é digno dos Céus aos Céus mandemos,  
E se o calor febeu morrer na mente,  
Tu, brilhante Razão, serás meu estro.  
Renasce um dia que em carácter de ouro  
Há de sobressair nos lusos fastos<sup>45</sup>,  
Renasce um dia parecido àquele  
Que ao sorriso de um Deus surgiu do nada,  
E é símbolo do Céu, símbolo d'alma  
Em quem mil claros dons meu canto exigem.  
Salve, ó grande natal, que em glória cedes  
Somente ao portentoso, áureo momento  
Em que atónita viu a indigna Terra  
No véu da Humanidade um Nume oculto.  
Salve, dia imortal, que, rebentando  
Dentre os fuzis da temporal cadeia,  
Serás co'a Eternidade incorporado,  
Sabendo-te a dif'rença apenas Jove<sup>46</sup>.  
Que ufano ergueste no horizonte a face!  
Que insólito pavor puseste à Noite!  
De vulgares natais ao lume afeita,  
Altamente estranhou a tua Aurora.  
Viu nela os Risos, viu as Graças nela,  
Não risos e não graças da Moleza:  
A Virtude, a Razão, robustas, graves  
Num ar viril, sisudo as envolveram.  
A deusa carrancuda, estremecendo  
No carro que dos astros se rodeia,  
Solta os negros cordões aos negros brutos,

---

<sup>45</sup> Livros em que os romanos registavam os factos mais relevantes da sua história. Inicialmente eram os calendários religiosos.

<sup>46</sup> Júpiter.

Co'a dextra sobre os dorsos amiúda  
De atro flagelo horríssonos estalos,  
E o medo a rapidez multiplicando,  
Quase de um salto pelo Inferno a some.  
Serena e pura a Natureza fica,  
Fica digna de ti, dia risonho,  
Dia em que etéreo dom luziu no mundo.  
Foi Seabra este dom, nasceu com ele  
De insignes atributos cópia imensa,  
Os que nunca os mortais em dote houveram  
Da mão suprema num só ente unidos.  
No horóscopo do herói sorriu-se o Fado,  
As rugas aplanou da fronte horrenda,  
Olhos, que de uma vez contemplam tudo,  
Na recente fitou cândida face,  
E dentre as sombras dos mistérios fundos  
Tais destinos predisse ao caro infante:  
«Serás da Pátria, do Universo a glória,  
Cem tubas com que a Fama o globo atroa  
Hão de apenas bastar para teu nome;  
Verás d'alta política os arcanos  
À perspicácia tua escancarados,  
Tua mente lustrosa e veladora,  
Árduas combinações sagaz travando,  
Fará sobre a altivez, sobre a grandeza  
Do Tamisa, do Sena alçar-se o Tejo;  
Teu espírito ao mundo assombros novos  
Apercebendo irá, e inda maiores  
Teu coração promete à Natureza.  
Piedade, retidão, beneficência,  
A magnanimidade, os dons sagrados,  
Almos eflúvios do luzeiro eterno,  
Que do eleito mortal ao seio emanam,  
Todos mistos em ti, farão que passes  
Os exemplos não só, té as ideias,  
Amplas ideias da virtude humana.  
Ao desvalido, ao triste, ao malfadado

Mil vezes teu favor será guarida,  
E por ti vezes mil de inexorável  
O atroz caráter desperei com eles:  
Virtude até comove, altera o Fado,  
Se virtude se exalta ao grau da tua.»  
Destarte a voz fatal e omnipotente  
Teus futuros abriu, Seabra ilustre,  
E entre todos os títulos fulgentes  
De que em ti se compôs moral grandeza,  
Tão sublime nenhum, nenhum tão raro  
Como o de amigo e pai dos não ditosos,  
Daqueles cujo mal não vem do crime,  
Cujos mal tem raiz nas mãos da Sorte.  
Eu, agregado ao número funesto  
Das vítimas chorosas do Infortúnio,  
Que trago na cerviz, na frente, e n' alma  
Seu peso esmagador, seu nome acerbo,  
Em vão com teu formoso, egrégio dia,  
Em vão quero iludir, corar meus males.  
Por entre os turbilhões de altas ideias,  
Que abala o teu natal e a glória tua,  
Na mente alvoroçada imagens tristes,  
Negras, medonhas, como dantes surgem.  
Para gemer, Senhor, para chorar-me,  
Tenho, além da razão, tenho o costume;  
Segunda Natureza em nós se torna,  
Só força mais que humana é que o remove.  
Tu, que em suma virtude és mais que humano,  
Converte a guerra em paz, em riso o luto,  
Que do vate infeliz envolve a mente;  
Arranca-me ao penoso, ao férreo jugo  
Da Sorte avessa, da tenaz Desgraça;  
Compassivo a meus ais, exerce e cumpre  
O que de ti soou na voz do Fado;  
Quase um deus para mim, renova esta alma,  
Esta alma que em suspiros se evapora;  
Torna-me cisne enfim com teus influxos,

Que eleve o canto sem que a morte o siga.  
São raros os Camões, o dom divino  
Em raros pode mais que a desventura;  
Nestas sombras se apaga o sacro fogo,  
Nas garras da indigência as Musas morrem.  
Ah! Destes males não pereça a minha,  
A minha que subiu aos teus louvores.  
És magnânimo, és grande, os Céus, os Fados  
Da Fortuna os tesouros te doaram;  
Tens o jus e o poder, ambos augustos,  
De tornar venturoso o desgraçado;  
És órgão da suprema autoridade,  
Puro e vasto canal por onde as graças  
Manam do trono excelso ao curvo rogo.  
Doce, ténue porção dos dons imensos  
Que o Céu te conferiu, confere ao triste,  
Cuja voz lamentosa a ti se eleva,  
Cuja fama, Senhor, purificaste  
Das nódoas torpes da mordaz Calúnia,  
E a quem já vezes mil num teu sorriso  
Deste amável penhor dos bens vindouros.  
Realiza, efetua o grato anúncio:  
Assim teu dia, sobranceiro à Morte,  
Torne sempre a brilhar como hoje brilha;  
Assim da clara esposa as brandas graças  
Sempre enfeiticem teus benignos olhos,  
E o florescente par, delícias tuas,  
A dádiva celeste, a digna prole,  
Prole em que te revês, com que te encantas,  
Tão grande como tu, produza, anime  
Longa série de heróis, que leve a glória  
Ao termo do Universo, ou do teu nome.

IX — A JOAQUIM RODRIGUES CHAVES,  
EPÍSTOLA IMPROVISADA <sup>47</sup>

A Ti (que às outras leis da Humanidade,  
Cumprindo-as, antepões a mais formosa  
De todas as virtudes, a Piedade),

A ti, cá de erma estância pavorosa,  
Onde férreo poder o some ao dia,  
Voa do ansioso amigo a voz queixosa,

A voz de Elmano, a voz que te atraía,  
Quando em mimoso verso eternizava  
Graças, encantos, perfeições de Armia.

Meus puros dias o prazer dourava,  
Enquanto contra mim fatal procela  
No bojo da Calúnia fermentava.

Onde crime não há, não há cautela;  
Por não temer-me da brutal crueza,  
Qual vítima sucumbo às fúrias dela.

Fera, ardente aversão, no Inferno acesa,  
Em duro <sup>48</sup> tribunal ousou pintar-me  
Escândalo do Céu, da Natureza;

---

<sup>47</sup> Publicada no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 204. Na presente epístola, Bocage solicita a Joaquim Rodrigues Chaves que comunique a Laurénio, conde de Mafra, a sua dramática situação no Limoeiro. Espera que este nobre transmita o respetivo teor a seu pai, o marquês de Ponte de Lima. Chaves foi um dos subscritores do segundo tomo das *Rimas*.

<sup>48</sup> Esta composição foi mutilada pela Censura: Julião Cataldi considerou que a expressão «em duro tribunal» era uma crítica à forma como a justiça se exercia no reino; assim, Bocage foi forçado a alterar a adjetivação, utilizando a palavra «grave». Optámos aqui pela lição original, anterior à censura.

Dos vícios que levava ousou manchar-me;  
Foi escutada a vil, a vil foi crida,  
Dura força correu a agrilhoar-me.

De feroz condutor mão desabrida  
Eis me arremessa em hórrida masmorra,  
Onde co'a morte se parece a vida.

Aqui, longe de haver quem me socorra,  
Na solidão funesta em que desmaio,  
Sem que importe ao rigor que eu viva ou morra;

Neste da sepultura escuro ensaio,  
A que às vezes o Sol compadecido  
Dirige a furto, a medo um ténue raio,

Volvendo-te, meu Chaves, no sentido,  
Os benefícios teus chamando à mente,  
E os males de que fui por ti remido,

Surjo dentre as angústias de repente,  
Desenrugando as faces a Tristeza,  
Uma doce esperança me consente.

O soberano Autor da redondeza  
Parece que te quer, piedoso amigo,  
Da minha redenção fiar a empresa.

De Bocage infeliz sê pronto abrigo,  
Estorva que se mirre um desgraçado  
Neste mal, neste horror, neste jazigo.

Do crime corruptor não fui manchado,  
Alta Religião me atrai, me inflama,  
Amo a Virtude, o Trono, as Leis, o Estado.

Acima de meus zoilos me ergue a Fama:  
Eis porque o negro bando, atroz, maldito,  
Sobre minhas ações seu fel derrama.

Só erros cometi (é este o grito  
Da ingénua consciência), mas padeço  
As penas com que a lei fere o delito.

Depois que nestas sombras esmoreço,  
Duas vezes brilhando a plena Lua  
Tem roubado às estrelas o áureo preço.

Ah! Funde-se o teu nome, a glória tua  
No pio intento de romper-me o laço  
Que a Sorte me lançou raivosa e crua.

Do benigno Laurénio<sup>49</sup> invoca o braço,  
O braço protetor dos desditosos,  
Jamais em dons benéficos escasso.

Ele aos ouvidos fáceis e piedosos  
Do sublime varão, do egrégio Lima<sup>50</sup>  
Conduza meus suspiros lastimosos;

Que eu, a quem Febo<sup>51</sup> acolhe, acende, estima,  
Da honrosa gratidão arrebatado,  
Ornarei seu louvor de eterna rima.

---

<sup>49</sup> Lourenço José Xavier de Lima (Lisboa, 15 de maio de 1767-11 de janeiro de 1839), conde de Mafra, era filho do marquês de Ponte de Lima. Foi ministro plenipotenciário em Turim, em Viena de Áustria e, posteriormente, em Londres. Nomeado para Madrid, nunca chegou a tomar posse, sendo então colocado em Paris.

<sup>50</sup> O marquês de Ponte de Lima.

<sup>51</sup> Apolo, divindade que preside, de acordo com a mitologia, às artes.

Os Céus na sua mão depõem meu fado:  
Alma heroica, imitando-lhe a clemência,  
Me arranque deste cárcere enlutado,  
E me reforce a lânguida existência.

X — À ILUSTRÍSSIMA E EXCELENTÍSSIMA SENHORA  
D. MARIANA JOAQUINA PEREIRA COUTINHO<sup>52</sup>

Piedosa, excelsa heroína,  
Tu, que em transcendente altura,  
Com alma quase divina  
De uns evitaste a ruína,  
De outros criaste a ventura;

Tu, que em formosa união  
Com refulgente nobreza  
(Acidental condição)  
Ligas mais alta grandeza,  
Grandeza do coração;

Tu, que à mãe do luso estado,  
Chorada, augusta Rainha,  
Mereceste honroso agrado,  
Colhe os ais que te encaminha  
Triste vítima do Fado.

---

<sup>52</sup> Publicada no primeiro tomo das *Rimas*, edição de 1800, p. 194. Casada com o ouvidor Miguel Arriaga Brum da Silveira, Mariana Joaquina Pereira Coutinho era dona de câmara de D. Maria I. Bocage enviou-lhe a presente epístola, na esperança de que esta personagem relevante nos bastidores da corte interviesse em seu auxílio. Foi uma das subscritoras do segundo tomo das *Rimas*. Filinto Elísio homenageou-a com a ode «Em vão Cupido, setas sobre setas», que terá sido redigida pouco antes de se exilar em Paris, perseguido pela Inquisição. Domingos Maximino Torres dedicou-lhe um soneto (Biblioteca Nacional, códice 11232). O manuscrito desta epístola encontra-se na Torre do Tombo, no arquivo da Real Mesa Censória (cx. 346, doc. 3799).

Teus brandos, fáceis ouvidos,  
Ouvidos há tanto afeitos,  
Senhora, a atender gemidos  
De roucos, ansiados peitos,  
Pela Desgraça oprimidos;

Teu favor, tua piedade,  
Com que viva ao Céu te elevas,  
Abriquem minha ansiedade,  
Versos nascidos das trevas,  
Entre a dor e a adversidade.

Pesado grilhão me oprime,  
Duro cárcere me fecha,  
Tecem-me dum erro um crime,  
E a vil calúnia não deixa  
Que a compaixão se lastime.

Sombra, qual o Averno, escura,  
Impios Zoilos derramaram  
Em vida de crimes pura:  
As cadeias me forjaram,  
Forjaram-me a desventura.

Eis doloso, eis negro véu  
Meu são caráter encerra;  
Monstros me pregoam réu,  
Tornam-me odioso à Terra,  
Fingem-me rebelde ao Céu:

Agra existência me enlutam  
Feros Delatores vis;  
Bárbaro prazer desfrutam,  
E prantos de alma infeliz  
Os cruéis com riso escutam.<sup>53</sup>

Desesperada agonia  
Agrava mais minha sorte,  
E a meus olhos noite e dia  
Gira o fantasma da morte  
Co'a turva melancolia.

Desparziu preces em vão  
Angústia que em mim se exalta,  
Mas no centro da aflição  
Conheço que inda me falta  
Invocar teu coração.

Esse adorável tesouro,  
Tesouro da Natureza,  
Furtado ao século de ouro,  
Pode expelir-me a tristeza,  
E mal pior: o desdouro.

---

<sup>53</sup> Esta quintilha foi integralmente cortada pela Censura. É agora publicada pela primeira vez. V. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Real Mesa Censória, cx. 346, doc. 3799.

Não te imploro, alta matrona,  
Como aquele a quem o enxame  
De vícios mil desabona  
E em si cai depois que infame  
Sobre o delito ressona.

Eu, desvalido mortal,  
Ludíbrico de Sorte injusta,  
Amei sempre, avesso ao mal,  
As leis da virtude augusta,  
As leis da reta moral.

Se casuais erros fiz  
(Sócios da idade imprudente),  
Meu desvario infeliz  
No coração inocente  
Não teve infesta raiz.

Da vaidade ativo ardor,  
Que o peito inexperto inflama,  
Das Musas<sup>54</sup> suave amor,  
Sede implacável de fama  
Me sumiram neste horror.

Em versos não baixo ou rude  
A teu ânimo propício  
Já sagrar louvores pude;  
Se grato me fora o vício,  
Eu não cantara a virtude.

---

<sup>54</sup> As Musas acompanhavam Apolo, deus das artes e da medicina. Eram nove: Clio, Melpómene, Talia, Euterpe, Terpsícore, Érato, Calíope, Urânia e Polímnia.

Meu crime é ser desgraçado,  
Ou talvez não ser indigno  
De atrair da fama o brado:  
Um bando inerte e maligno  
D'inveja me fere armado.

Risonhas, ternas Camenas<sup>55</sup>  
Sobre mim lançavam flores  
Viçosas, brandas, amenas,  
E com benignos favores  
Afangavam minhas penas.

Dom divino, almo e lustroso  
(Que a raros o Céu dispensa)  
Azedou tropel danoso:  
O mérito é grave ofensa  
Ao coração do invejoso.

Alma gentil, não presumes  
Que exagera altivo abalo  
Torpes, sórdidos ciúmes:  
Se de mim com glória falo,  
Honro a dádiva dos numes.

Mas à triste, à maviosa  
Frase da consternação  
Já volve a voz lamentosa;  
Mais cobiço a compaixão,  
Que um nome que mal se goza.

---

<sup>55</sup> Equivalente romano das Musas, cujo canto se caracterizava pela doçura.

Não te interesse o valor  
(Se algum tem) do vate aflito,  
Comova-te o dissabor,  
A desgraça, o pranto, o grito,  
Que demandam teu favor.

Exerce eficaz valia  
Que me serene a Fortuna,  
Irosa Fortuna impia:  
Para guarida oportuna  
Meus ais, minhas ânsias guia.

Pelo mísero intercede,  
Que a ti recorre em seus males,  
Que pronto auxílio te pede:  
O que podes, o que vales,  
Por minhas angústias mede.

Dá-me a luz que respirei  
No seio da Humanidade,  
Roga que se abrande a lei,  
A que a doce liberdade  
Submisso e mudo curvei.

Que, ainda que rota a lira  
No chão desprezível jaz,  
E a Musa, que já delira,  
Sem harmonia, sem paz,  
Em vez de cantar suspira.

No meu estro aniquilado  
Revivendo a morta chama,  
Te daria eterno brado,  
Se há muito o grito da Fama  
Não te houvera eternizado.

XI — AOS ANOS FAUSTÍSSIMOS DO SERENÍSSIMO PRÍNCIPE  
REGENTE DE PORTUGAL D. JOÃO<sup>56</sup>

*Serus in Coelum redeas, diuque  
Laetus intersis Populo...*

Horácio, ode 2, liv. I

Grão Príncipe, à Virtude, à Glória dado,  
Dado a ti mesmo, Príncipe ditoso,  
Cujas leis para nós são leis do Fado:

Hoje que teu Natal, dos Céus mimoso,  
Riso de um deus, da Natureza amores,  
Dourou à rósea Aurora<sup>57</sup> o véu formoso;

Neste dia, em que os Zéfiros<sup>58</sup> e as flores  
Respiram divinais, subtis perfumes,  
Vestem mais lindas, mais cerúleas cores;

---

<sup>56</sup> Epístola publicada em nome de Simão Tadeu Ferreira na obra *Aos Anos Faustíssimos do Sereníssimo Príncipe Regente de Portugal* (Lisboa: na Régia Oficina Tipográfica, 1802).

D. João (Lisboa, 13 de maio de 1767-*ibidem*, 10 de março de 1826) era filho de D. Maria I e de D. Pedro III. Tornou-se príncipe regente de direito a 15 de julho de 1799, revogando o seu próprio decreto de 10 de fevereiro de 1792, o qual estipulava, devido à insanidade mental de sua mãe, que tomasse, provisoriamente, as rédeas do poder.

Foi aclamado rei em 1818, na sequência do falecimento da rainha, ocorrido dois anos antes. Não sendo filho primogénito, aceitou ao trono com o falecimento prematuro de seu irmão, o príncipe D. José, falecido em 1788, aos 28 anos, de bexigas.

Acompanhou, a par e passo, o encarceramento de Bocage. Na comunicação de Pina Manique ao juiz do Bairro do Andaluz, foi pedida urgência para que o príncipe regente fosse informado. Na altura da sua libertação, ofereceu a Bocage roupa diversificada de qualidade, para poder frequentar os circuitos áulicos e dinamizar as sessões de poesia. Bocage dedicou-lhe ainda dois elogios — «Aos Faustíssimos Anos do Sereníssimo Senhor D. João, Príncipe Regente de Portugal» (1801) e o poema «Congratulação ao Príncipe e à Pátria».

<sup>57</sup> Filha de Hipérion e de Tia, preside ao nascimento do dia. É representada num carro de ouro.

<sup>58</sup> *Vd.* n. 22, p. 532.

Neste dia, em que o Sol refina os lumes,  
E a Terra mil delícias alardeia,  
Puras, suaves, como tu e os numes;

Em meu nome, Senhor, e em voz alheia,<sup>59</sup>  
Enquanto despe o globo antigos lutos,  
A ti cândida Musa o voo alteia.

A ti de gratidão sobem tributos  
Cá donde se desparze, à sombra tua,  
O pátrio génio em literários frutos.

Já debaixo do arnês o herói não sua,  
Não treme o cidadão nos tristes lares,  
Já do manto da morte é Lísia nua.

Voou teu grato incenso além dos ares,  
Em favor do Universo ergueste a Jove  
Alma sublime, que merece altares.

Súbito à casta of'renda o deus se move,  
E a taça de um metal, que abate o ouro,  
Sobre azedas nações o néctar chove.

Varre a benigna Paz difuso agouro;  
Ciência, indústria, leis, desassombradas,  
Revolvem, qual outrora, o seu tesouro.

Em ócio pendem marciais espadas,  
E ornem seu ócio altíssonas Camenas<sup>60</sup>,  
Da glória amantes e da glória amadas.

---

<sup>59</sup> Porquanto o poema, embora seja assinado pelo editor, Simão Tadeu Ferreira, é da lavra de Bocage.

<sup>60</sup> Musas cujo canto se caracterizava pela doçura.

Teu nome é doce peso às ágeis penas,  
Com que, fitando o Céu, por ele abalam  
As moles virações, azuis e amenas.

Príncipe, cujos dons nos avassalam  
Mais que um poder celeste, imenso, herdado  
(Dons de bem poucos, que o poder te igualam).

Neste, por teus auspícios decorado,  
Venerável por ti, por ti brilhante,  
De alta invenção depósito sagrado,

Onde é digno órgão teu varão prestante<sup>61</sup>,  
Que ao público baixel em parte o leme  
Volve, igual, proveitoso e vigilante;

Onde do tempo e morte as leis não teme<sup>62</sup>  
Espírito febeu, canoro, ingente,  
Que voa e canta como o cisne geme;

Onde ilustrado círculo altamente<sup>63</sup>  
Pensa e resolve o que às ciências preste,  
E o que à lustrosa Pátria o brilho aumente;

---

<sup>61</sup> Nota do autor: «D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro e secretário de Estado dos Negócios da Fazenda.»

<sup>62</sup> Nota de Bocage: «O desembargador Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral.»

<sup>63</sup> Nota de Bocage: «A corporação dos deputados.»

Aqui, de estranho adorno se reveste  
Frase que elevo ao sólio, que glorias,  
Príncipe amável, dádiva celeste:

Acolhe afetos, que nas almas crias,  
Honra-me a condição, meu fado emenda,  
E olhos serenos, como o são teus dias,  
Firma na ingénua, respeitosa of'renda.

XII — RESPOSTA AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR SEBASTIÃO  
BOTELHO, DA CASA DOS EXCELENTÍSSIMOS  
CONDES DE SÃO MIGUEL<sup>64</sup>

*Certum est in silvis, inter spelaea ferarum  
Malle pati, tenerisque meos incidere amores  
Arboribus: crescent illae, crescetis, amores.*

Virgílio, écloa x

Se lúgubre existência amargurada  
Merece acaso de existência o nome,  
Se as lágrimas, se os ais, se a dor são vida,  
Se não é a alegria essência dela,  
Consola-te, Salício: existe Elmano.

---

<sup>64</sup> Publicada no ano de 1804 em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen*, obra vulgarmente conhecida por terceiro tomo das *Rimas*, p. 109. Constitui uma resposta a uma epístola de Sebastião Xavier Botelho, intitulada «Salício a Elmano» (*ibidem*, p. 106).

Sebastião Xavier Botelho (Lisboa, 8 de maio de 1768-*ibidem*, 21 de maio de 1840), jurista, foi nomeado, a 23 de dezembro de 1804, provedor dos resíduos. Contraiu matrimónio com D. Mariana Xavier Botelho, camareira-mor da rainha e marquesa de São Miguel. Era par do reino em 1835. É citado no prólogo de *As Plantas*, apelidado de Salício, seu pseudónimo literário. V. a epístola seguinte.

Segundo Inocêncio Francisco da Silva, é o presumível autor de *Arte de Amar*, imitação de Ovídio, e de «Empresa Nocturna». Alexandre Herculano evocou a sua personalidade no primeiro tomo das *Memórias do Conservatório Real de Lisboa*, p. 25.

Mas se em torno ao sepulcro os Manes gemem,  
Se, roto o véu que a Natureza envolve,  
Inda em nós, como dantes arreigado,  
O sentimento é rei, e é rei tirano;  
Se nos montes da imensa Eternidade  
Memórias, sensações, martírios duram,  
Levados deste globo insano e triste;  
Se cada pensamento é lá verdugo,  
Qual ao não pago amante é sobre a Terra;  
Se em míseros como eu, que em vão sonhassem  
Num só momento ressarcir mil dias,  
Se em míseros como eu, que tenham visto  
Feroz ingratidão falsar-lhe<sup>65</sup> os gostos,  
Inda lá deste horror a imagem reina,  
E entre os risos do Céu negrejam Fúrias,  
Que, mais e mais bramindo, ardendo, assanhem  
Os ciúmes, a peste, a morte d'alma;  
Se tanto de infelizes amadores  
Pode o ferrenho, inexorável Fado,  
Suspira, terno amigo: Elmano é morto.

Não foi crua ficção de antigos zoilos  
Que de mim desparziu funéreo anúncio.  
Quem meus ais escudou, quem viu meus males,  
E o duro, inevitável seu progresso  
(Sendo um só deles, o menor de tantos  
Para os fios vitais idóneo golpe),  
Crer não devera que no ansioso amante  
Em morte infausto amor se convertesse,  
E mais quando suspeitas ltuosas  
Até da ausência minha se ajudavam?

---

<sup>65</sup> *Sic*, para não ferir a métrica.

Só tu, febeu cantor, só tu e Ulina  
Ao mundo o coração me tínheis preso.  
Ela foi-me cruel, tu me deixaste;  
Eu sem ela, eu sem ti não era Elmano,  
Era um fantasma, que gemia errante  
Pelos ermos vastíssimos da morte,  
Entre as aves da noite, entre os ciprestes,  
Elas que o ponto extremo em ais agouram,  
Eles, que, amigos das caladas cinzas,  
Às urnas dão piedosa e triste sombra.  
Sim, desapareci, voei, Salício,  
D'ante os lumes do Sol, fechei meus dias  
Na dor, na solidão, na escuridade.  
Quis, quis punir os temerários olhos  
Da desditosa audácia, antes insânia,  
De verem, de atentarem cobiçosos  
Celestes perfeições, ah! cujo néctar  
Depois no coração se fez veneno!  
Meus olhos castiguei, inda os castigo  
Com total privação de quanto é gosto;  
Da peçonha amorosa, em que flutua,  
Neles o coração se está vingando;  
Para se despicar cruel consigo,  
A menor distração não sofre aos olhos,  
Suave distração (de que pudera  
Também participar) não lhes consente  
Que, errando aqui e ali por entre Graças,  
Como a abelha sagaz por entre as flores,  
Em rosas, em jasmíns, em neve, em ouro,  
Nos melindrosos, virginais feitiços  
Vão colhendo o que a Terra em Céu transforma,  
E com maga ilusão talvez presumam  
De objetos mil e mil no mais formoso,  
No mais encantador gozar quem amam.

Só fúnebres imagens carrancudas,  
Só pranto em fio o coração permite  
Aos do seu dano artífices incautos.  
Não mais hão de arrostar, para alegrar-se,  
Não mais hão de arrostar senão Salício,  
Se inda olhá-lo uma vez os Céus me derem,  
Ao menos uma vez... uma! E quem sabe?  
Pode ser ousadia esta esperança:  
Tanto, ah! tanto a existência em mim vacila!

Tu, feliz, porque Amor e a Formosura  
Com tirânicas leis, de férreo peso,  
Alvedrio e Razão te não sufocam;  
Tu, que pões a altivez da Liberdade  
Junto ao poder fatal, que as atropela;  
Que, de alvas, meigas Ninfas ladeado  
Lá, nesses campos, onde o Tejo estende  
As vagas de cristal por margens de ouro,  
Cantas de amor, sem que de amor suspires:  
Qual diz a fabulosa Antiguidade  
Que viu no fogo a salamandra ilesta,  
Ou qual, sem se abrasar, sem consumir-se,  
O assombroso amianto em si mantinha  
Ardor, que os lenhos corpulentos come.

Ai! Se desses gentis, louções objetos  
Só júbilos extrais, carícias, flores,  
Teme que as flores víboras ocultem,  
E que sejas mordido onde amimado.  
Dos risos da alegria Amor se enfeita  
E invisível prisão nos forja, e lança:  
É doce, é brando Amor em seu princípio;  
Amor em seu progresso é agro, é duro.  
Olhos da cor dos Céus, se o dia os orna,  
E olhos da cor dos Céus, se os veste a noite,  
Virgíneos lábios, exalando aromas,

Descendo a nível colo anéis dourados,  
Com que os Amores e os Favónios<sup>66</sup> brincam;  
Lindas mãos, lindo seio, e tudo lindo,

Nectáreos mimos de fagueiras Nises,  
Penhas amolgam, mármore derretem;  
E para mil troféus ganhar num ponto  
A beleza (ai de mim!) não, não carece  
De quantas forças tem: qualquer sorriso,  
Um descuido, um silêncio, um gesto, um nada,  
São para os corações incêndio, laços,  
E às vezes precipício, e morte às vezes.

Acautela-te, ó vate. Amor não dorme:  
A noite em guerra o vê, e o dia em guerra,  
E o campo da batalha é todo o mundo.

Um meio há só, talvez, que os golpes frustre,  
Vibrados pela mão do deus das setas<sup>67</sup>  
Às almas que a Razão forrou de exemplos,  
Tais como o exemplo meu, que a ti, que a todos,  
Padeçam co'a ternura, ou não padeçam,  
Deve (amigo farol) guiar nas ondas  
Do pego tormentoso, Amor chamado,  
Até que vão surgir no Desengano,  
Porto esquivo aos baixéis, nublado aos nautas,  
De frequente escarcéu lassos e rotos.

Um meio existe, pois, e quão saudável!  
Contra a geral paixão, paixão suprema:  
É da Amizade no benigno seio  
Apurar a existência, os gostos dela;

---

<sup>66</sup> Ventos amenos.

<sup>67</sup> Cupido.

Não só viver em si, viver em outrem;  
Ter duas possessões, dois sofrimentos  
Já no bem, já no mal, e em turvejando<sup>68</sup>  
A hora de pavor, que os reis não poupa,  
Ter jus de proferir com voz sumida  
Ao amigo fiel, metade nossa:  
«Fico existindo na existência tua.»

Destarte, e sem delírio, e sem remorso,  
Vivas sedes de amar, de ser amado  
No espírito se abrandam, se contentam;  
Destarte puro afeto, alegre e manso,  
Substitui a paixão que vezes tantas,  
Fonte de vícios, a constância arrasta,  
Enxovalha a moral, apaga o siso,  
E entra num mar de pranto, ou num de sangue.

O Céu te deparou, feliz Salício,  
Esse bem social, tão raro agora:  
Tens no amável Dirceu<sup>69</sup>, tens um tesouro  
D'alta amizade, cordial, fervente,  
Daquela que luziu nos áureos tempos,  
E de que és tão credor na férrea Idade.  
Com ele, com seu nome a lira exerce:  
O louvor da Virtude é lei nos vates;  
Por mais esse caminho aos astros sobe.

---

<sup>68</sup> Nota de Bocage: «É verbo criado por mim, mas parece-me expressivo.»

<sup>69</sup> Nota de Bocage: «O Senhor Joaquim António Jeunot, oficial maior do Desembargo do Paço.»

Pinta o digno consorte, a digna esposa,  
Os dois em que himeneu sempre é ternura,  
Sendo ou discórdia ou dissabor em tantos:  
Nesses doces afetos inocentes,  
Esquivo a Amor, teu coração se enleve.

Mas que serena, luminosa ideia  
Do escuro da aflição me surge n'alma!  
Ideia só não é... que luz! Que assombro!  
Que imagem! Que visão! Eis a meus olhos,  
Eis a meus olhos, em purpúreo globo,  
A par de génios cem, risonhos, belos,  
Bela e risonha, de rubis os lábios,  
A frente de açucenas guarnecida,  
De neve a face, que variam rosas,  
Na dextra empunha divinal donzela  
Palma viçosa, do triunfo emblema!  
Olhos, no eterno Sol purificados,  
Inclina sobre a Terra, e co'um suspiro  
(Suspiro que é prazer) perfuma os ares.

Ergue, ah! Ergue, Salício, ao sacro objeto  
Vista maravilhada: ele te acena,  
Ele chama por ti, por ti suspira,  
E as delícias do Céu deixou por ver-te.  
É Marcina, é Marcina, a glória tua,  
Timbre de Amor e da Virtude esmero;  
É Marcina, é Marcina, aquela, aquela  
Cujas graças morais e externas graças  
Séculos hão custado à Natureza;  
É ela, cujo espírito brilhante,  
Tesouro que do Céu caiu na Terra,  
Teus momentos dourou, dourou teus fados;  
Ela, que humana foi, mas só na morte,  
Divina em tudo o mais. Ó tu, que outrora  
De quantos em ternura o peito inflamam  
Eras o mais ditoso! Atende, escuta

Que frase encantadora a teus ouvidos  
Vem das macias virações no adejo:  
«Esse globo infeliz não tem Marcinas;  
O extremo das paixões morreu comigo:  
Memórias minhas teus amores sejam.»

Assim com vozes que destilam néctar  
Te fala a semideia, e volve aos numes  
Entre os filhos da luz... talvez foi sonho  
A santa aparição! Talvez minha alma,  
Afeita à sua ideia, a dar-lhe cultos,  
Talvez a fantasia extasiada  
Aos olhos corporais fingiu Marcina!  
Porém, fosse ilusão, verdade fosse,  
Eu, vítima de ingratas, eu, Salício,  
De paixão cega desgraçado exemplo,  
Repito o que julguei que a tua Amada  
Da rósea boca te enviava ao peito:  
«Neste globo infeliz não há Marcinas;  
O extremo das paixões morreu com ela:  
Memórias suas teus amores sejam.»

### XIII — AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR SEBASTIÃO BOTELHO<sup>70</sup>

[...] *Carmina possumus*  
*Donare, et pretium dicere muneris.*

Horácio, liv. iv, ode 8

Ao grão vate Salício o vate Elmano,  
Como ele devedor à Natureza,  
Mas não como ele devedor ao Fado,

---

<sup>70</sup> Publicada no ano de 1804 em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen*, obra vulgarmente conhecida por terceiro tomo das *Rimas*, p. 117.

Cá dos lares tristíssimos que habita,  
E onde quase evapora em ais o alento,  
Se é que a pode enviar, saúde envia.

Acolhe, doce amigo, às Musas dado,  
Acolhe ingénuos sons de aflita Musa,  
Que entre flores outrora, entre delícias,  
Entre os sonhos de Amor, verdade às vezes,  
Cópia do Céu, no cândido regaço  
De alvas, fagueiras, perigosas Lílias,  
Passou dias de glória, instantes de ouro,  
Do Tejo transparente à margem bela  
Cantando a vida, como o cisne a morte.

Contigo falo, que do Pindo<sup>71</sup> houveste  
O solene idioma, o tom dos numes,  
A voz que longe vai, que longe sobe,  
Que soa além do mundo, além dos tempos;  
Falo contigo, a ti, que tens na mente  
O tesouro brilhante, inexaurível,  
O ígneo foco de altívolas ideias,  
Em que Jove reluz, qual é no Olimpo<sup>72</sup>;  
Falo contigo, a ti, que tens na mente  
Poder de eternizar e eternizar-te.

Estranho não será nos teus ouvidos,  
Aos milagres da lira e do estro afeitos,  
Que, ufano do que foi, blasone um vate,  
Já, claro como tu, nos dons de Febo.<sup>73</sup>

---

<sup>71</sup> Monte da Grécia consagrado a Apolo e às Musas.

<sup>72</sup> Monte situado entre a Tessália e a Macedónia, onde residiam Júpiter e a sua corte.

<sup>73</sup> Apolo.

Contra a nobre altivez que em mim ressurge,  
Uive a zoilo mordaz, injúrias ladre;  
De rojo pela terra a vil serpente,  
D'água, que arrosta o Sol, deteste os voos;  
Sejam no tribunal do vulgo inerte  
Sombra o fulgor, o entusiasmo insânia;  
Veja olhados dali qual ócio inútil  
Seus mil suores o imortal de Esmirna<sup>74</sup>;  
A cega Opinião, que reina em tudo,  
Ponha embora a nível<sup>75</sup> Marões<sup>76</sup> e Bávios<sup>77</sup>,  
Que eu, tu e alguns (quão raros!), já vingando  
Cumes e cumes de entrepostas serras,  
Trilhamos fadigosa estrada imensa,  
Que vai da Natureza à Eternidade.

Dignamente de nós falar podemos,  
Não se ata o desar nosso ao nosso alarde:  
Quem de celestes dotes se gloria  
Honra menos a si do que honra os numes.  
E se a turba sem nome, avessa aos vates,  
Este firmado orgulho em mim condena,  
Bem da minha altivez meus ais a vingam,  
Bem descontado está nos meus desastres  
E nos tormentos meus a glória minha,  
Tormentos que me agouram ténue resto  
Ao que é mais duração do que existência.

Entre os danos de Amor e os da Ventura  
Quase lenho agitado em altas ondas,  
E entre negros tufões, que opostos bramam,

---

<sup>74</sup> Homero, que, segundo alguns, nasceu em Esmirna.

<sup>75</sup> *Sic*, porque a acentuação do verso recai na sexta sílaba.

<sup>76</sup> Virgílios.

<sup>77</sup> Bávio, poeta latino que morreu em 35 a. C., desconsiderado por Virgílio na terceira «Bucólica», verso 90.

Dum lado, sobre nuvem cor do Averno,  
Olho a deusa do mal, do horror, do pranto,  
Vejo o que tu não vês, nem ver mereces  
(E nem eu mereci), vejo a Desgraça,  
De ameaço no rosto, a mão no raio,  
A meu peito assestando o tiro, a morte,  
Mas sem de audaz vigor despir meu peito.

De Ulina ingratidões eis doutro lado  
Contra mim, como Fúrias, arremetem.  
Aqui cerradas trevas me apavoram,  
Esmorece o valor, naufraga o siso,  
Soçobra o coração: para a minha alma  
Nas procelas de Amor não há Santelmo.

Preso a tantos martírios, a Indigência  
Os apura, os irrita, os desespera:  
É ela, caro amigo, é mais que Febo  
Quem me arranca do espírito enlutado  
O metro carpidor em que a deploro,  
Qual nas margens do Tibre ao Venusino<sup>78</sup>.

Tuas virtudes, teu caráter grande  
Na Pátria, que honras, a experiência aclama;  
Mas tenho a meu favor para invocar-te  
Jus mais alto: és feliz, sou desditoso.

---

<sup>78</sup> Horácio, que nasceu em Venúsia, nos confins da Apúlia.

## XIV — A ANÁLIA<sup>79</sup>

Depois que derramaste em meus delírios  
O orvalho da piedade, Anália minha,  
Chamou-me a densa noite aos tristes lares,  
Tristes sem ti, meu bem, feios e escuros;  
Dignos porém de Jove, e Céus de Elmano,  
Se abrihantados por teus olhos fossem,  
Se o doce peso de teu pé sentissem!

Toda em ti recolhendo a fantasia,  
Achando Amor e a vida em ti somente,  
E o Mundo, a Natureza, o Fado, a Glória,  
Sonhos julgando o mais, o mais fantasmas,  
Cevei meu coração na tua imagem,  
Na ideia de teus mimos, de teus lábios,  
Dos lábios que desatam dentre as rosas  
Em áureas fontes as delícias d'alma!

Engolfada a paixão num mar de encantos,  
Ao solitário leito o corpo entregue,  
Fatigo o pensamento e cerro os olhos.

Eis que o falaz Morfeu<sup>80</sup>, cem vezes brando,  
Mil vezes (ai de mim!) duro aos amantes,  
Do teu fido amador te expõe defronte  
Raivosa, fulminante, inexorável,  
Da boca, em vez de néctar, fel soltando,

---

<sup>79</sup> Publicada, no ano de 1804, em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen*, obra vulgarmente conhecida por terceiro tomo das *Rimas*, p. 120.

Anália é Ana Perpétua Bersane Leite, filha de António Bersane Leite, amigo de Bocage; de acordo com os testemunhos do morgado de Assentiz e de D. Gastão Fausto da Câmara Coutinho, amigos da boémia de Elmano, foi a sua última paixão.

<sup>80</sup> Um dos filhos de Sono (Hipno). Apresentava grandes asas, que movia celeremente. Adormecia aqueles que tocava com uma planta.

Co'as Fúrias e co'a Morte a abrir meus Fados,  
A revolver o horror que tinham dentro,  
A enegrecer meus dias, a ostentar-me  
Num desprezo cruel males sem conto,  
O Inferno todo num adeus terrível.

Tremeu-me o coração, qual treme a folha  
Que os rápidos tufões bramando agitam;  
Arrepio-me, e suo, e choro, e clamo:  
«Ai! Cumpriram-se, Anália, os meus destinos!  
Foges de mim, de Amor; nem fé, nem votos,  
Nem lágrimas, nem ais teu peito abrandam,  
Esse que outrora ao mínimo queixume  
Em meigas sensações se amolecia!  
Anália, doce ardor de meus sentidos,  
Dos olhos do infeliz, que tanto amavas,  
Não valem para ti, não valem prantos.

«Céus! O que era! O que sou! Fui rei, fui nume  
Quando, mais numes que eu, teus olhos davam  
À minha alma outro ser, quando, embebidos  
Nos voos que soltou meu pensamento,  
A luz toldavam de amorosas sombras,  
Ou, bálsamo de Amor, caiu teu pranto  
Sobre meu coração, e à doce chaga  
Foi refrigerio salutar, divino.

«Oh mudança fatal! Mudança horrenda!  
Negro Ciúme, produção do Averno,  
Tu, de serpes c'roado, envolto em chamas,  
Do sempiterno horror surgindo à Terra,  
Mil fúrias, mil delírios me entranhaste;  
Dentro em mim fibra e fibra atassalhando,  
Tua essência me deste: eu sou tu mesmo.

«Trouxesses-me, cruel, a insânia, o fogo,  
A dor, o último golpe, e não trouxesses  
Ao mísero amador contigo o crime;  
Não me ensopasse teu veneno a língua,  
Não fervessem na voz blasfêmias tuas,  
O mimo, a candidez não profanasses  
Daquela por quem vivo e por quem morro,  
Daquela que ultrajei, porém que adoro,  
Daquela em cujas iras, quando as soffro,  
De um deus que pune, se me antolha o raio,  
Daquela...<sup>81</sup> o coração co'a dor não pode,  
Não pode co'o remorso, e nas angústias,  
E nas palpações dilata o golpe,  
O golpe que só tem na morte a cura;  
Se há morte para os tristes, se o Destino  
Não dá (porque os tormentos lhe eternize)  
Existência de ferro aos desgraçados.

«Ai, Anália, ai meu bem, meu Céu, meu tudo,  
Inda que de meu mal teriam feras  
Compaixão, que não tens, e os meus suspiros  
Marpésia<sup>82</sup> rocha tornariam branda,  
Nunca, nunca de mim te compadeças,  
Insensível contempla, ouve insensível  
Minha extrema aflição, meus ais extremos;  
Vê-me tintos de morte a face, os olhos,  
Sente-me a voz perder-se entre soluços,  
Ir-me fugindo a luz por sombra imensa,  
A luz vital, e a chama endeusada,  
Estro incansável que, fervendo, erguia  
Ao Céu minha ternura, ao Céu teu nome,  
E tantas vezes já foi grato enleio,

---

<sup>81</sup> No original: «Daquela..»

<sup>82</sup> Monte situado na ilha de Paros.

Íman suave, que atraíu teu gosto,  
Que a tua alma enlaçou... Não, minha amada,  
O misérrimo estado em que há de olhar-me  
Uma lágrima só te não mereça.  
Nenhum castigo expia atrozes crimes,  
Sou réu, sou réu de Amor, e Amor me pune.  
Adoro, beijo a mão que me fulmina,  
Cedo a meus Fados, a teus olhos cedo,  
Que teus olhos, Anália, são meus Fados:  
Deles vivia Elmano, e deles morre.

«Mas quando os membros meus já forem cinzas  
Na estância do pavor, co'ò pé mimoso  
Pisa a funérea campa, e diz: 'Amei-te,  
Amaste-me, infeliz: matou-te amar-me.'  
Este o só galardão que Elmano implora,  
Este o só galardão que entre os horrores  
Da eterna escuridade, entre os fantasmas  
Do abismo tenebroso há de suprir-me  
O Céu, teus olhos... Morro... Adeus, querida.»

Não pude prosseguir, e um grito, um grito,  
Todo amor, todo teu, me voa e rompe  
Do horrível pesadelo o férreo laço.  
Somem-se as larvas da ilusão medonha,  
Em minha alma outra vez a imagem tua  
De sorrisos, de amores brilha ornada,  
De constância, de fé. Respiro, exclamo:  
«Anália o disse, o jura, Anália é minha;  
A promessa de Jove é como a sua:  
Ó Céus! Vós não mentis, nem mente Anália.»

XV — AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR VICENTE JOSÉ FERREIRA  
CARDOSO DA COSTA, DESEMBARGADOR  
DA RELAÇÃO DO PORTO<sup>83</sup>

O vate Córídon, tão caro a Febo,  
O vate Córídon cantava outrora<sup>84</sup>  
Que a metro sonoro altas ideias  
Ante os áureos tremós<sup>85</sup> não se reduzem;  
Que, opulenta de si, que em seus tesouros,  
Tesouros divinais, embelezada,  
Digna prole dos Céus, a Musa enjeita  
Forrados camarins de sírias telas;  
Que deles não subiu nas tubas cento  
O ilustre malfadado, o luso eterno,  
Que ali novo esplendor à Natureza,  
Maravilhas ao globo ali não dera  
O, que n'alma lhe ardeu, furor sagrado,  
Nem da Glória na estância um grau sublime  
Ao rígido invasor dos índios mares.

---

<sup>83</sup> Publicada no ano de 1804 em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen*, obra vulgarmente conhecida por terceiro tomo das *Rimas*, p. 125. Na obra *Os Deportados d'Amazona*, de Faria e Maia, encontra-se a reprodução do respetivo manuscrito, que apresenta variantes.

Vicente J. F. C. da Costa (Baía, 5 de abril de 1765-São Miguel, 14 de agosto de 1834) frequentou as aulas da conceituada Congregação do Oratório, matriculando-se, em seguida, em Leis, na Universidade de Coimbra, na qual se formou, no ano de 1785. Foi lente desta instituição e, desde 1799, exerceu o cargo de desembargador da Relação do Porto. Correli-gionário maçónico de Bocage, conheceu, em 1810, o exílio nos Açores, na sequência da «Setembrizada». Participou ativamente no processo de libertação do escritor. No soneto «Terno Paz, bom Maneschi, Aurélio caro», Bocage considera-o «em letras claro»; na introdução ao soneto «A Fama derramou lúgubre agouro», da autoria deste magistrado, publicado na *Colecção dos Novos Improvisos*, apelida-o de «meu benéfico Amigo»; àquela composição, Bocage respondeu com o soneto «Eu cantava de amor: eis negro agouro».

É autor de uma ampla bibliografia, inventariada por Inocência Francisco da Silva.

<sup>84</sup> Nota de Bocage: «Garção». Refere-se a Pedro António Correia Garção, notório poeta que fez parte da «Arcádia Lusitana».

<sup>85</sup> Aparadores antigos.

Mas ah Vincênio! Se os haveres, o ouro,  
Puxando-nos à Terra, origem sua,  
O adejo à fantasia, ao gênio prendem,  
Obstáculo mais duro é a indigência.  
Que vezes sentiria esta verdade,  
Entre cadeias, inocente e opresso,  
Longe da bela esposa e tenros filhos,  
O atilado cantor, por quem das trevas,  
Das ruínas, do pó surgindo a lira,  
Trouxe nas cordas de ouro o som romano!<sup>86</sup>  
Exemplo inda maior meus ais arranca.

Se o transcendente espírito, que aceso,  
Que, absorto em turbilhões de etérea flama,  
Deu tanto a Lísia, e lhe deveu tão pouco;  
Se Camões, o imortal, não fosse aquele  
Que aos seus em vão carpiu, se achasse o triste  
Risos na Sorte, gratidão na Pátria;  
Se não curvasse a mente ao férreo peso  
De mil tribulações, de mil desastres;  
Se infestos, se cruéis, se carrancudos  
O mísero, quais viu, não vira os Fados,  
Além da Humanidade o voo alçara.  
Precedendo e seguindo assombro a assombro,  
Em nune convertido o pensamento,  
Feliz, qual fora, se, infeliz, foi tanto!  
Da glória no horizonte os olhos fitos,  
Ufano, sobranceiro à desventura,  
À baixaza, ao desar com que nas almas  
A servil Dependência engenhos mirra,

---

<sup>86</sup> Nota de Bocage: «O mesmo Garção.». Referência à detenção, por razões desconhecidas, deste poeta, desencadeada durante o consulado pombalino. Garção permaneceu no Limoeiro cerca de 19 meses. A 10 de setembro de 1772, foi libertado, tendo falecido pouco depois. Quando a sua esposa obteve finalmente a sua libertação dos ferros do Limoeiro, o infausto escritor acabara de falecer.

Meneando o pincel, que portentoso  
No véu da eternidade imprime os quadros,  
Dá caráter, dá luz, dá vida a tudo,  
Ligara a perfeição co'a fantasia.  
Mais fero Adamastor, mais espantoso  
Excedera o trovão na voz medonha;  
Os membros giganteus ocupariam  
Maior espaço do ar, maior da terra;  
Inda mais dilatara a boca enorme,  
Retorcera inda mais os negros olhos,  
Das procelas horríssonas toldado.

Nas colunas de neve encantos novos,  
E no raro cendal<sup>87</sup> tu, Cípria<sup>88</sup> deusa,  
Às amorosas sedes esquivaras,  
Sem tolher invasões ao pensamento.  
Mais patética Inês, Inês mais bela,  
Entre os penhores seus, entre os filhinhos,  
Ou cópia dela, ou cópia dos Amores,  
O despiedado Afonso<sup>89</sup> embrandecera.

Sim, Vincénio, a penúria, morte do estro,  
Se alguns deixou viver, medrar na fama,  
Génios mil, génios mil tem<sup>90</sup> submergido  
No pego avaro que as memórias sorve.  
É peste, é corrupção fortuna imensa:  
Dela provém<sup>91</sup> dureza, orgulho, insânia,  
Que aos olhos do mortal mortais avilta,

---

<sup>87</sup> Tecido fino e transparente.

<sup>88</sup> Relativo a Chipre. Na cidade de Pafos, situada nesta ilha, existia, no tempo dos romanos, um templo em honra de Vénus.

<sup>89</sup> D. Afonso IV.

<sup>90</sup> «Tem», por uma questão de métrica.

<sup>91</sup> Em vez de «provêm», para não ferir a métrica.

E outros vícios provém<sup>92</sup>; mas a ventura  
Moderada, tranquila, é dom do Eterno,  
Útil ao sábio, necessária a todos.  
Não pode a condição luzir sem ela,  
Sem ela heróis talvez se antolham monstros;  
Sem ela a flor do espírito emurchece,  
E roja o pensamento, asado a voos.

Ah! Meus males pinte, pintando aqueles  
Que urde a acerba Indigência entre os humanos;  
Mas novos para ti não são meus males:  
Já tens mais duma vez amaciado  
Os agros, espinhosos dissabores  
Que dura mão fatal cravou nest'alma;  
Já tens mais duma vez salvado Elmano  
Do abismo em que o lançou Destino adverso<sup>93</sup>,  
E de outro, inda mais feio, inda mais triste  
(A moral extinção, o esquecimento),  
Em verso, que não morre, o preservaste<sup>94</sup>,  
Quando na locução, no tom dos deuses,  
De tesouros da voz senhor como eles,  
A Castro<sup>95</sup>, insigne em letras, em virtudes,  
Mandaste os frutos que orvalhou meu pranto.

És magnânimo ainda, és o que foste,  
Eu sou inda o que fui, sou desgraçado;  
E, além de ser em ti caráter firme,

---

<sup>92</sup> Em vez de «provém», para não ferir a métrica.

<sup>93</sup> Referência à sua detenção, ocorrida em 1799.

<sup>94</sup> Nota de Bocage: «Alude-se a uma epístola que o objecto desta dirigiu ao Excelentíssimo Principal Castro, enviando-lhe versos que o autor compusera na prisão.» Trata-se de D. Francisco Rafael Castro, prelado superior de um colégio.

<sup>95</sup> O Principal Castro, ou seja, D. Francisco Rafael de Castro, reitor e reformador da Universidade de Coimbra, cuja cooperação foi solicitada no sentido de libertar Bocage do Limoeiro.

É já beneficência em ti costume.  
Musa opressa, infeliz se acolhe a ela:  
Quem seus ais enfreou, seus ais enfreie.

XVI — AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR DESEMBARGADOR VICENTE  
JOSÉ FERREIRA CARDOSO DA COSTA<sup>96</sup>

IMPROVISO

Aceito a Amor outrora, outrora aceito  
Às que os entes mortais imortalizam  
(Digo, às filhas de Jove, irmãos de Febo),  
Elmano, hoje indif'rente a Amor e às Musas,  
Triste no coração, nos olhos triste,  
Evaporado em ais, desfeito em pranto,  
Ludíbrico da Fortuna, a ti recorre.  
Bens que a mesquinhas mãos confere às cegas,  
Que a torpes Cresos<sup>97</sup> o caráter douram,  
Pela deusa falaz me são negados;  
Fogem lucrosos fins a honrados meios;  
Eu sou puro, ó Vincénio, honrado, e livre;  
Eu jus não tenho em século de infâmias  
A dádivas que a Sorte aos vis outorga.  
Eu só canto à virtude, a ti e a poucos:  
Tu amas a razão, tu crês na glória;  
És filósofo, és vate: em Roma, em Grécia,  
Volvendo altos anais com mão noturna,  
Bebeste exemplos de virtude excelsa,

---

<sup>96</sup> Seguimos a lição de Inocêncio Francisco da Silva, t. III, p. 126. O respetivo manuscrito foi reproduzido por Francisco d'Ataide Machado Faria e Maia in *Os Deportados d'Amazona (Monografia Histórica) 1810-1826* (Ponta Delgada: Oficina de Artes Gráficas, 1918, p. VIII). A resposta de Vicente Ferreira da Costa, que se encontra no terceiro tomo da edição de Inocêncio, p. 410, intitula-se «Se os vates por acaso fossem Cresos» e apresenta a data de 12 de junho de 1804.

<sup>97</sup> Cresos, rei da Lídia, famoso pela sua riqueza e pela sua infelicidade.

Que teus nativos dons fortaleceram.  
Muito há que o Tejo te cobiça ao Douro:  
Se quais teu génio teus destinos fossem,  
Nas margens do Ulisseu<sup>98</sup>, cerúleo rio,  
Aos mil, aos bandos nadariam cisnes,  
Trinando sem morrer canções mimosas.

Eu, não cisne<sup>99</sup>, talvez, mas eu, não corvo,  
Com voz não desabrida e não rouquenha,  
Ao filósofo, ao vate usado abrigo,  
Benéfica piedade ansioso imploro.  
Mando a teu coração meus ais, meu rogo;  
Ouve-os, atende-os, e outra vez minora  
Origem triste, que os extrai do peito.  
Tu ao náufrago Elmano és porto amigo;  
Vou colher no teu seio errantes velas,  
Antes que alto escarcéu me sorva o lenho.

---

<sup>98</sup> O Tejo.

<sup>99</sup> O cisne representa o bom poeta; o corvo e, por vezes, a cigarra, o mau.

XVII — AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR CONDE  
DE SÃO LOURENÇO, D. JOÃO DE NORONHA. ANO DE 1801<sup>100</sup>

*Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.*

Virgílio, *Eneida*, liv. I

Sábio Varão, que na rugosa idade,  
No inverno da existência, quando em tantos  
É gelo o coração e é gelo a ideia,  
Conservas o verdor do sentimento,  
O viço da Razão! Cultor de Palas<sup>101</sup>,  
Da Virtude cultor, que a tens no peito  
Qual a teve no seio o Capitólio<sup>102</sup>,  
Antes que o luxo d'Ásia o corrompesse,  
E quando da charrua heróis saíam!  
Ó tu, que revolveste e que revolves  
Venerandos anais de Grécia e Roma,  
Onde, instinto a Virtude, instinto a Glória,  
Como feitos comuns olhou portentos!

---

<sup>100</sup> Ode publicada no ano de 1804 em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen*, obra vulgarmente conhecida por terceiro tomo das *Rimas*, p. 129.

D. João José Ansberto de Noronha (7 de março de 1725-Lisboa, 22 de janeiro de 1804), 6.º conde de São Lourenço, por casamento com Ana de Mello da Silva César e Meneses, e irmão do marquês de Angeja, Pedro José de Noronha (1716-1788), foi deputado da Junta dos Três Estados, gentil-homem da Câmara do rei D. José, sócio honorário da Academia Real das Ciências e da Academia Real da História Portuguesa e um dos maiores filólogos do seu tempo. Opositor do Marquês de Pombal e amigo íntimo dos Távoras, conheceu, em 1760, os cárceres da Junqueira. A 17 de maio de 1777, na sequência do falecimento de D. José e da queda daquele seu ministro, a sua inocência, bem como a do marquês de Alorna, foram, publicamente, reconhecidas. Subscreveu a obra *Tratado para a Educação do Príncipe*.

Intercedeu para libertar Bocage, que com ele conviveu no Hospício das Necessidades, instituição onde se recolhera, nos últimos anos de vida.

<sup>101</sup> Palas ou Minerva era a deusa da sabedoria, da guerra e das artes.

<sup>102</sup> Uma das sete colinas de Roma, onde estava sediado o templo de «Iuppiter Optimus Maximus» e das deusas Juno e Minerva; era o lugar mais sagrado de Roma.

Tu, que entras o Liceu<sup>103</sup>, que no Areópago<sup>104</sup>  
Sócrates vês e Sócrates te sentes;  
Dele a filosofia, os dons possuis  
E, outrora perseguido, outrora opresso,  
Dele (exceto a cicuta) houveste os males;  
Ilustre, generoso, honrado e grande,  
Sem carecer de avós, quais mil carecem,  
Sendo insignes os teus, quais mil não foram:  
Meus versos hoje a ti seu voo alteiam,  
Vão hoje versos meus contigo honrar-se,  
Aura celeste respirar contigo,  
No asilo da Ciência, da Piedade,  
No asilo que teus dias abrilhantam,  
Que a moral tua purifica e doura.

Longe um mundo apestado, um mundo inferno,  
Onde ardem Fúrias e triunfa o crime,  
Onde negra Política enroscada  
Determina invasões, desenha horrores;  
Gosta cenas da morte, ao longe abertas,  
Quer sorver sangue humano em taças de ouro,  
Quer cinza os campos, as cidades cinza,  
Quer, nume assolador, dar leis ao nada,  
E em púrpuras descansa, e dorme, e folga,  
Sonhando a execução de empresas brutas.

Graças, Deus benfazejo! Inda na Terra  
Existem lares que demande a Musa,  
Virgem mimosa, cândida, inocente,

---

<sup>103</sup> Bosque ateniense onde se encontrava um templo de Apolo; era ainda o local onde Aristóteles ensinava.

<sup>104</sup> Famoso tribunal de Atenas, que começou por aconselhar o rei; era constituído apenas pelos Eupátridas.

Que treme ao raio, que ao trovão desmaia,  
Que ao vício cora e que só preza o louro  
Quando é c'roa do engenho e não da fúria.

Graças, Deus providente! Inda na Terra  
Vive a Sabedoria! Inda teus olhos,  
Teus olhos, de que ao Sol emana o lume,  
Com paterno sorriso em lares pios  
Se empregam, se detém<sup>105</sup> e os creras parte  
Da tua habitação, dos teus Elísios<sup>106</sup>,  
Se pudera iludir-se a vista imensa!

Noronha benfeitor! Pinte a estância  
Da Razão, da Virtude, a estância tua.  
Que horas douradas, que formosos dias  
Nela dos lábios teus pendí, qual pende  
De face encantadora aceso amante,  
Lá na quadra viçosa em que o delírio  
Das galas da ventura se atavia!  
Mas que fruto diverso em ti se colhe!  
Colhe-se o fruto da moral sagrada,  
D'alta religião, de áurea ciência,  
De são princípios, que de balde inverte  
Tropel infecto de paixões danosas!

O preceito no exemplo confirmavas,  
Noronha, homem comigo, homem com todos,  
E, ouvindo-te, um ser novo em mim sentia.

---

<sup>105</sup> Em vez de «detêm», para não ferir a métrica.

<sup>106</sup> De acordo com a mitologia, local do além onde as almas boas ficavam antes da reencarnação.

Ah! Não taches, Senhor, ah! Não crimines  
De ingrato, de esquecido o triste vate,  
Que foi por teu favor, por teus auspícios  
Ao túmulo dos vivos arrancado<sup>107</sup>,  
Onde torva Calúnia o ferrolhara,  
Estígia sombra, que persegue os génios.  
Qual tu és benfeitor, tal eu sou grato:  
Em quadro paternal a imagem tua  
Sempre me adorna, me esclarece a mente.  
Semideus para mim! N'alma te invoco;  
Dos infelizes pai! Tua constância  
Nas procelas da vida é meu Santelmo<sup>108</sup>,  
Constância que luziu na desventura,  
Qual o planeta majestoso, augusto  
Com flamas de ouro dardejando as sombras.

Se a beber novo brilho, ideias novas  
Nas asas da Saudade a ti não voo,  
É que férreo dever, grilhão sagrado  
No pobre, tosco albergue me acantoam.  
Lucro mesquinho de vigílias duras,  
Património dos vates (e não sempre),  
Sustém meus dias, que parecem noites,  
E esteio aos dias são de irmã<sup>109</sup>, que terna  
Curte comigo tormentosos Fados.

Enquanto o génio cai, cedendo aos males,  
Nos áureos coches, que importaram crimes,  
Campeiam vãos autómatos pomposos,  
Soltos do pó que o berço lhes manchara;

---

<sup>107</sup> A prisão.

<sup>108</sup> Nota de Bocage: «Esta ideia anda usurpada em composição mais moderna.»

<sup>109</sup> Maria Francisca de Barbosa du Bocage (Setúbal, 13 de abril de 1771-*ibidem*, 11 de maio de 1841), que partilhou com o poeta, de 1802 a 1805, a casa situada na Travessa de André Valente.

Neles glória, virtude, amor é ouro,  
Neles o anel reluz, a alma negreja,  
Neles a Natureza envergonhada,  
Ao seio da Fortuna os arremessa,  
De carinhosa mãe lhes nega o nome,  
E só na morte os haverá por filhos.

Ah! Meu grande projeto era cantar-te,  
E a Sorte me desmancha o plano honroso.  
Eis te peno, Senhor, eis te entorneço:  
Releva-me o costume; usada ao pranto,  
Minha Musa infeliz cantando arqueja,  
E se em honra de alguém lhe alegre as vozes,  
Só aos dignos do canto o canto envio.  
Que às lisonjas servis não sei torcer-me  
Provo, esmaltando com teu nome o verso;  
Pouco eu não fora, se não fosses muito,  
O que digo de ti, de ti procede;  
Do nada torreões não ergo às nuvens,  
Em século de infâmias sou Romano:  
Neguem-no os Zoilos meus, se a luz se nega.

Tu, Romano inda mais, maior nos Fados,  
Nos méritos maior! Sereno acolhe  
De terna gratidão votiva of'renda:  
É ténue, mas fiel, vulgar, mas pura;  
E altamente cantar-te a quem foi dado?  
Cabia teu louvor de Esmirna ao vate<sup>110</sup>:  
Só nele há verso que te iguale a fama.

---

<sup>110</sup> Homero, que, segundo alguns autores, era natural de Esmirna.

XVIII — AO SENHOR JOAQUIM SEVERINO FERRAZ DE CAMPOS<sup>111</sup>

*Ut vidi! Ut perii! Ut me malus abstulit error!*

Virgílio, *Écloga Alphasib.*

Teus versos li, reli, canoro Alcino;  
Graças e graças me acordaram neles  
Do letargo em que tinha a mente absorta,  
Em que sempre sonhei fatais verdades!  
Não te assombres, amigo, assim se exprime  
Pela voz da experiência o Desengano.  
Os sonhos do infeliz não são quimeras,  
Negros filhos do Mal, ao pai semelham,  
Colhem d'alma o terror, as sombras colhem,  
De nós mesmos, em nós (digo nos tristes,  
Nos míseros como eu) surgem, ressurgem.  
Já, quais manchados tigres famulentos,  
Ferram nos corações o dente, as garras,  
Já de pesada e lóbrega procela  
Vestem medonha cor, que as Fúrias trajam;  
De mar subitamente acapelado  
Com rígido tufão revolvem serras;  
Arde, retumba o céu, roto de raios,  
Da Esperança o baixel em vão mareia;  
Terrível repelão lhe rasga o pano,  
Repentino escarcéu lhe rouba o leme;  
Arfando aos astros vai, vai aos abismos,

---

<sup>111</sup> Publicada no ano de 1804 em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen*, obra vulgarmente conhecida por terceiro tomo das *Rimas*, p. 134.

Joaquim Severino Ferraz de Campos (Lisboa, 1760-1813) exerceu o cargo de escrivão da Provedoria dos Resíduos e da Junta do Depósito Público. Foi um dos membros fundadores da «Nova Arcádia», na qual utilizava o pseudónimo literário de Alcino Lisbonense. No seio dessa associação, os dois poetas incompatibilizaram-se. A reconciliação foi selada pouco depois, a qual está patente no prólogo poético, redigido por Bocage, da obra *As Plantas*.

Nas ondas em montões negreja a morte:  
O piloto Razão, sem luz, sem rumo,  
Solta inútil clamor, enfim desmaia,  
E o lenho, entregue a si, dá nos rochedos  
Do enorme, do voraz, do horrível pego.

Que é isto, Alcino meu, senão a imagem  
De agros martírios co'a existência envoltos,  
Presos (parte integrante) aos desgraçados!  
Males, ou vele ou durma, encontro n'alma;  
Os olhos corporais, e os olhos dela  
De tormento, de horror vem<sup>112</sup> mil objetos,  
Objetos sempre iguais, os mesmos sempre,  
Ou se a substância e forma alguns variam,  
Tomam forma pior, pior substância.

Tu, vã Filosofia, embora aviltes  
Os crentes nas visões do pensamento,  
Turvo clarão de raciocínios tristes  
Por entre sombras nos conduz, e a mente,  
Rastejando a verdade, a desencanta;  
Nem doloroso espírito se ilude  
Se o que, dormindo, creu, crê despertando.  
Até no afortunado a vida é sonho  
(Sonho, que lá no fim se verifica),  
E ansioso pesadelo em mim, que a choro,  
Em mim, que provo o fel da desventura  
Desde que levantei, que abri, carpindo,  
Os olhos infantis à luz primeira;  
Em mim, que fui, que sou de Amor o escravo,  
E a vítima serei, e o desengano

---

<sup>112</sup> Sic, em vez de «veem», para não ferir a métrica.

Da suprema paixão, por ti cantada  
Em versos imortais, como o princípio  
Etéreo, criador, de que emanaram.

Neles, ó vate, ressumando o néctar,  
Por mão das Musas para ti filtrado,  
N'alma se me entornou, fez-me serena  
No opresso coração do pranto a fonte.  
Eis, ganhando o sabor ao metro ameno,  
Sobem lágrimas doces dentre amargas.  
Natureza, Razão, Filosofia,  
Amor, o infesto Amor, o algoz de Elmano,  
Tesouros do Prazer se me antolharam  
Nos quadros que esparziu pincel divino.

Milagres da harmonia? Eu vos adoro,  
Milagres da harmonia, ah! Vós pudestes  
Mais em minha alma que experiência e fados.  
Trouxestes-me outro ser, outras ideias,  
Até outro universo, outros destinos  
Em áureas ilusões à fantasia!  
Sim, pareceu-me em vós a Natureza  
Bela como saiu das mãos de Jove.

Cuidei que amor suave, amor piedoso  
Recompensava um ai com mil favores  
(Se um ai no coração princípio tinha);  
Cuidei que em laço de ouro, em laço eterno  
Os entes à ventura amor ligava,  
Cuidei que era de um deus penhor e prova.

Não de Ulina desdéns, sorrisos dela  
Na face angelical supus que via;  
Supus que em seu gentil, seu níveo colo,  
Nos olhos divinais o ardor cevando,  
Cevando o coração na rósea boca,  
Em mistérios de Amor despindo a essência,

Me era dado elevar-me ao grau de nume,  
As delícias do Céu gozar na Terra.  
Então vociferei, como encantado:  
Existir sem amar! Que horror! Qu'Inferno!  
Não: viva-se de amor, de amor se morra.

Mas dentro em pavorosa, antiga selva,  
De teixos, de ciprestes assombrada,  
Que das nuvens os véus, que os véus da noite,  
Rebombando o trovão, rugindo o vento,  
Tornaram mais escura e mais horrenda,  
Se aflito, solitário viandante,  
Para aqui, para ali vagando incerto,  
Dentre aquele pavor sombrio, imenso,  
Vê romper um clarão, que nasce e morre,  
A momentânea luz que lhe aproveita?  
C'ó'a feia solidão recai nas trevas  
E as trevas o relâmpago reforça.

Sonoroso cantor, prezado amigo,  
Eu sou do caminhante a cópia triste,  
Teus versos o fulgor que alguns momentos  
Aclarou na minha alma antigas sombras.  
Ela no mal, na dor caiu de novo,  
E a imagem d'alegria à minha ideia  
O abismo da aflição tornou mais denso.

De um lado as Graças, doutro lado as Fúrias,  
Atrativos daqui, dali tormentos,  
Surge Ulina outra vez, qual é, qual era,  
Dura e querida, divindade e monstro.  
Para mim, para mim tropel de horrores  
(De horrores, cujo apuro és tu, Ciúme),  
Lhe abre o caminho, lhe dirige o passo:  
A férrea Ingratidão precede a todos,  
E contra o peito ebúrneo lhe respira  
Atros vapores, que engoliu no Averno.

Celestes perfeições, morreis com eles,  
Rosas de Amor, a Ingratidão vos murcha;  
Com ela não brilhais, lumes formosos,  
Magos sorrisos, não brilhais com ela,  
Sois mancha, não sois glória à Natureza,  
Sois do mundo o veneno, a peste, a morte...

Alcino, eu desespero, Alcino, eu morro.  
Tu, que aos delírios meus a origem sabes,  
Que os meus extremos viste e o prémio deles,  
E que fruto colhi, que fruto acerbo,  
Vê se Amor, se a Razão merecem culto,  
Vê quais são: Ela fraca! Ele tirano!  
A que tanto esplendor toma em teus versos  
De emanação de Jove arroga o nome  
E aos pés de ímpio Senhor cai, vil escrava!  
Ah! Se negra paixão, que enluta os dias  
Ao vate carpidor, ao cego amante,  
No peito do infeliz se aniquilara!  
Se revivesse enfim o ardor sagrado,  
Onde funesto ardor só de ânsias vive,  
Como teu estro sobe, o meu subira  
Nas asas da harmonia ufana e leda,  
Afoito demandando eternidade.

De ti, cisne de Amor, cisne do Tejo,  
Que imaginários bens no canto adornas,  
Por mais e mais que estude os sons mimosos,  
Ave das sombras, costumada ao pranto,  
Gorjeio encantador colher não pode.

Amor sabes cantar, eu sei chorá-lo,  
Inata propensão domina os entes;  
A Natureza em mim e em ti murmura:  
«Elmano chore Amor, Alcino o cante.»

Da Sorte, caro amigo, a lei sigamos;  
Nosso temperamento é nosso Fado,  
Fado contudo, ó Jove, a ti sujeito.

## XIX — AO SENHOR ANTÓNIO BERSANE LEITE<sup>113</sup>

Os Amores há muito, há muito as Graças,  
E a deusa, deles mãe, mãe de teus versos,  
Instam que à Pátria os dês, que os dês à Fama.  
Tarde cedeu Tiónio à voz divina,  
Tarde, que vezes cento a páfia<sup>114</sup> turba  
(Nas horas brandas, em que aos ais me acode)  
Carpindo-se de ti, me disse, ó vate:  
«O ingrato, que inspiramos, foge à glória,  
Ao público louvor se esquivava e furta.  
Grinaldas de amaranto, e mirto, e rosas,  
Dos maternos jardins por nós colhidas,  
Sofre que as murche, que as definhe<sup>115</sup> o Tempo,  
Na frente onde borbulham, fervem, brincam  
Gentis ideias e expressões mimosas.  
Aos numes do prazer, de Cípria aos filhos,  
Que para eternizá-lo os sons lhe deram,

---

<sup>113</sup> Publicada na obra *Quadras Glosadas* de António Bersane Leite. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. VII.

António Bersane Leite de Paula nasceu em 1748 e faleceu em Minas Gerais, Brasil, para onde se deslocou com a corte de D. João VI. Em 1797, o *Almanaque de Lisboa* dava-o como contador do Arsenal do Exército. Era casado com Teresa Doroteia da Silva; desse matrimónio nasceram João Leite de Oliveira Bersane, Maria Vicência Bersane Leite e Ana Perpétua Bersane Leite.

Amigo íntimo de Bocage, adotou como pseudónimo literário «Anélio». Reza a tradição que o poeta se terá apaixonado pela filha, Maria Vicência. Porém, os afetos de Bocage ter-se-ão concentrado, mais tarde, na sua irmã, Ana Perpétua, de acordo com os testemunhos do morgado de Assentiz e de D. Gastão da Câmara Coutinho, referidos por Inocêncio (t. I, p. 387). Bocage dedicou-lhe um soneto quando a sua esposa faleceu: «Tributo em ais no coração gerados».

<sup>114</sup> Relativo a Pafos, cidade da ilha de Chipre, na qual existia um templo a Vénus.

<sup>115</sup> No original: «define».

Remisso, desleixado, assim responde!  
Os deuses, nos mortais que mais amimam,  
Às vezes corações de ferro encontram!  
Cantor de Teios<sup>116</sup>, os teus versos vivem,  
Vivam com eles de Tiónio os versos;  
E o nume falador, que gira o Globo<sup>117</sup>,  
Nele esparzindo-os, amacie as vozes,  
Colha brandura do amorável canto.»

Assim, queixosos da tenaz modéstia,  
Com que teu nome a teu louvor negavas,  
A rósea, tenra face os deuses nossos  
De aljôfar mavioso humedeciam.

Enfim, cedeu Tiónio à voz divina:  
Já vê com glória o literário mundo  
Que brilha um génio mais no céu das artes.  
Versos formosos, adejai sem susto,  
Meigos Amores, escoltai-lhe o voo.  
Embora ladre o Zoilo, embora os morda  
Dente canino de Aristarco<sup>118</sup> inerte,  
Os fins se frustrem da escumante Inveja,  
Que no seu nada quer sumir o engenho,  
Roer-lhe, apodrentar-lhe a flor e o fruto.

Prole dos numes, quase nume, o vate  
Vive no tempo, na memória vive,  
E vai do tempo, e da memória aos astros,  
Converter-se em porção da eternidade.

---

<sup>116</sup> Anacreonte, poeta lírico grego (século VI-século V), natural da ilha de Teos.

<sup>117</sup> Mercúrio, deus da eloquência e mensageiro de Júpiter.

<sup>118</sup> Crítico severo.

Ó século ferrenho, a teu mau grado  
Há quem preze a Razão, quem preze as Artes,  
Há mão que avive e galardoe o génio!

Folguem de Febo espíritos mimosos,  
Folga, Tiónio, seu querido aluno:  
Dentre as furnas da Inveja, ou tarde ou cedo,  
Surge a Glória em triunfo, e nunca morre.

## XX — AO SENHOR GREGÓRIO FREIRE CARNEIRO<sup>119</sup>

A Freire benfeitor, ao caro amigo,  
Àquele que mil vezes tem salvado  
Do pego da indigência o triste vate,  
Versos do coração Bocage envia.  
Versos do coração não se guarnece  
Do falso adorno de atiladas vozes;  
Filhos da Natureza, a mãe semelham,  
Correm serenos, aprazíveis, puros,  
Por leito igual, por límpidas areias,  
Derivam-se de amor e amor procuram.  
Quais os afetos meus, tais são meus versos:  
A névea candidez os purifica,

---

<sup>119</sup> Epístola publicada pela primeira vez por Nuno Álvares Pato Moniz in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria Barbosa du Bocage. Tomo IV e 1.º das Suas Obras Póstumas*. Lisboa: Impressão Régia, 1813, p. 119. Apresenta a indicação de que foi composta «de repente».

Gregório Freire Carneiro, que subscreveu o segundo tomo das *Rimas*, era membro da Maçonaria e pertencia à loja frequentada por Bocage. Acabou por ser detido, sendo-lhe levantado um processo, que é passível de ser consultado na Torre do Tombo (Inquirição de Lisboa, n.º 3757).

A cançoneta «Roxeava no horizonte» foi dedicada por Bocage a sua esposa, D. Maria do Carmo. A 12 de agosto de 1804, o poeta enviou-lhe esta epístola, acompanhada pela seguinte carta, solicitando-lhe auxílio monetário: «Um calo que ferí me detém em casa, razão por que não posso buscar-te e por que lá não fui no princípio do mês. Peço-te que me acudas com o que puderes, como tantas vezes; e crê que sou — Teu grato amigo — Bocage.» Ambos os textos encontravam-se na posse de Inocêncio.

O lustre da amizade os abrilhanta.  
Assim de quando em quando os não turvasse  
Denegrido vapor, que as almas tolda,  
Hálito infesto<sup>120</sup>, que dos lábios feios  
Sobre meus dias a tristeza espalha.  
Ele inda há pouco me turvou na mente  
Mimos das Graças<sup>121</sup>, mimos dos Amores.  
Marília, glória tua e glória deles,  
E como a deles mãe, primor e extremo  
De encantos, de atrativos; outra Vénus,  
Deusa nos olhos, nos sorrisos deusa;  
Marília, doce ardor de teus sentidos,  
Seu dia genial, seu áureo dia  
Viu há pouco outra vez luzir no Polo,  
E eu a cantá-lo afeito, eu, que me honrava,  
Unindo o claro objeto aos sons da lira,  
Eu tremi, desmaiei, caí na empresa,  
Que audaz tentara, que feliz cumprira.  
Prestante Amigo! À minha dor perdoa;  
Já, de usado a gemer, cantar não posso,  
Sei versos de tristeza urdir somente,  
Só versos, quais escrevo e quais te envio,  
Não, como os prometi, serenos, puros.  
No começo a desgraça, o turvo alento  
Sobre eles esparziu e os fez tão tristes.  
Pela voz da Indigência eles te imploram;  
Tu, que sempre magnânimo os ouviste,  
Dá-lhe a resposta que lhes sempre há dado,  
O socorro eficaz com que aligeire  
Dos agros dias meus o férreo peso.

---

<sup>120</sup> Na lição de Inocêncio Francisco da Silva: «infausto».

<sup>121</sup> Aglaia, Talia e Eufrosine, filhas de Júpiter e de Vénus, divindades que se caracterizavam pela sua extrema beleza.

XXI — AO SENHOR ANTÓNIO JOSÉ ÁLVARES<sup>122</sup>

Foi lida, foi relida, e grata e doce  
De Elmano ao coração, já murcho em mágoas,  
Epístola gentil, com que revestes  
A Razão de harmonia; é ouro o estilo,  
Sentimento a moral, ternura o metro,  
Amor uma virtude, um céu beleza.

Cândido Cisne, de recentes plumas,  
Alças ditoso adejo em ares novos,  
Donde sem conto os Ícaros baqueiam;  
De Febo nos jardins és tenro arbusto,  
Que já com frutos lisonjeia o gosto.  
Natureza é terreno, arte é cultura;  
Esta lavre, amacie, adube aquela;  
Medre engenho novel cõas leis de Horácio<sup>123</sup>,  
Tesouros da Razão. Lê, pensa, escreve,  
E cedo, em torno a ti, latindo os zoilos,  
Tentarão denegrir-te, hão de ilustrar-te.  
Agro, difícil, íngreme, espinhoso  
O espaço que nos sobe ao grau de vates,  
Pouco a pouco, em lições que o génio guiam,  
Se vai desemeçando e vai polindo,  
Até que lá no cimo é flores todo.

---

<sup>122</sup> Epístola publicada na *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage na Sua Moléstia, com as Obras Que Lhe Foram Dirigidas por Vários Poetas Nacionais, Dedicada a Seu Benéfico Amigo o Senhor Marcos Aurélio Rodrigues*. Lisboa: na Impressão Régia, 1805, p. 59.

<sup>123</sup> Quinto Horácio Flaco (Venusia, 8 de dezembro de 65 a. C.-Roma, 27 de novembro de 8 a. C.), poeta latino satírico, autor da famosa *Arte Poética*, também conhecida por *Epístola aos Pisões*, de *Sátiras* (35-30 a. C.), *Odes* (25-24 a. C.) e de *Epístolas*. A sua poesia influenciou vários autores portugueses, entre outros, Sá de Miranda, Correia Garção, Filinto Elísio, Nicolau Tolentino e Bocage. Este chamou-o à colação em diversas epígrafes.

Tu de razão, de sentimento abundas,  
Estro possuis, experiência gozas,  
Arte não tens: o que não tens granjeia.

Tais noções extraiu da mente a custo  
Elmano, o preso ao leito, ou preso à morte.

XXII — AO REVERENDÍSSIMO PADRE-MESTRE O SENHOR FREI  
JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELOSO<sup>124</sup>

Qual dentre as rotas, náufragas cavernas  
Do lenho que se abriu, desfez nas rochas,  
Colhe afanoso, deplorável nauta  
Relíquias ténues, com que a vida esteie,  
Em erma, ignota praia, a que aboieram,  
E onde a custo o remiu propícia antena,  
Tal eu, que da existência o pego, o abismo  
(De que assomam, rebentam, rugem, fervem  
Rochedos, escarcéus, tufões e raios),  
Tal eu, que da existência o mar sanhudo  
Vi romper meu baixel e arremessar-me  
A inóspitos montões de estranha areia,

---

<sup>124</sup> Publicada in *A Virtude Laureada: Drama Recitado no Teatro do Salitre, Composto e Dirigido ao Revmo. P. M. Fr. José Mariano da Conceição Veloso*. Lisboa: na Impressão Régia, 1805, p. 3.

Religioso da Ordem de São Francisco do Rio de Janeiro (Conceição, Rio de Janeiro, 1742-Rio de Janeiro, 1811), Veloso chegou à capital, em 1790, integrado na comitiva do governador cessante do Brasil, Luís de Vasconcelos e Sousa Veiga Caminha e Faro, a bordo da fragata *Nossa Senhora das Necessidades, Tritão* (*Gazeta de Lisboa*, de 21 de setembro). Dirigiu, desde a sua fundação, em 1799, a Tipografia Calcográfica e Literária do Arco do Cego, na altura possuidora da metodologia mais sofisticada no domínio da impressão. O escopo deste empreendimento prendia-se com a divulgação de temas de caráter científico, tendo o Brasil como objeto prioritário, dada a sua extrema riqueza, praticamente inexplorada. A editora foi extinta, por decreto de 7 de dezembro de 1801, e incorporada na Imprensa Régia, por decreto de 29 de dezembro do referido ano. É autor de uma extensa e valiosa obra de caráter científico.

Triste recolho os míseros sobejos  
Com que esvaído alento instaure, esforce,  
E avive os dias, que amorteço em mágoas.  
Em ti, constante, desvelado amigo,  
Demando contra a Sorte asilo e sombra,  
Ó das Musas fautor, de Flora<sup>125</sup> aluno!  
(Rasgado o véu da alegoria) estende  
Ao metro, que desvale, a mão, que presta.  
Se asas lhe deres, em suave adejo  
De Lísia ao seio, que a virtude amima,  
Dela cultores, voarão meus versos,  
E o pátrio, doce amor ser-lhe-á piedoso.

XXIII — AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR AIRES  
DE SALDANHA E ALBUQUERQUE, CONDE DA EGA, ETC., ETC.<sup>126</sup>

Se a luz, claro Saldanha, a luz sagrada,  
Que aos vates escandece o peito, a mente,  
Em grau, credor de ti, me afogueasse;  
Ou, como a grande, a majestosa Alcipe<sup>127</sup>,  
Com pejo de existir cá onde há morte,  
Ousara demandar no afoito adejo  
Plagas imensas, onde tudo é vida;  
Se, dando à Natureza um novo cisne,

---

<sup>125</sup> Referência à botânica, que o homenageado particularmente investigava.

<sup>126</sup> Publicada por Nuno Álvares de Pato Moniz in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria Barbosa du Bocage. Tomo IV e 1.º das Suas Obras Póstumas*. Lisboa: Impressão Régia, 1813, p. 116; e por Inocêncio Francisco da Silva, t. III, p. 111.

Aires José Maria de Saldanha Albuquerque Coutinho Matos e Noronha (Funchal, 29 de março de 1755-Lisboa, 12 de janeiro de 1827), 2.º conde da Ega, pertenceu ao conselho do príncipe regente e exerceu os cargos de gentil-homem da Câmara, deputado da Junta dos Três Estados, alcaide-mor de Guimarães e Soure e de inspetor-geral dos provimentos do Exército. Casou-se, em segundas núpcias, com Juliana Maria Luísa Carolina Sofia Oyenhausen, terceira filha da Marquesa de Alorna. Subscreveu o segundo tomo das *Rimas*.

<sup>127</sup> Pseudónimo literário da Marquesa de Alorna.

Qual o Ausônio cantor<sup>128</sup>, maior que a Fama<sup>129</sup>,  
Ante Febo, entre as Musas, entre Arcanos,  
Provasse que, rompendo as leis da Sorte,  
Estro os entes mortais gradua em nunes,  
Coisas ao vulgo estranhas me escutaras,  
Versos, antes milagres de harmonia!  
N'alma, no coração, na voz d'Elmano<sup>130</sup>  
Fados, visões, oráculos, fervendo,  
Qual se abrija a teus olhos áurea cena  
No espaço do porvir, delícias toda!  
Tal que Jove no Olimpo a goza apenas!  
Viras em quadro de atiladas cores  
Além do ameno, genial teu dia,  
Amor à frente dos louções Prazeres,  
Entre o sussurro dos sorrisos brandos,  
Nas aras<sup>131</sup> de Himeneu<sup>132</sup> co'as lindas Graças,  
Crestar sabeu<sup>133</sup> perfume ao som dos hinos,  
Destarte remontando o doce metro:  
Um sorriso de amor séculos vale,  
Mil momentos de amor a eternidade.  
Viras de dia em dia os cofres d'ouro,  
No seio animador de quanto existe  
Volvendo, revolvendo a Natureza,  
A ver se no fervor, se nos transportes  
Com que de eternos<sup>134</sup> dons, com que de encantos  
(Ignotos aos mortais) ataviara

---

<sup>128</sup> Virgílio, poeta romano.

<sup>129</sup> Mensageira de Júpiter. É representada na figura de um monstro, com tantos olhos, orelhas e bocas como as penas que ostentava no corpo.

<sup>130</sup> Este verso não consta da lição de Pato Moniz.

<sup>131</sup> Na lição de Inocêncio Francisco da Silva: «asas».

<sup>132</sup> Matrimónio.

<sup>133</sup> Relativo ao país de Sabá.

<sup>134</sup> «Étéreas», na lição de Inocêncio.

D'alva Julina<sup>135</sup> o divinal composto,  
Houve encanto, houve dom, que lhe escapasse;  
Porque às vezes do ardor provêm descuidos,  
Viras com que altivez, depois do exame,  
A mãe universal, desenganada  
De haver subido ao cume a glória sua  
Nas altas perfeições da semideusa,  
Ufanos olhos em teu gesto atentos,  
Fitos nos olhos teus de amor fulgentes,  
Te dizia, apontando à bela esposa:  
«Desse tesouro meu só tu és digno.»

Ah! Que atração, Senhor, se o pensamento  
De lúgubres fantasmas carregado,  
Dos males sacudindo o luto, o peso,  
Fora capaz em mim de alçar-se a tanto!

Ó nova irmã de Febo! Alcipe, Alcipe!  
Musa do Tejo! Altíssima cantora!  
Contra o gelo tenaz, que sobre esta alma  
A amenidade, o viço ao génio mirra,  
Tu manda, tu despede um raio, um raio  
Do imenso, eterno Sol, que em ti reflete!  
Dá-me eflúvios subtis da acesa ideia  
(Confidentes dos numes, prova sua),<sup>136</sup>  
Ideia onde em tropel mistérios andam,  
Portentos com portentos se encadeiam;  
Nos Céus, na Terra como entorna os dias,  
E sempre o mesmo, e novo, o grão planeta  
Opulento de si surge e ressurge,  
Tal podes atear-me a sacra flama,  
E, deusa, quase um deus tornar Elmano.  
Invocados por mim teus dons, teu nome,  
Depondo a sanha, as rugas aplanando

---

<sup>135</sup> Juliana, a consorte do conde da Ega.

<sup>136</sup> Este verso não consta da lição de Pato Moniz.

O terrível sobrolho de meus Fados,  
Fértil de assombros, me erguerei na Fama,  
E, se é possível, cantarei contigo  
Julina, teu penhor, delícias tuas  
E o grande coração, de Amor valido,  
Não só da Humanidade ornato, apuro,  
Fonte não só de perenais virtudes,  
Mas digno até da lira, até do canto,  
Com que domas o Tempo, a Morte, o Letes.

XXIV — AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR JOSÉ CALDEIRA D'ORDAZ  
E QUEIRÓS, BARÃO DE CASTELO-NOVO, ETC., ETC.<sup>137</sup>

Ao que luziu na Fama, honrando a Pátria  
Cõas artes marciais que a Pátria munem,  
E os dons com que Minerva<sup>138</sup> ilustra o globo;  
Àquele que, depondo o térreo nada,  
É centelha da luz que forma os astros;  
Àquele em cujo espírito apurado  
Reflete um Sol imenso, um dia eterno;  
Ao sublime d'Ordaz, ao génio grande  
De que és herdeiro em título, em virtudes,  
Esta não baixa of'renda eu destinava,  
Grato aos sorrisos, às carícias grato,  
Com que em mais doce, mais serena idade  
Cingiu nos braços a inocência minha.  
Os Fados (ah!) vibrando a férrea dextra,

---

<sup>137</sup> Epístola primeiramente publicada por Desidério Marques Leão in *Obras Poéticas de M. M. Barbosa du Bocage*. Lisboa: Imprensa Régia, 1812, p. 76; perfilhámos, porém, a lição de Inocêncio Francisco da Silva, t. III, p. 116.

José Caldeira de Ordaz e Queirós, 2.º barão de Castelo Novo (28 de dezembro de 1774-18 de setembro de 1851), cavaleiro-fidalgo da Casa Real, oficial de cavalaria, comendador de Santa Maria de Segura da Ordem de Cristo, era casado com Angélica de Meneses de Ordaz Queiroz e Vasconcelos, sua prima, herdeira do 1.º barão de Castelo Novo.

<sup>138</sup> Deusa da sabedoria, da guerra e das artes.

Os Fados avarentos o arrancaram  
Dentre os mortais, que honrava e que instruía,  
Mas d'Ordaz vive em ti; d'Ordaz e a glória  
Nos seus (sendo qual és) heróis não morrem;  
E o que na voz comum de ti ressoa  
Exige do filósofo e do vate  
Feudo que honra o que dá e o que o recebe.  
A ti e aos manes do guerreiro ilustre  
Vai, pois, minha oblação, composta de hinos  
Não indignos de ti — que as Musas viram  
Sorrir-se para alguns a Eternidade:  
Teu sólido favor lhe alteie o preço,  
E todos ficarão credores dela.

XXV — AO SENHOR FRANCISCO DE MENDONÇA  
ARRAIS E MELO<sup>139</sup>

Caro, amável Mendonça, o teu Bocage,  
O terno amigo teu, que em áureos dias  
Momentos festivos gozou contigo;  
O vate que em teus lares, que a teus olhos  
E à face do imortal, canoro Ismeno<sup>140</sup>,  
Foi cisne junto a cisne, e deu tais voos,  
Que as asas do improvisado o céu roçaram,  
Por milagre, talvez, de Armânia<sup>141</sup> bela,

---

<sup>139</sup> «Epístola improvisada», publicada pela primeira vez por Nuno Álvares Pato Moniz in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria Barbosa du Bocage. Tomo IV e 1.º das Suas Obras Póstumas*. Lisboa: Impressão Régia, 1813, p. 114. De acordo com Inocência Francisco da Silva, o autógrafo original apresenta a data de 1805.

<sup>140</sup> João Vicente Pimentel Maldonado, também poeta e membro da Maçonaria (Lisboa, 22 de janeiro de 1773-*ibidem*, 8 de fevereiro de 1838). Foi várias vezes referido nos poemas de Bocage, que lamenta o seu distanciamento no soneto «Melibeu me cantou, cantou-me Oleno», composto na parte final da sua vida.

<sup>141</sup> Segundo Castilho, a irmã de João Vicente Pimentel Maldonado, Mariana Antónia Pimentel Maldonado, era poetisa e frequentava os salões literários.

De Armânia tua, cujos dons são numes,  
Nunes que inspiram mais denodo à mente,  
Mais vida ao coração, que as deusas nove<sup>142</sup>,  
Elas doce quimera, eles verdade;  
Elmano, o triste Elmano, hoje deplora  
Esse tempo em que riu: memória acerba  
É para o mal presente o bem passado;  
Horas, de que o prazer foi lindo esmalte,  
Trajando negra cor, me pousam n'alma:  
O misto da existência é riso e pranto;  
Se delícias gostei, martírios provo.  
Ferem-me os cem punhais do reumatismo  
(Prole fatal da natureza infecta),  
E em cada sensação, que vale a morte,  
Míngua e se evapora o sofrimento.

Desvalido, infeliz, a ti recorro,  
A ti, que vezes mil às mil tormentas,  
Aos mil naufrágios meus tens sido o porto.  
No pego do infortúnio em que vagueio,  
De novo, em torno a mim, procela horrenda  
Das asas infernais sacode a noite,  
E arte, força, baixel aos Euros<sup>143</sup> cedem.

Com pródigo favor, com mão piedosa  
Imita os numes, auxilia Elmano.

---

<sup>142</sup> As Musas, que eram em número de nove: Clio, Melpómene, Talia, Euterpe, Terpsícore, Érato, Calíope, Urânia e Polímnia.

<sup>143</sup> Vento do Oriente.





**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ODES



## 1 — ODES SOBRE A VIVÊNCIA DO CÁRCERE

I — AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR JOSÉ DE SEABRA  
DA SILVA, MINISTRO E SECRETÁRIO DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DO REINO<sup>1</sup>

Fantasma do Terror, sócios funestos  
Do queixoso Infortúnio,  
Tristes combinações, verdugos d'alma,  
Já não sois meus tiranos.  
Descei, filhas do céu, tornai-me a lira,  
Tornai-me o dom sagrado;  
Meus dedos, quase inertes de ociosos,  
Pelos canoros fios<sup>2</sup>  
Cõos apolíneos sons de novo atinem,  
Achem de novo a glória.  
Celeste viração, que a mente humana  
Fecundas, purificas,  
Estro brilhante, criador dos hinos,  
Dissipa imagens turvas,  
D'agra tristeza desvanece o rasto  
No espírito do vate,  
À sombra dos altares acolhido.<sup>3</sup>  
A estrídula corrente,  
O peso infamador aqui não soa,  
Aqui não soam mágoas

---

<sup>1</sup> Ode publicada no segundo tomo das *Rimas*, edição de 1799, p. 75. Nela o autor manifesta gratidão pelo papel nuclear, conducente à sua libertação, desempenhado por Seabra da Silva. A 17 de fevereiro de 1797, Bocage foi enviado pela Inquisição para o Mosteiro de São Bento da Saúde, expediente utilizado por aquele estadista para o poder, pouco depois, libertar. O redator do *Dietário dos Bentos da Saúde* registou a sua entrada, de forma entusiástica, apelidando-o de «célebre poeta, bem conhecido nesta corte pelas suas poesias e não menos pela sua instrução». Bocage manteve-se no referido mosteiro até ao dia 24 de março de 1797, data da sua transferência para o Hospício das Necessidades, onde se encontrava sediada a Congregação do Oratório. A sua almejada libertação ocorreu pouco depois.

<sup>2</sup> As cordas da lira, ou seja, a poesia.

<sup>3</sup> Bocage alude aos Beneditinos, que o receberam fraternalmente.

Da vexada Inocência lamentosa,  
Nem do Crime oprimido  
Atroz blasfêmia desafia o raio.  
Aqui reina a Virtude,  
A fagueira Piedade acode ao pranto,  
Tempera a desventura.  
Mais do que em todos neste asilo augusto  
Como que estás soprando,  
Oh pura, salutar, vivificante  
Respiração de Jove!  
Já da semente, que afogavam medos,  
Surgem frutos viçosos  
Em que os heróis a Eternidade gostam;  
D'alma rebentam versos,  
Versos que vão luzir, votiva ofrenda,  
Da Gratidão nas aras.  
Tu, Seabra imortal, meu canto acolhe  
Como os ais me acolheste,  
Constrangendo a modéstia, anui ao voto.  
No idioma de Febo  
Dá que em teus vivas minha voz se inflame;  
Que das Musas o aluno,  
Grato aos influxos da clemência tua,  
A teu caráter grande  
Padrões erija, que não rói a idade.  
Horas há portentosas  
Em que, da vil matéria desatado,  
Sem que o desligue a morte,  
Além da Natureza adeja o vate;  
De encarar no vindouro  
O dom foi agregado ao estro santo;  
Para os filhos de Apolo<sup>4</sup>  
Privilégio não tem, nem véus, nem sombras

---

<sup>4</sup> Os poetas.

O imutável Destino.  
Num ígneo turbilhão correndo a mente  
Aos Penetrais eternos,  
Em lâminas de bronze olhei teus Fados  
Com mudo acatamento.  
Dado me foi também colher futuros  
Para amáveis penhores  
De que o doce Himeneu<sup>5</sup> te fez mimoso.  
É da Sorte decreto  
Que as vergôntes gentis vicejem tanto  
Como a planta que as nutre;  
Em não remota idade ornando a Pátria,  
Na Fama reluzindo,  
Heróis produzirão, que heróis produzam.  
Não se alucinam vates,  
Mil glórias te hei previsto à clara estirpe,  
Brilhará como brilhas,  
E de igual permanência estão fadados  
O Universo e teu nome.

---

<sup>5</sup> Casamento.

II — AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR JOSÉ  
DE SEABRA DA SILVA<sup>6</sup>

*Seigneur, si jusqu'ici par un trait de prudence  
J'ai demeuré pour toi dans un humble silence,  
Ce n'est pas que mon coeur, vainement suspendu,  
Balance pour t'offrir un encens qui t'est dû.*

Boileau, *Épître au Roi*

A séria, imparcial Filosofia  
Também louvores tece,  
Também canta de heróis, ó Musa, o nome.  
Se com ar carrancudo,  
Se com terrível cenho os olhos lança<sup>7</sup>  
Ao monstro fraudulento,  
Ao segundo Proteu<sup>8</sup>, que se insinua  
Nos sumptuosos paços,  
Que mil figuras faz, mil cores toma  
Do Tempo e da Fortuna,  
Os erros abrilhanta, os vícios doura,  
À túrgida opulência  
Queima em profano altar venais aromas,  
E adora, aplaude os crimes,  
Quando os crimes protege a vária deusa,  
Enquanto à míngua morre  
No vil tugúrio o mérito esquecido;  
Se a lisonja abomina,  
A lisonja falaz, abjeta, escrava;

---

<sup>6</sup> Ode dedicada a José de Seabra da Silva, personalidade que desempenhou um papel determinante na libertação do poeta. Foi publicada postumamente por Pato Moniz, nas *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria Barbosa du Bocage*, t. IV, p. 192. Nela, Bocage apostrofa a calúnia. Sobre aquele estadista, v. a nota à epístola que o poeta lhe dirigiu., na página 41.

<sup>7</sup> No original: «lança».

<sup>8</sup> Filho de Oceano e de Tétis, tinha o dom de conhecer o futuro.

Se maldições tremendas  
Sobre a curva cerviz lhe descarregas;  
Se invocas em seu dano  
O Mar, a Terra, os Céus, o Inferno, o raio,  
Hoje, no grémio puro  
De são prazeres, desenruga a testa,  
Rende culto à verdade,  
De sublime varão remonta os vivos  
Ao Polo rutilante.  
Política feroz, que sempre armada  
De bárbaros pretextos,  
À morte horrenda em lúgubre teatro  
Dás vítimas sem conto,  
Apoucas e destróis a humanidade,  
Afetando mantê-la;  
Negro, voraz dragão, que as honras tragas,  
Herança da virtude,  
Do grão saber, dos ínclitos suores  
Do herói laborioso;  
E tu, Fúria pior que as Fúrias todas,  
Surda, imota, insensível  
Do assanhado remorso à voz e às garras,  
Que o digno, o sábio, o justo  
Defraudas a sabor de vãos caprichos,  
E os teus dons amontoas  
No ocioso, no mau, no vil, no inerte;  
Paixões abominosas,  
Fonte da corrupção na espécie humana,  
Vós nunca envenenastes  
O coração do herói que me afogueia,  
Que me estimula a mente,  
A mente onde revolvo altos mistérios,  
Transcendentes ao vulgo;  
O coração do herói que entrego à fama  
É o altar da Virtude.  
Vós, serpes, com medroso acatamento,  
Vós lhe fugis de rojo,

E enroscadas no chão, silvais ao longe;  
    Ao longe alaga a terra  
Peçonha que das fauces vos transborda;  
    Entanto que assombradas  
Do padrão que à virtude em verso erijo,  
    Este clima, estes ares,  
Danais, enegreceis com torpe alento,  
    A Verdade os serene,  
A Verdade os apure, em hinos solta.  
    Sim, tu, filha do Olimpo,  
De meus cultos fiéis ídolo augusto,  
    No dourado momento  
Em que alto dom dos Céus a Terra obteve,  
    Em que Seabra excelso  
Honrou com seu natal a Humanidade,  
    Voa, voa, exultante  
À leda habitação do herói benigno;  
    Vai rever-te em seu rosto,  
E audaz, e tal como és, sem véu, sem arte,  
    Nas mãos lhe deposita,  
Nas mãos propícias o espontâneo voto.  
    Tu, perspicaz Astúcia,  
Só do baixo interesse a língua sabes,  
    Dizes o que não sentes:  
As vozes que o filósofo profere  
    Só a Razão dirige.

III — AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR JOSÉ  
DE SEABRA DA SILVA<sup>9</sup>

Do Lácio portentoso e d'alta Grécia,  
Tenaz memória minha,  
Os fastos, os anais em vão revolves.  
Em vão me representas  
Sócrates devorando entre os alunos<sup>10</sup>  
A venéfica planta  
Com repousado aspeto imperturbável;  
Além Régulo<sup>11</sup>, entregue  
A raivas brutas da feroz Cartago,  
Dando, em longos tormentos,  
À Natureza horror, trabalho à Morte;  
Aqui o estoico invicto,  
O ríspido Catão<sup>12</sup>, brandindo o ferro,  
Lacerando as entranhas,  
Na glória abstrato de morrer com Roma.  
Que presta ao mal o exemplo?  
Refletir e sofrer quanto difere!  
Por haver desgraçados,  
Sou menos infeliz, sou menos triste?  
E se o sábio de Atenas<sup>13</sup>  
O oráculo moral, ao termo infausto  
Volveu olhos tranquilos;

---

<sup>9</sup> Ode composta na prisão do Limoeiro, publicada postumamente por Pato Moniz em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria Barbosa du Bocage*, t. IV, p. 182. Considerando o melindroso processo de libertação de Bocage, que envolveu manobras de bastidores não despidiendas, o poema só conheceu os prelos depois do falecimento quer do estadista, quer do escritor.

<sup>10</sup> Referência ao suicídio de Sócrates, cometido com cicuta.

<sup>11</sup> Marco Atilio Régulo, herói da primeira guerra púnica, que caiu em desgraça e foi supliciado pelos Cartagineses. *Vd.* n. 59, p. 493.

<sup>12</sup> Marco Pórcio Catão, que se caracterizava pelo seu estoicismo; politicamente vencido pelos rivais, suicidou-se em Útica, depois de ter lido cuidadosamente o *Fédon*, de Platão.

<sup>13</sup> Sócrates.

Se, avesso a César, o Uticense austero  
Sufocou agras dores  
No ardor, na fúria, na aversão, no orgulho,  
Ou talvez na virtude;  
Se em garras de leões com visos de homens  
Transpôs a Humanidade  
O aprisionado herói no atroz suplício,  
Todos, ah! todos viam  
Dentre o ponto mortal surgir-lhe a fama,  
Em padrão venerando  
Dar-lhe eterno caráter, nome eterno;  
À sã posteridade  
Ouviam d'antemão denominá-los  
Mártires da calúnia,  
Alvos da inveja, vítimas da Pátria.  
A mim, desventurado,  
Num cárcere cruel, envolto em sombras,  
A mim, curvo, abatido  
Ao peso do grilhão, da injúria ao peso,  
Ente vulgar, inútil,  
De mil tribulações, que recompensa,  
Que futuro me resta?  
A desesperação meus fados cinge  
A meu peito afanoso.  
Eis férvido tição, roubado às Fúrias,  
Arremessa ululando,  
Eis... mas Céus! que visão! que luz! que assombro!  
Cândida imagem leda  
Me abala o coração, me encanta os olhos!  
És quimera ou deidade,  
Sócia dos numes ou ficção da ideia,  
Tu, que benigno raio  
Derramas neste horror, neste amargoso  
Domicílio dos males?...  
Ah! Tens etéreo ser, em ti rutila  
O reflexo de Jove,  
Mas dignas-te de vir ao triste seio

De medrosa masmorra?  
Habitantes do Céu brilhar no abismo?...  
Atraiu, porventura,  
Encaminhou talvez aqui teu voo  
O não raro acidente  
De estar sem crime habitação de crimes?  
Tu vês, ente celeste,  
Tu vês meu coração: não é perjuro,  
Não cruel, não ingrato,  
Ama o dever, a probidade, a honra,  
Dá hinos à virtude,  
Aos altares incenso, aos sólios culto...  
Ah! que doces lembranças  
Teu ar aprovador me acorda n'alma?  
Das trevas o costume  
Quanto me confundia a vista escassa!  
Já outrora a meus olhos  
Tua face luziu, já foste outrora  
Meu refúgio, meu nume.  
Santa beneficência! És tu que afagas  
A desventura minha,  
Da desesperação tu vens salvar-me.  
Co'a ridente esperança,  
Tesouro de infelizes, dom do Eterno?  
Ah! Tu que em mim restauras  
A maciça constância, o férreo escudo  
Contra os golpes do Fado,  
Meu nume tutelar, não dês ao Tempo,  
Azo não dês aos males  
De aviltar-me outra vez, d'unir-me à terra  
A descaída fronte;  
Em benefício meu de mim te aparta,  
Grato lugar demanda,  
Lugar digno de ti, sagrada estância  
Do perfeito heroísmo,  
Da glória, que não é romper muralhas,  
Tragar a Natureza,

Ou nutrir ilusões, dar vulto ao nada,  
Mas em jugo macio  
Docemente prender geral vontade;  
Idear que prospere  
Mais o público bem, que o bem privado;  
De áureo, sacro volume,  
Volume da Razão, que luz no trono,  
Transcrever puramente  
Leis amigas dos Céus, do mundo amigas.  
No lugar que te aponto,  
Conheces, deusa, de Seabra os lares,  
Seu louvor, no seu nome,  
Na glória, que descrevo, a glória sua.  
Ao penetral brilhante,  
Onde os influxos teus dos astros descem,  
Leva o quadro funesto  
Das minhas opressões, dos meus desastres;  
Roça com ele o peito  
Do preclaro varão, que aflito invoco:  
Deploráveis objetos  
N'alma piedosa o sentimento apuram.  
Sejam, sejam remidos  
Pela dextra eficaz do herói prestante,  
Meu prazer, meu repouso,  
A mente, a liberdade, a luz e a vida  
Neste horror sufocadas.

IV — AOS FELICÍSSIMOS ANOS DA ILUSTRÍSSIMA E EXCELENTÍSSIMA  
SENHORA D. ANA FELÍCIA COUTINHO PEREIRA DE SOUSA  
TAVARES DE HORTA AMADO E CERVEIRA, ETC., ETC.<sup>14</sup>

Séculos de ouro, luminosa idade,  
De inculpáveis costumes,  
Eras em que a folgada humanidade  
Apenas tinha que invejar aos numes;  
Época da inocência e da alegria,  
Oh tempo augusto e santo!  
De vós ao menos inda existe um dia,  
Dia adorável, que em meus versos canto.

Quando recente o Sol caiu na esfera  
Cristalina e serena,  
Bordou co'a mão subtil da primavera  
Ao tenro mundo a superfície amena,  
Do grémio criador surgiram flores,  
Flores que não murchavam,  
E incessantes Favónios brincadores,  
Alígeros perfumes lhe roubavam.

O dom da grata Ceres<sup>15</sup> tremulando,  
Sem arte enlourecia;  
As ondas preguiçosas desdobrando,

---

<sup>14</sup> Publicada postumamente por Pato Moniz, em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria Barbosa du Bocage*, t. iv, p. 187. Nesta ode, que foi composta no Limoeiro, tal como em tantas outras que a sua pungente situação justificava, o poeta solicita à mulher de José de Seabra da Silva que intervenha no sentido da sua libertação. Ana Felícia Coutinho era filha única de Nicolau Pereira Coutinho — décimo senhor do morgado da Redizima da Baía e da Casa dos Coutinhos de Coimbra — e de Francisca Maria de Távora e Sousa. Era mãe de Manuel Maria Pereira Coutinho de Seabra e Sousa, visconde da Baía, agraciado com este título pelo príncipe regente, e de António Coutinho Pereira de Seabra da Silva, capitão do Regimento de Infantaria n.º 8, falecido na Batalha do Buçaco, no dia 24 de setembro de 1810, na campanha contra o exército invasor francês. Subscreveu as *Rimas*. Faleceu no dia 26 de março de 1807.

<sup>15</sup> V. nota ao idílio «Arselina».

Sobre a declive areia, o mar se ria;  
De aprazível matiz até viçosos  
    Eram penedos brancos,  
E estavam dos carvalhos alterosos  
Mel espontâneo destilando os troncos.

Delícias da primeva Natureza,  
    Hoje volveis à terra;  
O riso, a glória, o júbilo, a pureza  
De tantos dias um só dia encerra.  
Mas em honra de quem, mas por que indulto  
    Gozam dele os humanos?  
Que deus, ó Musas, lhe baldou o insulto  
Do monstro enorme, tragador dos anos?

Jove, lançando a vista ilimitada  
    Ao Globo pervertido,  
À Terra, por mil vícios profanada,  
Se esquece de que é deus, solta um gemido:  
Turvam-se os astros, mas enfim serenos,  
    Lhe ouvem com ar jucundo:  
«Um dia venturoso, um dia ao menos  
Dos dias que perdeu console o mundo.»

Eis nos arquivos, que resguarda o Fado  
    Co'a chave diamantina,  
Áureos futuros em montão sagrado  
Revolve providente a mão divina.  
Um deles, que transcende a luz febeia  
    Dos mais desembaraça,  
E à grande, ilustre e majestosa ideia  
De alta heroína alto destino enlaça.

«A ti, clara porção do etéreo lume,  
    Espírito formoso,  
A ti se deve (pronuncia o nume)  
Depósito condigno, excelso, honroso.

Nas plumas de alvos génios fulgurantes  
Risonho ao mundo voa;  
Sê Prole exímia de varões prestantes  
Onde o vítreo Mondego alegre soa.

Esmalte dos magnânicos Coutinhos,  
Dos teus progenitores  
Hás de atrair os paternais carinhos  
Ao íman de teus dons encantadores.  
Uma alma, como tu, cândida e bela,  
Devo aliar contigo,  
E o mundo gozará por ti, por ela  
A virtude exemplar do tempo antigo.

Aquele a que te unir propícia estrela  
Será da Pátria Atlante,  
Irá suste-lhe o peso, irá mantê-la  
No ombro jamais cansado ou vacilante;  
Ele origem será, será o exemplo,  
À luz de heróis preclaros;  
Seu nome se ouvirá no eterno templo,  
Templo difícil, a que sobem raros.

Asilo do infortúnio, da inocência,  
Seabra generoso,  
Requintando eficaz beneficência,  
O mais triste mortal fará ditoso;  
A vate opresso da calúnia infida  
Dará pronta vitória;  
Há de restituí-lo ao mundo, à vida,  
Ao gosto, à liberdade, à paz, à glória.

Génios brilhantes, que cingis meu sólio,  
Velai no par sublime;  
Virtude, qual não vira o Capitólio<sup>16</sup>,  
Frouxas virtudes pelo exemplo anime,  
Além dos pátrios céus abra caminho  
O esplendor, que derrama;  
Do Grão Seabra, da imortal Coutinho  
Sejam cantores a Verdade e a Fama.»

Assim vociferou na estância augusta  
O Monarca superno,  
E entretanto do Fado a mão robusta<sup>17</sup>  
O decreto lavrou no livro eterno.  
Eis que dos tempos de ouro adormecidos  
Pura extração desvia,  
E os Céus se ensoberbecem, guarnecidos  
Do ameno, desusado, amável dia.

Um vate que dirá depois de um nume?  
De ti qual digno canto?  
Grande, estremado objeto, em vão presume  
Voz que não for celeste honrar-se tanto.  
Temor, que a lira audaz de mim remove,  
É respeito, é decoro:  
Intérprete fiel da voz de Jove,  
Tuas virtudes em silêncio adoro.

---

<sup>16</sup> V. nota à epístola dirigida ao conde de São Lourenço.

<sup>17</sup> Nota de Bocage: «Na Mitologia é o Fado superior ao mesmo Júpiter; mas ainda que estes versos não a contradigam, porque Júpiter aqui não ordena, mas vaticina, e o Fado o que faz é anuir e confirmar, todavia segundo *petimus, damusque vicissim*, exercendo faculdade legítima, quero indicar no Fado a determinação de Jove, ou de Deus personalizada.»

Impávido outra vez, Quintela egrégio,  
Vás pôr freio aos tufões, dar leis aos mares,  
Do grande génio teu dobrar ao jugo  
Carrancudas procelas.

Ruem por terra as emperradas portas  
Das eólias, horríssonas masmorras,  
Que de um fero encontrão, rugindo, arromba  
A caterva dos Euros;

Soa o duro estridor das asas negras,  
Nuvens a nuvens súbito se agregam,  
O pego se revolve, o céu goteia,  
Tinto da cor do Inferno.

Eis arde, serpeando entre os horrores  
Da basta cerração, fulmíneo lume,  
Eis pesados trovões o Polo atroam,  
Os nautas ensurdecem.

---

<sup>18</sup> Ode publicada no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 78.

Inácio Joaquim da Costa Quintela (Lisboa, 1763-Lisboa, 6 de dezembro de 1838) desempenhou, nos bastidores, um papel ativo na libertação de Bocage. Era sócio honorário da Academia Real das Ciências de Lisboa, grã-cruz da Ordem da Torre e Espada, do Conselho de Sua Majestade, membro do Conservatório Real de Lisboa, conselheiro de Estado honorário, Ministro do Reino (1806) e Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino. Em 1801, a fragata *Andorinha*, sob o seu comando, desbaratou um navio francês, a fragata *Chiffonne*, facto que lhe valeu a promoção a capitão-de-mar-e-guerra (BN, Cód. 854, f. 284). No regresso do Brasil, depois da Revolução Liberal, passou a chefiar o Ministério da Marinha, cargo que abandonou na sequência da Vilafrancada. Em 1826, com a publicação da Carta Constitucional, regressou ao mencionado Ministério e foi, interinamente, Ministro da Guerra. Traduziu as odes de Horácio e é o autor dos primeiros dois tomos dos *Anais da Marinha Portuguesa* (1839 e 1840).

Nos crespos escarcéus lá surge a morte,  
Em montanhas de espuma o lenho afronta:  
Rasga celestes véus o aéreo tope<sup>19</sup>,  
Roça no Averno a quilha.

Aos bravos furacões que não fraquejem  
Grita o deus do tridente e o deus do raio;<sup>20</sup>  
Nos eixos nuta<sup>21</sup> o Mundo à voz dos torvos  
Irmãos omnipotentes.

Medrosa palidez destinge as faces,  
Sopeia as forças, enregela o sangue;  
Já sobre as asas do Terror convulso  
Foge a murcha Esperança.

Em choroso fragor mil preces tentam,  
Voando, amolecer de Jove as iras:  
Sanhudos turbilhões co'as amplas fauces  
Os votos extraviam.

Sobranceiro ao pavor, Quintela em tanto,  
Contrastando os revoltos elementos,  
Depois que exaure, ó arte, em vãs indústrias  
Teus prósidos tesouros,

Pela undosa braveza, ao ver sem fruto  
Subtis combinações, subtis segredos,  
Recorre à sacra lira, ao dom divino,  
Dom fecundo de assombros.

---

<sup>19</sup> Cume, cimo.

<sup>20</sup> Neptuno e Júpiter, respetivamente.

<sup>21</sup> Oscila.

Rebentam dentre as ondas marulhosas  
Namorados delfins, os ventos dormem,  
Desassombra-se o Polo, o mar se encurva  
    À potente harmonia.

Ante o novo Aríon<sup>22</sup>, como encantados,  
Surdem verdes tritões do equóreo seio;  
Assoma de Nereu a ingénua prole<sup>23</sup>  
    Nos monstros escamosos.

Ó dadiva dos Céus! Ó lira augusta!  
Para o digno cantor, o exímio vate  
Não corre o tempo, não dimana o Letes,  
    Não há segunda morte.

---

<sup>22</sup> Músico de Lesbos que ganhava o seu pão tocando. No regresso a Corinto, os marinheiros do navio em que viajava quiseram-no roubar; prevenido por Apolo, atirou-se ao mar, sendo salvo por um golfinho, que o levou para o cabo Ténaro.

<sup>23</sup> As Nereides.

VI — AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR LUÍS PINTO DE SOUSA  
COUTINHO, MINISTRO E SECRETÁRIO DE ESTADO DOS NEGÓCIOS  
ESTRANGEIROS E DA GUERRA, ETC.<sup>24</sup>

Inculto habitador das agras serras,  
Que mal de avena humilde  
Sabe os sons extrair, insinuados  
Da simples Natureza;  
Voz apenas capaz de urdir louvores  
Aos olhos, às madeixas  
De cândida pastora inculta e bela,  
Hoje, alteando o voo,  
Ousará dos heróis tentar o aplauso?  
Lançarei destemido  
À lira do Tebano<sup>25</sup> a dextra inerte?  
Onde o fogo divino?  
Onde a frase dos deuses? Onde a força,  
A mente, a melodia?  
Da temerária empresa, ó vasta ideia,  
Não me reténs o impulso?  
Não; dois numes em mim, dois numes fervem,  
Me inspiram, me arrebatam,  
Santo Amor da Verdade, Amor da Pátria!

---

<sup>24</sup> Publicada pela primeira vez por Desidério Marques Leão, t. IV, p. 64; optámos, por ser indesmentivelmente mais credível, pela lição de Inocêncio Francisco da Silva, t. II, p. 107. Bocage decidiu não publicar em vida esta ode para não dar a conhecer a colaboração deste nobre na sua libertação do cárcere, a qual teve lugar em 1798.

Luís Pinto de Sousa Coutinho (Leomil, Moimenta da Beira, 1735-Lisboa, 1804), primeiro visconde de Balsemão, foi governador e capitão-general de Mato Grosso, membro do Conselho de Sua Majestade, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, grã-cruz da Ordem Militar do Conselho de São Bento de Avis, comendador, alcaide-mor da Vila do Cano, cavaleiro da Insigne Ordem do Tosão de Ouro, Senhor de Ferreiros e Tendais, tenente-general dos Reais Exércitos, Secretário de Estado da Real Casa de Bragança. Na década de 90, representou Portugal na corte de Catarina da Rússia, sediada em São Petersburgo. Subscreveu o segundo tomo das *Rimas* de Bocage.

<sup>25</sup> Píndaro (522-443 a. C.), poeta grego famoso pelas suas odes, compostas em honra dos atletas que mais se distinguiram nos quatro grandes jogos pan-helénicos, genericamente intituladas epinícios.

Vós sereis minhas Musas,  
Vós estro me dareis que eleve aos astros  
De Sousa o grande nome!  
Seus méritos sublimes, portentosos,  
Na acesa fantasia  
Em confusão brilhante me flamejam,  
Como no Polo imenso  
De áureos luzeiros multidão lustrosa.  
Qual cantarei primeiro?  
Qual deve preceder aos mil que o cercam?  
Vós, Artes, vós, Ciências,  
Que a subtil percepção lhe alumiastes  
Nos florescentes dias  
Em que a chusma dos frívolos prazeres  
Distrai almas vulgares  
Da sisuda atenção que exige Atenas,  
Quando o Liceu<sup>26</sup> franqueia?  
Mas não: bem que vos amo, a vós prefiro  
Mais atrativo objeto.  
Alta-fidelidade às leis, ao trono,  
Majestosas virtudes,  
Que do meu claro herói fulgis no peito,  
Vós acolhei meus hinos.  
Nobre corporação, profícua turma,  
Corações denodados,  
Viventes muros da benigna Pátria,  
Que arrostais invencíveis  
O horror, a chama, o ferro, a morte, a glória,  
Vós ajudai meus vivos,  
Honrada gratidão vos dobre a fama!  
O espírito fulgente,  
O génio tutelar que em Lísia<sup>27</sup> vela,

---

<sup>26</sup> V. nota à epístola dirigida ao conde de São Lourenço, p. 80.

<sup>27</sup> Portugal.

Que insignes dons confere,  
Grão ministro de Jove, a povos gratos,  
Com celestes influxos,  
Invisível reside a par de Sousa;  
A mente lhe bafeja,  
Árduas combinações lhe induz, lhe aplanar;  
Política suprema,  
Onde a sagacidade abrange a honra,  
Lhe ministra, lhe apura:  
Num quadro luminoso o bem da Pátria  
Lhe conserva ante os olhos,  
Olhos, que travam do futuro esquivo:  
De horríssonas procelas  
De rijos aquilões<sup>28</sup>, que perto assomam,  
Que rugem, que ameaçam,  
Comuns estragos, públicos desastres;  
Contra a temível sanha  
Lhe inspira as artes, o vigor que a domam.  
Já do fatal negrume  
O céu de Lusitânia as sombras despe;  
Limpando de atros vapores  
Vem apontando o Sol no carro ardente;  
Torna ao uso prestante  
Nos férteis campos o ocioso arado;  
Reinam serenos gostos,  
Na fausta Lísia se renova o mundo.  
Respeitável ministro,  
Tesouro dos políticos mistérios,  
A Pátria, a que és tão caro,  
Grata e ditosa em teu louvor se inflama,  
Tuas ações pregoal!  
De legítimo herói o egrégio nome  
Tu granjeaste e gozas.

---

<sup>28</sup> Ventos do Nordeste.

Dos preclaros avós co'a série extensa,  
E imortal entre os lusos,  
Grande, excelso te fez Fortuna amiga;  
Porém em áureos dotes  
Mais grandeza te deu, te deu mais lustre  
A amiga Natureza;  
Bastas a ti, Senhor, contigo brilhas;  
Tua glória és tu mesmo,  
E etéreo resplendor teus anos c'roa!

VII — AOS AMIGOS

*Imitada de uns versos de Monsieur Parny*<sup>29</sup>

Jazem desfeitos meus penosos ferros.  
Sócios fiéis, eis volto  
Liberto de aflições aos vossos braços.  
Ó serena amizade!  
Tu prestas mais que Amor: seus vãos favores  
São caros, são custosos;  
Já, já lhes disse adeus, e lhes prefiro  
O néctar, que roxeia  
Em honra de Lieu<sup>30</sup> nos vítreos copos;  
Ele me extrai, me apaga  
A memória tenaz de acerbos males.

---

<sup>29</sup> Publicada no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 81. Esta ode foi composta na sequência da sua libertação, registada sensivelmente em abril de 1798.

Parny, ou, melhor, Évariste Désiré Desforges [Saint-Paul, 1753-Saint-Paul (?), 1814], constituiu uma voz singular da literatura francesa do século XVIII, opinião expressa por, entre outros, Voltaire e Chénier. Cavaleiro e, mais tarde, visconde, publicou em 1787 *Oeuvres (Opuscles Poétiques et Poésies Érotiques)*. O seu poema *La Guerre des Dieux* foi suprimido por edital da Censura de 7 de junho de 1803. Bocage traduziu as suas odes anacreônticas «Se os deuses me conferissem», «Brando leito de verdura» e «Fragmento de Alceu, poeta grego»; os poemas «A Armia» e «A Márcia» e as alegorias «O Zéfiro e a Rosa» e «A Água Estagnada» são imitações deste autor.

<sup>30</sup> Dioniso, filho de Zeus e de Sémele, equivalente, na mitologia latina, a Baco.

Eia, amigos, libemos  
Almo, rubro licor, que gera os risos,  
Os festivais gracejos,  
Que espanca o frouxo medo, o pejo inerte,  
E as Musas desafia,  
E esperta o sangue ao ancião rugoso.  
Dos prazeres da Terra  
É este o só prazer estreme e puro,  
É de todos os tempos.  
Ele da perda de gentis ingratas  
Nos consola e nos vinga,  
Ele... Ah! Triste de mim! Como é difícil  
Afetar alegria  
No seio da aflição! Como é forçado  
E sensabor o riso,  
Se o pranto da tristeza acode aos olhos!  
Não mais, ó taça inútil,  
Licor infrutuoso, ah! longe, longe;  
E tu, séria Amizade,  
São, divino prazer, tu só não podes  
Contentar meus desejos.  
Ao tropel das paixões que lutam n'alma  
Debalde impõem silêncio  
As vozes da Razão e as vozes tuas.  
Ai de mim! Tu lamentas,  
Choras os males meus, e a ti cumpria  
Acautelar meus males.  
Quando me vês caído a mão me of'reces,  
A mão, que funda chaga,  
Em vez de ma curar, tenteia, assanha.  
Vai-te, não me alumies;  
As luzes da Verdade Amor não sofre;  
Quer Amor que eu me iluda,  
Que, surdo à voz do Desengano austero,  
Que, desmentindo os olhos,  
Engane o pensamento em mil quimeras;  
Que, dos ferros curvado,

Cante os prazeres, cante a liberdade,  
Que em suave transporte  
Mil sombras vãs na fantasia abrace,  
Que imagine venturas  
Entre as garras de aspérrimos desgostos.  
Virão, virão remir-me  
Do cativoiro antigo esses momentos  
Em que os mortais acordam  
De um profundo letargo, em que, severa,  
Na escuridão do engano,  
A próvida Razão meneia o facho  
E em que aos olhos já claros  
Voa, desaparece o falso encanto,  
O sonho dos Amores.  
Tu, Tempo estragador, batendo as asas,  
Arrebatas contigo  
As nossas propensões, os gostos nossos;  
Tu hás de melhorar-me,  
Tu hás de rematar minhas cegueiras.  
Então, fiéis amigos,  
Rotos os ferros, sacudido o jugo,  
O coração de Elmano  
Tornará para vós, será qual fora,  
Se o permitisse Armia.  
Sobre a vossa experiência então firmada,  
Minha usual fraqueza  
Talvez cobre vigor, talvez evite  
O regresso danoso,  
A fatal sensação de vãos prazeres.  
Vós me vereis, contudo,  
Volver para as paixões da fresca idade  
Olhos humedecidos,  
Gemer a meu pesar, corar de pejo  
Cõa teimosa lembrança  
Dos delírios de Amor, e envergonhado  
Ter-lhe ainda saudades.

*Versos epódicos*<sup>32</sup>

De serenos Favónios bafejada,  
 Alveja no horizonte  
 Mansa Aurora, afagando a Natureza;  
 Das libertas madeixas  
 Destila sobre a terra humor benigno,  
 A planta vivifica,  
 Despe o tenro jasmim do cálix tenro,  
 Ao Zéfiro anelante  
 Do espinhoso botão desprende a rosa.  
 Áureas guias sustendo  
 Aos ativos ginetes, Febo assoma,  
 Bate a cérulea estrada  
 E estende pelos céus brilhante dia.  
 Eis terrenos vapores  
 Em miúdas porções, que atrai, que eleva,  
 Aos puros ares sobem,  
 Unem-se pouco a pouco, avultam, giram,  
 A grata luz sufocam  
 E em rápidos chuveiros se derretem.  
 Por entre várzeas ledas,  
 Verdes colinas, florescentes prados  
 O claro, o doce Tejo  
 Sussurra, ufano das areias de ouro,  
 D'alta veia abundosa,  
 Mas, quando mais audaz, mais amplo corre,

---

<sup>31</sup> Publicada no segundo tomo das *Rimas*, edição de 1799, p. 90. A presente ode foi composta na cadeia do Limoeiro, como o poeta assinala na parte final.

<sup>32</sup> Clarifica Herculano de Carvalho, in *Opera Omnia*, vol. II, p. 329: «Por *ode epódica* (ou *epodaica*) ou *versos epódicos* entende-se o esquema métrico constituído pela sequência alternada de um verso longo (hendecassílabo) e um curto (heptassílabo), com ou (como aqui) sem rima.»

No salgado Oceano  
Perde o sabor, o cabedal e o nome.  
Sobrepujando às nuvens,  
Torre alterosa os séculos afronta,  
Com rígido alicerce  
Carrega, escora no profundo Averno<sup>33</sup>,  
Qual do opresso Gigante  
Pesa nos ombros o estrelado Olimpo:  
Súbito brama, estoira  
Ar comprimido no interior da Terra;  
Desordena-se a base,  
A assombrosa Babel<sup>34</sup> se desconjunta,  
Soa a terrível queda,  
Num baque se desfaz o ingente orgulho.  
Crespo, enorme rochedo  
Rebate as vagas que a tragá-lo investem;  
Ronca de injuriado  
O Pélagos arrogante, as fúrias dobra,  
Multiplica os assaltos,  
Recrescem ondas, e o penedo ileso.  
Nisto do seio escuro  
Da procelosa nuvem rebentando  
Ígnea frecha, seguida  
De horrissono trovão, dá sobre a rocha,  
Em pedaços a espalha:  
O que não pôde o mar lá pôde o raio.  
À temerosa frente  
De bravos esquadrões, ardendo em sanha  
Qual tu, nume da guerra,  
Frenético mortal insulta a morte;  
Por entre espessa chuva  
De fêrvidos pelouros que sibilam,

---

<sup>33</sup> O Inferno.

<sup>34</sup> Cidade da Babilónia, cuja torre não foi concluída por castigo de Jeová.

Corre, vozeia, ataca,  
Rompe, abate, destrói e enfim triunfa.  
Ei-lo em carro pomposo,  
Tirado por misérrimos despojos<sup>35</sup>  
Da sanguenta vitória,  
Por seus iguais, que, aflitos, presos, curvos  
Ao jugo vergonhoso,  
No pó, no pejo envoltos, suam, gemem.  
Lá volve ao duro ofício  
O flagelo, o terror da Humanidade;  
D'antemão se gloria  
Dos novos louros, que já crê que apalpa;  
Engana-se o perverso,  
A Ventura cansou de honrar-lhe os crimes.  
Lá se atea o conflito,  
O bárbaro guerreiro arqueja e ferve,  
Contra as armas adversas  
Punge o bruto veloz, que ardido escuma.  
Assassino adornado  
Do título de herói, não vês, não sentes  
Os ministros da Morte,  
Os hórridos fantasmas que te seguem?  
Lá o assalta, o rodeia  
Raivosa turba hostil, pesados golpes  
Chovem sobre o tirano;  
Lida em vão, perde o ferro, em rubro lago  
Se revolve na terra:  
Exulta, Natureza, o monstro expira.  
Nada tem permanência,  
Caprichos da Fortuna alteram tudo.  
Musas inspiradoras,  
Graças mimosas, cândidos Amores

---

<sup>35</sup> Nota de Herculano de Carvalho: «Nos cortejos triunfais da antiga Roma, o carro da Vitória era puxado pelos cativos, seus 'misérrimos despojos.'»

Almo prazer me deram;  
Fitos em Nise o coração e os olhos,  
Num êxtase suave  
Pus em doce aliança a voz e a lira;  
Da famosa Ulisseia<sup>36</sup>  
Os corvos aterrei, fui grato aos cisnes.  
Hoje, sumido à gente,  
À luz vedado em cárcere medonho,  
Nem parece que existo.  
Réu me publica opinião potente,  
Triste labéu me afeia;  
Perdi a minha Nise, a glória minha,  
A minha liberdade.  
Remotos estes bens, que bem me resta?  
O maior, a constância.

#### IX — O DESENGANO<sup>37</sup>

##### *Versos epódicos*

Assaz temos cantado, assaz carpido,  
Ó lira, ó doce lira,  
Os bens e os males do comum tirano,  
Que nas almas derrama  
A dor e o riso, o néctar e o veneno.  
Longe a brilhante ideia  
De olhos fagueiros, de aneladas tranças,  
De angélicos sorrisos,  
De momentâneos, amorosos furtos;  
Longe a amarga lembrança

---

<sup>36</sup> Lisboa.

<sup>37</sup> Publicada no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 84. *Vd.* a segunda nota à ode «A Instabilidade da Fortuna».

De vis perjúrios, de cruéis enganos,  
De traições estudadas;  
Longe as memórias da infiel Marília.  
Feitiços perigosos,  
Verdugos da alterosa Liberdade,  
Tu, dom da formosura,  
Fatal aos corações, suave aos olhos,  
Tu, que em meus pensamentos,  
No arbítrio meu, despótico, imperavas,  
Tirano, impõe teu jugo,  
Teu férreo jugo na cerviz daqueles  
Que a sisuda experiência  
Por entre pavorosos precipícios  
Inda ao templo remoto  
Não guiou do profícuo Desengano.  
Vencida a longa estrada,  
Onde o Erro elevou montes e montes  
Para estorvar ao homem  
Sagaz instinto que à Verdade o guia,  
Vejo, saúdo os Lares,  
Lares augustos do terrível nume,  
Atento à voz do aflito  
Que ingénuas preces lhe dirige às aras,  
Surdo a rogos falazes  
Do cego escravo que idolatra os ferros,  
Liberdade implorando...  
Que solidão, que plácida tristeza,  
Que profundo silêncio  
Reina em torno do alcáçar venerando!  
Ó sacro domicílio  
Da Verdade imortal, quê, tu num ermo!  
Os teus átrios desertos,  
Sem culto, sem ministro os teus altares,  
Enquanto à vã grandeza  
Servil caterva prostitui incensos  
E a curvada Lisonja  
Os crimes doura, os vícios abrilhanta!

Ah! Eu te vingó, ó deusa,  
Eu entro o franco pórtico espaçoso,  
E às aras... mas, que sinto!  
Que gelo, que tremor, que sobressalto  
Me prende a voz e a planta,  
Me abate as forças, me arrepia as carnes!  
Coração, que te assombra?  
Que temes, coração? Perder Marília!  
Marília acaso é tua?  
Não maculou, traidora, os puros votos,  
Os ternos juramentos!  
Não viste a desleal sem dor, sem pejo,  
Cevar-se nos teus males,  
Coòs lindos olhos em Fileno absortos?  
Que importa que em seus lábios,  
Seu ledo rosto, seu virgíneo seio  
Os Amores e as Graças  
Presentem mil imagens deleitosas,  
Onde os sentidos passem.  
Que importa, se a Traição surgiu do Averno<sup>38</sup>  
A corromper-lhe o peito?  
Que vale sem virtude a formosura?  
Cede ao tempo, à desgraça;  
Do espírito a beleza é sempre nova.  
Coração, triunfemos,  
Triunfemos da pérfida Marília  
E se a razão não basta,  
Vença a vaidade o que a razão não vence.  
Envergonha-te ao menos  
De seres só feliz quando o permite  
O teu rival soberbo,  
Que, enjoando os afagos importunos  
Da perjura que adoras,

---

<sup>38</sup> Lago situado à entrada do Inferno.

Às vezes com desprezo em ócio os deixa,  
E se a ti se dirigem,  
Não vem do coração, vem<sup>39</sup> do costume.  
Eia, mísero escravo,  
Sacode o jugo, despedaça os ferros,  
A vaidade te anime.  
Quase tudo o que é raro, estranho, ilustre,  
Da vaidade procede,  
Móvel primeiro das ações pasmosas.  
Tente-se a grande empresa,  
Forcem-se os Fados... Ai de mim! Palpitas!  
E em frequentes arrancos  
Como que exprimes o pavor da morte!  
Coração, não desmaies,  
Alenta-te, infeliz... Porém, que escuto!  
Que ruído, que assombro!  
Que esplendor me cerca e me deslumbra?!  
Torvos dragões, batendo  
Asas de negra cor, com duro estrondo,  
Se encontram, se atropelam,  
E, quais noturnas aves que amedrenta<sup>40</sup>  
O clarão matutino,  
Espavoridos pelos ares fogem  
Ao fulgor cintilante  
De rubro facho, que na dextra empunha  
Venerável matrona,  
Librada sobre os Zéfiros plumosos!  
Ah! Quem és? Vens do Olimpo<sup>41</sup>,  
Portentosa visão! Vens socorrer-me!  
Ou és aéreo fruto  
Da enferma, delirante fantasia,

---

<sup>39</sup> *Sic*, para não alterar a métrica.

<sup>40</sup> Amedronta.

<sup>41</sup> Monte situado entre a Tessália e a Macedónia, onde residiam Júpiter e a sua corte.

Que entre ilusões vagueia?...  
Não, já me iluminaste a mente cega,  
Reconheço-te, ó deusa;  
És a prole dos Céus, és a Virtude,  
Que no benigno seio  
Acolhes os meus ais, os meus remorsos,  
Indulgente à demora  
Que tive em demandar teu santo asilo.  
Esses monstros, voando  
Ante o celeste resplendor que espraias,  
São pungentes saudades,  
Feias traições, frenéticos ciúmes,  
Que invisíveis tégora  
As cálidas entranhas me ralavam.  
Graças, ó divindade,  
Que do sábio varão manténs o esforço,  
Quando a volúvel Sorte,  
Inimiga do mérito, o sepulta  
Nas solitárias sombras  
De profunda masmorra aferrolhada,  
Onde por mãos infames  
De aspérrimas correntes o carrega.  
Munido da inocência,  
Contigo ri o Herói no cadafalso,  
Contigo alegre observa  
Do carrancudo algoz na mão terrível  
O amolado cutelo,  
Executor de bárbara sentença;  
E contigo, ó deidade,  
Ó alta benfeitora, encaro as portas  
Do formidável templo.  
Teu sagrado fervor de veia em veia  
Me agita, me transporta,  
Eu te sigo, eu te sigo... Ó Céus! Ó deuses!  
Já sou meu, já sou livre.  
Ídolo falso, que de altar profano  
Davas leis à minha alma,

Recebias meus votos, meus incensos,  
Tributos da fraqueza;  
Aleivosa Marília, horror e afronta  
Té do tropel de ingratas,  
De astutas, de infieis que o mundo infamam,  
O escravo de teus olhos,  
A vítima infeliz de teus enganos  
Já tem rotos os ferros,  
Solta a vontade, o coração tranquilo.  
Como o Sol, quando vibra  
Na cristalina esfera os raios de ouro,  
Gasta, desfaz, consome  
Vapores, que exalou do seio a Terra,  
Também, falaz Marília,  
As luzes, que a verdade em mim dardeja,  
Absorvem, desvanecem  
A funesta ilusão que na minha alma  
Te assemelhava aos deuses.  
Ingrata, consumiram-se os incensos,  
Retrataram-se os votos,  
Foram-se as oblações e os sacrifícios,  
Caiu o altar e o nume.

O tirano de Roma empunha o raio,  
Despede-o contra Séneca <sup>43</sup> inocente,  
Ao sábio preceptor fulmina a morte  
O discípulo ingrato.  
De Nero à dura voz se amorna o banho,  
As veias se retalham, corre o sangue,  
Avermelham-se as águas, folga o monstro,  
O filósofo expira.  
Sócrates imortal, que um deus proclama,  
O mestre de Platão lá comparece,  
De acusadores vis enegrecido  
No corrupto Areópago. <sup>44</sup>  
D'altas meditações, d'altas virtudes  
Colhe... que fruto!... a gélida cicuta;  
Cai em silêncio eterno, eterno sono  
O oráculo de Atenas.  
No abismo do infortúnio, da indigência  
Agonizam Camões, Pachecos <sup>45</sup> morrem;  
Mendigo e cego, pela iníqua Pátria

---

<sup>42</sup> Ode publicada no primeiro tomo das *Rimas*, na edição de 1800, p. 151. André da Ponte Quental e Câmara (Ponta Delgada, 15 de abril de 1768-*ibidem*, 14 de abril de 1845) era cadete da Marinha e partilhava a sua casa, situada no Bairro de Andaluz, com o poeta. Foi uma personalidade de vulto que afirmava convictamente o seu ideário progressista. Fez parte da resistência aos invasores franceses e conheceu, por duas vezes, os cárceres da Inquisição. Aderiu à Revolta Liberal de Ponta Delgada, ocorrida a 1 de março de 1821. Nomeado vice-presidente do novo governo, foi, pouco depois, um dos dois deputados eleitos por São Miguel às Cortes Constituintes (1821-1822).

A presente ode foi composta quando ambos se encontravam encarcerados no Limoeiro. Bocage esteve neste estabelecimento prisional entre 10 de agosto e 10 de novembro de 1797; este seu correligionário só foi libertado em fevereiro do ano seguinte.

<sup>43</sup> Séneca (Córdova, 4 a. C.-Roma, 65 d. C.), filósofo estoico, preceptor de Nero. Acusado de participar na conspiração de Pisão, que visava o imperador, foi forçado a suicidar-se.

<sup>44</sup> *Vd.* nota à epístola ao conde de São Lourenço, p. 80.

<sup>45</sup> Duarte Pacheco Pereira (1460?-1533), notável chefe militar, herói da defesa de Cochim e governador de São Jorge da Mina. Caiu em desgraça, conhecendo então longamente as agruras do cárcere.

Erra o grão Belisário.<sup>46</sup>  
De atros vapores, de tartáreas sombras  
Nomes augustos a calúnia abafa,  
Té que rebente um sol da noite do Erro,  
A Razão justiça.  
Os Homens não são maus por natureza<sup>47</sup>,  
Atrativo interesse os falsifica;  
A utilidade ao Mal, e ao Bem o instinto  
Guia estes frágeis entes.  
Enquanto das paixões ativo enxame  
Ferve no coração, revolve o peito,  
Perde o caráter, o equilíbrio perde  
A Retidão sisuda.  
Eis surge imparcial Posteridade  
Na dextra sopesando etéreo facho;  
Tu, cândido, gentil Desinteresse,  
Tu lhe espertas a flama.  
O critério sagaz, à frente de ambos,  
Aparências descrê, razões combina,  
Esmiúça, deslinda, observa, apura,  
E depois sentençaia.  
Já sem nódoa a virtude então rutila,  
Já sem máscara o vício então negreja,  
Desce ao túmulo a Glória, heróis arranca  
Aos domínios da Morte.  
Se não somos heróis, se em nós, ó Ponte,  
Afoiteza não há, não há constância,  
Para com férrea mão suster da Pátria  
A nutante<sup>48</sup> ventura;  
Se em útil, em moral filosofia  
Não damos aos mortais a lei, o exemplo;

---

<sup>46</sup> Flávio Belisário (505-565), célebre general bizantino que morreu na miséria.

<sup>47</sup> Eis uma tese que Bocage foi certamente beber a Jean-Jacques Rousseau.

<sup>48</sup> Oscilante.

Se dos luzeiros sete<sup>49</sup> à clara Grécia  
O grau não disputamos,  
Nossos nomes, amigo, alçados vemos  
Acima dos comuns: ama-nos Febo<sup>50</sup>,  
As Musas nos enlouram, cultos nossos  
Mansa Virtude acolhe.  
Em tenebrosos cárceres jazemos;  
Falaz acusação nos agrilhoa;  
De opressões, de ameaços nos carrega  
O Rigor carrancudo;  
Mas puro dom dos Céus, alva inocência  
Esta afronta, este horror nos atavia;  
Íntima candidez compensa as manchas  
Da superfície escura.  
Males com a existência andam cosidos;  
Desde o primário ponto do Universo  
Esta amarga semente sobre a Terra  
Caiu da mão dos Fados.  
Em tanto que a raiz tenaz, fecunda,  
Infeta a coração da Natureza,  
Os tugúrios sufoca, assombra os tronos  
A venenosa rama.  
Que muito que empeçonhe os nossos dias  
O que os séculos todos envenena!  
Não merecer-se o mal é jus, é parte  
Para sentir-se menos.  
Deixemos a perversos delatores  
Os filhos do terror, fantasmas negros,  
Que o medonho clarão da luz interna  
Assopram sobre os crimes.

---

<sup>49</sup> Os sete sábios da Grécia, que terão vivido no século VI a. C. Segundo Sócrates, foram os seguintes: Tales de Mileto, Quílon de Esparta, Pítaco de Mitilene, Bias de Priene, Sólon de Atenas, Cleobulo de Lindos e Míson de Queneia.

<sup>50</sup> Apolo, deus das artes. André da Ponte Quental, cujo pseudónimo literário era «Marisbeu Ultramarino», também cultivava a poesia.

Se a Verdade entre sombras esmorece,  
Se de árbitros ilusos pendo<sup>51</sup>, e pendes,  
Para o são Tribunal, que ao longe assoma,  
Eia, amigo, apelemos.  
Também há para nós posteridade,  
Quando lá no sepulcro em cinzas soltos  
Não pudermos cevar faminta Inveja,  
Calúnia devorante,  
Os vindouros mortais irão piedosos  
Ler-nos na triste campa a história triste;  
Darão flores, ó Ponte, às liras nossas,  
Pranto a nossos desastres.

## 2 — PEREGRINANDO PELO MUNDO

### XI — A LUÍS DE VASCONCELOS SOUSA VEIGA CAMINHA E FARO<sup>52</sup>

Musa de Elmano, que giraste, aflita,  
Por inóspitos mares,  
Onde curtiste os sopros que de Éolo

---

<sup>51</sup> Esta é a lição original, rejeitada pelo censor, Francisco Xavier de Oliveira. Bocage, para viabilizar a publicação da obra, fez a seguinte alteração: «Se das eras tardias pendo, e pendes» (V. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Real Mesa Censória, cx. 346, doc. 3799.)

<sup>52</sup> Ode dedicada a Luís de Vasconcelos e Sousa Veiga Caminha e Faro (Lisboa, 1740-Rio de Janeiro, 1809), publicada no primeiro tomo das *Rimas*, 1791, p. 128. O poeta excluiu-a das edições de 1794 e 1800 devido, hipoteticamente, aos diferendos que enfrentou no seio da «Academia de Belas-Letras», associação que era patrocinada pelo conde de Pombeiro, irmão daquele nobre, descendente do célebre conde de Castelo Melhor. Luís de Vasconcelos e Sousa formou-se em Cânones pela Universidade de Coimbra e desempenhou os cargos de desembargador da Relação do Porto e da Casa da Suplicação, inspetor do Terreiro (1777-1779 e 1804-1805), conselheiro da Fazenda (1785), conselheiro de Estado, presidente do Desembargo do Paço (1790 a 1809) e do Real Erário. Foi vice-rei do Estado do Brasil de 30 de abril de 1778 a 9 de maio de 1790, sendo o décimo segundo mais alto magistrado a exercer aquela função.

Bocage fez escala no Rio de Janeiro, em 1786, quando navegava em direção a Goa. Travou então conhecimento com este membro da nobreza, que o recebeu de forma hospitaleira. Além deste texto, o poeta dedicou-lhe a canção «Musa, tu, que atégora ao som do vento», composto pouco antes de rumar a Goa.

Os rápidos ministros  
Vibram das frias, procelosas fauces;  
Ó fiel companheira  
De meus prazeres vãos, meus longos males,  
Afinemos a lira,  
De lágrimas inúteis orvalhada,  
A lira maviosa  
Que as roucas tempestades cor do Inferno  
E o raio pavoroso  
Para longe de nós afugentava.  
Se da tórrida zona<sup>53</sup>  
Os bárbaros e adustos moradores  
Surdos, férreos ouvidos  
Para teus sons harmónicos tiveram;  
Se a loquaz Ignorância  
Sobre as margens auríferas do Ganges<sup>54</sup>  
Co'um sorriso afrontoso  
As vis espaldas te voltou mil vezes;  
Se a vasta, a fértil China,  
Fofa de imaginária antiguidade,  
Pelo seu pingue seio  
Te viu com lasso pé vagar mendiga;  
Se a mirrada Avareza,  
Aferrolhando os cofres prenhes de ouro,  
Lá onde o Sol o gera,  
Foi mais dura que mármore a teus versos;  
Se atégora a Desgraça  
De espessa névoa carregou teus dias  
E qual a inseparável,  
Contínua sombra, perseguiu teu passo,  
Eis a hora, eis a hora  
Que o grão Jove remiu da turva série

---

<sup>53</sup> Referência ao clima tropical de Goa.

<sup>54</sup> O principal rio da Índia.

Dos teus lúgubres anos  
Para princípio da feliz mudança  
Que destina a teu fado.  
Tu, pois, de rubra cor tingindo a face  
Que as mágoas desbotaram,  
Tateia, ó Musa minha, as ténues cordas,  
Olha a leda Esperança,  
Universal tesouro; ei-la apontando  
Para a pomposa estância  
Do singular varão, do herói sublime  
Que as virtudes laureiam.  
Entremos pelo pórtico espaçoso  
Onde jaz a Piedade  
Pronta a dar acolheita<sup>55</sup> aos infelizes.  
Eia, Musa, tentemos  
Os marmóreos degraus, eia, subamos  
Ao brilhante aposento  
Do ilustre Vasconcelos, cujo nome  
De clima em clima a Fama<sup>56</sup>  
Por cem bocas, alígera, semeia.  
Vasconcelos, que ainda  
Na dilatada América opulenta  
Pela intacta Justiça,  
Pela terna Saudade, é suspirado;  
Vasconcelos, aquele  
Que de um sorriso, ó Musa, honrou teu canto  
Lá na tépida margem  
Do límpido Janeiro<sup>57</sup>, que a cerúlea,

---

<sup>55</sup> Acolhimento.

<sup>56</sup> Divindade mensageira de Júpiter, caracterizada pela sua imoderada loquacidade. Era representada, pelos poetas, na forma de um monstro com asas, de enorme estatura, com múltiplos olhos, orelhas e bocas.

<sup>57</sup> Nota de Herculano de Carvalho: «Refere-se ao suposto 'rio', de que a baía de Guanabara foi julgada a foz.» Bocage esteve no Rio de Janeiro cerca de 15 dias, sensivelmente em finais de junho ou no início de julho de 1786.

Gotejante cabeça  
Tantas vezes alçou da vítrea gruta  
Para urdir-lhe altos hinos  
Entre o coro das mádidas Nereidas<sup>58</sup>;  
Vasconcelos, o grande,  
O sábio, o justo, o benfeitor, o amigo  
Dos que a cega Fortuna  
Com despótica mão na roda errante  
A seu capricho agita,  
A seu... Porém, que vejo! Excelso objeto,  
Venerável semblante,  
Herói, prole de heróis, eu te saúdo,  
Como o pálido nauta  
Que, descalços os pés, as mãos erguidas,  
Curvados os joelhos,  
Perante o Rei dos reis, o Deus dos deuses,  
Crebras<sup>59</sup> graças lhe envia  
E sobre os sacros mármore do templo  
O roto pano estende,  
Salvo das fúrias do terrível Bóreas<sup>60</sup>!  
Eu te saúdo, ó alma  
Que brilhas entre as mais, qual entre os astros  
A noturna Diana,  
Quando com plena luz o argênteo rosto  
Aos mortais apresenta.  
Senhor, teus olhos, compassivo, abaixa  
Para o lânguido objeto  
Que a má ventura te arremessa às plantas.  
Em vão cansei tégora  
Com ais o Céu, com lágrimas a Terra:  
O almo calor divino,

---

<sup>58</sup> Divindades marítimas, filhas de Nereu, «O Velho do Mar», e de Dóris, netas de Oceano. O seu número ascendia a 50, por vezes, a 100.

<sup>59</sup> Repetidas.

<sup>60</sup> Deus do vento do Norte. É representado como um ser de grande envergadura física.

O milagroso dom, que a raros cabe,  
Que do lóbreo Inferno  
As férreas portas hórridas arromba  
E que das mãos a Dite<sup>61</sup>  
Rouba as tenáreas chaves<sup>62</sup>, o ígneo cetro,  
Enterrecendo as Fúrias<sup>63</sup>,  
Adormentando o Cão de três gargantas<sup>64</sup>,  
Já seu mágico efeito  
Não produz nos mortais; de todos eles  
Só tu, só tu me restas.  
Ah! Punjam-te meus ais, meus ais te firam;  
Doura, doura a pesada  
Negra cadeia de meus tristes dias,  
Condenados ao pranto,  
Que poder contra ti não tem meu Fado.  
Em magníficas mesas  
Lautos festins o paladar cobice  
Do voraz parasito;  
A precisa, a saudável temperança  
Sacrificar deseje  
À perniciosa gula; anele, embora,  
Áureas taças fragrantas  
Do itálico falerno e cíprio<sup>65</sup> néctar;  
Embora o bruto avaro  
Vele junto do cheio, inútil cofre,  
Do cárcere precioso,  
Onde tem sepultada a vã riqueza,  
Nutra-lhe a fome insana,  
Ceve-lhe os olhos o reflexo do ouro,  
Seu ídolo, seu tudo,

---

<sup>61</sup> O deus dos Infernos, Plutão.

<sup>62</sup> As chaves do Inferno.

<sup>63</sup> Divindades infernais romanas que simbolizam o remorso e a vingança dos deuses.

<sup>64</sup> Cérbero.

<sup>65</sup> De Chipre, onde existia um templo dedicado a Vénus.

Que eu só quero, Senhor, obter o asilo  
Que dás aos desgraçados,  
Que me deves também, pois tal me observas.  
Do teu favor o escudo  
Rechace os golpes que me vibra o Fado;  
Com força mais que humana,  
Qual de Palas<sup>66</sup> a Égide impenetrável,  
Petrifique as sanhudas,  
Horrendas mãos da acérrima Desgraça,  
Contra mim prontas sempre;  
Das garras da Penúria desarreiga  
O infeliz que te invoca:  
Se é possível crescer teu vasto nome,  
Só assim o acrescentas.

XII — A MARIA DE GUADALUPE TOPETE ULHOA GOLFIM<sup>67</sup>

Enquanto mãos servis o altar incensam  
Da Fortuna inconstante,  
Enquanto as almas cobiçosas pensam  
No metal coruscante;

Enquanto, alerta, contemplando os ares,  
O fatal cabo montas<sup>68</sup>,  
Ó tu, que os raios, os tufões, os mares  
Audaz e insano afrontas;

---

<sup>66</sup> Referência à couraça — uma espécie de escudo — de Palas Atena.

<sup>67</sup> Ode publicada no primeiro tomo das *Rimas*, edição de 1791, e na de 1794, p. 144. O poeta excluiu-a da edição de 1800. Maria de Guadalupe Ulhoa Golfim, natural de Cáceres, foi uma das pessoas que o protegeram em Macau.

<sup>68</sup> Dobras.

Enquanto no teatro de Mavorte<sup>69</sup>

Traça astuto guerreiro  
Às opostas falanges cruel morte,  
Ou cruel cativoiro;

Enquanto sobre o trono o rei potente,  
Da lisonja adorado,  
Se não cega, talvez, e vê na mente  
Que há mais ditoso estado,

Servindo-me de bálsamo teu riso,  
Eu, com ânimo forte,  
Ó Paz amiga, os golpes cicatrizo  
Que me tem dado a Sorte.

À ruiva margem do aprazível Tejo,  
No meu tugúrio pobre,  
Vós, ó Virtudes, sois os bens que invejo,  
Rico de uma alma nobre.

Aqui meus hinos a verdade entoa,  
Aqui sobre mil flores  
Aos atrativos da preclara Ulhoa  
Forjo eternos louvores.

---

<sup>69</sup> Marte, deus da guerra.

Não vos invoco, ó Musas, não preciso  
Vossa mão protetora;  
Amores, que podeis, trazei-me um riso  
De Armia encantadora:

Por vós com moles ósculos furtado,  
Minha ideia vigore  
E dos vis zoilos o tropel malvado  
Em meus versos o adore...

Porém, que lume ignoto, o céu dourando,  
Aviva a luz do dia!  
Ah! Que lá vem nos ares cintilando  
Um sorriso de Armia!

A tropa de Citera<sup>70</sup> o traz cativo,  
E em torno dela adeja  
O transparente Zéfiro lascivo<sup>71</sup>,  
A murmurar de inveja.

Prazeres do suave paraíso,  
Resumidos no encanto  
De um deleitoso e cândido sorriso,  
Com que Amor pode tanto:

A vós, a vós consagro a minha lira,  
E nas asas do vento  
Além do espaço azul, que Apolo gira,  
Voa o meu pensamento.

---

<sup>70</sup> Os Amores.

<sup>71</sup> Brincalhão, travesso.

Ótimo fruto de alterosa planta,  
Vénus só na beleza,  
Semideusa gentil, que enches de tanta  
Vaidade a Natureza:

Menos brilhantes do que as graças tuas,  
Dançam entre os Amores  
Lá nos cíprios jardins as Graças nuas,  
Calcando as tenras flores.

Não era, ó Ninfa, como tu formosa  
A bela desgraçada  
Que o lácteo seio penetrou, saudosa,  
Com a troiana espada.<sup>72</sup>

Se de Frígia te visse o pastor loiro<sup>73</sup>,  
Que às divinas porfias  
Pôs termo, ou teu seria o pomo de oiro  
Ou seu prémio serias.

De teus esclarecidos ascendentes  
A veneranda história  
Impressa vive em lâminas, pendentes  
Das aras da Memória.

O fresco Tejo, o fresco Mançanares<sup>74</sup>  
Lá noutra idade os viram  
Obrar claras proezas singulares  
E por eles suspiram.

---

<sup>72</sup> Referência à morte de Dido, abandonada por Eneias.

<sup>73</sup> Páris, que pôs termo a uma acesa disputa entre Juno, Minerva e Vénus, sobre um pomo insidiosamente apresentado pela Discórdia.

<sup>74</sup> Rio da Espanha central que passa por Madrid; referência aos antepassados portugueses e espanhóis da homenageada nesta ode.

Que direi da tua Alma! Inda é mais bela  
Que teu belo semblante:  
Angélicas virtudes formam dela  
O retrato brilhante.

Mas teus celestes dons serão manchados  
Com meu tosco elogio,  
Com versos que, talvez, sejam lançados  
No sonolento rio!<sup>75</sup>

Indesculpável, perigosa audácia  
Teus louvores me inspira;  
Que mais fizera, se o cantor de Trácia<sup>76</sup>  
Me confiasse a lira?

Novo Atlante<sup>77</sup>, o sidéreo firmamento  
Quero manter nos ombros,  
Se da tua alma debuxar intento  
As graças e os assombros.

Foge-me a lira; pávida<sup>78</sup>, receia  
O assunto majestoso,  
E já meus lábios trémulos enfreia  
Silêncio respeitoso.

---

<sup>75</sup> O Letes, rio infernal do esquecimento.

<sup>76</sup> Orfeu, poeta nascido no Ródope, Trácia, que desceu aos Infernos para resgatar Eurídice, sua esposa.

<sup>77</sup> V. nota à epístola ao Marquês de Pombal, p. 31.

<sup>78</sup> Aterrada.

XIII — A GRATIDÃO<sup>79</sup>

*Ode sáfica*<sup>80</sup>

Ao som confuso da celeuma<sup>81</sup>, os nautas,  
Às duras barras arrimando os peitos,  
O cabrestante, que, emperrado, geme,  
Rígidos, volvem.

Varre Galerno<sup>82</sup>, meneando as asas,  
Cerúleos prados, onde o Sol passeia;  
Içam-se gáveas e do fundo a curva  
Âncora sobe.

Campos fecundos, agradável clima,  
Onde o meu Tejo por areias de ouro,  
Por entre flores, murmurando e rindo,  
Límpido corre;

---

<sup>79</sup> Poema composto em Macau e dedicado ao seu protetor, Lázaro da Silva Ferreira, desembargador da Casa da Suplicação, ouvidor-geral do Cível e governador interino daquele território, na sequência, a 16 de julho de 1789, do falecimento de Xavier de Mendonça Corte Real. Desempenhou este cargo até 29 de julho de 1790. A *Gazeta de Lisboa*, de 20 de janeiro de 1801, refere a sua nomeação para o Conselho do Ultramar. Bibliófilo de mérito, fez uma doação considerável à Real Biblioteca de Lisboa.

Esta ode encontra-se na primeira edição das *Rimas*, 1791, p. 133, e na de 1794, p. 148, sendo a última versão consideravelmente diferente. Bocage retirou-a da edição de 1800.

<sup>80</sup> Nota de Herculano de Carvalho: «Por ode sáfica entendia-se — como se deduz da própria análise métrica — a que era formada de estrofes de quatro versos (que neste caso são brancos), sendo três hendecassílabos sáficos — acentos na 4.<sup>a</sup>, 8.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup> sílabas — e o quarto de cinco sílabas, com os acentos na 1.<sup>a</sup> e na 4.<sup>a</sup> e iniciado por uma palavra esdrúxula.»

<sup>81</sup> Nota de Herculano de Carvalho: «Segundo Esparteiro, ‘canto da gente do mar em fainas pesadas.’»

<sup>82</sup> Vento moderado do Noroeste.

Pateros lares que, saudoso, anelo,  
Sacros Penates, que de longe adoro,  
Suave asilo, que perdi, vertendo  
Lágrimas ternas;

Eu torno, eu torno, por Amor guiado,  
Exposto à fúria dos tufões, dos mares,  
Eu torno, eu torno para vós: ouviu-me  
Júpiter alto.

Do formidável tribunal supremo,  
Ante quem pasmas, Natureza, e donde  
Os nossos crimes, as virtudes nossas  
Íntegro julga;

Do trono eterno, que as estrelas calca,  
Trono adorável, cuja luz divina  
Os próprios olhos imortais, que o cercam,  
Trémulos sofrem;

Às mestas<sup>83</sup> preces da minha alma aflita  
O Deus dos deuses anuiu, clemente,  
E em rósea nuvem pelos ares desce  
Nítido Génio.

Purificando co'um sorriso o dia,  
Afáveis olhos para mim volvendo,  
Me diz: «Não chores, ó mortal, não chores,  
Mísero, basta.

---

<sup>83</sup> Lúgubres, tristes.

«Dos orbes de ouro inumeráveis baixo  
A sufocar-te as clamorosas queixas;  
Teus bruscos dias vão trocar-se em ledos,  
Prósperos dias.»

Disse o brilhante cortesão de Jove<sup>84</sup>  
(Era a Piedade), que na rubra nuvem  
Abrindo os ares, mais veloz que os ventos,  
Súbito foge.

Varão sublime, tu, ouvindo os ecos  
Do mensageiro do inefável nume,  
Ardes em glória, para mim teu rosto  
Plácido voltas.

Eis os sorrisos, que a tristeza amarga  
De vós banira com decreto horrendo,  
Ei-los de novo sobre vós, ó minhas  
Pálidas faces.

Clama, não cesses, Gratidão, não cesses,  
Sê minha musa, Gratidão, virtude  
Que desconhecem, desacatam, mancham  
Sórdidas almas.

Lembrem-te as feias, ululantes Fúrias  
Postas em torno de meu berço infausto,  
Das ígneas fauces contra mim vibrando  
Hórrido agouro.

---

<sup>84</sup> Júpiter.

Lembrem-te os males, as terríveis ânsias  
Que este sensível coração farparam;  
De férreos peitos, que sem dó me ouviram,  
Lembra-te, ó deusa.

Se eu vou nas aras dos Penates<sup>85</sup> caros  
Pendurar votos, consumir incensos,  
Depositando sobre a lísia praia  
Ósculo grato;

Se as inocentes, fraternais carícias  
Vou, cobiçoso, recobrar na Pátria,  
Em cuja ausência fugitivas horas  
Séculos julgo;

Se as cãs honradas vou molhar de pranto  
Ao sábio Velho, que me deu co'a vida  
Os seus desastres, por fatal, por negra,  
Lúgubre sina;

Se estou já livre da cruel Desgraça,  
Que nas entranhas me enterrava as presas,  
Bem como a Tício<sup>86</sup> nos Infernos morde  
Sófrego abutre,

Tudo a ti devo, ó benfeitor, ó grande,  
Que a roçagante, venerável toga  
Não tanto adorna como o teu preclaro  
Mérito exímio.

---

<sup>85</sup> Deuses romanos que velavam pelos lares. São representados por dois jovens sentados.

<sup>86</sup> Gigante, filho de Zeus e de Elara. Arremessado aos Infernos por Zeus, o seu figado era ciclicamente devorado por duas águias.

Tudo te devo: a gratidão não sofre  
Que teus favores generosos cale;  
Julga tu mesmo se o silêncio é crime  
    Árbitro excelso.

À sacra estância da imortal Virtude  
Sempre em meus hinos subirá teu Nome,  
Enquanto o golpe me não der no fio  
    Átropos<sup>87</sup> crua.

Ó Céus! Ó Fados! Conservai Ferreira:  
São necessários os heróis no mundo.  
E tu, ferrolha os procelosos monstros,  
    Éolo<sup>88</sup> amigo.

#### XIV — A ESPERANÇA<sup>89</sup>

Musa, não gemas, ergue, ó desgraçada,  
    O rosto macilento,  
Da vista a frouxa luz, quase apagada  
Nas lágrimas que vertes. Musa, alento,  
    Move a trémula planta,  
Pisa os receios e a Marília canta.

Canta da ilustre dama a gentileza,  
    A prole esclarecida,  
Os dons da sorte, os dons da Natureza,

---

<sup>87</sup> Uma das Parcas, aquela que cortava o fio da vida.

<sup>88</sup> Senhor dos Ventos, é citado na *Odisseia*.

<sup>89</sup> Ode oferecida em Macau «à Excelentíssima Senhora D. Maria de Saldanha Noronha e Meneses», personalidade ligada à classe dirigente de Macau que protegeu o poeta, aquando da sua passagem por aquele território. Bocage dedicou-lhe ainda, bem como às suas filhas, o soneto «Musa chorosa, que por terra estranha» e a ode «O Adeus». Este poema encontra-se na primeira edição das *Rimas*, 1791, p. 120. Foi retirado das edições de 1794 e 1800.

As prendas com que a vês enriquecida,  
E, depois de a louvares,  
Torna a teus choros, torna a teus pesares.

Ah, que já sinto, milagroso objeto,  
Quanto pode o teu rosto!  
Da malfadada Musa o turvo aspeto  
Já cora, já se vai do meu desgosto  
Sumindo a névoa densa,  
Que desfaz, como Sol, tua presença.

Inclina, pois, magnânima Senhora,  
Os clementes ouvidos  
À voz que não profere, aduladora,  
Altos encómios, da razão despidos:  
A verdade celeste  
Com o seu cândido manto os orna, os veste.

A ti, dignos de ti, Marília, voam,  
A ti, bela heroína,  
Cujas mil graças mil virtudes c'roam;  
A ti, que enches de glória a fértil China,  
Enquanto a que te adora  
Mísera Pátria, tua ausência chora.

As deidades, criando-te, exauriram  
O seu cofre divino,  
A teus encantos para sempre uniram  
Em áureo laço o mais feliz destino,  
E eis os dons com que brilhas  
Reproduzidos nas mimosas filhas.

Esses tenros, lindíssimos pedaços  
Da tua alma preciosa,  
O ledo par gentil, que nos teus braços  
Das doces, maternais carícias goza,  
Teus dias felicita,  
E nas amáveis perfeições te imita.

Com meiga voz, com eficaz exemplo,  
Com saudáveis doutrinas  
Ao, que habita a Virtude, eterno templo,  
O caminho estelífero lhe ensinas,  
A mim, mortal profano,  
A mim tão árduo, para ti tão plano.

Já do etéreo vestibulo te acena  
Almo esquadrao radioso,  
Já na celeste região serena  
Génios sem mancha em hino harmonioso  
Tè nomeiam... Lá brada  
De ilesas virgens multidão sagrada.

Não ouves, ó Marília, as vozes delas!  
Repara como of'recem  
Do teu pudico amor às prendas belas  
A glória sem limites, que merecem...  
Não me engano, em vós chove  
O fragrante licor, que liba Jove<sup>90</sup>.

---

<sup>90</sup> Júpiter.

Vós sois... porém não mais, ó Musa inerte,  
Basta, cesse o teu canto,  
As vozes de prazer em ais converte,  
Nadem teus olhos outra vez em pranto,  
Que as almas compassivas  
Atendem mais às lágrimas que aos vivos.

Com suspiros, ó triste, implora, implora  
De Marília a piedade;  
Ela é justa, ela sente, ela deplora  
Os erros da infeliz Humanidade;  
Contra o Fado inimigo  
Na sua compaixão procura abrigo.

Roga, roga-lhe, enfim, que te destrua  
As ânsias, os temores,  
Que à Pátria, ao próprio lar te restitua...  
Ah! Já te diz que sim: não mais, clamores;  
Musa! Musa! Descansa,  
Cantemos o triunfo, ó Esperança.

Olha como a tirana, a má Desgraça  
As cobras arrepela  
E as sanguinosas vestes despedaça...!<sup>91</sup>  
Zombemos, coração, zombemos dela.  
Monstro, já não me espantas...  
Lá cai, lá freme, de Marília às plantas.

---

<sup>91</sup> No original: «despedaça...!»

XV — O ADEUS, ODE DEDICADA AOS BRILHANTES MÉRITOS  
DA EXCELENTÍSSIMA SENHORA D. MARIA SALDANHA NORONHA E MENESES<sup>92</sup>

*Auguste verité.*

*Repans sur mes écrits ta force et ta clarté.*

Voltaire, *La Henriade*, chant I

De Marília cantemos  
As virtudes e encantos,  
O seu nome exaltemos.  
Musa d'Almeno consagrada a prantos,  
Ó musa minha! Alegra-te: é preciso  
Trocar antigas lágrimas em riso.

A gratidão te inspira,  
Fere as cordas brilhantes  
Da temperada lira;  
De Amor as flamas, os grilhões não cantes,  
Não cantes a cegueira do Universo,  
Eleva a mais o torneado verso.

A virtude, a beleza,  
Eis os grandes objetos  
Que, honrando a Natureza,  
Exigem teus louvores, teus afetos;  
À verdade arranquemos a mordação:  
Não necessita de lisonja a graça.

Tu, que no carro de ouro  
Giras os céus divinos,  
Deus dos vates! Deus louro!

---

<sup>92</sup> Ode publicada postumamente, no periódico *Noites de Évora*, n.º 1, 1897. O editor da revista afirma: «Não só é original mas autógrafa, esta ode de Bocage, da coleção de manuscritos do Ex.<sup>mo</sup> Senhor Visconde da Esperança, o qual houve a bondade de permitir se imprimisse em proveito das letras pátrias.» V. nota à ode «A Esperança», p. 154.

Dá-me os teus sons, ensina-me teus hinos,  
Teus hinos que rochedos amolgaram,  
Que de Anfriso<sup>93</sup> a corrente aprisionaram.

A minha alma arrebatada  
Em êxtase de glória  
À bela estância grata,  
Onde contigo as filhas da memória  
Tecem para a sublime heroicidade  
Altas capelas, que não róí a idade.

Não desdenhes meu rogo,  
Nume! ouve-me... Oh, pasmo!  
Que transporte! Que fogo  
Me lambe o coração! Que entusiasmo  
Da terra, qual tufão, me afasta as plantas.  
Estro! Sacro furor! Tu me levantas.

Eu penetro os vapores  
Que nos ares se estendem,  
Eu... Céus! Que resplendores!  
Os débeis olhos ao redor me ofendem!  
Nado em mares de luz!... E não me abraso!...  
Ah!...<sup>94</sup> sossega, minha alma: eis o Parnaso.

Olha as sábias, as nove<sup>95</sup>  
Puras irmãs de Clário,  
Olha as filhas de Jove:  
Lá têm defronte o precioso Erário,  
Que guarda, em vez de lúcidos tesouros,  
Honrosas palmas, generosos louros.

---

<sup>93</sup> Deus-rio da Tessália.

<sup>94</sup> *Sic.*

<sup>95</sup> As nove Musas. V. nota à epístola dirigida a Maria Joaquina Pereira Coutinho, p. 52.

Salve, augusta assembleia,  
Congresso venerando,  
Que inflamais minha ideia!...  
Mas que rosto gentil, sereno e brando,  
Ó musas, vosso número acrescenta,  
E seus olhos nos meus emprega atenta.

Quem és, ó nova Graça?  
Quem és, nova Camena  
Que o santo coro abraça  
Nesta montanha deleitosa, amena?  
Raro objeto! Quem és? Não fiques mudo...  
Ah! Já te reconheço e te saúdo:

És, Marília, és aquela  
Que, exercendo comigo  
A virtude mais bela,  
A bela compaixão, me deste abrigo.  
Olhaste, carinhosa, um desgraçado,  
Desesperada vítima do Fado;

És a luz que me guia  
A meus perdidos lares  
E a quem minha harmonia  
Há de no império do senhor dos mares  
Erguer aos céus em cânticos de Apolo,  
Ao som dos berros do soberbo Éolo.

Hoje as Musas te of'recem  
A perdurável c'roa,  
Que alcançam, que merecem  
Os génios grandes, cujo nome voa  
Além de Febo, além do firmamento,  
E onde apenas sobe o pensamento.

Ah! Só do grão Tonante<sup>96</sup>  
As adoradas filhas  
Da tua alma brilhante  
Pintem, Marília, os dons e as maravilhas;  
A prudência não quer que a mais me arroje:  
Cai-me a lira das mãos, a voz me foge.

Desses louros eternos  
Entre as Musas cingida,  
Ouve somente os ternos,  
Vãos clamores de amarga despedida,  
Que para os olhos meus, que perdem tanto,  
Está de novo convidando o pranto.

Eis as velas branquejam,  
Zune propício o vento  
(Tão propícios te sejam  
Os habitantes do estrelado assento);  
Eu me entrego do mar à variedade,  
Acompanhado da fiel saudade.

Do baixo esquecimento,  
Que as lembranças consome,  
Sempre em meu pensamento  
Triunfará teu venerável nome:  
Só nas asas da vida transitória  
Desta alma voará tua memória.

Fiel demonstração do respeitoso afeto de Manuel Maria de  
[Barbosa du Bocage.

---

<sup>96</sup> Júpiter.

### 3 — OUTRAS ODES

#### XVI — A CATARINA MICAELA DE SOUSA CÉSAR E LENCASTRE

##### *Ode sáfica*<sup>97</sup>

Consoladora de meus negros males,  
Musa, que à sombra dos ferais<sup>98</sup> ciprestes  
Comigo entoas lacrimosas nébias,  
Lúgubres cantos:

Eia, deixemos uma vez, deixemos  
O horrível ermo, que arremeda o caos  
E em cujas trevas apinhados guincham  
Fúnebres mochos;

Eia, deixemos uma vez, deixemos<sup>99</sup>  
Esta medonha habitação da Noite,  
Vamos um dia respirar serenos,  
Límpidos ares.

Mas não arranques da mirrada frente,  
Não, não arranques a funérea c'roa,  
Nem dispas essa lastimosa, antiga,  
Rústica veste.

---

<sup>97</sup> Poema publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791 e 1794, p. 152, que foi, cautelosamente — considerando o papel fulcral do marido da destinatária na libertação de Bocage —, retirado da edição de 1800. Bocage dedicou-o à futura condessa de Balsemão, Catarina Micaela de Sousa César e Lencastre (Guimarães, 1749-Porto, 4 de janeiro de 1824), cujo nome não consta da epígrafe original. Casada com o visconde de Balsemão, Luís Pinto de Sousa Coutinho, cultivava a poesia, sendo os seus salões famosos na época. Influenciada por José Agostinho de Macedo, entrou em colisão com Filinto Elísio. Protegeu Nicolau Tolentino, que lhe dedicou cinco poemas. Subscreveu o segundo tomo das *Rimas* de Bocage. Da autoria de Zenóbia Collares Moreira é a obra *O Lirismo Pré-Romântico da Viscondessa de Balsemão, D. Catharina Michaela de Sousa Cesar e Lencastre 1749-1824*. Lisboa: Edições Colibri, 2000.

<sup>98</sup> Fúnebres.

<sup>99</sup> Variante da primeira edição (1791, p. 137): «Eia, saíamos uma vez, saíamos.»

Vamos carpindo, soluçando, ó Musa,  
Aos venerandos, majestosos lares,  
Que o rubro Febo<sup>100</sup> co'as Irmãs e as Graças  
Cândidas pisa.

Segue meus passos: em lugar das campas,  
Em vez das portas do silêncio eterno,  
Hoje de ilustre pavimento os lisos  
Mármoreos toca.

Mas não te esqueça a lutuosa ofrenda  
Que, envolta em pranto, consagraste às cinzas  
E às mil virtudes imortais do luso  
Príncipe excelso.<sup>101</sup>

Alta heroína, singular Lencastre,  
De árida planta não rebentam flores  
Nem mestas aves agoureiras sabem  
Cântico alegre.

Outros nas asas de melífluos hinos  
Doces prazeres pelos ares soltem;  
Brandos Amores, deleitosas Graças,  
Cantem-vos outros.

A luz primeira que meus olhos viram  
Foi de fantasmas infernais toldada,  
Eles o berço me embalaram, dando  
Hórridos gritos.

---

<sup>100</sup> Apolo.

<sup>101</sup> Bocage dedicou ao infausto filho de D. Maria I a elegia «À Lamentável morte do Príncipe D. José», publicada na edição de 1794 das *Rimas*, p. 13, bem como os sonetos «José, sangue de heróis, Príncipe amado» e «Louca, cega, iludida Humanidade».

As torvas Parcas me fadaram logo,  
Negros agouros sobre mim caíram  
E de meu lado com terror voaram  
    Júbilo e riso.

Tu, pois, matrona, que no grau sublime  
Onde a Fortuna com seus dons te c'roa,  
Mais da fecunda Natureza as grandes  
    Dádivas prezas;

Tu, que passeias o Piério Cume<sup>102</sup>,  
O monte excelso, tão vedado a tantos,  
Onde bafeja imarcescíveis flores  
    Zéfiro<sup>103</sup> ameno,

Ouve, propícia, dissonantes versos,  
Nas mudas trevas pela dor criados;  
Mais nada imploro do favor celeste,  
    Ouve-me, e basta.

Se te deverem compassivo agrado  
Os acres frutos da roaz Tristeza,  
Que no chagado coração me crava  
    Lívidos dentes,

Embora as bocas do profundo Averno<sup>104</sup>  
Milhões de Fúrias<sup>105</sup> contra mim vomitem,  
Embora à porta do meu pobre asilo  
    Cérbero<sup>106</sup> ladre,

---

<sup>102</sup> O Parnaso, onde se encontravam Apolo e as Musas. Referência aos dotes poéticos desta dama.

<sup>103</sup> Vento do sul, na antiga Roma.

<sup>104</sup> Lago situado à entrada do Inferno.

<sup>105</sup> Divindades infernais romanas que simbolizam o remorso e a vingança dos deuses.

<sup>106</sup> Cão com três cabeças que se encontrava à porta dos Infernos.

Peito de bronze, coração de ferro  
Sempre à Desgraça mostrarei, constante,  
Nunca teu gelo sentirei nas veias,  
Frígido susto.

XVII — À IMPROVISA MORTE DO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO  
PRINCIPAL MASCARENHAS<sup>107</sup>

*Ode alcaica*

Canora Musa do culto Píndaro<sup>108</sup>,  
Que remontavas seu estro férvido  
Sobre as purpúreas asas  
De almos, fogosos êxtases:

Longe os aromas com que teu hálito  
Fecunda as mentes dos vates ínclitos,  
Que em altíssimo metro  
Vão arrostar com Júpiter.

---

<sup>107</sup> Publicada no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791 e 1794, p. 155. Foi excluída por Bocage da edição de 1800, facto que impressionou negativamente o censor que analisou o pedido de reimpressão daquela obra, o qual foi assinado pelo editor, Simão Tadeu Ferreira.

Nota de Bocage: «Feita à improvisa morte do Ilustríssimo e Senhor Principal Mascarenhas e oferecida ao Ilustríssimo Senhor José Pedro Hasse de Belém, do Conselho de Sua Majestade e Prelado da Santa Igreja Patriarcal.» D. Domingos de Assis Mascarenhas, diácono da Santa Igreja Patriarcal, faleceu aos 36 anos, a 6 de fevereiro de 1791. Era presidente da Junta do Exame Actual e Melhoramento das Ordens Regulares e reformador da Ordem de Cristo.

O primeiro volume da edição de Pato Moniz, publicado em 1813, apresenta, na p. 176, em epígrafe, os seguintes versos da écloga v de Virgílio: «...Tuum Poenos etiam ingemuisse Leones / Interitum, montesque feri, Sylvaeque loquantur.»

<sup>108</sup> V. nota à ode vi, p. 122.

Desce a meus gritos só tu, Melpómene<sup>109</sup>,  
Só tu que, envolta no manto lúgubre,  
A lastimosas cenas  
Dás suspiros, dás lágrimas!

Desce a meus rogos, traze-me, inspira-me  
Nénias queixosas, fúnebres cânticos,  
Que, desgrenhada, entoas  
Sobre os medonhos túmulos.

Negra falange de pragas hórridas  
Assalte o monstro voraz e indómito,  
Que restitui ao nada  
Os humanos misérrimos.

Eia, imprequemos a Morte lívida,  
Que nos abismos, em trono de ébano,  
Preside à chusma enorme  
Das Fúrias<sup>110</sup>, Hidras, Górgonas<sup>111</sup>.

Ela, a tirana, de estragos ávida,  
Cujas melenas são cruéis áspides<sup>112</sup>,  
Qual Cérbero ululando<sup>113</sup>,  
Surge do ardente Bátrato<sup>114</sup>;

---

<sup>109</sup> Uma das nove musas que acompanhava Apolo. Melpómene presidia à Tragédia.

<sup>110</sup> Divindades infernais romanas que simbolizam o remorso e a vingança dos deuses.

<sup>111</sup> Monstros que habitavam perto do país das Hespérides, junto ao monte Atlas; em número de três, Esteno, Euriale e Medusa, eram descendentes de Fórcis e de Ceto.

<sup>112</sup> Serpente muito venenosa.

<sup>113</sup> Cão trífauce que guardava a porta dos Infernos.

<sup>114</sup> Precipício do qual se lançavam os criminosos em Atenas; o Inferno.

De estígios monstros maldito séquito  
Une-se a ela; da terra as húmidas,  
Pedregosas entranhas  
Fende a caterva rábida.

Eis aparecem no mundo, e súbito  
Murcham-se as flores, secam-se as árvores,  
O Sol para enfiado,  
Coalham-se as fontes lúbricas.

Das ígneas fauces maligno tóxico  
Solta nos ares o tropel ímprobo:  
Caem por terra, arquejando,  
Envenenadas vítimas.

Em torno os olhos a Morte pálida  
Mil e mil vezes volve, frenética,  
E aniquilar deseja  
A Natureza pávida.

Por entre alegres e fiéis súbditos  
Que o acompanham, descobre a bárbara  
Excelso herói, munido  
De fresca idade flórida;

Varão sublime, pio, magnífico,  
Ramo de antiga planta frutífera,  
Sempre, ó santa Virtude,  
Com teus orvalhos mádida;

Varão exímio, que honrava a púrpura,  
Que as fofas asas do orgulho tímido  
Prendia, cerceava,  
Com gesto brando e plácido.

Ciência augusta, dos deuses dádiva,  
Tu exornavas sua alma cândida,  
Tu jamais o iludiste,  
Vã grandeza fantástica;

A vil, bilingue lisonja pérfida  
A seus ouvidos sempre foi áspera;  
Só lhe inflamava o peito  
A sã verdade lúcida.

De avós egrégios o vasto número  
Só recordava para ser émulo  
Da brilhante virtude,  
Que os fez na Pátria célebres.

À macilenta pobreza lânguida  
Sempre incansável sua mão próspera  
Arrancava as mordazes,  
As esfaimadas víboras.

Bom Mascarenhas, a morte horrífica  
Abominando teu alto mérito,  
Corre e crava em teu peito  
A garra curva e ríspida.

Com riso horrível, com impio júbilo  
O monstro escuta suspiros trémulos,  
Que de mil almas voam  
Aos grossos ares túrbidos;<sup>115</sup>

---

<sup>115</sup> Nota de Bocage: «Era na força do Inverno.»

E coòs sequazes no fundo Tártaro<sup>116</sup>  
Cai de repente: do baque horrísono  
Espantadas, as Fúrias  
Tremem no eterno cárcere.

Mas tu, ditoso, plácido espírito,  
Entre os risonhos coros angélicos  
Num turbilhão de luzes  
Sobes aos astros nítidos.

Eu, eu penetro co'a mente alígera  
Os sacros muros do Céu diáfano,  
Lá vejo, sim, lá vejo  
Áureo diadema ornando-te.

E inda carpimos, Hasse magnânimo!  
Ah! Não reguemos o surdo mármore  
Do herói, que em paz perpétua  
Logra a visão beatífica.

Troquem-se os choros em hinos mélicos,  
Em ledos cantos as nébias fúnebres;  
Desarreiguemos da alma  
A seva<sup>117</sup> dor anguífera.

Sim, adoremos, tácitos, tímidos,  
O Deus terrível, dos homens árbitro,  
Que empunha, que arremessa  
O raio horrendo e rápido.

---

<sup>116</sup> O local mais profundo dos Infernos, para onde iam as almas mais pecaminosas.

<sup>117</sup> Cruel.

Tu, que professas virtudes sólidas,  
Ah! Não consintas, cristão filósofo,  
Que abale inútil mágoa  
Tua constância rígida.

XVIII — OS AMORES<sup>118</sup>

Dos malignos Amores<sup>119</sup>  
Girava os ares o volátil bando,  
Seus áureos passadores  
Dos ebúrneos carcasses semeando.

O mais destro frecheiro,  
O chefe da invencível companhia,  
Que tem do mundo inteiro  
A seus pés o destino e monarquia;

Aquele, que em desmaio  
Muda ao tigre o furor, se a dextra move,  
Que até, sem medo ao raio<sup>120</sup>,  
Sacrílego farpão cravara em Jove,

---

<sup>118</sup> Publicada no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 140.

<sup>119</sup> Na edição de 1791: «Dos travessos Amores», p. 113.

<sup>120</sup> Referência a Júpiter.

Do azul campo sereno  
Desce, enfim, coòs irmãos a fértil prado,  
Vizinho ao Tejo ameno,  
E diz à turma, de que vem cercado:<sup>121</sup>

«Eu, que não satisfeito  
De combater, de triunfar na Terra,  
Convosco tenho feito  
Aos próprios Céus inevitável guerra;

«Eu, que prazer sentia  
Em forjar aos mortais mortais pesares,  
Que, ufano, alegre, via<sup>122</sup>  
O sangue borbulhar nos meus altares;

«Eu, que em mavórcia<sup>123</sup> lida  
Tornei purpúreo o límpido Scamandro<sup>124</sup>;  
Eu, cruento homicida  
De Hero gentil, do nadador Leandro<sup>125</sup>,

«Neste dia de gosto,  
Em que brotou de generosa planta  
Aquela cujo rosto  
Almas cativa, corações encanta;

---

<sup>121</sup> Variante da primeira edição: «E assim diz, sobre as flores assentado», p. 114.

<sup>122</sup> Variante da primeira edição: «Que, sorrindo-me, via», p. 114.

<sup>123</sup> Belicosa.

<sup>124</sup> Escamandro, rio da planície de Troia, também denominado Xanto.

<sup>125</sup> De acordo com a mitologia, para visitar a sua amada Hero, Leandro atravessava a nado, todas as noites, o estreito existente entre Abido e Sesto. Numa das suas incursões, não resistiu a uma violenta tempestade e soçobrou. Hero, perante esta tragédia, suicidou-se. V. no tomo I do presente volume a cantata de Bocage sobre este tema, p. 537.

«Neste bom dia, em que ela,  
Em que Marília, nossa glória, Amores,  
Apareceu mais bela  
Que a flor de Vénus<sup>126</sup> na estação das flores,

«Do que fiz me arrependo,  
Quero afamar-me por mais alta empresa:  
Eternizar pretendo  
A melhor produção da Natureza.

«Um de vós, sem demora,  
Procure o Velho<sup>127</sup>, que em perpétua fome  
Rijos troncos devora,<sup>128</sup>  
O ferro, o bronze, o mármore consome;

«Vá dizer-lhe que parta  
Logo o instrumento sanguinoso e duro,  
A foice, nunca farta  
De mandar os mortais ao reino escuro;

«Que respeite, rendido,  
Um dia tão sagrado e tão jucundo,  
Em que deixa Cupido<sup>129</sup>,  
Pela primeira vez, em paz o mundo.

«E se o monstro faminto  
Não dobrar a cerviz no mesmo instante,  
Mostrarei que me sinto  
Para a vingança com valor bastante;

---

<sup>126</sup> A rosa.

<sup>127</sup> O Tempo.

<sup>128</sup> Variante: «Os penhascos devora,», p. 115.

<sup>129</sup> Filho de Marte e de Vénus, presidia ao Amor. Era representado por um menino, nu, por vezes com uma venda, que transportava um arco e uma aljava, com setas ardentes. Correspondia, na mitologia grega, a Eros.

«Farei que saiba o quanto  
Pode o fervor de um amoroso afeto,  
Farei que lave em pranto  
As cãs espessas do medonho aspeto.

«O mundo não tem visto  
Obrar Amor prodígios cento e cento?  
Pois veja agora nisto  
De meus portentos o maior portento.»

Disse, e depois que soa  
Ténue sussurro, a ordem se executa:  
Um deles parte, e voa  
Do Tempo à carcomida, horrível gruta.

O Velho injusto e forte,  
Consumidor das coisas, encostado  
No regaço da Morte,  
Foice na mão, cadáveres ao lado,

Vendo entrar de repente  
O belo infante, o núncio de Cupido,  
Alça a rugosa frente,  
Em tom lhe diz soberbo e desabrido:

«Infeliz! Que arrogância,  
Que imprudência, que fado ou que desdita  
Te guia à negra estância,  
Aonde o Tempo com a Morte habita?

«Não pasmas, não tens susto  
De olhar-me? De me ouvir? Pois eu te ensino  
Com meu braço robusto  
A acatar-me, a temer-me, audaz menino.»

Disse e, vermelho o gesto,  
Torcendo os olhos, que chamejam ira,  
Move o braço funesto  
E co'a sanguínea foice ao deus atira:

O ferro os ares mede,  
Obedecendo à fúria que o sacode;  
Mas eis que retrocede,  
Fugindo ao nune, que ferir não pode.

Ele então co'um sorriso,  
De altivez desdenhosa acompanhado,  
Volve os olhos ao liso,  
Curvo instrumento, que lhe foi lançado;

E ao monstro, que veneno  
Vomita da nojosa boca escura:  
«Cessa (diz), eu to ordeno  
Em nome de Marília bela e pura.»

Ele prosseguiria;  
Mas os dois feros sócios, escutando  
Pela voz da Alegria  
O nome encantador, suave e brando,

Quais os deuses do Inferno,  
Que a frente, ouvindo Orfeu<sup>130</sup>, desenrugaram  
E o férreo cetro eterno  
Das inflexíveis mãos cair deixaram,

---

<sup>130</sup> Lendário poeta trácio, nascido no Ródope, que desceu aos Infernos para resgatar Eurídice, sua esposa. A forma como tangia a lira impressionou vivamente as divindades infernais, que o autorizaram a recuperar a sua amada; como única condição impunham-lhe que não olhasse para trás, até sair completamente daquela malquista região. Possuído por enorme impaciência para a contemplar, acabou por a perder.

O furor impaciente,  
Que as entranhas lhe rói, súbito amansam;  
Erguem-se e de repente  
Da mimosa deidade aos pés se lançam.

«Adorável menino  
(Clamam, tremendo, os dois), tu nos domaste  
Quando o nome divino  
Da singular Marília articulaste.

«Dize, dize o que intentas,  
Que já qualquer de nós te está sujeito,  
E as nossas mãos cruentas  
Trémulas vês de afeto e de respeito.

«Quero já destruído  
(Torna o menino), em honra deste dia,  
Esse ferro buído,  
Que com vipéreo sangue a Morte afia.

«Marília, cujo agrado  
Desencrespa e serena o mar e o vento,  
Hoje vê renovado  
Seu natalício, festival momento.

«A destra Natureza  
De regozijo, de altivez se cobre  
Por criar tal beleza,  
Alma tão pura, coração tão nobre.

«Até Vénus benigna  
A disputar-lhe os cultos não se atreve;  
A louva, a julga digna  
Dos cisnes e da concha cor de neve.<sup>131</sup>

«Eia, pois, humilhados  
De Marília ante os olhos vencedores,  
Ante os dois adorados  
Ninhos das Graças<sup>132</sup>, ninhos dos Amores,

«Sacrificai-lhe as fúrias,  
As fúrias que defesa não consentem;  
Nunca, nunca as injúrias  
Do Tempo ou Morte profaná-la intentem.»

Com isto os lábios cerra,  
E logo o Tempo dos nervosos braços  
Arroja sobre a terra  
A foice, que entre as mãos fez em pedaços;

Depois, inda curvado,  
Diz<sup>133</sup>: «Está transgredida a lei da Sorte;  
Amor, vai descansado,  
Que a Marília veneram Tempo e Morte.»

---

<sup>131</sup> Assinala Herculano de Carvalho: «O cisne é um dos símbolos de Vénus como deusa do mar; a concha é aquela em que teria surgido da espuma marinha na praia de Citera.»

<sup>132</sup> Eufrosine, Talia e Aglaia, as Graças ou Cárites, eram filhas de Zeus e de Eurínome. Divindades da beleza, são representadas nuas, com o semblante risonho e de mãos dadas.

<sup>133</sup> Variante da primeira edição: «Clama», p. 119.

Ao seu gentil monarca  
Torna o menino alígero, e lhe conta  
Que o Tempo<sup>134</sup> achou, e a Parca<sup>135</sup>,  
Pronto a seu mando, a seus desejos<sup>136</sup> pronta.

Juntos então revoam  
E, de Marília próximos aos lares<sup>137</sup>,  
Os Amores entoam  
Hinos canoros nos cerúleos ares.

XIX — AO SENHOR JOSÉ BERSANE LEITE<sup>138</sup>

Euro, batendo as asas procelosas,  
O Pélagos entumece;  
Medonhos escarcéus de fofa espuma  
Às nuvens se arremessam.  
Do trovão, do fuzil<sup>139</sup> o estrondo, o lume  
Atroa e cresta os ares,  
Hórrido aos olhos, hórrido aos ouvidos;<sup>140</sup>  
Lutam co'a vaga enorme  
Afrontados baixéis, no Tejo arfando.

---

<sup>134</sup> Saturno, filho do Céu e da Terra.

<sup>135</sup> As três Parcas: Cloto, Láquesis e Átropo. Eram filhas de Érebo e da Noite. A primeira empunhava a roca, a segunda fazia girar o fuso e a última cortava o fio da vida.

<sup>136</sup> Deuses romanos de origem etrusca que protegem o domicílio. Filhos de Mercúrio, eram representados sob a forma de adolescentes.

<sup>137</sup> Variante da primeira edição: «às suas ordens», p. 119.

<sup>138</sup> Ode publicada no primeiro tomo das *Rimas*, edição de 1800, p. 147. José Bersane Leite desempenhava, em 1790, o cargo de oficial da «Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros». Subscreveu o segundo tomo das *Rimas*. Era, ao que tudo indica, filho de um grande amigo de Bocage, o poeta António Bersane Leite, e irmão de Ana Perpétua Bersane Leite e de Maria Vicência Bersane Leite, pelo escritor incensadas na sua obra.

<sup>139</sup> Relâmpago.

<sup>140</sup> Nota de Herculano de Carvalho: «Na edição original, este verso vem assinalado com aspas, que honestamente chamam a atenção do leitor para o empréstimo feito a Camões, em cuja égloga 'Alieuto e Agrário' constitui o verso 244.»

Ao repelão frequente  
Resiste apenas a robusta amarra.  
Oh, que terror semeia  
O tumulto que o Mar e o Céu revolve!  
Lá negreja no Ocaso,  
De espectros ladeada, a Noite horrenda!  
Lá desce, lá caminha,  
E envolve manso e manso a Natureza  
No véu caliginoso.  
O Crime velador, a audaz Ternura  
A saúdam, risonhos;  
Ávida Turba com silêncio cauto  
Meios e ardis traçando,  
Lhe espreita os passos, lhe calcula as horas,  
A frágil posse anela  
Desses ídolos vãos — Ouro, Beleza —  
Tão fatais, tão queridos!  
Ó venturoso, tu que, rodeado  
De cândidos prazeres,  
Nos lares teus, nos lares da Virtude,  
Ora em êxtase doce  
Pendes do cisne, que as meândrias águas<sup>141</sup>  
Ao sacro Tibre invejam,  
Ora todo te dás ao som divino,  
Às líras milagrosas  
Do meu Tiónio<sup>142</sup>, do atilado Eurindo<sup>143</sup>,

---

<sup>141</sup> Nota de Herculano de Carvalho: «Estas ‘meândrias águas’ são evidentemente o Meandro, o famoso rio da Cária, o qual, por sinédoque, pode designar o país em que corre. Este, por sua vez, com um pouco de boa vontade (e com a imprecisão própria das referências geográficas da Antiguidade), talvez se entenda como abrangendo Esmirna, na Jónia, pátria de Homero (segundo a tradição aceite por Bocage). Sendo assim, o ‘Cisne que o Meandro inveja ao Tibre’ será Virgílio, na sua epopeia julgado como igual a Homero. ‘Pender do Cisne’ quererá então dizer ‘estar suspenso da leitura de Virgílio’ (em particular da *Eneida*).»

<sup>142</sup> Nota de Bocage: «António Bersane Leite.»

<sup>143</sup> Nota de Bocage: «O doutor José Tomás Quintanilha.» Este poeta, membro da «Nova Arcádia», foi um dos alvos preferenciais de Bocage, que, a dado momento, o apelidou de «o curto Quintanilha». Mais tarde, teve lugar uma reconciliação.

De Leucácio fecundo<sup>144</sup>,  
Que, acesos, despregando ao Estro as asas  
Pelo cerúleo vácuo,  
O Sol transcendem, somem-se nos Astros,  
Do Fado a névoa rompem,  
Mistérios sondam, maravilhas palpam,  
Enquanto o Zoilo inerte,  
Cego ao rasto, ao fulgor, que pelos ares  
O árduo voo assinala,  
Morde e remorde as víboras do seio,  
Pragueja, brama, espuma,  
A cólera de Jove antes quisera,  
E ir, despojo do raio,  
Arder co'as Fúrias, ulular no Inferno,  
Ouvir troar Sumano,  
Que sofrer o clarão da glória alheia.  
Feliz, feliz mil vezes,  
Tu, meu Josino, que, à verdade afeito,  
Nunca do exímio vate,  
Do herói, do sábio o crédito escasseias!  
Não figuras, não sonhas  
No mérito dos mais o teu desdouro;  
Às paixões sobranceiro,  
Ao jugo da razão vontade presa,  
Do Autor distingues o Homem.  
Se Espírito falaz co'a vil Calúnia  
Enevoar teus dias,  
E se as Musas de si lhe derem tanto,  
Que emboque épica Tuba,  
Que o som da eterna *Iliada* renove,  
Dirás, dirás, absorto:  
«Na voz, que me feriu, revive Homero.»

---

<sup>144</sup> Nota de Bocage: «João de Sousa Pacheco.»

Exemplo venerando!  
Raros o seguem, se o proclamam todos;  
Mas vive tu, Josino,  
Vive co'a glória, co'a perpétua glória,  
Que ao grave exemplo quadra;  
Só com ela, porém, medrar teu nome  
Não deve entre os famosos;  
Teu génio lide, esmere-se a tua alma  
Na próvida cultura  
Do Monte Augusto: admirem-te os que admiras;  
Sê mais fiel, mais grato  
Às Musas, que te querem, que te acenam,  
Que os louros te cultivam;  
Não temas, não fraquejes, voa e canta  
Além do vulgo insano.  
Estátuas e padrões consome o Tempo,  
Desaba o cerro anoso,  
Perece o ferro, o bronze, e versos vivem.  
Para cantar de amores,  
Suave inspiração lá tens nos olhos,  
Nas ondadas madeixas,  
No riso ingénuo da louçã Ritália,  
De Anarda encantadora.  
Para cantar de heróis, que à Pátria deram  
Não cuidadas vitórias,  
De sangue, de suor, de pó manchados,  
Forçando o Mar e a Terra,  
Lê Camões<sup>145</sup>, lê Camões, com ele a mente  
Fertiliza, afervora,  
Povoa, fortalece, apura, eleva,  
Que o malfadado Elmano  
Em tosco domicílio, onde o sopeiam  
Carrancudas Tristezas,

---

<sup>145</sup> O modelo de Bocage, frequentemente incensado na sua poesia.

Afaz o lutuoso pensamento  
Ao fantasma da Morte;  
Mantém na solidão, no horror das trevas  
Reflexões amargosas  
E vê na confusão da Natureza  
O quadro da sua alma.

XX — ODE ALEGÓRICA<sup>146</sup>

De porto mal seguro a turvo pego<sup>147</sup>  
Sai mesquinho baixel com raras velas,  
Vai crespas ondas pávido talhando  
À discrição dos ventos.

Nauta inexperto lhe dirige o leme,  
Chusma bisonha lhe mareia o pano,  
De um lado fervem Sirtes<sup>148</sup>, doutro lado  
Navífragos penedos.

Sussurrante chuva os ares cerra,  
Luz sulfúreo clarão de quando em quando,  
D'imminente procela os negros vultos  
Fero estrago ameaçam.

Já bravos escarcéus, que se amontoam,  
Por cima do convés soberbos saltam;  
Prossegue na derrota o débil pinho,  
Das vagas quase absorto.

---

<sup>146</sup> Publicada no primeiro tomo das *Rimas*, edição de 1800, p. 154. Inocêncio Francisco da Silva intitulou-a, fazendo apelo ao seu último verso, «O Quadro da Vida Humana» (t. II, p. 27); idêntica opção perfilhou Herculano de Carvalho.

<sup>147</sup> Mar profundo.

<sup>148</sup> Perigos no mar.

Depois de longamente haver corrido  
A estrada desigual com céus adversos,  
Em lugar de colhê-lo, o pano aumenta,  
Desafia o naufrágio.

Imaginária terra se lhe antolha,  
De mil e mil venturas semeada:  
Anelas por surgir no porto amigo,  
Cobiçosa Esperança.

Para cevar o horror mais campo havendo,  
A torva tempestade então mais zune,  
Em raios, em tufões todo o ar converte,  
Todo o pélagos em serras.

O mísero baixel desmantelado,  
Aos duros encontrões do mar, do vento,  
Sobe às estrelas, aos abismos desce  
Entre o pavor e a morte.

Súbito acode pródigo piloto,  
Que, oprimido até'li, jazera em ferros,  
Num vil cárcere escuro, onde rebeldes  
O tinham sopeado.

Estende a mão forçosa, aferra o leme,  
O lenho desafronta<sup>149</sup>, o rumo escolhe,  
Com saber eficaz, com alta indústria  
Vai sustendo a tormenta.

---

<sup>149</sup> Desvia a proa.

Já volumosas nuvens se adelgaçam,  
O vento se amacia, o mar se aplaina:  
Do benigno Santelmo<sup>150</sup> o ténue lume  
Reluz no aéreo tope.

Reina um pouco a suave, azul bonança,  
Mas eis se tolda o céu de novas sombras;  
Mais negra, mais feroz, mais horrorosa  
Ressurge a tempestade.

O sábio diretor, que todo ufano  
Da recente vitória inda folgava,  
A repetido assalto opõe de balde  
Arte, vigor, constância.

Tremendo aos furacões impetuosos,  
Lá descorçoa, enfim, lá desalenta,  
Co'a máquina infeliz, que já não rege,  
Misérrimo soçobra.

Ó ente racional! Ó ente frágil!  
Escravo das paixões que te arrebatam!  
Olhos sisudos neste quadro emprega:  
Eis o quadro da vida.

XXI — À SANTÍSSIMA VIRGEM A SENHORA DA ENCARNAÇÃO<sup>151</sup>

Acatamento em si e audácia unindo,  
Sobre o jus de imortal firmando os voos,  
A impávida Razão, celeste eflúvio,

---

<sup>150</sup> De acordo com o *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, «chama azulada que se observa no alto dos mastros dos navios, mormente em ocasião de temporal, devido à electricidade atmosférica, e que é, para os marinheiros, prenúncio de bonança.»

<sup>151</sup> Publicada no terceiro tomo das *Rimas*, 1804, p. 19.

Se eleva, se arrebatada.  
Por entre imensa noite e dia imenso  
(Mercê do Condutor, da Fé que a anima),  
Sobe de céus em céus, alcança ao longe  
O grão Princípio dos Princípios todos.

Além do firmamento, além do espaço  
Que, por lei suma, franqueara o seio  
A mundos sem medida, a sóis sem conto,  
Imóvel trono assoma:  
De um lado e de outro lado é todo estrelas;  
Vence ao diamante a consistência, o lume;  
Absortos cortesãos o incensam curvos,  
Tem por base e dossel a Eternidade.

Luz, de reflexos três, inextinguível,  
Luz que existe de si, luz de que emanam  
A Natureza, a Vida, o *Fado*<sup>152</sup>, a Glória,  
Dali reparte aos entes  
Altas virtudes, sentimento augusto,  
Aos entes que, na Terra extraviados,  
Das rebeldes paixões entre o tumulto,  
Ao grito do Remorso param, tremem.

Filho do Nada! Um Deus te vê, te escuta.  
Seus olhos imortais do empíreo cume  
(Aos teus imensidade, aos d'Ele um ponto),  
Atentaram teus dias,  
Teus dias cor da Morte ou cor do Inferno.  
D'alma em alma grassando a peste avita<sup>153</sup>,  
Hálito de serpente enorme, infesta,  
Da primeva inocência a flor crestara.

---

<sup>152</sup> Nota de Bocage: «*Fado* entenda-se pela invariável determinação de Deus a alguns respeitos.»

<sup>153</sup> Que vem dos avós.

Aos dois (como Ele) do Universo origem,  
Diz o Nume em si mesmo: «O prazo é vindo;  
Cumpra-se quanto em nós disposto havemos.»

Eis o Espírito excelso,  
Radiosa emanção do Pai, do Filho,  
Mística pomba de pureza etérea,  
À donzela idumeia<sup>154</sup> inclina os voos,  
Pousa, bafeja e diviniza o puro.

Tu, Verbo, sobrevéns: aérea flama  
Com tanta rapidez não sulca o Polo.  
Eis alteado o grau da Humanidade,  
Eis fecunda uma virgem;  
A redenção começa, o Deus é homem.  
Da graça, da inocência, oh paz, oh risos,  
Do Céu vos deslizais, volveis ao Mundo.  
Caí, torres de horror, troféus do Averno.

Que estrondo!... Que tropel!... Ao negro abismo  
Que desesperação revolve o bojo!...  
Para aqui, para ali, por entre Fúrias,  
O sacrílego monstro,  
O rábido Satã em vão blasfema.  
Lá quer de novo arremeter ao Mundo,  
Mas vê rapidamente aferrolhado  
O tartáreo portão com chave eterna.

Enquanto brama, arqueja, enquanto o Fero  
Morde, remorde as mãos, e a boca horrenda  
(As espumas veneno, os olhos brasas),  
Mulher divina exulta;  
Celestial penhor, que os anjos cantam,

---

<sup>154</sup> Idumeia, região da Palestina.

Que as estrelas, que o Sol, que os Céus adoram,  
Virgem submissa, mereceu na Terra  
Circunscrever em si do Empíreo a glória.

Salve, oh, salve, imortal, serena diva,  
Do Nume oculto incombustível sarça,  
Rosa de Jericó, por Deus disposta!  
Flor, ante quem se humilham  
Os cedros de que o Líbano alardeia!  
Ah! No teu grémio puro amima os votos  
Aos mortais de que és mãe: seu pranto enxugue,  
Seus males abonance um teu sorriso.

XXII — À CÉLEBRE ATRIZ E CANTORA VENEZIANA  
ELISABETTA GAFFORINI<sup>155</sup>

*Son charme s'insinue au fond de notre coeur.*

Vós, que o campo sulcais das níveas Ursas,  
Vós, íncolas da Aurora,  
Moradores das plagas de Colombo,  
Moradores da Líbia,  
Voai, voai do luso ao vasto empório,  
E aos pés de Gafforini  
Derramai de Pancaia<sup>156</sup> essências pias.

---

<sup>155</sup> Publicada por Inocêncio Francisco da Silva, t. II, p. 100.

Elisabetta Gafforini, contralto italiana que maravilhou os melómanos portugueses, nasceu em Milão, cerca de 1775, e faleceu depois de 1818. Em 1804, foi artista residente do São Carlos, tendo interpretado composições de, entre outros, Marcos Portugal, Mayr e Mosca.

Alberto Pimentel, em *Zamperineida*, recorda-a da seguinte forma: «Já depois de funcionar o Teatro de São Carlos, a prima-dona Elisabetta Gafforini, a quem Bocage dedicou uma ode, pôs em voga a maneira caprichosamente complicada de architectar a sua trunfa de cabelo louro, donde veio a palavra *gafforina*. E exaltações de fanatismo por esta ou aquela cantora [Zamperini] têm sido frequentes não só em Lisboa [...]»

<sup>156</sup> Região da Arábia, de onde eram oriundos produtos raros que chegavam à Europa.

Nessa torreada estância<sup>157</sup>  
Das vagas adriáticas cingida,  
Onde Erídano<sup>158</sup> rende  
Humilde vassalagem ao deus equóreo<sup>159</sup>,  
Desde os primeiros dias  
Talia<sup>160</sup> lhe embalou o tenro berço,  
E nas mimosas plantas  
Benigna lhe ajustou cómicos socos.  
As seminuas Graças,  
Os prazeres, os risos, os Amores  
Por ordem de Ericina<sup>161</sup>  
Foram da sua infância os sócios fidos;  
E no bicórneo monte<sup>162</sup>  
O dulcíssimo filho de Latona<sup>163</sup>  
Entre as celsas Camenas<sup>164</sup>  
Um trono lhe prepara aurifulgente,  
Onde esta semideusa,  
Deixando a Terra, colocar-se deve.  
Mas aos aplausos nossos  
Não roubes, Gafforini, teus encantos,  
E desdenhando altiva  
O que te aguarda laureado sólio,  
Aos teus fúlgidos olhos  
Sejam mais grato sólio os nossos peitos.  
Manda neste planeta;  
Tu podes com teu canto endeusá-lo,  
E o solo que trilhares

---

<sup>157</sup> Veneza, cidade onde a homenageada nasceu.

<sup>158</sup> O rio Pó.

<sup>159</sup> Neptuno.

<sup>160</sup> Uma das nove Musas; presidia à comédia e à poesia lírica.

<sup>161</sup> Afrodite.

<sup>162</sup> O Parnaso.

<sup>163</sup> Apolo.

<sup>164</sup> Divindades que presidiam às fontes e aos rios. O seu canto caracterizava-se pela doçura.

Será rival do bipartido cume<sup>165</sup>.  
Satélite de Marte,  
Que desolando o globo, o globo cruzas,  
Ante a recente Musa  
Depõe curvado o crepitante raio,  
E, sua voz ouvindo,  
Derrama o pranto, que arrancaste ousado  
Dos rendidos castelos.  
A Ônfale<sup>166</sup> imitando, Ônfale nova,  
Rebata Gafforini  
Do hercúleo punho a formidável clava,  
Que das alvas paredes  
Do templo do Renome suspendida,  
Deve atestar aos evos  
Que uma ninfa pisou os férreos dardos  
Da púnica Belona<sup>167</sup>.  
Virão alunos da piéria Escola,  
Que em grandiloquo metro  
Difundirão no mundo estupefacto:  
«Uma rival do Pindo<sup>168</sup>,  
Pisando os pavimentos de Talia,  
Encheu de assombro outrora  
No Olimpo os imortais, na Terra os homens.  
Com seu mole sorriso  
O brônzeo misantropo exultou, ria;  
Com seus mestos<sup>169</sup> suspiros  
No peito os corações se espedaçavam;

---

<sup>165</sup> O Parnaso.

<sup>166</sup> Nota de Herculano de Carvalho: «A Gafforini é assim a nova Ônfale — a mítica rainha da Lídia —, a quem Hércules, escravo, outra vez se humilha, enquanto ela mesma empunhará a clava do herói.»

<sup>167</sup> Deusa da guerra; tinha como função preparar o coche e os cavalos, sempre que Marte, seu irmão, partia para a guerra. É representada com um chicote ensanguentado, desgrenhada, com os cabelos tapando-lhe, parcialmente, os olhos.

<sup>168</sup> Monte da Grécia consagrado a Apolo e às Musas, onde se cultivava a poesia.

<sup>169</sup> Tristes.

E os ditosos que a viam  
Do resto do Universo se esqueciam.  
Ela manejou destra  
As dos afetos complicadas molas  
E, sem que vacilasse,  
Largando as serpes da sanguenta Alecto<sup>170</sup>,  
Nos vergéis de Citera  
Co'as aljavas d'Amor meiga brincava.»  
Dirão; e os meus vindouros  
Lhe hão de erigir altares sobre altares.  
Dizes, inflado Argivo,  
Que o Hemo<sup>171</sup> se abalava à voz do Trácio,  
E não sabes que o Hemo  
E a massa ingente do soberbo Atlante,  
Se Gafforini vissem,  
Extáticos<sup>172</sup> seus passos seguiriam?  
Ah! Ouve, ouve a sentença  
Que roubei dos arquivos do Destino:  
«Morrerão teus heróis,  
Tu mesma morrerás, vaidosa Grécia,  
Mas esta italiana,  
Seus fogos e seu nome eternizando,  
Há de embotar o gume  
Da cortadora foice das idades.»

---

<sup>170</sup> Uma das três Fúrias.

<sup>171</sup> Nota de Herculano de Carvalho: «Monte da Trácia que o trácio Orfeu fez mover com a suavidade do seu canto.»

<sup>172</sup> Em êxtase.

*Carminibus quaero miserarum obliviam rerum.*

Ovídio, *Tristes*, liv. v

Já meu estro, Moniz, apenas solta  
Desmaiadas faíscas,  
Em que as frouxas ideias mal se aquecem;  
Elmano do que há sido  
Qual no gesto desdiz, desdiz na mente;  
Diástole tardia<sup>174</sup>  
Já da fonte vital me esparge a custo  
O licor circulante,  
Que é rosa entre os jasmims de virgem face,  
Que outrora esperto, aceso  
De santa agitação, de ardor sagrado,  
No cérebro em tumulto  
(Estância então de um deus!) me borbulhava.  
Respiração divina,  
Entusiasmo augusto, alma do vate!  
Que rápidos portentos,  
Portentos em tropel, não deste à Fama,  
Não deste à Natureza,  
À Pátria, ao Mundo, a Amor na voz de Elmano!  
Ora, aplanando os sulcos  
Com que a satúrnica mão semblantes lava,

---

<sup>173</sup> Publicada em *A Virtude Laureada*. Lisboa: na Impressão Régia, 1805, p. 39.

Nuno Álvares Pereira Pato Moniz (Lisboa, 18 de setembro de 1781-Ilha do Fogo, Cabo Verde, 24 de dezembro de 1826), escritor — ostentando Oleno como nome poético —, dramaturgo, político, jornalista, fidalgo da Casa Real, foi deputado, por Setúbal, às cortes ordinárias em 1822-1823, e um polemista enérgico. Naquele cargo, desempenhou papel relevante em defesa da extinção da Intendência-Geral da Polícia. Membro da Maçonaria, correligionário de Bocage da boémia, defendeu estreitamente o poeta dos ataques virulentos, perpetrados por José Agostinho de Macedo, em múltiplos artigos de jornais e, designadamente, em *A Agostinheida*. A afirmação das suas convicções liberais conduziu-o, durante o reinado de D. Miguel, ao degredo em Cabo Verde, que se revelou letal.

<sup>174</sup> Referência de Bocage ao aneurisma, na carótida esquerda, que o assolava.

A Razão pensadora  
Erguia aos graves sons o grave aspeto;  
Ora, ao ver-se anteposto  
Por deleitosa insânia, a ela, a tudo,  
O grato, cíprio nume<sup>175</sup>,  
Fadava docemente o doce canto  
No coração de Anália.  
Oh, êxtase! oh, relâmpagos da glória!  
Faustos momentos de ouro,  
Com que meu grau comprei na Eternidade!  
Do tempo meu voando,  
Do tempo, que anuviam negros males,  
Brilhais inda em minha alma;  
Entre sombrias, áridas ideias,  
Qual entre aves escuras  
(Órgãos do agouro, intérpretes da morte),  
Requebros anulando,  
Das aves de Citera<sup>176</sup> o coro alveja...!  
Mas ah, saudosos dias,  
Vós sois memória só, não sois influxo!  
Não me reluz convosco  
O espírito, abismado em fundas trevas,  
Com gasto, débil fio  
Preso à matéria vil, que ralam dores!  
Ante meus olhos tristes  
(Que já d'amiga luz se despediram),  
Sai de eterna voragem  
Vapor funéreo, que exalais, ó Fados!  
Eis meu termo negreja,  
Eis no Marco fatal meu fim terreno!...  
Mas surgirei nos astros  
Para nunca morrer; com riso impune

---

<sup>175</sup> Vénus.

<sup>176</sup> As pombas.

Lá zombarei da sorte.  
Moniz, ó puro amigo! Ó sócio, ó parte  
Do já ditoso Elmano!  
Às musas, como a mim, suave e caro!  
De lágrimas e flores  
Honra-me a cinza, o túmulo me adorna.  
Não só longa amizade,  
Novo sacro dever te exige extremos:  
Da lira minha herdeiro  
Meu nume Febo, e teu te constitui;  
Febo após mim te augura  
Vasto renome, que sobeje<sup>177</sup> aos evos  
(É dos anos vantagem,  
Não vantagem do engenho a precedência).  
Teu metro majestoso  
Que, já todo fulgor, zoilos deslumbra,  
Teu metro cintilante,  
Das virtudes mimoso, aceito às Graças,  
Turvem saudades; canta  
Alguma vez de Elmano, e chora-o sempre,  
E Amor e Anália o chorem,  
Amor e Anália, meus piedosos numes.  
Sem mim, por mim suspirem.

---

<sup>177</sup> Nota de Bocage: «Em Lucena, e em outros Quinhentistas de sumo apreço, vem sobejar por exceder.»

XXIV — À FORTUNA<sup>178</sup>

Cega Fortuna, embora a teus altares  
Curve o profano avaro seus joelhos,  
Queime o rico os incensos que da Arábia  
O luxo conduzira;

Um insensato amante te respeite,  
Por frustrar os cuidados dum pai cauto,  
E talvez, com horror da Natureza,  
Cevar vis apetites,

E quantos sem justiça conseguiram  
As bandas, os bastões, as brancas varas,  
Sem varrer muitas vezes podres bancos  
De soberbos ministros;

Chamem-te uns nume grato, outros benigno,  
Este luz dos mortais, divina aquele,  
À maneira da cega Antiguidade  
Outros te rendam cultos;

Talvez... Eu tremo... Céus! Que horrendo crime!  
Tu vês em teu obséquio adoradores,  
Sacrilegos voltando as ímpias costas  
À sábia Providência.

Eu não pendo de ti, eu não conheço  
Outras leis que as do Nume que governa  
De cima das estrelas todo o orbe,  
Omnipotente e sábio.

---

<sup>178</sup> Foi publicada postumamente por Pato Moniz, com a seguinte nota: «Esta ode não a vimos de letra própria de Bocage; mas em uma nota no fim se dizia ser dele, e feita na sua mocidade.» [*Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*. Lisboa: na Imprensa Régia, 1813, t. IV, p. 138.]

Se a pobreza importuna me persegue  
Desde o berço talvez à sepultura;  
Se a feia enfermidade estende as asas  
E em mim o golpe acerta;

Se a morte, a negra morte, vem roubar-me  
A minha proteção e o meu asilo,  
Ou arranca da terra os pais mais ternos,  
Primor da Natureza;

A fome, a orfandade, os mais trabalhos  
Reconheço por dons da divindade,  
Beijo a sagrada mão que assim me fere,  
Respeito seus decretos.

Imprecações não tenho, nem queixumes  
Contra quem como pai, quando castiga,  
Deixa logo entrever terna bondade,  
Que o pranto nos enxuga.

Quando tens inspirado tal constância  
A esses teus heróis, heróis fingidos,  
Que tremem de pavor ao fraco voo  
Duma ave carniceira?

Das reses as entranhas denegridas,  
Dum galo a forte voz, o menor caso,  
Inda o mais natural, os amedrenta;  
É isto heroicidade?

O crime lhes dirige ousados passos,  
Lhes inspira as empresas atrevidas,  
Que fizeram calar a Terra toda  
À sua feroz vista.

Frenética ambição devora César<sup>179</sup>,  
Um amor sensual o grande António<sup>180</sup>,  
Importuna cobiça um Alexandre<sup>181</sup>,  
Eis os teus favoritos.

Foge, fuge, Fortuna, deixa, embora  
Co'a mísera indignência ande lutando;  
Essas tuas vantagens não as quero,  
Não quero teus favores.

Procura adoradores; eu não rendo  
A numes estrangeiros culto impuro;  
À Santa Providência a cerviz curvo  
Com humilde respeito.

Se ela pobre me quer, eu me conformo  
Com o santo querer, que assim o manda:  
Da amável paciência revestido  
Os seus golpes recebo.

Por isto não trocara palmas, louros,  
Que os campeões adornam triunfantes;  
Triunfo de mim mesmo: esta a vitória  
Que a fama cantar deve.

---

<sup>179</sup> Gaio Júlio César (c. 102-44 a. C.), general e estadista romano que conquistou a Gália e invadiu a Grã-Bretanha.

<sup>180</sup> Marco António (83-30 a. C.), político romano que se enamorou de Cleópatra.

<sup>181</sup> Alexandre, o Grande, da Macedónia (356-323 a. C.), que conquistou a Grécia e a Pérsia.

De vipérea melena e torvos olhos,  
 Corre por toda a Terra  
 Fúria tremenda que estoirou do Averno  
 Lá na infância do Mundo;  
 Puxa de rojo aspérrima corrente,  
 De amplos anéis composta,  
 Forjada de metal, mais negro e duro  
 Que o duro e negro ferro;  
 Preso em cada fuzil, suspira um ente,  
 Um racional padece,  
 Do horrível monstro miserando espólio:  
 Ali freme o guerreiro,  
 Que a Fama carregou de hercúleos gestos,  
 Que, atraindo-a mil vezes,  
 Uma vez contra si viu a Fortuna;  
 O grande ali se humilha,  
 Inda de queda enorme atordoado,  
 Mortal, que o era apenas,  
 Que do humano poder ao grau supremo,  
 Pela sorte exaltado,  
 Punha arbitrárias leis a curvos povos...

---

<sup>182</sup> Ode inacabada. *Verdadeiras Obras Poéticas de (...)*, t. IV, 1813, p. 137, edição de Pato Moniz.





# POESIA SOBRE MOTE



## 1 — QUADRAS EM GLOSA DE VERSO ÚNICO

### I

#### Mote

#### A NEGRA FÚRIA CIÚME<sup>1</sup>

#### Glosas

Morre a luz, abafa os ares  
Horrendo, espesso negrume,  
Apenas surge do Averno<sup>2</sup>  
*A negra fúria Ciúme.*

Sobre um sólio cor da noite  
Jaz dos Infernos o nume,  
E a seus pés tragando brasas  
*A negra fúria Ciúme.*

Crespas víboras penteia,  
Dos olhos dardeja lume,  
Respira veneno e peste  
*A negra fúria Ciúme.*

Arrancando à Morte a foice  
De buído, ervado gume,  
Vem retalhar corações  
*A negra fúria Ciúme.*

---

<sup>1</sup> Publicada no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1794 e 1800, p. 323.

<sup>2</sup> Lago que, de acordo com a mitologia, constituía a entrada do Inferno.

Ao cruel sócio de Amor  
Escapar ninguém presume,  
Porque a tudo as garras lança  
*A negra fúria Ciúme.*

Todos os males do Inferno  
Em si guarda, em si resume  
O mais horrível dos monstros,  
*A negra fúria Ciúme.*

Amor inda é mais suave  
Que das rosas o perfume,  
Mas envenena-lhe as graças  
*A negra fúria Ciúme.*

Nas asas de Amor voamos  
Do prazer ao áureo cume,  
Porém de lá nos arroja  
*A negra fúria Ciúme.*

Do férreo cálix da Morte  
Prova o funesto azedume  
Aquele a quem ferve n'alma  
*A negra fúria Ciúme.*

Do escuro seio dos fados  
Saltam males em cardume:  
O pior é o que eu soffro,  
*A negra fúria Ciúme.*

Dos imutáveis destinos  
Se lê no idoso volume  
Quantos estragos tem feito  
*A negra fúria Ciúme.*

Amor inda brilha menos  
Do que subtil vaga-lume  
Por entre as sombras que espalha  
*A negra fúria Ciúme.*

II

A MINHA LÍLIA MORREU<sup>3</sup>

Glosas

Assim como as flores vivem  
A minha Lília viveu;  
Assim como as flores morrem  
*A minha Lília morreu.*

Assomando o negro dia,  
Ave sinistra gemeu;  
Cumpriu-se o funesto agouro:  
*A minha Lília morreu.*

Desfalece, ó Natureza,  
Acelera o fado teu;  
Esta voz te guie ao Nada:  
*A minha Lília morreu.*

Fadou-me o caso medonho  
Vate que nos astros leu;  
Os vates são como os numes:  
*A minha Lília morreu.*

---

<sup>3</sup> Improviso publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen* (1804), obra vulgarmente conhecida por terceiro tomo das *Rimas*, p. 176.

Que é do Sol!? Quê do Universo!?  
Tudo desapareceu;  
Foi-se toda a Natureza:  
*A minha Lília morreu.*

A minha ventura e Lília  
Num só laço Amor prendeu:  
Morreu a minha ventura,  
*A minha Lília morreu.*

Em parte da minha essência  
Minha essência pereceu;  
Não vivo senão metade:  
*A minha Lília morreu.*

Oh quanto ganhava o Mundo!  
Oh quanto o Mundo perdeu!  
Doce lucro e triste perda!  
*A minha Lília morreu.*

Para exultar o Universo  
A minha Lília nasceu;  
Para os nubes exultarem  
*A minha Lília morreu.*

Meu coração desgraçado,  
Desgraçado porque és meu,  
Evapora-te em suspiros:  
*A minha Lília morreu.*

As estrelas se apagaram,  
A Natureza tremeu,  
Os promontórios gemeram,  
*A minha Lília morreu.*

Disse, ao ver sereno eflúvio,  
Que o puro Olimpo<sup>4</sup> correu:  
Aquela é a alma de Lília,  
*A minha Lília morreu.*

### III

#### INSTANTES AFORTUNADOS<sup>5</sup>

##### Glosas

Sou dos que não querem vida,  
Sou dos mais desesperados:  
Valei-me, instantes da Morte,  
*Instantes afortunados.*

São muito mais que momentos  
Os momentos desgraçados,  
São muito menos que instantes  
*Instantes afortunados.*

Dentre os Céus com alvas plumas  
Lá nos séculos dourados,  
Sobre a Terra, Amor, trouxeste  
*Instantes afortunados.*

---

<sup>4</sup> Monte situado entre a Tessália e a Macedónia. De acordo com a mitologia grega, Zeus e a sua corte residiam no seu cume.

<sup>5</sup> Publicada em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen* (1804), p. 179.

Estes instantes volveram  
Aos puros, Elísios<sup>6</sup> prados:  
Já nem a inocência goza  
*Instantes afortunados.*

Sinto de sorte à tristeza  
Meus desejos costumados,  
Que nem cobiço, nem sonho  
*Instantes afortunados.*

#### IV

#### UM CORAÇÃO COMO O MEU<sup>7</sup>

#### Glosas

Milhares de maravilhas  
Tem Jove<sup>8</sup> em tudo o que é seu,  
Mas não tem nesse tesouro  
*Um coração como o meu.*

Deste, Amor, à minha amada  
Um semblante como o teu:  
Amor, porque lhe não deste  
*Um coração como o meu?*

---

<sup>6</sup> De acordo com a mitologia, lugar subterrâneo onde se encontram as pessoas virtuosas.

<sup>7</sup> Publicada em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen* (1804), p. 180.

<sup>8</sup> Júpiter.

INSTANTES AFORTUNADOS<sup>9</sup>

## Glosas

Sacrifiquei à beleza  
Meus dias e meus cuidados;  
Esperava em recompensa  
*Instantes afortunados.*

Olhos da branda Marília,  
Olhos no Céu fabricados,  
Minha fé vos merecia  
*Instantes afortunados.*

Mas com meus duros destinos  
Impiamente conjurados,  
Negais à minha ternura  
*Instantes afortunados.*

Ai de mim! Vós me pusestes  
Na lista dos desgraçados,  
Esquivando a meus suspiros  
*Instantes afortunados.*

Uma vez compadecidos  
Porque não soltam meus fados  
Dentre as cadeias do tempo  
*Instantes afortunados?*

---

<sup>9</sup> Publicada pela primeira vez por Inocêncio Francisco da Silva, *Poesias (...)*, t. III, p. 331.

Não têm ditosos momentos  
Os amantes extremados;  
São para os amantes frouxos  
*Instantes afortunados.*

Os prazeres sobre a Terra  
Estão de angústias cercados;  
Só no Olimpo se desfrutam  
*Instantes afortunados.*

Alma, voemos da Terra  
Para os orbes estrelados,  
Gozem-se na eternidade  
*Instantes afortunados.*

A vida é uma procela  
Onde tropejam cuidados;  
São relâmpagos da vida  
*Instantes afortunados.*

Nestes mares da existência  
Continuamente empolados,  
São momentâneos Santelmos  
*Instantes afortunados.*

Da beleza pende o gosto,  
Mais poderosa que os fados;  
Concede à mesma desgraça  
*Instantes afortunados.*

Há momentos infinitos  
Pela desgraça enlutados;  
Escassamente reluzem  
*Instantes afortunados.*

Cetros, vós não dais venturas,  
Sois temidos, venerados;  
Mas quanto de vós se alongam  
*Instantes afortunados!*

Ouço a voz do Desengano,  
Ouço da Verdade os brados:  
Não são partilhas do mundo  
*Instantes afortunados.*

Mortais, ide à Natureza,  
Fugi dos tetos dourados;  
Demandai nos livres campos  
*Instantes afortunados.*

Ali o rápido tempo  
Sobre peitos não manchados  
Sacode das asas de ouro  
*Instantes afortunados.*

Ali prazeres celestes  
Sobre a Terra são gostados;  
Convertem-se em natureza  
*Instantes afortunados.*

À peste geral do mundo  
Estão sumidos, vedados,  
Nos corações inocentes  
*Instantes afortunados.*

A morte negros momentos  
Traz à mente dos malvados;  
Dos justos conduz à mente  
*Instantes afortunados.*

Vivei vós, que em vãos prazeres  
Andais na Terra enlodados;  
Que eu busco em globo sublime  
*Instantes afortunados.*

Face a face enrosto os nunes,  
Revolvo arcanos dos fados;  
Há para os vates somente  
*Instantes afortunados.*

Quando no horror da desgraça  
Vates estão sepultados,  
Fabricam na fantasia  
*Instantes afortunados.*

Tempo já Marília bela  
Me deu risinhos agrados;  
Vinde a mim por ordem sua,  
*Instantes afortunados.*

Marília com mago riso  
Me dá momentos dourados;  
Ou tenha o tempo, ou não tenha,  
*Instantes afortunados.*

Momentos do teu desprezo  
São momentos agourados,  
E os instantes de teus mimos  
*Instantes afortunados.*

Tens os tesouros do tempo  
Em teus olhos apinhados;  
Ele, a teu sabor, desprende  
*Instantes afortunados.*

Quando lateja um sorriso  
Em teus beijos nacarados,  
Chovem c'roados de flores  
*Instantes afortunados.*

Se nos teus braços morresse  
Seriam por mim chamados  
Os instantes da agonia  
*Instantes afortunados.*

Quero contigo os instantes  
Mais tristes, mais enlutados;  
Com outra, meu bem, não quero  
*Instantes afortunados.*

Aprende nos teus favores  
Quando dos cofres dourados  
Extrai a mão da Ventura  
*Instantes afortunados.*

Aquele que Céus e Terra  
Do nada tirou formados  
Foi maior quando criou  
*Instantes afortunados.*

## 2 — DÉCIMAS EM GLOSA DE VERSO ÚNICO

### VI

DELIRO ENTRE SUSTO E DOR<sup>10</sup>

#### 1.<sup>a</sup> glosa

De que aproveita a razão  
No estado em que me diviso?  
Ai de mim! Que é o juízo?  
Flagelo do coração.  
Não, não pode a reflexão  
Repelir o ativo amor,  
Contra ele não tem vigor,  
O seu esforço é baldado,  
Não por fraqueza, por fado,  
*Deliro entre susto e dor.*

#### 2.<sup>a</sup> glosa

São todos os meus instantes  
Instantes de atra agonia,  
Para mim a noite e o dia  
São tristes, são semelhantes;  
Venço todos os amantes  
Nos extremos, no temor;  
Os mais alenta o favor,  
A mim não me dá descanso,  
E quando mimos alcanço  
*Deliro entre susto e dor.*

---

<sup>10</sup> Fonte: *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. iv, p. 214. Décima improvisada, como assinala Pato Moniz.

VII

IMPROVISO À MORTE DE SÓCRATES<sup>11</sup>

Mote

TERÁ FIM, MAS NÃO SEI QUANDO

Glosa

Sócrates, rei da Razão,  
Empunha a fatal cicuta,  
E da morte à extrema luta  
Não lhe treme o coração:  
Suportou-lhe a gradação  
Com um ar sereno e brando;  
Dos discípulos ao bando  
Disse: «Eu morro, e não me queixo;  
E a memória que vos deixo  
*Terá fim, mas não sei quando.»*

---

<sup>11</sup> Publicado em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. IV, p. 216.

## VIII

### QUEM PODE DEIXAR DE AMAR?<sup>12</sup>

#### Glosas

Amor, doce flama acesa  
Nos Céus pela mão de Jove,  
Agita, transporta e move  
O seio da Natureza:  
O leão despe a braveza,  
Se o vem leoa amimar;  
No salso bojo do mar  
Arde o mudo nadador;  
O mundo todo é amor;  
*Quem pode deixar de amar?*

Lília, se vê génios duros,  
A atacá-los se resolve,  
E co'um ar mágico volve  
A eles os olhos puros.  
Eis que vê soberbos muros  
Sobre a terra baquear;  
Lília, depois de ganhar  
Imensos louros, que ajunta,  
Com um sorriso pergunta:  
*Quem pode deixar de amar?*

Perguntei à Natureza  
No seu alcácer<sup>13</sup> sublime,  
Qual era o mais torpe crime  
Que infetava a redondeza.

---

<sup>12</sup> *Poesias de (...)*, vol. III, p. 289, edição de Inocêncio Francisco da Silva.

<sup>13</sup> Castelo ou palácio.

Ela, que meus cultos preza  
E me franqueia o altar,  
Respondeu-me a prantear,  
Exalando um ai ansioso:  
«Ah! É o mais criminoso  
*Quem pode deixar de amar.»*

Mandou o Supremo Autor  
Ao mundo esta paixão doce,  
Para que alimento fosse  
Da térrea máquina Amor.  
De tudo se fez senhor,  
Em tudo erigiu altar;  
Quem a Amor pretende obstar  
Transgride uma lei divina,  
E o fim do mundo máquina  
*Quem pode deixar de amar.*

IX

ANÁLIA TERNA E CONSTANTE<sup>14</sup>

Glosas

No triste império da Morte  
Vagueei já turvo dia;  
Eis que em minha alma sentia  
Um desusado transporte:  
Tu, que reges minha sorte,  
Que sempre me está diante,  
Oh! Feliz o teu amante  
Quando baixar ao jazigo,  
Se repousares comigo,  
*Anália terna e constante!*

Consta o bem da humanidade  
Em objetos mui dif'rentes;  
Alguns existem nas mentes,  
Outros vivem na verdade:  
Estes, que têm dignidade,  
Dá-os ciência brilhante;  
Outros, um grau triunfante,  
Palma, louvor, glória, louro;  
Mas inda é maior tesouro,  
*Anália terna e constante.*

Entre os teus mimos e a vida  
Não acho nenhum espaço;  
Desate-se aquele laço  
Se esta prisão for partida;  
A minha alma, sempre erguida

---

<sup>14</sup> Publicado em *Poesias de (...)*, t. III, p. 296.

Numa ideia relevante,  
Não imita indigno amante,  
Que aspira a ténue prazer:  
Ou possuir-te ou morrer,  
*Anália terna e constante.*

Iremos ambos unidos  
Onde nossas almas voam,  
Ou onde os prazeres soam,  
Ou onde soam gemidos:  
Ambos seremos punidos,  
Feliz um, e outro amante;  
Soará no Céu brilhante,  
Soará no escuro Inferno,  
Josino constante e terno,  
*Anália terna e constante.*

A natureza corrupta  
É objeto ante que tremo,  
Nem padece mal supremo,  
Nem bem supremo desfruta;  
Ora o vício amado enluta  
Esta máquina ambulante,  
Ora a virtude anda errante  
Entre temor e incerteza;  
Ah! Corrige a natureza,  
*Anália terna e constante.*

X

És GLÓRIA DA NATUREZA <sup>15</sup>

Glosas

Jove, o soberano Jove,  
Ante quem tudo é pequeno,  
Esse, que co'um leve aceno  
O mundo e as estrelas move,  
Esse, que ora os raios chove,  
Ora anima a redondeza,  
Pasma na tua beleza  
Por cem raras qualidades;  
És íman das divindades,  
*És glória da Natureza.*

Tu não tens um só momento  
Em que dês o galardão  
Ao que vale o coração,  
Ao que vale o pensamento.  
Não achas merecimento  
Num ai, ou numa fineza;  
És exemplo da dureza,  
Modelo de um peito ingrato,  
E inda em tal desacato  
*És glória da Natureza.*

---

<sup>15</sup> *Poesias de (...)*, t. III, p. 299. Edição de Inocêncio Francisco da Silva.

XI

DOBRA O JOELHO A RAZÃO<sup>16</sup>

Glosas

Um Deus é supremo autor  
Do Globo, do Céu e Lua,  
E a Razão, ministra sua,  
Tem parte em seu resplendor;  
Porém, quando o encantador  
Princípio d'áurea prisão,  
Que cinge o meu coração,  
Presenta os encantos seus,  
No Olimpo estremece um Deus,  
*Dobra o joelho a Razão.*

Enquanto da formosura  
O encanto se não observa,  
Livre a Razão se conserva,  
Tranquila, serena e pura;  
Mas quando o Céu se afigura  
Em humana perfeição,  
Quando se forja o grillão  
Tão funesto à liberdade,  
Inda sendo divindade,  
*Dobra o joelho a Razão.*

---

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 301.

XII

A GLÓRIA DESTE ANIMAL<sup>17</sup>

Glosa

Deuses que lá nessa altura,  
Que lá nessa imensidade,  
Onde tudo é claridade,  
Onde tudo é formosura,  
Gozais suprema ventura  
À Eternidade igual,  
Quando a vista divinal  
Vós lançais ao mundo tosco,  
Vereis ombreia convosco  
*A glória deste animal.*

---

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 315.

XIII

AMOR DEPENDE DE NÓS<sup>18</sup>

Glosa

Amor tem suma grandeza,  
Goza inúmero troféu,  
Tanto brinca com o Céu,  
Como co' a vil redondeza;  
A Deidade e a Natureza  
Jamais a ele se opôs;  
Tudo escuta a sua voz,  
Tudo a seu jugo é ligado;  
Mas, para ser adorado,  
*Amor depende de nós.*

---

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 316.

XIV

LÍLIA GEME, LÍLIA CHORA<sup>19</sup>

1.<sup>a</sup> glosa

De Lília o doce amador,  
O seu objeto querido,  
Jaz, oh Fados! jaz sumido  
No abismo do eterno horror;  
Com seus frecheiros Amor  
O triste caso deplora;  
E, qual em nuvens a Aurora  
Fecha o rosto divinal,  
Sobre a campa funeral  
*Lília geme, Lília chora.*

2.<sup>a</sup> glosa

Nasceu Lília; a Natureza  
Soltou por tudo alegria.  
Cresceu Lília; eis veio um dia  
Em que tudo foi tristeza:  
A face da redondeza  
Eis vasto incêndio devora,  
E soando a toda a hora  
Ais, queixumes, gritos, prantos,  
Sentida de seus encantos  
*Lília geme, Lília chora.*

---

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 306.

XV

AMOR A AMAR NOS CONVIDA<sup>20</sup>

Glosa

Com dura e branda cadeia,  
Com facho ativo e suave,  
De seus mistérios co'a chave,  
Amor entre nós volteia:  
Já deprime, já glorieia,  
Já dá morte, já dá vida;  
E nesta incessante lida,  
Que em si traz, que em si contém,  
Com o mal, e com o bem,  
*Amor a amar nos convida.*

---

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 322.

XVI

AMOR EM BACO SE ACENDE<sup>21</sup>

Glosa

Salve, divino licor,  
Com que a tristeza se acalma;  
Tu és porção da minha alma,  
Pois Baco é parte de Amor;  
Unido de ambos o ardor  
Das angústias nos defende;  
Quanto as anseia, as ofende,  
Minha alma de si derrama;  
Baco em o amor se inflama,  
*Amor em Baco se acende.*

XVII

DO MEU MIRTILO A SAUDADE<sup>22</sup>

Glosas

Não chores, coração meu,  
A mágoa que te assaltou,  
A imensidade ganhou,

---

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 312.

<sup>22</sup> «Improviso por ocasião do falecimento do Sr. Dr. Manuel Bernardo de Sousa Melo», publicado em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. iv, p. 145, edição de Nuno Álvares de Pato Moniz. Melo era poeta e pertencia à «Academia de Belas-Letras». Participou numa sessão da Casa Pia com uma oração intitulada «Diatrise Isagógica sobre a Origem dos Governos, na qual comparativamente se deduz a excelência do governo monárquico.» Bocage dedicou-lhe a composição «Desde que o mundo é composto».

E o quase nada perdeu:  
O que é de um nume é seu;  
Inda a par da Divindade  
No cume da Eternidade  
Bebe a luz do Paraíso;  
Mortais, converta-se em riso  
*Do meu Mirtilo a saudade.*

O Letes, rio fatal  
De margens secas e nuas,  
Confunde nas águas suas  
Memórias do bem, do mal:  
Eu, ainda que mortal,  
Não pago à fatal deidade  
O feudo da humanidade;  
Bem que, ó Sorte, o não prometes,  
Levarei além do Letes  
*Do meu Mirtilo a saudade.*

Não dou a Mirtilo incensos,  
Ante seus Manes não desço  
Ao chão, porque só of'reço  
Tal culto aos numes imensos;  
Porém afetos intensos,  
Cordial sinceridade,  
Doce pranto à amizade  
Que não tem, nem terá fim,  
Estão demonstrando em mim  
*Do meu Mirtilo a saudade.*

Em serras se afofa o ar,  
Estoira a rocha em gemidos,  
E estão medrosos ouvidos  
Ao longe a titubear:  
De nuvens se peja o ar,  
Morre a solar claridade;  
D'alma terna amenidade

Desbota funérea tinta,  
Ah! Justos Céus! Tudo pinta  
*Do meu Mirtilo a saudade.*

Não só co's tempos modernos  
Meu louvor afoito igualo;  
Com Grécia, com Roma falo,  
Falo com Céus, com Infernos:  
Meus elogios eternos  
Lanço pela imensidade,  
Entro numa e noutra idade,  
Por vários séculos entro,  
E em todos eles concentro  
*Do meu Mirtilo a saudade.*

## XVIII

TERNO AMOR, DOCE AMIZADE<sup>23</sup>

### Glosas

Desde que o mundo é composto  
Os seus refrigerios são  
Dois bens que no peito estão  
E que aparecem no rosto:  
São dois princípios de gosto  
Precisos à Humanidade;  
Ambos atraem a vontade  
Com seus mimos feiticeiros;  
Ah! Sede meus companheiros,  
*Terno amor, doce amizade.*

---

<sup>23</sup> *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. IV, p. 151.

Jove, imenso criador,  
Para os mortais se sorriu;  
Eis que das mãos lhe caiu  
No mundo amizade e amor:  
Soltando o alto clamor  
De que treme a Eternidade,  
Disse à triste humanidade:  
«Atento a vossos queixumes,  
Aí vos mando dois numes,  
*Terno amor, doce amizade.»*

Amei o sexo mimoso,  
Amei o sexo constante,  
Fui amigo, e fui amante,  
E nunca fui venturoso:  
Nunca vi peito extremoso  
Ornado de lealdade;  
Achei sempre a falsidade  
Neles e nelas; e assim  
Não nascestes para mim,  
*Terno amor, doce amizade.*

O bom Mirtilo morreu<sup>24</sup>,  
Morreu com ele áureo estilo,  
E Lília a par de Mirtilo  
À fria terra desceu;  
O mundo nos dois perdeu  
Bens de suma qualidade,  
Ficou pobre a Humanidade,  
Esvaíram-se os afetos,  
E já não tendes objetos,  
*Terno amor, doce amizade.*

---

<sup>24</sup> Nota do autor: «O Senhor Doutor Bernardo de Sousa Melo.»

## XIX

### MEIGOS SORRISOS DE AMOR<sup>25</sup>

#### Glosas

A minha imaginação  
Escura sempre e funesta  
Males e males me empresta  
Ao mísero coração:  
As amarguras estão  
Com o dente roedor  
Cercando esta alma de horror;  
Eu morro, acabo infeliz,  
Se acaso não me acudis,  
*Meigos sorrisos de amor.*

Lília, mais bela que as flores,  
Mais bela que o Paraíso,  
Depois de dar-me um sorriso,  
Me deu mil encantadores:  
De delícias precursores  
Ternos mimos inda em flor  
Me fizeram sabedor  
De arcanos; já, já conheço,  
Já, já sei que não têm preço  
*Meigos sorrisos de amor.*

Habito ameno desvio  
Da gente, e vícios também;  
Este lugar flores tem,  
Tem um vale, e tem um rio:  
Verde arvoredo sombrio

---

<sup>25</sup> Foi seguida a lição de Inocêncio Francisco da Silva, *Poesias* (...), t. III, p. 287.

Aqui mostra o fruto, a flor.  
Que lugar encantador!  
Que lugar, que vale tanto!  
Só me faltais neste encanto,  
*Meigos sorrisos de amor.*

Tempestades esbravejam,  
Fuzilam nuvens medonhas,  
E as esperanças tristonhas  
Já dentro do peito arquejam.  
Subir aos astros forcejam  
Mil sombras de negra cor;<sup>26</sup>  
Ah! Neste mal, neste horror,  
Neste assanhado Oceano,  
Sede Santelmos d'Elmano,<sup>27</sup>  
*Meigos sorrisos de amor.*

Cípria<sup>28</sup>, abrindo os ténues ares,  
Das Graças a mãe formosa,  
Desce na concha lustrosa  
À superfície dos mares:  
Lá se encolhem os pesares,  
Lá se vai sumindo a dor,  
O desespero, o pavor  
A seus lindos olhos cedem;  
Lá vem Vénus, e a precedem  
*Meigos sorrisos de amor.*

---

<sup>26</sup> Na lição de Pato Moniz, «As ondas de negra cor;».

<sup>27</sup> Na lição de Pato Moniz, «Sede Santelmos a Elmano».

<sup>28</sup> Vénus.

XX

O PAINEL DA NATUREZA <sup>29</sup>

Glosas

Minha sorte foi brilhante,  
Minha sorte é hoje triste,  
Nestas mudanças consiste  
A sorte de todo o Amante:  
Sumiu-se a Lua radiante,<sup>30</sup>  
Que estava em fulgor acesa,  
Minha dor, minha tristeza  
Com mil reflexões misturo,  
Vendo ora claro, ora escuro  
*O Pannel da Natureza.*

O Olimpo assustando a Terra,  
Dando-lhe mortais desmaios,  
Raios em cima de raios  
Das entranhas desencerra:  
Os elementos em guerra  
Blasonam mútua braveza;  
Neste horror, nesta graveza,  
Que não cede, não se acalma,  
É o quadro da minha alma  
*O Pannel da Natureza.*

---

<sup>29</sup> Poema publicado em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. IV, p. 154. Edição de Nuno Álvares de Pato Moniz. Improvisada na ocasião de um eclipse da lua.

<sup>30</sup> Nota de Pato Moniz: «É de notar que, na ocasião em que Bocage produziu este verso, era uma bela noite de luar, e ele, de uma janela em que estava, viu eclipsar-se a luz.»

XXI

A MULHER É BEM E MAL<sup>31</sup>

Glosas

De vária cor se tingiu  
Fado, que pode o que quer,  
E unido à recém-mulher,  
A vária cor lhe imprimiu:  
Súbito o mundo luziu  
Com o objeto divinal,  
E sobre a estância fatal,  
Sobre o triste globo errado,  
Segundo o matiz do Fado,  
*A mulher é bem e mal.*

Não haja no mundo alguém  
Que, com um ou outro afeto,  
Chame à mulher mal completo,  
Ou chame completo bem:  
Nada disto lhe convém  
Por um sistema formal;  
Como em tudo é desigual,  
Causa gostos e dá ânsias;  
E em diversas circunstâncias  
*A mulher é bem e mal.*

---

<sup>31</sup> Publicado em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. IV, p. 156.

XXII

DE QUANTO É CAPAZ AMOR!<sup>32</sup>

Glosa

Lília, sabe em teoria,  
Para que discreta fales,  
Quantos bens e quantos males  
Amor sobre a Terra envia:  
Conhece que a simpatia  
É o princípio motor  
Do gosto e do dissabor;  
Mas, ninfa d'alta excelência,  
Não saibas por experiência  
*De quanto é capaz Amor!*

---

<sup>32</sup> Publicado em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage*, t. IV, p. 157. Edição de Nuno Álvares de Pato Moniz.

XXIII

OS DUROS GRILHÕES DE AMOR<sup>33</sup>

Glosa

Vejo-te a face mimosa,  
Porque a tanto Amor se atreve;  
Vejo sorrir dentre a neve  
Uma rosa, e outra rosa;  
Vejo-te a mão preciosa,  
Que tem dos jasmims a cor;  
Vejo-te o rosto inda em flor,  
Que é íman do meu desejo;  
E adoro, idolatro, beijo  
*Os duros grilhões de Amor.*

XXIV

DOS LUSOS A GLÓRIA HERDADA<sup>34</sup>

Glosas

Nasci no tempo ferrenho,  
E apenas razão me move;  
Grito aos Céus, exclamo a Jove,  
«Ó Jove! Em que tempos venho!  
Um despenho, outro despenho  
Me apresenta a sorte irada,  
Minha essência colocada

---

<sup>33</sup> Publicado em *Poesias de (...)*, t. III, p. 317, edição de Inocêncio Francisco da Silva.

<sup>34</sup> Publicada em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. IV, p. 160. Edição de Nuno Álvares de Pato Moniz.

Está no ponto mais baxo<sup>35</sup>,  
Já não vejo, já não acho  
*Dos Lusos a glória herdada.»*

As nossas armas brilharam  
Pondo ao Universo espanto,  
E as letras puderam tanto,  
Que as armas mesmo eclipsaram:  
Os nossos timbres voaram  
Pela massa organizada;  
E o grão monstro, que inda brada  
Lá no promontório seu,  
Fero Adamastor, temeu  
*Dos Lusos a glória herdada.*

## XXV

### DA TERRA CAÍ NO CHÃO<sup>36</sup>

#### Glosa

Andei por mar e por terra,  
Pela Índia e pela China,  
Aturei fome canina  
Com que muita gente berra;  
Suportei d'Amor a guerra,  
Tive uma certa paixão,  
E outros males que são  
Próprios de quem sabe amar,  
Só me faltava glosar:  
*Da terra caí no chão.*

---

<sup>35</sup> *Sic.*

<sup>36</sup> Seguimos a lição de Pato Moniz, publicada em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. IV, p. 161.

XXVI

ALMAS, VIDAS, PENSAMENTOS<sup>37</sup>

Glosa

Calções, polainas, sapatos,  
Percevejos, pulgas, piolhos,  
Azeites, vinagres, molhos,  
Tigelas, pires e pratos;  
Cadelas, galgos e gatos,  
Pauladas, dores, tormentos,  
Burros, cavalos, jumentos,  
Naus, navios, caravelas,  
Corações, tripas, moelas,  
*Almas, vidas, pensamentos!*

3 — DÉCIMAS EM GLOSA DE DÍSTICOS (COLCHEIAS)

XXVII

ANÁLIA NÃO É PERJURA,<sup>38</sup> ANÁLIA CEDE A SEU FADO

Glosas

Julguei desumana e dura  
Minha amada, e sinto horror  
Depois que me disse Amor:  
*Anália não é perjura.*  
Se o poder da desventura

---

<sup>37</sup> *Poesias de (...)*, edição de Inocêncio Francisco da Silva, t. III, p. 326.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 295. Este poema encontra-se igualmente em *Obras Poéticas de (...)*, t. v, p. 38, edição pouco credível de Desidério Marques Leão.

Seu ardor tem subjugado,  
E se um vínculo sagrado  
A liberdade lhe prostra,  
Quando em si crenças lhe mostra  
*Anália cede a seu fado.*

Foi altar a sepultura,  
Disse-me: «Juro, por esta  
Medonha estância funesta,  
*Anália não é perjura.»*  
Inda Anália em cinza escura  
Sentirá o ardor sagrado;  
Ali será requintado  
O extremo da sua ardência,  
Inda que aqui na aparência  
*Anália cede a seu fado.*

## XXVIII

ELMANO POR TI AMADO<sup>39</sup>

*Não teme o rigor da Sorte.*

Glosa

Se foi dos homens cantado,  
Se teve louvor outrora,  
Como há de ficar agora  
*Elmano por ti amado!*  
Irá ter a um grau sagrado

---

<sup>39</sup> *Poesias de (...)*, t. III, p. 324. Edição de Inocêncio Francisco da Silva.

Aceso em almo transporte;  
Não será sujeito à morte  
Seu coração, seu talento;  
E firme em tal pensamento  
*Não teme o rigor da Sorte.*

XXIX

JÓNIO, AÓNIO E ELMANO<sup>40</sup>

*São de Amor adoradores.*

Glosa

O Fado, o Fado tirano,  
Quis feroz, quis violento  
Arrojar no esquecimento  
*Jónio, Aónio e Elmano.*  
Eis o austero Desengano,  
Chefe dos deuses melhores,  
Lhe diz: «São vãos teus furores,  
Não lhe aniquilas a essência,  
Têm contra ti resistência,  
*São de Amor adoradores.»*

---

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 324.

XXX

DEPOIS DE TE HAVER CRIADO<sup>41</sup>

*A Natureza pasmou.*

1.<sup>as</sup> glosas

A mãe, que em berço dourado  
Pôs teu corpo cristalino,  
É sup'rior ao Destino,  
*Depois de te haver criado.*  
Quando Amor, o nume alado,  
Tua infância acalentou,  
Quando os teus dias fadou,  
Minha Lília, minha amada,  
A mãe ficou encantada,  
*A Natureza pasmou.*

Deve dar breve cuidado,  
Motivar grande atenção,  
A um deus a criação,  
*Depois de te haver criado.*  
Deve de ser refinado  
O engenho que ele mostrar  
Desde o ponto em que criar;  
Cuide nisto a Omnipotência,  
Porque ao ver a sua essência  
*A Natureza pasmou.*

---

<sup>41</sup> Publicado em *Poesias de (...)*, t. III, p. 307. Edição de Inocêncio Francisco da Silva.

2.<sup>as</sup> glosas

Ao mesmo Céu não é dado  
(Bem que tanto poder goza)  
Criar coisa tão formosa  
*Depois de te haver criado.*  
Naquele instante dourado,  
Em que teus dotes formou,  
Apenas os completou,  
Arengando-lhe o Destino,  
Em um êxtase divino  
*A Natureza pasmou.*

O Céu nos tem outorgado  
Quanto outorgar-nos podia;  
O Céu que mais nos daria  
*Depois de te haver criado?*  
Ninfa, das Graças traslado,  
Ninfa, de que escravo sou,  
Jove em ti se enfeitiçou,  
Cheio d'espanto e de gosto,  
E absorta no teu composto  
*A Natureza pasmou.*

O teu rosto é adornado  
Dos prodígios da beleza;  
Foi um deus a Natureza  
*Depois de te haver criado.*  
Pôs em teu rosto adoçado  
O que nunca o Céu formou;  
Ela a Jove envergonhou  
Nesse deleitoso espanto,  
E de ter subido a tanto  
*A Natureza pasmou.*

Todo o concílio sagrado  
Do almo Olimpo brilhador,  
Subiu a grau superior  
*Depois de te haver criado.*  
Da meiga Vénus ao lado  
O teu ente a nós baixou,  
Ente que Jove apurou,  
Ente de todos diverso,  
Assombrou-se o Universo,  
*A Natureza pasmou.*

XXXI

OS ERROS DA EDUCAÇÃO <sup>42</sup>

*Extraem de amor delitos.*

Glosas

Estes, Marília, estes são  
Os males que o Céu nos fez;  
São os erros em que crês  
*Os erros da educação.*  
Por mais que o meu coração  
E o teu desatem mil gritos,  
Os hipócritas malditos,  
Os que têm tartárea voz,  
Ai! armados contra nós  
*Extraem de amor delitos.*

---

<sup>42</sup> Publicado em *Poesias de (...)*, t. III, p. 302. Edição de Inocêncio Francisco da Silva.

Sobre a humana geração  
Têm suprema autoridade,  
Contra as tuas leis, Verdade,  
*Os erros da educação.*  
Some-se a luz da razão  
Em preceitos infinitos,  
De mortais negros peritos  
Dura voz o amor condena,  
Extraem fel d'açucena,  
*Extraem de amor delitos.*

XXXII

A NATUREZA PREMEIA <sup>43</sup>

*Quem as suas leis adora.*

Glosa

Quanto o fanatismo odeia  
Co'a voz, que altera e que engrossa,  
Tanto a Natureza adoça,  
*A Natureza premeia.*  
Não quer alma fofa e cheia  
D'uma ambição, que a devora;  
Quer o amante, que a implora,  
Que em pranto as faces alaga,  
Acarinha, ameiga, afaga  
*Quem as suas leis adora.*

---

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 318.

XXXIII

AS SETAS QUE AMOR DISPARA,<sup>44</sup>  
SE AS TU NÃO TOCAS, SÃO NADA

Glosa

Branda maravilha rara  
Do orbe, cujo império gozas,  
Tu fazes mais poderosas  
*As setas que Amor dispara.*  
Ele, que os deuses encara  
Na estelífera morada<sup>45</sup>,  
Pende de ti, minha amada,  
Em seu poder, sem escudo;  
E as setas, que vencem tudo,  
*Se as tu não tocas, são nada.*

XXXIV

QUEM VÊ DE ANÁLIA O SEMBLANTE<sup>46</sup>

*Julga ver a mãe de Amor.*

Glosas

Fica cego e delirante,  
Veneno em néctar destila,  
Abrasa-se e se aniquila

---

<sup>44</sup> *Poesias de (...)*, t. III, p. 311, edição de Inocêncio Francisco da Silva.

<sup>45</sup> O Olimpo.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 310.

*Quem vê de Anália o semblante.*  
Ela surge triunfante  
Sobre as plumas do louvor,  
E desse mesmo fulgor  
Donde os corações conquista,  
Quem de cá debaixo a avista  
*Julga ver a mãe de Amor.*

A primavera brilhante  
Vem ver a origem da vida;  
Vê toda a terra florida  
*Quem vê de Anália o semblante.*  
Mas inda não é bastante  
Este aplauso, este louvor:  
Quem seu gesto encantador  
Olha, de graças portento,  
Naquele etéreo momento  
*Julga ver a mãe de Amor.*

Duro nó, nó de diamante,  
Que horrível jugo nos traz,  
Impetuoso desfaz  
*Quem vê de Anália o semblante.*  
Embora a virtude cante  
Por triunfo extinto ardor,  
Que, em atentando o amador  
Num rosto mais que as leis forte,  
Esquece-se da consorte,  
*Julga ver a mãe de Amor.*

XXXV

MIMOS, CARINHOS, FINEZAS <sup>47</sup>

*Reuniu em ti Amor.*

Glosa

Maravilhas e estranhezas  
Te deram as Graças belas,  
E vincularam com elas  
*Mimos, carinhos, finezas.*  
Eis, eis mil chamas acesas  
Em um, em outro amador;  
Não, não cabem no louvor,  
Ó Lília, os encantos teus:  
Quanto em si reúne um deus  
*Reuniu em ti Amor.*

XXXVI

ELMANO FOI MAIS QUE UM DEUS <sup>48</sup>

*Hoje é mísero mortal.*

Glosas

Quando entre os carinhos teus  
Gozou dos bens a excelência,  
Elmano despiu a essência,

---

<sup>47</sup> *Poesias de (...)*, t. III, p. 313, edição de Inocêncio Francisco da Silva.

<sup>48</sup> *Poesias de (...)*, t. III, p. 305, edição de Inocêncio Francisco da Silva.

*Elmano foi mais que um deus:*  
Entranhou-se pelos Céus,  
Foi ao cume divinal,  
A Júpiter viu-se igual,  
Falou-lhe a felicidade;  
Volveu à humanidade,  
*Hoje é mísero mortal.*

Desenganai-vos, ateus,  
Vede a vossa insipiência<sup>49</sup>;  
Eu vos mostro a onnipotência,  
*Elmano foi mais que um deus:*  
Eia, acreditai os Céus,  
Crede no bem divinal;  
Mas, oh pranto! Oh dor! Oh mal!  
Tornai à incredulidade,  
Porque quem foi divindade  
*Hoje é mísero mortal.*

### XXXVII

QUEM MEUS EXTREMOS CONDENA<sup>50</sup>

*Não ofende o meu amor.*

Glosa

Não é da massa terrena,  
Não pertence à redondeza,  
Mãe não chama à Natureza  
*Quem meus extremos condena.*

---

<sup>49</sup> Ignorância.

<sup>50</sup> *Poesias de (...)*, t. III, p. 313, edição de Inocêncio Francisco da Silva.

Da ninfa que excede Helena<sup>51</sup>,  
De Páris e Troia ardor,  
Não reconhece o valor,  
A graça, o mimo, o regalo,  
Quem não pode avaliá-lo  
*Não ofende o meu amor.*

XXXVIII

EM AMOR NÃO SOFRE IGUAIS<sup>52</sup>

*Paulino*<sup>53</sup>, *exemplo de amor.*

Glosas

Os meus extremos são tais,  
Que levam a tudo a palma;  
Original, a minha alma  
*Em amor não sofre iguais.*  
Peço aos sensíveis mortais  
Mais justiça que favor:  
Em sentido extremo horror  
Num epitáfio a verdade  
Inculque à posteridade  
*Paulino, exemplo de amor.*

---

<sup>51</sup> Filha de Tíndaro e de Leda, mulher de Menelau, foi raptada, primeiramente, por Teseu e, mais tarde, por Páris, que a conduziu a Troia. Este acontecimento esteve na origem de uma longa e conhecida guerra, que acabou, como Homero cantou na *Ilíada*, com a destruição total daquela cidade.

<sup>52</sup> *Poesias de (...)*, t. III, p. 303, edição de Inocêncio Francisco da Silva.

<sup>53</sup> De acordo com Desidério Marques Leão, João Paulino Vaz, amigo de Bocage.

No orgulho abafando os ais  
Clamei ao género humano:  
«Entre vós somente Elmano  
*Em Amor não sofre iguais.*»  
Eis que o Nume dos mortais,  
Indisputável senhor,  
Me diz com agro clamor:  
«Enfunado amante, escuta,  
Vê que a glória te disputa  
*Paulino, exemplo de Amor.*»

XXXIX

FLAGELAM-ME AGROS CIÚMES<sup>54</sup>

*Tiranos zelos me matam.*

Glosa

Todo sou dor, sou queixumes,  
Ao que soffro não resisto,  
Venenosa origem disto,  
*Flagelam-me agros ciúmes.*  
Da razão ativos lumes  
Eles sufocam e empatam;  
Os fios vitais desatam;  
Na essência de infausto amante  
Cheguei ao último instante;  
*Tiranos zelos me matam.*

---

<sup>54</sup> *Poesias de (...)*, t. III, p. 322, edição de Inocêncio Francisco da Silva.

XL

CAIAM SOBRE MIM OS RAIOS<sup>55</sup>

*Se eu deixar de ser amante.*

Glosa

Venham ânsias e desmaios,  
Quanto tem a Morte fera,  
Rebente a azulada esfera,  
*Caíam sobre mim os raios.*  
Faça Jove, faça ensaios  
Do seu poder fulminante,  
Caia o fogo crepitante,  
Que vem dos polos eternos,  
Converta-me nos Infernos  
*Se eu deixar de ser amante.*

XLI

UM SÓ MOMENTO DE AMOR<sup>56</sup>

*Faz feliz um desgraçado.*

Glosas

Peço aos Céus alto favor  
Que toca ao supremo excesso;  
Eternidades não peço,  
*Um só momento de amor.*

---

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 323.

<sup>56</sup> In *Poesias* (...), t. III, p. 304. Edição de Inocêncio Francisco da Silva.

Este deus, este senhor  
Da vida, do tempo e fado,  
Este nume transformado  
No ente que chamam mulher,  
Pode tudo quanto quer,  
*Faz feliz um desgraçado.*

Movido da minha dor,  
O Autor dos males e bens  
Disse-me um dia: «Aqui tens  
*Um só momento de amor.*  
Não julgues pouco valor  
No donativo sagrado;  
Em sendo a Lília anexado,  
Por glória dum terno amante,  
De amor o mínimo instante  
*Faz feliz um desgraçado.»*

## XLII

SE ELMANO GEME DE AMOR<sup>57</sup>

*A sorte de Anália o manda.*

## Glosa

Não é falta de favor,  
Não penúria de carícias,  
Não carência de delícias,  
*Se Elmano geme de amor.*  
Ele já teve o penhor  
Que os males todos abranda;

---

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 320.

Venceu a inveja nefanda,  
Num bem que não cede à morte;  
E, se chora a sua sorte,  
*A sorte de Anália o manda.*

XLIII

MORTAL QUE TEUS MIMOS GOZA<sup>58</sup>

*Disputa co'a divindade.*

Glosas

Alta influência amorosa,  
Milagroso e doce lume,  
Ah! Tu convertes em nume  
*Mortal que teus mimos goza.*  
Mal que a alma sequiosa  
Embebes na eternidade,  
Mal que prova a imensidade  
De almo, indizível prazer,  
Faz o que deve fazer,  
*Disputa co'a divindade.*

Quantas fragrâncias a rosa  
Entre os Favónios aspira,  
Tantos perfumes respira  
*Mortal que teus mimos goza.*  
Sobe à esfera venturosa  
Onde tudo é claridade,  
Muda ali de qualidade,  
Todo o Céu em si reúne,

---

<sup>58</sup> *Poesias de (...)*, t. III, p. 293. Edição de Inocêncio Francisco da Silva.

E não farto de ser nume  
*Disputa co'a divindade.*

Sei que à morte pavorosa  
Também feudo eu pago, eu dou;  
Mas também, Marília, eu sou  
*Mortal que teus mimos goza.*  
É mais que todas honrosa,  
Sublime esta dignidade,  
Não pareça atrocidade,  
Sacrílego atrevimento,  
Se um, como eu, no pensamento  
*Disputa co'a divindade.*

Ouve, Marília formosa,  
Composto de riso e neve,  
Quanto ao mesmo Fado deve  
*Mortal que teus mimos goza.*  
Disse-me a voz estrondosa  
Que perpassa a eternidade:  
«Tu, que estás na humanidade,  
Como és de Marília amado,  
Vai, vai ser órgão do Fado,  
*Disputa co'a divindade.»*

Quanto (ó Céus!) é milagrosa  
Paixão, que adorar se deve,  
E a quanto, ó Lília, se atreve  
*Mortal que teus mimos goza!*  
Sonha a paixão amorosa  
Que se despe a humanidade;  
Jove deve ter piedade  
Se comete doce engano,  
Se audaz pensamento humano  
*Disputa co'a divindade.*

XLIV

EM AMOR NÃO HÁ LIMITE<sup>59</sup>

*Todos fogem à razão.*

Glosa

Queres, Marília, que evite  
De Amor o mui louco excesso?  
Marília, perdão te peço,  
*Em amor não há limite:*  
Por mais que a razão me dite  
Sisuda moderação,  
Vai sempre avante a paixão,  
Buscando seu doce fim,  
Os amantes são assim,  
*Todos fogem à razão.*

XLV

A MINHA ANTIGA ALEGRIA<sup>60</sup>

*Bateu as asas, voou.*

Glosa

Nas veias o sangue esfria,  
O coração não descansa,  
Apenas trago à lembrança

---

<sup>59</sup> *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. IV, p. 159. Edição de Nuno Álvares de Pato Moniz.

<sup>60</sup> *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. IV, p. 162.

*A minha antiga alegria.  
De mil glórias algum dia  
Meu pensamento adornou;  
Mas, quando mais me encantou,  
Quando a julguei mais segura,  
Qual relâmpago, a ventura  
Bateu as asas, voou.*

XLVI

COMO VIVE QUEM NÃO VIVE <sup>61</sup>

*Com quem deseja viver.*

Glosa

Depois que a desgraça tive  
De perder a bela Armia,  
Fiquei, qual estátua fria,  
*Como vive quem não vive.*  
O céu da vida me prive,  
O meu desejo é morrer;  
Que se não pode sofrer  
Da vida nem um instante,  
Quando não vive um amante  
*Com quem deseja viver.*

---

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 163.

XLVII

À VIDA DE UM DESGRAÇADO<sup>62</sup>

*É pior do que morrer.*

Glosa

Carrancudo, horrível Fado,  
Nume feroz, iracundo,  
De que te serve no mundo  
*A vida de um desgraçado?*  
É à morte comparado  
O meu infausto viver...  
Mas eis me sinto tremer,  
Eis ouço voz desabrida,  
Que diz: «Mentes, essa vida  
*É pior do que morrer.»*

XLVIII

EU VI NOS BRAÇOS DA AURORA<sup>63</sup>

*O Sol tremendo com frio.*

Glosa

Se isto vai de foz em fora,  
Também com luz diamantina  
Vir raiando a matutina  
*Eu vi nos braços da Aurora.*

---

<sup>62</sup> *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. IV, p. 227.

<sup>63</sup> *Poesias de (...)*, t. III, p. 325. Edição de Inocêncio Francisco da Silva.

Só me falta ver agora  
O caranguejo de um rio,  
Ver os efeitos do cio,  
Cantar modas um macaco,  
A Lua a tomar tabaco,  
*O Sol tremendo com frio!*

#### 4 — DÉCIMAS EM GLOSA DE QUADRAS

##### XLIX

*Que eu fosse enfim desgraçado*<sup>64</sup>  
*Escreveu do Fado a mão;*  
*Lei do Fado não se muda:*  
*Triste do meu coração!*

##### Glosa

##### 1

Três vezes sobre meus lares  
Vozeou quando eu nascia  
Ave que aborrece o dia<sup>65</sup>,  
Que prevê cruéis azares.  
Amor dividira os ares,  
De seus tormentos cercado;  
À funda estância do Fado  
O voo havia abatido,  
E ambos tinham resolvido  
*Que eu fosse enfim desgraçado.*

---

<sup>64</sup> Publicada, em 1799, no segundo tomo das *Rimas*, p. 234.

<sup>65</sup> O mocho.

## 2

«Esse, que os primeiros ais  
 Vai soltar triste e choroso,  
 Seja à Fortuna odioso,  
 Seja pesado aos mortais.  
 Dos mimos de Amor jamais  
 Desfrute a consolação;  
 Ame, porém ame em vão,  
 Ferva-lhe n'alma o ciúme.»  
 Isto no horrendo volume  
*Escreveu do Fado a mão.*

## 3

Cresci, cresceram comigo  
 Meus danos, e num transporte  
 Curva maga a ler-me a sorte  
 Com roucas preces obrigo.  
 Eis que toma um livro antigo,  
 Abre, vê, folheia, estuda,  
 Té que me diz, carrancuda:  
 «Nos caracteres que olhei  
 Fim ao teu mal não achei:  
*Lei do Fado não se muda.»*

## 4

Absorto, convulso e frio,  
 Deixo de erriçada grenha  
 A Fúria em côncava penha,  
 Seu lar medonho e sombrio.  
 Debalde luto e porfio  
 Contra a Sorte desde então.

Céus! Não achar compaixão!  
Céus! Amar sem ser amado!  
Bárbara lei do meu Fado!  
*Triste do meu coração!*

L

*Se amor vive além da morte*<sup>66</sup>,  
*Constância eterna hei de ter;*  
*Se amor dura só na vida,*  
*Hei de amar-te até morrer.*

Glosa

Fui onde o sábio Fatino,  
Vate pelos anos curvo,  
Rompe o véu tapado e turvo,  
Que envolve as leis do Destino.  
Entro a gruta, a fronte inclino,  
E exclamo em vivo transporte:  
«Ó tu, que falas co'a Sorte,  
Eia, diz ao mais constante,  
Ao mais abrasado amante  
*Se amor vive além da morte.»*

---

<sup>66</sup> Publicada em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen* (1804), p. 182.

Anália, deusa na face,  
Deusa até no coração,  
Temeu que a minha paixão  
Como as outras desmaiasse.  
Para que o meu bem deixasse  
De vacilar, de gemer,  
Abalancei-me a dizer:  
«Despe, amada, um vão temor,  
Que por milagre de Amor  
*Constância eterna hei de ter.*»

«Talvez foi voto indiscreto...»  
Proseguia; eis, meneando  
O grão velho venerando  
Três vezes seu grave aspeto:  
«Que não ousa um louco afeto!  
(Me diz com voz desabrida.)  
Alma insana, alma atrevida,  
Há quem confie, há quem jure  
Que amor entre cinzas dure,  
*Se amor dura só na vida!*»

«Doido amante alucinado,  
Como há de a paixão, como há de  
Ir alterar a igualdade  
Que aos entes impôs o Fado?  
Não há permanente estado,  
O Nada provém do Ser.  
Torna, vai-te desdizer,  
E faze o teu voto assim:  
«Mais poder não cabe em mim,  
*Hei de amar-te até morrer.*»

LI

*Defender os pátrios lares,<sup>67</sup>  
Dar a vida pelo rei,  
É dos Lusos valorosos  
Caráter, costume e lei.*

Glosa

Fernando<sup>68</sup> avilta o brasão,  
De eternos avós herdado,  
Fernando, a delícias dado,  
Perde glória e coração.  
Eis o primeiro João<sup>69</sup>  
Surge fausto entre os azares;  
Dissipa torpes desares<sup>70</sup>,  
E vai có'a tremenda espada,  
Cò'a glória ressuscitada  
*Defender os pátrios lares.*

Correm tempos, e o destino  
De Lísia outra vez se altera:  
No berço Belona<sup>71</sup> fera  
Bafeja real menino<sup>72</sup>.  
Cresce, e infausto desatino

---

<sup>67</sup> Publicada em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen* (1804), p. 184. O mote glosado terá sido composto pela Marquesa de Alorna, em 1802, na sequência da Guerra das Laranjas, que opôs Portugal à Espanha. Porém, é igualmente atribuído à viscondessa de Balsemão.

<sup>68</sup> O rei D. Fernando.

<sup>69</sup> D. João I.

<sup>70</sup> Reveses da fortuna.

<sup>71</sup> Deusa da guerra, irmã de Marte. É representada empunhando um chicote, desgrenhada.

<sup>72</sup> D. Sebastião.

O move contra Mulei<sup>73</sup>:  
Ai! Segue-o submissa grei,  
Lusas mãos pendões desferem,  
E até na injustiça querem  
*Dar a vida pelo rei.*

Cai o moço miserando  
Sobre as bárbaras areias;  
Rebenta o sangue das veias,  
Inda vitória anelando.  
Férreo jugo, intruso mando<sup>74</sup>  
Nos turva os anais lustrosos:  
Série de tempos nublosos,  
Que a Roma cadeias lança<sup>75</sup>  
(Bem como os da glória), herança  
*É dos lusos valorosos.*

Rompe enfim de Lísia<sup>76</sup> o sono  
Alto impulso repentino,  
E o novo bragantino<sup>77</sup>  
Reluz no remido trono.  
Ó Lusos! Celeste abono  
Verificai, merecei;  
Duro assalto removei:  
Jus vos dão para a vitória  
Um Deus, a Razão, a História,  
*Caráter, costume e lei.*

---

<sup>73</sup> Nota do autor: «Mulei Moluco, rei de Marrocos.»

<sup>74</sup> Os 60 anos de domínio filipino.

<sup>75</sup> Nota do autor: «Invasão dos povos do Norte na Itália.»

<sup>76</sup> A Pátria.

<sup>77</sup> D. João IV, que inicia a quarta dinastia.

LII

*Perguntei a Amor e à Sorte*<sup>78</sup>  
*Se tem remédio o meu mal;*  
*Respondeu-me em tom severo*  
*Que o não tem, porque é mortal.*

Glosa

Eu, que sinto o peito arder  
Na pura neve d'Isbela,  
Que um volver dos olhos dela  
Não posso ao menos obter;  
Cansado enfim de sofrer  
Vida pior do que a morte,  
Em paixão tão cega e forte  
Que já passa a desatino,  
Qual seria o meu destino  
*Perguntei a Amor e à Sorte.*

«Nunes! Poderosos nunes!  
(Clamaram meus lábios tristes)  
Vós, que de mim sempre ouvistes  
Brados, suspiros, queixumes;  
Vós, que as ânsias, os ciúmes  
Lançais nesta alma leal;  
Vós, que permitis que um tal  
Incêndio me ofenda e queime,  
Ah! consolai-me, dizei-me  
*Se tem remédio o meu mal?»*

---

<sup>78</sup> Perfilhámos a lição de Inocêncio Francisco da Silva, t. III, p. 269. Segundo ele, nem todas as glosas que transcreveu pertencem a Bocage.

Disse; e logo o deus alado<sup>79</sup>  
Que Céus e Terra avassala,  
Com voz soberba assim fala  
À Deusa, que tinha ao lado:  
«Deste amante o cruel fado  
Que exponhas, ó Sorte, eu quero;  
Ergue a voz, pois te assevero  
Que o seu pranto me importuna.»  
Calou-se Amor, e a Fortuna  
*Respondeu-me em tom severo:*

«Tu, que dourada corrente  
Toleras, mostras, arrastas;  
Que os dias e as noites gastas  
Em choro infeliz e ardente;  
Tu, que buscas finalmente  
Remédio pronto e cabal  
À tua dor sem igual;  
Sabe, para teu terror,  
Que o não tem, porque é de Amor,  
*Que o não tem, porque é mortal.»*

---

<sup>79</sup> Cupido.

LIII

*O tempo que Amor perdeu*<sup>80</sup>,  
*Finezas mal merecidas,*  
*Promessas nunca cumpridas,*  
*Nada disso choro eu.*

Glosa

Graças aos Céus, já não sinto  
Aquela viva paixão,  
Das liberdades prisão,  
Dos corações labirinto;  
Já não lamento, nem pinto  
Cruezas do génio teu;  
A verdade enfim rompeu  
Trevas desse engano antigo;  
Nem já me lembra contigo  
*O tempo que Amor perdeu.*

Reina em meu peito a alegria,  
Minh'alma de todo é sua;  
Brilhe o Sol ou gire a Lua,  
Chegue a noite ou venha o dia:  
Sinto em dura antipatia  
Minhas paixões convertidas;  
Em mil vozes desabridas  
Troquei por justas razões  
Amorosas expressões,  
*Finezas mal merecidas.*

---

<sup>80</sup> Fonte: Inocêncio Francisco da Silva, *Poesias* (...), t. III, p. 271.

Virtude, só teus altares  
Incensarei com fervor,  
Proferindo contra Amor  
Imprecações a milhares;  
Loucuras, ânsias, pesares  
Ele causa às tristes vidas;  
E, quando glórias subidas  
Jura dar ao coração,  
As suas promessas são  
*Promessas nunca cumpridas.*

Queixe-se embora do Fado  
Aquele que vê, que alcança,  
Em vez de ternura, esp'rança,  
Desprezo, rigor, enfado;  
Chore-se qual desgraçado  
O que a vontade rendeu,  
Sabendo que vive o seu  
Rival nos braços da amada;  
Chore-se embora, que nada  
*Nada disso choro eu.*

LIV

*Pondo a mão nas sacras aras*<sup>81</sup>  
*Tu juraste, e eu jurei;*  
*Cuida tu em ser constante,*  
*Que eu à fé não faltarei.*

Glosa

No templo do nume alado,  
Cujas leis adoro e sigo,  
Entrei, Marília, contigo,  
De verde mirto c'roado.  
Ali jurei ao teu lado  
Vivo amor, finezas raras,  
E, tintas as faces claras  
Do purpúreo pejo honesto,  
Tu fizeste igual protesto,  
*Pondo a mão nas sacras aras.*

Cupido a fronte meneia,  
E pago da jura amante,  
Co'um sorriso no semblante  
O seu prazer patenteia:  
À multidão que o rodeia,  
Escrava da sua lei,  
Tu ouviste, eu escutei  
Hinos mil, Marília amada,  
Louvando a fé, que prostrada  
*Tu juraste, e eu jurei.*

---

<sup>81</sup> Seguimos a lição de Nuno Álvares de Pato Moniz, publicada em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. IV, p. 196.

Áureo turíbulo então  
Pronto ministro nos dá,  
Mutuamente o movem já  
A minha e a tua mão;  
Perturbando os ares vão  
Nuvens de incenso fragrante,  
E do sólio de diamante  
Diz Amor a mim, e a ti:  
«Guarda o voto que te ouvi,  
*Cuida tu em ser constante.»*

Eu, com a voz do respeito  
Ardendo em férvido lume,  
Lhe respondo: «Ó gnídio<sup>82</sup> nume,  
Nume a quem vivo sujeito,  
Dos votos que tenho feito  
Eu jamais me esquecerei;  
Dos Deuses o pai e o rei  
Com raios o mundo estrague,  
O Céu caia, o Sol se apague,  
*Que eu à fé não faltarei.»*

---

<sup>82</sup> Relativo a Gnido, cidade onde Vénus tinha um templo.

LV

*Só o nome de Maria*<sup>83</sup>  
*Inconstância quer dizer;*  
*A mulher que assim se chama*  
*Ingrata sempre há de ser.*

Glosa

É desatino, é loucura  
No mundo haver quem pretenda  
Que até dos nomes dependa  
A condição meiga, ou dura;  
Mas, bem que esta conjetura  
Tem visos de errada e fria,  
Eu não sei que antipatia,  
Que desgosto, que aversão  
Desperta em meu coração  
*Só o nome de Maria.*

Jamais o nume vendado  
Alcançou de mim vitória,  
Jamais fundei minha glória  
Na posse de um puro agrado;  
Mas se por força de fado  
Chegar um dia a querer,  
Ninguém me verá morrer  
Pelo nome de Maria,  
Pois se por «mar» principia  
*Inconstância quer dizer.*

---

<sup>83</sup> Fonte: *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Bocage*, t. IV, p. 199.

Lício, de quem longos anos  
A crespa cerviz humilham,  
E em cujo aspeto já brilham  
A montões os desenganos,  
Diz que é causa de mil danos,  
Que mil discórdias derrama,  
Que é fúria pelo que inflama,  
Que é crocodilo no pranto,  
Sereia na voz, no canto  
*A mulher que assim se chama.*

Vós, pois, que as aras beijais,  
E a quem eu meus votos nego,  
Vós, que insanas leis de um cego  
Tão cegamente adorais,  
Se não quereis de vãos ais  
Os ares subtis encher,  
Vede a quem ides render  
Vossa interna idolatria,  
Que toda a que for Maria  
*Ingrata sempre há de ser.*

LVI

*Eu quero bem à Desgraça,<sup>84</sup>  
Que sempre me acompanhou;  
Tenho aversão à Ventura,  
Que no melhor me faltou.*

Glosa

Deuses comigo indignados,  
Meneando a sacra mão,  
Vertei no meu coração  
Milhões de acerbos cuidados;  
Exemplar dos malfadados  
O vosso rigor me faça,  
Persiga-me a Sorte escassa,  
Que não me obriga a queixume.  
Não, deuses, não, por costume  
*Eu quero bem à Desgraça.*

Esta deidade sombria,  
Em cujo lívido rosto  
Nunca resplandece o gosto,  
O riso, a paz, a alegria,  
Apenas a luz do dia  
Os olhos meus ilustrou,  
Entre os braços me apertou  
Ao peito me trouxe unido,  
E tão leal me tem sido,  
*Que sempre me acompanhou.*

---

<sup>84</sup> Perfilhámos a lição de Nuno Álvares de Pato Moniz, ou seja, *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. IV, p. 202.

Satisfaz-se o meu desejo  
Quando nos cândidos ares  
Denso tropel de pesares  
Correr a buscar-me vejo.  
Ventura, não te festejo,  
Vai-te, outras almas procura,  
Vai-te, que de ti murmura  
Meu infeliz coração,  
Tenho ao prazer aversão,  
*Tenho aversão à Ventura.*

Desgraça, nume imenso,  
Tu, tu, que desejas tanto,  
Em vez dos hinos, o pranto,  
Os ais em lugar do incenso,  
Vê que com afeto intenso  
Minha alma e vida te dou;  
Nunca jamais (pois teu sou)  
Desprezes a quem te abraça,  
Não se diga da Desgraça  
*Que no melhor me faltou.*

LVII

*A Razão manda que eu parta,<sup>85</sup>  
Amor me quer demorar;  
Minha Sorte é quem decide,  
E me obriga a separar.*

Glosa

A Razão, fulgente nume,  
Que o vício torpe intimidada,  
Baixou dos Céus atraída  
Pelo som do meu queixume;  
Vendo esta alma por costume  
De suspirar nunca farta,  
Vendo, enfim, que não coarta  
Márcia a sua tirania,  
Da presença desta impia  
*A Razão manda que eu parta.*

Mas Amor, de cuja mão  
Té Jove teme o castigo,  
Amor feroz inimigo  
Da Virtude e da Razão,  
Com um leve turbilhão  
Armado fendendo o ar,  
A deusa corre a buscar,  
Que a meu lado afável sente,  
E se ela quer que eu me ausente  
*Amor me quer demorar.*

---

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 205.

Arma então disputa forte  
Uma e outra divindade,  
Na Razão brilha a verdade,  
Em Amor louco transporte;  
Eu, que os vejo desta sorte  
Sem que um ao outro intimide,  
Lhes digo: «Não mais se lide,  
Dignai-vos de me seguir,  
Se hei de ficar, ou partir,  
*Minha Sorte é quem decide.»*

Fomos, pois, da Sorte ao templo,  
E mal que os altares beijo,  
Os olhos turvos lhe vejo,  
Triste o rosto lhe contemplo.  
Ela exclama: «Infausto exemplo  
De quantos sabem amar  
Faze o que a Razão mandar.»  
Disse; e, apesar da porfia  
De Amor, a Razão me guia,  
*E me obriga a separar.*

LVIII

*Basta, pensamento, basta,  
Deixa-me enfim descansar;  
Um bem que ser meu não pode  
É um tormento lembrar.*

Glosa

Desvelado pensamento,<sup>86</sup>  
Que a minha mágoa requintas,  
Quando em ilusões me pintas  
Suave contentamento:  
Se um dever duro e violento  
Do bem que adoro me afasta;  
Se bárbara lei contrasta  
Os desejos da paixão,  
De enganar-me o coração  
*Basta, pensamento, basta.*

Nise em braços de um tirano  
Mesmo a seu pesar suspira,  
Enquanto geme e delira  
Longe dela o triste Elmano:  
O meu rival goza ufano  
A dita mais singular;  
E, se a dor de o invejar  
Tu me excitas, pensamento,  
Em profundo esquecimento  
*Deixa-me enfim descansar.*

---

<sup>86</sup> Seguimos a lição de Pato Moniz, ou seja, *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. v, p. 187.

Bem que se não goza, anseia;  
Não me apresentes, memória,  
A perda da minha glória  
Na imagem da glória alheia:  
Nise arrasta uma cadeia  
Que só a morte sacode,  
E por isso não me acode,  
Não me paga a simpatia  
Um bem que ser meu devia,  
*Um bem que ser meu não pode.*

Pensamento namorado,  
Não promovas minha pena;  
Ceda-se ao que o Fado ordena,  
Que ninguém resiste ao Fado.  
Alto prazer suspirado,  
Que se não pode alcançar,  
Porque, em se não desfrutar,  
Deixa enfim de ser prazer,  
É uma dita esquecer,  
*É um tormento lembrar.*

LIX

*Lá na minha sepultura,<sup>87</sup>  
Onde sepultado eu for,  
Uma letra a cada canto:  
Um A, M, O, R, Amor.*

Glosa

Eis meu rosto macilento,  
Os tristes olhos sumidos,  
Os meus lábios denegridos,  
E sem ter nestes alento;  
Afligido de tormento,  
E toda a minha figura,  
Modelo da desventura,  
Espera da Parca o corte.  
Vou descansar com a morte  
*Lá na minha sepultura.*

Onde quer que eu for levado,  
Vá comigo a confusão,  
Duma atrevida paixão  
Com que vivia enganado.  
Vá da sorte o dissabor,  
E, do meu corpo ao redor,  
As paixões serão jazigo,  
Jazerá tudo comigo  
*Onde eu enterrado for.*

---

<sup>87</sup> Teófilo Braga apresenta esta composição da seguinte forma: «[...] uma poesia inédita de Bocage que, há poucos meses, logrei descobrir por via de um catálogo de um alfarrabista do Porto. Além do mérito de inédita, traz-nos essa poesia elementos para determinar a sucessão dos três últimos amores que atormentaram e embelezaram a sua vida.» Subsistem, porém, dúvidas, relativamente à sua autoria. Foi dada a conhecer, no âmbito das comemorações do nascimento do escritor, em *O Elmano* (Setúbal), de 16 de setembro de 1911, sendo, agora, pela primeira vez, publicada em livro.

Sobre a campa fria e dura,  
Caminhante que passares,  
Lê desgostos, lê pesares,  
Lê a minha desventura.  
Entregue então à ternura,  
Desafoga em triste pranto,  
Porém não te cause espanto,  
Que o epitáfio lerás;  
Repara bem, acharás  
*Uma letra a cada canto.*

Olha um A, que significa  
*Anália*, cruel e vária;  
M, *Marília* contrária,  
E por enigma se explica.  
Repara no O, que indica  
O seu ódio, o seu furor;  
O R mostra o rancor  
Que me teve enquanto vivo,  
Sendo de tudo motivo  
*Um A, M, O, R, Amor.*

LX

*Por que razão não fizestes<sup>88</sup>  
Justos Céus, por que razão  
Menos áspera a virtude  
Ou mais forte o coração.*

Glosa

1

Sagradas leis não pretendo  
Profanar vosso respeito,  
No mais fundo do meu peito  
Solenes cultos vos rendo!  
Mas se a maga Elmira vendo  
A quem meigos risos destes,  
Hei de achar um tanto agrestes  
Da sã virtude os avisos,  
Menos amáveis seus risos  
*Por que razão não fizestes?*

2

Se não querias que eu fosse  
Das paixões infausta presa,  
Porque destes à beleza  
Um atrativo tão doce?  
Elmira me rouba a posse  
Da discursiva razão,  
E se em minha débil mão

---

<sup>88</sup> Composição divulgada por Heitor Martins na obra *Bocage e Minas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1966, pp. 57-59. Consta igualmente de uma obra manuscrita intitulada *Miscelânea curiosa de vários autores para recreio dos eruditos*, datada de 1819, que fazia parte do acervo da biblioteca de R. B. Rosenthal.

Não está resistir a ela,  
Porqu'a fizeste tão bela  
*Justos Céus, por que razão.*

3

Antes que chegue a avistá-la  
Contra o Amor luto e forcejo;  
Mas tanto que Elmira vejo  
Não posso deixar de amá-la:  
Se trabalhar por gozá-la,  
Justos Céus, é vício rude,  
Ou permiti que se mude  
Minha essência em outra essência,  
Ou que seja por clemência  
*Menos áspera a virtude.*

4

O homem por si somente,  
Por mais e mais qu'ele insiste,  
Não tem forças, não resiste  
Aos toques que n'alma sente.  
Vós, que deste frágil ente  
Conheceis a condição,  
E vedes sua razão  
Ceder mil vezes ao crime,  
Ou lha fazei mais sublime  
*Ou mais forte o coração.*





**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

MADRIGAL



Zéfiros, que brincais co'as tranças belas<sup>1</sup>  
Da minha doce Anália,  
Voai às flores da viçosa Idália,  
Bem que na graça e cor são menos que elas.  
Não é por vós, Favónios, que a frescura  
Trazeis ao níveo seio,  
E à face melindrosa em que deliro:  
É só porque receio  
Que de astuto rival, de audaz ternura  
Convosco se disfarce algum suspiro.

---

<sup>1</sup> Publicado em *Poesias, Dedicadas à Excelentíssima e Ilustríssima Condessa de Oyenhausen*.  
Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 176.



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

# ENDECHAS



# I

## A ARMIA<sup>1</sup>

Já de ilusões não vivo,  
Meu bem, sou desgraçado.  
Nenhum mortal se esquivava  
Do que lhe ordena o Fado.

Em vão com mil sorrisos  
Os cândidos Amores  
Me afagam, me prometem  
Dulcíssimos favores;

Em vão meiga Esperança  
Me diz que em brandos laços  
Hei de expirar de gosto  
Nos teus mimosos braços.

Suspeita roedora  
Me gasta o frouxo alento,  
De imagens pavorosas  
Me enluta o pensamento;

Murmura na minha alma,  
Onde mil serpes cria,  
Ouço-lhe em surdas vozes:  
Não lograrás Armia.

---

<sup>1</sup> Endeche publicada no segundo tomo das *Rimas*, p. 135. Segundo António Salgado Júnior, «nas duas composições que Bocage classifica de endechas é de notar o que apresentam de filiável nos velhos *Infiernos de Namorados*, tão caros aos poetas medievais peninsulares que, directa ou indirectamente, respiravam o ar da *Divina Comédia*.»

Usa sonhar venturas  
A crédula Esperança,  
Só entre mortas cinzas  
No túmulo descansa;

As lágrimas nos olhos,  
No peito enfreia os ais,  
Doura cruéis desastres  
A míseros mortais.

Em rápidos momentos  
Aos deuses me igualou,  
Fantásticas delícias  
Na ideia me traçou.

Mil vezes, doce amada,  
Fingiu ao meu desejo  
Patentes os tesouros  
Que recatava o pejo;

Mil vezes (ah! Foi sonho,  
Mas sonho encantador)  
Me fez voar contigo  
À glória, ao céu de Amor.

Ali do térreo manto  
Minha alma solta e nua,  
Filtrando-se em teus lábios,  
Ia agregar-se à tua;

Ali teu brando peito,  
De Amor altar sagrado,  
De acesos pensamentos  
Só visto, só tocado,

À boca melindrosa,  
Leda, suave e pura  
Suspiros te enviava  
De gosto e de ternura.

Mas eis que a luz se extingue  
Da fúlgida ilusão,  
E escura, horrenda nuvem  
Me abafa o coração.

Tenaz Desconfiança,  
Que às fibras se me aferra,  
Garras mortais vibrando,  
Move aos Prazeres guerra.

Súbito, abrindo as asas,  
As asas cor de neve,  
Foge de horror a instável  
Turba risonha e leve.

Debalde a companhia  
Fiel dos desgraçados  
Quer suspender o adejo  
Dos júbilos alados.

Por corações tranquilos,  
Soltos das leis de Amor  
Te abrigas, te repartes,  
Ó bando voador.

Nos ais, Armia, entanto  
Minha alma se evapora,  
Vítima lamentável  
Da angústia que a devora;

E além do turvo Letes<sup>2</sup>  
Zelos temendo achar,  
Frenética deseja  
Poder-se aniquilar.

Se o racional tivesse  
Do irracional a sorte,  
Se as almas se apagassem  
Ao hálito da morte,

Feliz de um terno escravo,  
Feliz de um triste amante,  
Remindo-se do jugo  
No derradeiro instante!

Mas ai que a turba insana  
Dos mestos amadores  
Té lá no reino escuro  
Vai suspirar de amores.

Sobre os Elísios Prados  
Inda a sidónia Dido<sup>3</sup>  
Guarda as fatais memórias  
Do Teucro<sup>4</sup> fementido;

Entre os formosos pomos  
O golpe inda roxeia,  
Inda goteja o sangue,  
Que a neve purpureia.

---

<sup>2</sup> Rio infernal do esquecimento.

<sup>3</sup> Filha de Belo, rei de Tiro, nascida em Sidon, na Fenícia, fundou Cartago. Apaixonou-se por Eneias, que a abandonou; Virgílio imortalizou-os na *Eneida*.

<sup>4</sup> Troiano. Referência a Eneias.

Também nas margens tuas,  
Ó rio sonolento,  
Sem demandar o abismo  
Do eterno esquecimento,

Carpindo a bela esposa  
(Ah! Que não pode Amor!),  
Arde, suspira o Trácio<sup>5</sup>,  
Misérrimo cantor.

Ali aos olhos d'alma  
Lhe retrocede o dia  
Em que aplacara os monstros  
Da região sombria;

Ali no pensamento  
O estígio rei<sup>6</sup> figura;  
Vê-lhe os terríveis olhos,  
A torva catadura;

Vê-o fervendo em raiva,  
Troando em ameaços  
Porque um vivente ousara  
Tocar-lhe os negros paços.

Eis fere a maga lira,  
Que infunde o Céu no Inferno:  
De assombros assaltado,  
Cede o tirano eterno;

---

<sup>5</sup> Orfeu.

<sup>6</sup> Plutão, rei dos Infernos, filho de Crono e de Reia, irmão de Zeus.

Acode aos ígneos olhos  
Doce, invencível sono,  
Baqueia o férreo cetro  
Sobre os degraus do trono.

Até que em si volvendo  
Do súbito letargo,  
Contempla Orfeu<sup>7</sup> saudoso,  
Desfeito em pranto amargo.

Sofrendo um ar benigno  
No carrancudo aspeto,  
Mostra sentir piedade  
Do mavioso objeto.

Co' a fera mão, que firma  
Dos réus a eterna pena,  
Para indagar seus males  
Enfim ao vate acena.

Inquire a causa ignota,  
Pergunta o grão motivo  
De lhe invadir o império,  
De ir aos Infernos vivo.

Mal que as razões lhe escuta  
Quebranta a lei da morte,  
Manda que à luz do dia  
Volva a gentil consorte.

---

<sup>7</sup> Poeta trácio, nascido no Ródope, que desceu aos Infernos para resgatar Eurídice, sua esposa. A forma como tangia a lira impressionou vivamente as divindades infernais, que o autorizaram a recuperar a sua amada; como única condição, impunham-lhe a impossibilidade de olhar para trás, até sair completamente daquela malquista região. Possuído por enorme impaciência para a contemplar, acabou por a perder.

Mas ai, que o vingativo,  
Terrífico Plutão  
Une à maior das graças  
Pesada condição!

Nas férvidas entranhas  
Feroz despeito oculto  
Quer da amorosa audácia,  
Quer despicar o insulto.

«Vai (diz ao triste amante),  
Que um não sei quê me obriga  
A permitir que os passos  
Eurídice te siga;

«Mas nega-lhe teus olhos  
Enquanto profanares  
Co' a temerária planta  
Meus horrorosos lares.

«À cláusula que imponho  
Se execução não dás,  
Sem a chorada esposa  
Rever o mundo irás.»

Ah malfadado! Aceitas  
O rigoroso artigo,  
Mas súbito exp'rimentas  
Um bárbaro castigo.

Pela mordaz saudade  
Roto o cruel preceito,  
Olhas, e vês em sombras  
Teu júbilo desfeito.

Sumindo-se a teus olhos  
A cara esposa vai,  
E a teu inútil grito  
Responde ao longe um ai.

Soltando-se, após ela  
Te voa o coração,  
Para alcançá-la empre'ndes  
Tudo, mas tudo em vão.

Às ferrolhadas portas  
Do amplo salão ruidoso  
Tornas de novo, e queres  
Entrar-lhe o seio umbroso;

Extrais um som da lira  
Mais tentador, mais terno,  
Mas o divino encanto  
Não move o surdo Inferno.

Destarte a meiga esposa  
Do mísero amador  
Foi por amor ganhada,  
Perdida por amor.

Ah, brando Orfeu! Não chores,  
Suprime os ais que lanças,  
Turbado o pensamento  
Com tão cruéis lembranças.

Eu sou mais desgraçado,  
Tu não padeces tanto,  
Tu logras, tu desfrutas  
O prémio de teu pranto:

Aquela que soava  
Na tua doce lira  
Qual suspirava dantes  
Inda por ti suspira;

Eu, miserando objeto  
De dor e de piedade,  
Junto à fatal baliza  
Da triste Humanidade,

Queimando o véu dos Fados  
Co'a luz da fantasia,  
Vejo futuros males,  
Vejo traições de Armia.

Dura exp'riência antiga  
No coração me diz  
Que o lacrimoso Elmano  
Jamais será feliz.

Ó domador das feras!<sup>8</sup>  
A doce, a bela ingrata  
Que o laço da existência  
Me solta, me desata,

---

<sup>8</sup> Nota do autor: «Orfeu.» Referência a Cérbero, o cão trífauce, por ele domesticado.

Eurídice é nas graças,  
Mas na paixão, na fé,  
No afago, nos extremos  
Eurídice não é.

Votos de amor lhe escuto,  
Mas no benigno rosto  
Um ânimo lhe observo  
Para a traição disposto.

Os bens instáveis preza  
Da lúbrica Ventura,  
E o desvelado Elmano  
Não tem senão ternura.

Na mente a cada instante  
Diviso (oh Céus! Que horror!)  
Volver a ingrata os olhos  
A novo adorador;

Sacrificar excessos  
Aos dons da vária Sorte,  
Sumir-me os tristes dias  
Na escuridão da morte,

E, ainda não contente  
Da enorme aleivosia,  
Co'ò presunçoso amante  
Pisar-me a campa fria;

Ali, entre seus braços,  
Para o cruel faltar,  
Do extinto Elmano as cinzas  
De imprecções manchar.

Mas trema a desumana  
Se desleal me for,  
Trema, que até na morte  
Terá domínio Amor.

Fará surgir do Averno  
Meus Manes<sup>9</sup> vingadores,  
Para terror e exemplo  
De corações traidores.

Qual o afanoso Orestes<sup>10</sup>,  
Das Fúrias<sup>11</sup> acossado,  
Sempre terás, ó fera,  
O meu fantasma ao lado;

Como a contínua sombra  
Persegurei teus passos:  
Não folgarás ao menos  
Do meu rival nos braços.

Irei lá no silêncio  
Da erma noite escura  
Turbar-te os deleitosos  
Mistérios da ternura.

Quando (ai de mim!) sentires  
Teu coração tremer,  
Voar tua alma ao cume  
Do rápido prazer,

---

<sup>9</sup> Deuses do Inferno, os denominados deuses «debaixo», por oposição aos «superiores», divindades celestiais.

<sup>10</sup> Filho de Agamémnon e de Clitemnestra. Quando chegou à idade adulta, vingou seu pai, que fora assassinado pela mãe.

<sup>11</sup> As Fúrias ou Erinias, filhas de Inferno, ou de Aqueronte, e da Noite, eram três: Alecto, Megera e Tisífone. Puniam as almas penitentes com serpentes e achas incandescentes.

«Perjura! (Hei de gritar-te  
Com pavorosa voz)  
Eu sou Elmano, e venho  
Punir teu crime atroz.»

Verei de horror gelar-se  
Teu ânimo infiel,  
E o néctar de teus gostos,  
Impia, mudar-se em fel;

Teu cúmplice odioso  
Verei, dando um gemido,  
Fugir-te dentre os braços,  
Convulso, espavorido.

Armia, ah, não te exponhas  
De um nume ao furor:  
Se as leis de Amor não cumpres,  
Teme o poder de Amor.

## II

### A GRUTA DO CIÚME<sup>12</sup>

Há um cerrado bosque  
Aquém do abismo eterno,  
Vê-se o vapor do Inferno  
Nos ares negrejar;

---

<sup>12</sup> Endecha publicada no segundo tomo das *Rimas*, p. 147.

Ali rebentam, crescem  
Mil plantas venenosas,  
Mil serpes tortuosas  
Ouvem-se ali silvar;

Rochedos escabrosos  
As nuvens ameaçam:  
Raios por eles passam,  
Medrosos de os tocar;

Ali tremula a rama  
Do teixo e do cipreste,  
Fermenta estígia peste,  
Que as almas vem danar;

De infestas, roucas aves  
O bando ali se acoita,  
Que está de moita em moita  
Desastres a agourar;

As asas não meneias  
Ali, Favónio brando,  
Tufões de quando em quando  
Só se ouvem rebramar.

Ali umas com outras  
As árvores se fecham,  
De sorte que não deixam  
Do dia a luz entrar;

A custo ali respira,  
Cercada a Natureza  
De horror e de tristeza,  
Capaz de a sufocar;

Ali, sempre aclarado  
Pelo tartáreo lume,  
Jaz do cruel Ciúme  
O temeroso lar.

Na aborrecida entrada  
Vela a mordaz Suspeita,  
Continuamente afeita  
A crer e a recear;

No seio da caverna  
A torpe Inveja escura  
Frenética murmura,  
Venenos a espumar;

Sente-se lá no fundo  
Da estância sinuosa  
Caterva pavorosa  
De monstros ulular;

Num férreo trono em brasa  
Reina o Ciúme horrendo,  
Angústias mil tecendo,  
Para os mortais tragar;

Na mão tem negra taça  
Cheia do fel da morte,  
Com rábido transporte  
Não cessa de arquejar;

Ara fatal ao mundo  
Terror num canto inspira,  
Sulfúrea, ardente pira  
Nela se vê fumar;

Nela milhões d'amantes  
Vão por destino infausto  
Ser mísero holocausto,  
As veias esgotar;

Ministro carrancudo  
Frio cutelo amola,  
E as vítimas degola  
Sobre o medonho altar.

Vós deveis crer, humanos,  
Que a descrição que ouvistes  
É de quem foi tão tristes  
Objetos contemplar.

Ah! sim, já tenho sido  
Pelo tirano alado  
Mil vezes arrastado  
Ao hórrido lugar;

E se eu, mortais, não pude  
Como puderam tantos,  
Em sangue, em ais, em prantos  
O espírito soltar,

Foi porque Amor cruento  
Não quis que extinto eu fosse:  
Achou que era mais doce  
Morrer do que penar.



# CANTOS



# I — À PURÍSSIMA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA <sup>1</sup>

## CANTO I

Profana lira, a moles sons afeita,  
Vil instrumento, minha mão te enjeita;  
Caducas perfeições, servis amores,  
Não mais, não maculeis os meus louvores.  
Tu, doce chama, angélica ternura,  
Que o Criador envia à criatura,  
Ó dádiva celeste, ó dom do Imenso,  
Com que aterramos Satanás infenso,  
Com que a tormenta das paixões se acalma,  
Baixa dos Céus e purifica esta alma.  
Eis desce, eis desce, não me engano, é ela.  
Agora, sim, que posso, ó Virgem bela,  
Enxugar criminoso, indigno pranto,  
E a teus ouvidos elevar meu canto.  
Profana lira, a moles sons afeita,  
Vil instrumento, minha mão te enjeita.  
Inda no horror do Caos ou do Nada  
Jazia a Natureza inanimada,  
Inda na vasta região dos ares  
Os grandes, os pasmosos luminares,  
Que o Polo aclaram, que os viventes guiam,  
Que as ondas abrilhantam, não luziam,  
E já Maria, para Deus guardada,  
Na ideia omnipotente era criada.  
Ah! Cante-se o prazer, cante-se a glória  
Do Céu, da Terra, aclame-se a vitória  
Da Imaculada Virgem sacrossanta,

---

<sup>1</sup> Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 266. Este canto foi recitado, em dezembro de 1790, pelo poeta, na «Academia de Belas-Letras».

Daquela que te impôs a invicta planta,  
Tartárea serpe, na cerviz medonha,  
Ficando ilesa da infernal peçonha.  
Lá vejo os Pais comuns, que o monstro oprime,  
Lá caminha o Remorso após o crime,  
Lá oiço a voz horríssonã do Eterno,  
Que faz tremer a abóbada do Inferno.  
Deus grita, Deus pergunta: «Ingratos, como  
Vos atrevestes ao vedado pomo?  
Quê!? Pretendíeis ombrear comigo!?  
Da vossa rebeldia eis o castigo.  
Do Éden minha justiça vos desterra,  
Ide habitar a miserável Terra.  
Ela, avarenta, Adão, jamais enxutos  
De teus suores te dará seus frutos.  
Tu, crédula mulher, que o seduziste,  
Com dor produzirás, e o duro, o triste  
Padecimento, a que ambos vos condeno,  
E que a tão grave culpa inda é pequeno,  
Grassará com terrível igualdade  
Pela vossa infeliz posteridade.»  
Oh sentença fatal! Oh cruel sorte!  
Herança horrível! O pecado! A morte!  
Já principiam a ferver na Terra  
A Soberba, o Furor, a Inveja, a Guerra.  
Da vítima primeira o sangue corre:  
Abel, o grato ao Céu, lá cai, lá morre  
Às mãos perversas de Caim maldito,  
E aos astros sobe da Inocência o grito.  
Pune, fulmina os monstros do pecado  
O braço vingador de um Deus irado.  
Ele as etéreas cataratas solta,  
Paternos olhos a Noé só volta.  
Cai a torrente, em atras nuvens presa,  
E agoniza, boiando, a Natureza.  
Que espetáculo, oh Céus! Qu'horror! Qu'espanto!  
A negra estância do contínuo pranto

O proscrito Universo representa  
Na pavorosa, na geral tormenta,  
E o divino furor, inda não pago,  
Arroja sobre os Homens novo estrago:  
Ele, Babel sacrílega, te arrasa,  
Ígneo chuvaireiro,<sup>2</sup> ó Sodoma, te abrasa,  
Aqui e ali, silvando, o raio voa,  
Mas o terrível Deus enfim perdoa.  
Vê com piedade o mundo agrilhado  
Pelo tirano, contra nós armado,  
Que rege as trevas do medonho Inferno,  
Que ceva as fúrias em tormento eterno.  
Remir-vos, ó mortais, do cativoiro  
Eis que resolve o nume justiceiro:  
Fecundada por Ele idosa<sup>3</sup> planta,  
Brotta o celeste fruto, a pura, a santa,  
Cujto louvor os serafins entoam,  
No refulgente empíreo que povoam,  
E cuja Conceição, por Deus obrada,  
Da mancha universal foi preservada.  
Virgem depois de mãe, mulher bendita,  
Debalde o torvo Lúcifer vomita  
Contra ti do espumante, horrível seio  
O veneno letal, de que está cheio;  
Contra ti seu furor em vão despede,  
A teu alto poder o monstro cede;  
Tu lhe calcas a frente ameaçadora,  
Que erguera para Deus; tu, vencedora,  
Por terra deixas o dragão danado,  
Que nos Infernos cai desesperado,  
Arremessando ao Céu com voz blasfema  
Hórridas pragas contra a Mão Suprema.

---

<sup>2</sup> Variante da primeira edição: «Com ígnea chuva».

<sup>3</sup> Variante da primeira edição: «anosa».

Esposa, Filha e Mãe do Omnipotente,  
Íris<sup>4</sup> de paz à deplorável gente,  
Depósito inefável da pureza,  
Que honraste a nossa frágil Natureza;  
Do Deus-Homem digníssimo sacrário,  
Que os tesouros sem fim do eterno erário  
Resumidos contém nas graças tuas,  
Que outros sóis, outros astros, outras luas,  
Invisíveis a nós, lá vês, lá pisas  
No almo, nítido Céu: tu divinizas  
Meus versos, dedicados atégora  
A vãos prestígios, que a fraqueza adora.  
Ah! Dos teus olhos um volver piedoso  
Desarme, ó virgem bela, o justicioso  
Ente imortal que os ímprobos fulmina;  
Apaga o raio que na Mão Divina  
A prumo sobre a fronte me chameja:  
A quem te invoca teu favor proteja.

E vós, sábios alunos, que obtivestes  
Tão vasta profusão dos dons celestes,  
Fecundas mentes, o calor sagrado  
Exalai neste dia abençoado,  
Dos lábios entornando as frases de ouro  
Com que tendes ganhado o aónio louro<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Mensageira.

<sup>5</sup> Relativo à Aónia, região da Beócia, na Grécia, frequentada pelas Musas. O discurso de Bocage, relativamente aos seus confrades da Academia, contrasta vivamente com aquele que perfilhou cerca de três anos depois. Com efeito, o poeta envolveu-se em acasas polémicas com os seus correligionários, que o atacaram virulentamente nas páginas do *Almanaque das Musas*.

## II — À IMACULADA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA<sup>6</sup>

«*Laus, et gloria sit tibi, sancta Trinitas, quae  
omnes nos ad hanc celebritatem convocasti.*»

De Sermone Sancti Cyrilli, Episcopi Alexandriae,  
*in Homilia contra Nestorem*

### CANTO II

Rasga o seio da Terra e desce, ó Musa,  
À masmorra onde os réprobos arrastam  
Sempiternas, horríssonas correntes...<sup>7</sup>  
Que pavorosa confusão rodeia  
O praguejado trono ao rei das sombras!  
Seus torvos cortesãos como esbravejam  
Nos sulfúreos vulcões que o Orco<sup>8</sup> exala!  
A negra Inveja que alarido arranca  
    Das carcomidas fauces!  
Veneno em borbotões, lágrimas suas,  
O carão cor da noite ao monstro escalda!  
A Desesperação lhe jaz ao lado  
E no raivoso coração lhe enterra  
De quando em quando as lacerantes garras.  
Não longe dela a túrgida Soberba  
    Nas mãos ostenta ainda  
    Abominável plano,  
A cuja execução guiou, bramindo,  
Rebeldes legiões, que em vão tentaram

---

<sup>6</sup> Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1794 e 1800, p. 271. Este canto foi recitado, no mês de dezembro de 1791, em sessão pública da «Academia de Belas-Letras de Lisboa».

<sup>7</sup> No original: «correntes...».

<sup>8</sup> O Inferno.

Sacudir da cerviz o jugo eterno,  
Tocar o Onnipotente,  
Roubar-lhe o raio, derribar-lhe o sólio.  
Do antigo pasto seu nunca enjoado  
O abutre, que devora a natureza,  
Às Fúrias lá preside,  
Às indómitas Fúrias, que negrejam  
Sobre os amplos degraus de ferro em brasa,  
Hórrida estrada ao detestável trono.  
Ali Satã, fervendo em labaredas  
De raiva inextinguível,  
Tortuoso dragão, que tem por cetro,  
Na mão cruenta esmaga,  
Retorce os olhos, que dardejam peste,  
Meneia a fronte e co'um terrível brado  
Ao tartáreo tumulto impõe silêncio.  
Pela tórrida abóbada ribomba  
O trovão repentino;  
As melenas das Fúrias se arrepiam  
E as entranhas do Báratro estremecem.  
«Desesperadas vítimas daquele  
Que reina, a meu pesar, sobre as estrelas  
(Diz aos seus o infiel), vítimas tristes  
Do poder que despótico aferrolha  
No cárcere da morte altas essências  
Criadas para o Céu, donde caíram;  
Inda tantos horrores não bastavam,  
Inda a pesada mão que nos oprime  
Achou leve o suplício em que penamos...  
Oh, lembrança, pior que quantos males  
No bojo abrasador contém o Inferno!  
Apenas arrojados nestas furnas,  
Nova e mais que terrífica vingança  
Fulmina contra nós o Irresistível;  
Não que mande roncar trovão medonho,  
Não que maneje o rápido corisco:  
Quer dar-nos outra espécie de tormento,

E sobre nossas fronte descarrega  
O peso enorme de perpétua afronta.  
Seu hálito, seu braço à vil matéria  
Dão forma, vida, inteligência, graça,  
E inefáveis delícias no Éden puro;  
Bem que ao nosso furor não foi vedada  
A sagaz tentação, que, apodrentando  
Na raiz fraca o tronco desprezível,  
Faz grassar o contágio  
Por todos os seus ramos e os submete  
Ao jugo do pecado, à lei da Morte:  
De herdada corrupção contaminados  
Ficam todos enfim... mas ah! não todos,  
Que um deles escapou do estrago horrendo,  
Um só deles, um só... Maria! Ó nome,  
Que no império de fogo, em que domino,  
Me aterras como o raio inevitável,  
Que arder senti na atónita cabeça  
E cuja cicatriz inda conservo!  
O nume vingador na imensa ideia  
Já tinha antes dos tempos excluído  
Da geral, triste herança  
A mulher portentosa,  
Que intacta produziu o etéreo fruto,  
O Filho redentor, que desde os astros,  
Armado de pavor e onnipotência,  
Nos despenhou no abismo onde jazemos.  
Resolução fatal à nossa fúria!  
Ele os Homens adopta, ao Pai se of'rece  
Expiadora vítima do crime  
De que via infetada a Humanidade.  
Nas asas dos espíritos celestes  
Desce ao mundo e, vestido o térreo manto,  
Eis começa a limar da culpa os ferros.  
Espessa multidão, que ao Verbo atende,  
Já principia a praguejar meu nome,  
E a nova lei nas almas se lhe arreiga.

Debalde (oh raiva!) aos ímpetos do Inferno  
Os corações incrédulos cederam,  
Erigindo patíbulo afrontoso,  
Onde sofresse voluntária morte  
Ele, a hóstia de paz e de aliança.  
Ah! Seu sangue lavou a antiga nódoa,  
Que os terrestres espíritos manchara  
E que assombros, que espantos, que prodígios  
O cruento espetáculo seguiram!  
Súbito em dois se fez o véu do templo,  
A ordem se alterou da Natureza,  
Do férreo sono os mortos despertaram,  
Sumiu-se a luz do Sol no horror das trevas  
E a Terra em convulsões e o Polo em chamas  
Fizeram logo autêntico o deicídio.  
Hoje no livre mundo é memorado  
O grão princípio do comum resgate:  
Lá soam ledos cânticos festivos,  
Que, voando às estrelas, acompanham  
Tépidas nuvens de sabeu<sup>9</sup> perfume.  
Maria, abençoada entre as mulheres,  
Àquele universal, canoro aplauso  
Serve de objeto; os Homens lhe consagram  
Interna adoração: «Tu és (exclamam)  
A flor sagrada e pura  
Em que pousou o espírito divino;  
A salvação por ti desceu ao Mundo;  
No eterno pensamento omnisciente,  
Teu ser, ó Virgem, precedeu aos evos.  
Como cedro no Líbano exaltada,  
Qual rosa em Jericó, tu resplandesces  
Mais que o Sol no zénite, aceita, acolhe  
Em teu piedoso ouvido humanas preces.

---

<sup>9</sup> Do Sabá.

Oh desesperação! E eu pronuncio  
No louvor de Maria a minha injúria!  
Eu, que...» Vibrar sacrílega blasfêmia  
la o monstro infernal, mas na garganta  
A voz, achando obstáculo, recua  
Por lei do Omnipotente, e enquanto freme  
A danada caterva, a densa turma  
No vasto horror da lóbrega morada,  
Onde tu, Maldição, resides sempre,  
Os querubins no Céu, na Terra os Homens  
Em crebros<sup>10</sup> hinos, à porfia, exultam.

---

<sup>10</sup> Repetidos.



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

# POESIA ANACREÔNTICA E AFIM



1 — POESIAS DESIGNADAS EXPRESSAMENTE  
DE ANACREÔNTICAS

CANÇONETAS ANACREÔNTICAS

I

A Rosa<sup>1</sup>

Tu, flor de Vénus,  
Corada Rosa,  
Leda, fragrante,  
Pura, mimosa,

Tu, que envergonhas  
As outras flores,  
Tens menos graça  
Que os meus amores.

Tanto ao diurno  
Sol coruscante  
Cede a noturna  
Lua inconstante,

Quanto a Marília  
Té na pureza  
Tu, que és o mimo  
Da Natureza.

---

<sup>1</sup> Publicada no primeiro tomo das *Rimas*, 1794 e 1800, p. 309.

O buliçoso,  
Cândido Amor  
Pôs-lhe nas faces  
Mais viva cor;

Tu tens agudos,  
Cruéis espinhos,  
Ela suaves,  
Brandos carinhos;

Tu não percebes  
Ternos desejos,  
Em vão Favónio<sup>2</sup>  
Te dá mil beijos.

Marília bela  
Sente, respira,  
Meus doces versos  
Ouve, e suspira.

A mãe das flores,  
A primavera  
Fica vaidosa<sup>3</sup>,  
Quando te gera,

Porém Marília  
No mago riso  
Traz as delícias  
Do Paraíso.

---

<sup>2</sup> Vento primaveril que equivale, na mitologia latina, ao Zéfiro.

<sup>3</sup> Na edição de 1794, «vaidosa».

Amor que diga  
Qual é mais bela,  
Qual é mais pura,  
Se tu, ou ela;

Que diga Vénus...  
Ela aí vem...  
Ai! Enganei-me,  
Que é o meu bem.

## II

Fílis e Amor<sup>4</sup>

Num denso bosque  
Pouco trilhado,  
E a ternos crimes  
Acomodado,

Por entre a rama  
Fresca e sombria  
Do tenro arbusto  
Que me encobria,

Vi sem aljava  
Jazer Cupido  
Junto de Fílis  
À Mãe<sup>5</sup> fugido.

---

<sup>4</sup> Publicada no primeiro tomo das *Rimas*, 1794 e 1800, p. 311.

<sup>5</sup> Vénus.

Entre as nevadas  
Mãos melindrosas  
Tinha um fragrante  
Festão de rosas.

A mais brilhante  
Dele afastando,  
Dizia a Filis  
Com riso brando:

«Mimosa Ninfa,  
Glória de Amor,  
Dás-lhe<sup>6</sup> um beijinho  
Por esta flor?

«Sou criancinha,  
Não tenhas pejo.»  
Sorriu-se Filis,  
E deu-lhe o beijo;

Mas o travesso  
Logo outro pede  
À simples Ninfa  
Que lhos concede.

Que por matar-lhe  
Doces desejos,  
A cada instante  
Repete os beijos.

---

<sup>6</sup> *Sic*, nas edições de 1794 e 1800.

Assim brincavam  
Fílis e Amor,  
Eis que o Menino,  
Sempre traidor,

Co'a pequenina  
Boca risonha  
Lhe comunica  
Sua peçonha.

Descora Fílis,  
E de repente  
Solta um suspiro  
D'alma inocente.

Mal que o gemido  
Férvido soa,  
O mau Cupido  
Com ele voa.

«Ninguém, ó Ninfa  
(Diz a adejar),  
Brinca comigo  
Sem suspirar.»

### III

#### A Noite<sup>7</sup>

A deusa, que esmalta  
De estrelas o Céu,  
Já tinha dobrado  
Metade do véu;

O fero inimigo  
Da ovelha medrosa  
Jazia ululando  
Na serra fragosa;

A rã rouquejava  
No túrbido lago,  
Carpia entre as moitas  
O mocho aziago;

De alados insetos  
Nos ares vagava  
Caterva lustrosa,  
Que as sombras dourava;

Os lassos Favónios  
Dormiam nas flores,  
Enquanto velavam  
Famintos Amores;

Sussurro aprazível,  
Que o Tejo fazia,  
Coartava a tristeza  
Da Noite sombria.

---

<sup>7</sup> Publicada no primeiro tomo das *Rimas*, 1794 e 1800, p. 314.

Então, solitário,  
Seu mal, seus segredos  
O lânguido Elmano  
Contava aos penedos.

De gélidas gotas  
O rosto orvalhado,  
De zelos mordido,  
Da vida enjoado,

«Destinos! (clamava)  
Que assim retardais  
O termo infalível  
Que imploram meus ais.

«De que me aproveita  
Viver desta sorte?  
A vida é aos tristes  
Mais agra que a morte.

«Feliza deixou-me,  
Fugiu-me a perjura,  
Depois de votar-me  
Perene ternura:

«Fugiu-me, deixou-me  
Curtindo a ansiedade,  
Que geram, que nutrem  
Ciúme e saudade:

«Entre estes dois males  
Meu peito se sente<sup>8</sup>,  
Qual entre dois lobos  
Cordeiro inocente.

«Ah Céus! Tu, minha alma,  
Tu, ídolo meu,  
Manchando teus olhos  
No torpe Sileu<sup>9</sup>!

«A mão, que no peito  
Me abriu funda chaga,  
Nojoso vaqueiro  
Te beija, te afaga!

«Coòs braços macios,  
Apoio das Graças,  
O colo rugoso  
Lhe amimas, lhe enlaças!

---

<sup>8</sup> Na edição de 1794, «sente».

<sup>9</sup> Personagem do ciclo de Héracles. Vinhateiro cruel: prendia os viajantes, forçava-os a trabalhar e, finalmente, matava-os.

«Consentes-lhe, ingrata,  
Que libe, que empeste  
Nos teus doces lábios  
O néctar celeste!

«Cedendo aos assaltos  
De impuras carícias,  
Também lhe franqueias  
Vedadas delícias!

«Ah! Vinguem-me, estorvem  
Seus júbilos ternos  
Com raios, com fúrias  
Os Céus e os Infernos.»

Aqui os sentidos  
Nas asas de um ai  
Lhe escapam, lhe fogem,  
E o mísero cai.

Nas grutas os Ecos<sup>10</sup>  
Ao grito despertaram,  
E, dele doídos,  
A Amor o levaram.

Voando ao fragrante  
Vergel de Citera<sup>11</sup>,  
Por ti frequentado,  
Louçã primavera,

---

<sup>10</sup> Na edição de 1800, «ecos».

<sup>11</sup> Ilha para onde foi levada Vénus, depois de ter nascido das ondas.

Encontram Cupido,  
Que há pouco voltara  
De empresa brilhante,  
Que ufano acabara.

Folgavam do nume  
As carnes mimosas  
Em mole alcatifa  
De goivos e rosas;

Dormia, e na ideia  
Morfeu<sup>12</sup> lhe pintava  
Sanguíneos triunfos,  
Que o Mundo chorava;

Não longe, em silêncio,  
Pousavam Encantos,  
Desdéns, Esperanças,  
Sorrisos e Prantos;

Mordazes Suspeitas,  
Que o deus vigiavam,  
Raivando, em si mesmas  
Os dentes cevavam;

Do tronco de um mirto  
Pendia o luzente  
Carcás, salpicado  
De sangue inda quente;

---

<sup>12</sup> Um dos filhos de Sono. Apresentava grandes asas, que movia celeremente. Adormecia aqueles que tocava com uma planta.

Nas pontas ervadas  
Dos áureos farpões  
Ainda arquejavam  
Fiéis corações.

A gárrula turma  
Rodeia Cupido,  
Repete, anelante,  
De Elmano o gemido.

Eis fremem os ventos,  
Eis aves alerta,  
Convulsos os montes,  
E Amor não desperta.

Os Ecos, pasmados  
O corpo lhe abalam,  
E apenas o acordam,  
Desta arte lhe falam:

«É crível, Menino,  
Que durmas em paz  
Ao som de um gemido,  
Que penhas desfaz?»

«Deixai-me, importunos  
(Lhes brada o travesso),  
Que ao som de suspiros  
É que eu adormeço.»

ODES ANACREÔNTICAS

I

Veloz borboleta,<sup>13</sup>  
Que leda girando  
Penosas ideias  
Me estás avivando,

Inseto mimoso,  
Aos olhos tão grato,  
Da minha tirana  
Tu és o retrato:

A graça, que ostentas  
Nas plumas brilhantes,  
Tem ela nos olhos  
Gentis, penetrantes;

Tu andas brincando  
De flor para flor,  
Anarda vagueia  
De amor em amor.

II

Os teus prisioneiros,<sup>14</sup>  
Cupido, os que devem  
Saber definir-te,  
Que mal te descrevem!

---

<sup>13</sup> Publicada no primeiro tomo das *Rimas*, 1794 e 1800, p. 320.

<sup>14</sup> Publicada no primeiro tomo das *Rimas*, 1794 e 1800, p. 321.

És áspide (afirmam)  
Coberto de flores,  
Sedento de estragos,  
Amigo de horrores;

Sustentam, carpindo,  
Que os feres e enleias  
Com áureos virotes<sup>15</sup>,  
Com férreas cadeias;

Enganam-se, ó nume,  
Teus laços, teus tiros  
São longas madeixas,  
São ternos suspiros.

### III

De líquido aljôfar<sup>16</sup>  
As faces bordadas,  
Ao vento dispersas  
As tranças douradas,

«Vingança, meu filho  
(Clamava Ericina),<sup>17</sup>  
Que a vil Natureza  
Se atreve à divina.

---

<sup>15</sup> Setas arremessadas por Cupido.

<sup>16</sup> Publicada no primeiro tomo das *Rimas*, 1794 e 1800, p. 321.

<sup>17</sup> Vénus.

«Em dano de um ímpio  
Mortal, que me afronta,  
Venenos prepara,  
Tormentos apronta:

«Elmano em seus hinos  
Prefere-me Isbela,  
Diz que é mais mimosa,  
Mais loura, mais bela.

«Os teus males todos  
Me vinguem, ó nume....»  
Amor a interrompe:  
«Não basta o ciúme?»

#### IV

Formosa Marília,<sup>18</sup>  
Modelo das Graças,  
Que mil pensamentos  
Acendes e enlaças,

Aquele que animam  
Teus doces agrados,  
Terror dos amantes,  
Mimoso dos Fados,

Se folgas de ouvi-lo  
Por ti suspirar,  
Ao Céu dos Amores  
Não deixes voar.

---

<sup>18</sup> Publicada no segundo tomo das *Rimas*, p. 220.

Dos homens ignoras  
A índole errante?  
Quem é muito amado  
Não é muito amante.

V

Do vasto abismo,<sup>19</sup>  
Do eterno horror  
Surgiu a Angústia  
De negra cor.

Logo após ela  
Veio o Queixume,  
E o delirante,  
Feroz Ciúme.

Determinavam  
Em crua guerra  
De pranto e sangue  
Banhar a Terra.

Eis que Amarílis<sup>20</sup>,  
Ídolo meu  
Entre mil Graças  
Lhe apareceu.

Ó milagroso  
Dom da Beleza!  
No mesmo instante  
Riu-se a Tristeza;

---

<sup>19</sup> Publicada no segundo tomo das *Rimas*, p. 221.

<sup>20</sup> Ninfa das composições bucólicas de Teócrito; personagem da poesia de Virgílio.

O agro Lamento  
Mudo ficou:  
Só o Ciúme  
Desesperou.

VI

Poupando votos<sup>21</sup>  
À loura Isbela,  
Se Amor falasse  
Nos olhos dela,

De almos prazeres  
Me pousaria  
Cândido enxame  
Na fantasia.

Outros que as almas  
Também têm presas  
Se regozijam  
De ouvir finezas;

Eu antes quero  
Muda expressão:  
Os lábios mentem,  
Os olhos não.

---

<sup>21</sup> Publicada no segundo tomo das *Rimas*, p. 222.

VII

Imitada de uns versos de Monsieur Parny<sup>22</sup>

Se os deuses me conferissem  
A suprema faculdade  
De espraiar a luz do dia,  
E a noturna escuridade,

Tarde no roxo horizonte,  
Cândida Aurora, assomaras,  
Tarde as viçosas boninas  
Com teu pranto rociaras.

O deus de que és precursora  
Só duas horas não mais  
Vibrara neste hemisfério  
Seus raios, a Amor fatais.

---

<sup>22</sup> Publicada no segundo tomo das *Rimas*, p. 223. Como assinala António Salgado Júnior, Bocage baseou-se no poema de Parny «La Frayeur».

Évariste Désiré Desforges (Saint-Paul, 1753-Saint-Paul, 1814), poeta francês, constituiu uma voz singular da literatura francesa do século XVIII, opinião expressa por, entre outros, Voltaire e Chénier. Cavaleiro e, mais tarde, visconde, publicou, em 1787, *Oeuvres (Opuscles Poétiques et Poésies Érotiques)*. *La Guerre des Dieux — Poème* foi suprimido pela Real Mesa Censória, por edital de 7 de junho de 1803. A partir de 1813, o autor passou a receber uma pensão de 3000 francos, que lhe foi atribuída por Napoleão. Bocage traduziu deste autor a ode «Aos Amigos»; as odes anacreônicas «Se os Deuses me conferissem» e «Brando leito de verdura»; os poemas «A Armia», «A Márcia» e «O Zéfiro e a Rosa» são imitações deste autor.

Mais longa seria a noite,  
Mais felizes os amantes,  
E eu, a sabor dos prazeres,  
Dividira os meus instantes:

A quarta parte do tempo  
Ao grato sono a daria,  
Outra igual às brandas Musas,  
E ametade à minha Armia.

### VIII

Imitada do mesmo<sup>23</sup>

Brando leito de verdura,  
Linda alcatifa de flores,  
Formoso vergel, plantado  
Pelas Graças e os Amores,

Recebe estas frescas águas  
Que te deve um grato Amante,  
C'roa-te de nova ervinha,  
Viceja, lugar fragrante.

Quando lá no etéreo cume  
Raios o Sol dardejar,  
Almos, benignos Favónios  
Te venham desafrontar.

---

<sup>23</sup> Publicada no segundo tomo das *Rimas*, p. 224. No original francês, apresenta o seguinte título: «Au gazon foulé par Eléonore».

As debruçadas alfenas,  
Presas num confuso enleio,  
Miúdo pranto da Aurora  
Destilem sobre teu seio.

Dobra-te ao suave peso  
Da minha Armia engraçada,  
Dobra-te, relva mimosa,  
De boninas matizada.

Mas depois ergue-te à pressa,  
Que, se os brincos amorosos  
Amarrotada indicares,  
Não faltarão invejosos.

#### IMITAÇÃO ANACREÔNTICA<sup>24</sup>

Em torno de áurea colmeia  
Amor adejava um dia,  
E, a mãozinha introduzindo,  
Húmidos favos colhia.

Abelha, mais forte que eu,  
Porque de Amor não tem medo,  
Eis do guloso Menino  
Castiga o furto num dedo.

---

<sup>24</sup> Publicada em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, obra vulgarmente apelidada de terceiro tomo das *Rimas*, p. 180. Bocage inspirou-se no poema «O Amor e a Abelha» (cf. *A Lírica de Anacreonte Vertida por António Feliciano de Castilho*. Paris: Tip. de Ad. Lainé et J. Havard, p. 26).

Chupando o tenro dedinho,  
Entra Cupido a chorar,  
E ao colo da Mãe voando,  
Do inseto se vai queixar.

Vénus carinhosa e bela  
Diz, amimando-o no peito:  
«Desculpa o que te fizeram,  
Recordando o que tens feito.

«O ténue ferrão da abelha  
Dói menos que teus farpões:  
O que ela te fez no dedo  
Fazes tu nos corações.»

## 2 — POESIAS APRESENTADAS COMO AFINS DAS ANACREÔNTICAS

### RETRATOS

#### I

Enquanto os gados<sup>25</sup>  
Pascem dispersos  
Casem-se à lira  
Meus brandos versos.

Tirso, que adoras  
Nise engraçada,  
Ouve o retrato  
Da minha amada.

---

<sup>25</sup> Publicada no segundo tomo das *Rimas*, p. 213.

Em seus cabelos  
Soltos e ondados  
Míl Cupidinhos  
Estão pousados.

Lá, convertidos  
Em virações,  
Ordenam laços,  
Armam traições.

Os olhos dela  
São como o Céu  
Depois que a Noite  
Desdobra o véu,

Tem tal virtude,  
Tal movimento,  
Que encolhe as asas  
Ao pensamento.

Na linda face  
De neve pura,  
Onde entre as rosas  
Brilha a candura,

Há certa graça  
Certa viveza  
Mais atrativa  
Que a gentileza.

Nos doces lábios  
Qualquer sorriso  
Aviva ideias  
Do Paraíso.

Ornam-lhe o seio  
De ebúrnea cor  
Por fora as Graças,  
Por dentro Amor.

Ali assaltos  
De audaz desejo  
Move a ternura,  
Rebate o pejo.

Das melindrosas  
Mãos transparentes  
Os alvedrios  
Ficam pendentos.

Lisas colunas,  
Tais como as creio,  
De obras divinas  
Cândido esteio,

Guardam tesouro  
De alta valia,  
Que só se goza  
Na fantasia.

Ah! Que, atraído  
Da imagem bela,  
Meu pensamento  
Se absorve nela!

Tirso, não posso  
Pintar o mais,  
Meus brandos versos  
Tornam-se em ais.

Já tu conheces  
A formosura  
Que foi objeto  
Desta pintura.

Quem do retrato  
Não ajuíza  
Que ou é de Vénus,  
Ou de Feliza?

## II

### Retrato

Vive na margem<sup>26</sup>  
Do Tejo louro  
Cândida Ninfa,  
De Amor tesouro.

Madeixas belas  
Ao ar lhe ondeiam,  
Que os pensamentos  
Soltas enleiam.

Seus olhos ternos  
De alta beleza  
São dois milagres  
Da Natureza,

A Liberdade  
Morre de os ver,  
Mas tem na morte  
Doce prazer.

---

<sup>26</sup> Publicada no segundo tomo das *Rimas*, p. 216.

Em suas lindas  
Faces lustrosas  
O pejo enfeitam  
Jasmins e rosas.

Nos puros lábios  
De acesa cor  
Mudado em riso,  
Triunfa Amor.

Um véu lhe some  
Globos de neve,  
E a fantasia  
Só se lhe atreve.

Nas mãos formosas  
Mudos desejos  
Dão-lhe invisíveis,  
Sôfregos beijos.

De mil delícias  
Cofre sagrado,  
Tão escondido  
Quão suspirado,

Recebe dela  
Virtude tanta,  
Que até na ideia  
Gozado encanta.

O deus terrível,  
O sumo Jove,  
Que os Céus ocupa,  
Que os astros move,

Um dia os olhos  
Volvendo à Terra,  
Viu esta Ninfa,  
Das almas guerra.

Sentiu de gosto  
Doce desmaio,  
Mudou de aspeto,  
Caiu-lhe o raio.

Pasmou de humano,  
Raro portento,  
Fugiu-lhe Vénus  
Do pensamento;

De novo em cisne<sup>27</sup>  
Foi transformar-se,  
Mas a Virtude  
Soube o disfarce.

Ah! Se até Jove  
Ferve em ternura,  
Vendo os encantos  
De Armânia pura,

Se eles o ferem,  
Que mal, que dano  
Farão no peito  
Do terno Elmano!

---

<sup>27</sup> Para possuir Leda, Júpiter transformou-se em cisne.

## CANÇONETAS E QUADRAS

### I

Armânia, de alvo rosto,<sup>28</sup>  
Encantador, divino,  
Vagava junto à margem  
Do Tejo cristalino.

Em torno à branda Ninfa  
Se ria a Natureza,  
Ufana em ter criado  
Tão nova gentileza:

Zéfiro<sup>29</sup>, enchendo as rosas  
Da mágoa e de ciúme,  
Ia nos lábios dela  
Gozar melhor perfume;

Lindos, subtis insetos  
À roda lhe adejavam,  
E os louros Amorzinhos  
De inveja os enxotavam;

Sobre o matiz dos prados  
O deleitoso abril  
Tornava-se de vê-la  
Mais ledado e mais gentil;

---

<sup>28</sup> Publicada no segundo tomo das *Rimas* (1799), p. 225.

<sup>29</sup> Vento suave que soprava na Grécia.

A flor, que pelo vento  
Jazera debruçada,  
Erguia o tenro colo,  
Dos tenros pés tocada;

Com rápidos gorjeios  
O rouxinol que encanta  
Para seguir-lhe os passos  
Ia de planta em planta;

À Ninfa que o pisava  
O chão se amolecia;  
Cada sorriso dela  
Abrilhantava o dia;

Dobrando a graça, o lustre  
Do azul, etéreo véu,  
No maior bem da Terra  
Se recreava o Céu;

O Tejo namorado  
Cedera a urna de ouro  
Se Amor lhe desse em troca  
Tão singular tesouro;

Tudo prazer sentia  
Ao ver um tal portento:  
O Céu, a Terra, as aves,  
O rio, o Sol, e o vento;

Mas o amoroso Elmano  
Notando oculto a Bela,  
Colhia outros efeitos  
Dos atrativos dela;

Vibravam-lhe seus olhos  
Envenenado tiro;  
Por onde a frecha entrava  
Saía-lhe um suspiro.

Eis que o menino Idálio<sup>30</sup>,  
Que aos tristes amadores  
Cruentas serpes guarda  
Entre mimosas flores,

Ao som de um ai, que exala  
O mavioso amante,  
Encara, voa, e diz-lhe  
Com ríspido semblante:

«Dos Fados no volume  
Este decreto está:  
— Quem for mais extremoso  
Mais infeliz será.»

Nisto revoa o nume  
Da Ninfa para o lado,  
Deixando em amarguras  
Submerso o desgraçado.

Ah lastimoso Elmano!  
O que ao traidor ouviste  
Desterra vãos desejos  
Para o silêncio triste.

---

<sup>30</sup> Idálio era, de acordo com a mitologia romana, um bosque frequentado por Vénus, mãe de Cupido.

Mas sempre ardor interno,  
Muda paixão te rale,  
Que a perfeição de Armânia  
Os teus martírios vale.

E, se entre agudas garras  
De acerbos desprazeres  
A mil fatais combates  
Teu coração renderes,

A linda mão que adoras,  
Enfim compadecida,  
Talvez te doure a morte,  
Se te escurece a vida.

Pode a teu ponto extremo  
Iluminar o horror  
A bela, a doce Armânia,  
Astro do Céu de Amor.

Dize-lhe então, soltando  
Os derradeiros ais,  
Que antes morrer por ela  
Do que viver co'as mais.

## II

«Deus de Amor (a Amor eu disse),<sup>31</sup>  
Sou feliz, venci meu Fado,  
Quebrei de antigas tristezas  
O jugo a que estive atado;

---

<sup>31</sup> Publicada no segundo tomo das *Rimas*, p. 229.

«Achei piedade em Feliza,  
Entre as mais belas tão bela,  
Que nem tua mãe possui  
Olhos como os olhos dela.

«Aqueles astros benignos  
Com que influis teu poder  
Me deram cândidas mostras  
De ternura e de prazer.

«Tenro deus (eu prosseguia),  
Tenro deus, sou venturoso.... [*sic*]»  
Eis me interrompe o Menino  
Em tom suave e piedoso:

«Meu fiel, submisso escravo,  
Triste exemplo dos amantes,  
Não folgues, não te alucines,  
És infeliz como dantes.

«Tenho em vão lidado, Elmano,  
Por melhorar teu destino:  
Um poder mais formidável  
Destrói meu poder divino.

«Irrevogável sentença  
É a sentença do Fado:  
Eu desejo-te ditoso,  
Ele te quer desgraçado.

«Ah servo meu! Vê, repara  
Se de ti doído estou:  
Teu grilhão romper quisera  
Com esta mão que o forjou;

«Mas, infeliz, eu não posso  
Desatar teu coração:  
O jus de remir amantes  
É do tempo e da razão.

«Sabe que vens iludido,  
Feliza não te acarinha;  
A compaixão que notaste  
Não era dela, era minha.

«Eu, quando louco de amores  
A seus pés foste gemer,  
Jazia em seus lindos olhos  
Sem a tirana o saber.

«Comigo ali se abraçava  
A afagadora Esperança,  
Mas no coração da ingrata  
Velava a fera Esquivança.

«Por mais que instantes de gosto,  
Ou de descuido lhe espreito,  
É baldada a vigilância,  
Não posso invadir-lhe o peito.

«Se de novo contemplores  
Seus olhos, que n'alma tens,  
Donde afagos mil brotaram  
Verás brotar mil desdêns.

«Abate o vão pensamento,  
A tanta glória exaltado,  
E sejam teu desafogo  
Imprecações contra o Fado.»

Aqui soluço ansioso  
A doce voz lhe enleou,  
E as rosas das tenras faces  
Miúdo pranto aljofrou.

Eu desconsolado, eu mudo  
Quanto dantes ledo, ufano,  
Ofrendas que a Amor levava  
Fui levar ao Desengano.

### III

A Armia<sup>32</sup>

*Quadras imitadas de Monsieur Parny*<sup>33</sup>

Oculte-se, doce Armia,  
Negue-se, minha Deidade,  
A cena dos nossos gostos  
À nociva claridade.

Nunca os segredos da noite  
Contemos, meu bem, ao dia,  
Frios corações ignorem  
Nossa mútua simpatia.

Amor em sendo ditoso  
Costuma ser imprudente,  
E nos gestos de quem ama  
Logo o vê quem o não sente.

---

<sup>32</sup> Publicada no segundo tomo das *Rimas*, p. 232.

<sup>33</sup> No original, o título deste poema é «La Discretion».

Por ti receio a viveza  
De experta<sup>34</sup> mãe vigilante,  
E o Argos<sup>35</sup>, que tem no peito  
Um coração de diamante,

Esse espia encanecido,  
Alma ríspida e sombria,  
Cuja espinhosa virtude  
Só com ouro se amacia.

Enquanto luzir de Apolo  
O importuno resplendor<sup>36</sup>,  
Não rutilem nos teus olhos  
Desejos que acende Amor;

Se te aparecer Elmano,  
Não cores as lindas faces,  
Nem o mais leve suspiro  
Do coração desenlaces;

Mostra-me um ar distraído,  
Como quando os outros vês,  
Não haja no teu semblante  
Turbação, nem languidez.... [*sic*]

Mas ai! que de quanto disse  
Quase arrependido estou.  
Minha Armia, ah! não abuses  
Dos conselhos que te dou.

---

<sup>34</sup> Experimentada.

<sup>35</sup> Entidade mitológica que, segundo alguns autores, tinha olhos disseminados por todo o corpo; outros assinalavam que tinha quatro, dois que lhe permitiam ver em frente e dois que lhe facultavam a visão para trás.

<sup>36</sup> O amanhecer, incómodo para os amantes.

Em nome de Amor te rogo  
Que nunca em minha presença  
Com perfeição arremedes  
A descuidada indiferença.

«Aquilo é brinco, é disfarce»  
Diria... mas oh tormento!  
Receoso da verdade  
Me deixara o fingimento.

#### IV

Aos felicíssimos anos da senhora D. Maria do Carmo<sup>37</sup>

Roxeava no horizonte  
Serenos, amoroso dia;  
Rosas e jasmims a Aurora  
No puro Céu desparzia.

De ameno matiz brilhante  
A natureza esmaltada,  
Não surgiu tão majestosa  
No ponto em que foi criada.

Como que não satisfeito  
O Artífice divinal,  
Primoroso, último toque  
Dera ao quadro universal.

---

<sup>37</sup> Perfilhámos a lição de Pato Moniz, *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. iv, p. 73. Maria do Carmo era casada com Gregório Freire Carneiro, correligionário maçónico de Bocage, que, por diversas vezes, o protegeu. O poeta homenageou-o na epístola «A Freire Benfeitor, ao caro amigo». No Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquirição de Lisboa, encontra-se o processo n.º 3757, o qual lhe foi instaurado por pertencer à Maçonaria.

Gorjeava em tom mais doce  
O plumoso, aéreo bando;  
De ventos, flores e rios  
Era o murmúrio mais brando.

Suas plantas se vestiam  
De recedentes verdes,  
Em tudo o mês das searas  
Imitava o mês das flores.

Ganhava o Mundo desperto  
Força nova, novo ardor,  
E em benefício do mundo  
Tinha madrugado Amor.

Suspenso o costume antigo  
De velar na escuridade,  
De cerrar cansados olhos,  
Quando aponta a claridade,

Dormira o gentil Menino<sup>38</sup>,  
Quando não usa dormir,  
E chusma de afáveis sonhos  
Lhe fora em torno sorrir.

Da Mãe no mole regaço  
O deus volátil pousou,  
Depois que o plano sublime  
De estranha empresa ideou.

---

<sup>38</sup> Cupido.

Qual era o desenho excelso,  
Qual a grande, ilustre empresa?  
Era dar mais luz, mais graça,  
Mais prazer à Natureza;

Era entornar sobre a Terra  
Os seus dons e os da ventura,  
Era eternizar um dia  
Consagrado à formosura;

Peitar<sup>39</sup> o Sol, demorá-lo  
Sobre o Tejo cristalino,  
A Jove extorquir o império,  
Romper as leis do Destino.

Mal vê que renasce o dia,  
Sai dos lares de Amatunta<sup>40</sup>,  
Fugindo à mãe carinhosa,  
Os tenros sócios ajunta.

Fácil não foi congregá-los,  
Por mil partes desparzidos,  
Aqui sorrisos soltando,  
Além soltando gemidos.

Alguns descobre enredados  
Nos laços vis da avareza,  
À prepotente Fortuna  
Sacrificando a beleza;

---

<sup>39</sup> Ofender.

<sup>40</sup> Cidade de Chipre onde se venerava Afrodite, deusa grega que, na mitologia latina, correspondia a Vénus.

Alguns entre as labaredas  
De ardente bruteza impura,  
Ao negro vício teimoso  
Dando os prémios da ternura.

Vê seus bens falsificados  
Em um, em outro lugar,  
E ao longe co'as mãos nos olhos  
A Verdade a suspirar.

Exala um ai despeitoso  
O Menino encantador,  
E recorda os tempos d'ouro  
Em que era virtude amor.

Depois de estar pensativo  
Curto espaço o meigo deus,  
Destarte ao êxtase arranca  
Os falsos ministros seus:

«Vinde, insanos delegados,  
Que abusais do meu poder,  
Vinde nuns olhos, que adoro,  
Estudar vosso dever.

«E tu, deusa profanada  
De torpe, audaz vitupério  
(Diz para a triste Verdade),  
Vem recobrar teu império.

«Tu por mim serás vingada  
Dos não devidos insultos,  
Em dois corações ligados  
Verás os teus e os meus cultos.»

Tremendo à voz poderosa,  
Salta o bando dos Amores,  
E a denegrada Deidade  
Renova os seus resplendores.

Brama o Vício abandonado,  
E à turba de balde acenas,  
Vil, caviloso Interesse,  
Que o cego Mundo envenenas.

Para em roda ao lindo chefe  
O arrependido tropel,  
E jura às leis agravadas  
Nunca mais ser infiel.

Amor lhes dá num sorriso  
Mostras de estar aplacado,  
Na frente dos sócios voa,  
Voa a Verdade a seu lado.

À Terra não vem c'roar-se  
De teus dons, benigna Flora,  
Colhe as flores que semeia  
No etéreo jardim a Aurora.

Eis delas o coro alado  
Num ponto grinaldas tece,  
Também se enfeita a Verdade,  
Que já de adornos carece.

Mutuamente engrinaldados,  
Baixam pelos ténues ares,  
E da cândida Marília  
Pousam ledos ante os lares.

Vinha assomando entre as Graças,  
Quando a manhã renascia,  
E estranhava a Natureza  
Duas auroras num dia.

«Naquela (aos brandos sequazes  
Diz Amor) aprenderéis  
A manter-me os puros gostos,  
A zelar-me as doces leis.

«Olha, Verdade lustrosa,  
Dos Céus adorável filha,  
Como o teu fulgor suave  
Naqueles encantos brilha.

«Em teu nome, em glória tua  
De Himeneu<sup>41</sup> cingi no altar  
Corações incomparáveis,  
Venturoso, amável par.

«A quem me deu mil suspiros,  
De mil glórias fiz senhor,  
Ao mais extremoso amante  
Dei o maior bem de amor.

«Hoje, que em nascer Marília  
Se alteou a esfera humana,  
Hoje colherei triunfos  
Até da comum tirana.

---

<sup>41</sup> Pierre Grimal, *Dicionário de Mitologia*: «Deus que conduz o cortejo nupcial.»

«Hoje da terrível Parca  
O poder será coartado:  
Contra mim não tem valia  
Leis de Jove, ou leis do Fado.

«A quem conferi tesouros,  
Que não há na humanidade,  
Também cabe em meus portentos  
Conferir a eternidade.

«Vive, encanto do universo,  
Vive sup'rior à Sorte;  
Triunfa, reina comigo  
Sobre o Tempo e sobre a Morte.

«Quando os Fados subjugarem  
O Mundo em perpétuo sono,  
E o Caos tenebroso, informe,  
Recobrar seu negro trono:

«Inda de graças c'roado,  
Dentre a desordem sombria,  
Risonho, cândido, ileso  
Surgirá teu fausto dia.

«Entre os estragos da morte  
Irás luzindo imortal,  
Suprirá tua existência  
A existência universal.

«Tenha dos Céus o destino  
Quem tem dos Céus a beleza.»  
Disse Amor, sorriu-se a Ninfa,  
E sorriu-se a Natureza.

Inália melhor que a Rosa <sup>42</sup>

Assim como a madrugada  
Na manhã d'abril formosa  
Derrama suave orvalho  
Sobre a pudibunda rosa,

Do mesmo modo Natura  
No rosto de Inália bela  
Vai lançando tantas graças  
Quantas não tem uma estrela.

À proporção que o Sol cresce,  
Na rosa se aumenta a cor;  
Em Inália a cada instante  
Se encontra graça maior.

Da rosa agudos espinhos  
A guardam de impuro tato;  
De Inália a pureza a guarda  
Inda com maior recato.

Da rosa o doce perfume  
Um só sentido arrebatá;  
Mas o hálito de Inália  
Tanto encanta, que até mata.

---

<sup>42</sup> Seguimos a lição de Nuno Álvares de Pato Moniz, *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, vol. IV, 70.

Empenha-te, ó Natureza,  
Em criar flor mais mimosa,  
Que à vista da minha Inália  
É de pouco preço a rosa.

Outro ente jamais formaste  
Tão terno, nem tão perfeito;  
Quebrou-se, mal que o acabaste,  
O molde por que foi feito.

Não podes outro segundo  
Ao primeiro igual fazer;  
Porque nem sempre o acaso  
Nos deve favorecer.

Quando o faças inda assim,  
Não terás ganhado a palma;  
Pois tu só dás a figura,  
Porém nós formamos a alma.

Alegra-te, Inália minha,  
Mais pura que a rosa pura,  
Que essa alma de que és dotada,  
É maior que a formosura.

Revive, Inália, revive  
Para modelo das flores,  
Chefe d'obra da Natura,  
Doce incentivo de amores.

Ó Tempo! Ó Morte! De Inália  
Os dias vos são vedados:  
Eu li nas mãos do Futuro  
Que vos eram reservados.

## ALEGORIAS

### I

#### O Zéfiro e a Rosa <sup>43</sup>

Linda Rosa sobre a margem  
De um regato cristalino  
Ia abrindo o rubro seio  
Ao doce humor matutino.

Acaso um Zéfiro, errante  
Nas amorosas paixões,  
A viu, e quis dos prazeres  
Dar-lhe as primeiras lições.

Porém não foi atendido  
Da florinha esquiva e bela.  
«Por quem sois, voai; deixai-me,  
Não posso amar (lhe diz ela).

«Ainda sou pequenina,  
Ainda apenas vos vejo;  
Tornai à tarde, e de ouvir-vos  
Talvez terei menos pejo.»

Nisto, o Zéfiro, adejando,  
Vai cuidar de outros amores,  
Que o que vos sucede, ó Ninfas,  
Sucede também às flores.

---

<sup>43</sup> Publicada no segundo tomo das *Rimas*, p. 236. Foi «tirada de uns versos de Mr. Parny». A composição original intitula-se «Eléonore».

Indo já longe, eis um Euro<sup>44</sup>  
Para a Rosa se encaminha,  
E com rústicos afagos  
Lhe desprende uma folhinha.

Cai no arroio, e vai com ele  
(Oh grosseiro, oh fatal brinco!),  
Após esta segue-se outra,  
Depois três, e quatro, e cinco.

Finalmente o rude amante  
Mimosas graças desfaz,  
Que meigos deuses lograram  
Se a Rosa fora sagaz.

Volta o Favónio ansioso  
Por gozar ternos carinhos,  
Mas ai que em lugar da Rosa  
Não acha mais do que espinhos.

«Armia, observa este exemplo,  
Desterra ilusões e enganos,  
Segue Amor antes que o tempo  
Te desfolhe a flor dos anos.»

---

<sup>44</sup> Nota do autor: «Vento Leste.»

## II

### A Anarda<sup>45</sup>

Cândida pomba mimosa,  
Ave dos níveos Amores,  
Cingida por mão das Graças  
Dum lindo colar de flores:

Vénus, macia a meus versos,  
Grata aos cultos que lhe dou,  
Já desde o ninho amoroso  
Para mim te destinou.

A pomba de Anacreonte<sup>46</sup>,  
Núncia dos suspiros seus,  
Tinha parte em seus desvelos,  
Tu gozas todos os meus.

Ela não foi tão fagueira,  
Tão delicada e tão bela,  
Tão doce à mãe de Cupido,  
Tão digna dos mimos dela.

---

<sup>45</sup> Alegoria publicada no primeiro tomo das *Rimas*, edição de 1800, p. 301.

<sup>46</sup> Poeta lírico grego nascido cerca de 570 a. C., em Teos, na Lídia. Terá escrito cinco livros de poesia; porém, apenas nos chegaram alguns poemas, transcritos a partir de citações feitas por gramáticos.

O catálogo das obras poéticas da Tipografia Calcográfica, datado de 1801, assinala que estava nos prelos *Anacreontis Teii Odae (Symposiaca Emiiamba)*, cuja versão portuguesa teria o nome de Bocage a subscrevê-la. Afirmava-se ainda que seriam publicados outros poetas gregos, em tradução do vate sadino.

A obra *Les Odes d'Anacreon et Sapho en vers français par le poète sans fard* fazia parte da lista de livros proibidos pela Real Mesa Censória.

A poesia de Anacreonte, de caráter hedonista, foi muito apreciada no século XVIII.

Se vive na branda Musa  
Do terno, rugoso<sup>47</sup> amante,  
Tu tens, juvenil Camena<sup>48</sup>,  
Que te idolatre e te cante:

Tens os sons da minha lira  
Sagrados a teu louvor,  
Vezes mil nas áureas cordas  
Uno teu nome ao de Amor.

Se a que voava a Batilo<sup>49</sup>  
Mereceu posteridade,  
A teus encantos compete  
Não menos que eternidade.

Se em Templo que os muros de ouro,  
Que a base nos Céus escora,  
Defeso ao Monstro implacável  
Que os próprios filhos devora<sup>50</sup>,

Se junto às aras luzentes  
D'alta Memória superna,  
Em galardão de meus cantos  
Me cabe memória eterna,

Àquela enchente de glórias  
Ou tu voarás comigo,  
Ou hei de, enfeitando o prémio,  
Morrer de todo contigo.

---

<sup>47</sup> Anacreonte, que compôs uma parte da sua obra já com propecta idade.

<sup>48</sup> As Camenas eram, segundo a mitologia latina, as ninfas das fontes. Previavam o futuro e presidiam aos nascimentos, sendo o seu canto caracterizado pela doçura.

<sup>49</sup> Jovem de beleza singular, originário da ilha de Samos, que foi particularmente admirado por Policrates e Anacreonte (v. Horácio, epístola XIV, 9).

<sup>50</sup> Temendo ser suplantado pelos filhos, Cronos devorava-os à nascença.

Não vale este excesso a dita  
De só por ti conhecer  
Que inda existia o teu vate  
Para Amor, para o prazer.

Tu despertaste em minha alma  
A dormente simpatia,  
Sentimentos, que a desgraça  
Quase amortecido havia:

No horror de escuros desastres  
Abafando o coração,  
Das carinhosas delícias  
Era esquivo à comoção;

Mas apenas a meus olhos  
Em mole adejo assomaste,  
De mil serenas ideias  
Minha fantasia ornaste.

Eis surgir dentre as ruínas  
Vejo o império da beleza,  
N'alma outra vez me ressoa  
O grito da Natureza.

Torno a sonhar a ventura,  
Torno a suspirar de amores,  
E julgo o Céu resumido  
Nos teus dons encantadores.

Meus pensamentos se apuram,  
Apuram-se os meus desejos  
No ténue filtro celeste  
De teus espontâneos bejos<sup>51</sup>.

Às vezes, porém, meus gostos  
Salteia azedo temor  
De que nas garras farpantes  
Te arrebate ousado açor.

Cuido ver-te injusta presa  
Do roubador famulento,  
Que exulta no inacessível,  
Remoto asilo do vento;

Cuido ver-te lacerada  
De fero, voraz instinto,  
E quantas feridas sentes  
Em dobro, em tresdobro sinto.... [sic]

Mas longe, longe desta alma,  
Arrepiados terrores,  
Cessai, que no meu tesouro  
Estão velando os Amores:

Eles não querem perdê-lo,  
Eles sabem-lhe a valia,  
Sabem quanto a Natureza  
Deste penhor se atavia.

---

<sup>51</sup> Sic.

Porém tu, Menino Idálio<sup>52</sup>,  
Se te enternecem meus ais,  
A teus prodígios imensos  
Ajunta um milagre mais.

Deixando-me a vida ilesa,  
Abre-me o peito inflamado,  
Abre, ó nume, e desvanece  
Este medroso cuidado.

A gentil pomba, que adoro,  
Dirige co'a tenra mão;  
Em meu peito se resguarde,  
Pouse no meu coração.

### III

#### A Água Estagnada<sup>53</sup>

Num jardim onde Fileno  
Seus desvelos empregava,  
O mais puro, o mais ameno  
Dos arroios serpeava.

---

<sup>52</sup> Cupido.

<sup>53</sup> Esta alegoria, «tirada de uns versos de Mr. Parny», nunca foi publicada na obra completa de Bocage. Apenas viu os pelos uma vez, por iniciativa de Rodrigo Vicente de Almeida, in *Poesias Inéditas de Bocage — Censura das Mesmas — Defesa pelo Autor*. Lisboa: Henrique Zeferino — Livreiro Editor, 1896, pp. 7-8.

Julião Cataldi, censor régio, considerou que a última quadra — «Quanto ao negregado tanque / Presumo (aqui para nós) / Que é a prisão desses loucos, / Que dizem: 'Recebo a vós'» — é «uma injúria gravíssima ao género humano, um apelo à lascívia e uma desautorização dos santos vínculos do matrimónio, os quais Jesus Cristo firmou e consagrou com a graça e virtude de um sacramento».

Bocage, por sua vez, contra-argumentou: «A respeito desta alegoria (composta sem o sinistro pensamento que parece oferecer, e só filha do estado jovial em que a minha alma a transcreveu), reconheço a importância das razões alegadas; e em submissão a elas a omiti totalmente.» Deste modo, a presente alegoria não chegou a ser publicada. O manuscrito original encontra-se na Biblioteca da Ajuda, cota: 54-IV-34, n.º 6, fls. 1 e 1 v.º Apresenta a seguinte indicação de Bocage, que se destinava ao editor: «Vem antes do epigrama 'A um mulato comilão'».

Com doce murmúrio as águas  
Preguiçosas, cristalinas  
Davam ser, frescura e graça  
Às melindrosas boninas.

Eis ao camponês ocorre  
Em fundo tanque encerrar  
A corrente que nutria  
O matizado lugar.

Mal que ali foi reprimida,  
Sabeis o que sucedeu?  
As águas dantes tão claras  
Negro lodo escureceu.

Torna-se o licor sadio  
Em peçonhento licor;  
Do botão despida apenas,  
Dobra o colo, e morre a flor.

Cai sem suco a leda rosa,  
O jasmim mimoso e lindo,  
Desbota o purpúreo cravo,  
Flora geme, e vai fugindo.

Leitores, este regato  
É a ternura inconstante,  
Estas flores os prazeres  
Que lucra vadio amante.

O lodo é a triste imagem  
Do pranto, do dissabor,  
Dos ciúmes, das saudades  
E doutros males d'Amor.

Quanto ao negregado tanque,  
Presumo (aqui para nós)  
Que é a prisão desses loucos,  
Que dizem: «Recebo a vós.»

CANÇONETAS BÁQUICAS PARA A MESA, IMPROVISADAS<sup>54</sup>

I

Amor é fonte  
De riso e graça,  
Porém não passa  
De um só sabor:  
O doce Baco  
Tempera Amor.

II

Baco entre o coro  
Das lindas Graças  
Exaure as taças  
De almo elixir<sup>55</sup>:  
Dum deus o exemplo  
Cumpra seguir.

---

<sup>54</sup> Publicadas no primeiro tomo das *Rimas*, edição de 1800, p. 306. Existe um manuscrito autógrafo no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Real Mesa Censória, cx. n.º 339, documento n.º 3296, 44 f.

<sup>55</sup> O vinho.

### III

Descuida-se Jove  
Na olímpica mesa  
Da suma grandeza,  
Do eterno poder;

Consente um sorriso  
Nos lábios, que molha,  
E humano se antolha  
No gesto, no ser;

A monotonia  
Dos bens, em que impera,  
O néctar lhe altera,  
Lhe faz esquecer:

O néctar que adoça  
Mortais azedumes,  
Até entre os numes  
Matiza o prazer.  
Se Júpiter bebe,  
Não hei de eu beber?

De Baco opulento<sup>56</sup>  
Compõe-se o tesouro,  
De pérolas, de ouro,  
Topázio, rubi.

---

<sup>56</sup> Na citada versão manuscrita, que se encontra no Arquivo da Real Mesa Censória, este verso introduz a cançoneta IV.

Do néctar sentindo  
Nas fauces o travo,  
Misérrimo escravo  
Desdenha o Sofi<sup>57</sup>.

Lustrosas quimeras  
Lhe vagam na mente,  
Do mundo é contente,  
Contente de si.

Amigos, libemos  
O Pico<sup>58</sup> sagrado,  
Tão mal condenado  
Na seita de Ali.

Teimosos cuidados,  
Caterva importuna,  
Visões da Fortuna,  
Deixai-nos, fugi.  
O nosso universo  
Não passa daqui.

Em torno a Baco  
Sussurra, adeja,  
Ri-se, graceja,  
Cintila Amor.

Ao deus Idálio  
Baco é preciso,  
Dobra-lhe o riso,  
Lhe acende a cor.

---

<sup>57</sup> Título do soberano da Pérsia.

<sup>58</sup> Nota de António Salgado Júnior: «Uma das mais afamadas qualidades de vinho na Antiguidade, concorrente então com o Falerno.» (Cf. *Bocage — Opera Omnia*, vol. IV, p. 257.)

Amor, ó Baco,  
Tem por costume  
Juntar seu lume  
Com teu ardor.

Ambos se adorem  
Com igualdade,  
Tenha a vontade  
Mais de um senhor.  
Baco triunfe,  
Triunfe Amor.





**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

# ELEGIAS



# I

## À LAMENTÁVEL MORTE DO PRÍNCIPE D. JOSÉ<sup>1</sup>

Levou a cruel Morte, sem ter pejo,  
Aquele belo moço, a quem tributo  
Esperavam pagar o Indo e o Tejo.

Bernardes, *Adon.*, écloga 1

Eu vos saúdo, ó túmulos anosos<sup>2</sup>,  
Onde a Tristeza coò silêncio mora  
Entre cinzas e espectros pavorosos;

Salve, bosque medonho, onde a canora  
Filomela<sup>3</sup> infeliz a injúria antiga  
No curvo ramo solitária chora;

---

<sup>1</sup> Elegia publicada no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1794 e 1800, p. 282.

D. José Francisco Xavier de Paula Domingos António Agostinho Anastácio, príncipe do Brasil, era filho primogénito de D. Maria I e de D. Pedro III. Casou com D. Maria Francisca Benedita, sua tia materna, a 21 de fevereiro de 1777. Por nomeação real, frei Manuel do Cenáculo foi o seu preceptor. Faleceu de bexigas com 27 anos e 21 dias, no Palácio do Terreiro do Paço, a 11 de setembro de 1788 (cf. *Gazeta de Lisboa*, 13 de setembro). Foram muitos os poetas que homenagearam esta infausta personagem.

<sup>2</sup> Nota do autor: «Nos arredores de Macau, onde o autor compôs esta elegia, há um lugar coberto de sepulturas dos chins.»

<sup>3</sup> De acordo com a mitologia, era filha de Pandión, rei de Atenas. Tereu, seu cunhado, violou-a e cortou-lhe a língua para não ser por ela denunciado. Filomela informou, desenhando num bordado, a irmã do que lhe acontecera, a qual se vingou exemplarmente do marido. Ambos foram, então, transformados pelos deuses em pássaros.

Ó Noite, cujo véu meus ais abriga,  
E vós, Manes, fantasmas, sócios dela,  
Vede a que extremos a paixão me obriga:

Paixão louvável, justa, e não aquela  
Que às almas a razão e a liberdade  
Destrói, da vida na estação mais bela.

Mudos objetos, feia soledade,  
Só vós encheis meu sôfrego desejo,  
Longe, longe de nós a claridade.

Porém que escuto, ó Céus! Ó Céus! Que vejo!  
Ah Musa minha! És tu? Vem, vem, pranteia  
O caso, que gelou de mágoa o Tejo.

Velemos sobre a fria, agreste areia,  
Enquanto nos ornados aposentos  
Venturosos mortais o sono enleia.

Vê, se é próprio o lugar para lamentos,  
Repara: que espetáculo! Que espanto!  
Mochos! Larvas! Ciprestes! Monumentos!

Celebrem nossos ais e nosso pranto  
O comum benfeitor (ah negra Sorte!),  
O herói pio, em quem Lísia perdeu tanto;

Aquele fruto singular, que a Morte  
Arrancou de alta planta generosa,  
Que Deus abençoou no tronco forte;

Aquele, cuja face majestosa  
Inda entre as mais gentis se distinguia,  
Qual entre as flores se distingue a rosa;

Aquele, que te honrou, Sabedoria,  
Que tantas, tantas vezes, ó pobreza,  
A víbora fartou, que te roía;

Aquele, que do cume da grandeza  
Baixava a consolar-nos, atentando  
Que todos somos uns por natureza;

Aquele génio raro, afável, brando,  
Que está na etérea abóbada fulgente  
Astro novo, entre os astros cintilando;

Aquele, que era o pai da lusa gente,  
Nosso bem, nosso amor, nossa esperança,  
Príncipe n'álma, Príncipe excelente;

José, que em doce paz no Céu descansa,  
Enquanto o povo seu, já delirante,  
Em vãs, perdidas lágrimas se cansa.

Triste povo! E mais triste eu, que distante  
Não pude acompanhar teu choro aflito  
Naquele amargo, lutuoso instante!

Triste Povo! E mais mísero eu, que habito  
No remoto Cantão<sup>4</sup>, donde, Ulisseia<sup>5</sup>,  
Não pode a ti voar meu débil grito!

Misérrimo de mim, que em terra alheia,  
Cá onde muge o mar da vasta China,  
Vagabundo praguejo a morte feia!

---

<sup>4</sup> Nota do autor: «Província meridional da China, onde Macau está situado.»

<sup>5</sup> Lisboa.

Que rigorosa lei, que horrível sina  
Me estorvou que escutasse os ais extremos  
Daquela alma real, antes divina?

Daquele augusto peito onde vivemos,  
Daquele coração que idolatrámos,  
Daquele benfeitor que já perdemos!

Mas pois que nós, ó Musa, não lográmos  
O doloroso bem de estar presentes  
Ao fim do moço herói, que tanto amámos;

Já que não vimos consternadas gentes  
Ferindo os rostos e ferindo os ares  
Com frenéticas mãos, com ais ardentes;

Já que não vimos nos pomposos lares  
A meiga mãe, carpindo, ora ante o leito  
Do filho, ora do Imenso antes os altares;

Já que não vimos de paixão desfeito  
O fiel coração da esposa<sup>6</sup> amante  
Em lágrimas sair do ansioso peito;

Já que não vimos o preclaro Infante<sup>7</sup>,  
Prezando mais o irmão que a Monarquia,  
Traçar a interna mágoa no semblante;

---

<sup>6</sup> Maria Francisca Benedita (Lisboa, 25 de julho de 1746-*ibidem*, 18 de agosto de 1829), sua tia materna, com quem contrairá matrimónio aos 16 anos de idade.

<sup>7</sup> O futuro D. João VI.

E o bom Príncipe, enfim, já na agonia,  
Estas vozes soltar, balbuciante,  
Pondo os olhos na esposa, que o perdia:

«A Mão, que nos uniu tão docemente,  
Ordena, amada, que de ti me aparte:  
Seja feita a Vontade onnipotente.

Despindo o pó, minha alma alegre parte,  
Mas crê que, voluntária, só pudera,  
Querida esposa, por um deus trocar-te;

Não chores, não suspires... Ah! Pondera  
Que o teu amado, o teu contentamento  
Não morre, vai viver lá noutra esfera;

Chamado ao Sumo Bem do Firmamento,  
Vou morar entre os justos, por clemência  
Daquele que subjuga o mar e o vento.

Louva, louva comigo a Providência,  
A sacrossanta lei, que tem disposto  
Esta do mundo necessária ausência.

Nadando em mares de inefável gosto,  
Vendo os coros angélicos sagrados,  
Em cada rosto lograrei teu rosto.

Poder que move os Céus, que rege os Fados,  
Há de aplacar a dor que te flagela,  
Anuir a meus rogos inflamados...

Deixa voar minha alma, ó alma bela,  
Adeus... Pai... Redentor sê... sê comigo...  
Adeus...» eis expirou nos braços dela.

Já que não pude, ó Musa, este castigo,  
Este dano, fatal à Humanidade,  
Contigo ver e deplorar contigo,

Pela imaginação, pela saudade  
A nós (tristes de nós!) se represente  
O efeito da geral calamidade.

A mente o pinte, que não pode a mente!  
Como se goza o bem no pensamento,  
Também no pensamento o mal se sente.

Ó colossos de aéreo fundamento!  
Fantasmas, ilusões, que o mundo preza!  
De que servis no fúnebre momento?

Porque blasona a tímida grandeza,  
Se é vítima do abutre carniceiro,  
Filho do Inferno, horror da Natureza?

Que bens herdámos nós do Pai primeiro?  
A culpa? A morte? Abominosa herança!  
Mal haja o negro monstro lisonjeiro.

Ai prole da magnânima Bragança,  
Quão cedo te sumiu na Eternidade  
A pavorosa mão que os raios lança!

Cometeste sacrílega maldade,  
Para... Ah! Cessa, Mortal, mortal insano,  
Treme, ajoelha, adora a Divindade.

Não pode (a Razão diz) ser um tirano  
Esse, que fez o barro inteligente,  
Que o Filho deu por ti, género humano.

O Rei dos reis, o Padre Omnipotente  
Alma que o mundo vil não merecia,  
Consigo quis no Céu resplandecente.

Cala-te, ó dor, silêncio, ó agonia;  
E vós, que os prantos da paixão mais nobre  
Verteis do morto herói na cinza fria;

Vós, que beijais o mausoléu que o cobre,  
Ó Lusos! Consolai-vos: inda temos  
Quem preze o sábio, quem socorra o pobre.

Basta, basta, não mais, não mais extremos:  
No Irmão vereis José ressuscitado,  
João restaurará quanto perdemos.

Inda há de ser por todos tão cantado  
O novo sucessor no trono augusto,  
Quanto José no túmulo é chorado.

Nação, fiel Nação, desterra o susto:  
Outro herói, outro Atlante<sup>8</sup> a Monarquia  
Nos firmes ombros susterá robusto.

E tu, mãe do teu povo excelsa e pia,  
Que inda desfeita em lágrimas contemplo  
Na revolta, enlutada fantasia,

Sobe, constante, da Memória ao Templo:  
Lá vale mais que um cetro uma alma forte,  
Sê da conformidade o santo exemplo.

---

<sup>8</sup> Deus marinho que conhecia todos os recantos do Oceano. Suportava na cabeça e nos ombros o peso da abóbada celeste.

À triste, cara irmã, que invoca a Morte,  
Vai docemente o pranto reprimindo;  
Pinta-lhe a glória do feliz consorte,  
Que entre os anjos está, cantando e rindo.

## II

ELEGIA QUE O MAIS INGÉNUO E VERDADEIRO SENTIMENTO CONSAGRA  
À DEPLORÁVEL MORTE DO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO  
SENHOR D. JOSÉ TOMÁS DE MENESES<sup>9</sup>

Hórridas sombras, hórridos vapores  
Que enlutais estes ares carregados  
Por onde vão fugindo os meus clamores;

Sinistras aves, que funestos brados  
Espalhais de ciprestes lutuosos,  
Pela negra tristeza bafejados:

A vós consagro os prantos dolorosos,  
Que meus olhos derramam contra a dura,  
Antiga lei dos Fados poderosos;

Antiga lei que à feia sepultura  
Arroja sem respeito, e sem piedade  
A Virtude, a Grandeza, a Formosura!

---

<sup>9</sup> Elegia publicada em 1790 pelo editor Lino da Silva Godinho, «com licença da Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros». Foi a primeira obra de Bocage; curiosamente, ostentava apenas as iniciais do poeta, recém-chegado do Oriente. O facto de ser duplamente desertor e de ainda não ter a sua situação militar regularizada poderá explicar tal opção. D. José Tomás de Meneses era filho do marquês de Marialva. Faleceu, afogado no Tejo, no dia 4 de setembro de 1790, tendo sido sepultado a 9 (*Gazeta de Lisboa*, de 11 e 14 de setembro daquele ano). A edição de 28 de setembro do mesmo periódico anuncia a realização das exéquias.

Áspera lei que a pobre Humanidade  
Num momento, num átomo arremessa  
Ao centro da medonha Eternidade!

Tremendíssima lei que tão depressa  
Troca em ais e desgostos a alegria;  
Troca a púrpura em luto, o sólio em essa.

Ah! Nunca amanhecera o cruel dia,  
Esse dia fatal, que tu seguiste,  
Noite de espanto, noite de agonia.

Tejo, que foste da tragédia triste  
O teatro infeliz, que é do tesouro  
Que a meus olhos saudosos encobriste?

Ah! Não blasones das areias de ouro,  
Se em ti conténs o herói, que ao próprio Marte  
Esperava ganhar a palma, o louro.

José, que, reunindo a força e a arte,  
Feros brutos indómitos domava<sup>10</sup>,  
Sendo assombro de tudo em toda a parte;

José, que os lusos povos alegrava,  
E que, sem recordar-se da grandeza,  
A todos brandamente agasalhava;

José, com quem a Sorte e a Natureza  
Foram tão liberais, e em quem luzia  
Resto feliz da glória portuguesa.

---

<sup>10</sup> Alusão à forma proficiente como lidava os touros.

Oh lúgubre Destino! Oh morte impia!  
Ilustre e velho pai! Tua amargura  
Quão rigorosa, quão cruel seria!

A macilenta Cloto, a Parca<sup>11</sup> dura  
Te roubou para sempre o filho amado,  
O doce objeto da maior ternura.

Queixa-te, é justo, queixa-te do Fado,  
O negro caso deplorável chora,  
Em nossas faces pela dor gravado;

Pragueja aquele monstro, que devora  
Os míseros mortais, dize-lhe... ah! antes,  
Antes a suma Providência adora.

Adora a quem nos astros cintilantes  
Erigiui, colocou seu trono eterno,  
O supremo Senhor dos Céus brilhantes,

O Justo Deus, que com poder superno  
Escondeu, ferrolhou perpetuamente  
Os rebeldes espíritos no Inferno.

Ele, movendo o braço Omnipotente,  
O filho te chamou, que merecia  
Glória imortal no Empíreo<sup>12</sup> reluzente.

Basta, excelso Marquês. Tua agonia  
Pela Fé seja enfim modificada,  
E por uma cristã filosofia.

---

<sup>11</sup> *Vd.* n. 135, p. 177.

<sup>12</sup> A mais alta das quatro esferas celestes, que continha todos os astros.

Que também na minha alma atribulada  
Oiço o riso da cândida Esperança,  
Sinto a terrível dor mais aplacada.

E tu, alma gentil, que na lembrança  
Tão presente me estás, alma ditosa,  
Entre os coros angélicos descansa.

Não precisa de lágrimas quem goza  
De eterna, de imortal felicidade,  
Por isso é nossa dor infrutuosa.

Porém, contudo, lá da Eternidade,  
Do centro da ventura mais perfeita,  
Se te é possível, feliz alma, aceita  
Provas de amor, efeitos da saudade.<sup>13</sup>

### III

#### À TRÁGICA MORTE DA RAINHA DE FRANÇA<sup>14</sup>

Século horrendo aos séculos vindouros,  
Que ias inutilmente acumulando  
Das Artes, das Ciências os tesouros;

---

<sup>13</sup> Esta elegia, na edição original, é seguida de um soneto: «Tudo acaba. Esse monstro carrancudo». *Vd.* p. 408 do primeiro tomo da presente obra.

<sup>14</sup> Elegia publicada no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 158. Foi dedicada a Maria Antonieta, nascida em Viena de Áustria, no ano de 1755, e executada em Paris, a 16 de outubro de 1793, durante o período do Terror. Luís XVI, o rei, sofreu igual destino.

Século enorme, século nefando,  
Em que das fauces do espantoso Averno<sup>15</sup>  
Dragões sobre dragões vêm rebentando,

Marcado foste pela mão do Eterno  
Para estragar nos corações corruptos  
O dom da humanidade amável, terno.

Que fatais produções, que azedos frutos  
Dás aos campos da Gália abominados,  
Nunca de sangue ou lágrimas enxutos!

Que horrores pelas Fúrias propagados  
Mais e mais esses ares enevoam,  
Da Glória longo tempo iluminados!

Crimes, soltos do Inferno, a Terra atroam,  
E em torno aos cadafalsos lutuosos  
Da sedenta Vingança os gritos soam.

Turba feroz de monstros pavorosos  
O ferro de impias leis, bramindo, encrava  
Em mil que a seu sabor faz criminosos.

A brilhante nação, que blasonava  
De exemplo das nações, o trono abate,  
E de um Senado<sup>16</sup> atroz se torna escrava;

Por mais que o sangue em ondas se desate,  
Nada, nada lhe acorda o sentimento  
Que as insanas paixões prende ou rebate;

---

<sup>15</sup> Lago que se supunha constituir a entrada do Inferno.

<sup>16</sup> Referência à Convenção Nacional, que, na sua primeira sessão pública, realizada a 21 de setembro de 1792, decretou a abolição da monarquia em França. Quatro meses mais tarde, votou a execução do rei e, posteriormente, a da rainha.

Vai grassando o furor sanguinolento,  
Lavra de peito em peito e d'alma em alma,  
Qual rubra labareda exposta ao vento:

Não cede, não repousa, não se acalma,  
E a funesta, insolente Liberdade  
Ergue no punho audaz sanguínea palma.

Bárbaro Tempo! Abominosa Idade,  
Às outras Eras pelos Fados presa  
Para labéu e horror da Humanidade!

Flagelos da virtude e da grandeza,  
Réus do infame e sacrílego atentado  
De que treme a Razão e a Natureza!

Não bastava esse crime? Inda o danado  
Espírito que em vós está fervendo  
A novos parricídios corre, ousado!

Justos Céus! Que espetáculo tremendo,  
Que imagens de terror, que horrível cena  
Vou na assombrada ideia revolvendo!

Que Vítima gentil, muda e serena  
Brilha entre espesso, detestável bando,  
Nas sombras da calúnia que a condena!

Orna a paz da inocência o gesto brando,  
E os olhos, cujas graças encantaram,  
Se voltam para o Céu de quando em quando;

As mãos, aquelas mãos que semearam  
Dádivas, prémios, e na mole infância  
Com os cetros auríferos brincaram,

Ludíbrico do furor e da arrogância  
Sofrem prisões servis, que apenas sente  
O assombro da beleza e da constância.

Ó justiça dos Céus! Ó Mundo! Ó Gente!  
Vinde, acudi, correi, salvai da morte  
A malfadada vítima inocente...

Mas ai! Não há piedade que reporte  
A raiva dos terríveis assassinos:  
Soou da tirania o duro corte.

Já cerrados estais, olhos divinos,  
Já voando, cumpriste, alma formosa,  
A férrea lei de aspérrimos destinos.

Do Rei dos reis na corte luminosa  
Revês o pio herói, por nós chorado<sup>17</sup>,  
Que da excelsa virtude os lauros goza.

Na mente vos observo: ei-lo a teu lado  
Implorando ao Senhor, que os maus flagela,  
Perdão para o seu povo alucinado.

Despido o véu corpóreo, ó alma bela,  
No seio de imortal felicidade,  
Só sentes não voar mais cedo a ela,

Enquanto aos monstros de hórrida maldade  
Murmura, a seu pesar, no peito iroso  
A voz da vingadora Eternidade.

---

<sup>17</sup> Luís XVI, nascido em Versalhes, a 23 de agosto de 1753, e decapitado durante a hegemonia jacobina, a 21 de janeiro de 1793.

Desfruta suma glória, ó par ditoso,  
Logra em perpétua paz júbilo imenso,  
Que o mundo consternado e respeitoso  
Te apronta as aras, te dispõe o incenso.

#### IV

AO SENHOR JOAQUIM PEREIRA DE ALMEIDA,  
NA MORTE DE SEU PAI<sup>18</sup>

É todo o mundo um cárcere em que a Morte  
Os míseros viventes guarda, encerra  
Para neles cumprir-se a lei da Sorte.

Ou baça enfermidade, ou torva guerra  
Vão co'as ferinas garras pavorosas  
Tornando pouco a pouco um ermo a Terra;

De dia em dia as lágrimas saudosas  
De aflitos corações estão regando  
Marmóreas campas, urnas lutuosas;

Males e males em terrível bando  
Vagam por toda a face do Universo,  
Peste, veneno, horrores derramando.

---

<sup>18</sup> Elegia publicada no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 162. Joaquim Pereira de Almeida conheceu Bocage em Cantão, porto que frequentava com assiduidade, porquanto desempenhava um papel importante no navio *Marquês de Angeja* — tratava da burocracia inerente ao embarque e desembarque de mercadorias. No mencionado navio, Bocage regressou, em 1790, oriundo de Macau, ao reino.

Cai o exímio varão como o perverso,  
A Morte pelo efeito os dois iguala,  
O modo com que os fere é que é diverso.

Àquele a voz de um Deus dos Céus lhe fala,  
O Remorso, de crimes carregado,  
A este o coração golpeia e rala:

Da chama divinal afogueado  
Um, cravando no Empíreo os olhos ternos,  
Ergue de almo futuro o véu dourado;

Outro, mordido de áspides internos,  
Se entranha em feio abismo, e vê que passa  
De mal finito a males sempiternos.

A mão que as frágeis vidas desenlaça  
Ao pio é, pois, suave, ao impio dura,  
Traz o flagelo a um, ao outro graça.

Que importa que na térrea sepultura  
Baqueie o corpo, a vítima do nada,  
Se triunfa nos Céus uma alma pura?

Se na radiante, olímpica morada  
Coò fulgor que do Eterno reverbera  
Como o Sol resplandece iluminada?

Vê negrejar ao longe a ténue esfera,  
Onde o cego mortal vagueia ufano,  
Nota quanto difere o que é e o que era;

Por entre a cerração de antigo engano  
Contempla como nutre e como ceva  
Vão tropel de ilusões o orgulho humano;

Como o barro servil se abstrai, se eleva,  
Como a alucinação, como a loucura  
Lhe abafa o pensamento em densa treva;

Como o bem, como a paz, como a ventura  
No mundo não são mais que um fátuo lume,  
Que doura mal o horror da vida escura.

Graças, graças ao bom, propício nume,  
Que alisa com a dextra omnipotente  
À foice matadora o férreo gume.

Dos Céus, ó Morte, és dádiva eminente,  
És precioso bálsamo divino,  
Que cerra as chagas do infeliz vivente.

Morte, se padecer é seu destino,  
Se o torna a febre ardente, a dor aguda  
Sem alento, sem voz, sem luz, sem tino,

Se um salutar bafejo lhe não muda  
Em manso alívio tão penoso estado,  
Dita não é que tua mão lhe acuda?

É sim. Pela aflição desacordado,  
Ia afrontar teu nome em meu lamento,  
Oh mimo celestial, oh dom sagrado!

Sumido na tristeza o pensamento,  
Teus favores, teus bens desconhecia,  
Fonte de perenal contentamento,

Estrada que a virtude aos astros guia,  
Guia ao reino imortal, ditoso e puro,  
Onde nunca interrompe a noite ao dia;

Chave e porta do incógnito futuro,  
Doce amiga fiel, que nos franqueias  
Dos Céus lustrosos o invisível muro;

Já voou meu terror, já não me anseias,  
Em risonhas ideias se trocaram  
Carrancudas visões, imagens feias;

Razão, verdade a mente me aclararam,  
E de teus mil fantásticos horrores  
A medonha aparência em mim douraram,

Ah! Verta o meu pincel vistosas cores  
Que adoçam, que mitiguem da saudade  
O terno pranto, os férvidos clamores.

Oiço gemer a filial piedade,  
Ferem meu peito os ecos da tristeza,  
Ingénuas expressões da Humanidade.

Deixemos suspirar a Natureza,  
E os estoicos ou bárbaros, embora  
Se paguem de uma apática dureza.

Labéu da espécie humana é quem não chora:  
Por leões devorado em selva escura,  
Aprenda a conhecer a dor que ignora.

Solta-te em ais, dulcíssima ternura,  
De um virtuoso pai, tu, prole amante,  
Deves banhar-lhe em pranto a sepultura;

Mas não seja a paixão tão dominante  
Que insulte a sacra mão, que já da Terra  
O atraíu luminoso e triunfante.

Se o mundo é campo de contínua guerra,  
E os Céus habitação da paz serena,  
Migúe o dissabor que em vós se encerra;

A força da Razão sujeite a pena;  
Na vontade de um Deus consiste o Fado:  
Louvem-se o mal, e o bem que o Fado ordena.

O semblante caído e consternado  
Erguei da terra, erguei, filhos saudosos  
De um respeitável pai, amante e amado.

Recordai seus ditames proveitosos,  
A mão que vos guiou para a virtude,  
Sem temer-lhe os caminhos espinhosos.

Em vez de pompa vã, que atraí, que ilude  
Inchados corações, e enfeita a Morte,  
Na cega opinião do povo rude,

Um ardor firme, um ávido transporte  
De alcançar o que os sábios chamam glória,  
E que é no mar da vida o fixo Norte,

Honrem as cinzas, honrem a memória  
Desse que do mundano, atroz conflito  
No Céu desfruta singular vitória.

Isto exige de vós, e n'álma escrito  
Sempre deveis trazer o insigne exemplo  
Que honrosa obrigação vos tem prescrito.

Com os olhos em vós do etéreo templo  
A causa da aflição que vos devora  
Como que, absorto em êxtase, contemplo;

Como que ao Ente excelso, ao Deus que adora,  
Ao Senhor mais que os séculos antigo,  
Amplios favores para vós implora.

Ó tu, meu benfeitor, meu caro amigo,  
Que contra o desprazer no afável seio  
D'alta filosofia achaste abrigo,

De um grato coração de mágoa cheio  
Acolhe o terno, o cândido tributo  
Que a Musa, glória minha e meu recreio,  
Te of'rece, envolta no funéreo luto.

## V

### À MORTE DO SENHOR JOÃO DOS SANTOS BERSANE<sup>19</sup>

O sábio não vai todo à sepultura,  
Não morre inteiro o justo, o virtuoso,  
Na memória dos homens brilha e dura,

Enquanto o néscio, o inútil, o ocioso  
Vão, ignoradas vítimas da Morte,  
Sumir-se no sepulcro tenebroso.

Jónio feliz, bom pai, fiel consorte,  
Neste dia em que o véu mortal despiste  
Dias eternos te confere a Sorte.

---

<sup>19</sup> Elegia publicada no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 168. Foi composta em memória do pai de um grande amigo de Bocage, António Bersane Leite, correligionário da poesia e da boémia.

Se longe do Universo errado e triste  
Triunfa teu espírito fulgente,  
Imortal entre nós teu nome existe.

Da etérea habitação do Omnipotente  
Reflete o resplendor da glória tua  
Na tua prole honrada e descontente.

Em lágrimas no peito lhe flutua  
O coração de angústias macerado,  
Posto que o ledo Empíreo te possua.

Eis o caráter que aos mortais foi dado:  
Como que o bem do amigo nos magoa  
Quando o gosto de o ver nos é vedado.

Na dextra a palma tens, na frente a c'roa,  
Tens (assegura a Fé), porque a virtude  
De jus nos almos Céus se galardoa;

Mas, por mais que se esmere, e lide, e estude,  
Quem à dor acomoda o sofrimento?  
Quem há que à Natureza o génio mude?

Corra o pranto de amor, soe o lamento,  
Té que a paixão, nos ais evaporada,  
Deixe livre folgar o entendimento.

Então tua família consternada  
Vendo na ideia teus serenos dias,  
Alma, vinda do Céu e ao Céu tornada;

Vendo as dignas ações, virtudes pias,  
Com que assombros e exemplos semeaste  
Na carreira vital quando a seguias;

Vendo que os sábios, que a Ciência honraste,  
Que o mundano esplendor tiveste em pouco,  
Que os perversos carpiste, os bons amaste,

Enfreados seus ais no peito rouco,  
De inefável prazer sentindo o encanto,  
Dirá: «Quem te lamenta é cego, é louco.

«Perdoa à nossa dor e ao nosso pranto,  
Sofre as mostras fiéis do amor mais terno,  
E, orando pelos teus, que amavas tanto,  
Graças lhe adquire do Monarca eterno.»

## VI

### NA MORTE DO ILUSTRÍSSIMO ANSELMO JOSÉ DA CRUZ SOBRAL<sup>20</sup>

*Parva petunt Manes.*  
Ovídio, *Fastos*, liv. II

Nume do pranto, nume da tristeza,  
Tu, que tinges de escuro a fantasia,  
Que opões a Eternidade à Natureza!<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Elegia publicada em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen, por Manuel Maria de Barbosa du Bocage*, 1804, p. 146, lição que perfilhámos. Antes conhecera os prelos em *Ecoss Saudosos Ouvidos na Capital Portuguesa na Passagem a Melhor Vida do Ilustre Conselheiro, o Senhor Anselmo José da Cruz Sobral* (Lisboa: na Régia Oficina Tipográfica, 1802, pp. 3-8).

António José da Cruz Sobral (1728-1802) era membro do Conselho de Sua Majestade, conselheiro honorário da Real Fazenda, comendador da Ordem de Cristo, fiscal das Obras Públicas, provedor da Junta do Comércio e inspetor das obras da Basílica da Estrela. Capitalista abastado, estava ligado ao comércio do tabaco em Portugal. Foi uma das pessoas que mais contribuíram para a edificação do Teatro de São Carlos. Pertenceu à Maçonaria, tal como Bocage.

<sup>21</sup> Na primeira versão: «Natureza,».

Por meus versos esparge a cor sombria,  
A cor dos corações, dos pensamentos,<sup>22</sup>  
No ponto acerbo que nos some o dia.

Ais solitários, míseros lamentos  
As trevas firam do silêncio antigo,  
Que reina entre o pavor dos monumentos;

De honrosas, caras cinzas ao jazigo  
Co'a luz que a todos patenteia o nada,  
Me guia, ó Desengano: eu vou contigo.

De um a outro Universo, ah! eis a estrada,<sup>23</sup>  
Por milhões e milhões dos frágeis Entes  
Desde a infância dos séculos trilhada.

Eis o terreno de fatais sementes,  
Donde sobe amargoso e negro fruto,  
Eis a meta infalível dos viventes.

Triste mármore ali, polido ou bruto,  
Recata estrago, horror: na feia estância  
A grandeza é miséria, o fasto é luto.

Dif'renças da humildade e da arrogância  
O teu nível, ó Morte, ali suprime;<sup>24</sup>  
Cessa entre os graus quimérica distância.

Da Virtude somente o dom sublime  
Do herói, do justo ali doura a memória,  
Como opaca memória enluta o crime.

---

<sup>22</sup> Na primeira versão: «pensamentos».

<sup>23</sup> Na primeira versão: «estrada;».

<sup>24</sup> Na primeira versão: «suprime.».

Abismos da existência transitória,  
No imenso, no voraz, no horrível seio  
Co' a vida não sorveis a humana glória.

Esteio em corações, na fama esteio  
Logra, domando o Tempo, a Inveja, o Fado,  
Grão ser, que volve aos astros donde veio.

Despojo de Sobral, despojo amado,  
Enquanto a gratidão luzir na Terra  
Serás de ingénuas lágrimas honrado.

Debalde avaro túmulo te encerra,  
Debalde a lei mais dura, em ti cumprida,  
De teus saudosos lares te desterra.

No extremo adeus, na eterna despedida  
Ganhaste ao Tempo seu feroz direito,  
Perdeste o mundo e renovaste a vida.

Da essência<sup>25</sup>, da matéria o nó desfeito  
Deixou teu nome intacto, exímio, puro<sup>26</sup>  
Brilhar nas sombras do funéreo leito.

A mesta viuvez, de manto escuro,  
A sozinha, misérrima orfandade,  
Medrosas do presente e do futuro,

A ti, ao benfeitor da Humanidade,  
Nos castos domicílios consagraram  
Prantos ferventes, cordial saudade.

---

<sup>25</sup> Na primeira versão: «Da essência e da matéria».

<sup>26</sup> Na primeira versão: «Puro».

Teus feitos imortais, que a Pátria ornaram,  
Que em perenal delícia um Deus premeia,  
De terna gratidão na voz soaram.

Do globo inficionado ó mente alheia,  
Ó alma, tão diversa e tão lustrosa  
Dos entes na longuíssima cadeia!

Tão bela como o Olimpo que te goza,  
Tão pura<sup>27</sup> quanto o sofre a Natureza,  
Mil vezes fraca, insana ou criminoso!

Dos homens cometendo a suma empresa,  
Útil viveste ao mundo, e só fundaste  
Em teu grande caráter a grandeza;

Exerceste a virtude, os Céus<sup>28</sup> honraste,  
E, sôfrega anelando os átrios de ouro,  
Nas asas da Esperança aos Céus voaste.

Negra filha da Noite, ave de agouro  
Apontar-te não foi co'a voz funesta  
O rasto vil de póstumo desdouro;

Moral gangrena, que a opulência empesta,  
Jamais te corrompeu, jamais: qual foras  
Nas eras de ouro, reluzias nesta.

Virtudes eficazes, benfeitoras,  
Encheram sempre teus vitais espaços,  
Ilesas<sup>29</sup> das Idades tragadoras;

---

<sup>27</sup> Na primeira versão: «justa».

<sup>28</sup> Na edição original: «teus».

<sup>29</sup> Na primeira versão: «ilesos».

Quando, ferrenhos, túmidos, escassos,  
Apenas homens<sup>30</sup> são, e impõem de nubes  
Baixos luculos<sup>31</sup>, desprezíveis Crassos<sup>32</sup>,

Que, da curva indigência entre os queixumes,  
Se enlevam, com apática surdeza,  
Da ventura infiel nos fátuos lumes.

Espírito feliz, que da baixaza  
Do térreo Globo te elevaste ao clima  
Donde crês ténue ponto a redondeza:

Se atentas nos humanos, lá de cima,  
Chorosos corações, que a dor anseia,  
Com teu reflexo fortalece, anima;

Daquela com que Amor inda te enleia<sup>33</sup>,  
Daquela a que a ternura inda te prende,  
À glória tua o pensamento alteia.

Na lúgubre consorte a ideia acende  
Do olímpico prazer, na prole amada  
A rígida constância ao termo estende;

Entorna da estelífera morada  
Néctar piedoso, que a aflição lhe adoce,  
E numa, e noutra face amargurada  
Só júbilo celeste o pranto engrosse.

---

<sup>30</sup> Na primeira versão: «homens».

<sup>31</sup> Luculo foi um cidadão romano que apreciava sobremaneira a vida faustosa.

<sup>32</sup> Marcus Licinius Crassus (115-53 a. C.), personalidade romana extremamente rica e ambiciosa que fez parte, com César e Pompeu, do primeiro triunvirato.

<sup>33</sup> A viúva, Maria Madalena da Cruz Croque, nascida, em 1733, na cidade de Génova e falecida a 9 de novembro de 1807.





**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

# EPICÉDIOS



# I

## A OLINTA<sup>1</sup>

*Colei di gioia trasmutossi, e rise,  
E in atto di morir lieto, e vivace  
Dir pareo: s'apre il Cielo, io vado in pace.*

Torcatto Tasso, *Jerusalém Libertada*,  
canto XII

Olinta jaz na terra,  
Contigo, ó Noite, para sempre mora,  
E Amor grita, Amor chora,  
Chora o fagueiro Amor, que lhe brincava  
Nos melindrosos braços,  
Movendo aos corações sanguínea guerra;  
Ei-lo já delirante; a ebúrnea aljava,  
Arco, venda, farpões eis em pedaços  
Sobre o frio, o medonho  
Lugar sagrado, aonde  
Com ar inda risonho  
O seu e o nosso bem se nos esconde;  
Na terra oculto jaz mais um tesouro  
Por decreto da Sorte:  
Daquela tenra vida o fio de ouro  
Quão cedo rebentou nas mãos da Morte!...  
Ah Morte inexorável, que te nutres  
Em ruínas, em ais, em sangue, em pranto!  
Mais negra que os Infernos, mais faminta  
Que os famintos abutres!  
Ó tu, da Humanidade horror e espanto,

---

<sup>1</sup> Epicédio publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1794 e 1800, p. 290. De acordo com a enciclopédia *Biblos*, um epicédio é uma «composição fúnebre, sem forma fixa, com extensão muito variável».

Levaste-lhe o melhor, levaste Olinta;  
Olinta, em cujas faces delicadas  
    Corações atraíam  
As rosas sobre neve desfolhadas,  
Que de virgíneo pejo se acendiam  
Ao brando assalto da menor fineza;  
Olinta, em cujos olhos, que encantavam,  
Ufana se revia a Natureza!  
Olhos! Flama celeste, a que voavam  
Açorados, terníssimos desejos,  
E onde, quais borboletas, se crestavam,  
Dando suspiros, dando-vos mil beijos,  
Olhos! Olhos! Oh dor! E estais fechados!  
Estais de opacas névoas eclipsados!  
Olhos suaves, olhos milagrosos,  
    Com vossos deleitosos  
    E frouxos movimentos  
    Dáveis flores aos prados,  
Alento aos corações desesperados;  
    Enfreáveis os ventos,  
Removíeis das rochas a dureza,  
Transgredíeis as leis da Natureza,  
E não podeis sair desse letargo!...<sup>2</sup>  
Oh doidas ilusões! Oh desvarios!  
    Oh desengano amargo!  
Olhos tristes, sem luz, olhos já frios,  
A Morte não se rende à Formosura,  
Não, jamais torna a si, jamais desperta  
Quem dorme como vós na sepultura.  
A Desesperação, que nunca acerta  
No que faz, no que diz, porque não pensa,  
Nesta alma, de aflição, de amor perdida,  
Loucuras proferiu. Não há quem vença

---

<sup>2</sup> No original: «letargo!...».

O Monstro, que executa a lei da Sorte.  
É um contrato a vida,  
Que fez o justo Céu coo mundo ingrato,  
E tu deste contrato  
És fatal condição, terrível Morte,  
Que restitues<sup>3</sup> a matéria ao nada.  
O rei, que os povos como filhos ama,  
E que de benfeitor, de pio a fama  
Preza mais do que a púrpura sagrada,  
Castigando com lástima o delito,  
Reinando em corações, qual novo Tito<sup>4</sup>;  
Aqueles que, entre bando lisonjeiro,  
Servil e dependente,  
Se presumem do raio omnipotente  
Livres, seguros, co'a Fortuna ao lado,  
E de mais pura massa  
Que o frágil barro do Varão primeiro;  
Aqueles, que com ar divinizado,  
Insensíveis aos gritos da Desgraça,  
Envolvidos em lúcido brocado,  
E tendo a mansidão por um desdouro,  
Para vós olham, míseros e pobres  
(Ricos talvez de espíritos mais nobres),  
Qual para o mundo o Sol do carro de ouro,  
Todos hão de sulcar (oh Morte! Oh Fado!)  
Esse horrendo Oceano  
Da nunca fatigada Eternidade.  
Lá verão que no mundo a voz do Engano  
Traz o filho da Terra alucinado,

---

<sup>3</sup> Assinala Herculano de Carvalho (*Opera Omnia*, vol. III): «Para que o metro esteja certo, esta palavra deve ter-se como quadrissílaba (*res-ti-tu-es*). Por isso se conserva a grafia original, hoje em desuso.»

<sup>4</sup> Titus Flavius Vespasianus, imperador romano de 79 a 81 d. C. Ficou célebre por ter conquistado, depois de um longo cerco, Jerusalém. Era extremamente popular devido à sua generosidade. A conclusão do Coliseu foi obra sua.

Que no mundo não há felicidade;  
Todos, todos hão de ir, por lei superna,  
    Inviolável, eterna,  
Dormir nas trevas como Olinta dorme...  
Mas ah! filha cruel de Érebo<sup>5</sup> enorme,  
    Mudo espectro horroroso,  
Verdugo universal! Não te enganaste  
Ao menos, quando a foice preparaste  
    Contra o peito mimoso,  
Cujos tesouros, que o purpúreo pejo  
À sombra do véu cândido zelava  
Do espiador, solícito desejo,  
Meu pensamento audaz apenas via,  
E inda eu vê-los assim não merecia!  
Nem sequer desviaste a mão ferina  
Uma vez, parecendo-te divina,  
E isenta das pensões<sup>6</sup> da Natureza  
Aquele rara e cândida beleza!  
O mágico volver dos olhos puros,  
Que viam seus escravos quantos viam;  
Os olhos, ante quem se derretiam  
Os penedos, os mármoreos mais duros;  
A longa trança, a face transparente,  
Tão meiga para nós, como inocente;  
A rubra, intacta boca, as mãos nevadas,  
A flor da gentileza, a flor dos anos,  
As patéticas vozes, já truncadas,  
Que não feriram só peitos humanos,  
Que essas montanhas estalar fizeram,  
    Ao menos não puderam,  
Hórrido monstro, monstro famulento<sup>7</sup>,

---

<sup>5</sup> Na mitologia grega, filho de Caos e irmão da Noite; as trevas do Inferno.

<sup>6</sup> Sujeições.

<sup>7</sup> Faminto.

Teu golpe demorar por um momento!  
Monstro, monstro voraz, se nos tragaste  
    Todo o bem, todo o gosto  
Naquele singular, benigno rosto,  
    Para que nos deixaste  
Cá nesta solidão? Mortais, choremos,  
A ver se à força de chorar morremos:  
    Por Olinta querida  
Em lágrimas de amor se esgote a vida!  
Fervam suspiros, fervam pelos ares,  
E criem nossos olhos novos mares.  
De um bem, que áspera lei de nós desterra,  
A falta, a perda qual de vós não sente?  
Mundo, suspiros, lágrimas, oh gente!  
Olinta foi-se, Olinta jaz na terra.  
Gritemos... sempre em vão, tristeza e luto  
    Nos volva em noite o dia,  
Gritemos... sempre em vão... porém que escuto!  
Céus! Estrelas! Que súbita harmonia,  
Que nunca ouvido tom, que etéreo canto  
Me faz balbuciar no meu lamento,  
Me faz a meu pesar conter o pranto!  
Desencrespou-se o mar!... Nem bole o vento!...  
Soava aquele arroio.... ei-lo calado,  
E como que se ri de gosto o prado!  
    Oh pasmo! Oh maravilha!  
Este canto... este som... não é terreno...  
Vem do Céu, vem do Céu, que tão sereno,  
    Olhos meus, nunca vistes;  
Néctar consolador minha alma rega...  
Porém que nova luz nos ares brilha!  
    Que resplendor me cega!  
À vista dele o Sol despede<sup>8</sup> a beleza,

---

<sup>8</sup> Na edição de 1794: «despe».

Como à vista do dia a tocha acesa!  
 Que é isto, coração! Lágrimas tristes,  
     Recuastes, fugistes!  
     Que doçura! Que encanto!  
 Este som faz que em êxtase me sinta!...  
 É verdade, é verdade: os anjos oiço...  
 Mas é digno um mortal de ouvir-lhe o canto?  
 Humanos, escutais? Oh Céus! Olinta!  
 Olinta! É ilusão do pensamento...  
     Não, não é... Que portento!  
 Humanos, atenção: «Na Corte imensa  
 Do rei, que vibra os raios vingadores...  
     Prostrada... aos pés divinos...  
 Olinta... goza já... da recompensa...  
 Das palmas... da Virtude... os seus louvores...  
     Sobre... as asas... dos hinos...  
 Como... soam no Céu... na Terra soem...  
     Consolai-vos. Humanos...  
     Mais suspiros... não voem;  
 Vosso néscio queixume... a Deus insulta...  
     Longe... de olhos profanos...  
 Que não merecem... vê-la, aqui... se encerra...  
 Aqui... das virgens... entre... o coro exulta...  
     Consolai-vos... Humanos...  
 Olinta... está... no Céu... não jaz na Terra.»  
 Ah! Que o verso adorável emudece,  
 E a luz celestial desaparece!  
     Deus! Ó Deus! Será sonho!  
 Será sonho, ó mortais, o que escutamos!  
 Não, não é, que inda o prado está risonho,  
 Que o límpido regato inda não anda,  
 Nem Zéfiro bafeja os arvoredos,  
 Nem bate o mar nos íngremes penedos.  
 Ah! Bendito o Senhor, que nos abranda  
 Esta saudade, que mortal julgámos.  
 Prazer, oh mundo, cánticos, oh gente,  
 Olinta está nos Céus, e lá piedosa

Desde os áureos degraus do trono eterno  
Do Nume Omnipotente  
Nos chama para o bem, de que ela goza.  
Lá faz estremecer o horrendo Inferno,  
Lá prende, orando, o braço justo  
Daquele, mais que os séculos anoso,  
Que, farto de sofrer nossos delitos  
Quase, quase infinitos,  
Me faz crer a Razão, que já queria  
Mostrar-nos, ó Mortais, quanto podia,  
Lançando-nos às testas criminosas  
Irresistível, pavoroso estrago:  
A bárbara invasão que oprimiu Roma,  
Hórrida fúria que arrasou Cartago,  
Ou chuva ardente que inundou Sodoma.  
Cenas terríveis, cenas ltuosas,  
Olinta é quem de nós vos afugenta,  
Olinta a mão sustém, que nos sustenta....  
Ah! Gratidão, Saudade! A nossa amada  
Seja, seja cantada;  
Versos em vez de lágrimas lhe dêmos,  
Do cedro vivedouro  
Com seu nome adorado o tronco honremos;  
De beijos e de rosas  
Cubra-se o cofre, cubra-se o tesouro  
Daquelas sacras cinzas preciosas;  
E depois que do peito amortecido  
A nossa frágil vida transitória  
Voar nas asas do final gemido,  
Vereis quão terna Olinta nos recebe  
Lá nessas fontes de inefável glória,  
Onde mais quer beber quanto mais bebe.  
Longe da nossa ideia, ó, bens mundanos,  
Sim, desde agora vos armamos guerra.  
Orai a Olinta, não choreis, Humanos:  
Olinta está no Céu, não jaz na terra.

## II

EPICÉDIO NA SENTIDA MORTE DO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO  
SENHOR D. PEDRO JOSÉ DE NORONHA, MARQUÊS DE ANGEJA,  
CAMARISTA DE SUA ALTEZA REAL, ETC., ETC.<sup>9</sup>

Pranteia, ó lira triste, amadas Cinzas,  
O digno de chorar-se as Musas chorem.

Em seu templo fatal, sombrio, horrendo,  
Mais um negro troféu suspende a Morte,  
Em lágrimas, em ais, em lutos novos  
A fereza brutal recreia o Monstro;  
Roubou mais um tesouro à Natureza,  
No seio universal deu mais um golpe.  
Oh Fado! Oh Céus! Oh Dor! Noronha é morto,  
Noronha, o moço ilustre, a flor da Pátria.  
Pranteia, ó lira triste, amadas Cinzas,  
O digno de chorar-se as Musas chorem.

Dias de áurea existência! Oh puros dias!  
Infância, Elísios d'alma inda recente,  
Quadra celeste de inocência e riso,  
Quais os filhos da luz, Noronha ornastes!

---

<sup>9</sup> Epicéδιο publicado, em 1804, «por ordem superior», na Impressão Régia. Foi dedicado «ao ilustríssimo e excelentíssimo senhor conde de Vila Verde, do Conselho de Estado e ministro assistente ao despacho do gabinete do príncipe regente, nosso senhor».

Pedro José de Noronha Camões de Albuquerque Sousa Moniz (Lisboa, 7 de abril de 1771-Lisboa, Lumiar, 27 de maio de 1804), 5.º marquês de Angeja, gentil-homem da Câmara de S. M., presidente da Mesa de Consciência e Ordens e coronel do Regimento de Cavalaria do Cais, foi provedor do Hospital de São José de 1792 a 1798, sendo nomeado, a 9 de julho de 1796, conselheiro de Estado. Em «Vária», p. 468, transcrevemos a introdução de Bocage a este epicéδιο.

O conde de Vila Verde era D. Diogo José António de Noronha, tio do homenageado. Antecedem o prefácio desta obra dois versos do livro I, ode xxiv de Horácio: *Multis ille bonis flebilis occidit:/Nulli flebilior quam tibi...*

De carinhosa mãe no grémio doce,  
Em sereno repouso afigurava  
Fugido à flórea Chipre<sup>10</sup> um dos Amores,  
Que, já com asa inerte, ali pousando,  
No caro, idóneo encosto adormecera;  
Mas por entre as gentis, infantes Graças,  
Um gesto, um não sei quê, viril, sublime,  
Era de alto futuro imagem bela.  
No tenro aspeto não mentiu a imagem,  
Fiel o anúncio foi; mas ah! mentiram  
De longos dias esperanças faustas,  
E duração de flor tolheu mil frutos.  
Pranteia, ó lira triste, amadas Cinzas,  
O digno de chorar-se as Musas chorem.

Já na sação vital que os erros brota,  
Que às vezes na vontade arreiga os vícios,  
Sementes de que surge a dor e o crime;  
No tempo em que a Razão sucumbe ou treme  
Ao vaivém das paixões, ao choque, à luta,  
O mancebo exemplar susteve-as firme,  
Vedando ao coração que vícios fossem.

Ó tu, Beneficência, ó tu, Piedade,  
Sentimentos de um deus, moral de um nume!  
Almos, etéreos dons! outrora amigos  
De florescer na Terra e de enfeitá-la,  
À corrompida estância agora esquivos!  
Noronha vos gozou, Noronha, o vosso,  
N'alma suave, como as flores bela,  
Meigo afagava da Indigência o rogo.

---

<sup>10</sup> Em Pafos, cidade da ilha de Chipre, existia um templo dedicado a Vénus.

Não era estéril dó, nem vão suspiro  
O auxílio ineficaz que dava aos tristes:  
Das mãos saía o ouro, e d'alma o pranto.

Carrancudo favor, que de agro génio  
A custo vem, que à sua origem sabe,  
E a míseros mortais, prestando, amarga;  
Espinhoso favor, pesado, acerbo,  
Mais insulto que alívio ao mal que geme;  
Esse método atroz, caráter feio  
Dos nadas pelo orgulho entumecidos,  
Ou do avaro infernal (se a Natureza  
Acaso alguma vez lhe diz que é homem),  
Esse, até na virtude aferro ao vício,  
Ah! nunca desluziu semblante ameno,  
Ente querido, que merece as mágoas,  
As mágoas que a saudade extrai da lira,  
E que ao sepulcro seu choras voam.  
Pranteia, ó lira triste, amadas Cinzas,  
O digno de chorar-se as Musas chorem.

Guerreiro que respira, anela estragos,  
A quem no duro ouvido alegres soam  
Os baques de amplos muros, de árduas torres,  
A quem da Humanidade é glória o pranto,  
E são música os ais, e o sangue é néctar;  
Execrando mortal, cruento, infrene,  
Que, na voz o trovão, na dextra o raio,  
Brama, sumido em pó, sumido em fumo,  
E, torrente o suor, e os olhos brasas,  
E brasa o coração, que as Fúrias sopram,  
Por entre esquadras cem vai solto em mortes;  
Este, da Natureza horror e infâmia,  
É peste das nações, é tigre, é monstro.

Carpido objeto meu, carpido objeto  
(Ramo da planta de que reis são tronco,  
E ramo de que lágrimas são fruto),  
A fama dos heróis estreme, augusta,  
A herdada intrepidez, o avito exemplo,  
Os anais, o esplendor e o bem da Pátria  
Cingiram-te de Marte às leis ferrenhas,  
Às leis a que repugna um doce instinto,  
Uma Alma como a tua, um ser de nume.  
Ah! Se vivesses, que prodígios foram,  
Que altos prodígios teus matéria aos vates!  
Se invasora ambição, se iníqua força  
Tentassem profanar sagrados montes  
(Onde no lenho excelso um Deus foi visto,  
E um grande Rei por Ele aos Lusos dado),  
Em teu génio sem par, teu márcio brio  
Impenetrável muro a Pátria houvera!  
Aqueles de que foste o pai e o chefe,  
Que a perda tua eterna em vão deploram;<sup>11</sup>  
Aqueles que adestraste à glória, às armas,  
De ti volviam tanto, ou mais na ideia:  
Nutria o pensamento este áureo sonho,  
E o sonho se esvaiu, se foi contigo.  
Pranteia, ó lira triste, amadas Cinzas,  
O digno de chorar-se as Musas chorem.

Ai deusas dos heróis, dos sábios deusas!  
Artes, que o possuístes, que o perdestes!  
Sois vós, que ao mausoléu gemeis em torno?  
Vós sois: eu lá vos oiço, eu lá vos vejo.  
Cortado por misérrimos suspiros,  
Palpita o grato nome em vossos lábios,

---

<sup>11</sup> Nota de Bocage: «O Regimento do Cais, em que um geral e íntimo sentimento pregoa as virtudes civis e militares do seu extinto chefe.»

E ferve o coração com ele em choro.  
Aflitas lacerais os véus, as tranças,  
E, ecos mil despertando em grito e grito,  
Responde Lísia toda ao som funesto:  
Tanto a Pátria perdeu! Tal é seu dano!  
Pranteia, ó lira triste, amadas Cinzas,  
O digno de chorar-se as Musas chorem.

De imagens festivas desençada,  
Amando a cor da Morte, a cor do abismo,  
Se aos túmulos arranco a fantasia,  
Não é para dourar-lhe as atras sombras,  
É para sepultá-la em mais pavores,  
E dar-lhe a nova dor matéria nova.  
Eis da grandeza, da virtude os lares,  
Os lares paternais, a estância cara,  
Onde o cortado em flor caiu sem vida.  
Que espetáculo, oh Céus!... Oh Céus! Qu'objeto!...  
Em ânsias, em soluços, em clamores  
A dolorosa Mãe desfaz o alento!  
No Polo transparente os olhos pondo,  
Da ternura o penhor, delícia, encanto,  
O filho em vão reclama aos astros surdos!  
Ah! Como é penetrante a dor materna!  
Um ai diz mais ali que mil em outrem.  
Pranteemos, ó lira, amadas Cinzas,  
O digno de chorar-se as Musas chorem.

Que espetáculo, oh Céus! Oh Céus! Qu'objetos!  
A mãe desanimada! O pai sem alma!  
Sem alma o triste irmão<sup>12</sup>! Sem alma o grande,  
O magnânimo, o forte, o caro a todos,  
A quem num áureo nó, quase paterno,

---

<sup>12</sup> D. João de Noronha.

Suma, inefável mão prendeu contigo,  
Oh cândido mancebo, em vão chorado!  
De tantos corações saudade eterna!  
Aquele que das leis e que da Pátria  
Nos ombros, novo Atlante, o peso esteia,  
Tão firme em tudo o mais, co'a dor não pode!  
Depois de haver tragado o fel do transe,  
Que há pouco lhe arrancou porções da vida,  
Constância de rochedo, ah! fora um crime.  
Suspirem corações amargurados;  
Não é, não é de ferro a Natureza:  
Que muito que a ternura em ais se exaura,  
Quando as garras cruéis de negros males  
Se enterram na raiz do sentimento?  
Até feros leões, perdendo a prole,  
No líbico sertão de mágoa rugem.  
Pranteia, ó lira triste, amadas Cinzas,  
O digno de chorar-se as Musas chorem.

Porém qual de improviso acode à mente,  
Acode ao coração favor piedoso!  
Celeste refrigério abrange, aclara  
Espíritos que a dor sumia em trevas...!  
Que assombro! Que portento! És tu, Deidade,  
És tu, Religião...! Tu és, tu falas,  
Arcanos divinais tu me franqueias,  
Da Humanidade ó mãe, dos Céus ó filha.

Já novo cortesão de um rei mais alto,  
Mais alto, muito mais que os reis do mundo,  
Noronha, de imortal no grau brilhante,  
De Sol em Sol vagueia, e de astro em astro;  
É todo resplendor, delícia é todo,  
Porção da etérea luz: de lá co'um riso  
(Qual no florente abril não tem a Aurora)  
Aos seus, que inda no Céu lhe são mais caros,  
De amor perene, imenso, os dons envia,

Em golpes da saudade esparge o néctar,  
E sara os corações de angústia enfermos.  
Terno pai! Terna mãe! Não mais suspiros,  
Exultai, revivei, família excelsa.  
Quem no mundo carpis, no Empíreo folga:  
Torne-se em gosto a mágoa, o pranto em hinos.  
Não chores, lira triste, amadas Cinzas,  
O digno de cantar-se as Musas cantem.





**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

# EPITÁFIOS



1

De Elmano eis sobre o mármore sagrado<sup>1</sup>  
A lira em que chorava ou ria Amores.  
Ser deles, ser das Musas foi seu fado:  
Honrem-lhe a lira vates e amadores.

2

Este, com quem se ufana a pedra erguida,<sup>2</sup>  
Ah!... se encantou com sonoras cores...  
Já Bocage não é!... não sois, Amores!...  
Chorai-lhe a morte, e celebrai-lhe a vida.

---

<sup>1</sup> Publicado em *Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade, Dedicados a Seus Bons Amigos*. Lisboa: na Imprensa Régia, 1805, p. 4. Antecede este epitáfio a seguinte frase: «Se estiver nos meus Fados a próxima extinção de meus dias.» No final, um excerto da obra de Ovídio: «Quod licet, inter vos nomen habete meum.»

A *Gazeta de Lisboa*, de 6 de julho de 1805, anunciava o falecimento de Pina Manique e aquela obra do poeta: «Saíram à luz: *Improvisos de (...)* dirigidos aos seus bons amigos, a quem deve a sua subsistência. Acham-se na loja da Gazeta; na de bebidas de José Pedro, no Rossio junto à do Nicola; e em casa do autor, que mora na Rua de André Valente, n.º 11, 4.º andar, defronte da Igreja das Mercês.» Bocage não resistiu a um aneurisma e faleceu no dia 21 de dezembro daquele ano.

<sup>2</sup> Inicialmente publicado por Desidério Marques Leão in *Obras Poéticas de (...)*, t. v. Lisboa: na Imprensa de Alcobia, 1813, p. 44; consta também, com variantes, da edição de Inocência Francisco da Silva, *Poesias de (...)*. Lisboa: em Casa do Editor A. J. F. Lopes, 1853, t. III, p. 258, por nós perfilhada.



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

# VÁRIA: POESIAS E OUTROS TEXTOS



## I — TRABALHOS DA VIDA HUMANA<sup>1</sup>

*Je suis forcé de m'abaisser  
Pour me faire entendre.*

Voltaire

Se em verso cantava dantes  
O poder da formosura,  
Hoje vou chorar em verso  
Inconstâncias da ventura.

Vou pintar os dissabores  
Que sofre meu coração,  
Desde que lei rigorosa  
Me pôs em dura prisão.

A dez de agosto, esse dia,  
Dia fatal para mim,  
Teve princípio o meu pranto,  
O meu sossego deu fim.

Do funesto Limoeiro  
Já toco os tristes degraus,  
Por onde sobem e descem  
Igualmente os bons e os maus.

---

<sup>1</sup> Composição de caráter autobiográfico que relata a estada de Bocage no Limoeiro, onde recolheu a 10 de agosto de 1797, denunciado pelos seus rivais da «Academia de Belas-Letras». Depois de passar pelos cárceres do Limoeiro e do Santo Ofício, Bocage foi transferido, tendo em vista a sua reeducação, para o Convento de São Bento e para o Hospício das Necessidades, onde estavam sediados, respetivamente, os Beneditinos e os Oratorianos. Readquiriu a liberdade em abril de 1798. Seguimos a lição de Inocêncio Francisco da Silva, *Poesias de (...)*. Lisboa: na Casa do Editor A. J. F. Lopes, 1853, t. IV, p. 162.

Correm-se das rijas portas  
Os ferrolhos estridentes,  
Feroz condutor me enterra  
No sepulcro dos viventes.

Para a casa dos assentos  
Caminho com pés forçados;  
Ali meu nome se ajunta  
A mil nomes desgraçados.

Para o volume odioso  
Lançando os olhos a medo,  
Vejo pôr *Manuel Maria*,  
E logo à margem *Segredo*.

Eis que sou examinado  
Da cabeça até aos pés,  
E vinte dedos me apalpam,  
Quando demais eram dez.

Tiram-me chapéu, gravata,  
Fivelas e, desta sorte,  
Por um guarda sou levado  
Ao domicílio da morte.

Estufa de treze palmos  
Co'uma fresta que dizia  
Para o lugar ascoroso,  
Denominado enxovia.

Feçam-me, fico assombrado  
Na medonha solidão,  
E, sem cama a que me encoste,  
Descanso os membros no chão.

Mil terríveis pensamentos  
Da minha alma se apoderam,  
Gostos e bens deste mundo  
Então conheci o que eram.

Nos olhos o pranto ferve,  
No coração cresce a dor,  
E com males da fortuna  
Se mistura o mal de amor.

Quando mais me lamentava,  
Se abre de improviso a porta,  
E oiço um ânimo benigno,  
Que me alenta e me conforta.

Era Inácio<sup>2</sup>, afável peito,  
Alma cheia de piedade,  
Credor dos meus elogios,  
Por herói da humanidade.

Do amável carcereiro  
Me patenteia o desgosto,  
Diz que piedoso me envia  
Pobre, mas útil encosto.

Junta a este benefício  
A necessária comida,  
Com que sustentasse o fio  
Desta lastimosa vida.

---

<sup>2</sup> Inácio José de Moraes e Brito, desembargador, juiz do crime do Bairro do Andaluz, que o conduziu à prisão e, posteriormente, o interrogou.

Garnier<sup>3</sup> terno, sensível,  
Tu foste um núncio divino,  
Que veio tornar mais doce  
O meu penoso destino.

Os amigos inconstantes  
Me tinham desamparado,  
E nas garras da indigência  
Eu gemia atribulado;

Quando Aónio, o caro Aónio<sup>4</sup>,  
Da Natureza tesouro  
À triste penúria manda  
Eficaz auxílio de ouro.

Enquanto existir Elmano,  
Sempre, ó génio singular,  
Na sua alma e nos seus versos  
Terás honroso lugar.

Passados vinte e dois dias,  
Sofrendo mil mágoas juntas,  
Enfim por um dos meus guardas  
Fui conduzido a perguntas.

O ministro destinado  
Era o respeitável Brito,  
Que logo viu no meu rosto  
Mais um erro que um delito.

---

<sup>3</sup> Abade que dava apoio aos detidos que se encontravam no Limoeiro.

<sup>4</sup> António José Álvares, religioso que desempenhou um papel primordial, atuando nos bastidores, na libertação de Bocage. O poeta dedicou-lhe o segundo tomo das *Rimas*, um soneto composto na prisão — «Neste horrendo lugar, onde comigo» — e duas epístolas — «Foi lida, foi relida e grata e doce», em resposta a uma outra, e «A minha gratidão te dá meus versos».

Olhou-me com meigo aspeto,  
Com branda, amigável fronte,  
E fui logo acareado  
Com o meu amável Ponte<sup>5</sup>.

Portei-me como quem tinha  
Para a verdade tendência;  
Do peso da opinião  
Aligeirei a inocência.

Puni<sup>6</sup> pelo caro amigo,  
Ferido de interna dor:  
Singular sou na amizade,  
Como singular no amor.

Posto fim ao ato sério,  
O meu guia me conduz  
Para *segredo* mais largo,  
De que não tem medo a luz.

Fiquei mais desafogado,  
Mas também fiquei mais só,  
E de amargura sentia  
Soltar-se da vida o nó.

Lembrava-me a curta fresta,  
Por onde à presa matula  
Ouvia de vez em quando  
Conto vil em frase chula.

---

<sup>5</sup> André da Ponte Quental e Câmara (Ponta Delgada, 1768-*ibidem*, 1845), mais tarde, avô de Antero de Quental. Bocache residia, na altura da sua detenção, em casa deste cadete da Armada. Ambos recolheram ao Limoeiro, na sequência de uma denúncia junto da Intendência-Geral das Polícias do Reino. Pina Manique ordenou então que fosse executada uma devassa. Bocache dedicou-lhe a ode «O tirano de Roma empunha o raio».

<sup>6</sup> Defendi.

Lembrava-me a gritaria  
Que faz a corja a quem passa,  
Loucamente misturando  
O prazer com a desgraça.

Lembrava-me este catando  
Piolho, que d'alvo brilha,  
Aquele a chuchar gostoso  
Cigarro, que ou compra, ou pilha.

Um por baldas, que lhe sabe,  
Ao outro dando matraca;  
Estes cantando folias,  
Aqueles jogando a faca.

Coisas tais, que noutro tempo  
Me fariam ansiedade,  
Eram então para mim  
Estímulos de saudade.

Servindo-me de tormento  
A minha imaginação,  
Em claro passava as noites,  
Passava os dias em vão.

O meu extremoso Inácio  
Benigno me visitava,  
E com suaves conselhos  
A minha pena adoçava.

Qual foi comigo ao princípio,  
Comigo a ser continua:  
Os desgraçados encontram  
Poucas almas como a sua.

Céu, que todas as venturas,  
Todos os bens tens contigo,  
Faze que ser grato eu possa  
Ao meu benéfico amigo.

Ou tantas felicidades  
Te digna, Céu, de lhe dar,  
Quantas as razões que eu tenho  
De todas lhe desejar.

Enfim, depois de sofrer  
Tardas horas de tormento,  
Fui costumando a minha alma  
Ao solitário aposento.

O Deus criador do mundo,  
Pai, amigo universal,  
Com saudável, brando sono  
Foi-me interrompendo o mal.

Deste centro da tristeza,  
Morada das aflições,  
Fiz ao lugar das perguntas  
Inda mais três digressões.

Amo, professo a verdade;  
Nas três digressões que fiz,  
Sempre achei o amável Brito  
Mais benfeitor que juiz.

Tal tem sido a minha sorte  
Nesta dolorosa estância,  
Aonde a filosofia  
Às vezes despe a constância.

Há já quarenta e três dias  
Que choro neste degredo:  
Hei de ser muito calado,  
Costumaram-me ao *segredo*.

## II — QUEIXUMES DE AMOR E DA AMIZADE<sup>7</sup>

Ó vós, emanações da Divindade,  
Prazer, consolação das almas grandes,  
Vós, que em suaves, em mimosos laços  
Prendeis os corações e os pensamentos;  
Vós, que não só de aspérrimos costumes  
Usais purificar a Humanidade,  
Que até dos tigres que na Hircânia<sup>8</sup> rugem,  
Das serpes, dos leões que a Líbia infestam,  
Mitigais o voraz, o fero instinto:  
Ó divinos irmãos! Ó par celeste!  
Ó doce Amor! Ó cândida Amizade!  
Vingai-vos de nefandos sacrilégios,  
De mil profanações, mil torpes crimes,  
Mil horrores, que fervem, que negrejam  
Sobre vossos altares sacrossantos.  
Jove, Jove imortal, senhor do raio,  
Porque na rubra dextra o tens em ócio?  
Se as fezes, se o pior de quantos vícios  
O abrasado, espantoso abismo eterno  
Pelos ígneos vulcões arroja à terra;  
Se a vil ingratidão, se a vil perfídia  
Sofres em muda paz, e não te acordam  
A sonolenta cólera meus brados,

---

<sup>7</sup> Publicado in *Rimas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage Dedicadas à Amizade*, t. II. Lisboa: na Oficina de Simão Ferreira, 1799, p. 151.

<sup>8</sup> Região da Ásia, entre o Mar Cáspio e os montes Elburz.

Para que nova espécie de maldade  
Reservas teu furor? Se és Deus, és justo,  
E deves, como tal, vingar teu nome,  
As tuas leis vingar, vingar meus males  
Nas almas desleais, cruéis, infames  
Que o Céu com falso voto assoberbaram.  
Pune, ó Deus, pune o pérfido Mirtilo,  
Pune a traidora Ismene, objetos sejam  
Da suprema vingança inevitável  
Dois infiéis espíritos corruptos.  
Em teus sacros altares inda jazem,  
Fumegam inda as cinzas venerandas  
Do imaculado incenso que a teu nume  
Votaram minhas mãos, e as mãos da ingrata;  
Inda nas ermas grutas deste bosque  
Ressoa a voz dos ecos faladores  
Que em opróbrio da pérfida repetem  
Promessas que lhe ouvi, que tu lhe ouviste.  
Sim, por teu nome, ó Deus, sim, por teu nome,  
Por teu nome inefável a traidora  
(Tintas de pejo as faces, orvalhados  
De lágrimas de amor seus olhos meigos,  
E absortos para o Céu) jurou ser minha,  
Jurou que em deleitoso, em áureo laço,  
Em laço que Himeneu<sup>9</sup> tece à Virtude,  
Na torrente de cândidos prazeres  
Comigo engolfaria o pensamento;  
Que para sempre então na sua ideia  
Se haviam de sumir, voltar ao nada  
O Mundo, a Natureza, exceto Elmano.  
Não paga de ardentíssimos protestos,  
Em doces, em furtivos caracteres  
Imprimiu, renovou tão ternos votos.

---

<sup>9</sup> Deus do casamento.

Eu os conservo, ó Jove, eles acusam  
A maior das traições, a mais infame,  
No teu grão tribunal justiça imploram.  
Tu deves aterrar com alto exemplo  
As almas que propendem para o crime,  
E firmar na inocência os virtuosos;  
Pelo estrago dos réus, deves vingar-me:  
Quem ofende os mortais, os Céus ofende.  
A monstros que, sacrílegos, profanam  
De Amor e da Amizade as aras santas,  
Não bastam, não convêm, não correspondem  
Esses males comuns, comuns flagelos  
Com que as brutas paixões sem lei, sem freio,  
Ou atentados de remota origem  
Fulminas da estelífera morada.  
Castigos cria, inventa, e caiam, chovam  
Sobre os cruéis artífices perversos  
Da desesperação que me atassalha;  
Sim, chovam mil e mil, porém teus golpes  
Não sejam tão mortais que matem logo:  
Gradua-lhe o veneno, e dobra as forças,  
Engrossa o vital fio aos dois ingratos.  
Teimosa, penosíssima existência,  
Transcendente em tristeza, em amargura  
Aos danos da tartárea<sup>10</sup> Eternidade,  
Lhe arranque d'alma horríssonas blasfêmias,  
Que avivem teu furor e os seus efeitos.  
Ordena, sumo Deus, à torva Morte  
Que súbito em mil mortes se converta,  
Que manso e manso os pérfidos consuma:  
Séculos gire o Sol, milhões de vezes  
Negando-se aos antípodas, aclare

---

<sup>10</sup> O Tártaro, situado, de acordo com os *Poemas Homéricos*, nas profundezas do mundo, sob os Infernos.

O clima que dois monstros enxovalham,  
E inda os ache a morrer. Contudo, ó Jove,  
Se na cadeia de horrorosos dias  
Queres, para afagar-lhe o sofrimento,  
Prender-lhe, consentir-lhe algum mais doce,  
Algum menos fatal, seja esse dia  
Qual este em que as entranhas me devora  
Ciúme abrasador, porção do Inferno.  
Eia, ao som dos meus ais acode, acode,  
Eterna, pavorosa Omnipotência....  
Mas ah! Que em preces vãs a voz fatigo!  
Ó Jove, ensurdeceste! Eu não te rogo  
Que da fecunda terra me franqueies  
As mádidas entranhas, prenes de ouro;  
Não dou meu culto aos ídolos do avaro,  
E o louro dos heróis, dos reis o cetro  
Também com fátua luz me não deslumbram:  
Não quer elevação quem teme a queda;  
O que exijo, o que espero é que exercites  
Da justiça o terrível atributo,  
Faze o dever dum Deus, e estou contente...  
Mas, Céus! Que sinto em mim! Que surdas vozes  
No coração chagado me sussurram!  
Eu lhes oiço dizer: «Perdido amante,  
Frenético mortal, para que invocas  
O tremendo poder da Divindade  
Contra o doloso amigo, e contra a fera  
Por quem morres de Amor, por quem suspiras?  
Sossega, volve em ti. Crês, porventura,  
Que para a punição de enormes crimes  
Cumpre aos Céus arrojare físicos males  
Sobre a fronte odiosa dos culpados?  
A morte para os réus não é tormento,  
Dos réus a maior pena é o remorso;  
O remorso te vingue: assim defere  
Às preces dos mortais o grande Jove.»  
Ó vozes da Razão, vozes celestes,

Oráculo divino! Eu vos adoro,  
Bem que os ouvidos meus, bem que a minha alma,  
Afeitos longamente às meigas frases  
Do engano, da lisonja e da ternura,  
A salutar dureza vos estranhem.  
Basta, já torno a mim, não mais, ó Fúrias<sup>11</sup>,  
Não mais, imprecações. Perdoa, ó Jove,  
Perdoa à minha dor e ao meu delírio;  
Fui louco, errado andei nas preces minhas:  
O crime, sem que as vítimas te implorem,  
Por si mesmo justiça está bradando.  
Traidor, que em falsas mostras de virtude  
Envolveste a baixaza, a tirania,  
A cavilosa intriga, a torpe inveja,  
Da fraca Humanidade os vícios todos,  
Negros enxames que te fervem n'álma;  
Amigo desleal, que me arrancaste  
Do terno coração segredos ternos,  
Segredos que nas trevas do sepulcro  
Iriam com meus dias abismar-se,  
Se a máscara falaz não me iludisse  
Da vil simulação, da astúcia feia;  
Se a minha alma fiel, ingénua, pura  
Pudesse conceber a ideia horrenda  
Do teu crime aleivoso e detestável;  
Presumes-te feliz? És desgraçado  
Mais que o réu quando em mãos do algoz sanhudo  
Já pisa o cadafalso, ou mais que eu mesmo.  
Esse infame prazer que tens comprado  
À custa de meus ais, de teus deveres,  
Esse infame prazer em breve, ó monstro,  
Corrompido será pela vileza  
Da lisonjeira Ismene, e mais que tudo

---

<sup>11</sup> *Vd.* nota da p. 35.

Pelas pungentes garras do remorso.  
Não te cegues, traidor, não te alucines:  
O mérito não foi, foi a fortuna  
Quem chamou para ti de Ismene os olhos,  
Quem de um férvido amor me arranca o prémio.  
O sôfrego interesse, a mais indigna  
De todas as paixões, e a mais teimosa,  
Envenenou de Ismene o peito ingrato.  
Se aos Fados, como tu, devesse Elmano  
Os momentâneos dons que adora o mundo,  
Frenético de inveja, a grenha hirsuta,  
Quais as Fúrias do Inferno, arrepelaras,  
Vendo-me em almos êxtases de gosto  
Suspirando entre os braços da perjura.  
Fraudulento, infiel, não és amado,  
Não compra corações a vã riqueza,  
Cedo, cedo o verás. De longe observo  
Còos olhos da perspícua fantasia  
A catástrofe atroz dos teus prazeres.  
Lá vejo a refalsada, injusta Ismene  
Ante as aras de Pluto<sup>12</sup>, os olhos fitos  
Com feiticeiro agrado em outro objeto,  
Como tu desprezível, tosco, indigno,  
Mais pomposo, porém, mais carregado  
Dos bens que às cegas dá Ventura errante.  
Lá te vejo cair, vítima triste  
Do desdém, da cobiça, e da inconstância.  
Então conhecerás meu duro estado,  
De zelos infernais então raivando,  
Sentirás mais acerbo e mais agudo  
O remorso enterrar-se-te no peito;  
Então còo peso enorme do teu crime  
Esse vil coração todo esmagado

---

<sup>12</sup> Nota do autor: «Pluto, deus das riquezas».

Saberá que invisível mão suprema  
Pune, flagela os maus ou cedo ou tarde.

Acelera o teu voo, absorve, ó Tempo,  
Este enfadoso espaço que divide  
O dia em que lamento a minha sorte  
Do dia em que meu mal será vingado.  
Arda, escume, blasfeme, arqueje o monstro,  
De minhas aflições fatal princípio,  
Sobrepuje o seu mal aos males todos,  
Nem um só dos Mortais o atenda, o chore:  
Dos ciúmes cruéis no ardor, na raiva  
Se ensaie para os hórridos tormentos  
Com que pelo traidor no Averno esperam  
As três filhas da Noite, as negras Fúrias.

### III — A MÁRCIA<sup>13</sup>

#### IMITAÇÃO DE UNS VERSOS DE MONSIEUR PARNY

Tu, de meus amorosos pensamentos  
Secretária fiel, tu, que mil vezes  
Afagas, adormeces os desgostos  
De que semeia Amor meus tristes dias;  
Ó lira, em que estes dedos preguiçosos  
Geram sem arte a lânguida harmonia,  
Efeito da ternura e da saudade,  
Hoje teus sons patéticos se apurem  
Da amizade leal no casto seio.

---

<sup>13</sup> *Rimas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage Dedicadas à Amizade*, t. II. Lisboa: na Oficina de Simão Ferreira, 1799, p. 293.

Cândida amiga<sup>14</sup> do extremoso Elmano,  
Minha Márcia gentil, se eu a teu lado  
Te entretenho os ouvidos, e te influo  
Por eles no formoso, ebúrneo peito  
O encanto da suave melodia,  
A maga sensação das almas belas;  
Se te aprazem meus versos inocentes,  
Se teus olhos brilhantes como os astros  
Volves benignamente ao grato amigo,  
\* Que externas perfeições de que és tão rica<sup>15</sup>,  
\* Que o virgíneo candor te não profana  
\* Com torpes, sequiosos pensamentos,  
\* E, nos dons da tua alma embelezado,  
\* Como se ama no Céu, no mundo te ama;  
Se a teus mimosos lábios, quando as Musas  
Nas ternas aflições vêm consolá-lo,  
Sorriso aprovador merece Elmano;  
Se no mole regaço deleitoso  
Acolhes do teu vate a doce lira  
Quando os sons lhe falseia a mão dormente,  
Que tenho com os mais, que têm comigo?  
Que me importam, querida, a voz da Fama,  
\* As críticas do sábio, as invetivas  
\* Dos Zoilos vis, dos Bávios<sup>16</sup> de Ulisseia,  
\* Galhas que entre pavões se não confundem,  
\* Inda que astutas, iludindo os néscios,  
\* Vestem pomposas, fulgurantes plumas?  
Ou que me importa o público juízo?  
Amante, e não autor, desdenho, ó Márcia,  
Uma inquieta glória, um árduo nome;

---

<sup>14</sup> Nota do autor: «Esta palavra deve entender-se em sentido honroso, como no original.»

<sup>15</sup> Os asteriscos são utilizados pelo poeta para assinalar os versos em que se afasta do texto de Parny.

<sup>16</sup> Bávio, poeta latino que morreu em 35 a. C., desconsiderado por Virgílio na terceira «Bucólica», verso 90.

Nada sou: minha Musa, às vezes leda,  
Leda, ou antes cansada de carpir-se,  
Cuida somente em adoçar meus males,  
Os séculos por vir, e o seu não teme.  
Pungidos de fantástica vaidade,  
Outros lidem, padeçam, velem, suem,  
Matem-se, por viver além da morte,  
Que eu não quero comprar, como eles compram,  
Imaginários bens por males certos.  
Fagueira, linda Márcia, quando o Fado  
Vier cõa negra mão tocar meu rosto,  
Sumir-me para sempre a luz do dia,  
Quando teus braços melindrosos derem  
Suave encosto à lânguida cabeça  
Do descorado, moribundo amigo,  
E os frouxos olhos seus, metade abertos,  
Turvo clarão vital forem perdendo;  
Quando enfim minhas mãos em vão tentarem  
Secar teus prantos, serenar teus olhos,  
Fitos no leito da benigna Morte,  
E, à boca o solto espírito acudindo,  
Colher nessa, que adoro, o derradeiro  
Ósculo teu, dulcíssimo e piedoso,  
Não, não permitas que funérea pompa  
Me alumie a serena escuridade,  
Nem que, por mãos venais alvoroçado  
O bronze atroador, publique a todos  
Que mais um dos mortais volveu à terra.  
No meu asilo incógnito e seguro,  
Vivendo para os outros indif'rente,  
Sobre as minhas ações um véu lhe corro.  
Qual fui na vida quero ser na morte,  
Contanto que a fiel, a afável Márcia  
Dê honra às cinzas do amoroso Elmano  
Com suspiros, com lágrimas, e habitem  
Memórias minhas na memória dela.  
Tu, dos cuidados meus primeiro objeto,

Anália desleal, encantadora,  
Que do vário Martínio te cegaste,  
Ouvindo que morri, talvez que folgues.  
Depois que a Morte amiga houver talhado  
De meus dias fatais a débil teia,  
Depois que mudo e fúnebre jazigo  
Meus males encerrar, e os meus extremos,  
Ide, Amores gentis, onde verdeja  
A amena, salutífera Colares,  
De mil benignos zéfiros lavada,  
E ante a falsa que adoro ali pousando,  
Dizei-lhe: «Exulta, ingrata, Elmano é morto,  
Mas o Céu tem poder, justiça e raios,  
O Céu castigará teu vil perjúrio,  
O Céu...» Não, sumo Jove, eu lhe perdoo,  
Eu perdoo ao meu bem, não, não me vingues,  
Antes aos puros, luminosos dias  
De que ela goza em paz, antes, ó nume,  
Une os dias de gosto e de ventura  
Que eu desfrutara, se a cruel não fosse.

#### IV — ARENEU E ARGIRA<sup>17</sup>

##### METAMORFOSE ORIGINAL

Estro de Ovídio, seguirei teus voos,  
Se não me é dado emparelhar contigo.

Depois que de Tessália<sup>18</sup> o rei piedoso  
As pedras converteu na espécie humana<sup>19</sup>,

---

<sup>17</sup> Publicado em *Rimas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage Dedicadas à Amizade*, t. II. Lisboa: na Oficina de Simão Ferreira, 1799, p. 354.

<sup>18</sup> Grécia.

<sup>19</sup> Deucalião, filho de Prometeu.

Quando já pela frágil Natureza  
De novo a corrupção lavrado havia,  
A moral corrupção que gera os crimes;  
Quando para viver cumpria ao Homem  
Suando exercitar custosa indústria,  
Lá perto do Peneu<sup>20</sup>, tão caro às Musas,  
Num retiro assombrado de mil plantas  
Tinha o rude Areneu seu tosco albergue.  
Apenas cinco lustros numerava,  
Era de alta estatura e de ágil corpo,  
De estranha robustez, feições grosseiras,  
Olhos ardentes e cabelo escuro.  
Febo lhe enegrecera as mãos e as faces  
No fragueiro exercício em que lidava,  
Seguindo e derribando ou ave ou fera  
Com setas, que jamais o objeto erraram.  
Extintos os irmãos, os pais extintos,  
Na agreste solidão vivia o moço,  
Ora subindo as empinadas serras,  
Ora os confusos bosques indagando  
Enquanto o fulvo Sol nos céus luzia;  
E apenas desdobrava a muda noite  
Sobre os ares subtis seu véu lustroso,  
Volvia à choça o rústico mancebo,  
De sanguíneos despojos carregado.  
Só nisto, por efeito do costume,  
Embebido trazia o pensamento,  
Ignorava as paixões da Natureza,  
Até desconhecia a mais ardente,  
A mais encantadora, a mais funesta.

---

<sup>20</sup> Deus-rio da Tessália, filho de Oceano e de Tétis.

Mas, ah tirano Amor! Ou cedo, ou tarde  
É forçoso aos mortais sofrer teu jugo;  
Amor, tu és um mal que fere a todos: Longa exp'riência contra ti não vale,  
Ou Virtude, ou Razão, só vale a Morte.  
Viste o ledo Areneu no lar campestre,  
Viste-o sem ti, cruel, gozar mil frutos  
Das suadas, aspérrimas fadigas,  
E, isento de memórias importunas,  
Moles sonos gostar no leito ervoso.  
Súbito, enraivecido, impaciente  
De que inda alguém feliz no mundo houvesse,  
Olhaste de través o alegre moço,  
Males dignos de ti depois lhe urdiste.  
Em venatórias artes doutrinada,  
Anexa ao coro da imortal Diana<sup>21</sup>,  
Corria a bela Argira o vale e o monte.  
Nos olhos tinha a cor formosa e viva  
De que se veste o céu na primavera;  
À discrição dos Zéfiro as tranças,  
As tranças, por si mesmas enfeitadas  
Com lúcidos anéis, com áureas ondas,  
Se ao Sol se expunham, como o Sol brilhavam;  
Eram, lácteo jasmim, purpúrea rosa,  
Tão alvas como vós e tão coradas  
Da loira semideia as brandas faces;  
Cândido pejo, virginal sorriso  
Nos lábios lhe pousava entre os Amores  
(Amores que inspirava, e não sentia);  
Tinha de neve as mãos, de neve as plantas,  
E o seio tentador mais belo ainda  
Que o da Cípria deidade<sup>22</sup>, e não tocado.  
O frio, o vento, o sol jamais ousaram

---

<sup>21</sup> Deusa da caça, filha de Júpiter e de Latona, irmã de Apolo.

<sup>22</sup> Vénus.

Crestar-lhe, endurecer-lhe a tez mimosa:  
Realçava estes dons a flor da idade,  
E ao ver-se aquele assombro, ó Natureza,  
Estranho então se achou que o teu sublime,  
Engenhoso poder chegasse a tanto.  
Descendente de origem mais que humana  
(Também não longe do Tessálio rio),  
De mil dignos amantes cobiçada,  
E às conjugais delícias insensível,  
Não quis ir de Himeneu<sup>23</sup> no altar brilhante  
Sacros votos firmar co'a voz e a dextra,  
Ilesa conservando a flor suave  
Que, envolta em brandos ais, colheis, Amores.  
Com estas perfeições, com estas graças  
Tramou vingança crua o páfio nume<sup>24</sup>  
Ao livre caçador que, errando um dia  
Em ermo bosque de viçosos louros,  
Argira viu luzir por entre a rama,  
Argira, que das Ninfas se perdera  
E que à benigna sombra de um loureiro  
Repousava do acérrimo exercício,  
Temendo a força do Apolíneo raio,  
Que ardia no azulado, etéreo cume,  
E tendo a par de si na ervosa terra  
O luzente carcás, vazio, em dano  
Das selváticas feras que avistara.  
Morno suor em cristalinas gotas  
Pelo virgíneo rosto escorregando,  
Resplandecente aljôfar parecia;  
O cansaço, o calor nas lisas faces  
As rosas e os encantos lhe avivava:  
Tal, e menos formosa, a casta Cíntia,

---

<sup>23</sup> Deus do casamento.

<sup>24</sup> Cupido.

Depois de ter vagado as agras serras,  
Descansa do arvoredado ao fresco abrigo,  
Ou entre o lindo coro ou solitária.  
Destarte ali jazia a virgem bela,  
Quando o incauto Areneu, que mal presume,  
Que mal crê por si mesmo ir enredar-se  
No laço com que Amor sagaz o espera,  
Curioso, amparando-se das plantas,  
Vai manso e manso, e por detrás de um tronco  
(Sem que o sentisse o perigoso objeto),  
No perigoso objeto os olhos firma.  
Desgraçado! Imprudente! Ah, que fizeste!  
Ei-lo aceso, ei-lo atónito, ei-lo absorto,  
Ei-lo encantado, e trémulo, e perdido;  
Repentino fervor lhe escalda o peito,  
Lhe anseia o coração, lhe tinge o rosto.  
«Que assombro, oh Céus! Que divindade é esta!  
(Consigno o moço diz) será dos bosques  
A deusa pudibunda, irmã de Febo?  
No traje, no carcás e em formosura,  
Em gestos o parece... oh Céus! Oh deuses!  
Que encanto! Que beleza!... Eu ardo... eu morro.»  
Nisto, arrancando um férvido suspiro,  
Assusta a clara Ninfa, que, volvendo  
Os olhos de repente ao som queixoso,  
Te vê, mísero amante, e, visto apenas,  
Solta um ai, lança mão do ebúrneo coldre,  
E vai por entre as árvores fugindo,  
Mais pronta, mais veloz do que os ligeiros,  
Silvestres brutos de ramosas fronte.  
Qual ficaste, Areneu, vendo esconder-se  
Aos olhos teus o encanto de teus olhos!  
Longa perturbação prendeu-te as plantas,  
Sem cor, sem voz, num êxtase, num pasmo,  
Qual devia infundir-te o raro objeto,  
O deixaste voar; depois, saindo  
Do letárgico espanto em que jazias,

Seguiste acelerado a doce causa  
Do teu mal, dos teus ais, mas já foi tarde;  
Já co'a turba gentil se tinha envolto  
Das alvas companheiras, e com elas  
Voltado ao bosque da Latónia<sup>25</sup> deusa.  
Quão saudoso, frenético, anelante  
O infeliz amador se acolhe aos lares!  
Ali arde, ali geme, ali pranteia,  
Ali, sempre em cruel desassossego,  
Desvelado e carpindo, as noites perde.  
Apenas as manhãs no céu roxeiam,  
Em vez de prosseguir o usado officio,  
Torna ao sítio funesto onde espreitara  
O caro enlevo de seus olhos tristes;  
Torna, mas sempre em vão, não vê nem rasto  
Que ao das queridas plantas se assemelhe.  
Dias e dias no lugar danoso,  
E pelas densas matas circunstantes  
Pragueja contra si, delira e freme;  
Até co'um fero impulso às vezes tenta  
Amolado farpão cravar no peito,  
Mas acode a benéfica Esperança  
E com destro pincel na fantasia  
Lhe pinta de mil júbilos vindouros  
A cena, o quadro, a sedutora imagem;  
De faustas ilusões lhe doura a mente,  
Finge-o nos braços da risonha amada,  
E assim lhe inova o sofrimento exausto.  
Mas nem sempre, Esperança encantadora,  
Tens arte que alucine os desgraçados.  
Cansou de se fiar o ansioso amante  
Nas vãs consolações, nas vãs promessas  
Com que adoçavas o ácido veneno

---

<sup>25</sup> Diana, filha de Júpiter e de Latona.

De teimosa paixão que o perseguia;  
Cansou de se fiar e, abandonado  
Ao agro desengano o peito aflito,  
A raiva em languidez se lhe converte.  
Sempre encerrado na colmada estância,  
A gemer e a chorar, de dia em dia  
O afanoso Areneu se vai finando.  
Amor, que do áureo trono, onde promulga  
As despóticas leis, vê toda a Terra,  
Todos os corações, pôs nele os olhos:  
Viu-lhe a consternação, viu-lhe os tormentos,  
E piedoso uma vez, e arrependido  
Dos danos que forjara ao moço triste,  
Mudou de condição, quis dar-lhe alívio.  
Eis, qual ave de Jove, estende as asas,  
Eis esvoaça, e parte, e chega, e pausa  
Ante o tugúrio de Areneu choroso,  
Que, à porta reclinado, envolto em ânsias,  
Com roucas preces invocava a Morte.  
«Esmorecido amante (o deus lhe clama),  
Que desesperação, que vil fraqueza  
Tomou posse de ti! Que é da ousadia  
Com que por entre as selvas, acoçando  
Cerdosos javalis de agudas presas,  
Mil e mil vezes afrontaste a Morte?  
Frágil mulher te afraca e te consterna!  
Eia, recobra alento. Eu sou de Vénus  
O filho omnipotente, inevitável,  
Eu mando em corações, em pensamentos,  
Eu sou autor de bens, autor de males,  
E se dispus teu mal, teu bem disponho.  
A dura negação que dantes vira  
No rude génio teu para seguir-me,  
E o desuso em que estou de achar quem prove  
Dissabores sem mim, sem mim prazeres  
Me instou a maquinar-te o precipício,  
E logo apercebi teu cativo

Nos olhos da melhor de quantas Ninfas  
À deusa das florestas se votaram;  
Mas notando por fim como em teu peito  
Pouco a pouco a paixão vai sendo morte,  
Quero atalhar-lhe o trágico progresso,  
E contigo aplacado, afável, pio,  
Secar teus prantos, serenar teus dias,  
De lúgubre tristeza anuviados.  
Vem, que eu te guio ao ídolo que adoras,  
Que rastejaste em vão por esses bosques.  
À hora em que te falo, à hora amena  
Em que o férvido Sol no mar se apaga,  
Num fresco e puro lago é seu costume,  
Por efeito da calma e do cansaço,  
Banhar sozinha os delicados membros,  
Que, em virginal modéstia requeitando,  
Nem permite às silvestres companheiras  
Olhar-lhe nus os cândidos tesouros,  
E só tendo findado a lida agreste,  
E dito adeus às mais, demanda o lago.  
Aprovo que lhes negue a doce vista  
Das altas perfeições de que é ciosa;  
Só compete essa glória aos meus mimosos,  
Só a ti, meu valido, a ti somente.  
Não receies o enfado, a resistência,  
O desdém pertinaz da inculca virgem,  
O aferro com que exerce as leis de Cíntia:  
São brandas as que dou, cruéis as dela.  
Meu fogo, meu poder, teus ais, teus prantos,  
A Natureza, os Céus por ti combatem,  
Que nem Jove imortal de mim se esquiva.  
Reina em muito a Fortuna, Amor em tudo:  
Dela os bens, os bens dele extrai a audácia.  
O acanhado temor convém que expulses;  
Exaure os mimos, a ternura, as preces,  
E se os mimos, se as preces, se a ternura  
Baldadas forem, não o seja a força.

Obstáculos não há que Amor consinta,  
Todos, todos por mim serão vencidos;  
E se um de meus farpões, arremessado  
Contra a nossa inimiga insana e bela,  
Não vai ferir-lhe o coração rebelde,  
Dispô-lo a teu favor e amaciá-lo,  
É por te não roubar a imensa glória,  
O gosto de a render sem que eu te acuda  
Com toda a força minha. Eia, não tardes,  
Vem, que é próprio o lugar, e Amor te guia.»  
Nisto, o facho invisível sacudindo,  
E com ele roçando-lhe no peito,  
Desusado vigor, ardência estranha  
Ao frouxo coração lhe comunica.  
Já folga, já se apresta, ufano e ledó,  
O cobiçoso amante, e segue o nume,  
Quase igualando na carreira o voo.  
Por milagre de Amor, que o guia, em breve  
Vence a longa distância, avista o lago.  
Jaziam na raiz de alpestre serra  
As incorruptas águas transparentes,  
De que o vasto depósito arenoso  
Só tinha pouco fundo ao pé das margens.  
Deserto era o lugar, fechado em roda  
De mistas, densas árvores, e idóneo  
Ao tímido pudor da virgem bela.  
Antes de a divisar por entre as plantas  
Amor e o sócio, sem que os visse Argira,  
Havia a casta Ninfa retirado  
Do lago venturoso as alvas carnes  
E repostas as ligeiras vestiduras:  
Assim do imaculado, amável corpo  
A vedada, recôndita beleza  
Teus olhos, Areneu, não profanaram.  
Co' a vista imóvel nas imóveis águas,  
À margem ceterior do lago ameno  
Abstrata refletia a semideia

(Era a meditação talvez presságio  
Do iminente perigo!); ainda em terra  
O formoso carcás lhe reluzia,  
Por onde agudas setas apontavam.  
Amor, para frustrar-lhe a resistência,  
A distração da Ninfa aproveitando,  
Mais veloz que o relâmpago, e mais leve  
Que os Favónios subtis, adeja, furta  
Os nocivos farpões no rico estojo  
(Tudo é fácil a um deus, não foi sentido),  
Torna com ele, oculta-o entre o mato,  
E diz com mansa voz, com voz suave  
Ao mancebo (que atónito ficara  
Da vista encantadora): «O que desejas  
Ali tens. Solta o freio a teus suspiros,  
As lições que te dei vai pôr em uso.»  
Cala-se e, já co'a mente em mais empresas,  
Dele se aparta, some-se, voando.  
Destas palavras Areneu pungido,  
À pressa para a Ninfa os passos move.  
Ela, ao sentir pisadas, volta os olhos,  
E, vendo-o já propínquo<sup>26</sup>, receosa  
(Qual se fora de um sátiro assaltada),  
À aljava quer lançar as mãos de neve,  
Mas da aljava o sinal só vê na areia;  
E, em súbito furor arrebatada,  
Inda que ao caçador pende dos ombros  
Carcás do seu diverso em cor e em forma,  
Se alucina, se abstrai, baldões profere,  
De infame roubador, de vil o acusa.  
«Não, não sou roubador (ele a interrompe),  
Sou teu amante, escravo de teus olhos,  
Vítima da ternura», e prosseguindo,

---

<sup>26</sup> Próximo.

Com vivíssimo ardor lhe expõe, lhe afirma  
As ânsias, as saudades, os delírios,  
Os males que sofreu depois que a vira.  
Ousa mais: de consorte a mão lhe pede,  
Da austera irmã de Febo as leis condena,  
Jura que a lei de Amor só é ligada,  
Só conforme à Razão e à Natureza;  
Blasona, ostenta de afoiteza e de arte,  
Outro Oríon<sup>27</sup> se diz, e por mil modos  
Quer atrair a indómita donzela,  
Insta, para apiedar-lhe o génio duro.  
Ela, que ouviu suspensa, e como absorta,  
As ternas expressões do audaz amante,  
Só, e não tendo ali com que puni-lo  
(Já suspeitosa de amoroso insulto),  
Em fogo os olhos, arrugada a testa,  
Com raiva lhe gritou: «Não mais, insano!»  
E à fuga se dispôs; mas o mancebo,  
A que um tal desengano as ânsias dobra,  
Quase fora de si, lhe impede o passo.  
E, depois que outra vez deu uso aos rogos,  
Aos requebros e aos ais, porém sem fruto,  
As ternuras vertendo em ameaços,  
Carregado o semblante, a voz pesada:  
«Insensível! Feroz! Oh penha! Oh tigre!  
Oh bárbara inimiga! (o cego exclama)  
Se a Amor não cedez, cederás à raiva.  
Anui a meu desejo, a meus extremos,  
Ou...» Convulsa de horror ao som terrível  
Destas vozes cruéis, a semideia  
Còos vagos olhos todo o sítio corre:  
Vê dum lado a lagoa, a serra ingente,  
E o frenético amante do outro lado,

---

<sup>27</sup> Nota do autor: «Caçador famoso na Antiguidade.»

Vê que fugir não pode, e neste aperto  
(Fitos nos Céus os maviosos lumes),  
«Ó leis augustas da imortal Diana!  
Santas leis do pudor! Dever sagrado!  
A vós me sacrifico.» Assim falando,  
Arremessa-se ao lago a malfadada  
Co' a pressa com que o raio a nuvem rompe.  
Ao vê-la baquear, sumir nas águas  
Súbito acode o moço arrebatado.  
O brunido carcás e o arco arroja,  
Lança-se após a Ninfa e, mergulhando  
(Que as ondas qual delfim cortar sabia),  
Depois de estar oculto alguns momentos,  
O lindo corpo amado extrai sem alma.  
Eis, com ele nos braços sobre a areia,  
À desesperação e à dor se entrega:  
Vê-se autor da tragédia lastimosa,  
Sem lume os olhos vê que lhe eram vida;  
Vê na face macia e puro seio  
Formosa a palidez, formosa a morte;  
Chora, soluça, aplica os frouxos lábios  
À gentil, muda boca, e nela imprime  
Beijos... ah! beijos bem diversos desses  
Com que o sôfrego Amor se apraz, se encanta;  
Até que suportar já não podendo  
O peso da misérrima existência,  
Num transporte, num ímpeto invencível,  
Co' a mão convulsa pelo peito enterra  
Pontiagudo virote, e cai, e expira  
Junto da Ninfa, que, morrendo, abraça.  
Foi seu ai derradeiro a Amor voando,  
Da catástrofe atroz foi dar-lhe aviso,  
E o nume enganador, que aceso andava  
Com guerra em que alta glória obter podia,  
Mal que ouviu no suspiro o triste anúncio  
Desistiu por então da grande empresa,  
E ao teatro voltou do caso acerbo.

Lá, no horrendo espetáculo atentando,  
Colige dos sinais e circunstâncias  
Que de Argira o rigor e a pertinácia  
Foram causa fatal da morte de ambos.  
Dá-se por gravemente injuriado,  
A sua onnipotência a si convoca,  
Avizinha-se aos dois, e por castigo  
Da fera ingratidão, do amargo insulto  
Em feia rã loquaz converte a Ninfa,  
Para que no lugar onde acabara,  
Para que, às mesmas horas em que altiva  
Ousou baldar-lhe os fins, baldar-lhe os gostos,  
Começasse a rogar, porém vãmente  
Com voz descompassada aos Céus vingança,  
Tendo sempre em memória azeda e viva  
O seu antigo ser e o lance infausto.  
Já se vai apoucando o níveo corpo,  
Despe a cor, perde a forma e, recebendo  
Nova respiração, vozeia e salta  
No lago cristalino. Amor, entanto,  
Pago, ufano de si, de estar vingado,  
C'ôm ar piedoso a vista apenas lança  
Ao mancebo infeliz, e o deixa, e voa:  
Tão mesquinha em Amor é a piedade!  
Indo a cruzar um prado, acaso à dextra  
Dirige os olhos, que o luar lhe ajuda,  
E descortina sobre a relva amena  
A gozar da frescura em ócio brando  
Délia formosa c'ôas sequazes Ninfas,  
Já descontentes de tardar-lhe a sócia.  
C'ôm íntimo despeito as olha, as mede,  
E por dar-lhes pesar, por dar-se glória,  
Librando-se nas asas cor de fogo,  
Narra-lhe em breves, empolados termos  
Qual fora a morte, a punição de Argira,  
E nos ares, a rir, desaparece.  
De lágrimas se banha o belo coro

Apenas ouve o deplorável caso.  
Eis que de Apolo a irmã lhes diz que a sigam,  
E com elas caminha ao fatal sítio,  
De vingativo impulso estimulada.  
Chega, observa na areia as tristes provas  
Da tragédia cruel, olha o virote  
No peito de Areneu todo entranhado,  
E disto não contente, e ainda irosa  
Da ação de Amor e intrepidez do amante  
Co' a Ninfa mais prezada e mais pudica  
De quantas pelos bosques a acompanham,  
Para a desagruar, para vingar-lhe  
Tanto a transformação como a virtude  
(Reparar não podendo o dano injusto,  
Porque as obras de um deus nenhum desmancha),<sup>28</sup>  
Portentosas palavras murmurando  
Contra o corpo sanguento, o pisa, o muda  
Na ave importuna que prevê desastres,  
Difunde agouros, aborrece o dia,  
E, quando vem do lóbrego Ocidente  
A fusca Noite semeando horrores,  
Ou nas árvores pousa, ou entre as fragas,  
Onde, enquanto arrancais, ó rãs limosas,  
Enfadoso clamor que atroa os ares  
(Do que era e do que amou saudosa ainda),  
Até que aponta no horizonte a Aurora,  
Em voz desconcertada está carpindo  
Seu miserando amor, seu negro fado.

---

<sup>28</sup> Nota do autor: «*Neque enim licet irrita cuiquam / Facta Dei fecisse Deo.* Ovídio, *Metamorfoses*, Livro III.»

## V — A FILINTO<sup>29</sup>

Zoilos, estremecei, rugi, mordei-vos:  
Filinto, o grão cantor, prezou meus versos.<sup>30</sup>

Sobre a margem feliz do rio ovante<sup>31</sup>,  
Donde, arrancando onnipotência aos Fados,  
Universal terror vibrando em raios,  
Impôs tropel de heróis<sup>32</sup> silêncio ao globo,  
O imortal corifeu dos cisnes lusos  
Na voz da lira eterna alçou meu nome<sup>33</sup>.

Adejai, versos meus, ao Sena, ufano  
De altos, fastosos, marciais portentos,  
E, ganhando amplo voo após Filinto,  
Pousai na Eternidade em torno a Jove.  
Eis os tempos, a inveja, a morte, o Letes  
Da mente, que os temeu, desaparecem.  
Fadou-me o grão Filinto, um vate, um nume:  
Zoilos! Tremei. Posteridade! És minha.

---

<sup>29</sup> Publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 22. Este poema, cirurgicamente, não foi incluído no índice daquela obra, o mesmo acontecendo na edição de 1806.

Filinto Elísio (Lisboa, 1734-Paris, 1819) foi um dos escritores mais representativos da época. Perseguido pelo Santo Ofício, viu-se compelido a demandar o exílio em França. Legou-nos uma extensa obra poética, tendo cultivado também a tradução.

<sup>30</sup> *Vd.* p. 657.

<sup>31</sup> O Sena.

<sup>32</sup> Referência às campanhas vitoriosas de Napoleão.

<sup>33</sup> Nota do autor: «Com a ode que me dirigiu, e que vem no segundo tomo das *Poesias de Filinto*, impressas em Paris.»

VI — À ILUSTRÍSSIMA E EXCELENTÍSSIMA SENHORA CONDESSA  
DE OYENHAUSEN<sup>34</sup>

*Queste mie carte in lieta fronte accogli,  
Che quasi in voto a te sacrate io porto.*

Tasso, *Jerusalém Libertada*,  
canto I, estância IV

À Cantora imortal, deusa da lira,  
Que exprime em áureos sons, em metro augusto  
O que é digno de Jove, ou digno dela;  
À Cantora imortal, de Lísia esmalte,  
A mente e o coração consagra Elmano.

Mulher deidade! Majestosa Alcipe<sup>35</sup>!  
Ó Grande! Ó primogénita de Febo!  
Prospera a glória minha à sombra tua,  
Abrega os versos meus, que vão meus versos  
De honrosa Eternidade a ti sedentos:  
Aos vates parte dela é teu sorriso.

---

<sup>34</sup> Publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 3.

Leonor de Almeida, Marquesa de Alorna (Lisboa, 1750-*ibidem*, 1839), protetora de Bocage, distinguiu-se na época pela sua poesia depurada e pelos salões literários que organizou. Em 1802, Pina Manique intimou-a a sair do reino no espaço de 24 horas. A escritora viajou então para Madrid e, posteriormente, para Londres, onde residia quando teve conhecimento desta composição de Bocage.

<sup>35</sup> Pseudónimo literário da Marquesa de Alorna, que lhe terá sido sugerido por Filinto Elísio.

## VII — ADIVINHAÇÕES<sup>36</sup>

1

Bem que pareço a verdade,  
Torno a verdade ilusão:  
Queria o mesmo Apeles<sup>37</sup>  
Ter a minha perfeição.

2

De meu nome no começo  
Inculco ser principal;  
No resto em sombra esmoreço,  
E com meu nome total  
Ainda a sombra apeteço.

3

Que é de mim tudo coberto  
Em parte de mim se entende,  
Noutra parte a vida esperto,  
E se inteiro alguém me ofende,  
Morre meu dono decerto.

---

<sup>36</sup> Publicadas por Pato Moniz in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...), Tomo IV e 1.º das Suas Obras Póstumas*. Lisboa: na Impressão Régia, 1813, p. 100.

<sup>37</sup> Famoso pintor grego, que viveu no século IV a. C.

4

Haver em mim luzimento  
Depende de qualquer mão;  
Engulo e não me alimento,  
Porque estranhos, que sustento,  
Comem tudo o que me dão.

5

Sendo insensível, de um bruto  
Uso andar acompanhada,  
E, sendo sensível, fui  
Ou sou co'um homem ligada.

6

Quem me observa e quem m'escuta  
Diversas coisas me crê:  
Sou imperfeita a quem me ouve,  
Sou perfeita a quem me vê.

7

Amam-me tanto nas sombras  
Quanto na luz se enfastiam;  
Em mim acabam-se muitos,  
Muitos em mim principiam.

## VIII

Quando os povos da Dalmácia<sup>38</sup>  
Quiseram entrar na Grécia,  
Saiu muita gente sécia  
Da casa do rei da Trácia.  
Estes, temendo a falácia  
Dalguns pimpões da Fenícia,  
E receando a malícia  
De gente tão pouco sócia,  
Se foram embora para a Beócia.  
P'ra se curar da icterícia.

## IX

Cansado de dissabores,<sup>39</sup>  
Morre-se aqui sem tristeza;  
Dormir coberto de flores  
No seio da Natureza  
Doura, ó Morte, os teus pavores.

---

<sup>38</sup> Décima, improvisada, atribuída a Bocage, publicada em *Branco e Negro*, n.º 89, de 12 de dezembro de 1897, e no *Almanaque da Parceria A. M. Pereira para o Ano de 1913*. Uma cópia desta composição encontra-se no espólio de Fernando Pessoa e foi publicada em *Poemas de Álvaro de Campos*, edição de Cleonice Berardinelli. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 368. Considerando que Fernando Pessoa tinha 12 anos à data da publicação deste poema na referida revista, deve concluir-se que não se trata de uma composição sua.

<sup>39</sup> Quintilha publicada in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, edição de Pato Moniz, vol. IV, p. 95.

X — NA MORTE DE MINHA SOBRINHA,  
EM 28 DE MARÇO DE 1805<sup>40</sup>

Trocando amargas horas  
Por doce eternidade,  
Gemeu co'a Natureza,  
Folga co'a Divindade.

O que é nos Céus contemplo,  
Contemplo o que era aqui:  
Gemi, porque gemia,  
Rio, porque ela ri.

XI — OITAVA IMPROVISADA<sup>41</sup>

Ouviu do Rei dos reis a voz sagrada  
Da lusa monarquia o rei primeiro,  
E aos duros golpes da tremenda espada  
Fez que mordesse a terra Ismar<sup>42</sup> guerreiro;  
Alta promessa pelo nume dada

---

<sup>40</sup> Publicado por Nuno Álvares de Pato Moniz in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...), Tomo IV e 1.º das Suas Obras Póstumas*. Lisboa: na Imprensa Régia, 1813, p. 95; e por Inocêncio Francisco da Silva, in *Poesias (...)*, vol. III, p. 259, lição que perfilhámos. Em nota ao soneto «No abismo tragador da Humanidade», publicado, em 1805, nos *Novos Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade*, o poeta registou: «Na propriedade de que habito um dos andares, têm morrido, há quatro meses, um homem de mais de sessenta anos, uma das minhas sobrinhas, de idade de cinco, e, ultimamente, uma moça de dezoito.» Refere-se, cremos, a uma filha de Ana das Mercês Barbosa du Bocage e de João do Prado Homem da Cunha d'Essa.

<sup>41</sup> Título que consta da edição de Desidério Marques Leão, *Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage*. Lisboa: na Imprensa de Alcobia, 1813, p. 127. Este poema foi também publicado por Inocêncio Francisco da Silva in *Poesias de (...)*. Lisboa: em Casa do Editor A. J. F. Lopes, 1853, t. III, p. 248. Optámos pela última versão mencionada.

<sup>42</sup> Rei das forças muçulmanas derrotadas, em 1139, na Batalha de Ourique (v. *Crónica de El-Rei Dom Afonso Henriques*, de Duarte Galvão).

Manterá Portugal feliz e inteiro;  
Voai à guerra, à glória, ilustre gente!  
Um Deus vos chama sua, um Deus não mente.

## XII — POEMA ATRIBUÍDO A BOCAGE <sup>43</sup>

Nume que tens do mundo o regimento,  
Se amas o bem e odeias a maldade,  
Como vejo eu como prémio a iniquidade  
E desprezado o são merecimento?

Como hei de crer que um imortal tormento  
Castigue uma mortal leviandade,  
E que seja alta ciência, amor, piedade,  
Expor-me ao mal, sem meu consentimento?

Guerras cruéis, fanáticos tiranos,  
Mortes, terrores e moléstias tristes  
Enchem o curso dos pesados anos.

Se és Deus, e isto prevês, e assim persistes,  
Ou não fazes apreço dos humanos,  
Ou qual te dizem não és, ou não existes.

---

<sup>43</sup> José Leite de Vasconcelos publicou na revista *Pantheon* (Porto), n.º 23, 1881, p. 371, um poema que, na sua opinião, poderá ser de Bocage. Porém, não nos parece que o seja, porquanto o poeta nunca pôs em causa a existência de Deus.

XIII — PRÓLOGO DE *RIMAS DE MANUEL MARIA*  
*DE BARBOSA DU BOCAGE, CORRETAS*  
*E AUMENTADAS, T. I*<sup>44</sup>

Nada tão usual como os prólogos, nada tão inútil. Eles são comumente um frívolo ardil, de que se vale o autor, ou vaidoso, ou tímido, para alardear do seu mérito ou para dourar defeitos que ele mesmo conhece: baldado artifício! O merecimento da obra é o seu protetor, e o público, inexorável à submissão, se assanha com o orgulho do escritor enfunado. Eu, nem soberbo, nem humilde, faço a segunda edição das minhas poesias com o ânimo igualmente disposto para o louvor e para a crítica, que não falham nem ao bom, nem ao mau; porque a maior parte dos homens julga mais com o coração que com o entendimento. Se, arrastado da torrente do costume, eu tentasse carear o leitor, dir-lhe-ia que (a ser possível fazer divisões no espírito) de uma parte do meu tinham resultado as produções que lhe ofereço; que jamais a minha alma se ocupou totalmente em fabricar e corrigir o que foi antes um desafogo que sede de glória, a que tantos aspiram, seduzidos da lisonja, ou do aplauso estólido: falo daqueles cuja grandeza provém da extraordinária pequenez dos ouvintes, que depois os proclamam como assombros e fazem do elogio uma espécie de contágio de que só escapa o sábio imparcial. Se, como dizia, eu projetasse a defesa dos meus versos, ainda que vãmente, acarretara, encarecera talvez os desgostos, os males, as fadigas de uma vida inquieta e indigente, de que não são vexados os que compõem melhor que eu, ou o presumem. É outro o meu fim, e o amor da verdade (que não raras vezes me tem sido funesto), se me obriga a confessar os meus erros, também me aponta o sofrível que há entre eles, para agregar-me a alguns autores, sem maior ousadia, escusando as circunstâncias da minha vida, que não interessam o leitor, porque se trata do poeta e não do infeliz; e porque as pessoas que me não conhecem as suporiam forjadas de indústria.

---

<sup>44</sup> Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1794, p. iv.

A primeira edição das minhas *Rimas*, pouco digna dos conhecedores da arte, nasceu de excessiva complacência com um amigo que, vendo-as num estado inteligível e entremeadas de alguma obra tolerável, sem atender aos frutos da adolescência que a sombreavam, as deu arrebatadamente ao prelo, não me permitindo a diminuição necessária. O meu amor-próprio, ou a paixão universal, começou a ver (como diz o nosso admirável Garção) um espectro perseguidor em tudo aquilo que não aprovei, que deixei imprimir e que talvez critiquei com mais imparcialidade do que alguns Aristarcos de juízo suspeito. Eis, por isso, outra edição das minhas obras, com exclusão de várias e aumento de muitas, que vão marcadas com asteriscos, e correta, já se sabe, com a frieza que acompanha quase sempre as emendas, porque na composição é que brilha o entusiasmo. Rogo unicamente ao leitor que empregue o critério no exame deste novo volume, anuído por mim, e que esqueça as puerilidades do primeiro, separando mentalmente o autor e a pessoa, e abafando qualquer afeto, propício ou contrário, para não comprometer o seu crédito numa decisão injusta em que soe a paixão, e não a verdade.

XIV — PREFÁCIO A *RIMAS DE MANUEL MARIA*  
DE BARBOSA DU BOCAGE, T. I<sup>45</sup>

Ao leitor:

Ainda que a despeito da opinião de alguns, menos imparciais que invejosos, julgo mui superior a este o segundo tomo das minhas poesias, reimprimo o inferior para, confrontado com o outro, mostrar qual têm sido os progressos do meu espírito nesta bela arte a que me dei; e, havendo substituído novas produções a várias que publicara por condescendência, espero que a reimpressão seja por isso mais grata ao leitor.

Os versos inéditos vão marcados com asteriscos.

---

<sup>45</sup> Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1800.

XV — PREFÁCIO A *RIMAS DE MANUEL MARIA  
DE BARBOSA DU BOCAGE DEDICADAS  
À AMIZADE, T. II*<sup>46</sup>

Ao leitor:

A maior parte das poesias que publico foi recobrada com a memória em casa do meu oficioso amigo José Salinas de Benevides, uma das pessoas mais beneméritas e qualificadas de Santarém, onde me avisaram de que, afetada a minha letra por algum de muitos malévolos que, à maneira de lobos, matam às vezes o que não hão de comer, ou, deixando figuras, por algum dos que prejudicam sem utilizar-se, fora em meu nome extraída ao depositário dos meus bens poéticos a caixa em que jaziam, com os trastes proporcionados à minha profissão, e um tanto piores que os versos. Temendo a perda do que, para mim ao menos, era precioso, examinei o livro interior, que me não podem roubar, e com efeito copiei dele tudo o que dou à luz não relativo a um desastre tão impensado como penoso, que me sobreveio depois e ocasionou as produções em que o choro.

Leitor inteligente, verdadeiro crítico (e não a chusma de zoilos que usa infestar a república literária e crê que a mordacidade supre o talento), o sábio imparcial (em quem só me louvo) talvez não desdenhe estas novas rimas, especialmente na tradução das *Metamorfoses*, que incluem, as quais me afagaram o amor-próprio, que todavia poderá iludir-me como a muitos, sem que eu saiba porque os ilude, nem porventura eles mesmos; aos que professam porém a latinidade pergunto com afoiteza se as citadas versões provam ou não o uso e inteligência daqueles autores, e se aparece nelas o caráter e energia do texto, ou se indicam o socorro inútil das lânguidas traduções francesas com que alguns Bávios e Mévios<sup>47</sup> (que não só os deu Roma) sabem latim e grego, na opinião dos que mal entendem a língua materna.

Enquanto às composições originais, pode ser que se tachem de extensas as cantatas de Hero, Inês e Medeia. Eis a minha justificação acerca da

---

<sup>46</sup> Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1799.

<sup>47</sup> Poetas latinos visados pelo sarcasmo de Virgílio, na terceira «Bucólica», verso 90.

primeira (que é a mais longa): julguei interessantes todas as circunstâncias daquela desgraça e, sem colher um só passo do poema de Museu (a cujo exame remeto o leitor), deixei correr a fantasia pelo assunto patético e nada lhe omiti que pudesse comover, inserindo-lhe o mais que devi ao meu coração, porque o coração é que produz os versos que lhe dizem respeito. A prolixidade está no enjoo: três versos maus cansam mais depressa que uma obra abundante de imagens e pensamentos sublimes, por comprida que seja. Privo-me do prazer de imprimir a «Metamorfose de Mirra» (também de Ovídio) em atenção à modéstia e delicadeza, não poupadas naquela admirável produção, e antes quis omiti-la que desfigurá-la; por evitar um volume sobejo, deixo também de publicar a descrição do «Bosque de Marselha», trasladada da *Farsália* de Lucano.<sup>48</sup>

Poderão os zoilos abocanhar a minha musa, mas serão obrigados a reconhecer a minha gratidão na epístola dedicatória que dirijo ao extremo amigo<sup>49</sup>, cuja beneficência me adoçou o infortúnio e deu a saber que o século do Egoísmo ainda sofre exceções proveitosas aos infelizes.

XVI — PREFÁCIO A *POESIAS, DEDICADAS À ILUSTRÍSSIMA  
E EXCELENTÍSSIMA SENHORA CONDESSA  
DE OYENHAUSEN*<sup>50</sup>

Ao leitor:

A boa sombra que as minhas poesias têm devido ao público promoveu em mim o desejo de oferecer-lhe as que me restavam do mesmo género. Algumas, ainda que pela execução se não anivalem com o seu objeto, creio, todavia, que hão de manter-me essa estima consoladora a que todos, ou

---

<sup>48</sup> Publicou esta tradução em 1804, no vulgarmente apelidado terceiro tomo das *Rimas*.

<sup>49</sup> António José Álvares.

<sup>50</sup> Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1804. Vulgarmente conhecido por terceiro tomo das *Rimas*. Foi publicado com licença da Mesa do Desembargo do Paço. No frontispício apresenta a seguinte epígrafe de Ovídio: *Gratia, Musa, tibi, nam tu solatia praebes, / Tu curae requies, tu medicina mali; / Tu dux tu comes es* (*Trist.*, liv. IV, elegia IX). Antecedem o prefácio dois versos: «Olhos que Vénus para si deseja, / Olhos que adoro, o que inspirastes, lede.»

a máxima parte dos que nasceram com a brilhante mania de metrificar, sacrificam os proveitos da vida civil e até as comodidades da existência física. O exemplo dos Ovídios, dos Camões, dos Tassos, etc., houvera de acobardar os génios versificadores, se um quase fado não atropelasse ou antes submetesse as sisudas reflexões que lhes arrazoam naqueles intervalos fúlgidos que até há nos poetas. Não ousou alinhar-me entre os grandes engenhos que citei, senão pelo frenesi com que ambicionaram, e ambiciono o que vãmente vai entender com a insensibilidade das cinzas.

Cuidei em que este volume fosse limpo dos erros que, por efeito da minha ausência, desfeiam a reimpressão do segundo; erros, porém, de emenda mui fácil, querendo o leitor confrontá-lo com a primeira edição, corrigida e purificada por mim.<sup>51</sup>

XVII — PREFÁCIO A EPICÉDIO NA SENTIDA MORTE  
DO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR  
D. PEDRO JOSÉ DE NORONHA, MARQUÊS  
DE ANGEJA, CAMARISTA DE SUA ALTEZA  
REAL, ETC., ETC.

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor:

Eu seria justamente notado de indiscreto, se, com motivos fúteis, intentasse distrair a V. Ex.<sup>a</sup> dos objetos de alta importância em que o seu iluminado espírito se embebe por dever e por gosto; mas eu colhi (com entranhável pesar meu) um direito sagrado à honrosa atenção de V. Ex.<sup>a</sup>

A Musa que pranteia em roda dos túmulos, que tem a arte de reduzir os suspiros a uns sons ordenados e regulares, todavia mais expressivos que os naturais; a Musa da melancolia e da morte engenhou na minha alma esses versos amargos, esses órgãos do sentimento mavioso que uma das primeiras capitais do mundo consagra à memória do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Marquês D. Pedro, benemérito sobrinho de V. Ex.<sup>a</sup> Possui a ventura de que Ele,

---

<sup>51</sup> O último parágrafo foi retirado da segunda edição, publicada em 1806. É compreensível porquanto nele se alude à sua detenção, registada por ter sido acusado de pertencer à Maçonaria.

pela sua cordial benignidade, me estremasse dentre os homens comuns e me acolhesse com o sorriso da afeição; porém, quando a minha o carpiu, recordei ainda mais o que era com todos o que fora comigo. V. Ex.<sup>a</sup>, que desde as faixas o amimou em seus braços, que tão gloriosamente lhe viu avultar os progressos da moral e da inteligência, decida se o meu insuficiente quadro não dá, contudo, ares do original. O coração de V. Ex.<sup>a</sup> seja o meu juiz (tal é a sua inteireza!), e o amor que professo à verdade me granjeie um título amável no coração de V. Ex.<sup>a</sup> Eis a glória a que aspiro, a distinção que ambiciono, assim como desejara extrair dos Céus um milagroso bálsamo para cerrar as feridas que, nas entranhas do pai mais extremoso, nas da mais extremosa mãe, nas de V. Ex.<sup>a</sup>, nas de um condigno irmão e até nas da Pátria, abriu a Razão e a Natureza.

Tais são os sentimentos que me recomendam para com V. Ex.<sup>a</sup>, e tais serão sempre em quem é

De V. Ex.<sup>a</sup>

Admirador e servo

*Manuel Maria de Barbosa du Bocage.*



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

# ELOGIOS



I — ELOGIO POÉTICO À ADMIRÁVEL INTREPIDEZ COM QUE,  
EM DOMINGO, 24 DE AGOSTO DE 1794,  
SUBIU O CAPITÃO LUNARDI NO BALÃO AEROSTÁTICO<sup>1</sup>

*Tous frissonent pour lui, lui seul est intrépide.*

Traduction de l'Ode à la Navigation Aérienne  
par l'Abbé Monti

Oitavas

I

Que brilhante espetáculo pomposo  
A meus olhos atónitos se of'rece!  
Da alta Ulisseia o vulgo numeroso  
Já no amplo foro de tropel recrece;  
Soa o márcio concerto estrepitoso,  
Que o sangue agita, os ânimos aquece;  
Assoma aos ares neste alegre dia  
Raro prodígio de arte e de ousadia.

---

<sup>1</sup> Folheto de 15 páginas, publicado, em 1794, por Simão Tadeu Ferreira, «com licença da Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros». Bocage compôs este poema com o objetivo de defender Vincenzo Lunardi (Lucca, Itália, 1759-Lisboa, 1806), o primeiro nauta a desafiar a lei da gravidade em Portugal, fazendo uma ascensão aerostática. Protagonizara idêntica façanha nas cidades de Londres, Manchester, Glasgow, Edimburgo e Madrid. Dificuldades de vária ordem estiveram na origem de sucessivos adiamentos da sua ascensão em Lisboa. Pina Manique considerou-os uma manobra subversiva, de um apologista das «ideias francesas», e deteve-o; só foi libertado pouco antes de concretizar o empreendimento que Bocage celebrou neste poema. No original, o soneto «Ô lira festival, por mim votada» antecede o presente elogio (v. vol. 1, t. 1, p. 228, da presente edição).

## II

O Tejo as ondas cêrulas aplaná,  
Das ledas filhas cândidas cercado,  
Vibra o tridente azul có'a dextra ufana,  
E rebate a braveza ao Norte irado:  
Contemplar em silêncio a audácia humana  
Quer, inda que a portentos costumado,  
Quer, encostando a face à urna de ouro,  
Ver brilhar, ó Ciência, o teu tesouro.

## III

Lá surge ao vasto, ao fluido elemento  
O Globo voador, lá se arrebatá  
Sobre as asas diáfanas do vento,  
E pelo imenso vácuo se dilata.  
O pássaro feroz, voraz, cruento,  
Quando rápido voo aos Céus desata,  
Quando as nuvens transcende e Febo afronta,  
Da terra mais veloz se não remonta.

## IV

Portentoso mortal, que à suma altura  
Vás<sup>2</sup> no etéreo baixel subindo ousado,  
Que ilusão, que prestígio, que loucura  
Te arrisca a fim tremendo e desastrado!  
Teu espírito insano, ah! que procura  
Pela estrada do Olimpo alcantilado!  
Não temes, despenhando-te dos ares,  
Qual Ícaro infeliz, dar nome aos mares!

---

<sup>2</sup> Sic.

## V

Não temes (quando evites o espumoso  
 Campo, que é dos tufões teatro à guerra),  
 Não temes que num baque pavoroso  
 Teu sangue purpureie a dura terra!  
 Tentas, qual Prometeu<sup>3</sup>, roubar vaidoso  
 O sacro lume, que nos céus se encerra!  
 Ah! Não, não faças tão medonho ensaio:  
 Ou teme o precipício, ou teme o raio.

## VI

Mas para quê, pasmado e delirante,  
 Brados e brados pelos ares lanço,  
 Se apenas do fenómeno volante  
 Co' a vista perspicaz o voo alcanço?  
 Enquanto grito, o aéreo navegante  
 Seu rumo segue em plácido descanso,  
 Munido de ciência e de constância,  
 Surdo à voz do terror e da ignorância.

## VII

Gamas, Colombos, Magalhães famosos,  
 Eternos no áureo Templo da Memória,  
 Sirtes<sup>4</sup> domando e mares espantosos,  
 De assombros mil e mil doirais a História;  
 Mas ir dar leis aos ares espaçosos

---

<sup>3</sup> Filho de Jápeto, um Titã, e de Clímene ou, segundo outros autores, de Ásia. Por ter roubado o fogo da forja de Hefesto, foi punido por Zeus, que o condenou a permanecer preso no cume do Cáucaso, sendo o seu fígado, que se regenerava, sucessivamente devorado por uma águia.

<sup>4</sup> Perigos.

É triunfo maior, e até mais glória,  
Porque não traz à louca, à cega gente  
Os males de que sois causa inocente.

### VIII

Lá onde a feia Inveja desgrenhada  
Ao Mérito não move horrível guerra,  
Nem sobre chusma inerte e desprezada  
Cospe o veneno, as víboras aferra;  
Lá na ditosa e lúcida morada,  
Defesa aos vícios de que abunda a Terra,  
Guardai da glória no imortal tesouro  
O nome de Lunardi em letras de ouro.

### IX

Que importa que no centro de Ulisseia  
À luz, claro varão, não fosses dado?  
De um frívolo acidente a louca ideia  
Tenha embora poder no vulgo errado,  
Que eu te consagro a dádiva febeia,  
Qual se berço comum nos desse o Fado;  
Longe, vãs prevenções do homem grosseiro:  
O Sábio é cidadão do mundo inteiro.

### X

Mas tu, cantor de Augusto e de Mecenas,  
Roga a Jove te anime as cinzas frias,  
E de alvo cisne renovando as penas,  
Desperta o sacro fogo em que fervias:  
Desce às montanhas floridas e amenas,

Onde revivem de Saturno<sup>5</sup> os dias;  
Dali canoro entoa o nobre metro,  
E em honra de Lunardi exerce o plectro.

XI

De tornar-lhe perene a digna fama  
Só tu, só tu convéns à grande empresa;  
Vem vê-lo ardendo em gloriosa chama,  
Superior ao poder da Natureza;  
Para novos prodígios punge, inflama  
Seu ânimo, e, co'a voz em estro acesa,  
Supre-lhe, ó vate, os bronzes e alabastros;  
Depois com ele voltarás aos astros.

XII

Intrépidos mortais, oh quantos mundos,  
Atégora escondidos e ignorados,  
Ireis pisar, afoitos e jucundos,  
Pelos etéreos campos azulados!  
Não fraquejeis, espíritos profundos,  
E na pasmosa Máquina elevados,  
Ide incensar entre os sidéreos lumes  
O congresso imortal dos altos numes.

XIII

É pouco para vós o Mar e a Terra,  
Sim, a mais vos conduz o instinto, a Sorte,  
Ilustrados varões, enquanto a guerra  
Rouba, estraga, horroriza o Sul e o Norte;  
Enquanto as negras Fúrias desencerra

---

<sup>5</sup> *Vd.* nota da p. 499.

Do tenebroso Inferno a torva morte,  
Vinde à soberba fundação de Ulisses<sup>6</sup>,  
Entre povo feliz viver felizes.

XIV

Renovai-lhe espetáculos gostosos,  
Exulte a curiosa Humanidade  
Sobre os campos de Lísia venturosos,  
Vestidos de serena amenidade;  
Fugi, fugi aos climas desditosos  
Onde, exposta à voraz ferocidade  
De monstros de impia garra, aguda presa,  
Estremece, desmaia a Natureza.

XV

E tu, que da loquaz Maledicência  
Tens açaimado a boca venenosa,  
Tu, que de racionais, só na aparência,  
Domaste a mente incrédula e teimosa,  
Das fadigas que exige árdua Ciência,  
Em vivas perenais o prémio goza,  
E admira em teu louvor estranho e novo  
Unida à voz do Sábio a voz do Povo.

---

<sup>6</sup> Lisboa, segundo a tradição fundada por Ulisses.

## II — DESPEDIDA DE ANTÓNIO JOSÉ DE PAULA AOS PORTUENSES NO SEU TEATRO. ANO DE 1802<sup>7</sup>

Alta virtude, sentimento augusto,  
Que, absorto no esplendor, na dignidade,  
Na grandeza, no ser, distância, forma  
Das estrelas, do Sol, do mar, da Terra,  
De quanto constitui a Natureza,  
Ergues de céus em céus ao Rei dos entes  
Nuvem de aromas, que perfuma os hinos,  
Quando além do Universo, além do espaço  
Se embebe a voz mortal no seio eterno;  
Divina Gratidão, que até rompeste  
Por entre imenso horror, de Líbia os ermos,  
Que deste nos leões exemplo aos homens,  
Que do novo espetáculo assombraste  
O vasto circo da orgulhosa Roma,  
Tornando carniceira, horrível fera  
Ante o seu benfeitor macia e branda!<sup>8</sup>  
Divina Gratidão, tu és, tu foste,  
E órgão de meu dever serás co'a Pátria.

---

<sup>7</sup> Publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 87.

António José de Paula (Cabo Verde ou Madeira-Lisboa, 1803), ator, empresário teatral, dramaturgo e tradutor, terá vindo para o continente por iniciativa do pai de Luísa Todi. Dirigiu o teatro da Rua dos Condes e o da Rua do Salitre. Inocêncio Francisco da Silva, no quarto tomo de *Poesias de Manuel Maria Barbosa du Bocage*, pp. 355-356, divulgou dois documentos relevantes para a história do teatro em Portugal e para a biografia daquela personalidade. Num deles, Pina Manique afirma que representou uma comédia que «atacava directamente a nobreza e influía nos filhos-família ideias baixas e infames, daquelas que os chamados desabusados se servem para os seus fins». Bocage dedicou-lhe um soneto: «Ressurge vesgo e torto o grão Frederico». *Vd.* p. 286 do primeiro tomo desta obra.

<sup>8</sup> Nota de Maria Helena Paiva Joachin, *Opera Ominia*, vol. III: «Referência ao romano Ândrocoles, escravo que fugiu para o deserto, em África, o qual, havendo arrancado da pata de um leão o acúleo que o feria, conseguiu da fera a gratidão, dela fazendo sua companheira, espontaneamente domesticada.»

Meus lábios com teus sons aromatiza,  
Dá-me a tua energia, impulso, alteza,  
Converte-me em ti mesma, ou sê meu nume.

Egrégios, venturosos habitantes  
Do opulento, afamado, antigo empório,  
Da que aos pátrios anais ampla cidade  
Nos fastos deu matéria, e nome a Lísia,  
Filhos de excelsa mãe, da torreada,  
Majestosa rival d'alta Ulisseia,  
Sensíveis, atendei-me, ouvi, benignos,  
Verdade e gratidão que soam d'alma.

Nos campos desiguais onde Talia,  
E a carrancuda Irmã<sup>9</sup>, com riso e pranto  
Melhoram corações, o vício punem,  
Ousei com rosto imberbe e planta incerta  
Dos Barons<sup>10</sup>, dos Le Kains seguir a estrada,  
De fragoso terreno e fim remoto.  
No estudo, no suor, no ardor, no gosto  
Meus dias envolvi, sonhei dourá-los  
De um brilhante futuro: honrar e honrar-me.  
Tentou ave rasteira os voos de águia,  
Já no clima natal, já noutros climas;  
Cem vezes adejei, tremi cem vezes  
Ante os cumes da Glória, a mim vedados:  
Queria o coração, não pôde o génio.

Co'a mente recuando ao grão princípio  
Do mérito que luz na cena heroica,  
Do mérito que luz na média cena,  
Vi que, émulos, iguais, o ator e o vate

---

<sup>9</sup> Melpómene, musa da Tragédia.

<sup>10</sup> Nota do autor: «Célebres actores franceses.»

Deviam florescer nas artes suas;  
Que ao génio imitador, na voz, no gesto,  
Nos ais, no pranto, no terror cumpria  
Reforçar a ilusão, que em ígneo metro  
De assombrosas paixões presenta o quadro,  
Ou mostra em tom meão comuns afetos.

Eis aos olhos mentais me of'rece Atenas  
A terrível tragédia, alçando o braço,  
No semblante o furor, n'alma o remorso,  
Entre lutos, punhais, traições, venenos.  
Além vejo Menandro<sup>11</sup>, ali Terêncio<sup>12</sup>,  
Plauto<sup>13</sup> ali, motejando humanos vícios,  
Correndo a grandes fins por ténues meios;  
Olho os mestres da Cena, os órgãos dela,  
Que fazem da ilusão brotar proveitos,  
Quais nunca, ou mui d'espazo os dá Verdade.

Venerando espetáculo da ideia,  
Graves objetos, que aterrais audácias,  
Serenos, todavia, ousos arrostar-vos.  
A Pátria me protege, influi, excita,  
A meu tremente adejo alenta os voos,  
Acolhe-me o fervor, me avulta o nada.

---

<sup>11</sup> Dramaturgo nascido em Atenas (342-c. 292 a. C.). Um dos mais conceituados autores de comédia grega antiga. Escreveu inúmeras peças das quais se conhecem apenas fragmentos.

<sup>12</sup> Publius Terentius Afer (Cartago, 193 ou 183-?, 159 a. C.), acerca do qual pouco se conhece. De acordo com Suetónio, nasceu escravo, em África, entre a Segunda e a Terceira Guerra Púnica, isto é, entre 201 e 149 a. C., tendo sido levado para Roma. É autor de seis comédias.

<sup>13</sup> Titus Maccius Plautus (Sarsina, Úmbria, c. 254-?, 184 a. C.) Subscreveu, pelo menos, 56 comédias, adaptadas de autores gregos. Shakespeare inspirou-se na sua obra *Menaechmi* para redigir *The Comedy of Errors*; uma personagem de *L'Avare* de Molière apresenta afinidades evidentes com uma da sua comédia *Aulularia*.

Ilustres cidadãos, congresso amável,  
À sombra de Ulisseia, à sombra vossa,  
Meus fados abriguei, meu ser, meu nome.  
Caráter grande, espírito sublime  
Honra as margens ao Tejo, ao Douro as margens:  
Aqui confere o génio, e lá confere  
Beneficência, amor, esteio às artes.

Nadando o coração num mar de afetos,  
Ao mais sentimental que sai dentre eles,  
À magoada saudade as vozes pede,  
Que de violenta ausência o custo exprimam...  
Mas porque exerço a voz, se da amargura  
A suprema eloquência está nos olhos?  
Vai zelada em meu peito a vossa ideia,  
Zelada contra os Tempos, contra os Fados:  
Da minha gratidão perene, intensa  
Serão mais um triunfo a Morte, e o Letes.

E tu, que, atento às leis, à Pátria, à glória,  
De Astreia imparcial cultor e aluno,  
O público repouso estás velando;<sup>14</sup>  
Tu, alto pelos teus, por ti mais alto,  
Que afagas, que manténs, que fertilizas,  
Magnânimo, ilustrado, as artes belas,  
Prospera, em honra tua, em honra delas.  
Dure, brilhe teu nome enquanto o Douro  
Levar nas fartas ondas turbulentas  
Mais guerra que tributo ao rei dos mares.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Nota de Inocêncio Francisco da Silva: «Pedro de Mello Breyner (a quem se dirige esta apóstrofe) era então governador das justiças da Relação e Casa do Porto, a que havia sido promovido por carta régia de 5 de Maio de 1800.»

<sup>15</sup> Nota do autor: «...Pare / Che guerra porte, e non tributo al mare. — Tasso, *Jerusalém Libertada*, canto 9, estância 45.»

III — AO PÚBLICO, EM NOME DE UM ATOR DO TEATRO DA RUA  
DOS CONDES, NO DIA DO SEU BENEFÍCIO. ANO DE 1803<sup>16</sup>

Requintado artifício além da meta  
Tentava da ilusão levar o império.  
Graças mimosas, feminis encantos,  
Espinhosos desdêns, macio afago,  
Prisão tão doce aos corações, o riso  
E o pranto, aos corações prisão mais doce;  
Afetos que dulcíssimos se exalam  
Na voz, órgão de amor, fêmea, branda,  
Há pouco, em som viril falsificados,  
Um agro não sei quê deixavam n'alma;  
De ternas sensações (já dor, já gosto)  
Vazio o peito, suspirava encher-se;  
O pensamento, o coração pediam  
Misto aprazível de verdade e engano.

A sábia Natureza, a mãe das artes  
Eis volve à cena lusa, e já com ela  
Floresce a formosura, atraí, sacia  
Olhos sedentos, sôfregos ouvidos.  
Zenóbia<sup>17</sup>, Elisa<sup>18</sup>, Cleofide<sup>19</sup> acordam

---

<sup>16</sup> Publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 73.

Observa Inocêncio Francisco da Silva: «Se as induções que temos colhido podem ter-se por verosímeis, afigura-se-nos que este monólogo foi escrito para um Francisco Manuel Madeira, actor medíocre que no tempo em que às mulheres era defeso o ingresso no palco cénico, desempenhou sofrivelmente, por alguns anos, nos teatros da capital os papéis secundários de lacaia de comédia e de confidente na tragédia.»

<sup>17</sup> Rainha de Palmira que, em 269, conquistou o Egito. Enfrentou heroicamente os Romanos, tendo sido derrotada por Aurélio. Cassius Longinus, filósofo grego, era o seu principal conselheiro.

<sup>18</sup> Dido, filha de Belo, rei de Tiro.

<sup>19</sup> Heroína de Metástasio. Rainha indiana que finge amar o invasor, Alexandre, o Grande, para salvar Poro, seu amante.

De eterna escuridão, de férreo sono.  
Dos séculos o peso ei-las sacodem,  
E em níveas faces, em purpúreos lábios,  
No talhe majestoso, em alma, em tudo,  
Vêm reinar sobre a cena, e são quais foram:  
O atento espectador palmeia, exulta,  
E a fonte das paixões borbulha e corre  
Por flóreo, natural, gentil caminho.

Eu, ó d'alta Ulisseia ilustre povo,  
Eu, de ténues paixões frouxo arremedo  
Em hábito falaz exercitando,  
Os quadros distingui morais e amenos,  
Onde alegre Ilusão com risos mente.  
Meu passo, minha voz, vontade, afetos  
À Natureza enfim se restituem:  
Qual me quis, qual me quer, qual sou, pratico  
O que arte escassa, o que mesquinhas luzes  
À mente escura, indócil me doaram.

Espectadores meus, que honrais meu dia,  
Risonha complacência os erros doure  
Do inerte, humilde ator, que a Pátria implora.  
Sede o que fostes, e talvez, surgindo  
Dentre os nomes comuns, será meu nome,  
Ó claros cidadãos, prodígio vosso.

IV — ELOGIO AO PÚBLICO, EM NOME DE UMA ATRIZ  
DO TEATRO DA RUA DOS CONDES <sup>20</sup>

A Musa, que nas cenas de Ulisseia,  
Não sem glória, ajustava o metro à lira,  
De Elmano o só tesouro (a sócia mesta  
Da quase muda cinza, aérea sombra)  
Inda um salve tremente à luz envia,  
E dá versos à Pátria, ou dá suspiros,  
Da nobre Gratidão pelo órgão puro.  
Ó Lísia! Escuta os sons, talvez extremos,  
Que do seio afanoso, a custo, exala  
(O cisne diviniza os sons na morte);  
Ouve, em metro não baixo, ouve alto afeto,  
Que me honra o coração, na voz me ferve,  
E no pátrio favor a ardência nutre.  
Recente arvorezinha em chão bravio,  
De humor celeste definhando à míngua  
(E mimosa jamais de um sol fagueiro),  
Eu para a terra, para a mãe pendia,  
Que os sucos mesquinha ao tenro arbusto,  
Talvez de produzi-lo arrependida.  
Eis braço, a que apiedou meu ser já murcho,  
Me extrai, propício, do terreno avaro,  
E em liberal torrão me põe, me arreiga.  
Súbito esperta, súbito enverdece  
A planta moribunda, e qual se, ó Letes,  
Aferrasse a raiz nas margens tuas,  
Que das Fúrias o bafo esteriliza.  
Influxo animador me alteia e folha;  
Hálito ameno de vivaz Favónio  
Com macios vaivéns me embala os ramos,

---

<sup>20</sup> Elogio publicado em *A Virtude Laureada*. Lisboa: na Impressão Régia, 1805, p. 32.

Flores me adornam, frutos me ataviam:  
Os sorrisos da Pátria, os mimos dela  
Estas boninas são, são estes frutos.  
Das trevas e da morte as aves feias  
(De atra voz, em que o Fado às vezes soa),  
Fogem d'ém torno a mim, carpindo agouros,  
Nas agras, negras furnas vão sumir-se;  
E na coma louçã gorjeia encantos  
Teu cantor, primavera, o vosso, Amores.  
Quanto sou, quanto valho, à Lísia devo,  
E à Lísia o coração na voz consagro.  
Acolhe com ternura, acolhe, ó Pátria,  
As of'rendas por mim do triste vate,  
Que para te cantar surgiu da morte,  
E em ânsias balbucia o tom dos numes:  
Honra deste ao cantor, dá honra ao canto.

V — AO PÚBLICO, EM NOME DE UM ATOR NO DIA  
DO SEU BENEFÍCIO<sup>21</sup>

Recitado no Teatro de...

Musa de altas paixões não vem na cena  
Aos olhos franquear<sup>22</sup> sanguíneo quadro;  
Hoje as fúrias d'Amor punhais não vibram,  
Nem verte surda morte em peito incauto<sup>23</sup>  
Co'a dextra da traição letais venenos.

---

<sup>21</sup> Poema publicado por Pato Moniz in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...), Tomo IV e 1.º das Suas Obras Póstumas*. Lisboa: na Impressão Régia, 1813, p. 109; e por Desidério Marques Leão in *Obras Poéticas de (...), Tomo IV*. Lisboa: na Impressão Régia, 1812, p. 65. O título é da responsabilidade de Inocêncio Francisco da Silva, cuja lição perfilhámos.

<sup>22</sup> Na versão de Desidério Marques Leão: «Hoje aos olhos expor».

<sup>23</sup> *Ibidem*: «em peito inerte».

Não tendes que temer, almas sensíveis,  
Agra impressão de lúgubres afetos<sup>24</sup>.  
Não, não vereis o parricídio negro,  
Com serpes na melena, e serpes n'alma,  
Todo o inferno embeber no insano Orestes<sup>25</sup>;  
Não, não vereis frenético Ciúme  
No silêncio, nas trevas ululando,  
Nívea beleza em flor murchar sem mágoa,<sup>26</sup>  
Encantos divinais sumir ao mundo,  
Gesto mimoso, de inocência ornado,  
Olhos e lábios que chorando e rindo  
Doce tumulto nos sentidos movem;  
Trança de anéis subtis, brincando em ondas,  
Colo de amores, hálito de rosas  
Zaira<sup>27</sup> não soltará nas mãos do amante  
Entre os ais de ternura<sup>28</sup> os ais da morte;  
Não há de enternecer-se, arrear-se  
A mente, o coração na dor de Elaire<sup>29</sup>,  
Na sanha de Orosman<sup>30</sup>, de Atreu<sup>31</sup> na taça.  
Surge à cena espetáculo atrativo,  
Em que Amor com virtude, em nó suave,  
Os costumes abrande<sup>32</sup>, ameigue a vida.  
Notarás outra vez,<sup>33</sup> congresso ilustre,

---

<sup>24</sup> *Ibidem*: «lúgubres objectos»,.

<sup>25</sup> Orestes era filho de Agamémnon e de Clitemnestra. Quando chegou à idade adulta, vingou seu pai, que fora assassinado pela mãe.

<sup>26</sup> A versão de Desidério Marques Leão apresenta em seguida o verso «Estragar, Natureza os teus apuros»,.

<sup>27</sup> Tragédia de Voltaire publicada em 1732.

<sup>28</sup> Na versão de Desidério Marques Leão: «da ternura».

<sup>29</sup> Título de uma tragédia de Miguel António de Barros. Este poeta, correeiro de profissão, nasceu em Carvalho d'Este (c. 1772) e faleceu em Lisboa (1827). Melibeu era o seu pseudónimo literário.

<sup>30</sup> Herói da referida tragédia de Voltaire.

<sup>31</sup> Personagem da tragédia *Atrée et Thyeste* de Crébillon, que se inspirou em Séneca.

<sup>32</sup> Na versão de Desidério Marques Leão: «adoce».

<sup>33</sup> *Ibidem*: «De novo notarás».

Congresso benfeitor, por quem mil vezes  
Agros destinos meus se tornam doces,  
Outra vez<sup>34</sup> notarás o puro exemplo  
Dos muitos, que exercitas<sup>35</sup>, dons sublimes;  
Verás, desagravando a Natureza,  
Factícia condição não dar virtudes,  
O caráter moral não vir da sorte,  
E o génio dos heróis luzir nos servos,  
Enquanto pavoneia inflado orgulho,  
Cevando de ilusões a ideia estéril,  
Todo ufano de si, talvez de nada,  
E os olhos de través lançando apenas  
Aos que em somenos grau<sup>36</sup> quis pôr Ventura,  
Porque néscio confunde os graus e as almas.

Generosa Nação, que não confundes  
O que deu Natureza e deram Fados:  
Ó Pátria, que hoje em mim teus dons semeias<sup>37</sup>,  
Acolhe, escuta com silêncio honroso  
Os esforços de ator<sup>38</sup> submisso e grato,  
A quem renovam descaído alento,  
Louvor e amparo, de prodígios fonte.  
O préstimo é dever sagrar-se à Pátria,  
O que valho, o que sou jurei sagrar-lhe  
(Se pouco valho e sou<sup>39</sup>, dar mais não posso).  
Do público favor medrando à sombra,  
O pio sentimento<sup>40</sup> em mim se arreiga:  
No mérito não logro o jus da glória,

---

<sup>34</sup> *Ibidem*: «De novo notarás».

<sup>35</sup> Na versão de Pato Moniz: «que excitas».

<sup>36</sup> Na versão de Desidério Marques Leão: «graus».

<sup>37</sup> *Ibidem*: «sementas».

<sup>38</sup> Na lição de Pato Moniz: «autor».

<sup>39</sup> Na lição de Desidério Marques Leão: «dou».

<sup>40</sup> *Ibidem*: «Que pio sentimento».

Porém meu coração de vós é digno:  
Imutável convosco, eterna, imensa,  
A minha gratidão será meu fado.<sup>41</sup>

VI — AO PÚBLICO, EM NOME DE UMA ATRIZ QUE REPRESENTAVA  
O PAPEL DE ERÍCIA NA TRAGÉDIA «A VESTAL»<sup>42</sup>

Das vítimas d'Amor carpiste os fados,  
Sensível assembleia, egrégio povo.  
A Musa do terror, do pranto a Musa,  
Mesclando afetos dois, que a cena regem,  
A fonte às sensações abriu nas almas.  
Por artes de<sup>43</sup> ilusão revivem tempos,  
Dos abismos da morte heróis assomam,  
E inda, a ser existência, aspira o nada.  
Aos vates, a mortais, mas quase numes,  
Dos numes o maior de si deu parte;  
Deu-lhes que, sobrepondo o génio aos fados,  
Nos séculos por ser e nos que foram,  
Fizessem ressurgir, nascer fizessem  
Entes de alto caráter, de alto nome,  
Ou índoles fatais à Natureza,  
Ou ternas condições, escravas dela.  
Tais vistes, foram tais — Erícia, Afrânio,  
O fero Amor, ou déspota do mundo,  
Que os homens agrilhoa, impõe aos deuses,

---

<sup>41</sup> *Ibidem*: «fado!».

<sup>42</sup> Publicado por Pato Moniz in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...), Tomo IV e 1.º das Suas Obras Póstumas*. Lisboa: na Impressão Régia, 1813, p. 111, edição que seguimos; por Desidério Marques Leão in *Obras Poéticas de (...)*, t. v. Lisboa: na Impressão de Alcobia, 1813, p. 51, e, posteriormente, por Inocêncio Francisco da Silva, in *Poesias de (...)*. Lisboa: na Casa do Editor A. J. F. Lopes, 1853, t. iv, p. 78. A epígrafe é da responsabilidade deste último editor.

<sup>43</sup> In Desidério Marques Leão: «da».

O cruel, que entre víboras e flores  
Néctar, néctar promete, e dá veneno  
Aos tristes corações que mais o adoram;  
Ele, o comum tirano, aos dois amantes  
Lamentados por vós, em vez de glórias,  
Deu ânsias, deu cipreste em vez de mirto.  
Tenra beleza em flor, virgínea rosa<sup>44</sup>,  
Dele<sup>45</sup> por ímpia lei caiu sem vida,  
E o mísero amador, que a vê lutando  
Co'as angústias mortais, no peito embebe  
O ferro com que Amor fadou seu termo,  
Ferro que inda goteja o sangue amado,  
E em púrpura trocou do seio a neve.  
Assaz haveis honrado, assaz carpido  
Os sem ventura e cândidos amores,  
Os suspiros sem mancha, o caso acerbo,  
A heroica intrepidez, verdugo d'ambos.

Descei vossa atenção,<sup>46</sup> descei risonhos  
Para objeto menor: sou eu, não ela,  
Não Erícia, que fala: o choro, as mágoas  
Convertem-se em prazer na face e n'alma;  
Nem tormento de Amor, nem fraudes suas  
Meus lábios, olhos meus agora exprimem;  
Mas glória, gratidão, que fervem, soam  
Da protegida atriz na voz, no peito;  
Ao mérito vulgar, que roja e treme,  
Asas dais, com que imite adejos de águia,  
E além da própria esfera afoite os voos.  
Eu nada sou por mim, por vós sou tudo.  
Mais que humano poder, poder sagrado

---

<sup>44</sup> *Ibidem*: «mimosa Virgem».

<sup>45</sup> *Ibidem*: «Bela».

<sup>46</sup> *In* Pato Moniz: «Descei vós a atenção».

Por vós meu ser, meu grau, meu fado alteia.  
Lísia, mimo do Céu, da terra esmalte,  
No seio amigo me acolheu piedosa;  
Serenos dias meus são dons de Lísia,  
E até que os deixe o Sol, que os turve a morte,  
Até que os desampare a luz da vida,  
Os vossos mesmos dons vos sagro, ó Lusos.

VII — CONGRATULAÇÃO AO PRÍNCIPE E À PÁTRIA  
NA PAZ UNIVERSAL <sup>47</sup>

.....*Ferrea primum*  
*Desinet, ac toto surget gens aurea mundo.*

Virgílio, écloge iv

Pesavam sobre a Terra os férreos Tempos,  
Do facho das Euménides<sup>48</sup> saltava  
Em centelha e centelha um novo crime,  
Estranho aos homens e usual no Averno.<sup>49</sup>  
Ardia o coração da triste Europa  
Em chamas que a Discórdia reforçava  
Coò ardor, que zune, estala, ondeia, eterno,  
Nas fráguas imortais do horrível Pluto.<sup>50</sup>

---

<sup>47</sup> In *Tributo de Gratidão Que a Pátria Consagra a Sua Alteza Real, o Príncipe Regente, Nosso Senhor, por Mãos do Intendente-Geral da Polícia da Corte e Reino*. Lisboa: Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego, 1801; esta obra, que também apresenta composições de Francisco Joaquim Bingre, José Agostinho de Macedo, Joaquim Severino Ferraz de Campos, António Bersane Leite, António A. Leite de Paula, Miguel António Barros e José Tomás Quintanilha, veio a lume no âmbito da comemoração do tratado de paz firmado, no dia 29 de setembro de 1801, com a República Francesa. O presente elogio foi republicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 38, lição que perfilhámos.

<sup>48</sup> As Erinis, na mitologia grega, que correspondiam às Fúrias na mitologia latina. *Vd.* n. 82, p. 499.

<sup>49</sup> Na primeira versão: «homens, usual no Averno».

<sup>50</sup> *Idem*, «Pluto;». Pluto, de acordo com a mitologia, era o deus dos Infernos.

Pelo amplo continente, e além dos mares  
Entravam, bravejando, as leis e as Fúrias;  
Ceres<sup>51</sup> espavorida os ermos campos  
Ao nume da matança abandonava;  
De iníquas mãos espólio, o dócil bruto,  
Sócio fiel do válido colono,  
A robusta cerviz curvava ao ferro,  
A robusta cerviz, que dera ao jugo.  
Era sonho a razão, sistema o crime,  
Era fado a crueza, instinto a guerra,  
No atónito, infeliz, sanguíneo globo.  
O caos ressurgia, inerte, opaco,  
Do abismo, onde o sumiste, ó Ente imenso.

Em hórridos baixéis trovões de bronze  
No alto Oceano alardeavam mortes:  
O duro Inglês<sup>52</sup>, o déspota dos mares,  
Torrente universal de cem vitórias  
Sustinha, represava ao Galo<sup>53</sup> ovante.<sup>54</sup>  
Álbion<sup>55</sup>, portentosa, invulnerável,  
De espumas e troféus cingida, ufana,  
Co'as barreiras equóreas blasonando,  
Às míseras nações atropeladas  
Mostrava o brio ileso, imune o seio,  
Da Pátria o santo amor perene, intacto.

---

<sup>51</sup> Na mitologia latina, deusa da agricultura, cuja filha foi raptada por Pluto.

<sup>52</sup> Nelson (Burnham Thorpe, Norfolk, 1758-Trafalgar, 1805), intrépido almirante inglês que derrotou por duas vezes a armada de Napoleão: no Egito, em Abukir (1798), e na Batalha de Trafalgar (1805). Bocage admirava-o particularmente: o soneto «Precavendo os vaivéns da instável Sorte», apresenta a dedicatória «À morte gloriosa do insigne Almirante Horácio Nelson»; foram-lhe ainda por ele dedicados os sonetos «De peito impenetrável sempre ao susto», «Sobre as ondas do tímido oceano», «Co'um diadema de luz no Elísio entrava» e «O instrumento brutal da acção mais crua».

<sup>53</sup> Napoleão Bonaparte (Ajácio, Córsega, 1767-Santa Helena, 1821), célebre general e primeiro imperador francês.

<sup>54</sup> Na primeira versão: «ovante».

<sup>55</sup> Nome dado pelos gregos à Inglaterra.

Delirante ambição de falsa glória  
Na Gália turbulenta, e já não culta,  
O peito revolia aos ígneos Martes.  
Nas asas da invasão transpunham serras;  
Aos rápidos guerreiros se antolhavam  
Vales os Pirinéus, planície os Alpes  
(Colossos, que dos céus o peso aturam).  
Ibéria vacilou, tremeu Germânia,  
As águias, os leões se acobardaram,  
Ibéria, que fez face aos reis do mundo,  
Do mundo à capital, e a grã<sup>56</sup> Germânia,  
Qu'outrora as legiões sorveu de Roma,  
Forçando o seu tirano a dó pesado.<sup>57</sup>

Tu, flor das regiões, formosa Itália!  
Dos Fabrícios<sup>58</sup>, dos Régulos<sup>59</sup>, dos Fábios<sup>60</sup>,  
Dos Brutos<sup>61</sup>, dos Catões<sup>62</sup>; tu mãe, tu nume!  
Ó foco da grandeza e do heroísmo!  
Rival da Grécia, vencedora, herdeira!  
Viste milagres seus desarreigados  
De teu seio gentil, só digno deles!

---

<sup>56</sup> No original: «grão».

<sup>57</sup> Referência à pesada derrota sofrida, em 9 d. C., pelas tropas romanas, comandadas por Varo.

<sup>58</sup> Fabricius Luscinus Gaius, que se distinguiu nas guerras que opuseram os Romanos a Pirro (280-272 a. C.).

<sup>59</sup> Marco Atilio Régulo, cônsul romano, que viveu no século III antes de Cristo. Apri-  
sionado pelos Cartagineses, foi enviado a Roma para negociar a paz, sob a condição de  
regressar se a sua missão não fosse bem-sucedida. Depois de se manifestar junto dos seus  
compatriotas contra os termos impostos pelo inimigo, voltou a Cartago, tendo sido então  
torturado até à morte.

<sup>60</sup> Fabius Cunctator Quintus (c. 275-203 a. C.), célebre general romano e cônsul que  
enfrentou Aníbal.

<sup>61</sup> Marcus Junius Brutus (c. 85-42 a. C.), aliado de Pompeu na guerra civil contra Júlio  
César. Cícero concede-lhe um lugar importante no tratado *Brutus* ou *De Claris Oratoribus*.

<sup>62</sup> Catão de Útica (95-46 a. C.), que se caracterizava pelo seu estoicismo, foi o principal  
adversário do triunvirato de César, Pompeu e Crasso. Politicamente derrotado pelos seus  
rivais, suicidou-se depois de ler cuidadosamente o *Fédon* de Platão.

Insana usurpação, brutal rapina  
Extorquiui, profanou, desfez portentos,  
Sacros à fúria de hiperbóreos monstros,  
Da tragadora idade à fúria sacros.  
As mestas Artes, co'a melhor na frente  
(Aquele que os heróis ergue da morte,  
E em metro venerando os perpetua),  
Carpindo-se, abraçando-se, fugiam.  
Teus povos, infeliz, teus cultos povos,  
Dados ao ferro, à chama, o céu rasgavam  
Em lamentos, em ais, saudades tinham  
Do cetro que os Calígulas<sup>63</sup> mancharam,  
Do tempo em que os tiranos foram deuses.<sup>64</sup>

Ai! Que faria a miseranda Ausónia<sup>65</sup>,  
Sem ter Camilos<sup>66</sup>, que opusesse aos Brenos!  
Afeito a dardejar tartáreas flamas,  
O Vesúvio pasmou do estranho incêndio,  
E de enorme vulcão por entre as fauces  
Alçando o torvo Dite<sup>67</sup> a frente adusta,  
Quanto vira no Inferno olhou no mundo.  
O mundo agonizava... oh céus! Nem Lísia,  
A que à sombra de Jove alteia o colo,  
Nem Lísia se eximiu do mal nefando,  
Lísia, de um semideus herança e Pátria!  
Nos seus, imagem vossa, elísios campos,  
Já bramia o furor, manava o sangue,  
Já... mas súbito, à voz do Omnipotente,

---

<sup>63</sup> Gaius Julius Caesar Germanicus (12-41 d. C.), imperador romano. Ficou nos anais da história devido ao seu caráter sanguinário.

<sup>64</sup> A primeira versão não apresenta divisão estrófica.

<sup>65</sup> Itália. Palavra formada de Áuson, filho de Ulisses e seu primeiro rei.

<sup>66</sup> Marcus Furius Camillus, general, segundo Tito Lívio, «salvador da sua Pátria e segundo fundador de Roma», depois da ocupação dos Gauleses, comandados por Brennus (c. 390 a. C.).

<sup>67</sup> Uma outra forma de designar Plutão, deus dos Infernos.

Que os Aquilões nos Zéfiros<sup>68</sup> converte,  
Recolhe as asas a procela imensa,  
Librada sobre o lúgubre Universo.

Ante o sólio de inúmeros luzeiros,  
Que alumia os salões da Eternidade,<sup>69</sup>  
Teu nome, alto João, e as preces tuas  
Contra o comum flagelo empenhos foram.

«Eia, ministros meus: em risco é Lísia  
(Dentre milhões de sóis o Eterno exclama);  
Se a quis exprimentar, salvá-la quero.  
A promessa de um Deus não retrocede,  
E dela inda lembrado Ourique exulta.  
O que Afonso<sup>70</sup> escutou<sup>71</sup> João merece,  
As virtudes do avô melhora o neto:  
Vós sabeis ante mim quanto difere  
O pacífico herói do herói guerreiro.  
Momento em que hei fadado a paz do globo,  
Anexo ao p'riço está, que Lísia corre.  
Ide, Espíritos meus, Concórdia, voa:  
Azedos corações adoce o néctar,  
Que entorna em meus jardins manhã sem noite.  
Concorrentes nações — Britânia, Gália —  
Deponham timbres vãos, tenaz orgulho,  
Em laço fraternal sufoquem ódios,  
De que deixei pender do mundo a sorte.  
Arcanos, que nem mesmo a vós se aclaram,  
Em penetrais de bronze a mim só francos,  
Do universal contágio o fim permitem.  
Etérea viração convosco adeje,  
Que varra aos ares do orbe a estígia peste.

---

<sup>68</sup> *Vd.* n. 22, p. 532.

<sup>69</sup> Na primeira versão: «Que tem por alicerce a Eternidade.».

<sup>70</sup> D. Afonso Henriques.

<sup>71</sup> *Ibidem*: «escutou.».

Co'um aceno abismai no Averno as Fúrias:  
Por ora sobre a Terra apenas fiquem  
Os erros dos mortais, inatos erros,  
'Té que os lave o Remorso à Natureza.  
O comércio prospere, as artes brilhem,  
Floresça a paz, a indústria, a glória, tudo.  
Os Homens o pareçam.» Disse, e fez-se.

Enfim, Príncipe augusto, enfim, puderam  
Teu rogo, incensos teus dobrar um Nume!  
O que ao mundo negou por Ti lhe outorga:  
Lísia vale o Universo ante seus olhos.  
Imagem do teu Deus, pai de teu povo<sup>72</sup>,  
Inunda o coração dos bens que esparges,  
Exulta, vive, reina, e brando acolhe  
Ofrenda, que a teus pés depõe submisso  
Quem, dado às Musas, e anelando a Fama,  
Se honra em teu jugo, tuas leis adora.

## VIII — ELOGIO OFERECIDO AO JUIZ E MAIS FESTEIROS DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA DA CARNOTA<sup>73</sup>

Doce filha do Céu, doce harmonia,  
Ao seio dos mortais às vezes desces,  
E qual rutilas na mansão dos numes,  
Sobre a terrena estância resplandeces.

---

<sup>72</sup> Na primeira versão: «teus Povos».

<sup>73</sup> Elogio publicado primeiramente por Nuno Álvares de Pato Moniz in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...), Tomo IV e 1.º das Suas Obras Póstumas*. Lisboa: na Imprensa Régia, 1813, p. 143.

Princípio da união que liga os entes,  
E que num só país o mundo troca,  
Honra meus lábios de teus sons divinos,  
Anima o vate, cuja voz te invoca.

Celeste comoção, virtude augusta,  
Sagrado zelo, singular piedade,  
Conduz almas fiéis a que celebrem  
Solene culto à suma divindade.

Dos gratos corações escandecidos  
Nos êxtases subindo os hinos soam,  
E os incensos, que o Céu paga em sorrisos,  
Purificando a Terra, aos astros voam.

Prole da imensa luz, porções do Eterno,  
As harpas de oiro modulando afinam,  
E os olhos, onde o nume reverbera,  
Sobre a terrestre pia turba inclinam.

És da etérea atenção primário objeto,  
Tu, que presides ao fervor sagrado,  
Tu, magnânimo Silva<sup>74</sup>, em cujo peito  
O caráter da glória está gravado;

E tu, de malfadados meigo asilo,  
Tu, moral cópia dele, amável Serva<sup>75</sup>,  
A quem na Eternidade um grau sublime  
Entre os amigos do homem se reserva;

---

<sup>74</sup> José Luís da Silva, naquele ano juiz do círio, como assinala Inocêncio Francisco da Silva.

<sup>75</sup> Manuel José da Silva Serva, tal como José Luís da Silva, era negociante em Lisboa.

E vós, iguais na fé, no ardor, no extremo,  
Aos dois egrégios peitos que decanto,  
Vianas<sup>76</sup> e os demais, em quem se apura  
De homens e numes o comércio santo;

Não menos vós, metades carinhosas  
Dos ânimos gentis, que entrego à lira,  
Não menos mereceis, esposas belas,  
As honrosas canções que Febo inspira.

Exercitai, cumpri, cristãos ferventes,  
A fé que os corações vos afogueia;  
Tereis o galardão sobre as estrelas;  
O que a Terra edifica, o Céu premeia.

## IX — AOS FAUSTÍSSIMOS ANOS DO SERENÍSSIMO PRÍNCIPE REGENTE DE PORTUGAL<sup>77</sup>

Dentre a primeira das idades mortas  
Um dia ressurgiu, soltou-se um dia  
A bem da Humanidade, à voz do Fado.  
Mil Graças, mil Virtudes, mil Prazeres,  
Foragidos do mundo, ao Céu tornados,  
Ao mundo volvem co'a sisuda Astreia<sup>78</sup>.  
Súbito, remoçada a Natureza,  
Leda, vaidosa de se olhar qual fora,  
Nas meigas faces amiúda o riso.

---

<sup>76</sup> Gonçalo José Rodrigues Viana, citado no soneto «Terno Paz, bom Maneschi, Aurélio caro».

<sup>77</sup> Publicado no primeiro tomo das *Rimas*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1800, p. 279. Este elogio foi recitado, como Bocage assinala, a 13 de maio de 1799, no Teatro do Salitre.

<sup>78</sup> Filha do gigante Astreu e de Aurora, ou de Júpiter e de Témis, deusa da justiça. É representada com uma balança e uma rama de palmeira na mão direita; a esquerda apresenta um molho de espigas.

Turba subtil de olímpicos Favónios  
Voa com flores, que não temem Febo,  
E à mãe universal perfuma o seio;  
Insofridos tufões nas cavas grutas  
Cerra, agrilhoa, abafa, oprime Éolo;  
Mel espontâneo pelos troncos desce,  
Lambem rios de néctar margens de ouro.  
Saturno<sup>79</sup> inclina a fronte ao ver na Terra  
De seus dias luzir a amena imagem;  
Da sobranceira esfera ao filho exclama,  
E d'alta novidade inquire a causa.  
«Ente, digno de mim (responde Jove),  
De heróis emanação, de heróis princípio,  
Hoje ao mundo levou, por lei dos Fados,  
Escolhida porção de meus tesouros;  
Hoje o fruto imortal de planta excelsa,  
Que nas margens dispus do insigne Tejo,  
Surgiu, por meus influxos bafejado;  
Da grande lusitana a digna prole,  
O exímio coração, com quem reparto  
A dignidade, a força, os pensamentos,  
No século fatal, de horrores fértil,  
Sobre o terreno herdado atraí teus dias,  
Época da inocência e da ventura.  
Viste há seis lustros melhorar-se o tempo  
Com seu fausto natal, viste há seis lustros  
De incógnito matiz nos lusos campos  
Ornar-se a Natureza em honra sua.  
Então sorrisos dela anúncios foram  
Dos luzentes futuros milagrosos,  
Que para o tenro herói zelava a Sorte.  
Se tanto não brilhou, como hoje brilha,

---

<sup>79</sup> O Tempo, filho do Céu e da Terra. Temendo a concorrência dos filhos, devorava-os à nascença.

O doce clima produtor de assombros,  
Foi porque inda na idade inerte e mole  
Desatar não podia o régio moço  
Altas ideias em ações mais altas.  
Agora que da ilustre monarquia  
Modera as longas rédeas, escudado  
Das aptas forças e do avito exemplo,  
Agora se embelezam Céus e Terra  
Na glória, no prazer, nos bens sem conto,  
Que do grande João recebe a Pátria,  
A Pátria de que é pai, senhor e ornato.  
Unido em áureo vínculo à virtude,  
Aos mil encantos de heroína augusta<sup>80</sup>,  
Tempera o coração nos olhos dela,  
Nos olhos dela o sentimento apura,  
E um nume benfeitor se antolha aos povos.  
Negreja, sem toldar-lhe os mansos dias,  
Tempestuoso horror, bramindo ao longe,  
Em vão boceja o pestilente Inferno,  
Na lava abrasadora em vão sacode  
Hórridos crimes, que outra plaga infamam.  
Senhor de alta Nação, que vale o mundo,  
João, mimo do Céu, João triunfa;  
Seu trono em corações está sentado,  
E tem na Eternidade os alicerces.  
Dela emanou seu dia, é parte dela,  
E lá depois que o Sol milhões de vezes  
Houver com ele enriquecido a Terra,  
O puro, amado, memorável dia  
No resplendor sem termo irá sumir-se.»  
Assim Jove falou: Saturno anui,  
E fica mais brilhante a Natureza.

---

<sup>80</sup> D. Carlota Joaquina (Aranjuez, 1775-Queluz, 1830), era então casada com o príncipe D. João, futuro rei de Portugal.

X — AOS FAUSTÍSSIMOS ANOS DO SERENÍSSIMO  
PRÍNCIPE REGENTE, NOSSO SENHOR <sup>81</sup>

*Lucidum coeli decus, ó colendi  
Semper, et culti, date quae precamur  
Tempore sacro.*

Horácio, *Carmen Saeculare*

Honra, Pátria, Virtude! Ó Leis! Ó Trono!  
Objetos venerandos, majestosos,  
Lustrai na escuridão que abrange o mundo,  
Do vate a fantasia erguei de abismos.

Entanto que no céu renasce o dia,  
Dia eterno, sem par nos lusos fastos,  
Mordendo-se, escumando, Erínis <sup>82</sup> voa  
Ante o carro fatal do deus das armas,  
Onde nuvens de horror gotejam sangue.  
Na truculenta mão rodeia o facho,  
Cresta os Favónios <sup>83</sup>, as delícias varre.  
De sanhudos leões ondeia a coma,  
Longo rugido horrissono rebrama,  
Pelos troncos se amolam dentes, garras.  
O bronze aloja em si rivais do raio;  
No espetáculo atroz, na cena infesta,  
Sedentas de um futuro ensanguentado,

---

<sup>81</sup> Elogio publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 30. É dedicado ao futuro D. João VI. Foi recitado numa sessão que teve lugar, a 13 de maio de 1801, dia do seu aniversário, no Teatro da Rua dos Condes. Este elogio conheceu então os prelos, com a chancela da Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego.

<sup>82</sup> Na mitologia grega, divindades que tinham por missão vingar o crime. Bocage, porém, refere-se a Éris, divindade que personifica a Discórdia.

<sup>83</sup> Ventos amenos, de acordo com a mitologia latina.

As Fúrias<sup>84</sup> se embelezam, ri-se a Morte...  
Debalde rebentais, vulcões do Inferno,  
Longe, agouros cruéis: Lísia não treme,  
Lísia será qual foi, qual é no globo,  
Mãe de heróis, das nações a flor, o esmalte,  
Da virtude esplendor, da glória templo,  
Pomposo torreão de férrea base;  
Lísia abraça o pavês de eternos Fados;  
Se Lísia baquear, baqueia o mundo:  
Um Deus não é perjuro, um Deus não mente.

Range os dentes Ismar<sup>85</sup>, anela a presa,  
Urram de Líbia os monstros, amotinam  
O mar, a Terra, o Céu com grita horrenda:  
Eis que de rósea cor se veste o Polo,  
O ar, porque espera um Deus, o ornato apura.  
Assoma o Reto, o Sábio, o Grande, o Tudo:  
Vacila a Natureza ao peso enorme.  
Ele olha, e deste olhar vê campo e campo.

Reluz o amor, o esforço, a fé nos Lusos,  
Na bruta multidão negreja o crime;  
Da traição, da avareza os génios torvos,  
As serpes da blasfémia, em roda aos ímpios,  
Por aqui, por ali sibilam, troam.

A voz, freio aos tufões, ameiga o nume;  
Ao guerreiro cristão, que os seus inflama,  
O triunfo assegura, e fada os Lusos.  
Ao sólio português submete os tempos,  
Co' a sacrossanta mão lhe descortina  
Fervendo o Ganges por ceder-lhe as palmas;

---

<sup>84</sup> Divindades infernais romanas que perpetravam a vingança dos deuses.

<sup>85</sup> *Vd.* p. 462, n. 42.

Dele homenagem recebendo o Tejo,  
Ufano, recostado à urna de ouro;  
Montanhas de troféus ao longe, ao perto,  
E sempre ilustre a paz, ilustre a guerra.

Desaparece o Deus, mas fica Afonso<sup>86</sup>,  
E de Afonso no ferro espantos brilham:  
Sai dele estrondo, morte, horror, vitória,  
Não sofre arnês, escudo, é raio o ferro,  
E cada Português leão se antolha,  
Que, rebanhados touros assaltando,  
Atassalha, desfaz, estrói, devora.

Lá nos ares de Ourique inda vagueiam  
Sagrados ecos da palavra augusta,  
E das turbas fiéis, do herói terrível  
Inda o márcio rebombo estruge os vales.

Eia, enleva-te, ó Lísia, em teus destinos.  
Um Deus te perfilhou, te dá, te escuda  
Os dias de João, saudáveis dias,  
Claros, celestes, como a luz que, eterna,  
Que, imensa, resplandece além dos astros.  
Quais foram teus avós serão teus filhos,  
Leais, ardentes, invencíveis, grandes.  
Nos olhos de João se nutre a glória;  
Basta volvê-los: heroísmo é tudo.<sup>87</sup>

Virá, virá de novo a paz mimosa  
Com sorriso gentil dourar teu clima;  
As Fúrias outra vez aferrolhadas  
Na masmorra infernal darão bramidos,

---

<sup>86</sup> D. Afonso Henriques.

<sup>87</sup> Na lição original, publicada em folheto: «Basta volvê-los, e heroísmo é tudo.»

Enquanto do áureo Tejo à lisa margem,  
No formoso terreno, onde se encantam  
Flora<sup>88</sup>, as Graças<sup>89</sup>, Amor, Favónios, Musas,  
Hinos mandando ao Céu teus povos ledos,  
Sentirão palpitar, ferver no peito  
Branda ternura, que humedece os olhos,  
Pranto mais doce, mais fiel que o riso;  
E, sem que a glória nas delícias turve,  
Transportado verá banhar teu seio  
Correntes do prazer, de que é a origem,  
O magnânimo herói, da Pátria nume,  
Esse em cujo natal floresce o mundo,  
João, mimo dum Deus, dum Deus imagem.

XI — AOS FAUSTÍSSIMOS ANOS DO SERENÍSSIMO PRÍNCIPE  
REGENTE DE PORTUGAL. ANO DE 1801<sup>90</sup>

*Serus in Coelum redeas, diuque  
Læthus intersis populo...*

Horácio, liv. I, ode II

Que alegre, desdobrando o véu de rosas,  
Que amena ressurgiu, que abrilhantada  
De estreme, de amorosa claridade  
A aurora de João no céu de Lísia!

---

<sup>88</sup> Na mitologia latina, a deusa das flores e da primavera.

<sup>89</sup> Aglaia, Talia e Eufrosina, filhas de Júpiter e de Vénus, divindades que se caracterizavam pela sua extrema beleza.

<sup>90</sup> Elogio recitado no dia de aniversário de D. João, príncipe regente, a 13 de maio de 1802. Foi publicado por Simão Tadeu Ferreira, sendo posteriormente incluído em *Poesias, de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 34.

Ó plaga superior às plagas todas,  
Que deste ao mundo antigo um novo mundo,  
Que, imensa no valor, no espaço curta,  
Transcendeste os confins da Humanidade,  
Levaste execução lá onde apenas  
Ousara abalançar-se o pensamento!  
Nesta luz singular, neste áureo dia,  
Da eterna proteção penhor formoso,  
Trouxe de novo a ti mil dons celestes  
O Génio tutelar, que escuda e vela,  
Grão ministro de Jove, os teus destinos;  
Que vassalagem firme às leis, ao trono  
Em teu seio arreigou, nutriu, reforça,  
Qual planta ingente que, abarbando as eras,  
Opulenta de aromas, flores, frutos,  
Na viçosa altivez penetra, invade  
A terra co'a raiz, os céus co'a rama.

Recreia-te, ó Nação: divino indulto  
Além da meta humana alçou teu lustre.  
Colossos giganteus no mar se abismam,  
Marmóreos torreões dão baque horrendo,  
Da Fortuna as montanhas se desabam,  
Deste, daquele império morre a fama;  
O Medo, o Assírio cai, cai Roma e Grécia,  
Maravilhas do globo e ferros dele;  
Mas Fado universal não é teu Fado:  
Gravame acerbo, aspérrimo tributo,  
Males, que a tudo impõe, não ousa impor-te  
O tirano comum, rei de ruínas.  
Ele acata a Nação no herói que a manda,  
Nos heróis que a mandaram, que a subiram  
À grandeza, ao nível do lácio<sup>91</sup> nome.

---

<sup>91</sup> Antiga região da Itália Central, inicialmente o território ocupado pelos Latinos.

Deuses na mente, se mortais na essência,  
Co'a retidão por norma, os pais de Lísia,  
Os monarcas do Tejo à Pátria deram  
Leis amigas do Céu, do mundo amigas,  
Leis, que um Deus confirmou, porque eram suas.

Magnânimos leões leões produzem,  
Frouxo arbusto não é do cedro a prole.  
Afonso, Manuéis, Dinises, Sanchos,  
De vós, igual a vós, João proveio.  
Decreto, pelos numes promulgado,  
Transpôs de dextra em dextra o cetro luso,  
Até parar na mão, que há de empunhá-lo  
Com tão vasto esplendor, que a Terra espante,  
Com tanta duração, que espante os Evos.

Astreia, a paz, o amor, virtude e graças,  
No mais que doce jugo embelezados,  
Volvem dos astros, sem saber que volvem,  
O Olimpo esquecem, de João no império,  
E supõem convertida em tempos de ouro  
Negra idade de horror, que os pôs em fuga.

A turba etérea, ladeando o sólio,  
Bafeja o coração do régio moço;  
Ali derrama da Clemência o néctar,  
Ali, deidade austera, ali, Justiça,  
Teu ríspido amargor com ele adoça;  
N'alma ideias prestantes lhe aposenta,  
Árduas combinações lhe induz, lhe aplanar;  
Política sublime entre elas surge,  
Onde a sagacidade abrange a honra;  
Num quadro luminoso o bem da Pátria  
Ante a face real prospera, avulta:  
O presente, o porvir fulguram nele.

Ó tu de um Deus contemporânea augusta,  
Voragem onde os séculos soçobram,  
Ignota, veneranda Eternidade!  
Debalde te abarream teus arcanos  
Contra audaz invasão da ideia em chamas.  
Metal de mais vigor que o bronze e o ferro,  
Recôndito aos mortais, compõe teus muros;  
A névoa dos mistérios te rodeia;  
Mas despedindo o vate ardentes voos,  
Aquém deixando o globo, o vento, as nuvens,  
Qual a que arrosta o Sol, e empolga o raio,  
A eternos penetrais os ombros mete,  
Obstáculos derruba e lê nos Fados.

Lá onde altos Futuros majestosos  
Em sagrado silêncio envoltos dormem,  
A todos sobressai Destino excelso  
Do generoso herói que rege os Lusos,  
Que impera co'a virtude e não co'a força,  
Que, inda mais que no sangue, em si tem base  
A inviolável direito, ao jus supremo  
De ser na Terra o que no Olimpo é Jove.

Sim, Príncipe imortal, se a longa série  
De teus grandes avós te não guiasse  
À brilhante eminência, onde te adora  
Nos hemisférios dois um povo imenso,  
Sempre nos corações houeras trono.  
A tua glória és tu, contigo brilhas;  
Por ti fogem de nós comuns desastres,  
Venturas entre nós por ti florescem.  
O Céu te inspira, o Céu te galardoa,  
E etéreo resplendor teus anos c'roa.

XII — AOS FAUSTÍSSIMOS ANOS DO SERENÍSSIMO  
PRÍNCIPE REGENTE DE PORTUGAL. ANO DE 1803<sup>92</sup>

...*Ipse tibi jam brachia contrahit ardens  
Scorpius, & cæli justa plus parte relinquit.*

Virgílio, *Geórgicas*, liv. I

Ó lustres do salão radioso, imenso,<sup>93</sup>  
Fonte invisível dos visíveis astros!  
Em torrentes de luz, perenes, vossas,  
Sem que naufrague a mente, é jus do vate  
Sondar a Eternidade, abrir os Fados.

Sorria-se na Terra o mês das flores,  
Espelho eram dos céus as vítreas ondas;  
Do azul Favónio, da punícea rosa  
Tênues suspiros, cândidos perfumes  
A leda Natureza embelezavam.

Eis ante o rei de tudo herói, que outrora  
Gozara entre os mortais o grau de nume,  
O claro fundador do luso império,  
Dos altos promontórios a saudade,<sup>94</sup>

---

<sup>92</sup> Elogio dedicado ao futuro D. João VI (Lisboa, 13 de maio de 1767-*ibidem*, 10 de março de 1826). Foi publicado em *Poesias, de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhhausen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 58.

<sup>93</sup> Inocência possuía um autógrafo de Bocage cujo início era diferente: «Estrelas, ouro eterno, eterno esmalte, / Luzeiros perenais do trono imenso / Donde o querer de um Deus promulga os fados! / Astros, de que os visíveis são reflexos, / O semi-deus de Lídia a vós se deve, / Sua alma se compôs de eflúvios vossos.»

<sup>94</sup> Assinala Inocência: «São visíveis neste lugar as reminiscências da oitava 84 do canto III de *Os Lusíadas*: “Os altos promontórios o choraram; / E dos rios as águas saudosas / Os semeados campos alagaram, / Com lágrimas correndo piedosas: / Mas tanto pelo mundo se alargaram / Com fama sua obras valerosas, / Que sempre no seu reino chamaram / ‘Afonso, Afonso’ os ecos; mas em vão.”»

Aquele, cujo nome os pátrios ecos  
Com lúgubre memória inda proferem,  
Curvo o joelho, súplice a palavra,  
Pios desejos exprimiu destarte:

«Grão Ser, que da medonha, antiga massa  
Duma vez extraíste o térreo globo,  
Que num sorriso os Céus e o Sol criaste!  
Dá complacente ouvido às preces minhas.

«O império ocidental, por ti doado  
A mim e ao sangue meu, que as leis te adora,  
O império ocidental, teatro anoso  
De inúmeros portentos, de alta glória,  
A plaga venturosa, o doce clima  
(Que já sagraste co'a presença tua),  
Lustra<sup>95</sup> de novos dons, de timbres novos,  
Em virtude, em grandeza, em majestade.  
A planta, de que fui raiz fecunda,  
Sempre mimosa de teu almo influxo,  
Brote por ordem tua um fruto ameno,  
Que adorne, encante, aformoseie a Terra.

«De Lísia velador, propício Génio  
Tu me elegeste, ó Deus. Eu guardo, eu zelo  
Fiel, grata Nação: mil e mil vezes  
Se apuram no esplendor da Eternidade  
Incensos que te dá meu povo amado.  
Requintada ventura, um lustre, ignoto  
Ao resto dos mortais, o galardoe:  
Primário<sup>96</sup> templo teu no mundo é Lísia,

---

<sup>95</sup> Na citada edição de Inocêncio Francisco da Silva, *Poesias de (...)*, t. IV, p. 29, «Lustre».

<sup>96</sup> Na anteriormente mencionada edição: «Primeiro».

Quase como é nos Céus, é lá teu culto.»  
Tais e tantas de Afonso as preces foram,  
E às preces anuiu o Autor dos astros.

Revolve a mão suprema o cofre eterno,  
E entre milhões de espíritos fulgentes  
Um que mais brilha, benfazejo, estrema.

Ó vós, de inextinguível claridade  
Serenos filhos! Impalpáveis entes!  
Núncios da Terra aos Céus, dos Céus à Terra,  
Quando implora o mortal, e outorga o Nume!  
Vós, leves, meneando as alvas plumas,  
Ao sólio, que dá leis do Tejo ao Ganges,  
Trazeis um dia, que atavie os tempos,  
Um dom trazeis, que divinize o mundo.

É teu natal, grande João, tua alma  
Este dia, este espírito, fadados  
De caráter sem par, de bens sem conto  
Pela voz que do Sol regula o giro.

Donativo do Céu, prazer da Terra,  
Que honras o mundo todo, e reges parte,  
Príncipe excelso, Príncipe adorado,  
Enlaças corações em flóreo jugo;  
Ternura filial nos diz que reinas,  
Não convulso terror, não leis de ferro.

Quais folgam, limpas das terrenas fezes,  
Almas formosas nos elísios prados,  
Vagam, risonhos, festivais teus povos  
Amplu domínio, que dos Céus herdaste.

Tarde, mui tarde a teu princípio voltas.  
Depois que o tempo fatigar seus voos,  
Vá sumir-se contigo a Natureza  
No seio da lustrosa Eternidade:  
Eis os votos de Lísia e do Universo.

XIII — AOS FAUSTÍSSIMOS ANOS DA FIDELÍSSIMA  
RAINHA DE PORTUGAL<sup>97</sup>

A ríspida estação tumultuosa,  
Que de vapor medonho assombra os ares,  
Que das Eólias<sup>98</sup> grutas desferrolha  
Estrondosos tufões, e além das nuvens  
O pélago arrogante em serras manda;  
Esse triste opressor da Natureza,  
Monarca das horríssonas procelas,  
Cuja grenha erriçada os gelos c'roam;  
Que arremessa o trovão, que acende o raio  
Na voz terrível, nos terríveis olhos,  
E, saudoso do caos, como que intenta  
Fingi-lo, arremedá-lo em seus horrores;  
O carrancudo, tenebroso inverno,  
À face de alto horóscopo brilhante,  
Foi por lei divina, por lei dos Fados  
Constrangido a despir tartáreo luto.

Eis dobrando a cerviz, eis bonançoso,  
O tirano da luz sacode as trevas.  
Respira a Natureza, o céu respira,  
Vítreatos os mares, sobre as praias dormem,

---

<sup>97</sup> Elogio dirigido à rainha D. Maria I, publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 23. Foi recitado, no dia 17 de dezembro de 1799, no Teatro da Rua dos Condes.

<sup>98</sup> Éolo, deus dos Ventos, filho de Júpiter.

Onde Áquilo<sup>99</sup> rugiu Favónio brinca,  
\*A nascer entre a neve aprendem rosas;<sup>100</sup>  
\* Amor sentindo, o rouxinol se inflama,  
\* Contente, iluso, não conhece o tempo,  
\* Vê-la imagina, e canta a primavera.

Surgindo entanto na purpúrea nuvem,  
\* Telas trajando, fulgurantes de ouro,  
De jasmíns imortais a fronte orlada,  
Com risos, que estudou de um deus na face,  
A cintilante Aurora<sup>101</sup> o Polo esmalta.  
Seus lumes como nunca então raiaram,  
E gota e gota de macio orvalho  
Que esparziu no teu seio, ó Lísia, ó Pátria,  
Foi ledo agouro, foi suave emblema  
De mil bens que dos Céus a ti dimanam.

Maria, a mãe de heróis, de heróis a filha  
A Jove mereceu tão novo indulto,  
Trouxe tão novo indulto à Natureza.  
Seu natal sobressai aos mais fulgentes  
Quanto no etéreo cume, alardeando  
Torrentes de fulgor, que o Polo inundam,  
Vence o planeta majestoso, intenso,  
Ténue luz, que esmorece em negra estância.

---

<sup>99</sup> Aquilão ou Áquilo, vento furioso, filho de Éolo e de Aurora.

<sup>100</sup> Este verso e os seguintes que apresentam asterisco pertencem, de acordo com uma nota de Bocage, a *Os Jardins*, obra composta por Delille, pelo autor setubalense traduzida e publicada, em 1800, uma edição bilingue da Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego. Eis a respetiva transcrição, feita por Inocêncio Francisco da Silva, *Poesias de (...)*, t. IV, p. 351: «La rose apprend à naître au milieu des glaçons. / Là, le oiseau, quand la terre ailleurs est dépouillée, / Vole, et s'égare encore sous la verte feuillée, / Et trompé par les lieux ne connaît plus les temps, / Croit revoir les beaux jours, et chante le printemps.»

<sup>101</sup> Filha de Hiperion e de Tia. Da sua união com Astreu nasceram os Ventos.

Sim, Rainha imortal, se a bem do mundo  
Prenda tão cara não lhe houvesse dado;  
Se, doce fruto de amorosa planta,  
Teu mimo, teu penhor, delícias tuas,  
João, sangue de heróis, que o Tejo adora,  
A nossos corações negado fosse,  
Ninguém te igualaria aquém dos numes.

Eles teu grande horóscopo envolveram  
No imenso resplendor da Eternidade,  
Tua alma se embebeu na essência deles;  
E ao ponto em que dos Céus se derivava,  
Abrindo a azul campina em sulcos de ouro,  
Presumiu assombrada a Natureza  
Que radiosa porção vivificante  
Do facho universal se desprendia.

A Jove teu natal deveu sorrisos,  
E, atento na mimosa infância tua,  
Com rosto afagador te olhou, te disse:  
«Qual é teu dia, tal será teu fado.»

#### XIV — AOS ANOS DA MESMA AUGUSTÍSSIMA SENHORA<sup>102</sup>

Musas, Musas do Tejo, alçai ao Polo  
Versos dignos de reis, da Pátria dignos.  
Desenrugue-se o Fado; os tempos voltem  
Quais a vate Cumeia<sup>103</sup> os viu na mente;

---

<sup>102</sup> Perfilhámos a lição de Inocêncio Francisco da Silva in *Poesias de (...)*. Lisboa: na Tipografia de A. J. F. Lopes, 1853, t. IV, p. 10. Este editor afirmou possuir o respetivo autó-grafo original. O elogio da p. 532 apresenta os mesmos versos iniciais.

<sup>103</sup> A Sibila de Cumas. Apolo autorizara-a a viver tantos anos quantos os grãos de areia que a sua mão pudesse conter.

Em manto cor de neve Astreia<sup>104</sup> envolta  
As eras de Saturno<sup>105</sup> acorde e guie  
Ao seio escuro da ferrenha idade.  
Apenas tenham que invejar aos numes  
Os ditosos mortais; luzeiro errante  
Surja, rutila da sinistra parte,  
E com faustos satélites discorra  
Deste àquele horizonte os céus de Lísia,  
Ingente, portentoso, e qual outrora  
Dourou a alma de Júlio o céu de Roma,  
As vestes abrilhante ao carrancudo  
Monarca das horríssonas procelas,  
Cuja grenha erriçada os gelos c'roam,  
Cuja mão tenebrosa além das nuvens  
O pélagos arrogante em serras manda;  
Na voz terrível, nos terríveis olhos,  
Que arremessam trovões, que acendem raios,  
Sofra o duro opressor do aéreo campo,  
Sofra o silêncio e a paz; desdobre, alise  
Ondas o pego, e sobre as praias durma;  
Brinque Favónio onde Áquilo esbraveja,  
Respire a Natureza, o céu respire;  
A nascer entre a neve aprendam rosas;  
Puro, espontâneo mel destilem troncos;  
Na rubra nuvem fulgurante de ouro  
De jasmims imortais co'a fronte orlada  
Sempre neste áureo dia assome a deusa,  
Que sobre as flores a existência entorna;  
No semblante de um deus a Aurora estude  
Risos que a Natureza estranhe e adore;  
Derrame pelos céus mais luz, mais pompa,  
Sol, reflexo de Jove, imagem sua.

---

<sup>104</sup> Astreia, filha de Júpiter e de Témis, catalisava a justiça e a virtude entre os homens.

<sup>105</sup> *Vd.* nota da p. 499.

Maria, mãe de heróis, de heróis a filha,  
Indulto singular merece ao Fado;  
Seu natal sobressai aos mais fulgentes,  
Quanto no etéreo cume alardeando  
Torrentes de fulgor, que o Polo inundam,  
Vence o planeta fulgurante, imenso,  
Ténue luz que esmorece em negra estância.

Sim, Rainha imortal, modelo augusto  
De quantas perfeições, quantas virtudes  
De Astreia ao lado para o céu fugiram;  
Sim, Rainha imortal; se a bem do mundo  
Prenda tão cara não lhe houvesse dado;  
Se, doce fruto de amorosa planta,  
João, prole de heróis, que o Tejo adora,  
A nossos corações negado fosse,  
Ninguém te igualaria aquém dos numes.

Eles teu grande horóscopo envolveram  
No vasto resplendor da Eternidade;  
Tua alma se embebeu na essência deles,  
E ao ponto em que dos céus se desprendia,  
Abrindo a azul campina em sulcos de ouro,  
Presumiu assombrada a Natureza  
Que radiosa porção vivificante  
Do facho universal se desprendera.

Ó Rei da Imensidade, ó Rei dos Fados!  
Os ídolos da Pátria, a mãe, e o filho  
No trono avito, heroico, à sombra tua  
De séculos em séculos triunfem:  
Dele, dela se esquivem Tempo e Morte,  
Dure-lhe a vida o que durar seu nome.  
O Tejo despejando as urnas de ouro  
Às plantas lhe deponha o grão tributo,  
Até que a Eternidade absorva as eras.

São mimosos do Fado, a Jove aceitos  
O filho, a mãe de reis, de heróis, de numes;  
Cobrem asas de um Deus os dignos dele,  
Lísia, flor das nações, prospera, exulta!

XV — AOS ANOS DA SERENÍSSIMA PRINCESA  
D. MARIA TERESA<sup>106</sup>

(29 de abril de 18...)

Além do firmamento, além do espaço  
Que por lei suma franqueara o seio  
A mundos sem medida, a sóis sem conto;  
Aquele, cujo trono imenso, imóvel  
Vence ao diamante a consistência, o lume,  
Tem por base e dossel a Eternidade;  
O só Princípio dos princípios todos,  
Co'um sorriso avivando o etéreo dia,  
Lançara a seu tesouro a mão suprema:  
Mil virtudes, mil bens, mil dons, mil graças,  
A que o tato divino alteia o preço,  
Surgem do eterno cofre; e alado génio,  
Que as barreiras do céu transpõe num voo,  
Por entre o resplendor que em torno espraia,  
Traz o grão donativo à Natureza;  
E vêm com ele reluzindo os Fados,  
Que ao celeste penhor cingira o nume.

---

<sup>106</sup> Publicado por Nuno Álvares de Pato Moniz in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, Tomo V e 2.º das Suas Obras Póstumas. Lisboa: na Impressão Régia, 1814, p. 189; por Inocêncio Francisco da Silva in *Poesias de (...)*, t. iv, p. 40, sendo a epígrafe adotada da sua responsabilidade. D. Maria Teresa (Lisboa, 29 de abril de 1793-Trieste, 19 de janeiro de 1874), era a primeira filha de D. Carlota Joaquina e do então futuro rei, D. João.

«Ministro universal da onipotência!  
(Clama o nuncio radioso) a ela é grato  
Que destes sacros dotes se atavie  
Prole de reis, de heróis<sup>107</sup>, um digno ramo  
Da planta que imortal floresce em Lísia,  
De olímpicos orvalhos animada;  
Uma alma singular, idónea ao sangue  
Do mortal, que vencendo o grau de humano,  
Foi pela voz de um Deus chamado, eleito  
À virtude, à grandeza, ao trono, à glória;  
Que, possante, magnânimo, assombroso,  
Com o arnês da razão, da fé munido,  
Líbicos monstros de terríveis garras  
Feriu, rompeu, prostrou, desfez qual raio;  
A cinzas reduziu, a pó e a nada  
Os templos da impostura, as aras do erro;  
Depois que a divindade o véu rasgando,  
Esse véu sacrossanto, impenetrável,  
Que a recata do mundo, ante seus olhos  
No lenho remidor se fez patente;  
E com ele travando alta aliança,  
As insígnias lhe deu, lhe deu o império.»

Disse o fulgente espírito; e soltando  
Das asas d'áurea cor fragrância e néctar,  
Em pélagos de luz desaparece.  
Tremeu de acatamento a Natureza  
Entanto que o decreto absorta ouvia;  
Eis que, volvendo a si, risonha, ufana,  
No brilhante composto exaure a indústria;

---

<sup>107</sup> Na lição de Pato Moniz: «d'heróis».

Une às graças morais externas graças<sup>108</sup>,  
Divinais perfeições à essência humana;  
E exulta, e se revê nos dons que enlaça.

Adorável princesa, estes encantos  
São teus, são teus: no espírito, na face,  
Na voz, no coração te resplandecem;  
Com eles teu natal se aformoseia;  
Por eles de mil júbilos c'roadado,  
Em perfumes envolto, envolto em flores  
No grémio puro de benigna Aurora  
Aos votos dos mortais os Céus o enviam.

XVI — AOS FAUSTÍSSIMOS ANOS DA SERENÍSSIMA  
PRINCESA DO BRASIL, VIÚVA<sup>109</sup>

Sacro delírio, criadora insânia,  
Que, não paga de um Deus, de um Céu não paga,  
Ousaste pregoar mais céus, mais deuses;  
Opulenta, indomável fantasia  
Dos homens quase nunes, que, invadindo  
Os brônzeos penetrais da Eternidade,  
Presumiste erigir no centro dela  
O paço a Jove, o tribunal aos Fados,  
Os astros povoar de vãs deidades,  
E, esforçando o terror da Natureza,  
Depois arremeter do Averno às portas,

---

<sup>108</sup> Na lição de Pato Moniz, segue-se a este verso o seguinte: «Une ao riso a virtude, a neve às rosas.».

<sup>109</sup> Elogio publicado em *Poesias de (...) Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 46. Foi recitado por Bocage, no dia 25 de julho de 1798, no Teatro da Rua do Salitre. D. Maria Francisca Benedita (Lisboa, 25 de julho de 1746-*ibidem*, 18 de agosto de 1829) era filha do rei D. José e viúva do príncipe primogénito, seu sobrinho, D. José (Lisboa, 21 de agosto de 1761-*ibidem*, 11 de setembro de 1788).

Sumir teus voos pelo imenso abismo,  
Erguer Plutão<sup>110</sup> sanhudo em férreo trono,  
Fingi-lo ao Medo, figurá-lo ao Crime  
Regendo as Fúrias, legislando à Morte;  
Ó Génios sem limite, ó vós que outrora  
Dáveis aromas, templo, altar, ministros  
À virtude imortal das almas belas,  
Mais puras, mais brilhantes, mais formosas  
Que o filtrado clarão das eras de ouro!  
Manes, sagrados Manes, se, arrombando  
Da existência e do nada o muro eterno,  
Volvêsseis a vagar no globo infausto,  
No globo já corrupto, e não lustroso  
Do primevo esplendor! Se ao alto olhando  
Por entre a névoa de apinhados vícios  
(Semente nunca estéril no Universo),  
Vísseis em sumo grau, remoto deles,  
Luzir dos hinos meus o grande objeto,  
Luzir Maria, a singular Maria,  
Prole de reis, de heróis, de semideuses,  
Do império universal por si credora,  
Maior que os Fados seus, maior que a Fama!  
Iréis com transporte e jus mais santo  
Sagrar-lhe aromas, templo, altar, ministros.

Seu dia, que deveu aos Céus cuidado,  
E no Sol, como os mais, não teve origem,  
Seu risonho natal, quase tão puro  
Como o seu coração, deu hoje à Terra  
Prazeres, cuja ideia encantadora  
Foi ao estro dirceu<sup>111</sup> talvez negada.

---

<sup>110</sup> Deus dos Infernos, filho de Saturno e de Reia.

<sup>111</sup> Relativo a Dirce, fonte de Tebas consagrada às Musas. Alusão a Píndaro, poeta natural daquela cidade.

Hoje Aurora surgiu não sonolenta,  
Hoje Aurora, anelando antecipar-se,  
Na orvalhosa madeixa desparzira  
Almos perfumes, a que cede o néctar,  
Flores, que dispusera e que zelava  
Nos elísios jardins cultor divino,  
Para toucarem a manhã mais bela,  
A mais bela manhã, que sobre o Tejo  
Em chuveiros as Graças derramando,  
À superfície azul subtis cardumes  
Atraíu dos Favónios brincadores,  
Por mais doce fragrância enfeitiçados,  
Uns após outros desdenhando as rosas.

Sorriu-se, como nunca, o rei dos entes  
No ponto em que raiou tão fausto dia,  
Dentre os etéreos orbes deslizado;  
Sorriu-se, e refletiu no Céu, na Terra,  
Na face festival da Natureza  
O adorável sorriso omnipotente,  
Capaz de produzir mil sóis, mil mundos,  
Torcer os Fados e alegrar o Inferno.

Então, a eternas leis curvado o Tempo,  
Na corrente fatal dos bens, dos males,  
Em que é vida este anel, e aquele é morte,  
O Tempo então, depondo a foíce, as asas,  
Poliu áureo fuzil, tão reforçado,  
Que o desabrido assalto, o peso, o encontro  
Dos séculos em chusma, o não rompessem:  
Deve tanto a Virtude às divindades!

És, brilhante fuzil, és a existência  
Da régia, da magnânima heroína,  
Que n'alma florescente o Céu resume;

Augusto coração, cuja grandeza,  
Quando aos míseros desce, aos astros sobe,  
E colhe em galardão a eternidade.<sup>112</sup>

Encanto universal, matrona excelsa,  
Como que ao templo ingente, onde a Memória  
Constrói estátuas que não róí a idade,  
Erguido, arrebatado o pensamento,  
Por entre as altas cópias venerandas  
Daquelas que transpõem o horror do Letes<sup>113</sup>,  
Lá vê sobressair a imagem tua,  
E lê na, que a sustém, perpétua base:  
«A glória de Maria é mais que a vossa:  
Ao bronze superior curvai-vos, bronzes.»

## XVII — AOS PRÓSPEROS ANOS DA SERENÍSSIMA PRINCESA DO BRASIL, A SENHORA D. CARLOTA JOAQUINA<sup>114</sup>

Tu, patente à razão, velado aos olhos,  
Monarca do Universo, alma de tudo,  
Imenso, que em ti mesmo apenas cabes,  
Que tens no ser, na mão, na voz, no aceno  
Fados, eternidade, onnipotência,  
De que o raio é pregão, e o mundo é prova:  
Ah! Manda que teus júbilos sem conto,  
Que elísias flores, Zéfiros do Olimpo  
C'roem, bafejem de Carlota o dia;

---

<sup>112</sup> Maria Benedita custeou integralmente a construção do Asilo de Inválidos Militares, situado em Runa, nas imediações de Torres Vedras, tendo para o efeito prescindido de toda a sua riqueza.

<sup>113</sup> *Vd.* n. 23, p. 27.

<sup>114</sup> Elogio publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 43. Foi dirigido à futura rainha D. Carlota Joaquina e recitado, a 25 de abril de 1801, dia do seu aniversário, no Teatro da Rua dos Condes.

Que o Sol, que o teu reflexo, a imagem tua,  
Com ele avive a púrpura d'Aurora,  
Com ele regozije, adorne, alteie,  
Gradue em divindade a Natureza,  
E vá com ele, ovante, além das eras.

Prole de um semideus, esposa de outro,  
De outro, inferior, ó Jove, a ti somente,  
Carlota é de teus dons, de teus tesouros  
Nas graças, no atrativo, a flor, o extremo.  
Qual no Céu reluziu quando, inda isenta  
Da corpórea prisão, sua alma bela  
Serena de astro em astro vagueava,  
Qual no Céu reluziu, reluz na Terra.  
Em seu cândido rosto encantos brilham,  
Razão lustrosa lhe atavia a mente,  
Sorrisos a grandeza lhe temperam;  
Tem mais sublime a índole que a Sorte,  
Maior o coração que a dignidade.  
Aos ais do aflito, do infeliz aos prantos  
Desde o cimo da glória e da Ventura  
Dá materno favor, materno ouvido,  
Emulando, a par dele, os mil portentos  
Do consorte imortal, do herói piedoso,  
Por quem, de áureas delícias esmaltado,  
O céu de Lusitânia as trevas despe,  
E é qual foi quando assídua primavera  
Cobriu de virações, ornou de rosas  
Ao tenro globo a superfície amena,  
Quando em correntes sussurrava o néctar,  
E, o mesmo no zénite, ou no horizonte,  
O Sol benignos lumes espriava,  
Benignos lumes, como espriava a Lua,  
Se com pleno fulgor prateia os mares.

Os ídolos da Pátria, o par brilhante,  
Dos mortais o esplendor, João, Carlota,  
Ó Rei da Eternidade, ó Rei dos Fados,  
No trono avito, heroico, à sombra tua,  
De séculos e séculos triunfem:  
Dele, dela se esquivem Tempo e Morte,  
Dure-lhe a vida o que durar seu nome.

O Tejo, despejando as urnas de ouro,  
Às plantas lhes deponha o grão tributo,  
Tê que, a terrestre máquina abismando,  
Sorva tempos mortais o Tempo eterno.  
Tua respiração, dos céus perfume,  
Purifique o natal formoso e caro,  
Em que ufana, em que altiva a Natureza  
Se enleva, se revê, se ri, se encanta.

Já de Saturno as épocas voaram,  
Férrea, medonha idade agrava os entes.  
Ah! Dentre os mortos séculos surgindo,  
Envolto em rosas, o melhor dos dias,  
Dos dias que perdeu console o mundo.

Tais, e tantas de Lísia<sup>115</sup> as preces foram  
Ante o sólio de Jove, e dele ouvidas  
Colheram num sorriso omnipotente  
Da implorada mercê penhor e anúncio.

São mimosos do Fado, a Jove aceitos,  
Cobre a sombra dum Deus João, Carlota:  
Modelo das nações! Ó Pátria! Exulta.

---

<sup>115</sup> A Pátria.



# ELOGIOS DRAMÁTICOS



# I — O ATOR AGRADECIDO À BENEFICÊNCIA PÚBLICA<sup>1</sup>

INTERLOCUTORES: Talia<sup>2</sup> e o Ator

ATOR

Filha de Jove, tutelar deidade  
Dos vates imortais, dos génios grandes  
Que, sobre a cena golpeando o vício,  
Sementes da virtude arreigam n'alma  
E as fezes das paixões lhe extraem com arte;  
Ó Musa festival! Não menos grata,  
Não menos útil à moral e à vida,  
Meneando o pincel com que semeias  
A crítica verdade, o sal e o riso,  
Não menos útil, sim, não menos grata  
Que a majestosa irmã, desentranhando  
Da funda escuridão dos tempos mortos  
Exemplos que do mal nos acautelem,  
Ou modelos que ao bem nos encaminhem:  
Os terríveis afetos da grandeza,  
Os crimes da ambição, de amor os crimes,  
As artes da política impostora,  
O baque dos impérios derrubados;

---

<sup>1</sup> Elogio recitado no Teatro do Salitre em 1798. Foi publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 82.

<sup>2</sup> Uma das nove Musas; presidia à Comédia.

Os Régulos<sup>3</sup>, Catões<sup>4</sup>, Horácios<sup>5</sup>, Codros<sup>6</sup>,  
Rivais dos nubes, vítimas da Pátria:  
A inocência acolá gemendo em ferros,  
Ali torcendo as leis protervo abuso;  
Ora o justo por terra, ora exaltado,  
Ora ovante a Maldade, ora abatida;  
Já com brutas paixões a humana espécie  
Submersa no labéu, no horror, na infâmia,  
Já virtude alteando a Natureza,  
Em amplos corações ardendo a glória,  
E, fértil de portentos, conseguindo  
Que, envolta no heroísmo, agrade a morte.

Assombros de Melpómene<sup>7</sup> sagrada,  
Voltaires<sup>8</sup>, Crébillons<sup>9</sup>, ministros dela,  
Que a atenção subjugais, o gosto, a mente,  
Vós culto mereceis, vós sois eternos,  
Coòs outros que imortais vos precederam  
D'alta memória na fragosa estrada.

Mas tu, Plauto do Sena<sup>10</sup>, exímio vate,  
Tu que, dos corações sondando o abismo,  
Com vista imperturbável em si mesmos  
Estudaste os mortais; pintor insigne

---

<sup>3</sup> *Vd.* n. 59, p. 493.

<sup>4</sup> *Vd.* n. 62, p. 493.

<sup>5</sup> Quinto Horácio Flaco (Venúsia, Apúlia, 65 ou 68-8 a. C.) compôs epístolas, sátiras e odes. A *Epístola aos Pisões*, mais conhecida por *Arte Poética*, foi particularmente apreciada durante o Renascimento e o século XVIII.

<sup>6</sup> Um Oráculo predisse que sairia vencedor da guerra com os Dórios o rei que fosse morto pelo inimigo. Codro, rei de Atenas, deixou-se então matar.

<sup>7</sup> Musa da Tragédia. É representada com cetros e coroas numa mão, ostentando na outra um punhal.

<sup>8</sup> Voltaire (*Châtenay*, 1694-Paris, 1778), um dos maiores pensadores do século XVIII.

<sup>9</sup> Prosper Jolyot de Crébillon (Dijon, 1674-Paris, 1762), dramaturgo de nomeada. A partir de 1731, fez parte da Academia Francesa. Em 1735, foi nomeado censor.

<sup>10</sup> Nota do autor: «Molière.»

Que o prazer e o proveito entrelaçando  
No engenhoso matiz das ledas cores,  
Quais são, quais foram debuxaste os homens,  
Das meãs condições fizeste o quadro,  
E ao quadro breve reduziste o mundo!  
Tu que, não pago de instruir co'a pena,  
Co'as vozes sazoneste os frutos dela,  
Tu és credor também da eternida de,  
Aluno de Talia! E por teu nome  
Hoje espero impetrar da casta deusa  
Favor, benevolência, abrigo, influxo,  
Hoje que, deferindo às preces minhas,  
Do sacro Monte<sup>11</sup> as veigas desampara,  
Sai dentre o vário círculo brilhante  
Das divinas irmãs<sup>12</sup>, do irmão divino<sup>13</sup>,  
De Febo, que revolve, entende os Fados,  
E no peito mortal se embebe às vezes.

Ó Musa, que me atendes, que trocaste  
Pelas margens do Tejo as do Permesse<sup>14</sup>,  
E no clima gentil, que aromatizas,  
Vês luzir florescente amenidade,  
Vês tão risonho o céu, tão verde a Terra,  
Sentes de mil Favónios os suspiros,  
A ciciosa turba, que vagueia,  
Polindo os ares, namorando as flores,  
Quais lá no cume excelso, estância tua,  
Digna-te de influir-me ativas forças,

---

<sup>11</sup> O Olimpo.

<sup>12</sup> As nove Musas; segundo Hesíodo eram Calipo, Clío, Euterpe, Melpómene, Terpsícore, Érato, Polímnia, Urânia e Talia.

<sup>13</sup> Apolo.

<sup>14</sup> De acordo com a mitologia grega, rio da Beócia que nascia no Hélicon e desaguava no lago Cópais. As suas águas, consagradas a Apolo e às Musas, eram fonte contínua de inspiração dos poetas.

Capazes de ombrear com meus desejos.  
De ti pende o regrad-me a voz e o gesto,  
Para que nem transponha a Natureza  
Nas asas de fervor desatentado,  
Nem cobarde rasteje aquém da meta,  
Roto o véu da ilusão. Meus olhos pintem,  
Mostrem meus lábios a influência tua,  
Agora que de esplêndido congresso  
Magnânimo favor me especializa,  
Geral beneficência a mim dimana.

Honre os suores meus, ó divindade,  
A glória de atrair mais digno prêmio,  
A glória de aprazer aos ilustrados  
Nest'arte de sentir paixões alheias,  
Quase transmigração a essência nova.

Às súplicas mortais propícia anuis!  
Feliz meu coração! Feliz meu rogo!

#### TALIA

Honrosa gratidão te inflama o peito,  
Da Pátria o doce amor te ferve n'alma,  
Sagrados, candidíssimos objetos,  
Que da Terra e dos Céus merecem tanto!  
Prometo de inspirar-te em honra sua;  
Não temas fraquear, terás contigo  
Nos lances, nas ações de mais momento,  
Não visíveis os Manes instrutores  
Daqueles que no Tamisa, no Sena  
Ao claro nome seu padrões alçaram,  
Ou revocando as generosas cinzas  
De finados heróis, ou exprimindo  
Em caráter menor paixões mais brandas,  
Cingidos de tal arte à Natureza,  
Que a mente, pelos séculos errante,

Ó Grécia!, Ó Grécia! teus milagres via,  
E o mais em que se apraz a Humanidade.  
Exerce, ator ditoso, exerce as forças,  
Que à Pátria, de que és filho, estás devendo;  
Confia na assembleia espectadora,  
Na sublime Nação que afaga as artes,  
Que, à virtude, ao saber e às Musas dada,  
Também com mestra mão colheu meus louros.

Lá onde entrar não ousam Tempo e Morte  
Os Ferreiras<sup>15</sup>, os Sás<sup>16</sup> perenes brilham;  
Eles no meu tesouro estão velando,  
E o génio criador, que os fez eternos,  
Mil vezes das estrelas deslizado,  
Em lustrosos eflúvios se reparte  
Por vós, ó lusos vates, que inda à Fama  
Dareis com que afadigue as línguas cento,  
E a plaga ocidental por vós espante  
As outras, do renome<sup>17</sup> alheio escassas.

#### ATOR

Ó mais que fausto agouro! Ó Pátria! Ó numes!  
Ó deusa protetora! A teus influxos  
Sagrarei por altissonos cantores  
De etéreo resplendor c'roados hinos.

---

<sup>15</sup> António Ferreira (Lisboa, 1528-Lisboa, 1569).

<sup>16</sup> Sá de Miranda (Coimbra, 1481-depois de maio de 1558).

<sup>17</sup> Nota do autor: «Não é galicismo: acha-se na *Malaca Conquistada* e em outros autores de boa nota.»

## II — AO NASCIMENTO DA SERENÍSSIMA SENHORA D. ISABEL<sup>18</sup>

ATOR

Musas, Musas do Tejo, alçai ao Polo  
Versos dignos de reis, da Pátria dignos.  
Desenruga-se o Fado, os Tempos volvem  
Quais a vate Cumeia<sup>19</sup> os viu na mente.  
O mundo se renova, o caos triste,  
Com que opressa gemia a Natureza,  
Em dias se desfaz de riso e de ouro.  
No manto cor de neve Astreia<sup>20</sup> envolta,  
As eras de Saturno<sup>21</sup> à Terra guia;  
Desliza-se dos Céus estirpe nova,  
Sorriso virginal, penhor divino  
Apura, formoseia os ares nossos;  
Em Zéfiros<sup>22</sup> mimosos se convertem  
Os duros Aquilões<sup>23</sup>, luzeiro errante  
Surge, rutila da sinistra parte,  
E com faustos satélites discorre  
Deste a aquele horizonte os céus de Lísia<sup>24</sup>.

---

<sup>18</sup> A infanta Isabel Maria (Palácio Nacional de Queluz, 1801-Benfica, 1876) era filha de D. João VI e de D. Carlota Joaquina. Em 1826, na sequência do falecimento do pai, tornou-se regente do reino. Inocência afirmou ter na sua posse o autógrafo desta composição, inicialmente publicada em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 66.

Este elogio, recitado, no ano de 1801, no Teatro da Rua dos Condes, foi, como Bocage assinala, «em parte imitado de Virgílio», segundo cremos, da égloga IV.

<sup>19</sup> *Vd.* n. 103, p. 513.

<sup>20</sup> *Vd.* n. 104, p. 514.

<sup>21</sup> *Vd.* n. 79, p. 499.

<sup>22</sup> Vento suave na mitologia grega, filho de Éolo e de Aurora.

<sup>23</sup> Irmão de Zéfiro, caracterizava-se pela sua violência.

<sup>24</sup> A Pátria.

Ingente, majestoso, e qual outrora  
Dourou a alma de Júlio o céu de Roma,<sup>25</sup>  
Fantasmas desvanece, agouros varre.

Salve, casta, benéfica Lucina,  
Fautora do gentil, do amável fruto  
Que brota de sagrada, eterna planta!  
Salve, prole de heróis, prole adorável!  
Tu vens embrandecer com teus encantos  
A férrea idade, o século das Fúrias<sup>26</sup>;  
Amor, paz, inocência ao mundo of'reces  
Dos olhos infantis no doce lume.  
Luzindo, vicejando em mil virtudes,  
Irá teu coração; maior que os anos,  
De glórias cingirás tua existência;  
Por ti conciliado o Céu co'a Terra  
Veremos, e por ti verificar-se  
Quanto as mentes febeias têm sonhado.  
Nos tempos de João, nos tempos nossos  
Há de o passo de Jove a Pátria honrar-nos;  
Hão de os netos de Luso, ao deus tão gratos,  
Qual se vive no Céu, viver no mundo:  
Mistos os numes e os heróis veremos,  
E, se rastos houver do crime antigo,  
Apagados serão por teus influxos.

De flores se matiza em honra tua  
A leda Natureza: o térreo seio  
Levanta o mirto ameno, a páfia rosa,  
O loureiro honrador e o mole acanto.  
Nas várzeas para ti se está sorrindo,

---

<sup>25</sup> Nota do autor: «Esta imagem está usurpada por certa poesia mais moderna.» Episódio das *Metamorfoses*, de Ovídio, traduzido por Bocage.

<sup>26</sup> *Vd.* n. 84, p. 502.

De áurea espiga toucado, o mês de Ceres<sup>27</sup>;  
Vai teus louvores murmurando o Tejo,  
E ao potente Oceano<sup>28</sup>, ao rei dos mares  
Leva teu nome, o teu natal, teus fados  
Na voz que adoça ao proferir o anúncio.

Ateiam-se entre as alvas, brandas ninfas  
Doces debates: entre si contendem  
Qual primeiro abrirá nas vítreas lapas  
Teu nome idolatrado, e qual primeiro  
Teu áureo berço, teu virgíneo corpo  
Na tela imitará com sábia agulha.

Tumultuando os céus trovão de bronze,  
Não murcha corações, não tolhe os hinos  
Que o transporte, que o júbilo desata.  
O nume da braveza, o deus do sangue,  
Ouvindo que teu ser já luz no mundo,  
Do carro assolador saltando alegre,  
O elmo, a lança, o pavês arremessando,  
Ficará tão sereno e tão macio,  
Como quando entregava, aceso em gostos,  
De Vénus ao regaço a crespa fronte,  
E co'as armas folgando os Amorzinhos<sup>29</sup>,  
Do caráter deposto escarneciam,  
Caráter surdo aos ais, aos prantos surdo,  
Que uns olhos, que um sorriso amoleceram.

Melindrosa, gentil, real menina,  
Cópia das Graças<sup>30</sup>, dos Amores cópia,  
Filha digna dos pais, delícia deles,

---

<sup>27</sup> Deusa da agricultura na mitologia latina.

<sup>28</sup> O pai de todos os rios, concebidos com Tétis.

<sup>29</sup> Cupidos.

<sup>30</sup> *Vd.* n. 89, p. 504.

Cresce, brilha, prospera, exulta, vive:  
Quais são teus olhos os teus dias sejam,  
Claros, formosos, inocentes, puros.

Querida prole, a conhecer começa  
A carinhosa mãe, que magoaste  
Com agro pesadume em longos dias;  
Melhora os risos teus nos risos dela:  
És semideia, ficarás deidade.

#### ATRIZ

Para o penhor mimoso,  
Dentre os sidéreos lumes,  
Olhai, benignos entes,  
Olhai, propícios numes.

A providência vossa,  
Vosso favor merece  
Quem tanto, ó divindades,  
Convosco se parece.

Génio de luz composto  
Corte os cerúleos ares,  
E dos monarcas lusos  
Orne os pomposos lares.

Ao marchetado berço,  
Risonho, se aproxime,  
E ali requinte as graças  
De espírito sublime.

Seus luminosos Fados  
Zelando em cofre de ouro,  
Lustre, enriqueça o mundo  
Co'ò singular tesouro;

Afague a doce prole  
Dos que são mais que humanos:  
Dela um só dia ocupe  
O que não cabe em anos;

E, quando em tardas eras  
Voar dentre os mortais,  
O Céu na posse dela  
Goze de um astro mais.

### III — AO PÚBLICO, EM NOME DE LEOCÁDIA MARIA DA SERRA, NO DIA DO SEU BENEFÍCIO<sup>31</sup>

INTERLOCUTORES: Ator e Atriz

ATOR

Por uma estrada só não se encaminha  
O génio lidador, votado à Fama:  
As diversas paixões têm fins diversos,  
São diversos os graus, onde a virtude,  
Onde a glória aos mortais coloca os nomes.

Por entre o fogo, o pó, e o sangue, e a morte  
Raios de ferro ou bronze arrosta aquele;  
Arde, freme, esbraveia, arqueja, espuma,  
Enquanto, do espetáculo aterrada,  
Parece que recua a Natureza.  
Este em doura vigília, e reclinado  
Da planta de Minerva à sombra amiga,

---

<sup>31</sup> Publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 75. Foi recitado, em 1799, no Teatro do Salitre.

Estuda os corações, estuda os tempos,  
Sonda costumes, caracteres sonda,  
E, corrigindo os mais, a si corrige.  
Estoutro, desdenhando a baixa Terra,  
Nos êxtases febeus discorre os astros;  
Travam seus olhos do futuro esquivo,  
Da imensa Eternidade arranca os Fados,  
Mortal na condição, na voz é nume.  
Renascem Rafaéis<sup>32</sup>, Fídias<sup>33</sup> renascem;  
O mágico pincel prodígios verte,  
E em milagrosas mãos a pedra vive.

Tu, também, raro dom, tu, dom lustroso  
De exprimir as paixões, de erguer à vida  
Claros heróis, que no sepulcro dormem;  
Tu, ante quem o avaro ímpetos sente  
De ir desferrolhar tesouro inútil,  
Malfeitor coração detesta o crime,  
O que em sangue esparziu compensa em pranto,  
E, ou receie o ludíbrio, ou ame a glória,  
O mau se torna bom, e o bom perfeito;  
Portentosa ilusão, que senhoreias,  
Que encantas corações có'a voz e o gesto,  
Tu na posteridade aos que te exercem,  
Se és deles dignamente exercitada,  
Classe, e classe não ínfima, granjeias.

Quanto ao sexo mimoso apura as graças  
Est'arte, a mais irmã da Natureza!  
Congresso espectador! Vós o sentistes  
Quando aquela que é hoje objeto amável

---

<sup>32</sup> Rafael Sanzio (Urbino, 1483-Roma, 1520), um dos mais representativos pintores italianos do Renascimento.

<sup>33</sup> Escultor grego, viveu no século v antes de Cristo. Dirigiu a construção do Pártenon e da estátua colossal de Zeus, em Olímpia, considerada uma das sete maravilhas do mundo.

Do público favor, pintou nos olhos,  
Nos lábios, nas ações, nos ais, nos prantos  
O terror e a piedade, alma da cena,  
O afeto conjugal, e a dor materna,  
Envolta em longos véus da cor da morte!  
Benignos corações, alucinados  
De eloquente, patética aparência,  
Julgastes ver surgir da morta idade  
A esposa de Raul<sup>34</sup>, e em mil suspiros  
Mandar o pensamento à sombra amada.  
Soaram vivas, lágrimas correram,  
Do transporte geral não dúbia prova;  
E a terna gratidão, sagrado afeto,  
Vem tributar-vos sentimentos puros  
Na doce voz da revivente Elisa<sup>35</sup>.

(Para ela)

Chega, e vê que espetáculo pomposo,  
De ilustres cidadãos vê que assembleia  
Concorre a proteger-te; ouve que aplauso  
Generoso te exalta, e vai fundando  
Em robusto alicerce a glória tua.  
Os dois formosos dons — temor e pejo —  
Realces de teu sexo, não suprimam  
Da bela gratidão sensíveis mostras.  
Solta a cândida voz da singeleza,  
Que em silêncio te escuta um povo egrégio,  
Um povo, o mais feliz e o mais amável  
De quantos sobre a máquina terrena  
Prodígios imortais têm dado à Fama;

---

<sup>34</sup> Nota do autor: «Raul ou Rodolfo de Vitri, protagonista na *Tragédia do Escravo*, composição de Camillo Federici.»

<sup>35</sup> Nota do autor: «A esposa de Raul.»

Um povo submetido a leis macias,  
Que a mão de um semideus dos Céus traslada,  
O povo de João, do herói, do amigo,  
Do pai comum, do benfeitor da Pátria,  
Daquele em que a virtude é só grandeza,  
Daquele que de si por nós se esquece,  
Daquele em cujos dias luminosos,  
Dentre os fuzis dos séculos dormentes,  
Rebentam de Saturno os áureos dias.  
Enche um sacro dever, e a voz desprende.

#### ATRIZ

Excelsa Pátria minha, espectadores  
Que tanto e tanto honrais co'a voz e os olhos  
Meus tímidos ensaios sobre a cena;  
Propício tribunal em que é julgada  
Débil mulher que pávida caminha  
Por espinhosa, incógnita vereda,  
Onde o génio talvez, onde o costume  
Também se desacordam, se extraviam,  
Ou tudo vem do ensino, ou vem do exemplo:  
Recentes para mim o exemplo, o ensino,  
Fertilizar minha alma inda não podem,  
Nem conferir-lhe o tom, nem dar-lhe o gesto  
Com que um ânimo em outro se converte.  
Mas vejo reluzir brilhante agouro  
Que, afagado por vós, me aponta ao longe  
Digna da Pátria num futuro honroso.

Da glória no horizonte os olhos fito,  
E à pública, eficaz beneficência  
Meus dias consagrando, anelo o tempo  
Em que os esforços meus, os meus desvelos  
C'roe mais a razão do que indulgência,  
E eu clame, decantando alta vitória:  
«Porque é glória da Pátria, estimo a glória.»

IV — AO PÚBLICO, EM NOME DA ATRIZ CLAUDINA ROSA  
BOTELHO. RECITADO NO DIA DO SEU BENEFÍCIO<sup>36</sup>

ATRIZ — Claudina Rosa Botelho

ATOR — Vítor Porfírio de Borja

ATOR

Os campos da Virtude estão desertos;  
Não vê, não descortina o pensamento  
De Líbia os areais tão sós, tão tristes!  
Ao menos os leões ali campeiam,  
Honram cõa majestade a Natureza,  
E na coma lhe ondeia o régio brio;  
Ao menos ante os sóis, que lá flamejam,  
De raio assolador, de raio infesto,  
Ostenta escamas de ouro a serpe enorme,  
Multiplica os anéis, é mil, e é uma:  
Isto mesmo, este horror, esta fereza  
No quadro do universo é formosura.  
Ó campos da Virtude, estéreis campos,  
Dos serenos mortais delícia outrora!  
Mudou-se o gosto seu, de vós se temem;  
Tal do Cáucaso bruto, ou bruto Atlante<sup>37</sup>  
(Invasores do Céu, crespos de rochas)  
Recua o passageiro, e pasma, e foge!  
«Volveste ao lar de Jove em rósea nuvem,  
Tu, mestra das ações, dos bens origem,

---

<sup>36</sup> Elogio publicado em Lisboa, na Oficina de António Galhardo, 1805. Não faz parte do acervo da Biblioteca Nacional. Na ausência do texto impresso, perfilhámos a lição de Inocêncio Francisco da Silva in *Poesias de (...)*. Lisboa: em Casa do Editor A. J. F. Lopes, 1853, t. IV, p. 81. Consta também de *Obras Poéticas de (...)*, t. V, editadas por Desidério Marques Leão. Lisboa: na Impressão de Alcobia, 1813, p. 7.

<sup>37</sup> Deus marinho que conhecia todos os recantos do Oceano. Suportava na cabeça e nos ombros o peso da abóbada celeste.

D'alma, do coração lei viva e santa;  
Este globo, ó Moral, desamparaste!  
Com asas de relâmpago, seguindo  
Teu fulgurante adejo, a prole tua  
Dos astros muito além pousou contigo.»  
O azedo misantropo assim vozeia,  
E ceva o negro humor, o humor bravio  
Nas cenas imorais, que a Terra of'rece.

Enrugado censor, não mais carregues  
O pesado sobrolho! Em honra à Pátria  
Dos sábios, dos heróis, perdoa ao mundo:  
Dos sábios, dos heróis a Pátria é Lísia;  
Não fugiu para Jove o coro amável,  
Acolheu-se de Lísia ao seio intacto:  
Flores ali desparze, ali perfumes,  
Que o hálito de um deus de si vaporam.  
Alveja o divinal, o etéreo enxame;  
Filtrado néctar seu, qual doce orvalho,  
Cai sobre as almas, e a Moral floresce.

Não olhe a mente ao longe alto heroísmo  
No luso, márcio peito, a quem regala  
Férreo costume de lidar co'a morte;  
Não veja torrear no pego imenso  
O imenso Adamastor, procelas todo,  
Que zela carrancudo as virgens ondas;  
Mas depõe, mas submete aos fados nossos  
A fúria giganteia, acesa em raios:  
De assombros imortais, de ações que vivem  
Na ideia, o coração não se honra agora.

Guerreiras e pacíficas virtudes  
(Misto com que os mortais se tornam deuses)  
São de Lísia o caráter portentoso:  
Deu leis co'a mansidão, co'a força espantos,  
E a mansidão gentil vê como exerce  
Contigo, hoje entre tantas distinguida  
Do público favor, do pátrio afeto;  
Olha a Beneficência, o dom formoso,

Dos Céus tão filho, e nos mortais tão raro,  
Como te anima, te prospera, e c'roa;  
Ah! Cumpre que ao dever ternura unindo,  
Mimosa gratidão te adorne os lábios;  
Fala: soe o dever, soe a ternura.

ATRIZ

Tropel de sensações, moral tumulto,  
Ó Pátria, ó doce Pátria, me assalteia!  
De afetos na torrente alma soçobra,  
E só dá frase nua à boca inerte.

Dizer que és mãe de heróis, que és mãe de justos,<sup>38</sup>  
Que o génio enlouras, que o saber laureias;  
Que ao mérito comum, tremente e frouxo,  
O susto despes, a energia infundes;  
Que outra por teu favor me creio, ou sinto,  
E que aspiro com ele a dar-me à glória;  
Que à vasta, majestosa, olímpia estância  
Onde entre os Fados a Memória é nume,  
E onde os selos impõe da Eternidade  
A títulos humanos, já divinos,  
Do grão livro imortal nas folhas de ouro;  
Que lá, co'a intrepidez do entusiasmo,  
Por milagre da Pátria eu sonho erguer-me:  
Isto já se escutou de gratas vozes,  
Isto a meu coração talvez não basta.  
Exaure a fantasia os seus tesouros,  
E aquém do teu louvor desejos ficam.

---

<sup>38</sup> A mencionada edição de Desidério Marques Leão, na p. 9, apresenta, depois deste, o seguinte verso: «Que as desmaiadas artes aviventas,».

Dotes brilhantes, sociais virtudes,  
Aos ternos filhos seus de Lísia emanam,  
Com prática sublime, áureo costume:  
Sou terna filha sua, e da piedosa,  
Da benéfica mãe, que a prole amima,  
Dotes, virtudes em silêncio adoro.

ATOR

Cumpriu-se alto dever, e a Pátria anui  
Ao nobre afeto com sorriso ameno.

ATRIZ

Se aos sentimentos meus anui a Pátria,  
Outra glória, outro fado aos Céus não rogo.

ATOR

Fervam-nos sempre n'alma iguais extremos.

AMBOS

O que a Lísia se deve a Lísia dêmos.



# DRAMAS ALEGÓRICOS



# I — A ESTÂNCIA DO FADO<sup>1</sup>

ATORES: O Fado — O Génio Lusitano — Lísia

*A cena figura-se na Estância do Fado*

CENA I

O Fado e o Génio Lusitano

GÉNIO

Ó tu, que já severo, e já benigno,  
Ou prostras, ou manténs, ou dás, ou tiras,  
Despótico senhor da Natureza,  
Ente, de cujas leis é tudo escravo,  
Hoje desenrugada, a fronte augusta  
Afável te promete às preces minhas.  
Ministro pontual dos teus decretos,  
Eu, que há tantas<sup>2</sup> idades velo, ó Fado,  
Na glória, no esplendor da egrégia Lísia,  
De brilhantes heróis origem pura,  
Eu por ela te invoco: alto interesse  
A dirige, a conduz ante o supremo  
Trono, onde reinas, adorável trono,  
Escorado na imensa Eternidade.

---

<sup>1</sup> Elogio dramático recitado no Real Teatro de São Carlos, em 1797, no dia natalício da senhora D. Maria Teresa e publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 50. A edição original não faz parte do acervo da Biblioteca Nacional de Portugal. Na impossibilidade de a consultarmos, transcrevemos as variantes inventariadas por Maria Helena Paiva Joachin in *Opera Omnia*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1970, vol. III, pp. 353-354.

<sup>2</sup> Na edição original: «longas».

Dá que a teu grão poder curvando a frente,  
Honrada há muito de apolínea rama,  
Lísia teus dons benéficos implore.  
De tudo quanto abrange a longa Terra  
Nada tão digno de encarar seu sólio.

#### FADO

Magnânima, fiel, constante, invicta,  
Lísia, qual a formei, dá lustre ao mundo;  
Ante o seu gosto minhas leis se torcem:  
Tens influxo, ó Virtude, até no Fado.  
Venha, merece olhar-me, ouvir merece  
A voz que ao próprio Jove o trono abala;  
Toque a vedada, sempiterna Estância  
Por onde em turbilhões mistérios fervem.  
Glória, aos mortais defesa, a Lísia cabe.  
*(O Génio vai conduzir Lísia.)*

#### CENA II

Lísia e os mesmos

LÍZIA

Fado, prole imortal da eternidade!  
Nume, de cujas mãos está pendente  
Cadeia em que os fuzis são bens e males,  
A desgraça, a ventura, a morte, a vida;  
Dos Tempos movedor infatigável,  
Que de ledas, pasmosas, tristes cenas,  
De espetáculos mil sempre matizas  
A curva superfície ao térreo globo!  
Se desde que assomei luzi no mundo,  
Se a tua proteção, comigo estável,  
Das mais claras nações me fez modelo;  
Se, escudada por ti, dei ser, dei pasto

À bela emulação e à feia inveja;  
Se de ilustres ações dourei a História;  
Se a firme tradição c'roei de assombros;  
Se meu brado esparzi de clima em clima  
Nas férreas tubas da volátil Fama,  
Atando em áureo nó Virtude e Glória;  
Se, enfim, qual sempre foste, és inda, ó nume,  
Para os desejos meus benigno, fácil,  
Suma razão, que os move, os felicite.

#### FADO

O passado, o presente, o que inda ignoto  
É aos cegos mortais, perante o Fado  
Tão claros, num só ponto, resplandecem  
Como rutila o Sol no aéreo cume.  
Deves, Lísia, porém, gozar o indulto  
De livremente expor teus sãos desejos.  
Ao que Lísia apetece o Fado anui.

#### LÍZIA

A promessa imutável que te escuto  
Afetos mil no coração me agita,  
De altas ideias me povoa a mente.

Destinada por ti ao grande objeto  
De honrar o mundo e propagar portentos,  
Mãe fecunda de heróis, teus fins cumprindo,  
Sementes espalhei de que brotaram  
Cândidas flores, generosos frutos.

Desvelada, incansável, conduzindo  
Por entre abrolhos, precipícios, transes  
A minha prole audaz, a lusa gente,

Com ela cometi, pisei com ela  
O quase inacessível monte ameno,  
Onde reside a perenal Memória.

Com arrojado pé fomos subindo  
Os marmóreos degraus do etéreo templo,  
E, os estreitos vestíbulos entrando,  
Vida sem fim, moral eternidade  
Corremos a colher nas aras de ouro.

À turba dos heróis que ali brilhavam,  
Luzeiros imortais de Grécia e Roma,  
Estranheza não fez a nossa entrada:  
Curvas as crespas, laureadas fronteiras,  
Com sorriso amigável nos saudaram.

Do bafo empestador que sai dos vícios<sup>3</sup>,  
Jamais os frutos meus crestados foram;  
Salvos da corrupção, a idade os traga;  
Puros, formosos, como vivem, morrem.

Mas dos ramos desta árvore, que alcança  
Os hemisférios dois co'a vasta sombra,  
Tão viçoso nenhum, nenhum tão digno  
Do amor da Terra, da atenção do Fado  
Como o que eu distingui de mil que nutro.  
É de Bragança o ramo, o ramo anoso,  
De raras produções sempre adornado,  
Este, cuja grandeza anelo, adoro.  
Em uma, em outra idade o viste, ó nume,  
Ao bravo repelão de horríveis Euros<sup>4</sup>,  
De procelas fatais ileso, imóvel;

---

<sup>3</sup> Na edição original: «empestador do negro Vício».

<sup>4</sup> Ventos do Sudoeste, filhos de Eos e de Astreu.

Viste-o dar leis a si, dar leis a tantos,  
Unir ao mando augusto augusto exemplo,  
Assombrosos heróis criar co'a vista.

Por esta de mortais quase divinos  
Abalizada estirpe, a ti recorro  
Neste dia entre os meus de um Sol mais puro.  
Maria, o tenro, o cândido renovo  
Da planta que idolatro, exímio fruto,  
Doces primícias e penhor sagrado  
De caro, insigne par, João, Carlota,  
Dos lusos corações ídolo e glória:  
Maria hoje raiou no alegre mundo,  
Hoje na rubra nuvem cintilante,  
De rosas e jasmíns bordando os ares,  
Aurora apareceu co'um riso novo;  
Hoje o suave, cristalino orvalho  
Mais alvo e mais subtil caiu nas flores;  
O ledó rouxinol, prazer dos bosques,  
Novos sons estudou para este dia;  
Tornou-se mais formosa a Natureza;  
Nas montanhas vestiu, vestiu nos prados  
Mais lustroso matiz a primavera;  
E agora que renasce este almo instante  
As nuvens despe o céu e o pego as ondas:  
Qual outrora exultara, o mundo exulta.

A seus e a meus transportes sê propício,  
Satisfaze os mortais, ordena, ó Fado,  
Que Febo vezes mil no plaustro de ouro  
Com dia tão feliz prospere a Terra;  
Ordena que mil vezes se renovem  
Anos brilhantes na vergôntea bela,  
Na régia produção de tronco excelso.  
Franqueia aos olhos meus, franqueia, ó nume,  
O tropel de recônditos mistérios,

Sumido em negros véus, eternas sombras;  
Aclara, desenvolve a meus desejos  
Altos futuros da gentil princesa.

GÊNIO

Às preces que te envia eu uno as minhas:  
Amor, Virtude, Gratidão te imploram.

FADO

Eis o mais amplo dom que pode o Fado  
Para vós extrair de seus tesouros.  
Silêncio, que eu desligo, eu desentranho  
Da noite do vindouro os bens supremos  
Que à princesa imortal propício guardo.

Fulgentes como a luz que resplandece  
Na pura habitação de Eternidade,  
Seus destinos vereis, vereis seus dias.  
Da generosa avó, do pai sublime,  
Da idolatrada mãe<sup>5</sup> retrato egrégio,  
Virtudes, perfeições em si juntando,  
Por mil raros espíritos dispersas,  
A mimosa, gentil, real Maria  
Dará novo esplendor à digna Pátria.  
Como o formoso irmão no avito império  
Dará sagradas leis em clima estranho,  
Leis, amigas do Céu, do mundo amigas.  
Ligada em áureo nó, com fausto agouro,  
A régio, claro herói, credor de obtê-la,  
Fará que a seu louvor não baste a fama,

---

<sup>5</sup> Na versão original: «Da incomparável mãe».

E canse de espalhar-lhe<sup>6</sup> as maravilhas.  
Seus tesouros serão, será seu trono  
Asilo maternal dos malfadados,  
Almo refúgio da Virtude opressa,  
Da sã Justiça, da Inocência amável:  
Tristes que a virem ficarão contentes.  
Mérito e galardão, delito e pena  
Debaixo do seu jugo hão de enlaçar-se;  
Por muito e muito que a Fortuna a brinde,  
Mais há de conferir-lhe a Natureza.

Tantas vezes o Sol trará seu dia,  
Seu dia, pelas Graças enfeitado,  
Que, antes que cesse de guiá-lo ao mundo  
Com tanto resplendor<sup>7</sup>, qual hoje o doura,  
Hão de espazir-se nos cerúleos ares  
Rotas as rédeas dos Etontes<sup>8</sup> fulvos.

Vai, Lísia, volve aos teus; co'a face augusta  
Regozija os mortais, de ti saudosos.  
O Fado o proferiu: mil bens te esperam.

LÍZIA

Graças, nume clemente. Eu corro, eu corro  
A derramar na Terra o grande anúncio.<sup>9</sup>

GÉNIO

Lísia, Lísia feliz! Comigo exulta.  
Tudo se cumprirá: não mente o Fado.

---

<sup>6</sup> *Ibidem*: «E canse de cantar-lhe».

<sup>7</sup> Na edição original: «resplendor».

<sup>8</sup> Cavalos que puxavam o carro do Sol.

<sup>9</sup> Na edição original: «Fervendo em glória, a derramar teus vivos.».

## II — O NOVO SÉCULO<sup>10</sup>

Aos faustíssimos anos do Sereníssimo Senhor D. João,  
Príncipe Regente de Portugal

ATORES: Aurora — Século

AURORA

Ó tu, prole recente, última prole  
Do nume que aniquila o bronze, o ferro,  
Que absorve gerações, que exerce os Fados,  
Que vai minando o seio à Natureza,  
E como que assoberba eternidades!  
Filho do Tempo, sucessor não duro  
De século feroz, de irmão terrível,  
Que Europa mergulhou num mar de sangue,  
Que a virtude, a razão, que as leis e a glória  
Eclipsou, perseguiu, desfez sem pejo;  
'Té ao bojo infernal cavando abismos,  
As Fúrias arrancou da noite imensa,  
As Fúrias que, esparzidas no Universo,  
Todo em reino da morte o converteram:  
Graças aos nubes, o tirano é cinza,  
O Século do horror voltou ao nada;  
Morta esperança de viçosos dias  
Ressurge devagar, se move a medo;  
Imagem festival de bens vindouros  
Na térrea superfície enfim vislumbra:  
Por sombrio horizonte apenas ficam  
Rastos sanguíneos dos forçados voos,

---

<sup>10</sup> Publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhhausen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 61. Este elogio dramático foi recitado, em 1801, no Teatro da Rua do Salitre.

Com que a fera Discórdia<sup>11</sup>, a negra Erínis  
Da peste, que em seu hálito dardejam,  
Extensas regiões purificaram.

Mas os tartáreos monstros não repousam,  
Nas extremas da Terra inda retumba  
O medonho clamor que sai do raio.  
Talvez nova impiedade enlute o globo,  
Talvez... tão feia ideia os risos furta  
Da face com que alegre a Natureza.

Ah! Tu que aos penetrais do imóvel Fado,  
Lá onde o pensamento a custo adeja,  
Foste a série colher, série sem conto  
De altos sucessos, em teu giro inclusos;  
Tu, que na estância onde os Futuros dormem  
Com lume audaz a escuridão venceste,  
E, o grémio do possível revolvendo,  
Soubeste se a Ventura, ou se a Desgraça  
Deve sobre esta máquina indecisa  
Reger cetro de ferro, ou cetro de ouro,  
Recreia, ó nume, cujas leis supremas  
Observo pontual na rósea plaga,  
Recreia indagador, tenaz desejo,  
Abrindo aos olhos meus clarão futuro.

#### SÉCULO

Deusa brilhante, que ataviam, cobrem  
Grinalda de jasmims, dossel de rosas,  
Mãe dos luzeiros com que douro as vestes,

---

<sup>11</sup> Segundo Pierre Grimal, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, «a Discórdia lançou uma maçã, que deveria ser entregue à mais bela das três deusas, Hera, Atena e Afrodite.» Gerou então um confronto, que teve como epílogo a escolha da última. Júpiter expulsou-a dos Céus.

Amores de Titão<sup>12</sup>, delícias, mimo,  
Que aljôfares entornas sobre as flores,  
Que dás puros cristais ao leve arroio,  
Sussurro às virações, gorjeio às aves,  
E o gosto de existir à Natureza!  
Bem que os mistérios do imutável Fado  
Envolve escuridão e acatamento,  
Que do mundo profano abate os olhos,  
Contigo, que és deidade e sócia minha,  
Contigo, que do Tempo exerces parte,  
As leis universais vogar não devem.  
Enxuga o doce pranto cristalino,  
Que entre as flores de Amor, e a neve, e as graças  
Na face te reluz: sossega, escuta.

Aos montes sempiternos, onde o Fado  
Em palácios de bronze as leis promulga,  
Resfolgando subi, subi tremendo  
Dos males que este globo inficionavam,  
Onde meu fero irmão cevava os olhos.

Do grão templo fatal, rangendo, as portas  
Se abrem de par em par, me descortinam  
Aquele ante quem Jove é nume apenas.

Avulta, recostado em negro trono,  
Curvos, absortos cortesãos o incensam;  
De um lado a vida tem, tem de outro a morte.  
Um só rasgo que dê có'a férrea pluma  
No livro pavoroso, altera o mundo,  
Ergue, prostra nações; a Glória é sonho,  
A Fortuna é quimera, e Grécia, e Roma  
Relâmpagos, que sorve imenso abismo.

---

<sup>12</sup> Forma antiga de titã.

A torva onnipotência adoro a medo,  
E já trémulas preces vou formando  
A bem do triste globo, em que presido.  
Eis o deus co'um sorriso a voz desprende,  
Destarte o coração me desafronta:

«Fiel executor das leis do Fado,  
Herdeiro do poder, não do caráter  
De ministro cruel, que pus no mundo  
Para mais enrijar meu duro império:  
Depois que em cenas mil de sangue e luto  
Minhas fúrias cevei, cevei meus ódios,  
Os males que esparzi me horrorizaram.  
Quanto pode a Virtude até no Fado!  
Em honra de um mortal, me abrando a todos,  
Em honra de um mortal, que um deus parece.

«Ferrolhadas no Averno as Fúrias gemam,  
A cruenta Discórdia apague o raio.  
Virtude, Paz, Amor, volvei ao mundo.  
Tu, Século ditoso, ao mundo os guia;  
Este mimo dos céus na Terra espraia,  
Enriquece com ele os climas todos,  
E mais que todos a benigna plaga,  
O império ocidental, Augusta herança  
Do herói, do semideus que lá contemplo.

«O sólio de João ladeie a Glória,  
A Justiça o ladeie: admire-o tudo;  
Base de corações lhe escore o trono;  
Só deixe de invejá-lo apenas Jove.  
O dia em que emanou do seio eterno  
Seja um sorriso do melhor dos numes;  
Galas para adorná-lo invente a Aurora,  
Saturno o purifique, e seu lhe chame.»

Disse, e nublou-se o deus, e de repente  
Dentre os astros um vórtice me arranca.  
Eis venho respirar co'a Natureza,  
Ufano do caráter que me é dado,  
Dos bens que desparzir na Terra posso.

Exulta, pois, ó deusa, e cumpre o mando,  
Que ledo recebi na voz do Fado:  
«O império de João, seus áureos dias  
Gozem no mundo o resplendor do Olimpo.»

#### AURORA

Oh transporte! Oh ventura! Oh Céus! Oh Fado!  
Sendo teu jugo assim, teu jugo adoro.

### III — A CONCÓRDIA ENTRE AMOR E A FORTUNA <sup>13</sup>

*Sasconda Amor nella mia cetra, e dia  
Sol concenti d'Amor la Musa mia.*

Metastásio, *Epitalâmio*

ATORES: Amor — Vénus — A Fortuna — Coro dos Amores  
e das Graças — Génios alados que acompanham a Fortuna

*A cena figura-se em um bosque aprazível.*

ATO ÚNICO

CENA I

Amor e os Amores

*Coro*

Ó séculos formosos,  
De cândidos costumes,  
Em vós, mortais e numes,  
O júbilo igualou.

AMOR

Que encanto, que alegria,  
Graça, esplendor, pureza

---

<sup>13</sup> Drama para música em um só ato, publicado em *Poesias, de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 91. Foi «dedicado aos faustos anos da Ilustríssima Senhora D. Ana Joaquina Cardoso Accioli, natural da Baía», eventualmente, esposa de José Francisco Cardoso, autor de duas obras traduzidas por Bocage.

Na infante Natureza,  
Em todo o ser, brilhou!  
Então do tenro mundo  
À superfície amena  
Descendo a Paz serena,  
A Terra em Céu tornou.

*Coro*

Ó séculos formosos, etc.

AMOR

O Sol, então recente  
Lá na recente esfera,  
De assídua primavera  
'Té brenhas esmaltou.

As ondas preguiçosas  
A espaços desmanchando,  
O mar fagueiro e brando  
N'areia então brincou.

*Coro*

Ó séculos, etc.

AMOR

A um tempo ali se viram  
O fruto e flor pendentes;  
Em límpidas correntes  
O néctar murmurou.

Em vós, ó almos dias,  
Amor era um tesouro,  
Em vós, ó dias de ouro,  
Tudo sentiu e amou.

*Coro*

Ó séculos, etc.

AMOR

Ah! que saudade eterna  
Turvara ao mundo a face,  
Se o Fado a Amor negasse  
O bem que lhe outorgou!

Dos dois ao rogo, ao mando,  
Do sono em que jazia  
Surgiu celeste dia,  
E a Natureza ornou.

*Coro*

Ó séculos, etc.

AMOR

Um dia em que mais leda  
A rara nuvem cora,  
E vem trajando a Aurora  
Galas que nunca usou;

Um dia em que tão bela,  
Ou mais do que Acidália,  
Nascendo a meiga Anália,  
O império meu firmou.

*Coro*

Ó séculos, etc.

AMOR

Alados sócios meus, fervente origem  
Do júbilo supremo  
Que as delícias do Olimpo a Jove apura,  
Numes do coração, reis do universo,  
Amores, Ele em nós hoje prospera,  
Hoje da fonte d'imortais luzeiros  
De novo emana um dia,  
Que exalte, que remoce a Natureza.  
Salve, natal de Anália,  
Salve, luz com que Aurora  
Mais que de tantas mil se ensoberbece!  
Quando apontou vaidosa a vez primeira  
Na de púrpura e de ouro  
Ténue, bordada nuvem,  
Que aljôfares entorna,  
Não tinha o brilho, a cor de que se adorna.  
Eis os campos de Amor, eis os meus campos,  
Áureo terreno amigo,  
Por quem Pafos<sup>14</sup> enjeito, enjeito Idália,  
Áureo terreno amigo,  
Onde mais que mortal parece o gosto,  
Onde embalsama os ares,  
Onde serena os rios,  
Dá viço, dá matiz, dá mimo às flores  
A salutar, fragrante  
Respiração de Anália.

---

<sup>14</sup> Cidade da ilha de Chipre, na qual existia, no tempo dos Romanos, um templo dedicado a Vénus.

Anália, meu tesouro e vosso encanto,  
Merece a Amor, aos Céus, aos Fados tanto.

*Ária*

Verdes bosques, viçosas campinas,  
Dos Amores suave morada,  
Onde Anália mimosa,  
Engraçada,  
Qual a rosa  
Louçã germinou.

Recamai-vos de tenras boninas,  
Com que brinque Favónio<sup>15</sup> ligeiro,  
Que este dia, dos seus o primeiro,  
Dos prazeres nas asas voltou.

CENA II

Os Amores e a Fortuna, que desce rapidamente  
em um globo, ladeada de Génios

AMOR

Porém aos olhos meus que objeto assoma!  
És tu, deusa falaz, és tu, Fortuna,  
De fantásticos bens depositária,  
Tantas vezes, ou sempre a Amor contrária?

FORTUNA

Sou eu, menino audaz, sou eu, que ufana  
No dia mais credor às graças minhas,

---

<sup>15</sup> Vento ameno.

Entre os mil Génios que meu globo enfeitam,  
Venho sobre estes campos deleitosos  
Ratificar-lhe as ditas,  
Ditas que, em honra à minha doce aluna,  
Em honra à bela Anália,  
Soltas das leis do Tempo, aqui florescem.  
Pasma, insano Amor, de que a Fortuna,  
Cujas glórias motejas,  
Mais brilhantes, mais sólidas que as tuas,  
Baixe ao feliz terreno,  
Onde, raro penhor da Natureza,  
Mortal quase divina  
Em dobro com meus dons, com meus afagos  
Triunfa, resplandece?  
Mais que a ti me pertence honrar seu dia,  
Desdiz muito da minha a essência tua,  
É de outro grau meu Nume.  
O respeito, o prazer, bastões e os cetros  
São dádivas, são mimos  
Desta mão benfazeja,  
Desta mão que à de Jove apenas cede.  
Com ela o mundo antigo, o novo mundo  
(Que, produtor de Anália,  
Sobressai ao primeiro),  
Com ela quanto existe abranjo, ilustro.  
E tu de vãos deleites,  
Ou mortais dissabores  
Frívolo autor e venenosa origem,  
De que os mesmos favores  
Ao que os possui aflagem,  
Tu, que duros farpões atraíçoados  
Às moles almas, de que és deus, apontas,  
Assim com voz proterva<sup>16</sup>, assim me afrontas?

---

<sup>16</sup> Brutal.

## *Ária*

Queres, menino insano,  
Opor-te às leis do Fado!  
De meu poder sagrado  
Teu nume é vão rival.

Senhoreava os entes  
Tua influência outrora,  
Mas o meu cetro agora  
É cetro universal.

## AMOR

Debalde, vária deusa, te glorias  
Co'as dádivas que choves sobre o mundo,  
Frágeis, caducos bens, que o vulgo anela,  
Do vício vezes mil, e raras vezes  
Da virtude instrumentos.  
Anália encantadora,  
Alma brilhante no favor não cega  
Dessa mão, que nomeias benfeitora,  
Tesouros de candura e de beleza,  
Seus lúcidos costumes  
Têm doce origem na moral dos numes.  
Pensas acaso que teus dons seriam  
Capazes de atear não puro afeto  
No consorte preclaro,  
A quem protege Amor, Minerva escuda?  
Esse que, em laços de ouro unido à bela,  
O néctar gosta nos encantos dela?  
Muito se deve a mim, tudo a seus olhos,  
Da glória que remata os meus triunfos  
Agentes milagrosos.  
Atreve-se a Fortuna a ter-me em pouco?  
Entre as classes divinas  
Presumes que teu grau me sobreleva?

Eu sou pura nascente,  
Manancial perene  
D'alta harmonia, universal e eterna;  
Sem mim ao Mar, à Terra, até aos deuses  
Peso insofrível a existência fora;  
Por mim na imensidade, errantes, fixos,  
Milhões cintilam de assombrosos mundos;  
Por mim no seio das equóreas lapas  
Ardem, cobiçam, reproduzem, crescem  
Os mudos nadadores.  
Eu sou que às várias, enramadas plantas  
Dou alma, dou fragrância, flores, frutos;  
Sou eu que aos bravos tigres,  
Aos jubados leões converto as iras  
Em rugido amoroso.  
Por mim, tu, rola, arrulas<sup>17</sup>,  
Geme a tenra, inocente, ingénua pomba;  
Por mim subsiste, anexo à formosura,  
Princípio inexaurível de ternura.

### *Ária*

Por Amor conseguem vida  
Homens, peixes, aves, flores;  
Do Céu cabe aos moradores  
Rir da morte,  
Mas por sorte  
Também meus escravos são.

'Té Anália branda e bela,  
Que os encanta, que os desvela,  
Já pendeu da minha mão.

---

<sup>17</sup> Arrulhas.

## FORTUNA

Tu, que ostentas de rei da Natureza,  
Que sacrílego arrogas  
'Tê no arbítrio de Jove império sumo,  
E crês que a teus virotes  
Cede o raio, o pregão da onnipotência,  
Rende graças ao dia  
Em que Anália mimosa  
Dispôs o orgulho meu para a brandura.  
Se não fora este indulto,  
Se o momento dourado este não fora  
Em que serena abrindo  
Os olhos divinais à luz primeira,  
Em vez de brando choro,  
Soltou sorriso brando,  
E ser dos astros vinda  
Mostrou na face linda,  
Fizera.....

## AMOR

Que fizeras, que atentaras,  
Caprichosa deidade,  
Contra mais que celeste imunidade?

## FORTUNA

Toda a tua altivez por mim repulsa,  
Opróbrio teu seria.  
Em quadro viras de afrontosas cores  
Teus males, teus perjúrios,  
Pranto e sangue por ti fervendo em rios;  
A Suspeita rugosa  
Perdida entre ilusões, entre fantasmas,  
Sombras palpando e crendo;  
Viras queixosas, pálidas Saudades,

Já fitos sobre a terra os turvos lumes,  
Já vãmente alongados  
Para climas ditosos, onde os gostos,  
Os bens do coração lhe some a Ausência;  
Viras sobre vulcão de flama eterna,  
Respirando traições, venenos, fúrias,  
De víboras mordidos,  
E víboras mordendo,  
Os Ciúmes, a peste, a morte d'alma;  
Viras... mas este dia é sacro a todos,  
Nele até entre nós concórdia reine.  
Noutro, aos Céus menos grato,  
Menos grato à Ventura, à Natureza,  
Confessarás, dobrando  
Ao peso da verdade insânia altiva,  
Que o reforço, a coluna,  
A base do Universo é a Fortuna.

### *Ária*

Os bens, se alguns crias  
Com tua influência,  
Iguais são na essência,  
Iguais no prazer.

Os dons que derramo  
Com plácido rosto,  
Diferem no gosto,  
Diferem no ser.

### AMOR

Da lívida suspeita e vil perjúrio,  
Da traição, da inconstância e da saudade,  
Do pranto e do queixume,  
Do rábido ciúme,  
Inferno de apurados amadores,

Falas, ó deusa injusta,  
Como se fossem meus cruéis ministros,  
Cruéis sequazes meus! Não consideras  
Que o bando horrível de tão negros males,  
Que de Júpiter<sup>18</sup> mesmo azeda instantes,  
Prole não é de Amor, sim dos amantes?  
Danos sem conto, que aos mortais fulminas,  
Onde estão, fraudulosa? Onde se ocultam  
De raio vingador que Anália vibra  
Dos olhos fulgurantes,  
Os companheiros teus, iníqua turba?  
Onde enfunado Orgulho?  
Veladora Ambição? Mirrada Inveja?  
Onde inerte Preguiça,  
Que as almas adormenta  
Desses que amimas, desses que te adoram?  
Ah! Se não fora deste dia ameno  
A glória, o fasto, o resplendor e a gala,  
Que etéreo lustre iguala,  
Talvez, volúvel deusa,  
Talvez tuas pisadas não seguissem  
Beneficência, Glória,  
O Júbilo, a Brandura,  
Mais, mais sócios de Amor que da Ventura.

### *Ária*

Quando à Virtude  
Ventura é presa,  
Torna a beleza  
Mais singular,

---

<sup>18</sup> O rei dos deuses.

Que por si mesma  
Não é Ventura  
Arte segura  
Para enlevar.

#### AMOR

Mas ah! Benigna mãe, tu, que em teu grémio,  
De flores e delícias enfeitado,  
Comigo a linda infância acalentaste  
De Anália melindrosa,  
Descuidas-te em seu dia,  
Dia das Graças, dia dos Amores,  
Descuidas-te de ornar com teus sorrisos,  
Com tua voz divina  
O solene fervor, que tudo inflama!  
Eia, apressa-te, ó mãe; com vivo adejo  
Dirige aqui, dirige  
Das pombas amorosas  
O níveo par gentil, que enfreiam rosas.

#### CENA ÚLTIMA

Desce Vénus em um carro tirado por pombas, entre as Graças,  
os Risos, os Encantos, etc.

#### VÉNUS

Sossega, filho meu; não foi descuido  
Minha longa tardança,  
Antes cuidado que de Anália bela  
Me deve o genial, brilhante dia:  
Era digno de mim, de Jove e dela  
Findar tenaz porfia,  
Antiga oposição, fatal discórdia  
Entre Amor e a Fortuna.  
Atraídos vontade e pensamento  
A tão prestante objeto,

Na concha matizada os Céus demando,  
Entro de Jove os paços,  
E ante a face imortal, com brandas preces  
Extraio à mão suprema  
Alto decreto, que a Fortuna obriga  
A ser-te sócia, ó filho, a ser-te amiga,  
Em sacrifício terno  
Aquele por quem és maior, mais nume  
Que por tantas e tantas  
Com que o Tamisa, o Tejo, o Tibre, o Sena  
Sussurram de ufania:  
Oh que séculos vale a Amor seu dia!  
Aprove, apraz aos Fados  
Que de Anália se esquivem Tempo e Morte.  
Em seus dotes absorta,  
Razão me inspira que espontânea Vénus  
O cinto vencedor a Anália ceda,  
E altar, e incenso, e culto.  
Vamos, Fortuna, Amor, Encantos, Graças,  
Da nova deusa aos lares,  
De áureas Virtudes templo,  
Cantar seus dons, seu nome: eu dou o exemplo.

*Coro*

Acorde melodia  
Voe, enfeitice os ares,  
E os majestosos lares  
Soem prazer e amor.

## VÉNUS

Tu sempre a ele unida,<sup>19</sup>  
Junto de Anália bela,  
Goza nos olhos dela  
O olímpico fulgor.

## AMOR

Anália, que, sorrindo,  
De corações se apossa,  
É mais que imagem nossa  
Na graça, no esplendor.

## FORTUNA

Nada possui a Terra  
Que a tanto bem se iguale:  
Os meus tesouros vale  
Seu mínimo favor.

## *Coro*

Acorde melodia  
Voe, enfeite os ares,  
E os majestosos lares  
Soem prazer e amor.

---

<sup>19</sup> Nota do autor: «À Fortuna, apontando para Amor.»

## IV — A VIRTUDE LAUREADA<sup>20</sup>

ATORES: A Ciência — A Hospitalidade — A Indigência — A Polícia  
A Libertinagem — O Génio Lusitano

ATO ÚNICO

*Praça magnífica sobre as margens do Tejo*

CENA I

A Ciência por um lado e a Indigência por outro, com a Hospitalidade

CIÊNCIA

Eu, que elevo os mortais e os esclareço,  
Que meço a Lua, o Sol, que o mundo abranjo,  
Que da vetusta Idade aclaro as sombras,  
Que entro por seus arcanos e revoco  
Dentre o pó, dentre a cinza, dentre o nada  
Ao século vivente as eras mortas;  
Que dócil fiz o indómito oceano,  
Abismo de pavor, de bojo imenso,  
Que só por alta lei não sorve a Terra;

---

<sup>20</sup> In *A Virtude Laureada, Drama Recitado no Teatro do Salitre, Composto e Dirigido ao Reverendíssimo Padre Mestre Fr. José Mariano da Conceição Veloso*. Lisboa: na Impressão Régia, 1805, p. 5. Aquele religioso franciscano (Conceição, Rio de Janeiro, 1742-Rio de Janeiro, 1811) foi um botânico de mérito e autor de uma extensa obra. Dirigiu, entre 1799 e 1801, a «Casa Literária do Arco do Cego», na qual Bocage trabalhou como tradutor. O poeta, dias antes de falecer, dedicou-lhe este drama e uma epístola — «Qual dentre as rotas, naufragas cavernas» (cf. p. 94). O presente poema abre com a seguinte «advertência»: «Seria injustiça exigir o desempenho de todos os preceitos dramáticos em uma composição deste género, cujo mérito essencial é aprazer aos olhos por meio do espectáculo e variedade das cenas.» Em epígrafe, encontra-se um verso do *Canto Heróico sobre as Façanhas dos Portugueses na Expedição a Trípoli*, da autoria de José Francisco Cardoso: «Nuda... occurrit, per se pulcherrima, Virtus.»

Eu, do grão Jove, confidente e imagem,  
Que do Fado os mistérios desarreigo,  
E co'a moral dos Céus cultivo o globo;  
Eu, a Ciência, eu fonte, eu mãe das Artes,  
Que sei desirmanar na inteligência  
Entes, na forma iguais, na espécie os mesmos,  
Tornando-os entre si tão desconformes,  
Qual dista do selvagem bruto e fero,  
Macio cidadão, que as leis poliram,  
Ah! não posso impetrar, colher dos numes  
Para os alunos meus pavês sagrado  
A teus golpes, Fortuna, inteiro, ileso!  
Sem que benigna mão lhe adoce os fados,  
Sem que escassa piedade o chame à vida,  
De vigílias mirrado o sábio morre.  
Almas corrompe do egoísmo a peste;  
Camões, Homeros na penúria cantam:  
Ei-los co'a glória temperando a sorte;  
Soam prodígios de um, prodígios de outro;  
Férrea caterva os ouve, admira e foge.  
Só quando o vate é cinza, o muito é nada,  
Por eles se interessa o mundo ingrato;  
Na glória estéril de epitáfio triste  
Sólidos bens o bárbaro compensa:  
Contraditória Humanidade insana!  
No insensível sepulcro os sábios honra,  
E os sábios não remiu na desventura!  
Quais eles foram diz, não diz qual fora:  
Nas almas frias o remorso é mudo.  
Ai dos alunos meus! Socorre-os, Fado,  
Risca do livro eterno o duro artigo,  
Que ao mérito, ao saber seus prémios veda;  
Aquece os corações no ardor da glória,  
Fraterniza os mortais; onde suspiram,  
Os poucos filhos meus co'a mãe prosperem,  
E onde com seus inúmeros sequazes  
Colhe triunfos, a Ignorância gema.

## INDIGÊNCIA

Mãe venerável, teu queixume ouvindo,  
Amarga-me da vida o fel em dobro.  
A filha tua, a mísera Indigência,  
Que muda te escudou piedosas mágoas,  
Contigo vem gemer, carpir contigo  
A moral corrupção, que empesta o globo.  
Plagas e plagas, entre as sócias minhas,  
Entre as mansas Virtudes, hei vagado.  
Pela voz da Pureza (a que é de todas  
A mais formosa) deprequei o auxílio  
De inchado cortesão, que um deus se cria.  
Melindre, candidez, virgínea graça  
(Qual flor, em que era orvalho o doce pranto)  
Aos olhos do soberbo expôs seus males.  
De gesto aceso, ovante, ele a contempla,  
Nem um momento à dor constrange o vício:  
Em vil proposição, que as Fúrias ditam,  
Profana da Inocência o casto ouvido,  
E em câmbio da virtude exige o crime.

## CIÊNCIA

Céus! Que infâmia! Que horror! Prossegue, ó filha,  
Sucumbiu a Inocência à vil proposta?

## INDIGÊNCIA

Não, que nos olhos meus velavam deuses,  
Fatores da virtude; escuta e folga.  
O celeste rubor, que tinge a Aurora,  
Sobe à face gentil, e as rosas brilham,  
Mas súbito tremor branqueia-as logo;  
Ei-la, d'olhos no Céu, recua e geme;

Eu, porém, que no efeito observo a causa,  
Ao sedutor pestífero arrebatado  
O objeto divinal, que o torna um monstro.

#### CIÊNCIA

Olha o Céu na Inocência a imagem sua.

#### INDIGÊNCIA

Murchas no horror do abominável caso,  
Inda contudo as esperanças minhas  
Levei de lar em lar, devendo a poucos  
Piedade accidental; bati cem vezes  
Às surdas portas de sumido avaro  
(Sumido em subterrâneo abismo de ouro).  
Falara o monstro, se falasse a morte,  
O silêncio dos túmulos o abrange  
Ante o metal (seu deus) que em férreos cofres  
Co' a vista famulenta o vil devora;  
Servos dele (o poder é tal do exemplo!)  
Depois de longo espaço e vãs instâncias,  
Co' um desabrido «Não» me afugentaram.

#### CIÊNCIA

De tudo há monstros mil na espécie humana;  
Mas todos vence da Avareza o monstro.

#### INDIGÊNCIA

Atende ao mais, e adoçarás teu pranto.  
Do centro da Impiedade enfim retiro  
Os fatigados pés, e os guio aos campos,  
Absorta nas imagens carinhosas,  
Com que afagais a ideia, ó áureos Tempos.

## CIÊNCIA

Se ali não há Virtude, onde é que existe!?

## INDIGÊNCIA

Pobre choupana que forravam colmos,  
Humildes lares, que zelava um nume,  
Atraem meus olhos e meu passo animam.  
Chego, e curvo ancião, que ali repousa,  
Grande em seu nada, na indigência rico,  
Sorrindo-se, me acolhe, amima e nutre.  
Santa Hospitalidade! Eras a deusa  
Que, o rugoso varão, madura esposa,  
E imberbe prole sua, abençoava!  
Com milagrosas mãos os parcos frutos  
Nas árvores fadadas avultando,  
Para os errantes, pálidos mesquinhos,  
Que eterna Providência lá dirige,  
Leda colhias saboroso alento,  
E qual outrora a um Deus, incluso no Homem,  
Muito do pouco a teu querer surgia.

## HOSPITALIDADE

Conferiu-me esse dom quem 'té no inseto  
Provê do que lhe cumpre a ténue vida.  
Deixando influxos meus no casto albergue,  
Onde Beneficência e Paz convivem,  
Acompanhar-te quis ao vasto empório  
De Lísia, do Universo à grão cidade,  
Que espelha os torreões no vítreo Tejo,  
Donde sagradas leis despede ao Ganges.  
O globo é puro aqui, e aqui parece  
Estar inda na infância a Natureza,  
Bela, serena, cândida, inocente;  
Príncipe amado, imitador dos numes,

Ao público baixel meneia o leme;  
Numera os dias seus por dons, por graças,  
E o mérito sem susto encara o trono.  
Se o gravame do cetro acaso inclina,  
É sobre os ombros de ministros puros,  
Dignos do alto esplendor, que sai da escolha.  
Um deles, cujo nome é caro aos justos,  
Que tem, que exerce o ministério santo  
De velar sobre o público repouso,  
Que encarcera, agrilhoa, oprime o vício,  
O contágio dos maus aos bons evita,  
E em piedoso recinto abriga, instrui  
A puerícia, que em flor dispõe ao fruto<sup>21</sup>;  
Luceno<sup>22</sup>, o zelador dos são costumes,  
Pai do infortúnio, da ciência amigo,  
Guarida vos promete; expõe, expõe  
Ao ministro exemplar, meu claro aluno,  
A vossa condição: vereis descer-lhe  
Dos olhos paternais amável pranto,  
Proveitoso, eficaz, não pranto estéril,  
Que momentâneas sensações produzem,  
E o mérito infeliz, qual viram, deixam.  
Em Luceno o favor segue a piedade;  
Mortal, que os imortais sem custo imita,  
E o bem, só porque é bem, desenha, opera.  
Eia, vinde: eu vos guio aos benfazejos  
Lares seus, lares meus; sereis ditosas,  
Ó Ciência! Ó Penúria! Os Céus o ordenam.

---

<sup>21</sup> A Casa Pia de Lisboa, fundada em 1780 por Diogo Inácio de Pina Manique, pouco depois de tomar posse do cargo de intendente-geral das polícias do reino.

<sup>22</sup> Lucas de Seabra da Silva, intendente-geral das polícias do reino, nomeado para este cargo na sequência do falecimento, a 30 de junho de 1805, de Diogo Inácio de Pina Manique.

## CENA II

O Génio da Nação e as mesmas

### O GÉNIO DA NAÇÃO

Os Céus o ordenam, sim; vai, guia, ó deusa,  
Essa ilustre infeliz, e a mesta prole  
Ao magistrado exímio, ao grande, ao justo;  
Cessem queixumes, esperanças folguem.  
Ide; o Génio de Lísia, eu que dos deuses  
Tive alta comissão de olhar por ela,  
De engrandecer-lhe, de afinar-lhe a glória,  
E honrá-la de opulência incorruptível;  
Eu, que espontâneo dera o grau de nume  
Por este, que exercito, augusto emprego  
De escudar Lísia coò pavês dos Fados,  
Ó Penúria! Ó Ciência! Eu vos abono  
Do ministro sem par, favor e asilo.

### CIÊNCIA

O Céu por ti se exprime; o Céu não mente;  
Oráculo de Jove, eu te obedeço.  
Vejo sorrir-se ao longe amigos Fados;  
Guia-me, ó deusa.

### HOSPITALIDADE

Guio-te à ventura.  
(*Vão-se.*)

### CENA III

#### O GÉNIO SÓ

Tereis o galardão, tereis o louro,  
Que à virtude compete, imota, ilesa  
Entre os duros vaivéns de iníqua sorte:  
Desgraçado o mortal, se o chão não trilha  
Por onde a mão de Jove arreiga espinhos,  
Que súbito depois converte em flores!...  
Mas que ufano baixel retalha o Tejo!<sup>23</sup>  
Brincam no tope flâmulas cambiantes,  
E cambiante bandeira as ondas varre!  
Eis voa, eis se aproxima!... Um quase monstro,  
De aspeto feminino, tigrinas garras,  
De traje multicolor, lhe volve o leme!  
Que turba enorme à sua voz mareia!  
E o ferro curvo e negro ao fundo arroja!  
Desce a vaso menor a horrível Fúria,  
Reconheço-lhe o rosto, os fins lhe alcanço...  
Lá vem, lá toca sobre a areia e salta.  
Inimiga dos Céus!<sup>24</sup> És tu, profana!  
Sacrílega, falaz, blasfemadora,  
Peste dos corações, órgão do Averno!  
Vens também macular com teus venenos,  
Com hálito infernal e atroz sistema  
Campos que meu bafejo elísios torna!

---

<sup>23</sup> Nota do autor: «Aparece um baixel, donde pouco depois desembarca a Libertinagem com séquito numeroso.»

<sup>24</sup> Nota do autor: «Corre para ela.»

## LIBERTINAGEM

Órgão não sou do Averno, o Averno é sonho<sup>25</sup>  
Para mim, para os meus; não soffro o jugo,  
Que sobre corações tão férreo pesa.  
Fantásticos deveres não me iludem;  
O sensível me atrai, do ideal não curo,  
Só de palpáveis bens fecundo a mente;  
O bando, que alicio, e que prospero,  
Vive em prazeres, em prazeres morre.  
Compleição dos Catões<sup>26</sup>, moral de ferro,  
Fúria, Libertinagem me nomeia;  
Mas o caráter meu destrói meu nome.  
Delícias ao teu seio, ó Lísia, trago,  
Não cruas opressões, nem agros males,  
Que o fantasma Razão produz, maquina;  
Eu sou a Natureza: ela não manda  
Que o gosto oprimas, que os desejos torças;  
As paixões contentar, não é loucura.  
Prestar-lhes atenção, vontade, assenso,  
É lei, necessidade e jus dos entes.  
Olha: com cetro de ouro impero, ó Lísia;  
Franqueia o pensamento a meu sistema,  
Despe imagens quiméricas e aprova  
Que a posse do Universo em ti remate.

## GÉNIO

Enganas-te, perversa, os Céus a escudam;  
De Lísia puro incenso aos numes sobe,  
Arde em virtude, inflama-se na glória;

---

<sup>25</sup> Nota do autor: «Sentimentos abominosos da Libertinagem, refutados vigorosamente pelo Génio da Nação.»

<sup>26</sup> *Vd.* p. 493, n. 62.

Moral, religião, saudável jugo,  
Que pesa aos ímpios, que aos iníquos pesa,  
Nunca foi grave a Lísia; herói supremo,  
Que é na terra o que é Júpiter no Olimpo,  
Aqui, não com violência, e não com arte,  
Mas pelo exemplo morigera os Lusos,  
Só menos que as deidades venturosos.  
Não manches estes Céus, tartáreo monstro,  
Não corrompam teus pés o são terreno,  
Onde jaz da virtude o trilho impresso.  
Eco da majestade, a voz te aterre  
Do zeloso ministro infatigável,  
Luceno, ao trono, às leis, aos deuses curvo,  
Que, em vínculo fraterno atando os povos,  
Os vê curvos ao trono, às leis, aos deuses.  
Negreja, a teu pesar, o horror, que douras,  
O Inferno, que não crês, de ti fumega,  
E o remorso tenaz te rói por dentro.  
Este povo de heróis, de irmãos, de justos,  
Teu caráter maldiz, teu nome odeia.  
Aparta-te daqui... mas tu repugnas!<sup>27</sup>  
Guerreiros da virtude e flor da Pátria<sup>28</sup>,  
Que limpais a Moral de intrusa escória,  
Eia, apurai o ardor contra esse monstro;  
A vosso invicto esforço a Fúria ceda,  
Do grémio da Inocência o Vício fuja.

#### LIBERTINAGEM

Não se alcança de mim vitória fácil.

---

<sup>27</sup> Resistes.

<sup>28</sup> Nota do autor: «Sai tropa armada, que trava peleja com os sequazes da Libertinagem e os vai destroçando.»

## GÉNIO

Satélites da Glória! Avante, avante!  
A pérfida fraqueia, a palma é vossa.

## LIBERTINAGEM

Colheste contra mim triunfo inútil:  
Lísia perdi, mas senhoreio o mundo.<sup>29</sup>

## CENA IV

### O Génio e tropa

## GÉNIO

Graças, ó numes, sucumbiu a infame.  
Heróis, eu vos bendigo o márcio fogo,  
O rápido valor, que num momento  
A melhor das nações salvou do estrago...<sup>30</sup>  
Mas, deuses, sofrereis que noutro clima,  
Talvez à infâmia sua ignoto ainda,  
Sobre o lenho orgulhoso aporte a fera,  
E tóxico respire, e peste exale!  
O sacrilégio pune: um raio, ó Jove,  
Um raio a torne cinza, um raio abisme  
O líneo torreão no equóreo centro.<sup>31</sup>  
Anuíste-me, oh Deus! É chamas todo!  
Lá cai, lá se desfaz, e o Tejo o sorve.  
Vai, monstro, vai saber, desesperado,  
Se é fantasma a Razão, se é sonho o Inferno,

---

<sup>29</sup> Nota do autor: «Embarcam-se tumultuosamente, sempre acossados pela tropa.»

<sup>30</sup> Nota do autor: «Vai-se a tropa.»

<sup>31</sup> Nota do autor: «Cai o raio sobre o baixel da Libertinagem, e o abraça.»

Vai no horrendo tropel dos teus sequazes  
De momentânea flama à flama eterna;  
E eu, ministro dos Céus, submisso aos Fados,  
Vou por mão de um mortal encher seus planos.<sup>32</sup>

#### CENA V

Cárcere subterrâneo, onde estarão os Vícios e os Crimes agrilhoados,  
exprimindo variamente nos gestos a sua desesperação

#### A POLÍCIA COM GUARDAS

Contra os vícios comuns, que pouco empecem,  
Exercer correções não só me é dado.  
Velai, guardas fiéis, sobre os perversos,  
Que a Polícia comete ao zelo vosso,  
Até que o raio Némesis<sup>33</sup> dispare  
Co'a férrea voz de tribunal supremo.  
Eu, dos crimes terror, dos crimes freio,  
A suplício exemplar, que sare a Pátria  
D'ímpia contágio, reservo aquele  
De todos o mais duro, o mais funesto,  
Que, instrumento servil de atroz vingança,  
Tingiu vendida mão no sangue alheio.  
Ao cutelo de Astreia em vão furtaste  
Colo rebelde às leis, ó tu, cruento,  
Lobo noturno que, vibrando as garras,  
A mansos cidadãos ouro, existência  
De mistura usurpavas, sem que ao menos  
Tremesse o coração e as mãos tremessem.  
Estes, mais que nenhuns, velar se devem,  
Estes nas feias, subterrâneas sombras

---

<sup>32</sup> Nota do autor: «Vai-se.»

<sup>33</sup> Divindade que personifica a vingança divina.

Para o pavor da morte a mente ensaiem.  
Eu, luz do bom Luceno, eu alma, eu tudo,  
Corro, entretanto, a sugerir-lhe ideias,  
Com que os públicos bens floresçam, medrem.  
A Ciência e Penúria, antigas sócias,  
Em seus lares por ele há pouco ouvidas,  
O fértil patrocínio lhe imploraram.  
Em lágrimas lhes deu penhor singelo  
De firme proteção: vós, indigentes,  
Seus efeitos vereis, vereis, ó sábios,  
Que a mente e o coração por vós divido.<sup>34</sup>

#### CENA VI

Salão majestoso da Polícia, adornado das estátuas de várias virtudes

#### O GÊNIO E A HOSPITALIDADE

Eis-me na estância da Polícia augusta,  
Cultora da razão, das leis, do sólio.  
A titubante, a pávida Indigência,  
Que já dos males seus alívio goza,  
Por mão do benfeitor, que os Céus inspiram,  
Vem cõa sabedoria honrar seu nome,  
De interna gratidão sagrar-lhe os cultos;  
Mas profundo respeito os pés lhe tolhe,  
E o salão venerando entrar não ousam.

---

<sup>34</sup> Nota do autor: «Vai-se.»

## CENA ÚLTIMA

Os ditos e a Polícia, que, ouvindo as últimas palavras, sai de repente

### POLÍCIA

Foi sempre este lugar franco à virtude, entrai.<sup>35</sup>

### HOSPITALIDADE

Longe de vós um vão receio.

### POLÍCIA

Cumpri vosso dever, tecei contentes  
De Luceno o louvor. Matéria suma  
As virtudes vos dão, que resplandecem  
Em brilhantes estátuas majestosas  
Neste brilhante, majestoso alcáçar.  
Aquela, que risonha os olhos firma,  
Como que rosto súplice atentando,  
É a Benevolência, e diz no afago,  
Que alguns, havendo a honra em mais que os lucros,  
Ante duro ministro enfreiam preces,  
E só do compassivo, e só do afável  
A presença demandam, que os conforte,  
Que ao rogo num sorriso o efeito augure,  
E não de altiva injúria avilte o rogo.  
Esta é o Exemplo, estoutra é a Inteireza;  
Ali Fidelidade o jaspe anima;  
Desinteresse além reluz e avulta;  
Mais perto voluntária Obediência  
Curva o dócil joelho: eis as Virtudes,

---

<sup>35</sup> Nota do autor: «Entram as duas.»

Que formam, bom Luceno, o teu caráter,  
Todas egrégias, necessárias todas.

#### CIÊNCIA

Verdade e Gratidão nos lábios nossos,  
Aprovam quanto soa em honra dele.

#### INDIGÊNCIA

Oh reinante feliz com tais vassalos!

#### POLÍCIA

Folga, Ciência, e tu, Penúria, folga:  
Dado me é recrear-vos, ser-vos guia  
Ao Príncipe imortal, de quem refletem  
Raios de luz para o ministro excelso,  
Que o seu mor prémio tem na régia glória.  
Curvai-vos, e admirai o herói sublime,  
Que Lísia adora, e que adorara o mundo,  
Se o mundo todo merecesse olhá-lo.<sup>36</sup>  
Vede a seus pés o magistrado insigne,  
Que nele se revê, que a bem da Pátria  
A grandeza real submisso implora.

#### HOSPITALIDADE

Quanto a Virtude alteia a dignidade.

---

<sup>36</sup> Nota do autor: «Abre-se o fundo do teatro, aparece o retrato do príncipe regente com o magistrado a seus pés, oferecendo-se os votos mais puros da Nação.»

## CIÊNCIA

Oh júbilo! Oh ventura!

## INDIGÊNCIA

Eu pasmo, eu tremo.

## GÊNIO

*(Dirigindo-se para o retrato do príncipe regente.)*

Herói, sacro aos mortais, aceito aos numes,  
Olímpico fulgor compõe teus dias;  
Os Céus na minha voz mil dons te abonam,  
Com meus olhos teu povo os Céus vigiam;  
O comércio por ti de fé se nutre;  
As artes, a virtude, as leis triunfam;  
No sólio, no poder tens base eterna;  
Tua alma sobressai aos teus destinos;  
E de teu puro arbítrio esse órgão puro,  
É digna escolha tua, aos astros voa  
No rasto de ouro, com que o Polo esmaltas.  
Súbditos de João, rendei mil cultos  
Ao grão regente, ao ínclito caráter,  
Que nele diviniza a espécie humana.  
A voz da gratidão se alongue em vivas,  
E cordial ternura os lábios honre.

## Coro

Ó luso herói! Baixaste  
Da estância divinal!  
Tu és um deus visível,  
Ó Príncipe imortal!





**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

# FRAGMENTOS DRAMÁTICOS



I — PRÓLOGO OU ARGUMENTO DA COMÉDIA  
INTITULADA *O EXTREMOSO*<sup>1</sup>

Extremos, frenesis, queixumes, prantos  
Da funesta paixão, desejo insano,  
Que, envolto no prazer, salteia o peito;  
Veneno abrasador, que os olhos bebem,  
Que, disfarçado em néctar, se insinua  
No iluso coração, na mente absorta;  
Sentimento, opressor da Natureza,  
Da vã filosofia em vão repulso,  
Inata comoção contraditória,  
Fonte de crimes, de virtudes fonte,  
O poder milagroso, inevitável  
De um sorriso, de um ai; divino encanto,  
Cunho celeste, na Beleza impresso;  
Delícias, aflição, fraqueza e força,  
Dentre um mesmo princípio derivadas;  
Raivosas sensações, não menos fúrias  
Do que essas que no Averno estão rugindo;  
Chamas de tanto ardor como as que zunem  
No tartáreo vulcão, de lava eterna;  
O rei dos Males, o rival da Morte,  
O Ciúme, o teu raio, Amor tirano,  
Teu raio, que a Razão derruba, estraga,  
Qu'inda (oh, pasmo! Oh, terror!) depois de extinto  
Deixa longo trovão soando n'alma:  
Eis o quadro moral, de tristes cores,  
Mas quadro proveitoso, interessante,  
Que ao luso espectador se expõe na cena.

---

<sup>1</sup> Publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 79. Este prólogo foi recitado, em 1800, no Teatro da Rua dos Condes.

Benignos cidadãos, sensíveis entes,  
Que das ternas paixões sabeis o custo,  
A doce tirania encantadora  
Com que uns olhos gentis dominam tudo;  
Extremosa Nação, tu, que idolatras  
Ténue cópia do Céu na formosura,  
Que elevas quase além da Natureza  
Os dois afetos em que os mais se absorvem;  
Que tens no coração, que tens na ideia  
Presos em laço de ouro, Amor e a Glória,  
Que, sentindo o que o mundo apenas sente,  
Choras no dano alheio o próprio dano,  
Nas fraquezas de um só vês as de todos,  
Reconheces que Amor é quase um fado,  
Um fado universal, que arrasta e força  
À loucura, à desgraça, ao precipício;  
Que é despótico Amor, e o mundo escravo,  
Que este império fatal não tem rebeldes,  
Que a soberba Razão sucumbe ao jugo,  
E às vezes (oh cegueira!) o jugo adora;  
Extremosa Nação! No grande objeto  
Emprega mudamente os olhos d'alma;  
É tão digno de ti, quão variado  
De radioso matiz; verás que esmalte,  
Que preço, que atração, que luz confere  
À beleza exterior moral beleza;  
Por entre desatinos da vontade,  
Tumultos da paixão, sem lei, sem freio,  
Por entre confusões, por entre sombras,  
Que do cego amador o acordo enlutam,  
Verás como floresce, ilesa, intacta,  
A suave inocência, inda mais bela  
Se em lide porfiosa obteve a palma.

Virtude os meios ama, odeia extremos,  
Extremos são no mundo ou erro, ou culpa.  
Do mesmo que abrilhanta a Humanidade  
Longe, longe, ó mortais, o injusto excesso.

Dramáticas ações têm só por alvo  
O proveito comum: sarar costumes  
Quando enfermos estão; com riso ou choro,  
Com brandura ou terror, fazer que brilhe,  
Que triunfe a Moral: daqui se colhe  
Lição profícua, prestadio exemplo.  
A escola da verdade está na cena,  
E tão pasmoso efeito às vezes brota,  
Que a virtude se aprende até no vício.

## II — PRÓLOGO PARA *O DRAMA DE NUNO ÁLVARES PEREIRA,* REPRESENTADO NO TEATRO DA RUA DOS CONDES EM 1801<sup>2</sup>

Varão digno de Lísia, ou Roma, ou Grécia  
(Quando Grécia existiu, quando houve Roma),  
Alta planta de reis, até dos mesmos  
Que, só mortais na essência, o Tejo adora;  
Pereira, aos seus e a si pavês tremendo,  
A dragos, a leões Alcides<sup>3</sup> novo,  
Vivo na tradição, na história vivo;  
Aquele, a cujo ferro, a cujo raio  
Da intriga, da traição caíram monstros,  
E rotas no alicerce, e derrocadas

---

<sup>2</sup> Publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhansen*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1804, p. 71. Este drama — representado, em 1801, no Teatro da Rua dos Condes —, da autoria de Tomás António dos Santos e Silva (Setúbal, 1751-Lisboa, 1816), foi inventariado por Fernando Carmino Marques in «Le Théâtre au Portugal — 1800-1822», *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian* (Lisboa-Paris), vol. xxxviii, 1999, p. 401.

<sup>3</sup> Hércules, na mitologia latina; Héracles, na grega.

As torres da ambição, do orgulho as torres;  
Aquele que, insofrido a jugo estranho,  
Foi base onde João manteve o sólio,  
Que aposta durações co'a eternidade;  
Nuno, o maior talvez dos lusos Martes<sup>4</sup>,  
Que à pública razão, que ao bem da Pátria  
Deu sangue, deu suor, deu pensamentos;  
Que, surdo à Natureza, em glória absorto,  
No peito aniquilou privado afeto,  
E, de louros sombria a fronte excelsa,  
Fatigadas por ele as tubas cento,  
Em sagrado retiro ergueu da Terra  
(Cá dentre os reis de pouco ao Rei de tudo)  
A mente, digna só da imensa Ideia,  
Ilusões expulsou, despiu fantasmas,  
Achou verdade o homem, sonho o grande:  
Eis o que hoje na cena, honrando-a, surge,  
Aos lusos esplendor, saudade, exemplo,  
Semente que expeliu milhões de assombros  
Na idade em que medrou, nas que a seguiram.

Mas não somente, ó Pátria, o claro objeto  
Te domine a atenção, te chame os olhos:  
Se abala os corações caráter grande,  
Infausta condição quem não comove?

A Musa em que aparece o grão Pereira,  
Negramente fadada, urdiu nas sombras  
Difícil teia, que palpava incerta;  
Do miserando autor<sup>5</sup> nos olhos tristes

---

<sup>4</sup> Marte, o deus da guerra.

<sup>5</sup> Nota de Bocage: «Tomás António dos Santos e Silva, meu compatriota, cujo talento e desventura o assemelham a Milton.» A maior parte dos textos da *Colecção de Poesias à Memória de Manuel Maria de Barbosa du Bocage*, publicada imediatamente a seguir à morte do escritor, foi subscrita por Santos e Silva.

Eterna escuridão pousou mais cedo.  
Nos abismos da morte, à luz sumido,  
Fervendo em santo amor, que as leis arreigam,  
Colhe entre espinhos de árida existência  
Frutos de glória com que brinde a Pátria,  
Propício nome, que lhe ameigue os fados.

Que direito ao louvor! Que jus ao pranto!  
Chora seu fado, ó Lísia, honra seu nome.

### III — FRAGMENTO DE UM PRÓLOGO PARA SE RECITAR NO TEATRO (ANO DE 1805)<sup>6</sup>

Hoje surge ante vós, congresso ilustre,  
A Musa que fatal, que desgrenhada,  
Rege cenas de horror, cenas de sangue;  
Que nas cruentas mãos, nos olhos feros  
Traz desesperação, punhais, venenos;  
Que as eras tenebrosas invadindo,  
Entrando por montões d'idades mortas,  
Co'a vigorosa mão revolve as cinzas,  
Tiranos arrebatada, heróis arranca  
Ao silêncio do nada, ao sono eterno.  
Colhe dentre os anais do antigo mundo  
Feias paixões, catástrofes medonhas,  
Virtudes, vícios, a inocência, o crime;  
Colhe os males d'então e os males de hoje,  
Esses que a Natureza envenenaram,  
Esses que a Natureza inda envenenam.  
Devorante Ambição tragando impérios,

---

<sup>6</sup> Foi primeiramente publicado por Desidério Marques Leão in *Obras Poéticas de (...)*, t. v, p. 85; preferimos, porém, a lição de Inocêncio Francisco da Silva, *Poesias de (...)*, t. iv, p. 94.

A Discórdia brutal desfeita em raios,  
Rubras ondas fervendo em torno dela;  
Política feroz as leis calcando,  
Negra perfídia vaporando infernos,  
Da razão, da vontade Amor dispondo,  
Nuns olhos, num desdém, num ai, num riso!

.....

#### IV — FRAGMENTO DE UM PRÓLOGO<sup>7</sup>

Pesavam sobre a Terra os férreos Tempos;  
Da virtude primeva um só vislumbre,  
O mínimo fulgor por entre as sombras  
Da geral corrupção não reluzia.  
No seio enorme da reinante infâmia  
O Averno com seus monstros se acolhera,  
E dali, vaporando atrocidades<sup>8</sup>,  
O mundo transformava em novo Inferno.  
Inda ileso, porém, jazia o globo  
Das mais tremendas culpas, inda estava  
Das maldades o número imperfeito<sup>9</sup>.

Cinco ministros hórridos de Pluto<sup>10</sup>  
Creram que seu terrível ministério,  
Usado a embrutecer no crime os homens,  
Cumpria alçar-se da impiedade ao cume.

---

<sup>7</sup> Publicado por Nuno Álvares de Pato Moniz in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Tomo IV e 1.º das Suas Obras Póstumas*. Lisboa: na Impressão Régia, 1813, p. 121, e por Desidério Marques Leão, *Obras Poéticas de (...)*, t. iv. Lisboa: na Impressão Régia, 1812, p. 75. Seguimos, porém, a lição de Inocêncio Francisco da Silva, *Poesias (...)*, vol. iv, p. 347. O início deste poema coincide com o do elogio *Congratulação ao Príncipe e à Pátria na Paz Universal*, vd. p. 491.

<sup>8</sup> Variante de Desidério Marques Leão: «atrocidade».

<sup>9</sup> *Ibidem*: «incompleto».

<sup>10</sup> Deus das riquezas; de acordo com a *Teogonia* hesiódica, era filho de Deméter e de Iásion.

Ante o s6lio de ferro, onde negreja  
O deus das maldiç6es, o deus da morte,  
Seus projetos exp6em, licençã rogam,  
E à negra execuç6o se deliberam.  
Pelo est6gio tropel bramando rompem,  
Com duros encontr6es a turba espancam,  
Correm à br6nzea porta: ei-los no mundo,  
E o mundo em convuls6es, e o Polo os sentem.  
De clima em clima se derramam logo,  
Ao nunca visto horror d6o pronto efeito,  
E no abismo infernal depois baqueiam.

«Monarca tenebroso (exclama um deles  
Ao fero, que sedento est6 de ouvi-los),  
O plano executou-se — a Natureza  
Mais n6o pode aviltar-se: 6 j6 quais somos!  
Ouve, e decide quem merece a palma  
No desempenho atroz da iniquidade:  
Eis o mal, que dispus, e o que hei cumprido.

Nas amplas margens do orgulhoso Eufrates,  
Prole de ternos pais, mimosa e linda,  
Zelina, de tr6s lustros enfeitada,  
Zelina em flor, t6o virgem como a rosa,  
Antes que algum dos Z6firos a engane,  
Lanosas ovelhinhas cor de neve,  
Mansas como a virtude, ou como a dona,  
Em viçoso retiro apascentava.

«O riso no semblante, e n'álma o riso,<sup>11</sup>  
Trazia a bela, conhecendo apenas  
O crime pelo horror que tinha ao crime:  
Ignorava paixões, eram somente  
Amores seus as cordeirinhas suas.  
Num século de infâmias, de torpezas,  
Tão doce candidez olhei com pasmo,  
E, quase em mim domado o torvo instinto,  
Ia depondo a raiva, ia esquecendo  
Minha essência, meu voto. Eis indignado  
Da vil indecisão, requinto as fúrias,  
No remorso, no pejo, e sou mais monstro.<sup>12</sup>  
Acaso a flórea estância, onde Zelina  
Na face resumido o Céu pintava<sup>13</sup>,  
Errante passageiro ia cruzando  
De membros giganteus, melena hirsuta;  
A virgem olha, estático a medita,<sup>14</sup>  
Duvida se é mulher, se é divindade,  
E num suspiro um sacrilégio teme,  
Que ideias de algum nume inda lhe restam.<sup>15</sup>

«Eu, que atentava no amoroso feito,  
Ígneos desejos súbito lhe entranho,  
Insofridos, brutais, e audácia, e fúria,<sup>16</sup>  
Que o mimo, a graça virginal profanem,

---

<sup>11</sup> Assinala Desidério Marques Leão que conhecia uma lição diferente deste verso: «Encantos no semblante, e n'álma encantos.»

<sup>12</sup> *Ibidem*: «E o pejo de o não ser me fez mais monstro.»

<sup>13</sup> Na versão de Desidério Marques Leão, «mostrava.»

<sup>14</sup> *Idem*, «A virgem olha, e estático a medita,»; seguem-se os versos: «Como aquele, que súbito corisco / Viu com ígneo fragor chofrar-lhe ao perto, / E a cinzas reduzir carvalho anoso.»

<sup>15</sup> *Idem*, «Que ideia de algum nume inda conserva.»

<sup>16</sup> *Idem*, a seguir a este verso encontra-se um outro: «Que expulsem preces, que suspiros tolham.»

Qual Euro que, em tufões desenfreado,  
A bonina gentil das folhas despe,  
Lhe esperdiça o perfume, a tez desbota.<sup>17</sup>  
.....»

V — FALA PARA UMA ATRIZ<sup>18</sup>

.....

Na vasta perspetiva encantadora  
Se embebe o coração, se embebe a mente:  
Ó Pai da Natureza, eterno, imenso,  
Este império protege, onde a virtude  
Erguida sobre o trono, à sombra tua,  
O templo social reforça, esteia;  
Manda que a paz celeste e seus encantos,  
Em luminoso grupo abrindo as auras<sup>19</sup>,  
Baixem de Lísia novamente ao seio.  
Ferva nos corações, nos olhos ferva  
A ternura, esse bem por ti criado  
Para se consolar, coroar-se o mundo;<sup>20</sup>  
Maravilhas de um Deus um deus amime:  
É do teu doce amor João tesouro,  
Não ouse negro véu nublar-lhe os dias;

---

<sup>17</sup> No final da versão de Desidério Marques Leão, encontra-se a seguinte frase: «Cetera desiderantur.»

<sup>18</sup> Primeiramente publicado por Nuno Álvares de Pato Moniz in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Tomo IV e I.º das Suas Obras Póstumas*. Lisboa: na Impressão Régia, p. 113; veio ainda a lume por iniciativa de Desidério Marques Leão in *Obras Poéticas de (...)*, t. v, p. 46, e de Inocêncio Francisco da Silva, t. iv, p. 92. Desidério Marques Leão apelida este poema de «fragmento de um Elogio Dramático». Inocêncio antepõe-lhe a seguinte indicação: «Para se recitar no Teatro, por ocasião de regozijo público (ano de 1805).»

<sup>19</sup> Segundo Desidério Marques Leão: «os ares.»

<sup>20</sup> *Ibidem*: «consolar, e ornar-se o mundo.»

Qual é seu coração, seus dias sejam:<sup>21</sup>  
Eterniza das leis o ardor sagrado  
Delas escudo, consistência delas,  
E o Sol, reflexo teu, jamais aviste  
Da tumba ocidental ao berço Eoo  
Virtude, que a João no trono iguale,  
Grandeza, que deslumbre a Pátria minha!<sup>22</sup>  
Ah! Que em chusma, em tropel me estão surgindo  
Sentimentos fiéis, delícias d'alma;  
Eia! Socorre a voz tremente, incerta,  
E em hinos soe o cordial transporte.<sup>23</sup>

(*Cantam.*)

---

<sup>21</sup>A este verso sucede, na edição de Desidério Marques Leão, o seguinte: «Lustrosos, firmes, transparentes, puros.»

<sup>22</sup>Variante na edição de Desidério Marques Leão: «minha!...»

<sup>23</sup>Desidério Marques Leão considera que este poema não terminou.

VI — VASCO DA GAMA OU O DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA  
PELOS PORTUGUESES<sup>24</sup>

Tragédia

ATORES: O Samorim — Vasco da Gama — Ataíde, oficial português, seu confidente — Haril, príncipe de Cochim — O Catural, ou regedor de Calecut — Almançor, mouro opulento em Calecut — Alaida, filha do Samorim — Crezinta, confidente da princesa — Monçaide, africano — Um Brâmane agoureiro

*A cena é em Calecut, no palácio do Samorim*

ATO I

CENA I

Almançor e Monçaide

ALMANÇOR

Esse estrangeiro audaz que, desferindo  
Por mar ignoto as temerárias velas,  
Talhou de peço imenso as virgens ondas,  
De serra em serra no Oceano horrendo;  
Que, lidando co'a morte, abriu caminho  
Lá desde a foz do Tejo aquém do Ganges,  
Trouxe de alta ousadia estranho exemplo,  
E do grão Samorim surgiu nos mares;  
Gama, que embaixador de um rei potente,  
Com vozes tão seguras se nomeia;

---

<sup>24</sup> Fragmento dramático publicado por Nuno Álvares de Pato Moniz in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Tomo V e 2.º das Suas Obras Póstumas*. Lisboa: na Impressão Régia, 1814, p. 191.

Aceso contra nós em ódio herdado,  
Que de males dispõe aos muçulmanos,  
Que de males promete à Índia toda!  
A constância, o valor 'té'li não vistos  
Com que o mundo assombrou na grande empresa,  
E as mil promessas vãs que tece, astuto,  
De interesses comuns, aparelhados  
Ao povo português, ao índio povo,  
N'alma do Samorim se insinuaram;  
O iluso imperador dos Malabares  
Nele preza um Herói, e o bem do Estado:  
Em profícua aliança espera os frutos  
Que do arteiro cristão lhe finge a astúcia.  
Têm já três luas circulado o Polo  
Depois que em Calecute os frágeis lenhos,  
Vencedores das ondas, aportaram;  
Aqui de voz em voz correndo a Fama  
No espanto desde então se nutre e esforça;  
Abjetos poleás<sup>25</sup>, altivos naires<sup>26</sup>  
Com cego entusiasmo aqui proclamam  
O forte condutor dos nautas duros.  
Deslumbrada Nação, não vês, não sentes  
Forjar-se ao longe e retinir teus ferros?  
Entranha no vindouro a conjetura:  
Esses, cujas ações com pasmo aclamas,  
São heróis do valor, não da justiça,  
Hoje aliados, amanhã tiranos.  
Acaso dentre as artes, dentre as honras,  
Dentre o puro clarão de um céu risonho,  
Dentre os mimos da Pátria, a nós é vindo  
Esse chefe arrogante, e seus sequazes  
Não mais que a merecer durável nome,

---

<sup>25</sup> Plebeus no antigo Malabar.

<sup>26</sup> Nobres do Malabar. O exército do rajá era constituído por elementos desta casta.

Grau entre aqueles que eterniza a glória?  
Ah! Na glória a política se envolve;  
Política feroz, que em paz maquina  
O nosso cativo, o nosso estrago;  
Que espreita o modo com que lance o jugo  
Que ao triste Malabar transtorne os fados,  
E que às outras nações daqui se alongue.

MONÇAIDE

Na audácia, na política presumo  
O génio português capaz de tanto;  
Mas sofre mil obstáculos a empresa...

ALMANÇOR

Não duvides, Monçaide, atroz mudança  
Nosso estado terá, e o destes povos,  
Se tal gente, a prodígios costumada,  
De África incêndio, horror da Pátria nossa,  
Aqui puder também vibrar seu raio;  
A seita muçulmana então sucumbe,  
Cai o influxo, o favor, cai a opulência  
Que atendíveis nos faz perante o sólio.  
Cumpre não desmaiar na cauta empresa;  
Por esforços extremos se remova  
A procela iminente às nossas fronteiras.

MONÇAIDE

Praticados ardis, 'tégora inúteis,  
Auguram pouco efeito a novas artes:  
As torres que a ambição vai surda erguendo,  
Por braço experto, e para nós terrível,  
À sombra avultam do poder supremo;  
O incauto Samorim não vê futuros;  
Ufano do esplendor que lhe reflete

Da embaixada de um rei temido e grande;  
De brilhantes quimeras encantado,  
E mais do firme tom que as fortalece  
Nas vozes, no exterior de um homem raro,  
Faustas ideias da aparência colhe.  
Debalde o Catual, cujo avareza  
Tesouros nos absorve insaciável,  
Esperanças vendendo a preço de ouro,  
Debalde tem mil vezes maquinado  
Dos atrevidos nautas a ruína.  
Se o poder que do trono lhe dimana,  
Se a pública, orgulhosa autoridade  
Que exerce em Calecut, esse que priva  
Tanto coò Samorim e o representa,  
Eficazes não torna os teus projetos,  
Porque da empresa vã não descorçoas?  
De infalível tratando o contingente  
Ao próximo regresso obstar deseja  
Dos guerreiros varões, que odeias n'álma,  
E queres o seu fim, não sua ausência.  
Já prontos nos baixéis a Pátria anelam,  
Completa a comissão que a nós os trouxe;  
Soltas em breve as temerárias velas  
Tornarão a arrostar o horror profundo  
Das negras ondas em que ferve a morte;  
Cedo entregues ao vento, ao mar entregues  
Esses, que temes, livrarão teus olhos  
De seus feros semblantes importunos:  
E quem sabe se o túrbido Oceano,  
Que uma vez lhe sofreu a enorme audácia,  
Agora mais indócil, mais soberbo  
No horrível bojo sorverá com eles  
Ingentes, arriscadas esperanças?  
Nem sempre o destemido é venturoso:  
Da fortuna à desgraça o passo é curto...  
Sim, Almançor, ao vento, ao mar, ao fado  
Dêmos a empresa fácil de extingui-los.

## ALMANÇOR

Monçaide, o vento e mar lhe obedeceram,  
E que fiar não há no fado incerto.  
Importa-nos seu fim, não sua ausência;  
Não que, outra vez o pélago afrontando,  
Esses lenhos fatais no Tejo ancorem;  
Não que o fruto de próspera ousadia  
Émulo ardor provoque a renová-la,  
E as artes multiplique, e apure as forças  
Ao plano de política e de glória,  
Com que ativa Nação, que em si não cabe,  
De seus curtos limites indignada,  
Quer do último Ocidente arremessar-se  
Aos climas onde o Sol dá luz primeiro;  
E aqui, ou na extensão de toda a Terra,  
Projeta impor seu jugo, honrar seu nome.  
Tolher-se a execução do plano infesto  
É justiça também, não só proveito;  
Apaguem-se as faíscas pouco acesas,  
Que um vasto incêndio não remoto agouram.  
Sempre exemplo feliz terá sequazes,  
Nenhum, ou raros, desgraçado exemplo.  
N'alma do Samorim terror se infunda,  
Que perigoso apreço em ódio troque.  
Um só não fique ileso, um só não torne  
Dos bravos, dos terríveis navegantes,  
Que leve à Pátria o miserando anúncio  
Do aspérrimo castigo aos seus imposto:  
Ou seja o cativo, ou seja a morte  
Condigno prémio da ambição, que injusta  
Sobre a nossa ruína empreende alçar-se.  
Em trair um traidor não há vileza.  
Mauritano, como eu, te cumpre, amigo,  
Manear da vingança os instrumentos  
Contra a feroz nação, que nos detesta,

Contra a feroz nação que detestamos:  
Recíproco interesse, a lei, e a Pátria  
Tal zelo, tal fervor de nós exigem.

MONÇAIDE

O paterno destino acompanhando,  
Bem sabes que de Tunes, pátria minha,  
Aqui vim exercer, qual tu, qual outros,  
Esta correspondência industriosa  
De nação a nação, que as enriquece,  
As pule, as encadeia, as fraterniza  
No câmbio do que ao luxo, à vida serve.  
Sabes que um pai, de que venero as cinzas,  
Proveitosa união me urdiu contigo  
Nest'arte que as fortunas amplifica  
(Arte que às vezes se desluz, se avilta  
No ilegítimo ardil, no torpe engano,  
Arte porém que em mil dá culto à honra).  
São interesses meus teus interesses,  
Teus danos são meus danos, em virtude  
Da aliança fiel por nós mantida.  
Atalhar-se o progresso aos Portugueses  
Da glória, da ventura que ambicionam,  
A ti e a mim convém, convém aos nossos,  
Ao grande Samorim e à Índia toda;  
Embora estratagemas se requintem,  
Se ainda tos depara a fantasia,  
Para que de fadiga infrutuosa  
Amargo desengano à Pátria levem,  
E obste a novas tenções tenção baldada,  
Sanguinários porém, cruéis não sejam  
Os meios que empregarmos; não se julgue,  
Não digam que é vingança o que é justiça,  
Que frouxos, incapazes de aterrá-los  
Tentamos impiamente o desagravo  
De tanto e tanto mal que têm sofrido,

E que inda nossos climas sofrem deles.  
Amo a Pátria, amo a lei, sou muçulmano,  
Mas odeio a traição, a astúcia infame,  
Vícios que aos Africanos se atribuem;  
A lei universal, a Humanidade  
Deve a todas as leis ser anteposta:  
Este o meu sentimento, agora e sempre.

#### ALMANÇOR

Se a amizade, se a fé que em ti respeito,  
Por longas experiências apurada,  
Suspeitas naturais não rebatesse,  
Namorado também te julgaria  
Da ação que teve as ondas por teatro;  
Crera que a superfície te deslumbra,  
E te não resta luz que indague o centro.  
Se brilhantes ações têm fins odiosos,  
Que vale o resplendor de ações brilhantes?  
O heroísmo é razão; não há sem ela  
Proeza que eternize, ação que afame,  
E é da razão talvez, é do heroísmo  
Ver mil horrores, abarbar<sup>27</sup> mil mortes,  
Para tornar com arte e com violência  
Primeiro amigas, e depois escravas  
Inocentes nações, a quem pusera  
Procelosas barreiras o Oceano  
Contra insana ambição, contra esse monstro  
Que as fauces lhe abre ao longe, e quer tragá-las?  
A lei universal, a Humanidade  
Reconheço também, também pondero;  
E, em pospor um só povo a muitos povos  
Por ele iniquamente ameaçados,

---

<sup>27</sup> Aceitar.

Cumpro o sacro dever que ufano alegas,  
Além de sustentar a própria, a justa,  
A grande causa onde omissões são crimes,  
Onde...

MONÇAIDE

O tom da suspeita que em teus lábios  
Soa injusto, Almançor, também é crime,  
Antes delírio, que profana, insulta  
A amizade e a razão. Que ardor, que zelo  
Transcende o que atéqui mostrei na empresa  
Por tão altos estorvos contrastada?  
Se ao portentoso Gama, em cujos feitos  
Admiro o herói e o português detesto,  
Tenho captado a confiança amiga  
Com público louvor, sagaz obséquio,  
Teus conselhos segui; por teus conselhos,  
E interesses da Pátria, e destes povos  
A desvelo impostor forcei minh'álma,  
De meu livre caráter fui tirano.  
O assombro involuntário, que me exprobras  
(Apalpa o coração) tu mesmo o sentes,  
O confessas tu mesmo. E quem pudera  
Não senti-lo, Almançor, não confessá-lo?  
Os novos Argonautas<sup>28</sup> do Ocidente  
Na façanha imortal têm já transposto  
As metas do que é dado à Natureza.  
Esse que os dirigiu da glória ao cume,  
Universal pregão merece à Fama;  
Seu nome pelos séculos se estende,  
Nem tu podes, nem eu, nem quanto existe

---

<sup>28</sup> De acordo com a lenda, tripulantes da Argo, nau comandada por Jasão, que navegaram em busca do toão de ouro.

Negar-lhe a admiração, seu jus, seu prêmio.  
A admiração, porém, não tiraniza  
Minha mente, capaz de refreá-la,  
E ver pelo clarão do ilustre feito  
Hórridas nuvens que prometem raios.  
Nossos intentos, pois, ao fim se levem,  
Se possível nos for ao fim levá-los;  
Mas arte seja tudo, e longe a força.  
Além do Samorim não consideras  
Que braço contraria os teus furores?  
Vê do rei de Cochim o augusto herdeiro,  
Vê o príncipe Haril como protege  
(Também n'alta façanha embelezado)  
A causa desses homens destemidos,  
E que para seu rei grata resposta  
Gama do Imperador por ele obteve.  
Na pompa, na grandeza deste dia  
Atentando igualmente, as iras doma.  
Hoje que o Samorim desposa a filha,  
Que Alaida em prisão doce a Haril se enlaça,  
Que o paço imperial of'rece aos olhos  
Requintado esplendor em honra às núpcias,  
Respeitemos, amigo, respeitemos  
O público prazer, e o do monarca.  
Ousar-se neste dia ação que o turbe  
Aos Céus e à Terra sacrilégio fora;  
Bonançosa alegria hoje serene  
Tumultos de paixão que o peito abalam.  
Depois...

#### ALMANÇOR

Absorto em lúgubres imagens,  
Descuidei-me atéqui do grande objeto,  
Que exige o mais profundo acatamento.  
A amizade e o dever me gritam n'alma  
Que pese teus conselhos, que os abraçe.

Estas agitações, o ardor que atento  
Temperas co' a razão, também tempero;  
Um dia, um dia só, não mais que um dia  
Forcem-se as iras a dormir no peito,  
E colham do repouso alentos novos.  
Ao Catual propor mais árdua empresa  
Era o vasto projeto, era o destino  
Que à morada real guiou meus passos;  
Mas a proposição pede outro tempo,  
E incentivo menor daqui me afasta.  
Tu, Monçaide fiel, prossegue entanto  
Na cauta indagação dos pensamentos  
Que o soberbo europeu talvez te esconde.  
É para nossos fins um bom princípio  
Sondarmos o inimigo e ler-lhe n' alma;  
O peso deste exame indispensável  
Deponho todo em ti. Dissimulemos.<sup>29</sup>

## CENA II

### MONÇAIDE

Africano implacável, não me iludes  
Com essa de repente alegre face:  
No silêncio forçado a raiva oprimes;  
De afeto para afeto, e tão contrário  
Não passa o coração num só momento.  
Já parte do que eu sou presume o fero:  
No extremoso louvor que transportado  
Consagrei ao varão d'heróis modelo,

---

<sup>29</sup> Nota de Pato Moniz: «Estou certo de que, se Bocage houvesse de dar esta peça ao teatro, evitaria o fastio de quase trezentos versos na cena de abertura; muito mais não envolvendo ela uma suficiente prótase; porém, aqui dá-se uma cópia do que primeiro lhe produziu a fantasia, e não do que ele aprovou, depois de reflectir no que imaginara; como bem claramente denota a imperfeição do seu autógrafo.»

Quase descortinou toda a minh'álma.  
Apesar d'interesses tão sagrados,  
Que meu caráter dobram, que o reduzem  
À precisão do engano; a ser no rosto,  
A ser nas vozes parcial e amigo  
Do mesmo que ódio eterno em mim provoca,  
Do pérfido Almançor, o mais injusto,  
O mais duro e feroz dos muçulmanos;  
Teu fervoroso amor, ó Pátria minha,  
'Tégora na violência represado,  
Ia rasgando o véu que encobre aos olhos  
Meu ser, e o meu destino. Horríveis monstros,  
Opressores cruéis que arrebatastes  
Aos braços maternos a minha infância;  
Que no jugo do exemplo e do costume  
Com sacras ilusões me alucinastes,  
E, a minh'álma cingindo a lei nefanda,  
Fizestes, ai de mim! que preferisse  
Às luzes da verdade as sombras do erro.  
Opressores cruéis, baldadas foram  
A vossa tirania, as artes vossas.  
Seus direitos um Deus em mim recobra;  
Por veredas que a mente humana ignora,  
Aos meus e a si me reconduz o Eterno.  
Mas em que agitações, em que terrores  
Meu ânimo flutua? Ah! Que terrível  
Sombrio agouro o coração me enluta!  
Que cenas de traição, de horror, de morte  
No triste pensamento me negrejam!<sup>30</sup>

.....

---

<sup>30</sup> Nota de Pato Moniz: «Eis aqui tudo o que me chegou desta tragédia, que Bocage levava ao fim do primeiro acto, que eu vi, e que ele me leu.»

## VII — AFONSO HENRIQUES OU A CONQUISTA DE LISBOA <sup>31</sup>

Drama heroico

ATORES: Afonso Henriques, rei de Portugal — Guilherme, príncipe inglês — Ligel, senhor flamengo — Egas Moniz, fidalgo português e confidente de Afonso — Arnaldo, seu filho — Zaida, princesa moura cativa — Zelima, sua escrava — Almançor, mouro — Oficiais portugueses e estrangeiros — Soldados

ATO I

CENA I

Afonso, Guilherme, Ligel, Moniz e oficiais

AFONSO

Famosos, destemidos companheiros,  
Heróis, comigo afeitos à vitória,  
Que o jugo sarraceno, o jugo infame  
Ides com férreas mãos aniquilando;  
Tu, claro digno irmão do inglês monarca,  
Magnânimo Guilherme, e tu brioso  
Intrépido Ligel, de Flandres glória;

---

<sup>31</sup> Fragmento publicado por Nuno Álvares de Pato Moniz in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Tomo V e 2.ª das Suas Obras Póstumas*. Lisboa: na Impressão Régia, 1814, p. 204. Apresenta a seguinte nota: «Bocage esqueceu-lhe [sic] designar o lugar da cena, assim como no andamento do drama lhe esqueceram muitas rubricas que na leitura facilmente se dispensam, mas que lhe eram essenciais quando houvesse de o fazer representar; porém, os leitores, nestas poucas cenas que existem, claramente acharão indicado que o lugar de todas elas era o acampamento português.» António Maria do Couto afirma, no prefácio a *Poesias Satíricas Inéditas*, que em vão procurou no espólio de Bocage as partes que estavam em falta. Bocage acusou o padre José Manuel de Abreu e Lima de lhe ter furtado o primeiro ato desta peça e de a ter levado à cena (v. «Em vão, Padre José, padre ou sacrista» vol. 1, t. 1, p. 328, da presente obra).

Varões que, nos baixéis aparelhados  
Contra o fero opressor dos santos lares,  
Da cativa Sião contra os tiranos,  
Por alta Providência aqui surgistes,  
E, de um Deus abraçando a causa excelsa,  
As palmas do Jordão colheis no Tejo;  
Amigo do teu rei, da Pátria tua,  
Insigne português, Moniz preclaro,  
A quem o antigo esforço as cãs não murcham;  
A quem da trabalhosa e crespa idade  
Vivo ardor marcial derrete o gelo;  
Herói que de outro herói te vês herdado;  
Que ao filho transmitiste o raro alento,  
E no mancebo Arnaldo a fama estendes  
Do grão tronco de que és egrégio ramo;  
Chefes invictos, férvidos soldados,  
Em vão do mouro adusto a resistência  
À nossa grande empresa o fim retarda;  
Debalde tem sustido há cinco luas  
O rápido furor das nossas armas;  
Tenaz oposição dobra o triunfo;  
Na lida, no suor se nutre a glória;  
Lisboa cederá, verão seus muros  
De um assalto geral o efeito ilustre:  
Esses templos sacrílegos, aonde  
Adorando-se um deus, um Deus se insulta,  
Hoje, por dignas mãos purificados  
Do culto, dos incensos da impostura,  
Serão dos nossos votos sacro asilo,  
Do Deus de nossos pais estância augusta.  
Não, para vos dispor ao feito heroico,  
À façanha cristã não necessito  
De excitar, sócios meus, na ideia a imagem  
Do que vistes heróis, do que fizestes

Nos márcios campos do espantoso Ourique<sup>32</sup>.  
Duros netos de Agar além bramindo,  
Imensa multidão enchia os vales,  
Cobria as serras, esgotava as fontes;  
O truculento Ismar dos seus na frente,  
De quatro escravos reis obedecido,  
Amotinando os céus com grita horrenda,  
De olhos fitos em nós, como os emprega  
Esfaimado leão na fácil presa:  
Nós d'aquém, turba escassa, mas terrível,  
Confiados no Céu, na Fé seguros,  
De um Deus na proteção, na glória acesos,  
Com fero encontro os ímpios arrostando,  
Abrindo e desfazendo escudos, malhas,  
Dando tostadas vítimas à morte,  
D'espíritos brutais o Inferno enchendo,  
Sentindo rebentar aos nossos golpes,  
E ir pela rubra terra o sangue em ondas,  
Os bárbaros pendões no chão dispersos,  
O estrondo, a confusão, o horror, o estrago  
Por aqui, por ali; montões de mortos;  
Anjo exterminador, núncio do Eterno,  
Sobre as frentes dos prófugos<sup>33</sup> troando,  
Sopesado na mão raio invisível,  
Com formidável ímpeto espargindo  
Por entre os infiéis total derrota!  
Este quadro, esta ideia, altos guerreiros,  
Necessária não é para incitar-vos:  
Temos o mesmo esforço, as mesmas armas;  
O Deus que nos valeu nos vale ainda;  
O que fostes sereis: Lisboa é nossa.

---

<sup>32</sup> Onde teve lugar a Batalha de Ourique.

<sup>33</sup> Fugitivos.

GUILHERME

Afonso nos comanda, e do triunfo  
É decisivo anúncio a voz de Afonso.  
Calcaremos aos pés o orgulho insano  
Do agareno infiel; naqueles muros  
Nossos pendões, Senhor, verás alçados.  
Inda a luz da manhã não doura os ares;  
Antes que raie a aurora, e se efetue  
O vigoroso assalto que aparelhas,  
Nós veremos talvez o afoito Arnaldo,  
O meu prezado amigo aparecer-nos,  
Volver aos arraiais com palma insigne.  
O bárbaro tropel, que em seu auxílio  
Chama o duro opressor da grão Lisboa,  
Talvez, egrégio Rei, já tenha sido  
Do braço português servil despojo.  
De Arnaldo a condição fogosa e pronta  
Só se contenta em rápidas vitórias;  
Demoras no vencer lhe são desdouros.  
Sabido o seu valor e o seu caráter,  
Voluntário cedi ao caro amigo  
O que a ninguém cedera, o mando honroso  
Da generosa empresa, a que é tão próprio.  
Meus votos, meus desejos o aceleram,  
E como que já sinto o som guerreiro  
Núncio do meu prazer, da glória sua.  
Apenas entre nós o moço ilustre  
Do sublime esplendor brilhar c'roadado,  
Fadigas a fadigas agregando,  
Então, grande Monarca, aos inimigos  
Levemos o terror, a chama, o ferro.

## MONIZ

Na demora, Senhor, se apura e cresce  
O fogo marcial de teus soldados;  
Seus olhos devorando aqueles muros,  
Há muito de assaltá-los, de invadi-los  
O momento, o sinal com ânsia pedem;  
Mas eu, súbdito e pai, bem que anteponho  
A glória do meu Rei à de meu filho,  
Conciliar dois títulos quisera  
Para o meu coração de tanta estima:  
Quisera merecer ao meu benigno  
Generoso Monarca a complacência  
De retardar o assalto alguns momentos,  
Para que o filho amado, em quem reflete  
Meu zelo, meu fervor, minha lealdade,  
Associar-se possa em nova empresa  
A seu Rei e a seu pai; não sinta Arnaldo  
O pejo, o dissabor de ver-se inútil  
Na mais brilhante ação que os Céus nos guardam.  
Às vezes, prolongando-se-lhe o termo,  
Projetos dos heróis se desconcertam;  
Bem sei, mas são d'heróis que só se estribam  
No rápido valor, na mente astuta;  
Não d'heróis, como tu, do Céu validos,  
Em que é fado o triunfo, herança a glória.  
Verificado está quanto profiro  
Na celeste visão que honrou teus olhos,  
Lá quando a divindade o véu despindo,  
Esse véu sacrossanto, impenetrável  
Que a recata de nós, à face tua  
No lenho redentor se fez patente;  
E, travando contigo alta aliança,  
As insígnias te deu, te deu o império.  
O teu jus a vencer quem há que o vede,

Depois de o conferir o Omnipotente?  
Alguns momentos mais, que a fúria prendam,  
A fúria dobrarão depois de solta.

AFONSO

De sólidas razões ceder ao peso  
É justiça, é dever, é recompensa  
Do generoso ardor de um pai, de um filho  
Tão úteis ao seu Rei, tão dignos dele:  
No que sou moralmente, o fruto vejo  
Da tua educação, dos teus desvelos;  
Meus passos dirigiste à glória, ao trono;  
Vive esta ideia em mim; sou rei, sou grato...  
A gratidão num rei também se encontra.  
Suspenso fique embora alguns espaços  
O assalto estragador do mouro infando;  
Esperemos Arnaldo, Arnaldo aumente  
Nos duros torreões o duro embate,  
E no sangue infiel de novo ensope  
A cortadora espada irresistível;  
Goze... mas que rumor não bem distinto  
Ressoa em meus ouvidos!... Não me engano,  
Sinto que se aproxima a cada instante...  
Talvez... Parte, Ligel, inquire a causa  
Do súbito ruído; este alvoroço  
Que me revolve o peito e que me inflama,  
É presságio feliz.

LIGEL

Corro a servir-te.  
(*Vai-se.*)

MONIZ

Paterno coração, como palpitas!  
Não mentes, não me iludes: eis meu filho.  
Ah! Permite, Senhor, que eu...

GUILHERME

Não: detém-te,  
Cede à minha amizade o grato exame;  
Eu vou... porém que vejo? Arnaldo? Oh! Glória!

MONIZ

Filho...<sup>34</sup>

CENA II

Ligel, Arnaldo e os precedentes

ARNALDO

Meu Rei, vencemos!... Foi teu nome  
Princípio do triunfo portentoso,  
E a nossa intrepidez foi seu remate.  
O mouro usurpador, cedendo o campo,  
Fiou dos leves pés um débil resto  
Do exército feroz, que jaz por terra.  
Com que prazer, Senhor, com que transporte  
Teus guerreiros magnânimos travaram  
O conflito mortal que os fez eternos!  
Fervor de antecipar-te o ledo aviso  
Fez com que eu precedesse a marcha sua;

---

<sup>34</sup> Nota de Pato Moniz: «Nada mais achei pertencente a esta primeira cena.»

Mas em breve os verás: em breve às plantas  
Do nosso digno Rei virão depor-se  
As bandeiras ao bárbaro arrancadas,  
As armas, os troféus, os prisioneiros.

(À parte.)

Tu murmuras, amor! Ah! Sofre, e cala.

AFONSO

Tuas claras ações, mancebo ilustre,  
Já te vão franqueando a eternidade;  
Na classe dos heróis lugar te assinam.  
A modéstia gentil de que te adornas  
Suprime a narração da glória tua;  
Mas o teu rei, que te ama, e que te admira,  
Da tua voz exige as circunstâncias  
Do feito denodado em que luziste:  
Fala pois, o triunfo se renove  
Pela boca do herói que o fez completo.  
Dignamente de ti falar tu podes:  
Tem direito a louvar-se o que é louvável.

ARNALDO

Mais por obedecer ao teu preceito  
Que para me exaltar, para exprimir-te  
A justa execução de meus deveres,  
Te figuro, Senhor, o atroz combate.  
A dar pronto socorro àqueles muros  
Torrados esquadrões se arremessavam  
Com bruto ardor, com hórrido alarido.  
Eis em longa planície os avistamos  
Por entre o denso pó, que vai subindo  
Do chão revolto; e súbito inflamados  
Os teus, em cuja frente me abalanço,

Ao sinal que lhes dou vozeiam, correm;  
Com fervoroso espírito proferem  
Em terrível clamor: «Afonso! Afonso!»  
E aos bárbaros se arrojam num momento.  
Levanta a chusma vil mais altos gritos;  
E, com desprezo o número notando  
Tantas vezes menor, que se lhe arrosta,  
Já divide entre si nossos despojos;  
Mas a imaginação decai no efeito.  
Ao princípio, Senhor, dum lado e doutro  
A vitória pendeu como indecisa;  
Mas, crescendo o furor na resistência,  
Depressa o português arrebatado  
A causa decidiu, desfez o enleio.  
Espadanas de sangue a terra ensopam;  
Voam braços, cabeças, fervem mortes;  
Num teatro de horror se torna o campo;  
Parece transferir-se ali o Inferno!  
Enfim, terror geral, geral destroço  
Na fuga, aqui e ali semeia, espalha  
As relíquias do exército nefando.  
Algum tempo, implacáveis, o acossamos,  
Unindo em muitos peitos morte e medo;  
Mas, fartos de matar sem resistência,  
Vendo que só no risco existe a glória,  
A fúria suspendemos; e, voltando  
Aos nossos arraiais com mil despojos,  
Buscamos, conseguimos, grão Monarca,  
No teu contentamento o prémio nosso.

#### AFONSO

O meu prazer não só, também meus braços  
Devem ser galardão do que te escuto.  
A teus nobres extremos costumado  
Meu coração previu teu lustre novo.  
Venturoso de um pai que em ti prolonga

A moral duração melhor que a vida!  
É júbilo sem par vermos que brilham  
Mais que nossos avós os filhos nossos.  
A Moniz este júbilo compete,  
O heroísmo que herdou por ti se apura.

#### MONIZ

Dos braços do teu Rei já foste honrado,  
Está já satisfeita a glória tua;  
Satisfaze também o amor paterno:  
Vem, abraça teu pai, banha este rosto,  
Banha estas cãs de lágrimas suaves,  
Lágrimas da alegria e da ternura.  
Seus frutos produziu minha esperança,  
Qual ver-te desejei te veem meus olhos;  
Férreo sono da morte embora os cerre,  
Em ti deixo um herói, contigo ficam  
Meu sangue, meu fervor, meus sentimentos,  
E um braço mais funesto aos inimigos,  
Mais prestadio à Pátria. Amado filho,  
Falece a voz, o coração não pode  
Com tão novo prazer; e, a ti correndo,  
Nas lágrimas que verto se derrete.

#### ARNALDO

Doutrinado por ti, de ti nascido,  
Que menos pela Pátria ousar pudera?  
Graças envio aos Céus por ver-me digno  
Da tua educação, dos teus extremos,  
Do herói, do pai que ao longe imito apenas.  
Mas permite, Senhor, que se dividam  
Também pela amizade os meus afetos,  
Que do excelso varão que me honra tanto,  
O bem da gratidão nos braços goste.

GUILHERME

Herói, fruto d'heróis, eu te esperava  
Como sempre te vi, qual és, qual foste.  
Une a mão vencedora à mão do amigo,  
Que não menos que tu teus louros goza.

AFONSO

As bélicas trombetas perto soam:  
Logremos o espetáculo pomposo  
Dos guerreiros cristãos em quem revive  
Da antiga Lusitânia o bravo esforço.  
No adequado louvor comece o prémio  
Das ilustres fadigas que os afamam:  
Multiplica os heróis louvor e exemplo.

MONIZ

Eis, Senhor, teus intrépidos soldados,  
Que, afeitos a vencer, trazem no rosto  
Para os triunfos seus desdém sublime:  
Vê como nas guerreiras, crespas fronte  
Da glória do seu Rei brilha o reflexo.

*(Vão passando os soldados.)*

AFONSO

*(Saindo com os oficiais ao campo a encontrá-los.)*

Redentores da Pátria, ah! Vinde, vinde  
Em nossos corações dobrar o alento,  
O alento executor d'altas façanhas.  
Vossos terríveis braços, despedindo  
Inevitáveis golpes, vos granjeiam

Memória perdurável, fama eterna:  
Aos estragos do Tempo, às leis da Morte  
Império não consentem vossos nomes;  
Quais vos vejo brilhar, quais sois agora,  
Ireis luzir nos séculos vindouros:  
O clarão das ações que a Terra espantam,  
Rompendo a névoa da remota idade,  
Aos tardos, animosos descendentes  
D'heróica emulação será fomento;  
Unido ao vosso exemplo o sangue vosso  
Heróis produzirá, que heróis produzam;  
Série pasmosa de varões sublimes  
Dareis ao mundo; morrerão com ele.  
Acesa a fantasia o diz, o augura.  
Nada menos que vós de vós se espera.  
Ide em curto repouso aparelhar-vos  
Para novo esplendor, fadigas novas.  
Tu, Moniz, me acompanha: os meus projetos  
Pela experiência tua aperfeiçoo.  
Tu, Príncipe, depois que saciado  
Houveres da amizade os sentimentos,  
Livrementemente abraçando o caro amigo,  
Teus guerreiros fiéis dispõe e ordena  
Para o férvido assalto.

### CENA III

Guilherme e Arnaldo

GUILHERME

Em teu semblante  
Transluz a viva dor que tens no peito:  
Arde a paixão fatal, que em vão disfarças.  
Mísera condição da Humanidade!  
Duro mortal, que arrosta o ferro, a morte,  
Ante uns olhos gentis desmaia e treme!

Vencer não pode a si quem vence a tantos.  
Mais que o furor de exércitos cruentos  
Ousa fraca mulher com pranto e riso!  
Por culpa de atrativos sedutores  
Entre tanta ventura és desditoso.  
De uma insana paixão tiranizado,  
Cego escravo de Amor, somes, apagas  
Nas sombras da tristeza a luz da glória.  
Desgraçado mancebo! Ah! Nunca vissem  
Teus olhos o danoso, infausto objeto  
Que a vontade te encanta e senhoreia;  
Nunca das mãos dos seus arreatasses  
Essa dos males teus formosa origem,  
Veneno por mil graças adoçado.

ARNALDO

Veneno ao coração, veneno aos olhos,  
Veneno que me encanta e me repassa,  
Que mil vidas me dá, me dá mil mortes.

GUILHERME

Oh Céus! Tu português, tu responsável  
De assombrosa virtude a Deus e à Pátria,  
Da lei que segues a inimiga adoras!  
Zaida, prole de Osmin, prole de um monstro,  
De um tirano infiel, reina em Arnaldo!  
Reina em ti, num cristão! E o despotismo  
Do bárbaro opressor, que em férreo jugo  
Entre aquelas muralhas tem ligados  
Os teus irmãos, os teus compatriotas,  
Da filha pela mão também te abrange!...  
Ah! Torna, torna em ti; combate e vence  
O criminoso ardor que te alucina;  
Teme que inúteis ais, 'téqui somente  
Da causa do teu mal, de mim sabidos,

Levem teu desacordo e teu deslustre  
Aos ouvidos de um pai, de um rei que te amam.  
Diversos interesses, leis diversas,  
Ódios herdados, a justiça, a Pátria,  
O teu dever e um Deus teu gosto impugnam:  
Que esperas, infeliz, de tais excessos?  
Que esperas desse amor?

ARNALDO

Que espero? A morte,  
Do lúgubre sepulcro a paz, o asilo.  
Santa religião, se tu não foras,  
Se os decretos de um Deus mo não vedassem;  
Se outro estorvo não visse às fúrias minhas  
Mais que o geral horror da Natureza,  
Na presença de um termo inevitável;  
Se da cega paixão no labirinto  
Um resto de razão me não luzisse;  
Se de Zaida ao poder não se opusera  
A voz da carrancuda Eternidade,  
Já do sangue que ferve em minhas veias  
Mortífero punhal tingido houvera.  
Não me esquece o dever, a lei que adoro;  
Sou cristão, português e herói seria  
Se mais forte que Arnaldo Amor não fosse.  
Eu me envergonho, oh Céus! eu me horrorizo  
Do estado a que a paixão reduz minh'alma!  
Sei que é labéu, fraqueza, injúria, crime  
Este afeto, este ardor; que sou por ele  
Rebelde ao culto meu e à Pátria minha;  
Pejo, Remorso, Amor comigo lutam,  
Mas sempre no combate Amor triunfa.  
Senhor dos corações, ente supremo,  
Ah! porque tão sensível me formaste?  
Em vez de um coração tenho um verdugo!

Forças contra as paixões nos foram dadas,  
Pode mais a razão que a simpatia,  
E aquela me abandona, e cedo a esta!

GUILHERME

Defesa não lhe opões, domar não queres  
O fatal sentimento; ele é vencível,  
Mas cumpre que a virtude esmere as forças  
Na empresa não vulgar: se resistisses,  
Desse inimigo interno a palma houveras.

ARNALDO

Que bruto, férreo peito resistira  
Ao suave atrativo, ao doce pranto  
Que nos olhos da Zaida me encantaram?  
Parece-me, ai de mim! que ainda a vejo,  
Quando armados os seus a conduziam  
A distante lugar, seguro asilo  
Longe dos muros que rodeia a morte;  
Parece-me que a vejo, ao repentino  
Encontro com que a fuga lhe estorvámos,  
Estremecer, gritar, cair por terra,  
E em breve de cadáveres cercada,  
Tinta do sangue alheio, e sempre bela  
Com seus olhos dourar o horror da morte!  
Ah! quando absorto, estático, sem fala  
Em meus braços a ergui do chão sanguento,  
Furor, consternação, gentil mistura  
De contrários afetos, em seu rosto  
Honrava, ou transcendia a Natureza!  
«Cristão (Zaida clamou) sou tua escrava;  
Meu negro fado o quis, mas não profanes  
Uma infeliz princesa, uma donzela,  
Uma filha de Osmin; entre inimigos  
Exista ao menos da virtude o laço;

Tua religião te impõe deveres  
Quais a minha me impõe, quais se derivam  
Das generosas leis da Humanidade.»  
Ouvi-a e, transportado às plantas suas...

GUILHERME

Para que estás cevando o pensamento  
Nessa imagem fatal, que mais te afunda  
No abismo da paixão? Bem sei; mil vezes  
Repetido me tens o lance infausto  
Que decidiu tão mal do teu destino.  
Teu valor, teus respeitos excitaram  
Na bela prisioneira amor fervente,  
Mais forte que o dever, que as leis, que o sangue.  
Tudo sei, triste amigo, e tudo temo  
Do funesto poder de que és escravo.  
Condeno-te cristão, homem te choro.  
Agras exprobrações nascidas foram  
Não do meu coração, mas do meu zelo;  
Relevar teus excessos é perder-te,  
Luta, luta contigo; ou tarde, ou cedo  
Paixões fenecem como tudo acaba.  
Cuida em acelerar triunfo insigne;  
Do objeto que te inflama evita os olhos;  
Árdua, cruel, penosa é esta empresa,  
Mas digna de um herói por ser tão dura.  
Teu coração se aveze à triste ausência;  
Não gastes do teu mal, não vás nutri-lo  
Perante as perfeições que o produziram:  
O costume de amar cativa e cega  
Os frágeis corações a amor propensos;  
Roto o jugo ao costume, o peito enrija,  
E a custo se recai num louco afeto.

## ARNALDO

Príncipe generoso, em teus conselhos  
A singela amizade está brilhando;  
Vejo o preço em que tens a glória minha;  
A voz d'alta virtude incontrastável  
Ouço na tua voz; porém que importa?  
Conhecer a razão sem abraçá-la  
Inda é mais triste que existir sem ela.  
Ah! nem gozo o prazer de alucinar-me!  
Reconheço-me réu, confesso o crime,  
Não me sinto porém capaz da emenda.  
Mil pensamentos entre si contrários  
Na minh'álma em tropel combatem, fervem;  
Qual negro turbilhão que agita os ares,  
Todos, todos de chofre me salteiam;  
Mas, despojo infeliz de atroz conflito,  
Detesto o meu amor, e adoro Zaida.  
Cessa pois, claro herói, piedoso amigo,  
Cessa de apresentar-me o quadro feio  
Dos desatinos meus, da minha injúria;  
Há de em breve apagá-lo a mão da morte;  
Em breve arremetendo àqueles muros  
Donde brotou meu mal, farei que brote  
Meu sossego, meu fim: por ferro e fogo  
A desesperação nadando em sangue,  
Minh'álma arrancará de meus tormentos;  
Soberbos torreões, caindo em terra,  
Sufoquem meu furor, meu corpo esmaguem;  
Nos horrendos montões d'altas ruínas  
Se escondam para sempre a dor e o crime  
De um mísero mortal, de um cego escravo  
Desse encanto a que chamam formosura.  
Outros pereçam vítimas da glória,  
Eu vítima de amor: tal é meu fado.  
Não posso resistir-lhe: em vão me acodem  
Heroicos, arrojados pensamentos

Ludíbrios da paixão que os desbarata.  
Minha acerba catástrofe ressoe,  
Gire de voz em voz minha desgraça,  
A causa lastimosa, o triste efeito:  
Se aplaudido não for, serei chorado.  
Morrer é pouco, é fácil; mas ter vida  
Delirando de amor, sem fruto ardendo,  
É padecer mil mortes, mil infernos.  
Existir sem ver Zaida! Ah! não, não posso  
Concordar tanto mal cõa existência.  
Somente o mudo horror da sepultura  
Entre nós erguerá barreira eterna.

GUILHERME

Que proferes, oh Céus! Que desvario  
Te ocupa o coração, te abrange a mente!  
Infeliz, em que trevas, em que horrores  
Tão longe da razão te vás sumindo!  
Voluntário dispões sacrificar-te  
Ao frenético amor que te arrebatava?  
Teu pai, teu rei, teu Deus bradar não sentes  
Dentro do coração, e a Natureza  
Sacros direitos seus perdeu contigo?  
Quê! disseste, afirmaste que o sublime  
Título de cristão só te era estorvo  
Ao suicídio feroz, só te arredava  
Do amargurado peito agudo ferro,  
E assim te contradizes! E rompendo  
As leis universais, as leis mais santas,  
Tentas, projetas espontânea morte!  
Lançar mão de um punhal, ou de um veneno,  
Ou maquinar teu fim por outro modo  
Igual crime não é? Não desacata  
A Natureza, os Céus da mesma sorte?  
Teu nome, que atéqui guardaste ileso,  
Queres manchá-lo de indelével nódoa?

Ah! Jura pelo Deus a quem sagraste  
Teu braço, teu valor, teu ser, teu zelo,  
Jura de abrires mão do atroz projeto;  
De respeitares a existência tua,  
Enquanto aos Céus, ao heroísmo, à Pátria  
Necessário não for teu sacrifício.  
Lembre-te o grão dever com que nasceste;  
Atenta no imortal, paterno exemplo;  
Ou inda mais ao longe estende os olhos:  
Venerandos avós de que procedes  
Nos túmulos erguendo honradas fronteiras,  
Te contemplam de lá, de lá te exclamam:  
«Não fujas dos vestígios que trilhámos,  
Do sangue dos heróis não degeneres;  
Prossegue, aperfeiçoa a vasta empresa  
A que os Céus te encaminham; doma, expulsa  
Do peito um criminoso amor que o mancha,  
Da Pátria os infieis usurpadores  
Que em bárbara invasão a agrilhoaram:  
Tua religião, teu Deus to ordenam.  
Restaura o culto seu e os seus altares;  
Da vil superstição derriba os templos,  
Como os teus ascendentes vive e morre.»  
Eis o que eles te dizem: dá-lhe ouvidos,  
Seus ditames adora.

#### ARNALDO

Oh pejo! Oh fúria!  
Em dois o coração se me reparte,  
E nas tristes porções que a dor lhe arranca  
Terríveis sentimentos me atassalham.  
Ah! Mil vezes morrer não é mais doce  
Que este mal, que este horror, que este refluxo  
De encontradas paixões com que deliro?  
Ah!...

GUILHERME

Cessa; para nós dirige os passos  
Não sei quem: prende os ais, compõe o aspeto,  
Recata o frenesi que te deslumbra.<sup>35</sup>

CENA IV

Um oficial português e os mesmos

O OFICIAL

Enviado de Osmin, chegou ao campo  
Almançor, entre nós bem conhecido  
Pelo audaz coração e o fero orgulho;  
A audiência que pede, o Rei lhe outorga,  
E ao régio pavilhão convoca os chefes:  
Por ti, Senhor, e por Arnaldo espera.

GUILHERME

Ambos já te seguimos: vai. Reflete.

*(Vai-se o oficial.)*

Que a tua agitação trair-te pode  
Diante de olhos mil em ti pregados.  
Afetado sossego ao menos leva  
À presença do Rei, que te honra, e chama.  
Vamos.

---

<sup>35</sup> Nota do editor: «Esta terceira cena, não obstante ser longa, não dá fastio; e julgo que pouco se lhe deveria omitir: Guilherme tem verdadeiramente o carácter de um sisudo amigo; e Arnaldo o de um herói mancebo, alucinado pelo amor.»

ARNALDO

Ah! desta sorte, acesa a face  
Do pejo e da paixão, terei o esforço  
De ir contigo, Senhor, de apresentar-me  
Num congresso d'heróis, quando o deslusto,  
Quando a minha fraqueza é dele indigna?  
O remorso talvez, suprindo as vozes,  
Pela perturbação dirá meu crime.  
Ah! Salva deste lance o triste amigo,  
Urde ao menos, ó Príncipe, um pretexto  
Que a demora me honeste, e deixe espaço  
Para ver se granjeio algum repouso,  
Abafando a tormenta em que flutuo.  
Vai, Senhor, que eu te sigo! Um só momento  
De solidão te roga a minha angústia.

GUILHERME

Na solidão requinta-se a tristeza;  
Se a dor se comunica, a dor se abranda;  
Mas, pois o queres, fica: estes momentos  
Em serenar-te, amigo, eia, aproveita.  
Fujam teus olhos, teus sentidos fujam  
De perigoso objeto que os enleia;  
Entanto coò teu rei vou desculpar-te:  
Não tardes em seguir-me; heroico esforço  
Dos laços da paixão desate a glória.

CENA V

ARNALDO

Que farás, coração? Que lei, que jugo  
Te dispões a sofrer? O amor e a honra  
Proíbe o fado meu que em ti se ajustem:  
Se à honra me submeto, amor suspira;

Se para amor propendo, a honra clama.  
Que transe tão cruel! Que alternativa!  
Que horror!... Zaida perder! Perder a glória!...  
Sem esta, e sem aquela, odeio a vida...  
Mas hei de a cego amor sacrificar-me  
Quando de mim carece a Pátria minha?  
Hei de murchar viçosas esperanças  
No coração de um pai tão bem plantadas?  
Hei de retroceder, hei de apartar-me  
Da estrada que seguiu, que segue ainda,  
C'roando honradas cãs de honrados louros,  
Da curva idade repelindo o peso?  
'Têgora fervoroso após seus passos  
Terei corrido em vão? Farei que aborte  
O grão projeto de ombrear com ele,  
Glória que ao longe no futuro olhava?  
Será seu filho, oh Céus! o seu deslustre?...  
Não, vós me acudireis, em vós espero,  
Honra, Pátria, Virtude. Ah! Eu vos sinto,  
Vós me inflamais a ideia: amor não pode  
Não pode o fero amor desarraigá-los  
Do coração de Arnaldo; é inda o mesmo,  
É capaz de vencer-se; e... Deus eterno,  
Que objeto me apresentas!... Zaida, Zaida...  
Honra, Pátria, Virtude, ah! eu vos perco.

CENA VI

Arnaldo, Zaida e Zelima

ZAIDA

Salve, grão vencedor dos muçulmanos,  
Glória e flor dos cristãos, d'heróis modelo,  
Impávido guerreiro... e frouxo amante,  
Já no sangue dos meus fartaste a sede?  
Ou teu negro furor mais sangue exige?<sup>36</sup>

.....

---

<sup>36</sup> Nota do editor, Nuno Álvares Pato Moniz: «Este drama tinha findos três actos e era talhado para cinco; mas nem ao menos vemos acabado o primeiro, que fechava com esta sexta cena, jogada entre Arnaldo e Zaida; e que me pesa de não aparecer porque era bellissima e nela combatiam todos os affectos contra todos os deveres, pois que eles reciprocamente se amavam com extremo, conhecendo que este amor era condenado pelos interesses da sua lei e da sua nação. Esta cena *de per si* era bastante extensa, mas devia-o ser; e, junta com as demais, fazia o acto desmesuradamente grande; porém, ao menos era (como poucos) uma perfeita exposição de todo o enredo; e, se Bocage lhe deitasse a lima, ele ficaria em tudo perfeitamente regular.» Durante a detenção de Bocage no Limoeiro, em 1797, José Manuel de Abreu Lima, clérigo regular, teve acesso ao primeiro ato desta peça, então incompleta; concluiu-a e levou-a à cena, em seu nome (cf. o soneto «Em vão, Padre José, padre ou sacrista» (p. 328 do primeiro tomo da presente edição).

## VIII — O HERÓI LUSITANO OU VIRIATO<sup>37</sup>

### Tragédia

ATORES: Viriato, chefe dos Lusitanos — Elânia, filha de Viriato — Cre-sinta, confidente de Elânia — Servílio, tribuno romano — Flávio, centu-rião — Aulaces, um dos cabos do exército lusitano — Minuro, chefe dos Calaicos — Astir, oficial no exército lusitano

*A cena figura-se nos arraiais de Viriato.*

#### ATO I

#### CENA I

Servílio e Flávio

#### SERVÍLIO

Eis, Flávio, os arraiais dos Lusitanos:  
Paremos um momento a contemplá-los.  
Ali de Viriato, ali de um chefe  
Destemido, ilustrado, infatigável  
Contra os fados do Tibre impera o Génio.<sup>38</sup>

.....

---

<sup>37</sup> Publicado por Pato Moniz in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...), Tomo V e 2.º das Suas Obras Póstumas*. Lisboa: na Impressão Régia, 1814, p. 228.

<sup>38</sup> Nota do editor: «É quanto acho desta primeira cena, que abria excelentemente, decla-rando logo o lugar dela e dando ideia da acção.»

Este da Natureza horrível fruto,  
Guerreiro que respira, anela estragos,  
A quem no duro ouvido alegres soam  
Os baques de amplos muros, de árduas torres;  
A quem da Humanidade é glória o pranto,  
E são música os ais e o sangue é néctar;  
Execrando mortal, cruento, infrene,  
Que, na voz o trovão, na dextra o raio,  
Brama sumido em pó, sumido em fumo,  
E rios o suor, e os olhos brasas,  
E brasa o coração que as Fúrias sopram,  
Por entre esquadras cem vai solto em mortes.<sup>39</sup>

.....

Comando heróis, sou Viriato, e posso  
Da Pátria, da razão levar o esforço  
Além dos Pirinéus, além dos Alpes.  
Em nova Trébia<sup>40</sup>, em novo Trasimeno<sup>41</sup>  
Do Tibre inda talvez baqueie a glória;  
Com outro Viriato à testa os Lusos  
Lá de sangue e terror mancharam Roma:  
Na Itália, como aqui, já sabe o mundo

---

<sup>39</sup> Nota do editor: «Esta fala não sei a que acto, nem a que cena pertence, nem quem a declama; presumo que seria um dos dois traidores, Aulaces ou Míuro, porque o terceiro traidor e assassino de Viriato não foi Astir, que entra em cena, foi Dictaleão, que não entra; porque tais frases só podem aqui entender-se contra Viriato, e só as pudera proferir um seu acérrimo inimigo; e, finalmente, porque julgo que não convém na boca de Servílio, nem de Flávio, romanos que usavam falar com dignidade dos seus grandes inimigos, e mais estes, que logo na abertura da cena prorrompem em elogios ao herói lusitano.»

<sup>40</sup> Rio de Itália. Nas suas margens, desenrolou-se uma batalha que opôs os Cartagineses aos Romanos, comandados, respetivamente, por Aníbal e Semprónio (217 a. C.).

<sup>41</sup> Lago situado na Úmbria, Itália Central, perto do qual teve lugar a batalha mencionada na nota anterior.

Que vós, filhos de um Deus, também sois homens,  
Ou que os homens então venceram deuses.<sup>42</sup>

.....

---

<sup>42</sup> Nota do editor: «Estes versos, claro está, que os recita Viriato, mas também não sei em que Acto, nem em que cena, nem é possível que me lembre depois de tantos anos; mas estou bem certo que desta tragédia, ordenada para cinco actos, havia dois finalizados, e que estes tenuíssimos fragmentos dão bem que sentir-lhe a perda.»

## IX — EULÁLIA OU A VINGANÇA DE AMOR<sup>43</sup>

### Tragédia

ATORES: Ramiro, rico-homem — Matilde, contratada esposa de Ramiro — Arnaldo, amante de Eulália — Jaime, velho, pai de Eulália — Eulália — Antero, confidente de Ramiro — Elvira, aia de Matilde — Servos de Ramiro — Povo

*A cena finge-se no solar de Ramiro, numa das províncias do Norte.*

#### ATO I

#### CENA I

Ramiro e Antero

#### ANTERO

Teu lúgubre silêncio respeitando,  
Atégora, Senhor, não tenho ousado  
Sondar a interna origem da tristeza  
Expressa nos teus olhos... Quê! Ramiro,

---

<sup>43</sup> Fragmento publicado por Nuno Álvares de Pato Moniz in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Tomo V e 2.º das Suas Obras Póstumas*. Lisboa: na Impressão Régia, 1814, p. 231. Na introdução àquela obra, Pato Moniz contextualiza a composição desta peça: «Pouco antes de Bocage cair no leito de morte, havíamos ajustado que ele viria passar em minha casa um par de dias, ocasionando principalmente esta convenção a ideia de pormos em limpo e completar, corrigindo, uma das suas tragédias originais, que intitulava *Eulália*, cujo assunto era imaginário, e ao acabamento da qual só faltava uma cena no quarto acto; porque o mesmo Bocage, assaltado de um dos frenesis do seu génio, a rasgou, depois de muitas emendas que lhe não aprouveram; e a penúltima cena do quinto acto, que deixara incompleta pela ânsia de escrever a *Catástrofe*, e que sempre assim ficou [...]. Mas nada disto teve efeito porque Bocage piorou e succumbiu.» (Pp. v e vi.)

O sangue dos heróis, o descendente  
De Moniz, em virtude, em glória, em armas,  
Insigne mestre do primeiro Afonso;  
Tu, que és aceito ao Rei, e à Pátria aceito,  
Que às hostes do Agareno<sup>44</sup> hás sido um raio;  
Tu grande, tu feliz, que em ti reúnes  
Os dons da Natureza, os dons da Sorte;  
Que, mimoso de amor, esposa tua  
Verás em breve a singular Matilde,  
Da corte portuguesa esmalte, ornato,  
Inveja de altas damas, que atavia  
A triste viuvez co'a flor das graças,  
Co'a flor dos anos e um caráter puro;  
Tu por ela entre mil preposto, eleito,  
E que a ti superior só vês o trono,  
Envolves estes bens, estas ideias  
Nas sombras de tenaz melancolia,  
Pesada, misteriosa, incompreensível!  
Depois de longa ausência, ao berço, aos lares  
De teus grandes avós tornado apenas,  
Como que vives num desterro amargo,  
Em vez de te sorrir, de recrear-te  
No aprazível teatro onde exercestes  
Os doces brincos da mimosa infância!  
Ah! se um servo fiel, se um servo antigo,  
Que, igual na idade a ti, seguiu 'tégora  
Teus passos, teu destino em toda a parte,  
Se Antero, honrado sempre, e sempre digno  
Da confiança tua, inda a merece,  
Rompe um duro silêncio e deposita  
Dentro em meu coração teus dissabores.<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> Descendente de Agar, escrava egípcia de Abraão e mãe de Ismael; árabe.

<sup>45</sup> Nota do editor, Pato Moniz: «Nada mais achei pertencente a esta primeira cena.»

## JAIME

Rogério foi perjuro ao Rei e à Pátria;  
Não merece piedade, horror merece  
Quem ao dever e às leis faz alta injúria.  
E Eulália, prole minha, horror não sente  
De nefanda traição, de atroz delito  
Que, à falta de cutelo, exige o raio!  
E Eulália chora o pai, lamenta o filho!...  
Que digo! Ama-o talvez, e irreverente  
Ao domínio paterno, à voz do trono,  
Um criminoso ardor, defeso, indigno  
Nos olhos e nos lábios denuncia.<sup>46</sup>

## MATILDE

Ramiro me abandona, é certo, Elvira,  
Matilde tem rival; por outros olhos  
Enlouquece o traidor, arde o perjuro.  
Os votos que lhe ouvi, que os Céus lhe ouviram,  
Votos de um casto amor, lhe voam d'alma.<sup>47</sup>

## ARNALDO

Vencido estás, a tua espada é minha:  
Aprende a respeitar os desgraçados,  
A acatar a virtude, e... vive.

---

<sup>46</sup> *Idem*: «Acho declarado que esta fala pertence ao primeiro acto, porém não a que cena.»

<sup>47</sup> *Idem*: «Iguualmente esta, que pertence ao terceiro acto.»

RAMIRO

Oh! Raiva!  
Eu vencido por ti!... Mata-me, infame;  
Como dádiva tua odeio a vida.

ARNALDO

Essas injúrias vãs são meu triunfo.<sup>48</sup>

RAMIRO

O filho de Rogério  
Desarmou-me... oh labéu! Venceu-me... oh pejo!  
O braço me traiu, traiu-me o ferro;  
Pela primeira vez cedeu Ramiro  
A contrário poder. Não mais contemples  
Meus títulos, meu grau; já perdi tudo,  
Indigno sou de ti; supõe-me extinto,  
Supõe-me aniquilado: a injúria é morte.<sup>49</sup>

EULÁLIA

Opressor da ternura e da inocência,  
Verdugo do infeliz que extinto adoro,  
Torpe do sangue, da perfídia negro,  
De mim queres amor! Eu só te posso  
Amar como no Inferno as Fúrias amam.  
Eis o amor de que és digno: um ferro, a morte.  
*(Crava-lhe de repente um punhal.)*

---

<sup>48</sup> Nota do editor, Pato Moniz: «Estas falas também acho que pertencem ao quarto acto, mas não designada a cena.»

<sup>49</sup> *Idem*: «Também pertence ao quarto Acto, e julgo que é logo na cena imediata ao desafio.»

RAMIRO

Oh Céus!... Traidora... eu morro!

(*Cai.*)

EULÁLIA

Acaba, infame,  
Pérfido, acaba. Tendes mais um monstro  
Abismos da medonha Eternidade.  
Agora que me resta?... O quê? Remir-me  
Deste cárcere mundo, horrores todo.<sup>50</sup>

CENA ÚLTIMA

EULÁLIA

Quer ante os olhos teus morrer Eulália,  
Ao pai quer abraçar-se a terna filha  
No momento final: contente expiro,  
Ao ver-te é para mim suave a morte;  
Teu ódio, teu furor já se aplacaram,  
A justiça real salvou do opróbrio  
A mísera inocência, e tu deploras  
Do meu querido amante o fado acerbo.  
Honra a memória sua, e co'a saudade  
Minhas cinzas consola. Arnaldo, Arnaldo,  
Eulália vai no Céu, na glória amar-te,  
Vai longe deste horror viver contigo:  
Acolhe a tua... ó Deus! perdão, piedade.  
(*Morre.*)

---

<sup>50</sup> Nota do editor: «Pertencem ao quinto Acto, creio que na penúltima cena.»

JAIME

Filha, filha infeliz!... Que dor! Que transe!  
Ah! Triste, eu não fui pai, eu fui verdugo...  
Junto ao cadáver teu me puna o raio.  
(*Desfalecendo, abraçado à filha.*)

MATILDE

Dos frenesis de amor que amargo exemplo!  
Quantos males consigo arrasta o crime!<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> Nota do editor, Pato Moniz: «Isto são pertenças, ou acrescentos da última cena.»

Nota final do editor: «À excepção da primeira fala, tudo mais achei lançado em oitavos de papel, prova bastante de que eram acrescentamentos ou emendas aos lugares a que pertenciam; destes mais pudera apresentar; mas, como de *per si* valem pouco, pois que se ignora a sua ligação, contentei-me de coligir o que basta para demonstrar a verdade da minha asserção, relativa ao acabamento desta tragédia, que sem dúvida era um grande abono para os créditos de Bocage.»



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

# FRAGMENTOS



## I — CALIPO OU O RIO SADO<sup>1</sup>

Não longe do terreno onde Eritreia<sup>2</sup>  
A torreada fronte aos céus erguia,  
Eritreia hoje entre ondas, entre areias  
Por terrível fenómeno abismada,  
Que hoje goza entre nós de Troia o nome  
(Talvez porque seus fados assemelham  
Àquela que cevando a fúria Argiva<sup>3</sup>,  
Desengano do orgulho, em cinzas dorme),  
Junto aos campos viçosos, ledas praias  
Que já Túbal pisou, que logram dele  
Fastoso, venerável monumento;  
No teu grato recinto, ó pátria minha,  
Primeira fundação da plaga Ibera;  
Lá sobre o chão formoso, em que se aprazem  
Flora, as Graças, Amor, Favónios, Musas;  
Lá no clima feliz, onde, esquivando  
Minha mente infantil aos moles brincos,  
Sedento o coração de Eternidade,<sup>4</sup>  
Ó Febo! Ó Nume! Ó Pai! libei teu néctar,  
É firme tradição que em tempo ignoto  
De amores pereceu gentil mancebo,<sup>5</sup>  
Mimoso fruto ali de antiga planta.

---

<sup>1</sup> Seguimos a lição de Inocêncio Francisco da Silva, *Poesias de (...)*, t. iv, p. 151. De acordo com aquele bibliógrafo, que consultou o manuscrito original, o texto fixado por Desidério Marques Leão [*Obras Poéticas de (...)*, t. v, p. 53] está desfigurado. Segundo o último editor, esta composição é um «Fragmento de uma Metamorfose».

<sup>2</sup> Eventualmente Eritheya. De acordo com o *Dicionário Abreviado da Fábula (...)* de Chompré, edição de 1818, p. 84, «ilha ou região célebre nos poetas, que fazem dela o reino de Gérion, que Hércules matou. [...] Não se pode determinar onde era o dito país. A opinião mais comum é que fazia uma parte da Espanha.». Deveria situar-se nas imediações de Cádiz.

<sup>3</sup> Grega.

<sup>4</sup> Variante: «Maior que a idade, e sófrego da fama».

<sup>5</sup> Variante: «Morreu de ingratidões mesquinho amante».

Íman dos corações, Tirseia<sup>6</sup> amável,  
Branda cantora do Menino Idálio<sup>7</sup>,  
Que à bela candidez do metro ameno  
O encanto, a melodia, o mimo apuras,  
Se desprendem teus lábios dentre as rosas,  
Em áureas fontes as delícias d'alma;  
Glória das Ninfas, dos Amores glória,  
Que em doce galardão recebes deles  
Sorrisos, beijos, esperanças, flores,  
Meiga Tirseia, Tágide sensível,  
Que te dignas de ouvir na margem d'ouro  
A lira triste que me adoça os Fados,  
As cordas onde soa Amor e Anália,  
Honre o silêncio teu meus sons, meus versos;  
Verás o que é contigo afável nume,  
Que dureza exerceu, que tirania  
Co'um ânimo fiel, de prantos digno,  
Cuja história surgiu piedosa, infausta  
Por entre as névoas da remota idade;  
Ouve, e suspira; um teu suspiro é prémio,  
Vale um suspiro teu da Fama o brado!

Era o moço Calipo ardor suave  
De quanta formosura e quanta graça  
Girava os serros, discorria os vales,  
As árvores e as fontes habitava.  
Todas (fossem mortais, ou fossem deusas)  
Nos olhos do mancebo esmoreciam,  
Nos atrativos seus se embelezavam:  
Traído em ais o virginal mistério  
Dariam as mortais por ele a vida,  
Por ele as imortais o ser divino!...

---

<sup>6</sup> Segundo Inocêncio, Teresa de Mello Breyner, condessa do Vimieiro.

<sup>7</sup> Cupido.

De não menor paixão credor na face  
(Açucenas em parte, em parte rosas),  
Credor no coração, credor em tudo,  
Extremos lhe repele o moço esquivo;  
Não porque às leis de Amor contrário fosse,  
Leis que o Fado gravou em bronze eterno  
(Altas leis, que a teu seio, ó Natureza,  
Envolta no prazer a essência mudam;  
Que geram, que difundem, que abrilhantam  
Rainha do Universo, espécie humana,  
Tuas mil perfeições, teus mil portentos;  
Leis que à planta dão fruto, à flor perfume,  
Sussurro às virações, gorjeio às aves,  
Brandura aos tigres, aos leões brandura),  
Mas porque inda não tinha olhado a Ninfa,  
Que o Céu lhe destinava em vencedora.

Adónis, glória e dor da Cípria deusa<sup>8</sup>,  
Tu, que entre os braços seus e encantos dela  
(Tais que até Jove lhe chamara encantos)  
Porque mais do que vida ali gostavas,  
Padeceste depois mais do que morte  
No dente infausto do terrível monstro,  
Adónis miserando, ah! tu não foste  
Mais formoso talvez, nem mais amado,  
Que o triste, cujo nome aos tempos furto,  
Nome que irá luzir comigo aos astros,  
Ou no Letes comigo irá sumir-se!<sup>9</sup>

.....

---

<sup>8</sup> Vénus.

<sup>9</sup> No texto fixado por Desidério Marques Leão, «Ou no Letes cair talvez comigo.».

## II

Seus corações em flor se embelezavam<sup>10</sup>  
Nos brincos da inocência melindrosos,  
E Amor, que os espreitava, inda ignorado,  
Já lhes dispunha o sentimento ao gosto.  
Princípio das paixões, como és suave!

## III<sup>11</sup>

Antes que o deixe Anália, Elmano a deixa:  
Elmano, que aborrece a vil perfídia,  
Elmano, que de Anália enganos cria,  
Elmano, que foi seu, julgando-a sua.  
Vis, barbudos rivais, folgai, que eu cedo,  
Eu cedo, e de ceder não me envergonho:  
O troféu que lograis de vós é digno,  
Quanto indigno de mim, do nome eterno  
Com que, a vós sobranceiro, os Céus demando  
De versos imortais nas asas de ouro.  
Anália vos pertence, humana e frágil;  
Anália que atendeu suspiros vossos,  
Anália que vos deu triunfo abjeto,  
Que em fictício desmaio, em vãos tremores  
É menos que mulher e a deusa aspira.  
Deusas de Elmano para vós não vivem,  
A vossa espécie amai, vós sois de Anália;  
Com deusas viverei, vivei com Fúrias;  
Ficai no mundo vil, folgai na infâmia,  
Que eu vou nos astros agregar-me aos numes.

---

<sup>10</sup> Fragmento publicado por Nuno Álvares de Pato Moniz in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...), Tomo IV e 1.º das Suas Obras Póstumas*. Lisboa: na Imprensa Régia, 1813, p. 142.

<sup>11</sup> Fragmento publicado por Nuno Álvares de Pato Moniz in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...), Tomo V e 2.º das Suas Obras Póstumas*, p. 186.





# MARGINÁLIA



# I — POEMA DE HOMENAGEM DE FILINTO ELÍSIO A BOCAGE<sup>1</sup>

... Te peritus  
Discet iber, Rhodanique potor.

Horácio, liv. II, ode xx

Lendo os teus versos, numeroso Elmano,  
E o não vulgar conceito, e a feliz frase,  
Disse entre mim: «Depõe, Filinto, a lira,  
    Já velha, já cansada.  
Que este mancebo vem tomar-te os louros  
Ganhados com teu canto na áurea quadra  
Em que ao bom Córídon, a Elpino, a Alfeno<sup>2</sup>  
    Aplaudia Ulisseia.»  
Rouca hoje e sem alento, a minha Clío<sup>3</sup>  
Não troa sons altivos, arrojados:  
Vai pedestre soltando em frouxo metro  
    Desleixadas cantigas.  
Desceu Apolo e o coro das donzelas<sup>4</sup>  
À morada de Elmano; e esse, que outrora  
Canto nos dava nome, o pôs na boca  
Do novo amado cisne.

---

<sup>1</sup> In *Versos de Filinto Elísio*. Paris: ano de 1801, t. II, p. 23. Cf. p. 457.

<sup>2</sup> Córídon Erimanteu, Elpino Nonacriense, Alfeno Cíntio eram os pseudónimos arcádicos de Pedro António Correia Garção, António Dinis da Cruz e Silva e de Domingos Maximiano Torres.

<sup>3</sup> Musa da História.

<sup>4</sup> As Musas.

## II — EPISTOLA DA MARQUESA DE ALORNA A ELMANO<sup>5</sup>

Em resposta à dedicatória das suas obras.  
Londres.

Desgostosa de um mundo espedaçado,  
Vagando coò ligeiro pensamento  
Nos cerros que o Peneu<sup>6</sup> banha e fecunda,  
Fui buscar uma gruta acomodada  
Para entregar a Febo<sup>7</sup> a mente e as penas.  
Aqui, disse, amansou o trácio vate<sup>8</sup>  
Com meigos sons as feras e os penedos;  
Daqui partiu a demandar a esposa,  
E quebrantou do Averno<sup>9</sup> as brônzeas portas.

Ali se elevam dois montes<sup>10</sup> soberbos  
Que avistam Febo apenas deixa Tétis<sup>11</sup>.  
Entre os dois alicerces dos gigantes  
(Modelo horrível dos Anteus<sup>12</sup> d'agora)  
Repousa o vale aonde as Musas brincam.

Ao norte surge o monte sacrossanto<sup>13</sup>  
Donde dimana a luz aos génios altos...  
Ó quimérica Tempe<sup>14</sup>, a ti me acolho,  
Se não coòs membros, co'a alma fatigada;

---

<sup>5</sup> Publicada in *Obras Poéticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marquesa d'Alorna, Condessa d'Assumar e d'Oyenhausen, Conhecida entre os Poetas Portugueses pelo Nome de Alcipe*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1844, t. II, p. 34. Bocage dedicou à Marquesa de Alorna o terceiro tomo das suas *Rimas*, a qual respondeu com a presente epístola.

<sup>6</sup> *Vd.* nota da p. 444.

<sup>7</sup> Apolo.

<sup>8</sup> Orfeu.

<sup>9</sup> A entrada dos Infernos.

<sup>10</sup> Ossa e Olimpo.

<sup>11</sup> Deusa de notória beleza, filha de Nereu e de Dóris, mãe de Aquiles.

<sup>12</sup> Na mitologia grega, Anteu era um gigante, filho de Posídon e de Gaia (a Terra), morto por Héacles.

<sup>13</sup> O Olimpo, residência de Júpiter e da sua corte.

<sup>14</sup> Vale da Grécia, perto do Olimpo, famoso pela sua amenidade.

Nos teus bosques frondosos articulam  
As folhas, que meneia o vento leve,  
Harmónico sussurro, o metro nasce  
Do compassado som que nos recreia.  
Torrente argêntea entorna o fresco Eurotas<sup>15</sup>,  
Que altivo não mistura de outras águas;  
Alteia os ombros mesmo o pai de Dafne<sup>16</sup>,  
E respeitoso os seus cristais transporta.  
Assim também me arrojio na desgraça;  
Eu vou sozinha entre a corrente escura  
Que a todos leva, aonde? Ah! não sei onde...

Elmano! Com teu canto, ouro d'Apolo,  
Mágico dom das Musas, me ergues templo,  
Que em vão sansónias mãos arrasar querem.

Vem, junto às fontes da Tessália<sup>17</sup> ilustre,  
Cantar aonde eu busco algum conforto;  
Brinda as cantoras que estes sítios honram  
Com teus versos de fogo, com teus versos  
Em que nasce Ovídio, e que soçobram  
Nos lares imortais o mantuano<sup>18</sup>.

«Alcipe, dirás tu, Alcipe a vate  
Fiz com meus hinos deusa, e com meus hinos  
Lhe afianço sem susto a eternidade.»

Elmano, jura Alcipe, vence o tempo,  
Vence as serpes da inveja, e transformado  
Em cisne voador, qual outro Flaco<sup>19</sup>,  
Tem por mecenas o seu próprio engenho,  
Por juízes os numes e a verdade.<sup>20</sup>

---

<sup>15</sup> Principal rio da Lacónia, na região de Esparta.

<sup>16</sup> O rio Peneu.

<sup>17</sup> A Grécia.

<sup>18</sup> Virgílio, nascido em Mântua (70 a. C.).

<sup>19</sup> *Vd.* n. 123, p. 93.

<sup>20</sup> Nota da Marquesa de Alorna: «Quando chegou esta epístola a Lisboa, já Elmano tinha falecido.»

### III — ODE DA MARQUESA DE ALORNA<sup>21</sup>

Em resposta a M. J. N.

Tu, que me fartas do licor sagrado  
Com que as Musas refrescam  
Dos vates a sedenta fantasia;  
Elmano, porventura  
Pesa-te n' alma o délfico<sup>22</sup> tesouro,  
E derramas teus versos  
Para que avulte um benefício ténue?...  
Não profanes o plectro:  
Herdaste a Flaco<sup>23</sup>, só para cantares  
Os céus, a Natureza,  
Os heróis, a virtude e a sã verdade.  
Em demanda d'Higina<sup>24</sup>  
Parte, a buscar nas furnas de Vulcano<sup>25</sup>  
O bem que te estragaram  
Cuidados, zelo, ardor, benevolência;  
Nesses lagos sulfúreos  
Afoga a mágoa, invoca a louçã diva  
Que sobre um trono herbáceo  
Em plantas salutíferas se senta,  
Cujo ceptro florido,  
Qual caduceu suave, aplaca monstros,  
Manda às dores que cessem.  
Se de seus dons gozares, se benigna

---

<sup>21</sup> Publicada in *Obras Poéticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marquesa d'Alorna, Condessa d'Assumar e d'Oyenhausen, Conhecida entre os Poetas Portugueses pelo Nome de Alcipe*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1844, t. II, p. 107.

<sup>22</sup> De Apolo.

<sup>23</sup> Horácio.

<sup>24</sup> Eventualmente, Hígia, deusa grega da saúde, filha de Asclépio, neta de Apolo.

<sup>25</sup> Deus do fogo, filho de Júpiter e de Juno.

O vigor te restaura,  
Em devota oblação, nos seus altares,  
Há de ofertar-lhe Alcipe  
As primícias das flores, dos rebanhos  
Que em seus campos medrarem.

#### IV — MOTE DE BOCAGE GLOSADO PELA MARQUESA DE ALORNA<sup>26</sup>

##### Mote

Para Amor todos são crentes,  
Ateus não há para Amor.

##### Glosa

Tirano Amor, quando mentes,  
Quando as almas atraíças,  
As razões sempre são boas,  
Para Amor todos são crentes.  
Os suspiros mais ardentes  
Finges, divino impostor;  
Seu veneno encantador  
Convém tanto ao peito humano,  
Que adoram todos o engano,  
Ateus não há para Amor.

---

<sup>26</sup> Publicado in *Obras Poéticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marquesa d'Alorna, Condessa d'Assumar e d'Oyenhausen, Conhecida entre os Poetas Portugueses pelo Nome de Alcipe*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1844, t. II, p. 365.

V — TEXTO DE NUNO ÁLVARES DE PATO MONIZ  
SOBRE AS TRAGÉDIAS COMPOSTAS POR BOCAGE<sup>27</sup>

De quatro tragédias que havia imaginado, somente escreveu um ato de Vasco da Gama, dois de Viriato e três de Afonso Henriques ou a Conquista de Lisboa. Quanto porém à Eulália ou a Vingança de Amor, que ele rasgou em um dos seus ímpetos frenéticos, estava completa, faltando-lhe apenas uma das cenas do quarto ato, e havendo outra incompleta no quinto. Nesta tragédia se ofereciam em contraste algumas das mais violentas paixões e melhores virtudes e condições de humanidade. Tais eram a nobreza opulenta, orgulhosa e mal-intencionada na pessoa de Ramiro, desprezado amante de Eulália, com a nobreza em desfortuna, mas virtuosa, nas pessoas de Jaime, pai de Eulália, e de Arnaldo, seu correspondido amante, em quem eram aquelas condições ainda acrescidas pelo mais sublime valor: as virtudes idóneas ao sexo e ao estado de Matilde e de Eulália, a primeira, viúva, contratada esposa de Ramiro, porém amante de Arnaldo, a segunda, ainda donzela e rival de Matilde, etc. A ação era toda imaginária e sem mais fundamento do que os costumes do tempo da dominação feudal nas primeiras épocas da nossa monarquia, entre nós estabelecida nas pessoas dos chamados ricos-homens, que (seja dito de passagem), com diferentes fórmulas e iguais resultados, se acham hoje substituídos pelos homens ricos. Esta ideia geral do drama servirá ao menos para que nenhum maligno roubador da glória alheia, nem ainda mudando-lhe os nomes, ouse de publicar por sua a tragédia Eulália.

---

<sup>27</sup> Manuscrito de Pato Moniz redigido para uma antologia poética que, em 1818, tencionava publicar. Foi transcrito por Inocêncio Francisco da Silva, *Poesias de (...)*. Lisboa: em Casa do Editor A. J. F. Lopes, t. vi, pp. 404-405.

VI — SÁTIRA A MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE,  
POR JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO<sup>28</sup>

Sempre, ó Bocage, as sátiras serviram  
Para dar nome eterno e fama a um tolo.  
Vivem Crispino, Cluvieno e Codro<sup>29</sup>  
De Juvenal nas sátiras sublimes;  
E de Horácio o rival deu nome e fama  
Ao pedante Cotim, e eu não quisera  
Teu nome eternizar; mas a verdade,  
A justiça, a razão mais alto bradam,  
E os flagelos da sátira merece  
Teu estouvado orgulho, a audácia tua.  
Não ataco a virtude, ataco o vício;  
Nunca se imputam naturais defeitos,  
O crime da vontade é só punível.  
Co'um semblante de sátiro podias  
Ser poeta e filósofo prestante:  
Foi Sócrates enorme, e Pope horrendo,  
Era pequeno e barrigudo Horácio.  
Nem ser pobre se opõe ao génio, às artes:  
Foram pobres Camões, Homero e Tasso;  
Nem ser vadio num poeta é crime;  
Nunca um poeta bom teve outro ofício.  
Tu és vadio, és magro, és pobre, és feio,  
E nada disto em ti reprovoo, ou noto;  
Mas posso emudecer, quando contemplo  
Que queres ser um déspota em poesia?

---

<sup>28</sup> Esta sátira e a seguinte encontram-se in *Memórias para a Vida Íntima de José Agostinho de Macedo*, da autoria de Inocêncio Francisco da Silva, obra póstuma, prefaciada por Teófilo Braga. Lisboa: na Tipografia da Academia Real das Ciências, 1898, pp. 327-332 e 342-348. São peças da polémica que opôs Bocage a José Agostinho de Macedo. *Vd.* pp. 385 e 465 do vol. I, t. I, da presente obra.

<sup>29</sup> *Vd.* p. 466 do vol. I, t. I, n. 5, da presente obra.

E que, arrogando do Parnaso o cume,  
Ouves já, sobranceiro ao charco imundo,  
Gritar as rãs e insetos paludosos!  
Quem tão férreo será que se contenha  
Quando as estátuas vir, que tu, soberbo,  
Enramadas de louro a ti consagras?  
Que um Deus te inspira, que fervendo em estro  
Improvisos oráculos arrotas?  
Fanfarrão glosador, chamas divina  
Celeste inspiração, celeste fogo,  
Gritando amplificar sedições motes?  
E merecer de ofício um bravo, um belo  
De um vão peralta, ou dama enfatuada,  
Que pede ao Céu que o trovador se cale  
E que se escute a voz do chega a pares,  
Onde o maligno e folgazão Cupido  
Faz mais conquistas, mais escravos prende  
Que enfermos mata um médico no Outono,  
E que tu fazes traduções e quadras  
Que Teotónio<sup>30</sup> já fez há quarenta anos.  
Quem tão férreo será, torno a dizer-te,  
Que a douta pena em tóxicos não molhe,  
Quando te ouvir queixar d'iníquo, injusto,  
Inumerável esquadrão de zoilos,  
Que em vão pretende denegrir teu nome?  
Tradutor de aluguer, quem são teus zoilos?  
Tu que, a soldo de um frade<sup>31</sup>, ao mundo embutes  
Rasteiras cópias de originais soberbos!  
Que vulto fazes tu? Quais são teus versos?  
Teus improvisos quais? Glosar três motes  
Com lugares comuns de facho e setas,  
Velhos arreios do menino Idálio?

---

<sup>30</sup> Teotónio Gomes de Carvalho.

<sup>31</sup> Frei José Mariano Veloso, que dirigiu a Casa Literária do Arco do Cego.

Glosar e traduzir, isto é ser vate?  
Deitaste-te a perder, que a natureza  
Não te negou seus dons: és doce, és terno,  
Delicado também, quando cantaste:  
«Lá onde o berço tem nascendo o dia»  
Vê como justo sou: mas a soberba  
Fez eclipsar a luz que em ti raiava.  
Num pélagos de orgulho submergiste  
O génio teu, medíocre ficaste;  
E se os deuses, se os mármore, se os homens  
Negam o nome e as honras de poeta  
Aos autores medíocres, acaso  
Ao tradutor medíocre o dariam?  
Que te pode abonar a eternidade?  
A dubos e manteiga, traça e tudo  
Que se embrulha em papéis de ineptos vates.  
Nunca pode subir da Fama ao templo  
Um servil tradutor: não se franqueiam  
As áureas portas que o Parnaso fecham  
A alugados intérpretes dos outros.  
Ninguém te inveja, te persegue ou morde,  
Que uma emprestada luz ninguém deslumbra.  
Fitam-se os olhos meus na argêntea lua  
Sem moléstia, sem dor; que o astro noturno  
Só brilha co'ò clarão que o Sol lhe empresta.  
Vem dos outros a luz; se em ti reflete  
Apenas manda amortecidos raios.  
Se o rival de Virgílio, o grão Delille,  
Ouvira aquele sonoro verso  
«A azul ferrete, a encarnada, a branca»  
Com que amenos jardins tornaste em matos,  
No tribunal de Apolo querelara  
De insulso tradutor, vate de outeiros!  
E arrotas nome eterno, e te prometes  
Das letárgicas ondas sacudir-te,  
Brilhar com própria luz, e à eternidade  
Levar contigo a Pátria e as obras tuas;

E em torvos lodaçais deixar envolto  
O lusitano coro, excepto as sete  
Brilhantíssimas plêiades que exaltas,  
Gado entre o qual cornífero levantas  
Mais orgulhosa a frente, porque incensam  
As traduções, que estólido assoalhas?  
E chamas douta prefacção das Plantas  
Ao próprio louvor que entoas?  
Só tu o podes dar, que essa injustiça  
Não cabe em versos de assisados vates.  
Não foi soberba no cantor de Mântua  
Agourar a seus versos nome eterno  
Pela noite dos séculos rompendo:  
Tinha composto a Eneida. Se Horácio  
Diz que há de lido ser, 'té onde Apolo  
Os últimos Gelões seus raios manda,  
O mesmo Apolo em cisne o transformara,  
Para poder voar de um Polo a outro  
Nas pandas asas de fogosos hinos.  
E se de Amor o intérprete, se Ovídio  
Promete aos versos seus, que nem de Jove  
As iras, o rancor, de Jove os raios,  
E a força sempre indómida dos anos  
Lhe hão de trazer esquecimento ou morte,  
Tinha cantado os transmudados corpos  
Em novas formas. Que cantaste, Elmano,  
Que possa assoberbar à idade a força?  
A modéstia é brasão de um génio ilustre,  
Dar-se a si mesmo um nome é vício, é balda.  
Procura merecê-lo, e deixa ao mundo,  
Deixa ao futuro século o cuidado  
Que antecipado tens de dar-te um nome.  
Teve zoilos Homero, e os teve aquele

Que expôs, cantando, do Troiano as armas<sup>32</sup>.  
Também Tasso os sentiu, mas porque aos astros  
Pôde subir nas asas da epopeia.  
A inveja o perseguiu, foi muda a inveja  
Depois que em cinzas se tornou seu corpo.  
Mas que cantaste tu, de inveja digno?  
A férrea Ulina, que ninguém conhece,  
E os loucos zelos da rival rascoa<sup>33</sup>!  
Se te tiram das serpes enroscadas,  
E das fúrias cruéis de Flegetonte<sup>34</sup>,  
Se sai do peito teu o inferno, a morte,  
Nada mais sabes dar, ficas qual foste,  
Seco, infecundo, caranguejo em versos.  
São em ordem retrógrada já lidos  
Versos que urdido tens, depois que o estro  
Deixaste nas gangéticas ribeiras,  
Deslocados fogachos que não sabem  
Coligar-se entre si. Bem disse aquele  
Que imparcial tem lido as obras tuas,  
Carregadas de antíteses, de tantas  
Enfadhonhas metáforas aos pares:  
«Que lido um verso teu, são lidos todos.»  
Enfadhonha, cruel monotonia,  
Que os ouvidos harmoniosos estafa.  
Sê grato aos vates, que te sofrem mudos,  
Festeja a tua Ulina, e glosa em anos,  
E para teres pão traduz mais versos.  
Olha o Píndaro<sup>35</sup> novo, olha o Sófocles<sup>36</sup>,

---

<sup>32</sup> Virgílio (Mântua, 70-Brindes, 19 a. C.), autor de *A Eneida*.

<sup>33</sup> Meretriz.

<sup>34</sup> Rio Infernal, afluente do Aqueronte.

<sup>35</sup> Píndaro (Cynoscéphales, Tebas, 518-depois de 446 a. C.), poeta grego célebre pelas suas odes, compostas em honra dos vencedores das competições atléticas. Foi amplamente elogiado por Horácio.

<sup>36</sup> Nascido em Colone, perto de Atenas (c. 496 a. C.), escreveu cerca de 130 peças. Na *Poética*, Aristóteles considera-o, no que à tragédia diz particularmente respeito, um inovador.

O novo Horácio, que persegue o vulgo  
Dos subalternos vates, que não podem  
A humilde tradução erguer seus voos!  
Quem te ouvir, rodamonte<sup>37</sup> da poesia,  
Dirá que calças trágicos coturnos,  
Que emborcaste a trombeta da epopeia,  
Que tens mais estro, mais furor que Estácio.  
Dize que verso é teu, que este não morre,  
Se bochechudo e enfático repetes:  
«Se Lísia baquear, baqueia a mundo»  
E, dado que se encontre (o que eu te nego)  
Em alguns dos autores que escreveram,  
Lá desde Castanheda<sup>38</sup> ao mau piloto  
Do Comboio das Petas e mentiras<sup>39</sup>,  
O verbo baquear, dele ignorante,  
Da queda o efeito pela queda toma.  
Grita, escouceia em público e nas praças,  
Cercado de aguadeiros e marujos;  
Mas louvar-te a ti mesmo!... Ah, pobre Elmano,  
Doente imaginário, não te queixes  
De um mal que inda não sentes, nem mereces.  
A inveja segue um bem, qual sombra as luzes,  
Tu, danado Aristarco, a todos ladras,  
Sabujo impertinente, a todos mordês,  
Nos outros pões sem pejo as baldas tuas,  
E queixas-te de sátira?... Foi justa  
De talião a pena... E quem te escapa  
À dentada satírica? Abocanhas  
A virtude e saber de um génio ativo,  
Porque estudou da Europa as doutas línguas,

---

<sup>37</sup> Fanfarrão.

<sup>38</sup> Fernão Lopes de Castanheda (Santarém, ?-Coimbra, 1559), historiador da saga portuguesa do Oriente.

<sup>39</sup> José Daniel Rodrigues da Costa (Leiria, 1757-Lisboa, 1832), autor de uma extensa obra de caráter popular, particularmente alvejado em alguns sonetos de Bocage.

E à Pátria vantajoso estuda, escreve!  
Que te fez Melizeu, se a fome e os anos  
Lhe deixam erma e transversal a boca?  
Chamas por mofa tonsurado a Elmiro?  
Própria escolha não foi de Elmiro o estado.  
Dizes que é baixo e chocho o Transtagano,  
Dulcíssimo Belmiro<sup>40</sup>, e que não voa?  
Não voam tanto as pombas como as águias,  
Mas todas têm lugar no aéreo espaço.  
Píndaro é forte, Anacreonte é brando,  
Ambos poetas são, têm no Parnaso  
Lugar diverso, e no Parnaso existem.  
Se um génio triste entoa a nénia triste,  
Que é guarda-mor do cemitério exclamas:  
Young<sup>41</sup> é melancólico, é risonho,  
Engraçado Scarron<sup>42</sup>, poetas ambos.  
É Melpómene<sup>43</sup> Musa, é Musa Erato<sup>44</sup>;  
Se a ninguém dás louvor, ninguém te incensa;  
Se queres ser louvado, aos outros louva.  
O mundo é justo: se o louvor mereces  
O louvor te há de dar. Nunca o silêncio  
Foi da inveja o carácter: se emudecem,  
Tu mereces justíssima indif'rença.  
Com prudente apatia o sábio escuta  
O louvor teu, as invetivas tuas.  
Um cão que se despreza, ou cala, ou foge,  
Como foge de ti tímida Ulina  
Se lhe falas de Amor tornado em bruxo

---

<sup>40</sup> Belchior Manuel Curvo Semedo.

<sup>41</sup> Edward Young (Upham, Hampshire, 1683-Welwyn, 1765) compôs poemas e tragédias e a obra *The Nights*, cuja recepção foi considerável na época, como assegura Shelley in *The Life and Letters of (...)*.

<sup>42</sup> Paul Scarron (Paris, 1610-1660), comediógrafo.

<sup>43</sup> *Vd.* nota da p. 166.

<sup>44</sup> Uma das nove musas, filha de Zeus e de Mnemósine. Preside à poesia lírica.

No idílio farmacêutrio: inda fora  
Mais meiga Alecto<sup>45</sup>, se de Amor falasse.  
Arrepiam-se as carnes e os cabelos  
À pobre moça, que te escuta em verso  
Com torvo rosto descrevendo os zelos.  
Eia, pois, meu Bocage, entra em ti mesmo;  
Se queres ser louvado, ajunta, prende,  
Boa moral com sonoras rimas.  
Não dorme Elmiro, que tu chamas zoilo,  
Nem deixa a minha Musa o orgulho impune.

VII — SÁTIRA SEGUNDA A BOCAGE,  
POR JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO<sup>46</sup>

A ti, monada e zero, a ti Bocage,  
O Nada te saúda, e nada inveja;  
Tu és aluno meu, tu és meu filho,  
Tu és tudo o que eu sou, és nada eterno.  
Eu, cujo império imenso encerra e guarda  
Desde a origem dos séculos a quantos  
Importunos ninguéns sustenta o mundo;  
Que vejo em mim cair e em mim ficarem  
As promessas de grandes, e as bravatas  
Dos lusos campeões à moda armados;  
Eu, que presido nos cafés, que inspiro  
Em roda d'almo ponche heróis e vates;  
Eu, que as Quadras ditei que expõe Bersane<sup>47</sup>,

---

<sup>45</sup> Uma das Fúrias, irmã de Megera e de Tisífone, a causadora da discórdia universal.

<sup>46</sup> Um manuscrito, que se encontra no departamento de «Reservados» da Biblioteca Nacional de Portugal — COD. 11183 // 9 —, apresenta algumas notas da autoria de Inocêncio.

<sup>47</sup> António Bersane Leite de Paula (?), 1748-Minas Gerais, (?), autor de *Quadras Glosadas* (1804), obra que contou com a colaboração de Bocage, seu amigo. Desempenhou o cargo de contador do Arsenal do Exército. As suas filhas, Maria Vicência e Ana Perpétua, foram as duas últimas paixões do poeta. *Vd.* p. 89.

E que escuta o Gastão<sup>48</sup>, ambos orates,  
Nos trejeitos iguais, e iguais nas trovas;  
Eu, que em mim vejo desfazer-se todos  
Os projetos políticos do tempo,  
Que a pena ao gazeteiro aparo e movo,  
Eu, finalmente, que os discursos todos  
Do vulgo, e do não vulgo, inspiro e sorvo,  
Quando da esquadra, que em Bolonha cria<sup>49</sup>  
Fundas raízes, esquentados falam;  
Que para meu brasão tinha formado  
Um ponto matemático — por outra,  
Engratado Saunier pintando<sup>50</sup>,  
No crânio vácuo quanto ao nada tinha,  
Um esforço fiz mais, formei Bocage;  
Há muitos quase nada, ele é só nada:  
Foste nada no berço, és nada agora.  
Se acaso em ti não vira, ó filho amado,  
A mania de grande, ilustre e nobre,  
Não te lembrara o berço; é nada o berço;  
'Té na horrenda figura um nada foste.  
Deste princípio pelo nada à vida,  
E para nada ser foste cadete,  
E a vida cadetal desfez-se em nada;  
Menos que nada é ser guarda-marinha,  
E em nada se desfaz isto que é nada.  
Para nada sulcaste o mar fervente,  
E foste nada no país dos nadas.  
Nada tornaste, menos o uniforme,

---

<sup>48</sup> Gastão Fausto da Câmara Coutinho (Lisboa, 1752-*ibidem*, 1832) atingiu o posto de capitão-de-mar-e-guerra. Publicou *Paráfrase da Epístola aos Pisões — comumente Denominada Arte Poética de Quinto Horácio Flaco, com Anotações sobre Muitos Lugares* (1853). Foi um dos diletos amigos de Bocage.

<sup>49</sup> Nota do manuscrito de Inocêncio citado: «Alude ao louco projecto de Bonaparte de um desembarque na Inglaterra, que reuniu e preparou em Bolonha, a qual teve por muito tempo em expectação a Europa e afinal se dissolveu como fumo.»

<sup>50</sup> *Vd.* vol. 1, t. 1, p. 481, da presente obra.

Que alguma coisa pode ser; mudou-se  
De linha ousada em veste, e já safado  
E já sem friso capotinho infante.  
Do país da pimenta e das mentiras,  
Dos trapos e das ervas vens ao Tejo;  
Como foste, Manuel, tal vens; és nada.  
Trouxeste alguma droga, ela foi minha.  
Na foz do Mandovi vivi contigo.  
Deu-te para escrever, tu mesmo o dizes,  
A nestórea banquinha, o prisco leito,  
Em que estendesses a carcaça, o nada,  
Que até isto é teu corpo, e igual a mente.  
És amante por fado e por mania,  
Namoras a granel, amas a eito;  
Ciúme universal te berra n'alma;  
Dois grossos turbilhões de fumo e espuma  
Te saem da boca, trémulo gaguejas  
À moça que te ilude; a mãe que espreita,  
O pai que te espancou e o novo amante,  
Tudo queres matar, qual Nuno fero;  
Mas facundo em promessas desenrolas  
Meia navalha de picar cigarros;  
Já se enfarrusca o ar, e a moça treme;  
Mas tudo fica em mim, fúrias e amores;  
O teu ciúme, o teu amor são nada.  
Queres, Manuel, por força ser valente,  
Se inda há menos que nada, és nisto um menos;  
Eu me assombro de ver, meu Manuel, coube um dilúvio  
De secos murros, de cruéis latadas!  
O feroz Escaler te fez num bolo  
A horrenda melancólica viseira;  
Fez-te purpúrea a tez, que tu dizias  
Na quasi-nada sátira do ex-Frade,  
Que conservavas pálida de amores.  
Existe em Santarém mais um milagre,  
Não ficares, Manuel, desfeito em nada,  
Quando os crimes da língua maldizente

Pagaste à manjedoura, atado e preso.  
Estas as provas são, troféus são estes  
De teu grande valor! — És nada em força,  
Mas és vasto armazém de soco antigo;  
És em tudo meu filho, até na vida.  
Oh, com quanto prazer oiço no mundo  
De contínuo clamar: «Que faz Bocage?  
Que faz? Em que se emprega? Em nada, em nada.»  
Caritativa mão, que beija e morde,  
Periódica esmola lhe apresenta,  
Que num só dia em ponche consumida,  
Fica em lastro outra vez, ou fica em nada.  
Do eclipsado Seabra<sup>51</sup>, e bisministro,  
Acinte a proteção levaste ao nada;  
E dos grandes chapéus, tristes roupetas,  
Façanhosos tartufos de beatas,  
Em nada converteste a sopa e côdea:  
Sem coisa alguma ter tornaste ao nada.  
Ah, meu filho Manuel, quanto me pesa  
De te ouvir exclamar: «Se eu nada tenho,  
Se me apontam vadio, e capa em colo,  
Romano mandrião, silfo vagante,  
Ao menos sou poeta, e glosos em anos;  
Traduzi, traduzi; e enquanto a vida  
Não torna a minha mãe, não torna ao nada,  
Farei mais traduções por chelpa ou grátis!»  
Não mintas, meu Manuel, que nisso és nada;  
Contigo mede Saunier as armas;  
Dize, quem fica vencedor no campo?  
Primeiro batalhão, puxas sonetos,  
Todos do mesmo estilo, e mesmas cunhas;

---

<sup>51</sup> José Hubert de Seabra da Silva (Vilela, 1732-?, 1813), Secretário de Estado Adjunto do Marquês de Pombal (1771-1774) e Secretário de Estado dos Negócios do Reino de D. Maria I (1788-1799). Foi demitido compulsivamente de ambas as vezes. A sua ação em prol da libertação de Bocage foi extremamente engenhosa, corolário de amadurecida reflexão. *Vd.* pp. 41 e 671.

Zelos, amores, esquivanças, nada!  
Tens zanga com rivais, que te suplantam;  
Manuel, as moças de hoje ao gimbo inclinam  
A meiga orelha ferrolhada ao vate,  
Que, embora seja Homero, há de ir à rua.  
Tu, nada em verso e nada na algibeira,  
Eclipsa-te um caixeiro, um frade, um sujo  
Galego, ou cortador; berras com zelos,  
O teu rival triunfa, e tu na escada  
Meditas a vingança, três sonetos,  
Feita a conta, Manuel, três vezes nada;  
E páginas e páginas vão cheias  
Destes nadas, Manuel, nas obras tuas.  
Feito o mapa de todas as alunas,  
Gertrúrias, Nises, Fléridas, Armias,  
Todas, todas sem dó te levantaram  
Dois gigantes obeliscos na cabeça.  
Ouviram-te glosar, riram-se um pouco;  
Cheiraste-lhes a pedinte, as ventas torcem;  
E queixas-te de amor, queixas-te ao vento  
Na solitária praia de Caxias,  
Feito barqueiro, e pescador pranteias!  
Até te fazes bruxo, e nunca encontras  
Entre os encantos teus, buço de lobo,  
Que prenda o coração da ingrata e bela!  
Idílios farmacêutrios são nada,  
Nada são teus idílios piscatórios,  
Menos que nada as odes que assoalhas;  
Vingas-te em traduzir versos alheios,  
Que, grandes no exemplar, em ti são nada.  
Dentro em mim, recebi, beijei com gosto  
Não sei quê de Castel, por ti vertido,

Um digno verso teu, meu parto amado:  
«Desencanta os tesouros, filhos do ermo.»<sup>52</sup>  
É certo, e não to nego, que verteste  
A Expedição de Tripoli<sup>53</sup>, e bradava  
A odiosa Entidade: «É meu, Bocage!»  
Cuidei que te perdia, ó filho amado!  
A par desse Cardoso, desse indigno,  
Ias sendo, Manuel, alguma coisa;  
Mas sempre um filho honrado à casa torna.  
Deitaste-te ao teatro, e foste nada;  
Deixaste em nada o Cerco de Lisboa<sup>54</sup>,  
E o grande herói, que o tímido oceano  
Pôde vencer primeiro, em ti foi nada.  
És Midas<sup>55</sup> de outra casta, e quanto tocas  
Bem como o antigo em ouro, em nada mudas!  
Verter, verter, Manuel, ser moço alheio,  
Dar um recado mal, meu timbre é este.  
Eu faço traduções, e em mim se abismam.  
De quantas, quantas há, me escapa alguma,  
Que em voga corre um pouco, e a mim retorna.  
Não deixes um mister, que em mim te esconde;  
Quanto me apraz teu génio e teu talento!  
Aos sócios teus, vadios no Parnaso,  
Não consentes, Manuel, que façam versos;  
Queres que façam nada; se o Menalca<sup>56</sup>,  
Que só comigo voa e sobe ao Pindo,  
Na cena Melpómene abraça e beija,

---

<sup>52</sup> V. *As Plantas* de Richard Castel. Lisboa: Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego, 1801, p. 115.

<sup>53</sup> *Canto Heróico sobre as Façanhas dos Portugueses na Expedição de Tripoli* da autoria de José Francisco Cardoso. Foi originalmente redigido em latim, pertencendo a tradução a Bocage. Lisboa: Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego, 1800.

<sup>54</sup> «Afonso Henriques ou a Conquista de Lisboa», *vd.* p. 614.

<sup>55</sup> Rei lendário da Frígia que transformava em ouro tudo o que tocava.

<sup>56</sup> José Rodrigues Pimentel e Maia, que dirigiu a Bocage o soneto «Além da Natureza, além do Fado». O escritor, por sua vez, dedicou-lhe «Tu, que tão cedo aventurando as penas».

Contra a nascente musa te embraveces;  
Na primeira tragédia as falhas notas,  
Ou notas seu autor, e a peça esqueces;  
Se vive com caixeiros, se os três setes,  
Se a mesma lasca joga; e tu, que fazes,  
E em que vives, Manuel? Cigarro e ponche!  
O da incógnita mãe filho bravo,  
Novo Quixote em negro rocinante,  
Cara má, corpo longo e córneo engenho;  
O saltante Bersane, e nada em quadras;  
Diogo, o lantejoula, o mestre em artes<sup>57</sup>  
Daquelas que fareja, e que premeia  
O beleguim Luís<sup>58</sup>, que à toa marra;  
Algun Moniz<sup>59</sup>, pior que nada todos,  
Que te acabo de expor, este o congresso  
Que te segue no Pindo, e nas muafas<sup>60</sup>.  
Deixa pois o Miguel<sup>61</sup>, deixa-o, meu filho;  
Quer ser alguma coisa, a perda é sua.  
Quiseste-te enforcar; eu mesmo os brados,  
Eu no teatro ouvi, albergue antigo,  
Que com pose pacífica domino  
Desde a baixa plateia à vil torrinha!  
Vinha a corda! Que susto! Eu perco um filho;  
Mas não, que ele promete vingar-se!

---

<sup>57</sup> Nota do manuscrito citado: «Era um retroseiro que tinha esta alcunha e também se metia a fazer versos.»

<sup>58</sup> Luís de França, principal quadrilheiro da Intendência-Geral da Polícia.

<sup>59</sup> Nuno Álvares Pereira de Pato Moniz (Lisboa ou Alcochete, 1781-ilha do Fogo, Cabo Verde, 1826), poeta, dramaturgo e publicista. Delfim de Bocage defendeu-o estreitamente dos ataques de José Agostinho de Macedo, perpetrados depois da morte do escritor. Foi o editor literário de *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria Barbosa du Bocage, Tomos IV e V* (Lisboa: na Imprensa Régia, 1813 e 1814), iniciativa que teve como objetivo denunciar a edição de Desidério Marques Leão. *Vd.* p. 190.

<sup>60</sup> Roupas de segunda qualidade; andrajos.

<sup>61</sup> Miguel António de Barros (Carvalho d'Este, c. 1772-Lisboa, 1827), poeta e inimigo de Bocage. Reconciliaram-se, em 1805, pouco antes do falecimento do escritor. Melibeus, seu pseudónimo literário, foi o autor da tragédia *Elaine*.

Já traça o plano, as personagens conta  
De uma nova tragédia, igual às outras  
Que anunciado tem, que em nada ficam.  
Teu engenho, que é nada, em grandes coisas  
Não se pode empregar, falta-lhe o fôlego;  
Co'uma cana no rabo és um foguete  
Que faz alguma bulha, acaba em fumo,  
Torna a cana outra vez ao centro, ao nada.  
Dentro em frio soneto, em glosa reles,  
Como na própria esfera te revolves,  
Ou quando muito tísico epigrama,  
Digna paga ao médico que a sarna  
Te alimpou no hospital; — Mas, improviso! —  
Replicas, Manuel, mas, isso é nada!  
Improvisa o Malhão<sup>62</sup>, o Esbarra<sup>63</sup>, o Feio<sup>64</sup>,  
O recém-vindo, transmontano frade,  
O Talassi<sup>65</sup> também, todos inspiro,  
Eu te fabrico o mote, e estendo a quadra;  
Muito antigo bordão, nariz de cera,  
Que pegam como visco, ou como um corno  
No nédio cu de um clérigo, se ajustam  
À pira, ao sacro fogo, à venda, à seta  
E à piquinha também do Idálio enxalmo,  
Que anda sempre na mão, n'alma, na boca  
Das delambidas que varejam motes.  
Vadio trovador nunca é poeta!  
A sacra inspiração não desce ao peito  
De um pregador de outeiro em súcia d'anos!

---

<sup>62</sup> Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão (Óbidos, 1757-*ibidem*, 1809), bacharel em Leis pela Universidade de Coimbra, autor de, entre outras obras, *Vida e Feitos de (...)*, em quatro volumes publicados entre 1792 e 1797.

<sup>63</sup> Joaquim José de Santa Ana Esbarra.

<sup>64</sup> João Augusto Feio.

<sup>65</sup> Nota do manuscrito citado: «Ângelo Talassi, de nacionalidade italiana, autor da obra *L'Olmo Abbatuto*,».

Do casco se evapora o ponche, e o verso  
Que o ponche inspirou, só dura enquanto  
Dura e ressoa a insípida palmada,  
Despacho da tarifa, obséquio usado;  
E o destro marcador da dança, aos coices,  
«Bravo, senhor Manuel» te diz; a esbelta,  
Que o velho mote deu, 'té da cozinha  
Rouca te escarra a mísera rascoa,  
Que a manteiga rançosa estende a medo  
Na transparente, na ideal fatia.  
Esta estrada, meu filho, a ninguém leva  
Ao templo da memória em linha reta;  
A ti, e a teus iguais conduz ao nada,  
E o céu te guarde de calcares outra.  
Deixa louca ambição, e amor da glória  
Aos mentecaptos, que trabalham, suam,  
E sobre os livros pálidos se tornam.  
Do nada é nobre timbre a ociosidade,  
Comer aventureiro, albergue incerto;  
Degenera de mim quem busca emprego;  
Não te chegues a gente que se ocupa;  
O exemplo pôde mais que as lições minhas;  
Buscar em que se ocupe um vate, um nada,  
Oh, que feio labéu! Busquem embora  
Emprego as almas vis, que o fado obriga  
Ser úteis aos mortais, à Pátria, ao trono,  
Pela estrada das armas, pelas letras  
(Quebra-cabeça indigno de um Bocage!)Vai teu caminho, ó filho, e, surdo aos brados  
Da importuna razão, vive qual vives.  
Se um amigo te hospeda, ah, nunca excedas  
O fatigante círculo de um dia;  
Ou lhe aferra um calote, ou pronto impinge  
Ao louco benfeitor — que mais te deve —  
Um infame epigrama, que transmite  
Aos evos que hão de vir a infâmia tua,  
E a tua ingratitude. Se honesta esposa

Lhe podes corromper, namora e fala,  
E dá contigo num café; repete  
Três laudas de Parny<sup>66</sup>, que tu furtaste,  
E aquele tanto meu doce violado  
Teu coração no cu da natureza,  
Confia que há de ouvir-te, há de gabar-te  
O caloiro beirão, que aspira a vate,  
Chegado há pouco, na estalage ignoto;  
Paga-te o ponche ali, na tasca a ceia.  
Se um vento travessão te assopra ingrato,  
Se a noite vem fechada, escura e feia,  
E te falta o covil, ao lar arriba  
Do meigo Alcino<sup>67</sup>, de Teónio<sup>68</sup>, «o Quadras»:  
Fuma e corre ao café, se a aurora assoma.  
Assim se passa um dia, assim dez anos  
Nos braços da penúria e do desprezo;  
Um momento aplaudido, os mais mofado.  
No hediondo escaler catorze gatos<sup>69</sup>  
Com mui pingados balandraus, remando  
Do palácio fatal do Conde Andeiro,  
Te hão de levar, ao som das apupadas  
Dos rapazes, que insultam tumba e gatos,  
Com mais de três em carga ao cemitério.  
Dos louros em lugar crescerão couves,  
Sobre essa honrada lápide, que amanha

---

<sup>66</sup> Évariste Désiré Desforges [Saint-Paul, ilha de Bourbon, 1753-Saint-Paul (?), 1814]. Constitui uma voz singular da poesia francesa do século XVIII, opinião expressa por, entre outros, Voltaire e Chénier. Bocage traduziu várias composições suas: a ode «Aos Amigos» e as odes anacrônicas «Se os Deuses me conferissem» e «Brando leito de verdura»; os poemas «A Armia» e «A Márcia» e a alegoria «O Zéfiro e a Rosa» são imitações deste autor.

<sup>67</sup> Alcino Lisbonense, pseudónimo literário de Joaquim Severino Ferraz de Campos (Lisboa, 1760-1813), um dos fundadores da «Academia de Belas-Letras».

<sup>68</sup> António Bersane Leite, autor de *Quadras Glosadas*. V. p. 89.

<sup>69</sup> Nota do manuscrito citado: «Da Tumba da Misericórdia, que ordinariamente leva para o cemitério dois e três cadáveres juntos; é conduzida por catorze mercenários e nojentos mariolas, que, além da tumba, levam lanternas, um painel, etc., etc., embrulhadas numas capas ou opas muito reles. Os rapazes lhes miam por escárnio e lhes chamam gatos-pingados.»

Cultivador coveiro às enxadadas.  
E pois achaste um boqueirão no Letes,  
Qual no da moita a lama se arremessa,  
Teu nome irá por ele ao nada eterno.





**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

# FONTES MANUSCRITAS



Arquivo da Marinha:

Documentos sobre a sua carreira militar.

Arquivo Distrital de Setúbal:

Documentos biográficos e cartas da irmã, Maria Francisca Barbosa du Bocage.

Arquivo do Exército:

Documentos sobre a sua estada no Exército.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo:

Arquivo da Real Mesa Censória: censura das suas obras;  
Arquivo do Tribunal do Santo Officio: processos relativos à leitura clandestina da sua obra;  
Arquivo do Desembargo do Paço: censuras;  
Arquivo do Ministério do Reino: documentos sobre o ensino em Setúbal;  
Contas para as Secretarias: documentos relativos à sua detenção em 1797.  
Chancelaria de D. Maria I: documentos de carácter militar.

Biblioteca Nacional de Portugal:

Departamento de «Reservados»: cópias de poemas e «Registro Diário» da Academia de Guardas-Marinhas.

Biblioteca Pública Municipal do Porto:

Departamento de «Manuscritos»: poemas e excerto de uma tradução.

Biblioteca Pública de Évora:

Departamento de «Manuscritos»: poemas.

Academia de Ciências de Lisboa:

Departamento de «Manuscritos»: Sátiras de Bocage e de José Agostinho de Macedo.

Biblioteca da Ajuda:

Departamento de «Manuscritos»: poemas de Bocage sujeitos à censura.









# BIBLIOGRAFIAS



## A — BIBLIOGRAFIA ATIVA DE BOCAGE

### 1 — OBRAS PUBLICADAS DURANTE A VIDA DO POETA

*Elegia Que o Mais Ingénuo e Verdadeiro Sentimento Consagra à Deplo-  
rável Morte do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor D. José Tomás de  
Meneses.* Lisboa: na Oficina de Lino da Silva Godinho, 1790, 6 p.

*Idílios Marítimos Recitados na Academia de Belas-Letras de Lisboa pelo  
Sócio Manuel Maria Barbosa du Bocage.* Lisboa: na Oficina de Simão  
Ferreira, 1791, 13 p. (Republicado em *Rimas*, edição de 1791.)

*Rimas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage.* T. I. Lisboa: na Oficina  
de Simão Ferreira, 1791, 214 p.; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa: na Oficina de Simão  
Ferreira, 1794, 343 p.; 2.<sup>a</sup> ed. correta e aumentada, Lisboa: na Oficina  
de Simão Ferreira, 1800, 351 p.

*Queixumes do Pastor Elmano contra a Falsidade da Pastora Urselina (Écloga).*  
Lisboa: na Oficina de Simão Ferreira, 1791, 14 p.

*Elogio Poético à Admirável Intrepidez com Que, em Domingo 24 de Agosto  
de 1794, Subiu o Capitão Lunardi no Balão Aerostático.* Lisboa: na  
Oficina de Simão Ferreira, 1794, 11 p.

*A Estância do Fado. Elogio Dramático, para Recitar-se no Real Teatro de  
São Carlos, no Dia Natalício da Sereníssima Senhora D. Maria Teresa.  
Em Benefício de Victorino José Leite, Antonio Manuel Cardoso e João  
Anacleto de Sousa.* Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1796,  
14 p.

- Rimas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage Dedicadas à Amizade.*  
T. II. Lisboa: na Oficina de Simão Ferreira, 1799, 372 p.; 2.<sup>a</sup> ed., *idem*, 1802, 372 p.
- «Congratulação ao Príncipe e à Pátria», in *Tributo de Gratidão Que a Nossa Pátria Consagra a Sua Alteza Real, o Príncipe Regente, Nosso Senhor, por Mãos do Intendente-Geral da Polícia da Corte e Reino.* Lisboa: Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego, 1801, 27 p.
- Elogio aos Faustíssimos Anos do Sereníssimo Príncipe Regente Nosso Senhor.* Lisboa: Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego, 1801, 7 p.
- Aos Anos Faustíssimos do Sereníssimo Príncipe Regente de Portugal — Elogio composto por Manuel Maria de Barbosa du Bocage e dedicado por Simão Tadeu Ferreira, Administrador-Geral da Tipografia Régia.* Lisboa: na Régia Oficina Tipográfica, 1802, 4 p. (Inclui uma dedicatória assinada por Simão Tadeu Ferreira, mas, visivelmente, da autoria de Bocage.)
- «Elegia», in *Ecos Saudosos Ouvidos na Capital Portuguesa na Passagem a Melhor Vida do Ilustre Conselheiro, o Senhor Anselmo José da Cruz Sobral.* Lisboa: na Régia Oficina Tipográfica, 1802, 14 p.
- Epicéδιο na Sentida Morte do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor D. Pedro José de Noronha, Marquês de Angeja, Camarista de Sua Alteza Real, etc., etc., Oferecido ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde de Vila Verde, do Conselho de Estado e Ministro Assistente ao Despacho do Gabinete do Príncipe Regente Nosso Senhor, etc., etc.* Lisboa: na Impressão Régia, 1804, 13 p.
- «Epístola de Bocage — Os Amores há muito...», in *Quadras Glosadas de António Bersane Leite.* Lisboa: na Oficina de Simão Ferreira, 1804, 234 p. O poema de Bocage encontra-se nas páginas VII e VIII.
- Poesias, de Manuel Maria Barbosa du Bocage, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen.* Lisboa: na Oficina de Simão Ferreira, 1804, 319 p. (Vulgarmente apelidado de tomo III das *Rimas*.)
- A Gratidão: Elogio Dramático para Recitar Claudina Rosa Botelho no Dia do Seu Benefício.* Lisboa: na Oficina de António Galhardo, 1805, 8 p.
- A Saudade Materna: Idílio, na Prematura e Chorada Morte da Senhora Dona Ana Raimunda Lobo, Filha do Senhor Roque Ferreira Lobo, Administrador do Correio-Geral, etc., etc.* Lisboa: na Impressão Régia, 1805, 7 p.

- «Canta, não cales, atilado Almeno», in *Jardim das Musas e dos Sábios ou Flores Poéticas Estrangeiras e Nacionais Colhidas por M. P. T. P. e A. Ramilhete I.* Lisboa: na Impressão Régia, 1805.
- Mágoas Amorosas de Elmano, Idílio.* Lisboa: na Impressão Régia, 1805, 8 p.
- Desagravo Jocosos da Injúria Feita ao Enfermo Bocage pelo Editor da Novela Intitulada «A Espanhola Inglesa», Atribuindo-lhe Aquela Má Tradução.* Lisboa: 1805 (folha volante).
- Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade, Dedicados a Seus Bons Amigos.* Lisboa: na Impressão Régia, 1805, 23 p.
- Colecção dos Novos Improvisos de Bocage na Sua Moléstia, com as Obras Que Lhe Foram Dirigidas por Vários Poetas Nacionais, Dedicada a Seu Benéfico Amigo o Senhor Marcos Aurélio Rodrigues.* Lisboa: na Impressão Régia, 1805, 100 p.
- A Virtude Laureada: Drama Recitado no Teatro do Salitre, Composto e Dirigido ao Reverendíssimo P. M. Fr. José Mariano da Conceição Veloso.* Lisboa: na Impressão Régia, 1805, 64 p. (Inclui igualmente os sonetos «Meu ser evaporei na lida insana», «De peito impenetrável sempre ao susto», «Mãe de Chefes Heróis, de Heróis soldados», «Co'um diadema de luz no Elísio entrava», «Quando meu coração de Amor vivia», «Em vão, para tecer-me um ledó engano»; a ode «Elogio ao público», dedicada a Pato Moniz; poemas de Tomás António Santos Silva, Pedro José Constâncio, Joaquim António Soares de Carvalho, Nuno Álvares Pereira Pato Moniz, José Joaquim Gerardo de Sampaio, Frei Francisco Freire, João Galvão Mexia de Sousa Mascarenhas e Felisberto Inácio Januário Cordeiro.)

## 2 — OBRAS PÓSTUMAS DE BOCAGE

- Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage. Precedidas de Um Discurso sobre a Vida e Escritos deste Poeta, por José Maria da Costa e Silva.* T. IV. Edição de Desidério Marques Leão. Lisboa: na Impressão Régia, 1812, 320 p.
- Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Tomo IV e 1.º das Suas Obras Póstumas.* Edição de Nuno Álvares Pereira Pato Moniz. Lisboa: na Impressão Régia, 1813, 284 p.

- Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage*. T. V. Edição de Desidério Marques Leão. Lisboa: na Imprensa de Alcobia, 1813, 276 p.
- Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage. Tomo V e 2.º das Obras Póstumas*. Edição de Nuno Álvares Pereira Pato Moniz. Lisboa: na Impressão Régia, 1814, 313 p.
- Poesias Satíricas Inéditas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage. Coligidas pelo Professor de Grego do 1.º Liceu Nacional de Lisboa António Maria do Couto*. Lisboa: Tipografia de A. J. da Rocha, 1840, 64 p., 2.ª ed. mais correta e aumentada (existe apenas uma edição).
- Obras Poéticas de M. M. de Barbosa du Bocage, precedidas de um discurso sobre a vida, e escritos deste poeta; ornada com o seu retrato, por José Maria da Costa e Silva*. T. VI. Edição de Desidério Marques Leão. Lisboa: na Tipografia de Desidério Marques Leão, 1842, 303 p.
- Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Coligidas em Nova e Completa Edição, Dispostas e Anotadas por I. F. da Silva e Precedidas de Um Estudo Biográfico e Literário sobre o Poeta por L. A. Rebello da Silva*, Lisboa: Tipografia de António José Fernandes Lopes, 1853, 6 vols.
- Manuel Maria de Barbosa du Bocage. Excertos Seguidos de Uma Notícia sobre a Vida e Obras, Um Juízo Crítico, Apreciação de Belezas e Defeitos de Língua*. Edição de José Feliciano de Castilho. Paris: Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1867, 3 vols., 341 p., 318 p. e 310 p.
- Silva, Inocêncio Francisco da — *Memórias para a Vida Íntima de José Agostinho de Macedo. Obra Póstuma Organizada sobre Três Redacções Manuscritas de 1848, 1854 e 1863, e Ampliada Enquanto a Documentos e Bibliografia por Teófilo Braga*. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1898, 435 p. (inclui a «Pena de Talião»)
- Bocage — Opera Omnia* (direção de Hernâni Cidade). Lisboa: Bertrand, 1969-1972, 6 vols.
- As Chinelas de Abu-Casem*. Estudos de Ana Margarida Chora e de Daniel Pires. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2016, 85 [6] p.

## B — BIBLIOGRAFIA PASSIVA DE BOCAGE

- ARRANJA, Álvaro. *Bocage a Liberdade e a Revolução Francesa*. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2003, 87 p.
- BILAC, Olavo. *Bocage — Conferência realizada no Teatro Municipal de S. Paulo em 19/3/17*. Prefácio de Paulo Franchetti. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2001, 47 p. [16]
- BRAGA, Teófilo. *Bocage, Sua Vida e Época Literária*. Porto, Livraria Char-dron, 1902, 611 p.
- CIDADE, Hernâni. *Bocage — A Obra e o Homem*. Lisboa: Arcádia, s. d. [1966], 225 p.
- CHORA, Ana Margarida. *Bocage e o Oriente*. Prefácio de Daniel Pires. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 77 p. [7]
- , e PIRES, Daniel. *Bocage e o Sortilégio do Amor*. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2016, 60 [5] p.
- COUTO, António Maria do. *Memórias sobre a Vida de Manuel Maria de Barbosa du Bocage*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1806, 47 p.
- DOMINGUES, Mário. *Bocage — A Sua Vida e a Sua Época: Evocação Histórica*. Lisboa: Romano Torres, 1962, 400 p.
- FIGUEIREDO, Pedro José de. *Sentença Proferida na Casinha da Almota-ceria pelo Supremo Juízo da Inconfidência Literária na Sessão XI sobre o Quarto Tomo das Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage Dada à Luz para Desengano dos Patetas*. Lisboa: na Imprensa

- Regia, 1813, 15 p. (Publicada anonimamente, que circulou em apêndice à obra *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria Barbosa du Bocage*, t. iv.)
- GEDEÃO, António. *O Sentimento Científico em Bocage*. Lisboa: Ocidente, vol. LXIX, 1965, pp. 177-192.
- GONÇALVES, Adelto. *Bocage: O Perfil Perdido*. Lisboa: Caminho, 2003, 478 [1] p.
- Homenagem Nacional a Bocage no II Centenário do Seu Nascimento. Conferências Evocativas do Poeta, Proferidas nos Paços do Concelho de Setúbal*. Edição da Junta Distrital de Setúbal, 1965, 202 p.
- LEÃO, Desidério Marques. *Reflexões Justificativas sobre a Sentença Proferida na Casinha da Almotaceria pelo Supremo Juízo da Inconfidência Literária*. Lisboa: na Imprensa de Alcobia, 1813, 16 p. (Não assinado e vendido apenso a *Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage*, t. v. Esta obra foi impressa anonimamente.)
- LETRIA, José Jorge. *Já Bocage Não Sou. Romance*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2002, 2002, 116 [3] p.
- MACEDO, José Agostinho de. *Considerações Mansas sobre o Tomo IV das Obras Métricas de Manuel Bocage Acrescentadas com a Vida do Mesmo*. Lisboa: Imprensa Régia, 1813, 39 p.
- MARTINS, António Coimbra. «O Epicédio de Bocage pela Morte de Maria Antonieta», in *Portugal no Século XVIII — De D. João V à Revolução Francesa* (coordenação de Maria Helena Carvalho dos Santos). Lisboa: Universitária Editora, 1991, pp. 611-617.
- MARTINS, Heitor. *Bocage e Minas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1966, 64 p.
- MARTINS, J. Cândido. *Para Uma Leitura da Poesia de Bocage*. Lisboa: Presença, 1999, 141 p.
- . *Para Uma Leitura da Poesia Neoclássica e Pré-Romântica*. Lisboa: Presença, 2000, 182 [1] p.
- MORAIS, Jorge. *Bocage Maçon*. Prefácio de António Valdemar. Lisboa: Occidentalis, 2007, 162 p.
- MOURÃO-FERREIRA, David. «O Drama de Bocage», in *Hospital das Letras*. Lisboa: Guimarães Editores, 1966, 309 [2] p.
- NEMÉSIO, Vitorino. *Quase Que os Vi Viver*. Lisboa: Bertrand, 1985, 382 p.
- , MENDES, João, e LEMOS, Esther de. *Bocage*. Lisboa, Editorial Verbo, s. d. (1983?), 136 p.

- NETTO, João Natale. *A Noite dos Poetas: A fantástica História de Um Encontro entre Olavo Bilac e Bocage*. São Paulo: Young Press, 2009.
- NORONHA, José Feliciano de Castilho Barreto e. *Bocage (Manuel Maria du) — Excertos Seguidos de Uma Notícia sobre a Vida e Obras, Um Juízo Crítico, Apreciações de Belezas e Defeitos e Estudos de Língua*. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier Editora, Paris: Aug. Durand Ed., 1867, 3 vols., 341 p., 318 p., 310 p. (O primeiro volume é constituído por uma antologia de poemas de Bocage.)
- NYS, Florence Jacqueline. *As Fontes Francesas das Cartas de Olinda e Alzira de Bocage*. Braga: Universidade do Minho, 2005, 100 p.
- ORTIGÃO, Ramalho. *As Farpas*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1944, vol. ix, pp. 81-88.
- PALMA-FERREIRA, João. *Academias Literárias dos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1982, 160 p.
- PASCOAES, Teixeira de. «Período Político», in *Os Poetas Lusíadas*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1987, 184 [5] p.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica. I Volume — Cultura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, 714 [1] p.
- . *Estudos de História da Cultura Clássica. II Volume — Cultura Romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, 3.<sup>a</sup> ed., 580 [1] p.
- PESSOA, Fernando. *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Lisboa: Ática, s. d. [1972], 445 [3] p.
- . *Páginas de Estética, Teoria e Crítica Literária*. Lisboa: Ática, s. d. [D. L. 1967], xxxv, 381 p.
- PINA, Maria da Graça Gomes de, e MENDES, Teresa Gil (org.). *Bocage e as Luzes do Século XVIII*. Roma: Aracne Editrice, 2017, 117 p. (Colaboração de Daniel Pires, Hilarino da Luz, Luísa Sawaya, Teresa Gil Mendes, Maria da Graça Gomes de Pina, Guia Boni, Mariagrazia Russo e Flávio Borda d'Água.)
- PIRES, Daniel. *Catálogo da Exposição Comemorativa dos 230 e 190 Anos do Nascimento e Morte de Bocage*. Setúbal, Câmara Municipal, 1995, 36 p.
- RÉGIO, José. «Introdução à poesia de Bocage», in *Líricas Portuguesas*. Lisboa: Portugália, 1959, 3.<sup>a</sup> ed., p. 326.
- RIBEIRO, João Reis. *Histórias da Região de Setúbal e Arrábida*. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2003, 212 p.

- RODRIGUES, Ernesto. *Cultura Literária Oitocentista*. Porto: Lello, 1999, 292 [3] p.
- SAMPAIO, Albino Forjaz. *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*. Paris: Aillaud; Lisboa: Bertrand, 1932, vol. III, pp. 307-312.
- SILVA, Luís Augusto Rebello da. *Memória Biográfica e Literária acerca de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, do Carácter das Suas Obras, e da Influência Que Exerceu no Gosto e nos Progressos da Poesia Portuguesa*. Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1909, 2.<sup>a</sup> ed., 176 p.
- SILVA, Manuel Emídio da. *A Botica do Azevedo*. Lisboa: Sociedade Industrial Farmacêutica, 1948, 134 p. [6] f.
- SIMÕES, João Gaspar. *História da Poesia Portuguesa: Das Origens aos Nossos Dias, Acompanhada de Uma Antologia*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1955-1959, pp. 117-125.
- . *Itinerário Histórico da Poesia Portuguesa: De 1189 a 1964*. Lisboa: Arcádia, 1964, 386 [18] p.
- TALEGRE, Mar (pseudónimo de Armando Martins Janeira). *Três Poetas Europeus: Camões, Bocage e Pessoa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1947, pp. 59-78.
- VASCONCELOS, José Leite de. *Poesia Amorosa do Povo Português*. Lisboa: Viúva Bertrand, 1890, pp. 32-35.
- VASCONCELOS, Mário Cesariny de (antologia, fixação do texto, prefácio e notas). *Horta da Literatura de Cordel*. Lisboa, Assírio e Alvim, 1983, 256 [3] p.
- VEGEZZI-RUSCALLA, Giovenale. *Notizie intorno agli Scritti di Manuel Maria Barbosa du Bocage. Lettere del Cav. Giovenale Vegezzi Ruscalla al Marchese Damaso Pareti*. Torino: 1829; Asti: Tip. de Fratelli Paglieri, 1860, 2.<sup>a</sup> ed., 47 p.
- VENTURA, António. *Uma História da Maçonaria em Portugal — 1727-1986*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013, 894 p.
- VILHENA, António Mateus, e MANO, Maria Emília Marques. *Raul Brandão — Teixeira de Pascoaes. Correspondência*. Lisboa, Quetzal Editores, 1994, 480 [1] p.
- ZENHA, Salgado. «Sob o Signo de Bocage», in *O Manual dos Inquisidores*, de Nicolau Emérico. Lisboa: Edições Afrodite, maio de 1972, pp. 289-300.

## C — OUTRA BIBLIOGRAFIA

### 1 — DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIAS

- BELY, Lucien. *Dictionnaire de l'Ancien Régime. Royaume de France XVI — XVIII Siècle*. Paris: Presses Universitaires Françaises, 1996, 1384 p.
- BERNARDES, José Augusto Cardoso, et al. *Biblos; Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa: Verbo, 1995, 5 vols.
- BLACK, Jeremy, e PORTER, Roy. *A Dictionary of Eighteenth-Century History*. London: Penguin Books, 1996, xvii, 880 p.
- BUESCU, Helena Carvalhão. *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Caminho, 1997, 634 p.
- CHOMPRÉ. *Dicionário Abreviado da Fábula — Para Inteligência dos Poetas, dos Painéis e das Estátuas, cujos argumentos são tirados da história poética*. Lisboa: na Tipografia da Real Academia das Ciências, 1818 [8], 217 p.
- COCHFEL, João José (dir.). *Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e de Teoria da Literatura*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1977, vol. II, pp. 1-6.
- COELHO, Jacinto do Prado, et al. *Dicionário de Literatura Portuguesa, Galega e Brasileira*. Porto: Figueirinhas, 1997, 5 vols.
- DELON, Michel. *Dictionnaire Européen des Lumières*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997, 1128 [1] p.

- FREIRE, Francisco José [Cândido Lusitano]. *Dicionário Poético para o Uso dos Que Principiam a Exercitar-se na Poesia Portuguesa*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1794, 2 t.
- FURET, François. *Dicionário Crítico da Revolução Francesa*. Prefácio de José Guilherme Merquior. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1989, LVII, 1117 [2] p.
- GONÇALVES, F. Rebelo. *Vocabulário da Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora, 1966, LII, 1121 [2] p.
- GRENTE, Cardinal Georges. *Dictionnaire des Lettres Françaises. Le XVIIIe Siècle*. Paris: Fayard, 1996, 1371 p.
- GRIMAL, Pierre, e JABOUILLE, Victor (coord. da edição portuguesa). *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Lisboa: Difel, 2009, LII, 554 p.
- HESPANHA, António Manuel. *História de Portugal — O Antigo Regime* (dir. José Mattoso), vol. IV. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, 438 p.
- HOWATSON, M. C. *Dictionnaire de l'Antiquité*. Paris: Robert Laffont, 1993. —. *The Oxford Companion to Classical Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1989, VII, 615 p.
- LAFFONT-BOMPIANI. *Diccionario Literario de Obras y Personajes de Todos los Tiempos y de Todos los Países*. Barcelona: Montaner y Simon, S. A. Robert Laffont, 1986, 12 vols. —. *Dictionnaire des Personnages: de tout le temps et de tous les pays*. Paris: Robert Laffont, 1986, 4 vols.
- LISBOA, Eugénio, e ROCHA, Ilídio (coord.). *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*. Organização do Instituto Português do Livro e Leitura. Lisboa: Publicações Europa-América, 1991, 6 vols.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. *Dicionário da Maçonaria Portuguesa*. Lisboa: Edições Delta, 1986, 2 vols.
- PIA, Pascal (préface). *Dictionnaire des Oeuvres Érotiques. Domaine Français*. Paris: Mercure de France, 1971, 659 p.
- PRIETO, Maria Helena de Teves Costa Ureña, PRIETO, João Maria de Teves Costa Ureña, e PENA, Abel do Nascimento. *Índices de Nomes Próprios Gregos e Latinos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995, xv [3], 418 p.
- PREMINGER, Alex [editor], WARNKE, Frank, e HARDISON JUNIOR, O. B. [associate editors]. *Princeton Encyclopaedia of Poetry and Poetics*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1974, 992 p.

- SANTANA, Francisco, e SUCENA, Eduardo (dir.). «Cafés», in *Dicionário de História de Lisboa*. Lisboa: 1994, VIII, 991 [1] p.
- SERRÃO, Joel. *Dicionário de História de Portugal*, direção de Joel Serrão. Porto: Figueirinhas, 1987, 9 vols.
- SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923, 23 vols.
- VIGUERIE, Jean de. *Histoire et Dictionnaire du Temps des Lumières 1715-1789*. Paris: Robert Laffont, 1995, 1725 p.
- VOLTAIRE. *Dicionário Filosófico*. Introdução, prefácio e notas de Bruno da Ponte e João Lopes Alves. Lisboa: Presença, 1966, 2 vols.

## 2 — OUTRAS OBRAS

- ANASTÁCIO, Vanda. *Obras de Francisco Joaquim Bingre*. Introdução. Porto: Lello Editores, 2000, 6 vols.
- ANSELMO, Artur. «Bocage», in *Verbo — Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa: Editorial Verbo, 1965, vol. 3.
- . «A Fortuna Editorial de Bocage», in *Estudos de História do Livro*. Lisboa: Guimarães Editores, 1997.
- BALBI, Adrien. *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et de l'Algarve*, t. II. Paris: Reyelle Gravier, 1822, 2 vols.
- . *Varietés Politique-Statistiques sur la Monarchie Portugaise*. Paris: Rey et Gravier, Libraires, 1822, 232 p.
- BANDEIRA, Manuel. *Noções de História das Literaturas*. Rio de Janeiro: Edição Fundo da Cultura, 1969, XVIII, 385 p.
- BASTOS, José Timóteo da Silva. *História da Censura Intelectual em Portugal (Ensaio sobre a Compressão do Pensamento Português)*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926, XIII, 400 p.
- BECKFORD, William. *Diário de William Beckford em Portugal e Espanha* (tradução de João Gaspar Simões). Lisboa: Biblioteca Nacional, 233 p.
- BRAGA, Teófilo. *História da Literatura Portuguesa. Os Arcades*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984, 416 p. [11]
- CARDOSO, Francisco Nunes. *Exame Crítico das Regras de Ortografia Portuguesa*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1790, 50 [1] p.

- CARVALHO, Rómulo de. *História do Ensino em Portugal — Desde a Fundação da Nacionalidade até ao Fim do Regime Salazar-Caetano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986, 962 [5] p.
- CASTRO, Aníbal Pinto de. «Alguns Aspectos da Teorização Poética no Neoclassicismo Português», in *Bracara Augusta*, vol. xxviii, fasc. 65-66, pp. 5-17.
- CUNHA, José Anastácio da. *Obra Literária e Obra Literária* (com inéditos do autor). Edição de Maria Luísa Malato e de Cristina Alexandra de Marinho. Porto: Campo das Letras, 2001 e 2006, 2 vols.
- CURTO, Diogo Ramada, e CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de (org.). *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801). Bicentenário. «Sem Livros não Há Instrução»*. Estudos de Diogo Ramada Curto, Maria de Fátima Nunes, João Carlos Brigola, Margarida Ortigão Ramos Paes Leme, Manuela D. Domingos, Miguel F. Faria e Ana Paula Tudela. Lisboa: Biblioteca Nacional/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999, 283 [1] p.
- DARNTON, Robert. *L'Aventure de l'Encyclopédie (1775-1800): un Best-Seller au Temps des Lumières*. Paris: Perrin, 1982, 631 p.
- . *Édition et Sédition: l'Univers de la Littérature Clandestine au XVIIIème Siècle*. Paris: Gallimard, 1991, 278 [4] p.
- DIAS, Graça, e DIAS, José Sebastião da Silva. *Os Primórdios da Maçonaria em Portugal*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980, 2 vols., 4 t.
- Dix-huitième Siècle, revue*. Paris: 1969-2018.
- FEIJÓ, Madureira. *Ortografia ou Arte de Escrever e Pronunciar com Acerto a Língua Portuguesa*. Coimbra: na Oficina de Luís Seco Ferreira, 1739 [7], 547 [3] p.
- GARRETT, Almeida. *Bosquejo da História da Poesia e da Língua Portuguesa. Outros Escritos. Impressões e Viagens*. Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1904, 242 p.
- HERCULANO, Alexandre. *Opúsculos*. Lisboa: Viúva Bertrand, 1876, t. ix, pp. 217-218.
- KANT. *Idée d'une Histoire Universelle/Qu'est-ce les Lumières?* Paris: Nathan, 2001.
- La Lettre Clandestine, revue*. Paris: Garnier, 1992-2018.
- LOBATO, António José dos Reis. *Arte da Gramática da Língua Portuguesa, Composta e Oferecida ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Sebastião*

- José de Carvalho e Melo*. Lisboa: na Régia Oficina Tipográfica, 1772, xxxi, 229 p.
- MACEDO, José Agostinho de. Prefácio a *Os Burros*. Paris: na Oficina de Rignoux, 1827, iv, 136 p.
- . *Motim Literário em Forma de Solilóquios*. Lisboa: na Imprensa Régia, 1811, 4 t.
- MARQUILHAS, Rita. *Norma Gráfica Setecentista. Do Autógrafo ao Impresso*. Lisboa: INIC/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1991, 143 p.
- OLIVEIRA, Eduardo Freire de. *Elementos para a História do Município de Lisboa*. Lisboa: Tipografia Universal, 1885/1911, 17 vols., sendo dois de índices.
- SARAIVA, António José, e LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1989, 1263 p.
- TULARD, J., FAYARD, J.-F., e FIERRO, A. *História da Revolução Francesa*. Lisboa: Livros do Brasil, 1989, 2 vols. (O segundo apresenta um dicionário e uma cronologia.)



# ÍNDICES



# ÍNDICE DE PRIMEIROS VERSOS, TÍTULOS E MOTES <sup>1</sup>

<i>A ÁGUA ESTAGNADA</i>	365
<i>A ANÁLIA</i>	69
<i>A ANARDA</i>	361
<i>A ANDRÉ DA PONTE QUENTAL E CÂMARA</i>	137
<i>À CANTORA IMORTAL, DEUSA DA LIRA</i>	458
<i>A ÁRMIA</i>	287
<i>A ÁRMIA</i>	348
<i>A CATARINA MICAELA DE SOUSA CÉSAR E LENCASTRE</i>	162
<i>À CÉLEBRE ATRIZ E CANTORA VENEZIANA ELISABETTA GAFFORINI</i>	186
<i>A CONCÓRDIA ENTRE AMOR E A FORTUNA</i>	559
<i>A DEUSA, QUE ESMALTA</i>	322
<i>A ESPERANÇA</i>	154
<i>A ESTÂNCIA DO FADO</i>	547
<i>A FILINTO</i>	457
<i>À FORTUNA</i>	193
<i>A FREIRE BENFEITOR, AO CARO AMIGO</i>	91
<i>A GLÓRIA DESTE ANIMAL</i>	220
<i>A GRATIDÃO</i>	150
<i>A GRUTA DO CIÚME</i>	298
<i>À ILUSTRÍSSIMA E EXCELENTÍSSIMA SENHORA CONDESSA DE OYENHAUSEN</i>	458

---

<sup>1</sup> Os primeiros versos estão grafados em regular; os títulos e os motes, em itálico.

<i>À ILUSTRÍSSIMA E EXCELENTÍSSIMA SENHORA D. MARIANA JOAQUINA PEREIRA COUTINHO</i>	49
<i>À IMACULADA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA</i>	309
<i>À IMPROVISA MORTE DO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO PRINCIPAL MASCARENHAS</i>	165
<i>A INÁCIO JOAQUIM DA COSTA QUINTELA</i>	119
<i>A INSTABILIDADE DA FORTUNA</i>	128
<i>A JOAQUIM RODRIGUES CHAVES, EPÍSTOLA IMPROVISADA</i>	46
<i>À LAMENTÁVEL MORTE DO PRÍNCIPE D. JOSÉ</i>	375
<i>A LUÍS DE VASCONCELOS SOUSA VEIGA CAMINHA E FARO</i>	140
<i>A MÁRCIA – IMITAÇÃO DE UNS VERSOS DE MONSIEUR PARNY</i>	440
<i>A MARIA DE GUADALUPE TOPETE ULHOA GOLFIM</i>	145
<i>A MÃE, QUE EM BERÇO DOURADO</i>	238
<i>A MINHA ANTIGA ALEGRIA / BATEU AS ASAS, VOOU</i>	252
<i>A MINHA GRATIDÃO TE DÁ MEUS VERSOS</i>	26
<i>A MINHA IMAGINAÇÃO</i>	228
<i>A MINHA LÍLIA MORREU</i>	203
<i>À MORTE DO SENHOR JOÃO DOS SANTOS BERSANE</i>	394
<i>A MULHER É BEM E MAL</i>	231
<i>A MUSA, QUE NAS CENAS DE ULISSEIA</i>	485
<i>A NATUREZA PREMELA / QUEM AS SUAS LEIS ADORA</i>	241
<i>A NEGRA FÚRIA CIÚME</i>	201
<i>A NOITE</i>	322
<i>A OLINTA</i>	405
<i>À PURÍSSIMA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA</i>	305
<i>A RAZÃO, FULGENTE NUME</i>	271
<i>A RAZÃO MANDA QUE EU PARTA, / AMOR ME QUER DEMORAR; / MINHA SORTE É QUEM DECIDE, / É ME OBRIGA A SEPARAR</i>	271
<i>A RÍSPIDA ESTAÇÃO TUMULTUOSA</i>	511
<i>A ROSA</i>	317
<i>À SANTÍSSIMA VIRGEM A SENHORA DA ENCARNAÇÃO</i>	183
<i>A SÉRIA, IMPARCIAL FILOSOFIA</i>	108
<i>A TI, MONADA E ZERO, A TI BOCAGE</i>	670
<i>A TI (QUE ÀS OUTRAS LEIS DA HUMANIDADE</i>	46
<i>À TRÁGICA MORTE DA RAINHA DE FRANÇA</i>	385
<i>A VIDA DE UM DESGRAÇADO / É PIOR DO QUE MORRER</i>	254
<i>A VIRTUDE LAUREADA</i>	573
<i>ACATAMENTO EM SI E AUDÁCIA UNINDO</i>	183
<i>ACEITO A AMOR OUTRORA, OUTRORA ACEITO</i>	77

<i>ADIVINHAÇÕES</i>	459
<i>AFONSO HENRIQUES OU A CONQUISTA DE LISBOA</i>	614
<i>ALÉM DO FIRMAMENTO, ALÉM DO ESPAÇO</i>	516
<i>ALMAS, VIDAS, PENSAMENTOS</i>	235
<i>ALTA INFLUÊNCIA AMOROSA</i>	250
<i>ALTA VIRTUDE, SENTIMENTO AUGUSTO</i>	479
<i>AMOR A AMAR NOS CONVIDA</i>	223
<i>AMOR DEPENDE DE NÓS</i>	221
<i>AMOR, DOCE FLAMA ACESA</i>	214
<i>AMOR É FONTE</i>	367
<i>AMOR EM BACO SE ACENDE</i>	224
<i>AMOR TEM SUMA GRANDEZA</i>	221
<i>ANTES QUE O DEIXE ANÁLIA, ELMANO A DEIXA</i>	652
<i>ANÁLIA NÃO É PERJURA, ANÁLIA CEDE A SEU FADO</i>	235
<i>ANÁLIA TERNA E CONSTANTE</i>	216
<i>ANDEI POR MAR E POR TERRA</i>	234
<i>AO GRÃO VATE SALÍCIO O VATE ELMANO</i>	65
<i>AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR DESEMBARGADOR VICENTE JOSÉ FERREIRA CARDOSO DA COSTA</i>	77
<i>AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR AIRES DE SALDANHA E ALBUQUERQUE, CONDE DA EGA, ETC., ETC.</i>	95
<i>AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR CONDE DE SÃO LOURENÇO, D. João de NORONHA. ANO DE 1801</i>	79
<i>AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR JOSÉ DE SEABRA DA SILVA</i>	108
<i>AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR JOSÉ DE SEABRA DA SILVA</i>	111
<i>AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR JOSÉ DE SEABRA DA SILVA, MINISTRO E SECRETÁRIO DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DO REINO</i>	105
<i>AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR LUÍS PINTO DE SOUSA COUTINHO, MINISTRO E SECRETÁRIO DE ESTADO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS E DA GUERRA, ETC.</i>	122
<i>AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR MARQUÊS DE ABRANTES, MORDOMO FIDALGO DA MISERICÓRDIA, ETC., ETC., ETC.</i>	34
<i>AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR MARQUÊS DE POMBAL, ETC., ETC., ETC.</i>	28
<i>AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR MARQUÊS DE PONTE DE LIMA, ETC., ETC., ETC.</i>	37
<i>AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR JOSÉ CALDEIRA D'ORDAZ E QUEIRÓS, BARÃO DE CASTELO-NOVO, ETC., ETC.</i>	98
<i>AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR SEBASTIÃO BOTELHO</i>	65

<i>Ao ILUSTRÍSSIMO SENHOR VICENTE JOSÉ FERREIRA CARDOSO DA COSTA, DESEMBARGADOR DA RELAÇÃO DO PORTO</i>	73
<i>Ao MESMO CÉU NÃO É DADO</i>	239
<i>Ao NASCIMENTO DA SERENÍSSIMA SENHORA D. ISABEL</i>	532
<i>Ao PÚBLICO, EM NOME DA ATRIZ CLAUDINA ROSA BOTELHO. RECITADO NO DIA DO SEU BENEFÍCIO</i>	540
<i>Ao PÚBLICO, EM NOME DE LEOCÁDIA MARIA DA SERRA, NO DIA DO SEU BENEFÍCIO</i>	536
<i>Ao PÚBLICO, EM NOME DE UM ATOR DO TEATRO DA RUA DOS CONDES, NO DIA DO SEU BENEFÍCIO. ANO DE 1803</i>	483
<i>Ao PÚBLICO, EM NOME DE UM ATOR NO DIA DO SEU BENEFÍCIO</i>	486
<i>Ao PÚBLICO, EM NOME DE UMA ATRIZ QUE REPRESENTAVA O PAPEL DE ERÍCIA NA TRAGÉDIA «A VESTAL»</i>	489
<i>Ao SENHOR JOAQUIM PEREIRA DE ALMEIDA, NA MORTE DE SEU PAI</i>	389
<i>Ao QUE LUZIU NA FAMA, HONRANDO A PÁTRIA</i>	98
<i>Ao REVERENDÍSSIMO PADRE-MESTRE O SENHOR FREI JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELOSO</i>	94
<i>Ao SENHOR ANTÓNIO BERSANE LEITE</i>	89
<i>Ao SENHOR ANTÓNIO JOSÉ ÁLVARES</i>	93
<i>Ao SENHOR ANTÓNIO JOSÉ ÁLVARES, EPÍSTOLA DEDICATÓRIA</i>	26
<i>Ao SENHOR FRANCISCO DE MENDONÇA ARRAIS E MELO</i>	99
<i>Ao SENHOR GREGÓRIO FREIRE CARNEIRO</i>	91
<i>Ao SENHOR JOAQUIM SEVERINO FERRAZ DE CAMPOS</i>	84
<i>Ao SENHOR JOSÉ BERSANE LEITE</i>	177
<i>Ao SENHOR NUNO ÁLVARES PEREIRA PATO MONIZ</i>	190
<i>Ao SOM CONFUSO DA CELEUMA, OS NAUTAS</i>	150
<i>Aos AMIGOS</i>	125
<i>Aos ANOS DA MESMA AUGUSTÍSSIMA SENHORA [D. MARIA I]</i>	513
<i>Aos ANOS DA SERENÍSSIMA PRINCESA D. MARIA TERESA</i>	516
<i>Aos ANOS FAUSTÍSSIMOS DO SERENÍSSIMO PRÍNCIPE REGENTE DE PORTUGAL D. João</i>	55
<i>Aos FAUSTÍSSIMOS ANOS DA FIDELÍSSIMA RAINHA DE PORTUGAL</i>	511
<i>Aos FAUSTÍSSIMOS ANOS DA SERENÍSSIMA PRINCESA DO BRASIL, VIÚVA</i>	518
<i>Aos FAUSTÍSSIMOS ANOS DO SERENÍSSIMO PRÍNCIPE REGENTE DE PORTUGAL</i>	498
<i>Aos FAUSTÍSSIMOS ANOS DO SERENÍSSIMO PRÍNCIPE REGENTE, NOSSO SENHOR</i>	501
<i>Aos FAUSTÍSSIMOS ANOS DO SERENÍSSIMO PRÍNCIPE REGENTE DE PORTUGAL. ANO DE 1801</i>	504
<i>Aos FAUSTÍSSIMOS ANOS DO SERENÍSSIMO PRÍNCIPE REGENTE DE PORTUGAL. ANO DE 1803</i>	508

<i>AOS FELICÍSSIMOS ANOS DA ILUSTRÍSSIMA E EXCELENTÍSSIMA SENHORA D. ANA FELÍCIA COUTINHO PEREIRA DE SOUSA TAVARES DE HORTA AMADO E CERVEIRA, ETC., ETC.</i>	115
<i>AOS FELICÍSSIMOS ANOS DA SENHORA D. MARIA DO CARMO</i>	350
<i>AOS FELICÍSSIMOS ANOS DO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR JOSÉ DE SEABRA DA SILVA, MINISTRO E SECRETÁRIO DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DO REINO, ETC., ETC., ETC.</i>	41
<i>AOS PRÓSPEROS ANOS DA SERENÍSSIMA PRINCESA DO BRASIL, A SENHORA D. CARLOTA JOAQUINA</i>	521
<i>ARENEU E ARGIRA — METAMORFOSE ORIGINAL</i>	443
<i>ARMÂNIA, DE ALVO ROSTO</i>	342
<i>AS SETAS QUE AMOR DISPARA, SE AS TU NÃO TOCAS, SÃO NADA</i>	242
<i>ASSAZ TEMOS CANTADO, ASSAZ CARPIDO</i>	131
<i>ASSIM COMO A MADRUGADA</i>	357
<i>ASSIM COMO AS FLORES VIVEM</i>	203
<i>BACO ENTRE O CORO</i>	367
<i>BASTA, PENSAMENTO, BASTA, / DEIXA-ME ENFIM DESCANSAR; / UM BEM QUE SER MEU NÃO PODE / É UM TORMENTO LEMBRAR</i>	273
<i>BEM QUE PAREÇO A VERDADE</i>	459
<i>BRANDO LEITO DE VERDURA</i>	334
<i>BRANDA MARAVILHA RARA</i>	242
<i>CÁ DO PÉ DAS GANGÉTICAS RIBEIRAS</i>	9
<i>CAIAM SOBRE MIM OS RAIOS / SE EU DEIXAR DE SER AMANTE</i>	248
<i>CALÇÕES, POLAINAS, SAPATOS</i>	235
<i>CALIPO OU O RIO SADO</i>	649
<i>CÂNDIDA POMBA MIMOSA</i>	361
<i>CANORA MUSA DO CULTO PÍNDARO</i>	165
<i>CANSADO DE DISSABORES</i>	461
<i>CARO, AMÁVEL MENDONÇA, O TEU BOCAGE</i>	99
<i>CARRANCUDO, HORRÍVEL FADO</i>	254
<i>CEGA FORTUNA, EMBORA A TEUS ALTARES</i>	193
<i>COM DURA E BRANDA CADEIA</i>	223
<i>COMO VIVE QUEM NÃO VIVE / COM QUEM DESEJA VIVER</i>	253
<i>CONGRATULAÇÃO AO PRÍNCIPE E À PÁTRIA NA PAZ UNIVERSAL</i>	491
<i>CONSOLADORA DE MEUS NEGROS MALES</i>	162
<i>COSTUME DE CHORAR, TENAZ COSTUME</i>	41

<i>DA TERRA CAÍ NO CHÃO</i>	234
DAS VÍTIMAS D'AMOR CARPISTE OS FADOS	489
DE ELMANO EIS SOBRE O MÁRMORE SAGRADO	423
DE LÍLIA O DOCE AMADOR	222
DE LÍQUIDO ALJÓFAR	329
DE MARÍLIA CANTEMOS	158
DE PORTO MAL SEGURO A TURVO PEGO	181
<i>DE QUANTO É CAPAZ AMOR!</i>	232
DE QUE APROVEITA A RAZÃO	212
DE SERENOS FAVÓNIOS BAFEJADA	128
DE VÁRIA COR SE TINGIU	231
DE VIPÉREA MELENA E TORVOS OLHOS	196
<i>DEFENDER OS PÁTRIOS LARES, / DAR A VIDA PELO REI, / É DOS LUSOS</i> <i>VALOROSOS / CARÁTER, COSTUME E LEI</i>	259
<i>DELIRO ENTRE SUSTO E DOR</i>	212
DENTRE A PRIMEIRA DAS IDADES MORTAS	498
<i>DEPOIS DE TE HAVER CRIADO / A NATUREZA PASMOU</i>	238
DEPOIS QUE A DESGRAÇA TIVE	253
DEPOIS QUE DERRAMASTE EM MEUS DELÍRIOS	69
DESCUIDA-SE JOVE	368
DESDE QUE O MUNDO É COMPOSTO	226
DESGOSTOSA DE UM MUNDO ESPEDAÇADO	658
<i>DESPEDIDA DE ANTÓNIO JOSÉ DE PAULA AOS PORTUENSES NO SEU TEATRO.</i> <i>ANO DE 1802</i>	479
DESVELADO PENSAMENTO	273
DEUSES COMIGO INDIGNADOS	269
DEUS DE AMOR (A AMOR EU DISSE)	345
DEUSES QUE LÁ NESSA ALTURA	220
DO LÁCIO PORTENTOSO E D'ALTA GRÉCIA	111
<i>DO MEU MIRTILO A SAUDADE</i>	224
DO VASTO ABISMO	331
<i>DOBRA O JOELHO A RAZÃO</i>	219
DOCE FILHA DO CÉU, DOCE HARMONIA	496
DOS HOMENS O MAIS TRISTE E O MAIS AMANTE	22
<i>DOS LUSOS A GLÓRIA HERDADA</i>	233
DOS MALIGNOS AMORES	170
É DESATINO, É LOUCURA	267
É TODO O MUNDO UM CÁRCERE EM QUE A MORTE	389

EIS FLÁVIO, OS ARRAIAIS DOS LUSITANOS	637
EIS MEU ROSTO MACILENTO	275
<i>ELEGIA QUE O MAIS INGÊNULO E VERDADEIRO SENTIMENTO CONSAGRA À DEPLORÁVEL MORTE DO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR D. JOSÉ TOMÁS DE MENESES</i>	382
<i>ELMANO A GERTRÚRIA</i>	9
<i>ELMANO A JOSINO</i>	16
<i>ELMANO A URSELINA</i>	22
<i>ELMANO FOI MAIS QUE UM DEUS / HOJE É MÍSERO MORTAL</i>	244
<i>ELMANO POR TI AMADO / NÃO TEME O RIGOR DA SORTE</i>	236
<i>ELOGIO AO PÚBLICO, EM NOME DE UMA ATRIZ DO TEATRO DA RUA DOS CONDES</i>	485
<i>ELOGIO OFERECIDO AO JUIZ E MAIS FESTEIROS DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA DA CARNOTA</i>	496
<i>ELOGIO POÉTICO À ADMIRÁVEL INTREPIDEZ COM QUE, EM DOMINGO, 24 DE AGOSTO DE 1794, SUBIU O CAPITÃO LUNARDI NO BALÃO AEROSTÁTICO</i>	473
<i>EM AMOR NÃO HÁ LIMITE / TODOS FOGEM À RAZÃO</i>	252
<i>EM AMOR NÃO SOFRE IGUAIS / PAULINO, EXEMPLO DE AMOR</i>	246
<i>EM TORNO DE ÁUREA COLMEIA</i>	335
<i>ENQUANTO OS GADOS</i>	336
<i>ENQUANTO MÃOS SERVIS O ALTAR INCENSAM</i>	145
<i>EPICÉDIO NA SENTIDA MORTE DO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR D. PEDRO JOSÉ DE NORONHA, MARQUÊS DE ANGEJA, CAMARISTA DE SUA ALTEZA REAL, ETC., ETC.</i>	412
<i>EPÍSTOLA DA MARQUESA DE ALORNA A ELMANO</i>	658
<i>ÉS GLÓRIA DA NATUREZA</i>	218
<i>ESSE ESTRANGEIRO AUDAZ QUE, DESFERINDO</i>	603
<i>ESTE, COM QUEM SE UFANA A PEDRA ERGUIDA</i>	423
<i>ESTES, MARÍLIA, ESTES SÃO</i>	240
<i>ESTRO DE OvíDIO, SEGUIREI TEUS VOOS</i>	443
<i>EU, QUE ELEVO OS MORTAIS E OS ESCLAREÇO</i>	573
<i>EU, QUE SINTO O PEITO ARDER</i>	261
<i>EU QUERO BEM À DESGRAÇA, / QUE SEMPRE ME ACOMPANHOU; / TENHO AVERSÃO À VENTURA, / QUE NO MELHOR ME FALTOU</i>	269
<i>EU VI NOS BRAÇOS DA AURORA / O SOL TREMENDO COM FRIO</i>	254
<i>EU VOS SAÚDO, Ó TÚMULOS ANOSOS</i>	375
<i>EULÁLIA OU A VINGANÇA DE AMOR</i>	640
<i>EURO, BATENDO AS ASAS PROCELOSAS</i>	177
<i>EXTREMOS, FRENESIS, QUEIXUMES, PRANTOS</i>	593

<i>FALA PARA UMA ATRIZ</i>	601
FAMOSOS, DESTEMIDOS COMPANHEIROS	614
FANTASMAS DO TERROR, SÓCIOS FUNESTOS	105
FERNANDO AVILTA O BRASÃO	259
FICA CEGO E DELIRANTE	242
FILHA DE JOVE, TUTELAR DEIDADE	527
<i>FÍLIS E AMOR</i>	319
<i>FLAGELAM-ME AGROS CIÚMES / TIRANOS ZELOS ME MATAM</i>	247
FOI LIDA, FOI RELIDA, E GRATA E DOCE	93
FORMOSA MARÍLIA	330
<i>FRAGMENTO DE UM PRÓLOGO</i>	598
<i>FRAGMENTO DE UM PRÓLOGO PARA SE RECITAR NO TEATRO (ANO DE 1805)</i>	597
FUI ONDE O SÁBIO FATINO	257
GRAÇAS AOS CÉUS, JÁ NÃO SINTO	263
GRÃO PRÍNCIPE, À VIRTUDE, À GLÓRIA DADO	55
HÁ UM CERRADO BOSQUE	298
HOJE SURGE ANTE VÓS, CONGRESSO ILUSTRE	597
HONRA, PÁTRIA, VIRTUDE! Ó LEIS! Ó TRONO	501
HÓRRIDAS SOMBRAS, HÓRRIDOS VAPORES	382
IMPÁVIDO OUTRA VEZ, QUINTELA EGRÉGIO	119
<i>IMPROVISO À MORTE DE SÓCRATES</i>	213
<i>INÁLIA MELHOR QUE A ROSA</i>	357
INCULTO HABITADOR DAS AGRAS SERRAS	122
<i>INSTANTES AFORTUNADOS</i>	205
<i>INSTANTES AFORTUNADOS</i>	207
JÁ DE ILUSÕES NÃO VIVO	287
JÁ MEU ESTRO, MONIZ, APENAS SOLTA	190
JAZEM DESFEITOS MEUS PENOSOS FERROS	125
<i>JÔNIO, AÓNIO E ELMANO / SÃO DE AMOR ADORADORES</i>	237
JOSINO, MEU JOSINO, A CUJO LADO	16
JOVE, O SOBERANO JOVE	218
JULGUEI DESUMANA E DURA	235
<i>LÁ NA MINHA SEPULTURA, / ONDE SEPULTADO EU FOR, / UMA LETRA A</i> <i>CADA CANTO: / UM A, M, O, R, AMOR</i>	275

LENDO OS TEUS VERSOS, NUMEROSO ELMANO	657
<i>LÍLIA GEME, LÍLIA CHORA</i>	222
LÍLIA, SABE EM TEORIA	232
LINDA ROSA SOBRE A MARGEM	359
MARAVILHAS E ESTRANHEZAS	244
<i>MEIGOS SORRISOS DE AMOR</i>	228
MILHARES DE MARAVILHAS	206
<i>MIMOS, CARINHOS, FINEZAS / REUNIU EM TI AMOR</i>	244
MINHA SORTE FOI BRILHANTE	230
MORRE A LUZ, ABAFA OS ARES	201
<i>MORTAL QUE TEUS MIMOS GOZA / DISPUTA CO'A DIVINDADE</i>	250
<i>MOTE DE BOCAGE GLOSADO PELA MARQUESA DE ALORNA</i>	661
MUSA DE ALTAS PAIXÕES NÃO VEM NA CENA	486
MUSA DE ELMANO, QUE GIRASTE, AFLITA	140
MUSA, NÃO GEMAS, ERGUE, Ó DESGRAÇADA	154
MUSAS, MUSAS DO TEJO, ALÇAI AO POLO	513
MUSAS, MUSAS DO TEJO, ALÇAI AO POLO	532
<i>NA MORTE DE MINHA SOBRINHA, EM 28 DE MARÇO DE 1805</i>	462
<i>NA MORTE DO ILUSTRÍSSIMO ANSELMO JOSÉ DA CRUZ SOBRAL</i>	396
NA VASTA PERSPETIVA ENCANTADORA	601
NÃO CHORES, CORAÇÃO MEU	224
NÃO É DA MASSA TERRENA	245
NÃO É FALTA DE FAVOR	249
NÃO LONGE DO TERRENO ONDE ERITREIA	649
NAS VEIAS O SANGUE ESFRIA	252
NASCI NO TEMPO FERRENHO	233
NO TEMPLO DO NUME ALADO	265
NO TRISTE IMPÉRIO DA MORTE	216
NUM DENSO BOSQUE	319
NUM JARDIM ONDE FILENO	365
NUM DO PRANTO, NUME DA TRISTEZA	396
NUME QUE TENS DO MUNDO O REGIMENTO	463
<i>O ADEUS, ODE DEDICADA AOS BRILHANTES MÉRITOS DA EXCELENTÍSSIMA</i> <i>SENHORA D. MARIA SALDANHA NORONHA E MENESES</i>	158
<i>O ATOR AGRADECIDO À BENEFICÊNCIA PÚBLICA</i>	527
<i>O DESENGANO</i>	131

O FADO, O FADO TIRANO	237
O HERÓI LUSITANO OU VIRIATO	637
Ó LUSTRES DO SALÃO RADIOSO, IMENSO	508
O NOVO SÉCULO	554
O PAINEL DA NATUREZA	230
O SÁBIO NÃO VAI TODO À SEPULTURA	394
Ó SÉCULOS FORMOSOS	559
O TEMPO QUE AMOR PERDEU, / FINEZAS MAL MERECIDAS, / PROMESSAS NUNCA CUMPRIDAS, / NADA DISSO CHORO EU	263
O TIRANO DE ROMA EMPUNHA O RAIOS	137
Ó TU, PROLE RECENTE, ÚLTIMA PROLE	554
Ó TU, QUE JÁ SEVERO, E JÁ BENIGNO	547
O VATE CÓRIDON, TÃO CARO A FEBO	73
Ó VÓS, EMANAÇÕES DA DIVINDADE	434
O ZÉFIRO E A ROSA	359
OCULTE-SE, DOCE ARMIA	348
ODE ALEGÓRICA	181
ODE DA MARQUESA DE ALORNA	660
OITAVA IMPROVISADA	462
OLINTA JAZ NA TERRA	405
Os AMORES	170
Os AMORES HÁ MUITO, HÁ MUITO AS GRAÇAS	89
Os CAMPOS DA VIRTUDE ESTÃO DESERTOS	540
Os DUROS GRILHÕES DE AMOR	233
Os ERROS DA EDUCAÇÃO / EXTRAEM DE AMOR DELITOS	240
Os MEUS EXTREMOS SÃO TAIS	246
Os TEUS PRISIONEIRO	328
OUVIU DO REI DOS REIS A VOZ SAGRADA	462
PARA AMOR TODOS SÃO CRENTES, / ATEUS NÃO HÁ PARA AMOR	661
PEÇO AOS CÉUS ALTO FAVOR	248
PERGUNTEI A AMOR E À SORTE / SE TEM REMÉDIO O MEU MAL; / RESPONDEU-ME EM TOM SEVERO / QUE O NÃO TEM, PORQUE É MORTAL	261
PESAVAM SOBRE A TERRA OS FÉRREOS TEMPOS	491
PESAVAM SOBRE A TERRA OS FÉRREOS TEMPOS	598
PIEDOSA, EXCELSA HEROÍNA	49
POEMA DE HOMENAGEM DE FILINTO ELÍSIO A BOCAGE	657
PONDO A MÃO NAS SACRAS ARAS / TU JURASTE, E EU JUREI; / CUIDA TU EM SER CONSTANTE, / QUE EU À FÉ NÃO FALTAREI	265

<i>POR QUE RAZÃO NÃO FIZESTES / JUSTOS CÉUS, POR QUE RAZÃO / MENOS ÁSPERA A VIRTUDE / OU MAIS FORTE O CORAÇÃO</i>	277
<i>POR UMA ESTRADA SÓ NÃO SE ENCAMINHA</i>	536
<i>POUPANDO VOTOS</i>	332
<i>PRANTEIA, Ó LIRA TRISTE, AMADAS CINZAS</i>	412
<i>PREFÁCIO A «POESIAS, DEDICADAS À ILUSTRÍSSIMA E EXCELENTÍSSIMA SENHORA CONDESSA DE OYENHAUSEN»</i>	467
<i>PREFÁCIO A «RIMAS DE MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE», T. I [1800]</i>	465
<i>PREFÁCIO A «RIMAS DE MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE DEDICADAS À AMIZADE», T. II</i>	466
<i>PREFÁCIO A EPICÉDIO NA SENTIDA MORTE DO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR D. PEDRO JOSÉ DE NORONHA, MARQUÊS DE ANGEJA, CAMARISTA DE SUA ALTEZA REAL, ETC., ETC.</i>	468
<i>PROFANA LIRA, A MOLES SONS AFEITA</i>	305
<i>PRÓLOGO DE «RIMAS DE MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE, CORRETAS E AUMENTADAS», T. I [1794]</i>	464
<i>PRÓLOGO OU ARGUMENTO DA COMÉDIA INTITULADA «O EXTREMOSO»</i>	593
<i>PRÓLOGO PARA «O DRAMA DE NUNO ÁLVARES PEREIRA», REPRESENTADO NO TEATRO DA RUA DOS CONDES EM 1801</i>	595
<i>QUAL DENTRE AS ROTAS, NÁUFRAGAS CAVERNAS</i>	94
<i>QUANDO ENTRE OS CARINHOS TEUS</i>	244
<i>QUANDO OS POVOS DA DALMÁCIA</i>	461
<i>QUANTO O FANATISMO ODEIA</i>	241
<i>QUE ALEGRE, DESDOBRANDO O VÉU DE ROSAS</i>	504
<i>QUE BRILHANTE ESPETÁCULO POMPOSO</i>	473
<i>QUE EU FOSSE ENFIM DESGRAÇADO / ESCREVEU DO FADO A MÃO; / LEI DO FADO NÃO SE MUDA: / TRISTE DO MEU CORAÇÃO!</i>	255
<i>QUEIXUMES DE AMOR E DA AMIZADE</i>	434
<i>QUEM MEUS EXTREMOS CONDENA / NÃO OFENDE O MEU AMOR</i>	245
<i>QUEM PODE DEIXAR DE AMAR?</i>	214
<i>QUEM VÊ DE ANÁLIA O SEMBLANTE / JULGA VER A MÃE DE AMOR</i>	242
<i>QUERES, MARÍLIA, QUE EVITE</i>	252
<i>RASGA O SEIO DA TERRA E DESCE, Ó MUSA</i>	309
<i>REQUINTADO ARTIFÍCIO ALÉM DA META</i>	483
<i>RESPOSTA AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR SEBASTIÃO BOTELHO, DA CASA DOS EXCELENTÍSSIMOS CONDES DE SÃO MIGUEL</i>	58

<i>RETRATO</i>	339
<i>RETRATOS</i>	336
ROXEAVA NO HORIZONTE	350
SÁBIO VARÃO, QUE NA RUGOSA IDADE	79
SACRO DELÍRIO, CRIADORA INSÂNIA	518
SACRIFIQUEI À BELEZA	207
SAGRADAS LEIS NÃO PRETENDO	277
SALVE, DIVINO LICOR	224
SÃO TODOS OS MEUS INSTANTES	212
<i>SÁTIRA A MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE, POR JOSÉ AGOSTINHO</i>	
<i>DE MACEDO</i>	663
<i>SÁTIRA SEGUNDA A BOCAGE, POR JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO</i>	670
SE A LUZ, CLARO SALDANHA, A LUZ SAGRADA	95
<i>SE AMOR VIVE ALÉM DA MORTE, / CONSTÂNCIA ETERNA HEI DE TER; / SE</i>	
<i>AMOR DURA SÓ NA VIDA, / HEI DE AMAR-TE ATÉ MORRER</i>	257
SE AOS MÍSEROS, SENHOR, NÃO É VEDADO	37
SE EM VERSO CANTAVA DANTES	427
SE LÚGUBRE EXISTÊNCIA AMARGURADA	58
SE OS DEUSES ME CONFERISSEM	333
SÉCULO HORRENDO AOS SÉCULOS VINDOUROS	385
SÉCULOS DE OURO, LUMINOSA IDADE	115
<i>SE ELMANO GEME DE AMOR / A SORTE DE ANÁLIA O MANDA</i>	249
SE FOI DOS HOMENS CANTADO	236
SE ISTO VAI DE FOZ EM FORA	254
SÉCULOS DE OURO, LUMINOSA IDADE	115
SEMPRE, Ó BOCAGE, AS SÁTIRAS SERVIRAM	663
SEUS CORAÇÕES EM FLOR SE EMBELEZAVAM	652
SÓ CONHEÇO DE TI GRANDEZA E NOME	28
<i>SÓ O NOME DE MARIA / INCONSTÂNCIA QUER DIZER; / A MULHER QUE</i>	
<i>ASSIM SE CHAMA / INGRATA SEMPRE HÁ DE SER</i>	267
SÓCRATES, REI DA RAZÃO	213
SOU DOS QUE NÃO QUEREM VIDA	205
<i>TERÁ FIM, MAS NÃO SEI QUANDO</i>	213
<i>TERNO AMOR, DOCE AMIZADE</i>	226
TEU LÚGUBRE SILÊNCIO RESPEITANDO	640
TEUS VERSOS LI, RELI, CANORO ALCINO	84

<i>TEXTO DE NUNO ÁLVARES DE PATO MONIZ SOBRE AS TRAGÉDIAS COMPOSTAS</i>	
<i>POR BOCAGE</i>	662
TIRANO AMOR, QUANDO MENTES	661
TODO SOU DOR, SOU QUEIXUMES	247
<i>TRABALHOS DA VIDA HUMANA</i>	427
TRÊS VEZES SOBRE MEUS LARES	255
TROCANDO AMARGAS HORAS	462
TU, DE ANTIGOS HERÓIS PROGÉNIE EXCELSA	34
TU, DE MEUS AMOROSOS PENSAMENTOS	440
TU, FLOR DE VÊNUS	317
TU, PATENTE À RAZÃO, VELADO AOS OLHOS	521
TU, QUE ME FARTAS DO LICOR SAGRADO	660
<i>UM CORAÇÃO COMO O MEU</i>	206
UM DEUS É SUPREMO AUTOR	219
<i>UM SÓ MOMENTO DE AMOR / FAZ FELIZ UM DESGRAÇADO</i>	248
VARÃO DIGNO DE LÍSIA, OU ROMA, OU GRÉCIA	595
<i>VASCO DA GAMA OU O DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA PELOS PORTUGUESES</i>	603
VEJO-TE A FACE MIMOSA	233
VELOZ BORBOLETA	328
VENHAM ÂNSIAS E DESMAIOS	248
VIVE NA MARGEM	339
VÓS, QUE O CAMPO SULCAIS DAS NÍVEAS URSAS	186
ZÉFIROS, QUE BRINCAIS CO'AS TRANÇAS BELAS	283
ZOILOS, ESTREMECEI, RUGI, MORDEI-VOS	457



## ÍNDICE DE GÉNEROS POÉTICOS

### EPÍSTOLAS

A FREIRE BENFEITOR, AO CARO AMIGO	91
A MINHA GRATIDÃO TE DÁ MEUS VERSOS	26
A TI (QUE ÀS OUTRAS LEIS DA HUMANIDADE)	46
ACEITO A AMOR OUTRORA, OUTRORA ACEITO	77
AO GRÃO VATE SALÍCIO O VATE ELMANO	65
AO QUE LUZIU NA FAMA, HONRANDO A PÁTRIA	98
CÁ DO PÉ DAS GANGÉTICAS RIBEIRAS	9
CARO, AMÁVEL MENDONÇA, O TEU BOCAGE	99
COSTUME DE CHORAR, TENAZ COSTUME	41
DOS HOMENS O MAIS TRISTE E O MAIS AMANTE	22
FOI LIDA, FOI RELIDA, E GRATA E DOCE	93
GRÃO PRÍNCIPE, À VIRTUDE, À GLÓRIA DADO	55
JOSINO, MEU JOSINO, A CUJO LADO	16
O VATE CÓRIDON, TÃO CARO A FEBO	73
OS AMORES HÁ MUITO, HÁ MUITO AS GRAÇAS	89
PIEDOSA, EXCELSA HEROÍNA	49
QUAL DENTRE AS ROTAS, NÁUFRAGAS CAVERNAS	94
SÁBIO VARÃO, QUE NA RUGOSA IDADE	79
SE A LUZ, CLARO SALDANHA, A LUZ SAGRADA	95
SE AOS MÍSEROS, SENHOR, NÃO É VEDADO	37
SE LÚGUBRE EXISTÊNCIA AMARGURADA	58

SÓ CONHEÇO DE TI GRANDEZA E NOME	28
TEUS VERSOS LI, RELI, CANORO ALCINO	84
TU, DE ANTIGOS HERÓIS PROGÉNIE EXCELSA	34

## ODES

A SÉRIA, IMPARCIAL FILOSOFIA	108
ACATAMENTO EM SI E AUDÁCIA UNINDO	183
AO SOM CONFUSO DA CELEUMA, OS NAUTAS	150
ASSAZ TEMOS CANTADO, ASSAZ CARPIDO	131
CANORA MUSA DO CULTO PÍNDARO	165
CEGA FORTUNA, EMBORA A TEUS ALTARES	193
CONSOLADORA DE MEUS NEGROS MALES	162
DE MARÍLIA CANTEMOS	158
DE PORTO MAL SEGURO A TURVO PEGO	181
DE SERENOS FAVÓNIOS BAFEJADA	128
DE VIPÉREA MELENA E TORVOS OLHOS	196
DO LÁCIO PORTENTOSO E D'ALTA GRÉCIA	111
DOS MALIGNOS AMORES	170
ENQUANTO MÃOS SERVIS O ALTAR INCENSAM	145
EURO, BATENDO AS ASAS PROCELOSAS	177
FANTASMAS DO TERROR, SÓCIOS FUNESTOS	105
IMPÁVIDO OUTRA VEZ, QUINTELA EGRÉGIO	119
INCULTO HABITADOR DAS AGRAS SERRAS	122
JÁ MEU ESTRO, MONIZ, APENAS SOLTA	190
JAZEM DESFEITOS MEUS PENOSOS FERROS	125
MUSA DE ÉLMANO, QUE GIRASTE, AFLITA	140
MUSA, NÃO GEMAS, ERGUE, Ó DESGRAÇADA	154
SÉCULOS DE OURO, LUMINOSA IDADE	115
O TIRANO DE ROMA EMPUNHA O RAIOS	137
VÓS, QUE O CAMPO SULCAIS DAS NÍVEAS URSAS	186

## POESIA SOBRE MOTE

A GLÓRIA DESTE ANIMAL	220
A MINHA ANTIGA ALEGRIA	252

A MINHA LÍLIA MORREU	203
A MULHER É BEM E MAL	231
A NATUREZA PREMEIA	241
A NEGRA FÚRIA CIÚME	201
<i>A RAZÃO MANDA QUE EU PARTA</i>	271
A VIDA DE UM DESGRAÇADO	254
ALMAS, VIDAS, PENSAMENTOS	235
AMOR A AMAR NOS CONVIDA	223
AMOR DEPENDE DE NÓS	221
AMOR EM BACO SE ACENDE	224
ANÁLIA NÃO É PERJURA, ANÁLIA CEDE A SEU FADO	235
ANÁLIA TERNA E CONSTANTE	216
AS SETAS QUE AMOR DISPARA, SE AS TU NÃO TOCAS, SÃO NADA	242
<i>BASTA, PENSAMENTO, BASTA</i>	273
CAIAM SOBRE MIM OS RAIOS	248
COMO VIVE QUEM NÃO VIVE	253
DA TERRA CAÍ NO CHÃO	234
DE QUANTO É CAPAZ AMOR!	232
<i>DEFENDER OS PÁTRIOS LARES</i>	259
DELIRO ENTRE SUSTO E DOR	212
DEPOIS DE TE HAVER CRIADO	238
DO MEU MIRTILO A SAUDADE	224
DOBRA O JOELHO A RAZÃO	219
DOS LUSOS A GLÓRIA HERDADA	233
ELMANO FOI MAIS QUE UM DEUS	244
ELMANO POR TI AMADO	236
EM AMOR NÃO HÁ LIMITE	252
EM AMOR NÃO SOFRE IGUAIS	246
ÉS GLÓRIA DA NATUREZA	218
<i>EU QUERO BEM À DESGRAÇA</i>	269
EU VI NOS BRAÇOS DA AURORA	254
FLAGELAM-ME AGROS CIÚMES	247
INSTANTES AFORTUNADOS	205
INSTANTES AFORTUNADOS	207
JÓNIO, AÓNIO E ELMANO	237
<i>LÁ NA MINHA SEPULTURA</i>	275
LÍLIA GEME, LÍLIA CHORA	222
MEIGOS SORRISOS DE AMOR	228
MIMOS, CARINHOS, FINEZAS	244

MORTAL QUE TEUS MIMOS GOZA	250
O PAINEL DA NATUREZA	230
<i>O TEMPO QUE AMOR PERDEU</i>	263
OS DUROS GRILHÕES DE AMOR	233
OS ERROS DA EDUCAÇÃO	240
<i>PERGUNTEI A AMOR E À SORTE</i>	261
<i>PONDO A MÃO NAS SACRAS ARAS</i>	265
<i>POR QUE RAZÃO NÃO FIZESTES</i>	277
<i>QUE EU FOSSE ENFIM DESGRAÇADO</i>	255
QUEM MEUS EXTREMOS CONDENA	245
QUEM PODE DEIXAR DE AMAR?	214
QUEM VÊ DE ANÁLIA O SEMBLANTE	242
<i>SE AMOR VIVE ALÉM DA MORTE</i>	257
SE ELMANO GEME DE AMOR	249
<i>SÓ O NOME DE MARIA</i>	267
TERÁ FIM, MAS NÃO SEI QUANDO	213
TERNO AMOR, DOCE AMIZADE	226
UM CORAÇÃO COMO O MEU	206
UM SÓ MOMENTO DE AMOR	248

#### MADRIGAL

ZÉFIROS, QUE BRINCAIS CO'AS TRANÇAS BELAS	283
---	-----

#### ENDECHAS

HÁ UM CERRADO BOSQUE	298
JÁ DE ILUSÕES NÃO VIVO	287

#### CANTOS

PROFANA LIRA, A MOLES SONS AFEITA	305
RASGA O SEIO DA TERRA E DESCE, Ó MUSA	309

POESIA ANACREÔNTICA E AFIM

A DEUSA, QUE ESMALTA	322
AMOR É FONTE	367
ARMÂNIA, DE ALVO ROSTO	342
ASSIM COMO A MADRUGADA	357
BACO ENTRE O CORO	367
BRANDO LEITO DE VERDURA	334
CÂNDIDA POMBA MIMOSA	361
DE LÍQUIDO ALJÔFAR	329
DESCUIDA-SE JOVE	368
DEUS DE AMOR (A AMOR EU DISSE)	345
DO VASTO ABISMO	331
EM TORNO DE ÁUREA COLMEIA	335
ENQUANTO OS GADOS	336
FORMOSA MARÍLIA	330
LINDA ROSA SOBRE A MARGEM	359
NUM DENSO BOSQUE	319
NUM JARDIM ONDE FILENO	365
OCULTE-SE, DOCE ARMIA	348
OS TEUS PRISIONEIROS	328
POUPANDO VOTOS	332
ROXEAVA NO HORIZONTE	350
SE OS DEUSES ME CONFERISSEM	333
TU, FLOR DE VÊNUS	317
VELOZ BORBOLETA	328
VIVE NA MARGEM	339

ELEGIAS

É TODO O MUNDO UM CÁRCERE EM QUE A MORTE	389
HÓRRIDAS SOMBRAS, HÓRRIDOS VAPORES	382
LEVOU A CRUEL MORTE, SEM TER PEJO	375
NUME DO PRANTO, NUME DA TRISTEZA	396
O SÁBIO NÃO VAI TODO À SEPULTURA	394
SÉCULO HORRENDO AOS SÉCULOS VINDOUROS	385

## EPICÉDIOS

OLINTA JAZ NA TERRA	405
PRANTEIA, Ó LIRA TRISTE, AMADAS CINZAS	412

## EPITÁFIOS

DE ELMANO EIS SOBRE O MÁRMORE SAGRADO	423
ESTE, COM QUEM SE UFANA A PEDRA ERGUIDA	423

## VÁRIA: POESIAS E OUTROS TEXTOS

À CANTORA IMORTAL, DEUSA DA LIRA	458
BEM QUE PAREÇO A VERDADE	459
CANSADO DE DISSABORES	461
ESTRO DE OvíDIO, SEGUIREI TEUS VOOS	443
ÑUME QUE TENS DO MUNDO O REGIMENTO	463
Ó VÓS, EMANAÇÕES DA DIVINDADE	434
OUVIU DO REI DOS REIS A VOZ SAGRADA	462
PREFÁCIO A <i>RIMAS</i> , TOMO I	465
PREFÁCIO A <i>RIMAS</i> , TOMO II	466
PREFÁCIO A <i>POESIAS DEDICADAS À ILUSTRÍSSIMA E EXCELENTÍSSIMA SENHORA</i> <i>CONDESSA DE OYENHAUSEN</i>	467
PREFÁCIO AO EPICÉDIO <i>NA SENTIDA MORTE...</i>	468
PRÓLOGO DE <i>RIMAS</i> , TOMO I	464
QUANDO OS POVOS DA DALMÁCIA	461
SE EM VERSO CANTAVA DANTES	427
SOBRE A MARGEM FELIZ DO RIO OVANTE	457
TROCANDO AMARGAS HORAS	462
TU, DE MEUS AMOROSOS PENSAMENTOS	440

## ELOGIOS

A MUSA, QUE NAS CENAS DE ULISSEIA	485
A RÍSPIDA ESTAÇÃO TUMULTUOSA	511

ALÉM DO FIRMAMENTO, ALÉM DO ESPAÇO	516
ALTA VIRTUDE, SENTIMENTO AUGUSTO	479
DAS VÍTIMAS D'AMOR CARPISTE OS FADOS	489
DENTRE A PRIMEIRA DAS IDADES MORTAS	498
DOCE FILHA DO CÉU, DOCE HARMONIA	496
HONRA, PÁTRIA, VIRTUDE! Ó LEIS! Ó TRONO!	501
MUSA DE ALTAS PAIXÕES NÃO VEM NA CENA	486
MUSAS, MUSAS DO TEJO, ALÇAI AO POLO	513
Ó LUSTRES DO SALÃO RADIOSO, IMENSO	508
PESAVAM SOBRE A TERRA OS FÉRREOS TEMPOS	491
QUE ALEGRE, DESDOBRANDO O VÉU DE ROSAS	504
QUE BRILHANTE ESPETÁCULO POMPOSO	473
REQUINTADO ARTIFÍCIO ALÉM DA META	483
SACRO DELÍRIO, CRIADORA INSÂNIA	518
TU, PATENTE À RAZÃO, VELADO AOS OLHOS	521

#### ELOGIOS DRAMÁTICOS

FILHA DE JOVE, TUTELAR DEIDADE	527
MUSAS, MUSAS DO TEJO, ALÇAI AO POLO	532
OS CAMPOS DA VIRTUDE ESTÃO DESERTOS	540
POR UMA ESTRADA SÓ NÃO SE ENCAMINHA	536

#### DRAMAS ALEGÓRICOS

EU, QUE ELEVO OS MORTAIS E OS ESCLAREÇO	573
Ó TU, PROLE RECENTE, ÚLTIMA PROLE	554
Ó TU, QUE JÁ SEVERO, E JÁ BENIGNO	547
Ó SÉCULOS FORMOSOS	559

#### FRAGMENTOS DRAMÁTICOS

EIS, FLÁVIO, OS ARRAIAIS DOS LUSITANOS	637
ESSE ESTRANGEIRO AUDAZ QUE, DESFERINDO	603

EXTREMOS, FRENESIS, QUEIXUMES, PRANTOS	593
FAMOSOS, DESTEMIDOS COMPANHEIROS	614
HOJE SURGE ANTE VÓS, CONGRESSO ILUSTRE	597
NA VASTA PERSPETIVA ENCANTADORA	601
PESAVAM SOBRE A TERRA OS FÉRREOS TEMPOS	598
TEU LÚGUBRE SILÊNCIO RESPEITANDO	640
VARÃO DIGNO DE LÍSIA, OU ROMA, OU GRÉCIA	595

#### FRAGMENTOS

NÃO LONGE DO TERRENO ONDE ERITREIA	649
------------------------------------	-----

#### MARGINÁLIA

A TI, MONADA E ZERO, A TI BOCAGE	670
DESGOSTOSA DE UM MUNDO ESPEDAÇADO	658
LENDO OS TEUS VERSOS, NUMEROSO ÉLMANO	657
SEMPRE, Ó BOCAGE, AS SÁTIRAS SERVIRAM	663
TEXTO DE NUNO ÁLVARES DE PATO MONIZ SOBRE AS TRAGÉDIAS COMPOSTAS POR BOCAGE	662
TIRANO AMOR, QUANDO MENTES	661
TU, QUE ME FARTAS DO LICOR SAGRADO	660

# ÍNDICE GERAL

EPÍSTOLAS .....	7
ODES .....	103
POESIA SOBRE MOTE .....	199
MADRIGAL .....	281
ENDECHAS .....	285
CANTOS .....	303
POESIA ANACREÔNTICA E AFIM. ....	315
ELEGIAS .....	373
EPICÉDIOS .....	403
EPITÁFIOS .....	421
VÁRIA: POESIAS E OUTROS TEXTOS .....	425
ELOGIOS .....	471
ELOGIOS DRAMÁTICOS .....	525
DRAMAS ALEGÓRICOS .....	545
FRAGMENTOS DRAMÁTICOS .....	591
FRAGMENTOS .....	647
MARGINÁLIA .....	655
FONTES MANUSCRITAS .....	683
BIBLIOGRAFIAS .....	691

ÍNDICES:

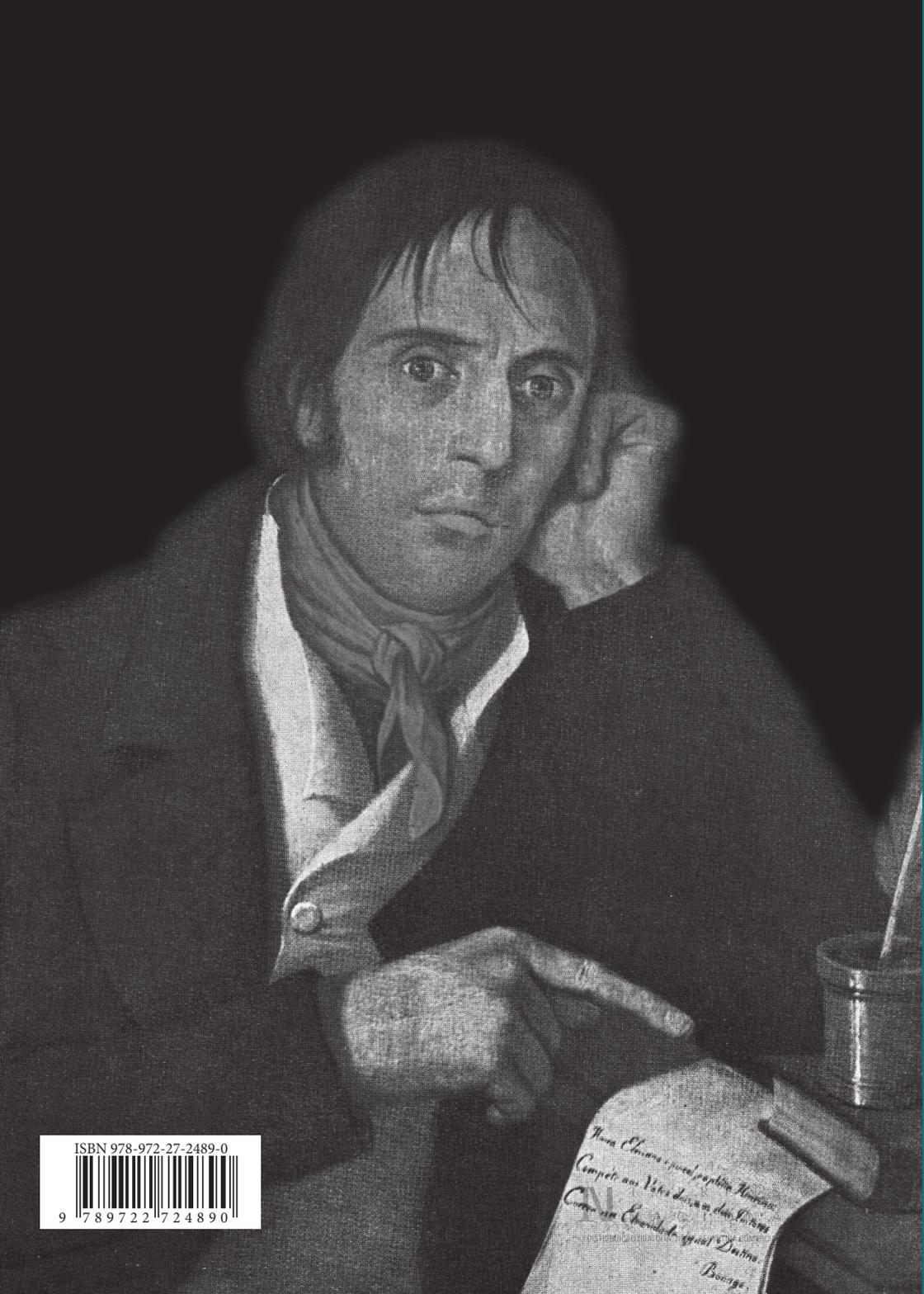
ÍNDICE DE PRIMEIROS VERSOS, TÍTULOS E MOTES.....	709
ÍNDICE DE GÊNEROS POÉTICOS .....	723











ISBN 978-972-27-2489-0



9 789722 724890